

OBRAS COMPLETAS

UNIVERSITY OF ARIZONA



39001036341769

GWALD DE ANDRADE

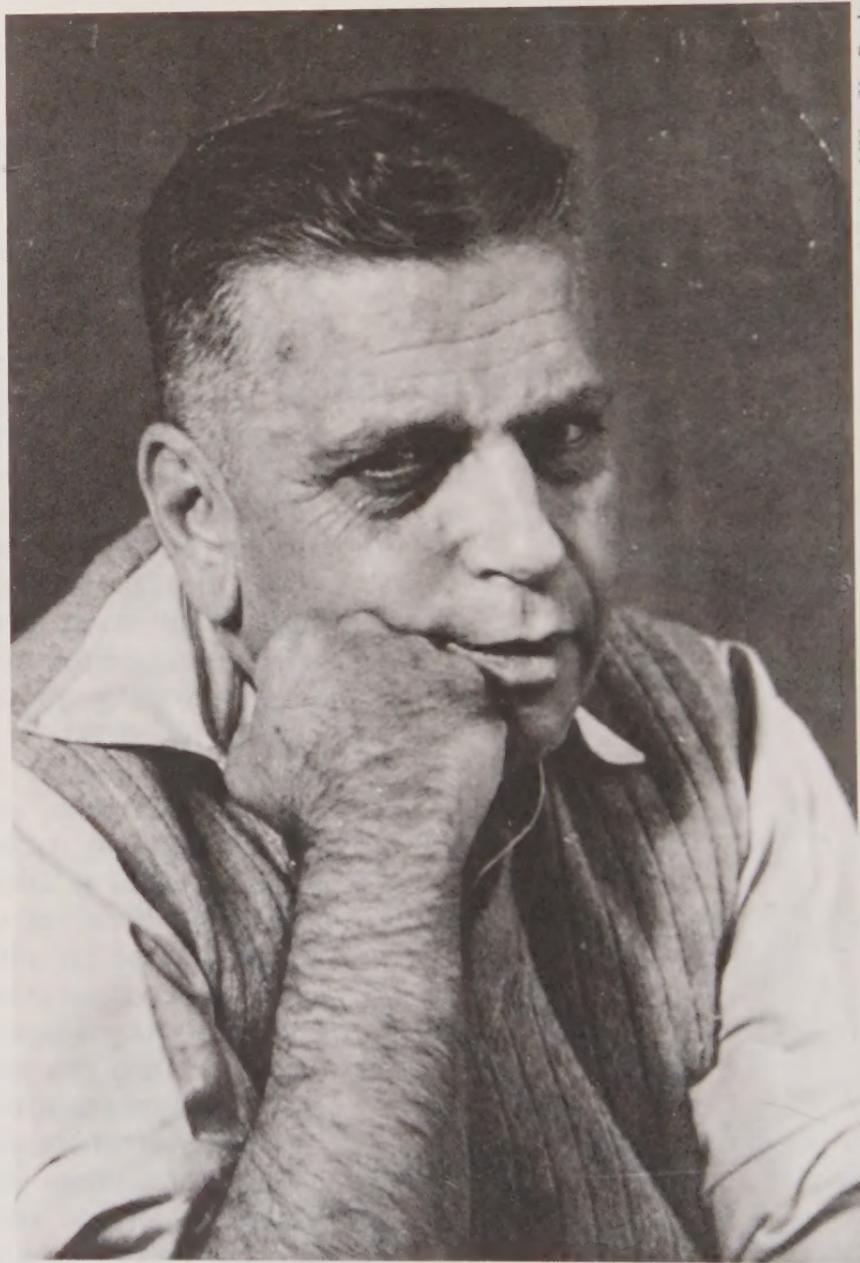


TELEFONEMA

Telefonema é o título da série de crônicas que Oswald de Andrade publicou no jornal *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, de 1945 a 1954. São mais de 500 textos sobre assuntos variados, pela primeira vez reunidos em livro, principalmente literatura e política. O escritor debate a vida intelectual e cultural do período, a geração de 1945, o novo romance de cunho social, os prêmios literários, a transformação do país durante e após a queda do Estado Novo. Tem-se um Oswald sempre observador, ágil e perspicaz, preocupado em transmitir ao leitor carioca o ponto de vista de São Paulo. O autor de *Serafim Ponte Grande* e tantas outras obras não é aqui um analista político nem um crítico de arte. Seus artigos exprimem uma opinião particular sobre temas do momento. Acontece que, ao tempo de *Telefonema*, a política ocupava um lugar privilegiado no discur-

OBRAS COMPLETAS DE OSWALD DE ANDRADE

TELEFONEMA



Arquivo MIS - São Paulo

Oswaldo de Andrade

OBRAS COMPLETAS DE OSWALD DE ANDRADE

PQ
9697
A13
T5
994

TELEFONEMA

Pesquisa e estabelecimento de texto, introdução e notas:
Vera Maria Chalmers



Copyright © 1996 by Espólio de Oswald de Andrade

Capa: Juan José Balzi

Produção gráfica: Alves e Miranda Editorial Ltda.

Editoração eletrônica e fotolitos: AM Produções Gráficas Ltda

Direitos mundiais de edição em língua portuguesa,

cedidos à

EDITORA GLOBO S.A.

Rua Domingos Sérgio dos Anjos, 277

CEP 05136-170 – Fax: (011) 836-7098, São Paulo, SP.

Brasil

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida – em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. – nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados, sem a expressa autorização da editora.

Impressão e acabamento: Paulus Gráfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Andrade, Oswald de, 1890-1954.

Telefônema / Oswald de Andrade. – São Paulo : Globo, 1996.

ISBN 85-250-1224-6

1. Crônicas brasileiras I. Título.

95-3072

CDD-869.935

Índices para catálogo sistemático:

1. Crônicas : Século 20 : Literatura brasileira 869.935
2. Século 20 : Crônicas : Literatura brasileira 869.935

SUMÁRIO

Agradecimentos	7
Critérios da presente edição	9
Telefonema	61
Notas	489
Índice remissivo	550
Bibliografia	560



Digitized by the Internet Archive
in 2024

<https://archive.org/details/telefonema0000andr>

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao prof. Antonio Candido pela valiosa ajuda. Meus agradecimentos ao CEDAE-IEL UNICAMP, à Biblioteca Nacional, à Biblioteca Municipal Mário de Andrade, à Casa de Rui Barbosa, ao Banco de Dados, Módulo de Pintura Brasileira e de Poesia do Instituto Cultural Itaú, ao Arquivo do Estado de São Paulo, que tornaram viável este livro. Bem como, sou reconhecida aos colegas do Departamento que me proporcionaram as condições necessárias para trabalhar no *Telefonema*. Muito obrigada a José Luís Miranda, Betty Heidmann e Mônica Akemi. À família e aos amigos sou grata pelo incentivo e pela paciência com que souberam suportar minha obsessão.

CRITÉRIOS DA PRESENTE EDIÇÃO

Foi feita a atualização ortográfica das palavras e dos nomes próprios. As palavras estrangeiras foram mantidas em sua grafia original, em itálico, de acordo com o uso da época no jornal. O texto de imprensa apresenta imperfeições e falhas, as quais foram reconstituídas, sempre que possível. As notas de rodapé da antologia de *Telefonema, Obras Completas – 10* (MEC – Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1974), foram mantidas na atual publicação, sem indicação bibliográfica, além das demais notas da presente edição. O leitor encontrará nas notas em anexo as referências necessárias para a compreensão do contexto das crônicas. O critério de elaboração destas notas não foi exaustivo. Na criação das mesmas, dispensou-se a indicação bibliográfica das fontes.

Para a redação das notas foi consultada a seguinte bibliografia:

- CARPEAUX, Otto Maria, *História da Literatura Ocidental*, Ed. O Cruzeiro, Rio de Janeiro, 1962
- Dicionário de Autores Paulistas*, org. Luís Correia de Melo, Ed. Andreotti SA, São Paulo, 1954
- Dicionário Biobibliográfico Brasileiro*, dir. J. F. Velho Sobrinho, Pongetti-MEC, Rio de Janeiro, 1937
- Dicionário Bibliográfico Brasileiro (1883-1902)*, dir. Augusto Vitorino Alves Sacramento Blake, Tipografia Nacional, Rio de Janeiro
- Dicionário Brasileiro*, org. Raimundo de Menezes, 2^a ed., prefácio de Antonio Cândido, José Aderaldo Castello, LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora SA, Rio de Janeiro, São Paulo, 1978

- Dicionário Crítico da Pintura no Brasil*, org. José Roberto Teixeira Leite, Artlivre
- Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro (1930-1983)*, coord. Israel Beloch e Alzira Alves de Abreu, Forense Universitária, Fundação Getúlio Vargas Cpdoc-Finep
- Dicionário das Literaturas Portuguesa, Brasileira e Galega*, dir. Jacinto do Prado Coelho, Livr. Figueirinhas, Porto, s/d
- Dictionnaire des Philosophes*, dir. de la publication Denis Huisman, Paris, 1984
- Dicionário de Pintores Brasileiros*, coord. Leila Alves e Paulo Lyra, Spala Ed., Rio de Janeiro, 1986
- Dicionário de Política*, org. Norberto Bobbio, Editora Universidade de Brasília, Gráfica Ed. Hamling Ltda.
- Encyclopédia de Literatura Brasileira*, dir. Afrânia Coutinho, J. Galante de Souza, FAE-MEC, Rio de Janeiro, 1970
- Encyclopédia Mirador Internacional*, Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda., São Paulo, Rio de Janeiro, 1977
- Grande Encyclopédia Delta-Larousse*, Ed. Delta SA, Rio de Janeiro, 1970
- International Encyclopedia of the Social Sciences*, David L. Sills Editor, The Macmillan Company & the Free Press, USA, 1968
- PASOLINI, Pier Paolo, *Os Jovens Infelizes*, trad. Michel Lahud e Maria Betânia Amoroso, Ed. Brasiliense, São Paulo, 1990, p. 29
- Petite Encyclopédie Politique*, Seuil, Paris, 1969
- Resumo Histórico Antropogeográfico do Estado de Alagoas*, dir. Tancredo Morais, Ed. Pongetti, Rio de Janeiro, 1954
- The New Encyclopaedia Britannica*, Helen Hemingway Benton Publishers, 1973-1974

PANORAMA DE “TELEFONEMA”

A correspondência de Oswald de Andrade para o *Correio da Manhã* começa com o Telefonema, “Cara ou Coroa”, datado de 1º de fevereiro de 1944, no qual comenta a nova política de planejamento econômico do governo, com a criação do Palácio da Fazenda, contrariando o liberalismo econômico preconizado por Eugênio Gudin. A série começa ainda durante a guerra, no momento de desagregação do Estado Novo. A ditadura é obrigada a dar espaço para a abertura democrática, exigida pelos movimentos populares nas ruas, embora ainda use da força para procurar deter os avanços das oposições conservadoras, liberais e das esquerdas. O movimento pela democratização e a realização de eleições livres conta com a simpatia americana. A Sociedade dos Amigos da América e a Liga de Defesa Nacional acolhem membros das oposições, oligárquicas, liberais e de esquerda, com o objetivo de mobilizar as massas para o esforço de guerra. O fechamento da Sociedade dos Amigos da América pelo chefe de polícia Coriolano Goes, a mando de Vargas, provoca uma crise institucional com a demissão, em agosto, de Oswaldo Aranha do Ministério das Relações Exteriores, seguido por Goes Monteiro, chefe do Estado-Maior do Exército, que se afasta do Comitê de Emergência e Defesa Política da América. O incidente marca a cisão dos militares com Vargas e Dutra. Os contatos entre a oposição civil conservadora e liberal se estreitam, para compor ao final dos entendimentos, a candidatura do brigadeiro Eduardo Gomes, confirmada em outubro sob a égide das elites.¹

¹ CARONE, Edgar – *O Estado Novo (1937-1945)*, São Paulo, DIFEL, 1977, p.322

A série do *Correio da Manhã* é interrompida pela censura em 23 de junho de 1944, com o Telefonema "A metástase do câncer", no qual o cronista afirma que a conjuntura mundial assemelha-se à metástase do câncer, com o renascimento de focos do fascismo; no Brasil, o Integralismo ressurge sob a bandeira do nacionalismo. A crítica ao regime suspende a correspondência de Oswald de Andrade. Mas os ataques da imprensa à censura e às instituições autoritárias vêm de quase todos os lados, na conjuntura especial de fins de 1944 e começos de 45. O "Editorial" de Costa Rego, "Felicitemos o Governo!", de fevereiro, condena a censura à imprensa. Pouco depois, a entrevista de José Américo de Almeida defende as liberdades democráticas. A agitação das massas repercute nos jornais e o *Correio da Manhã* lidera a campanha da imprensa a favor da democratização, seguido do *Diário Carioca*, de J. A. de Macedo Soares, de *O Globo*, e em S. Paulo, da Folha da Manhã, do *Diário de São Paulo* e de *O Estado de S. Paulo*, *O Comércio*, e até de algumas matérias do jornal situacionista, *A Noite*, dirigido por Menotti del Picchia, que tolerava a colaboração do jornalista comunista Elias Chaves Neto. Mas o *Correio* só voltará a editar a coluna "Telefonema" um pouco antes da Anistia. O "Telefonema", de 3 de abril de 1945, acusa o relaxamento da censura do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) que proibia a colaboração de Oswald de Andrade mesmo só com as iniciais "OA".

Ainda em 1944, o movimento cultural anima-se com os movimentos frentistas contra a ditadura, o Telefonema "A Editora Brasiliense", datado de 23 de abril, comemora a inauguração da editora de Caio Prado Júnior, Hermes Lima, sra. Maria José Dupré e de Artur Neves, cuja casa servirá de ponto de reunião para a intelectualidade paulistana de oposição. O Telefonema "O Prefeito Kubitschek", de 25 de abril, dá notícias da viagem de escritores, artistas e de intelectuais paulistas a Belo Horizonte a convite do jovem prefeito Juscelino Kubitschek. Durante o encontro, relatado em "Afinal como foi", de 6 de junho, Oswald faz uma conferência na Biblioteca Municipal. A conferência atacava Tristão de Athayde, por motivos pessoais, embora afirmasse que suas razões não impediam a aliança política na luta pela Anistia. O conferencista acusava Tristão de Athayde de desejar o esmagamento da Russia pelas tropas nazistas. Em outro Telefonema, Oswald aconselha aos jovens, que se haviam colocado contra ele durante a conferência, a não confundirem a ala canhota com a esquerda, conforme explica em "Carta", datada de 8 de junho. O incidente cria polêmica. Em "À margem de uma conferência", de

15 de junho, Oswald noticia o recebimento de uma carta de Tristão de Athayde em resposta ao Telefona citado, na qual Tristão defende-se das acusações de Oswald, explicando não ter sido ele quem publicou a carta de Antônio de Alcântara Machado, com a palavra de ordem de silêncio contra a pessoa e a obra de Oswald, havia quase vinte anos. Oswald retruca, perguntando como foi que a referida carta foi cair nas mãos de Cassiano Ricardo e portanto do DIP. Além do escândalo provocado pelos ataques contra Tristão de Athayde, denunciando-o como um estrategista de grandes retiradas, uma espécie de Von Rommel do Centro Don Vital, o cronista comenta um outro episódio do encontro de Belo Horizonte, em "O atentado de Belo Horizonte", de 20 de junho, no qual denuncia a agressão fascista contra as obras dos artistas modernos, retalhadas a gilete.

Além da colaboração nos jornais, entrevistas e declarações públicas, os escritores, jornalistas e intelectuais atuavam na preparação do Primeiro Congresso de Escritores. A Associação Brasileira de Escritores (ABDE) foi criada em março de 1942 para defender os direitos autorais, como associação de classe legalmente constituída. Mas, a partir de meados de 1944, a ABDE desponta como entidade frentista. O Congresso dos Escritores surgiu como o ponto alto do movimento frentista, de escritores, jornalistas e intelectuais contra a ditadura, que emerge a partir de 1943 a 1944 nas manifestações estudantis da clandestina Frente de Resistência, formada por jovens liberais e socialistas independentes, a partir da Faculdade de Direito de São Paulo. O movimento repercute na imprensa militante clandestina de esquerda, nas greves, e na mobilização da grande imprensa contra a censura, e, por fim, nas declarações do "Manifesto dos Mineiros", em 1943, a favor da redemocratização. O Congresso de Escritores aconteceu em São Paulo, de 22 a 27 de janeiro de 1945. A "Declaração de Princípios", redigida sob a responsabilidade de Prado Kelly e Caio Prado Júnior, e ainda Hermes Lima, como lembra Antonio Cândido², foi lida na sessão de encerramento no Teatro Municipal por Dionélio Machado e ouvida pelo público de pé, sob forte tensão emocional. Os escritores brasileiros exigiam a legalidade democrática; o sufrágio universal direto e secreto; o pleno exercício da soberania popular para a paz e a cooperação internacionais, assim como a independência econômica dos povos. A reper-

² MELLO e SOUZA de, Antonio Cândido – "O Congresso de Escritores", *Teresina, etc.*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980, p.110

cussão da "Declaração de Princípios", distribuída em volantes, só atingiu os jornais, depois da entrevista de José Américo de Almeida, com a quebra da censura. Faziam parte da seção paulista da sociedade, entre outros, Mário de Andrade, Sérgio Milliet, Mário Neme, Abguar Bastos, citados por Antonio Cândido, que se refere ainda a Paulo Emílio Salles Gomes, entre outros. Na sessão de encerramento, Oswald fez um discurso acalorado, no qual lançava por conta própria a candidatura do brigadeiro Eduardo Gomes, contrariando pela ousadia as lideranças políticas liberais e de esquerda do plenário, pois ainda vigorava a censura. Apesar de considerada inoportuna, a intervenção de Oswald foi aplaudida pelo público, conforme relata Antonio Cândido. Na sua diatribe, Oswald ridicularizou a alta burguesia, provocando protestos de René Thiollier, o que levou Mário de Andrade, em desabafo particular, à saída do Congresso, a dizer que Oswald não tinha autoridade moral para fazer o ataque que fez.

A pressão popular a favor de eleições livres e a conjuntura internacional contribuem para abalar ainda mais os fundamentos autoritários do regime. Assim, em fevereiro de 1945, a diplomacia americana impõe ao governo brasileiro a democratização e o reconhecimento diplomático da União Soviética como condições firmadas pelo Acordo de Yalta para a participação do Brasil na futura Conferência de Paz. O governo é obrigado a ceder e decreta o Ato Institucional nº 9, o qual fixa a data para as eleições gerais no país, na forma do Artigo 180 da Constituição de 1937. A oposição conservadora liberal mobiliza-se contra o Ato Adicional e a realização das eleições na vigência da Carta de 37. Em meio à agitação dos comícios, o jornal *O Globo* noticia a candidatura de Eduardo Gomes. O regime lança o candidato Eurico Gaspar Dutra. O movimento popular pela Anistia cresce e forma-se o Comitê Pró-Anistia de jornalistas e profissionais do rádio. A Anistia é decretada em abril, muitos exilados voltam ao Brasil e, num clima de euforia, a oposição liberal pede a renúncia de Vargas, proclamando nas ruas a palavra de ordem "todo poder ao judiciário".

A DEPOSIÇÃO DE VARGAS

O episódio da deposição de Vargas pelo Exército sob o comando do Gal. Goes Monteiro, a 29 de novembro de 1945, abre-se com as manifestações populares pela Anistia e a volta dos combatentes da FEB. A agitação popular vai ser canalizada, ou

pela situação getulista, ou pela oposição liderada pelo brigadeiro Eduardo Gomes. Na sua primeira entrevista como candidato, Eduardo Gomes depõe contra a "legalidade" das eleições presididas por Getúlio. Em resposta, Getúlio reclama da "traição" dos conspiradores golpistas contra seu governo (*Diário de São Paulo*, 13 mar., 1945). No 1º de maio, Getúlio declara seu compromisso com o processo eleitoral e a confiança no voto popular contra o partidarismo provinciano, liquidado pela Revolução de 30 (*Correio da Manhã*, 3 mai., 1945).³ A situação age com rapidez para ganhar terreno na abertura democrática, o jogo político torna-se complexo. A partir das declarações de Prestes depois da Anistia, o Partido Comunista do Brasil (PCB) rompe com a frente liberal e das esquerdas, propondo a "União Nacional" sob a hegemonia do partido. A Lei Malaia, antitruste, é promulgada em meio à agitação dos atentados contra os jornais de oposição, *Diário Carioca* e o *Correio Paulistano*. Em meio aos boatos de golpes, que circulavam em setembro, o embaixador americano discursava num banquete em apoio às teses da oposição conservadora e liberal (*Correio da Manhã*, 30 set., 1945) contra o suposto nacionalismo de Vargas, que buscava apoio na massa dos trabalhadores urbanos. Vargas busca mobilizar as massas nos comícios contra a carestia, mas é no comício do Largo da Carioca que o apelo de "queremos Getúlio", lançado por Hugo Borghi, entusiasma as multidões, avançando depois a defesa da "questão social" e da siderurgia nacional, com o apoio dos comunistas. O comício de 3 de outubro, o "Dia V", data de comemoração da Revolução de Outubro, poucos dias depois do discurso do embaixador americano, confirma a disposição de Vargas de convocar a Constituinte e lança a palavra de ordem "Constituinte com Getúlio", apoiada por militantes e simpatizantes comunistas. A "Assembléia Geral do Povo Brasileiro", reunida em praça pública, resolve apoiar as eleições gerais e a convocação da Assembléia Nacional Constituinte, de acordo com a Carta de 37. Os incidentes finais da derrubada do regime acontecem em meio a boatos de golpes, à campanha da imprensa democrática contra os atentados aos jornais, que culmina no "Manifesto dos Intelectuais" (*Diário de São Paulo*, 9 set., 1945) e nas declarações do "Manifesto das Oposições Coligadas", lideradas pela União Democrática Nacional (UDN) e o Partido Libertador⁴. No Rio, a esquerda democrática também lança um

³ CARONE, Edgar – *O Estado Novo*, ob. cit. pp.326-327

⁴ CARONE, Edgar – *O Estado Novo*, ob. cit. pp.340-342

"Manifesto" contra as eleições tuteladas pelo regime, de acordo com as fontes pesquisadas por Edgar Carone, nos jornais e na obra de Virgílio de Mello e Franco. A agitação das massas queremistas, a oposição responde com o apelo às Forças Armadas para resolver a crise política, rompida a frente militar getulista, com a demissão de Góis Monteiro do Ministério da Guerra. O incidente da nomeação de Benjamim Vargas para o cargo de chefe de polícia é o estopim para o desfecho da crise político-militar. O exército entra em prontidão e, preso no Palácio, Vargas renuncia em 29 de outubro de 1945. O presidente do Supremo Tribunal Federal, José Linhares, assume o governo provisório. Vargas lança o "Manifesto ao Povo Brasileiro", no qual reafirma seu compromisso com a "questão social", ao retirar-se para São Borja. A derrota do regime ditatorial não significa o fim do getulismo, apesar da apatia das massas queremistas e comunistas perante a renúncia de Vargas. Afastado do poder, ele não abandona de fato a política, promovendo afinal a candidatura Dutra. As articulações de Vargas deposto e a tese de "União Nacional" do PCB constituem afinal as grandes referências para o trabalho político das oposições, conservadoras liberais e das esquerdas, durante a vigência da democracia nas décadas seguintes. O Telefonema reflete a multiplicidade de vozes e o intrincado jogo político da democratização. Apesar de rompido com Prestes e o PCB e inimigo político de Vargas, Oswald de Andrade dialoga com Prestes e Vargas, como seus interlocutores privilegiados. O Telefonema "Como é isso, general?", de 30 de novembro de 1945, comenta a vitória de Dutra sobre o brigadeiro. De acordo com o cronista, Dutra foi um candidato contrário ao momento político da Anistia, por seus antecedentes de Ministro da Guerra do Estado Novo. A sua candidatura, lançada por Benedito Valadares, de Minas, pareceu manobra de continuismo getulista. Mas firmou-se, e com a vitória vieram os protestos democráticos do candidato eleito. No entanto, conclui, contrariando estes protestos, Dutra recebe de bom grado o apoio do Partido de Representação Popular.

O GOVERNO DUTRA

O resultado das eleições é surpreendente para a oposição democrática. Devido ao êxito da conspiração civil e militar liderada pela UDN, o breve governo udenista de Linhares, a reedição da "campanha do lenço branco", enfim, o alvoroço dos comícios

brigadeiristas, a vitória de Eduardo Gomes parecia certa, perante a frieza da campanha de Dutra.⁵ Porém, a máquina eleitoral getulista nas mãos do Partido Social Democrata (PSD), mais o apoio de Vargas ao Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) das massas queremistas, cujos votos mandou descarregar no PSD, decidiram a favor de Dutra, sem o apoio dos comunistas. O PCB também surpreende pela votação do candidato próprio, Yedo Fiúza, cuja votação só se explica, de acordo com Basbaum, pelo enorme prestígio da União Soviética no pós-guerra e pelo carisma de Prestes. Apoiado pela coligação partidária que sustenta o poder, sob a hegemonia do PSD, Dutra vai governar sem o apelo às massas, que o elegeram.

A convocação da Constituinte e a legalidade do PCB abrem o governo de Dutra. Na legalidade cresce a militância do PCB e aumenta o número de simpatizantes. O movimento operário se organiza e toma força nas greves. Os deputados comunistas propõem a nacionalização dos *trusts* e dos monopólios. O PCB prega a "União Nacional" e a "luta pela paz", em defesa da democracia no país e no plano internacional. Mas a conjuntura externa de "tensão de guerra" cria as condições para a repressão do movimento popular no país, em nome da "paz social". As intervenções nos sindicatos de 1946 a 1947 são feitas em nome da consolidação da democracia. Os decretos contra a Confederação Geral dos Trabalhadores, contra o Movimento Unitário dos Trabalhadores, a União da Juventude Comunista e, sobretudo, a cassação do registro eleitoral do Partido Comunista, findos os trabalhos da Constituinte, a 7 de maio de 1947, marcam a atuação repressiva do governo e evidenciam os limites formais da democracia prescrita pela Constituinte. O Brasil rompe relações diplomáticas com a União Soviética em 1947 e cria a Escola Superior de Guerra, em 1949, responsável pela elaboração da doutrina de "Segurança Nacional".⁶

O episódio da cassação dos mandatos dos deputados comunistas evidencia o legalismo udenista, de inspiração doutrinária liberal, na defesa das instituições democráticas, apesar de o partido apresentar-se dividido entre o anticomunismo militante e o governismo dos chamados "chapas brancas". Ao fim dos trabalhos da Constituinte, a UDN passa a discutir a colaboração com o governo Dutra, através do acordo interpartidário PSD/UDN/Partido Republicano (PR), com vistas à "pacificação nacional" e elabora-

⁵ BASBAUM, Leoncio, *História Sincera da República*, São Paulo, Alfa-Omega, 1976, p.207

⁶ BENEVIDES, Maria Victória de Mesquita – *A UDN e o Udenismo – Ambiguidades do Liberalismo Brasileiro (1945-1965)*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981, p.63 e seg.s

ção de um plano econômico e financeiro, o plano Salte. A Comissão de Líderes buscou a conciliação, e como consequência não houve oposição parlamentar a Dutra.⁷ Graças à política de neutralização da "máquina getulista", Otávio Mangabeira estava certo de sua indicação como candidato natural da UDN nas eleições presidenciais de 1950, apoiado por Dutra. Mas a polêmica com Virgílio de Mello Franco sobre o ideário udenista revela a perda da coesão do partido na "frente" comandada pelo PSD. Mais uma vez, a derrota nas urnas vai derrubar as ilusões de poder da UDN sobre a herança getulista, no pleito de 1950.

A POLÍTICA DO PCB NO GOVERNO DUTRA

O Partido Comunista do Brasil durante a legalidade (de 1945 a 1948) buscou a "União Nacional" como forma de luta pela paz a nível nacional, de acordo com a estratégia de frente nacional para combater o nazismo, promulgada pela Internacional Comunista antes da sua dissolução. Ainda durante a guerra, em 1943, com a dissolução do Comintern, os comunistas puderam traçar sua estratégia para combater o fascismo, de acordo com as condições específicas de cada país. Mas nem todos os partidos comunistas puderam compreender a nova situação mundial caracterizada pela aliança entre as grandes potências. Para estes partidos, a dissolução do Comintern durante a guerra parecia avalizar o fim do socialismo e da luta de classes como estratégia de união das forças democráticas contra o nazismo. No final da guerra, o Acordo de Teerã, de novembro de 1945, procurou consolidar a aliança, no sentido de que ela persistisse no pós-guerra, como instrumento de conservação da paz.⁸

Durante os comícios pela Anistia, o PCB lança a campanha pela "União Nacional" nos estádios do Vasco e do Pacaembu, em defesa das conquistas democráticas contra o regime de Vargas. A política de massas do partido procurava, entretanto, conter as reivindicações dos trabalhadores nos sindicatos e nas greves, para não comprometer o esforço de guerra e manter a "ordem e tranquilidade", a fim de assegurar a "União Nacional". Desse modo, na prática frentista dos comunistas brasileiros, os trabalhadores deveriam "apertar o cinto", apesar da inflação e da carestia. A

⁷ BENEVIDES, Maria Victória de Mesquita, ob. cit. p.71

⁸ BASBAUM, Leoncio, ob. cit. pp.215 e seg.s

“União Nacional” evitou manifestar-se pelo socialismo e silenciou sobre a luta de classes. Mas é inegável o êxito dos comunistas na construção de um “grande partido de massas”, a partir do trabalho de base como o dos “comitês democráticos” e de outras formas amplas de luta frentista. A vitória de Stalingrado e o prestígio da União Soviética atraíram a simpatia popular pelo comunismo, de certo modo usurpada por Prestes. Assim, durante a legalidade, a “União Nacional” mobilizou a massa de simpatizantes e de novos militantes na luta pela democracia, apesar das vacilações da linha no que dizia respeito às reivindicações e à defesa dos interesses da classe operária.

A tese da Internacional Comunista sobre a “paz mundial” sobrepujava-se na prática dos comunistas brasileiros à análise da conjuntura nacional, adiantando-se como “questão central e decisiva” da atividade dos comunistas. A “União Nacional” deixou-se empolgar pela luta partidária, na Constituinte, e pela perspectiva de participação no poder. Apesar das declarações de fé stalinista e dos pronunciamentos doutrinários na Constituinte, a liderança prestista não caracterizava o partido como uma organização de classe. Mas o crescimento do partido, em fins de 1946, assustava a burguesia. *O Correio da Manhã*, de 30 de novembro de 1946, lastimava a “epidemia comunista” no país.⁹ A Lei de Segurança Nacional entra em vigor para sustentar a intervenção nos sindicatos e proibir os comícios. Em meio à campanha anticomunista e boatos sobre o fechamento do partido, *O Estado de S. Paulo* publica “Manifesto” contra a cassação dos mandatos dos deputados comunistas, lembra Elias Chaves Neto¹⁰. Mas a declaração de Prestes no Senado em apoio à União Soviética em caso de ataque imperialista já no contexto da guerra fria mais o escândalo na Câmara a propósito do chamado caso do “ouro de Moscou” em 1947 foram pretextos suficientes para legitimar um clima de ilegalidade para o partido. O estopim foi o resultado da devassa realizada pela Comissão da Câmara para investigar a contabilidade e a vida interna do partido, com a descoberta pela polícia dos Estatutos do PCB, os quais diferiam dos estatutos públicos registrados no Tribunal Eleitoral. Com base na existência de dois estatutos e a acusação de que o partido Comunista do Brasil era um partido estrangeiro, o Supremo Tribunal Federal ordena o fechamento do PCB.

⁹ BASBAUM, Leoncio, ob. cit. p.221

¹⁰ CHAVES NETO, Elias – *Minha vida e as lutas de meu tempo*. São Paulo, Alfa-Omega, 1977, p.95

Em carta aberta ao senador Prestes, no Telefonema “Palavras a Prestes”, de 16 de maio de 1946, Oswald adverte o líder comunista que, se o PCB não mudar de linha política, vai acabar comprometendo a ação diplomática soviética em nosso país, sendo que as declarações de Prestes aos jornais, a propósito da ligação umbelical entre o PCB e Moscou, têm servido à reação para acusar o partido de traição à pátria. Oswald aconselha Prestes a se desfazer de Pedro Mota Lima e de Jorge Amado, a jogar fora o líder agrário Trifino e o Barata do III Regimento. Em vez de cercar-se de uma súcia de oportunistas, Prestes devia cercar-se de ideólogos que pudessem sustentar o jogo com os Mangabeiras, os Valadares e os Avelinos do momento político. A diatribe critica a debilidade da ação política do PCB na legalidade e suas ilusões sobre os limites da democracia formal. Na crônica “Da Luta”, data da de 13 de novembro de 1947, Oswald declara que Prestes, como estrategista guerrilheiro da Coluna de 26 é superior ao condutor de massas. Ele é mau estrategista político; a sua fantasia é pensar que a massa é capaz de acompanhar o complexo jogo político do PCB. As massas atrasadas o derrotaram nas eleições de 1947, conclui o cronista.

A cassação do registro eleitoral do Partido Comunista do Brasil acontece durante os preparativos do IV Congresso, convocado para maio de 1947. De acordo com Moises Vinhas, a imprensa partidária ainda divulgava as teses e várias conferências estavam sendo encaminhadas.¹¹ Confiante nas instituições democráticas, contra todas as evidências do autoritarismo do governo Dutra, o partido prosseguia em suas atividades sem se precaver contra a repressão. Já na clandestinidade, o Comitê Nacional resolve exigir a renúncia de Dutra! A bancada comunista no Congresso apresenta projeto de lei exigindo a “renúncia do General Dutra”, lembra Basbaum.¹² Os comunistas são apanhados de surpresa na convicção da legalidade e do apoio da massa, em janeiro de 1948, e os mandatos dos parlamentares são cassados. Atirados na clandestinidade, os comunistas fazem autoerítica e revisam as teses da “União Nacional”. Mas, de acordo com Beatriz Ana Loner¹³, já no Manifesto de Janeiro”, orientando-se pelo “Informe” de Zhadnov, a análise de conjuntura propunha a der-

11 VINHAS, Moises - *O Partido - A Luta por um Partido de Massas (1922-1974)*, São Paulo, Huicitec, 1982, p.94

12 BASBAUM, Leoncio, ob. cit. p.227

13 LONER, Beatriz Ana - *O PCB e a Linha do Manifesto de Agosto - um estudo*, Dissertação de Mestrado, Dep. de História da UNICAMP, Campinas, 1985, mimeo, p.88

rubada do governo e a formação de um governo nacional-popular contra o avanço do imperialismo americano. As eleições presidenciais de 1950 são desprezadas pelo PCB, o qual não mais acredita na via parlamentar para a solução dos problemas nacionais no contexto internacional da guerra inevitável. Por esse motivo, o partido manda votar em branco.

O “MANIFESTO DE AGOSTO”

Na clandestinidade, de 1948 a 1954, a linha do Partido inflete para o sectarismo de esquerda. O chamado “Manifesto de Agosto”, de 1950, rompe com a política de “União Nacional” praticada até o fim da legalidade. A “Manutenção da Paz”, definida pelo Cominform traduz-se, na interpretação do PCB, na estratégia de transformar a guerra imperialista em guerra civil, com vistas a tomar o poder, de acordo com Loner. A nova tese da “frente única pela base”, ao fazer a crítica da “União Nacional”, não condena a colaboração com o governo e com a burguesia praticada nos anos 40, mas salienta agora o caráter agressivo do imperialismo americano. A autocritica do comitê executivo do PCB evidencia a dependência da linha do partido às diretrizes soviéticas, as ilusões sobre a democracia, a atuação parlamentar, o desestímulo às ações de massa, o esquecimento do caráter agressivo do imperialismo americano etc. Mas as grandes linhas da interpretação da conjuntura atual são dadas pelo Cominform, através do “Informe” de 1947,¹⁴ o qual divide o mundo em dois campos antagônicos: o campo imperialista e antidemocrático, liderado pelos EUA, e o campo antiimperialista e democrático, liderado pela União Soviética. A luta pela paz mundial contra a agressão imperialista sobrepõe-se à análise da conjuntura nacional no contexto de tensão de guerra.

O tom panfletário do “Manifesto” denuncia a supressão da liberdade de imprensa, dos direitos políticos da classe operária e das garantias democráticas. As eleições só servirão para “substituir Dutra por outro Dutra”. Vargas é o “pai dos tubarões” e “traidor e agente do imperialismo ianque”. Como forma de organização de luta, o “Manifesto” propõe a criação da Frente Democrática de Libertação Nacional, com o povo armado e a democratização do Exército, para realizar a revolução brasileira, “agrária e antiimperialista”.

¹⁴ ZHADNOV, “Informe” in revista *Problemas* n5, in LONER, Beatriz Ana, ob. cit. p.84.

rialista", em sua etapa democrático-burguesa. No contexto das eleições presidenciais, o "Manifesto" confiante na revolta popular, chama as massas à ação, para derrubar o governo Dutra. O programa da "revolução agrária e antiimperialista" do PCB nos anos 50 leva a uma prática obreirista de recrutamento de quadros e à organização centralizadora do "partido único" dos trabalhadores, de acordo com Vinhas. A "virada à esquerda" afastou a militância e os simpatizantes do partido, notadamente os intelectuais. Só a Campanha pela Paz e a defesa da Petrobrás mantém ainda a força política de frente ampla pela paz e pela libertação nacional entre as massas, apesar do sectarismo da análise conjuntural da vida política do país, a qual o PCB manterá até a morte de Vargas. Depois do drama provocado pelo suicídio do presidente, o partido faz a crítica da sua orientação estratégica e reclama sua parte no espólio político das massas getulistas, de acordo com Loner.¹⁵

A VOLTA DE GETÚLIO

O Telefonema registra os episódios da sucessão presidencial em "Da Ressurreição dos Mortos", de 6 de novembro de 1947, de acordo com o cronista, o cômicio de Vargas representa a união dos inimigos de anteontem na oposição ao Gal Dutra – Partido Comunista do Brasil, Partido de Representação Popular, Partido Integralista – contra os aliados de ontem – Partido Comunista do Brasil, Partido Trabalhista Brasileiro, Partido Social Popular –, numa exemplificação de luta oportunística pelo poder. Para Oswald, trata-se da ressurreição dos velhos políticos, invertidas as alianças. No "Bate-papo", de 16 de junho de 1949, o autor refere-se aos boatos de golpe militar como solução para a crise política. Ao término do mandato de Dutra já se prenuncia a crise política da sucessão. O presidente poderá manobrar para ficar no poder, embora tenha declarado que não sairá da legalidade. A Constituição, no entanto, poderá ser modificada, ou então poderá haver eleição indireta. Nesse caso, o PCB vendo-se alijado do poder poderá concluir um novo pacto tático com o PI, para fortalecer a oposição, já que fora das suas fileiras os dois condutores de massas que restam, o PTB e o PSP, estão sendo massacrados pelo conluio político e pela defesa dos grupos liberais do PSD e da UDN, opina Oswald de Andrade com sarcasmo.

¹⁵ LONER, Beatriz Ana, ob. cit. p.87

Em "Notícias da Província Eleitoral", de 4 de setembro de 1950, comenta, que o sucesso das alianças políticas para as eleições presidenciais depende do resultado final das coligações partidárias, formadas em torno das eleições para governador do Estado. Ao final, conclui que Getúlio pode ter comprometido sua vitória, graças a um erro de estratégia política, sob inspiração do PCB: ele atacou o imperialismo americano e sem querer atingiu as Forças Armadas. Mas Telefonema não dá notícias do governo de Vargas e tampouco da trama do "mar de lama" ou do desfecho trágico do suicídio. Telefonema silencia em 1951 e só volta a comentar a vida política do país com "Recomeçar", de 23 de janeiro de 1952, no qual afirma não poder recomeçar sua colaboração sem engajar-se nos debates do momento, pois o jornal deixou de ser um neutro depositário de notícias e comentários para tomar uma posição ativa e vigilante. Em fins de 1953, o cronista prossegue em sua crítica, denunciando a corrupção do governo do Estado na gestão de Ademar de Barros. Em "Prestação de contas", de 29 de novembro de 1953, o escritor comenta que, Ademar pretende candidatar-se à Presidência, com o cínico *slogan* "roubou mas fez".

As negociações em torno das eleições presidenciais começam já no governo Dutra, sob a hegemonia do PSD. A "coalizão nacional" tinha como objetivo neutralizar a "máquina getulista", ainda atuante nos estados e no Congresso, e fortalecer o Presidente da República em nome de um programa de "salvação nacional", para impedir a volta de Getúlio. O acordo da UDN com o PSD visava obstruir a aliança com o PTB. Mas não foi possível encontrar um candidato comum, de "coalizão nacional" para as eleições de 1950, os vários candidatos naturais, Mangabeira, da UDN, Nereu Ramos, do PSD, ou até Artur Bernardes, não contavam com o apoio das cúpulas de seus partidos. A chamada "fórmula mineira" tampouco conseguiu impor seus candidatos, Milton Campos ou Afonso Pena Júnior. O candidato de Prado Kelly era ainda o Brigadeiro. Em São Paulo, a vitória do candidato do PSP, Ademar de Barros, para o governo do Estado, ameaçava o fortalecimento da coalizão. A chamada "fórmula Jobim" reforçou a aproximação entre o PSD e o PTB com Salgado Filho, sob a hegemonia do PSD, e com o apoio de Ademar de Barros e de Getúlio, significou o fim do acordo interpartidário. Rompido o acordo em São Paulo, Ademar de Barros afirma ser candidato pelo PSP. O PSD lança o nome de Cristiano Machado, enquanto o PTB busca a liderança de Vargas. Plínio Salgado é candidato pelo PRP.

Getúlio é o candidato da aliança das “forças populistas”, sem o apoio do PCB, o qual ilegal e contrário à luta partidária, de acordo com as teses do “Manifesto de Agosto”, manda votar em branco. Getúlio lança uma plataforma “nacionalista”, a favor da industrialização, contra o capital estrangeiro e a interferência americana. O mito do pai dos pobres e da legislação social ainda atuava entre as massas, na “Frente Popular”. A imprensa antigelulista ataca a candidatura trabalhista, o jornal *O Estado de S. Paulo* denuncia a conspiração contra Eduardo Gomes. A *Tribuna da Imprensa* acusa de traição o ex-ditador, aliado dos comunistas e dos queremistas. Contudo, Getúlio é eleito em 3 de outubro sem alcançar a maioria absoluta. Por esse motivo, a UDN mobiliza uma campanha através da imprensa para anular as eleições, liderada por Prudente de Moraes, neto, de *O Estado de S. Paulo*, e por Pompeu de Souza, do *Diário Carioca*. Getúlio e Café Filho são afinal empossados pelo Supremo Tribunal Federal em 18 de janeiro de 1951.

Durante seu governo, Getúlio põe em prática a política de aproximação com as massas, sem o apoio da cúpula do PCB, embora a militância tivesse burlado o voto em branco, de acordo com Basbaum. O Ministério do Trabalho liderado por João Goulart, nomeado em 1953, aproxima o governo das lideranças sindicais e do meio trabalhista. A fixação do salário mínimo e a aprovação no Congresso da lei que criava a Petrobras aticavam a oposição udenista, a qual começava a conspirar contra o governo. No começo os anos cinquenta, a partir de 1952, a UDN faz oposição no Congresso, campanha na imprensa e nos setores militares ligados à “Cruzada Democrática”, em torno dos seguintes temas: memória dos anos da ditadura, denúncia de corrupção administrativa, intervenção militar contra “subversão” e a “desordem social”, conforme Benevides. Os arautos da derrubada de Getúlio são o grupo de bachareis udenistas no Congresso, a chamada “Banda de Música”, a qual intervém ruidosamente nos incidentes do “caso *Última Hora*” e o inquerito sobre o Banco do Brasil. Os “chapas-brancas” udenistas buscam aproximação com o governo, João Cleofas aceita o Ministério da Agricultura. Os militares antigelulistas da “Cruzada Democrática” lideram a campanha anticomunista, denunciando as intenções sindicalistas e a “subversão social” do governo, aliados aos civis. O “Clube da Lanterna” no Rio reunia a militância udenista golpista, antigelulista e anticomunista.¹⁶

¹⁶ BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita, ob. cit. pp.85 e seg.s

A intervenção militar na política, o "Memorial dos Coronéis", o episódio do atentado contra Carlos Lacerda, a oposição parlamentar nas denúncias contra o "mar de lama" por Aliomar Baleeiro, e as diferentes tentativas de golpes brancos, liderados por civis e militares, são os motivos do desfecho dramático da crise em 1954, em 24 de agosto, com o suicídio de Vargas. Afinal, a "Carta Testamento" de Getúlio é o legado populista, que esmorece a vitória udenista. A UDN não consegue mobilizar as massas a seu favor. A desorientação do partido após o suicídio de Vargas não consegue coordenar uma ação política eficiente no poder, durante o governo Café Filho. Oswald de Andrade, simpático às teses anticomunistas liberais udenistas, no *Telefonema* "O Eterno Clichê", de 1º de outubro de 1954, vaticinava: os comunistas já tacharam o governo Café Filho de escravo do capital americano; Vargas, que sempre foi atacado por eles, consegue agora as honras da beatificação, concluía. A rearticulação das forças getulistas para as eleições de 1955, com a aliança PSD-PTB, mostra bem a debilidade do golpismo udenista. Em meio a boatos de golpe, a "Novembrada Legalista" do Gal. Lott, o chamado "contragolpe preventivo" de 11 de novembro de 1955 depõe Café Filho e assegura a posse de Juscelino Kubitschek e de João Goulart, candidatos da aliança PSD-PTB, com a derrota do udenista Juarez Távora, em 31 de janeiro de 1956.

PERFIL POLÍTICO E CULTURAL DE OSWALD DE ANDRADE NO CORREIO

O "Telefonema" de 3 de abril de 1945 assinala a volta de Oswald de Andrade às páginas do *Correio da Manhã* como colaborador, depois da suspensão da censura aos seus escritos. O cronista retoma seu lugar de diarista na cabina telefônica de São Paulo, para ditar ao telefone suas crônicas para a redação do jornal, no Rio. O diretor do *Correio* quer saber o que se passa em São Paulo, "província lusa do Juízo Final", sentencia o escritor. Aqui, afirma coexistirem os "cemitérios eleitorais de gente com a ideologia e a língua da Velha República, ao lado dos representantes das novas necrópoles trabalhistas, gente que se diverte em sistematizar a 'língua errada' de José de Alencar e Mário de Andrade, que usa *short* ou a parra dos inocentes do Leblon. E há também uma turma que não sai de casa de medo do comunismo". Dessas várias vozes não há como se deduzir

um rumo ou uma tendência. E conclui, afinal, "é o panorama que destrinçarei para o *Correio da Manhã*", tarefa a que se propõe como correspondente paulistano do jornal carioca. O painel traçado por Oswald é bastante amplo e complexo e pretende dar conta da vida cultural e política em suas múltiplas manifestações, para um público de leitores estranhos à intimidade com as coisas da cidade.

Por outro lado, a conivência e a familiaridade do cronista com os segredos da "necrópole" paulistana datavam de muito tempo atrás, desde os tempos do foca de "Teatros e Salões", do *Correio Paulistano*, quando vivia na intimidade das *troupes* teatrais estrangeiras que nos visitavam, dos espetáculos nacionais de variedades, dos começos dos cinemas e da resistência dos velhos circos. Logo depois, *O Pirralho* vai aprofundar a vivência jornalística e humorística da intimidade da cidade poliglota e multiracial, "quatrocentona" e arrivista, alinhando-se à campanha civilista da elite paulistana contra o governo Hermes da Fonseca. Mais tarde, *Papel e Tinta* vai ilustrar a produção literária dos modernistas metropolitanos, embora ainda guarde a marca de um certo academismo afrancesado e provinciano. Por fim, *O Homem do Povo*, panfleto político-literário dos anos 30, lembrava o humor da caricatura política da revista *O Pirralho*, na linha de frente da luta antifascista. O Telefonema fecha a longa carreira jornalística de Oswald como colaborador na grande imprensa. A coluna do *Correio da Manhã* mostra a experiência do escritor, como combatente e humorista. Oswald é um tarimbado jornalista-escritor, como na melhor tradição anglo-americana moderna, notadamente dos "exilados" americanos da "geração perdida" de Hemingway, nos quais, ele admirava o espírito de aventura pessoal, intelectual e viajante, como em Waldo Frank ou Dos Passos, com quem conviveu em Montparnasse depois de 1920.⁷ De certo modo, o cronista de Telefonema faz a reportagem para os leitores cariocas, como quem escreve um diário de bordo. As anotações dão, ao mesmo tempo, a visada em trânsito do forasteiro e o olhar caseiro e até bairrista do morador. O ponto de vista simultâneo por fora e por dentro da cidade propicia o deslocamento do humor; a anedota encontra aqui o seu lugar, ao contar para o carioca como é a vida em São Paulo.

A cor local americana da crônica paulistana de Oswald de Andrade é adequada ao perfil liberal do *Correio da Manhã*, no período no qual a série do Telefonema é editada. A coluna breve

⁷ ANDRADE, Oswald de. *Telefonema*. "Palavras de Apresentação", 18 no., 1946.

e descontínua do *Correio* é contemporânea à escrita cinética da trilogia do *Marco Zero*, sobre o qual Oswald assinalava, já em 1939¹⁸, a afinidade com a técnica fragmentária do romance social de Dos Passos. O romance *Chão* procurava desenhar o panorama da vida social em São Paulo, por meio do arranjo dos fragmentos de descrições realistas, articuladas na narrativa pelo traçado de um grande mural em mosaico. A noção de realismo social do romance de Oswald de Andrade da década de 40 alinhava-se ao que ele chamava de "literatura afirmativa", socialista como em Gladkov, ou à literatura ocidental progressista, como em Dos Passos, à qual se filiava, de certo modo, a narrativa serial de *Telefonema*. Muito embora, o "mito" da série se inscreva no fluxo do tempo e jamais totalize a forma do "romance", mas se apresente afinal como um conjunto organizado, ao qual designamos como "crônica". O sentimento americano que anima a crônica encontra-se na vida social brasileira, sob a forma da simpatia americana pelo processo de democratização do país, a partir de 1944, e na prática política da frente nacional antifascista, no Brasil, no fim da guerra e na duração da paz, no pós-guerra, de aliança com a democracia americana.

Oswald de Andrade não é um analista político nem um crítico da cultura; o cronista não é um especialista; a sua matéria exprime a opinião pessoal do escritor sobre os assuntos do momento. Acontece que, ao tempo do *Telefonema*, a política ocupa um lugar privilegiado no discurso dos agentes, isto é, dos protagonistas da ação dos movimentos sociais, os políticos, os sindicalistas, os trabalhadores, e os outros, isto é, os intelectuais, os escritores, os jornalistas, os artistas, os estudantes etc. Ao final da guerra, depois da vitória de Stalingrado, o prestígio da União Soviética em todo o mundo, a fé no socialismo, a aliança com a democracia ocidental no pós-guerra, tudo isso abria uma perspectiva de liberdade jamais sonhada, depois da carnificina da guerra mundial contra o nazismo. Havia, até mesmo, uma expectativa do tipo messiânico de salvação universal, a qual se infiltrava como uma espécie de utopia nas frentes de libertação nacionais no coração do comunismo europeu.¹⁹ A viabilidade da paz e a virtualidade da convivência da Revolução Soviética, com o socialismo

¹⁸ ANDRADE, Oswald de – A posição do século, "De Literatura", *Meio Dia*, Rio de Janeiro, 20 mar., 1939 (pesquisa da autora)

¹⁹ SPRIANO, Paolo – "O movimento comunista entre a guerra e o pós-guerra: 1938-1947", in *História do marxismo* – O marxismo na época da Terceira Internacional: de Gramsci à crise do stalinismo. Org. Hobsbawm, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987, p.166

sob diferentes formas, entre 1945 e 1946, de acordo com as condições específicas de cada país, penetravam a fundo na consciência das massas, recém-saídas da guerra em escala mundial, não só no comunismo europeu, mas também no Oriente, na África e em alguns países latino-americanos, como em Cuba²⁰. ao contrário do PCB, o qual a partir de sua reorganização pela Comissão Nacional de Organização Provisória (CNOP) seguiu sempre de perto a orientação soviética. O jornalismo de Telefonema exprime bem o clima da esperança messiânica do comunismo utópico dos partidos nacionais estrangeiros, vivido após a dissolução do Comintern, ainda em 1943, mas logo contrariado pelo ressurgimento do Cominform, em 1948, sob a hegemonia do Partido Comunista Soviético. A criação mitopoética do Telefonema brota do solo utópico do movimento comunista saído do massacre da guerra e aberto aos caminhos nacionais para o socialismo. Ou melhor, a "contra-utopia" de Telefonema é fruto da perspicácia da ironia, fundada na desilusão de Oswald, com a estratégia seguida por Prestes, de recusa da via nacional para o socialismo, sob a orientação da política externa soviética.

A RUPTURA COM O PCB

O rompimento com o PCB é o momento dramático do Telefonema. Os episódios da ruptura relatados no *Correio*, se espalham como uma espécie de escândalo, através de entrevistas e depoimentos do escritor a outros periódicos. A cisão acontece logo depois da Anistia, quando o secretário geral, Carlos Prestes, escolhido na clandestinidade, é integrado ao Comitê Central, já na legalidade. A cisão de Oswald de Andrade em meio à euforia da Anistia e da legalidade do PCB exprime a divergência do "grupo paulista" com respeito à formação do novo Comitê Central e à liderança prestista, articulada pela CNOP, no Rio de Janeiro.²¹

A dissidência do Comitê Regional Paulista com respeito ao Comitê Central refletia o clima político-cultural de esquerda da cidade, na prática frentista pelas conquistas democráticas, a partir de 1942, na resistência informal, a qual reunia, além do movimento operário, nas greves de 1944 e 1945, estudantes, intelectuais e

²⁰ TUTINO, Saverio - *L'Ottobre Cubano* - Lineamento di una storia della rivoluzione castrista. Piccola Biblioteca Einaudi, p.161 e sg.s

²¹ BASBAUM, Leoncio - *Uma vida em seis tempos*, (memórias), São Paulo, Alfa-Omega, 1976, p.191

profissionais de diversas tendências. Em depoimento²², Paulo Emílio Salles Gomes refere-se à aliança entre liberais e as esquerdas na Frente de Resistência, antes da formação dos diversos partidos políticos em 1945. De acordo com Paulo Emílio, na "frente", os liberais "achavam sinceramente – e eu acredito que eram sinceros – que eram também de 'esquerda'. Acontece que a nossa esquerda também aparecia com ares muito liberais, não se identificava, naquela época, como um movimento de ideologia definida. Isso tudo resultava numa ambigüidade muito grande: os liberais se consideravam de esquerda e os esquerdistas se consideravam liberais..."²³. Logo depois, os liberais rumam para a UDN e os esquerdistas para o PCB ou para os grupos socialistas. O único elo que os unia, segundo ele, era a luta contra a ditadura, porque, ao reivindicar as liberdades democráticas, os conteúdos diferiam. Pois, para as esquerdas, a democracia significava anistia completa, mas também liberdade sindical, direito de greve etc. A diferença entre esquerdistas e liberais consistia em que os últimos eram contra a ditadura, mas não contra o capitalismo, ao contrário dos primeiros, de acordo com o depoimento citado. A união das esquerdas com as oposições conservadoras liberais dura o breve momento, que vai dos entendimentos para a formação da UDN, até a sua atuação já como partido constituído, na cassação do registro do PCB e dos mandatos dos deputados comunistas, já no governo Dutra.

Por outro lado, a reconstituição da dissidência comunista em São Paulo e de suas posições divergentes ainda não foi exaustivamente levantada e estudada, muito embora se encontrem referências aos grupos dissidentes nas memórias de militantes e nos estudos sobre o assunto. Além da atuação dos indivíduos isolados e de alguns grupos destacados, assinalados por Moisés Vinhas e por Leônio Basbaum nas suas memórias, para os fins deste nosso estudo interessa sobretudo o grupo constituído por intelectuais de renome, entre os quais destacavam-se Caio Prado Júnior, Mário Schemberg, Tito Batini, Germinal Feijó, e outros, do assim chamado "grupo paulista". A Editora Brasiliense, dirigida por Caio Prado Júnior e Artur Neves, à qual Oswald se refere em "De nossa litera-

²² LOUREIRO, Isabel Maria – *Vanguarda Socialista (1945-1948)* - Um episódio de ecletismo na história do marxismo brasileiro – Dissertação de Mestrado, FFLCH/USP, São Paulo, 1984, mimeo, p.200, in BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita – ob. cit. p.97-98

²³ BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita – "Paulo Emílio: o intelectual e a política na redemocratização de 1945", *Revista de Cultura Contemporânea*, São Paulo, CEDEC – Paz e Terra, janeiro de 1979, p.95, citado em LOUREIRO, Isabel Maria – *Vanguarda Socialista*, ob. cit. p.200

tura", de 3 de maio de 1944, e da qual também faziam parte Hermes Lima e a sra. Maria José Dupré, mencionados em "A Editora Brasiliense", de 23 de abril de 1944, reunia os intelectuais comunistas e de esquerda. Na redação do *Hoje*, dirigida por Caio Prado Júnior e por Nabor Caires de Brito, que funcionava nos fundos da Brasiliense, Elias Chaves Neto registra em suas memórias a presença nas reuniões da editora, além de artistas, escritores e intelectuais, de alguns velhos combatentes da Aliança Nacional Libertadora de 1935, ao lado de membros do Comitê Regional, como Milton Caires de Brito, dirigente do Comitê Estadual, além dos intelectuais do partido, como Mário Schemberg e Jorge Amado.²⁴

Em 1944, o já mencionado "grupo paulista" de dissidentes do PCB procurou estabelecer contatos políticos com os socialistas independentes, com vistas à formação de uma frente nacional. Refiro-me a Caio Prado Júnior, Mário Schemberg, Artur Neves etc., que se aproximaram de Antônio Cândido de Mello e Souza, Antônio Costa Correia, Paulo Emílio Salles Gomes, Paulo Zingg, Wilson Rahal, Germinal Feijó etc. Oswald de Andrade, rompido com a CNOP, parece mostrar afinidades com este grupo em suas crônicas políticas. A perplexidade do colunista de *Telefonema* exprime as inquietações de muitos comunistas, diante da política de "União Nacional", com Vargas, no apogeu do movimento popular a favor das liberdades democráticas e no declínio do poder do ditador, isolado das massas antifascistas, no que pese o "aceno para as massas" do final do regime. Mal informado, Oswald declara sua oposição a Prestes e sua fidelidade a Stálin. Pois acreditava sinceramente que o PCB não havia compreendido bem as diretrizes da política externa do PCUS, depois da dissolução do Comintern. De modo que o partido, ao apoiar o esforço de guerra do governo e a "União Nacional" com Vargas, sob a hegemonia do PCB, excluía da "frente nacional" a oposição liberal e as esquerdas. Na crônica "O primeiro fuzilado", de 29 de novembro de 1945, Oswald denuncia o oportunismo da CNOP ao lançar Yedo Fiúza como candidato do PCB às eleições presidenciais, após a deposição de Vargas. A seguir, parodiando o chavão anticomunista das execuções sumárias revolucionárias, comenta que, se a revolução bolchevique brasileira desse certo, Yedo Fiúza seria o primeiro fuzilado a figurar na lista do expurgo obreirista do partido. Em "Câmara Ardente", de 10 de fevereiro de 1946, comenta o luto pela votação pela Constituinte da nova Carta. A

²⁴ CHAVES NETO, Elias. *Minha vida e as lutas de meu tempo*, ob. cit. pp.s 74-77

Carta é a morte da tradição democrática brasileira, afirma o cronista. A sustentação oferecida pelos comunistas brasileiros às instituições de um regime ditatorial em desagregação não apresentava com clareza uma análise da conjuntura nacional. O movimento de massas antifascista parecia disponível para assegurar a derrocada do aparelho político-burocrático do Estado Novo, com o respaldo da conjuntura internacional do pósguerra. O apoio à ditadura parecia um desatino, no momento em que, os brasileiros lutavam por eleições livres e por uma Constituinte liberal.

O conflito de Oswald de Andrade com a direção prestista do PCB reflete a compreensão de frente ampla de "União Nacional", praticada nas condições específicas da luta pelas liberdades democráticas em São Paulo, a qual incluía também setores ligados à velha oligarquia alijada do poder, com a revolução de 30. Para Oswald, sintonizado com a esquerda paulista, a "união" é uma forma ampla de organização, na qual a democracia não colide com o socialismo. Em "Palavras a Prestes", de 16 de maio de 1946, o colunista comenta que Prestes conseguiu baixar o tom da Anistia por causa do trotskismo, que se infiltrou nas fileiras do partido. E prossegue, o Acordo Internacional de Teerã anuncia uma possibilidade de síntese entre as democracias liberais do Ocidente e os países socialistas. A ela aderiu desde logo uma parte do clero, os dominicanos, que, acompanhando a visão de Jacques Maritain, aceitavam um armistício com o comunismo. No entanto, a bomba atômica americana levantou a cabeça bonapartista da Rússia. Hoje debatem-se na URSS a linha pacifista e o trotskismo. O trotskismo ou o sectarismo de esquerda é para Oswald de Andrade o responsável pelo desvio da linha do PCB, sob a direção de Prestes, de apoio a Vargas, contra a interpretação stalinista da estratégia da "luta pela paz" da política externa do PCUS.

A expectativa da convivência pacífica no pós guerra imediato, no breve período de 1945 a 1947, não diz respeito somente à democratização da sociedade brasileira com suas contradições, mas à esperança de uma abertura à expressão da diversidade democrática dentro do campo comunista. O socialismo exprime o futuro dos povos na situação aberta pelas massas que lutaram nas frentes nacionais populares e nas guerras de libertação. A socialização da produção é um tema que interessa a socialistas e liberais. Mas logo depois, a forma de unidade realizada nos comitês de libertação, bem como as teses das vias nacionais para o socialismo malogram ainda em 1946, na reconstrução dos países europeus devastados pela guerra. Na França, como na Itália, a contenção da guerra civil

no âmbito do Estado burguês para evitar o confronto com as potências aliadas, detém o avanço da esquerda e solapa a "revolução européia", em obediência às diretivas da diplomacia soviética.²⁵

No Brasil, a diretiva estalinista de atuar dentro dos marcos do Estado orienta a atuação parlamentar do PCB na legalidade. A perspectiva do socialismo e da luta de classes desaparece na prática da política de "União Nacional" e do projeto de formação de um grande partido de massas. Por outro lado, a posição anti-soviética é muito forte entre os socialistas brasileiros, que não têm penetração no campo operário, ao contrário da social-democracia européia. Desse modo, a união entre as esquerdas dura apenas o breve intervalo da Anistia. A virtualidade de uma prática da união orgânica dos comunistas com os socialistas em São Paulo também falha pela falta de coesão ideológica entre os vários grupos socialistas. O "Diálogo da confusão contemporânea", de 16 de abril de 1946, comenta as dificuldades de organização dos socialistas. O cronista afirma que a tentativa de transformar a Esquerda Democrática em Partido Socialista foi frustrada pela oposição católica à ideia de socialismo. No entanto, o programa do socialismo atraíria o eleitorado de esquerda não comprometido com o Partido Trabalhista Brasileiro ou o Partido Comunista do Brasil para o Partido Socialista. Para terminar, opina que, no Brasil, ir contra o *status quo* já é socialismo. Dessa forma, o decreto de Dutra contra os lucros excessivos e socialismo, assim como são socialistas o Partido Social Democrata, a ala avançada da União Democrática Nacional, a esquerda e o Partido Comunista do Brasil. Em "O gostoso da ditadura", de 28 de abril de 1946, declara que só a esquerda socialista poderá salvar o Brasil da guerra civil, resultado da luta de classes.

O PACIFISMO DE OSWALD DE ANDRADE

O pacifismo de Oswald de Andrade tem origem nas teses do líder do Partido Comunista norte-americano Earl Browder. No registro do Telefonema, Oswald toma conhecimento das teses americanistas de Browder através da leitura do seu livro *Teerã*, o qual se propõe a traduzir e prefaciar, conforme anuncia em "Do Ceará", de 9 de março de 1946. Logo depois noticia a expulsão de Browder da direção do Partido Comunista americano, em "A expulsão de

²⁵ CLAUDIN, Fernando – *A crise do movimento comunista*, São Paulo, Global, 1985, vol 2 – O apogeu do Stalinismo – I-Revolução e esteras de influência, pp.s 338-403

Browder", de 19 de fevereiro de 1946, no qual exprime a esperança da reconciliação entre Stálin e Browder, por ocasião da visita deste último a Moscou. Mais adiante, na série do Telefonema, ao rememorar as condições da reorganização legal do PCB em 1945, lamenta o obreirismo da CNOP, o qual afastou os intelectuais dissidentes do partido, de acordo com "Por que deixei o Partido Comunista", de 1º de fevereiro de 1947. Nesse retrospecto, Oswald afirma, que a cisão entre os comunistas que aceitavam a adesão oportunista a Vargas e os que apoiavam o Brigadeiro era evidente. Mas explica, a intenção não era compor com o Brigadeiro, porém aceitar a dissolução da III Internacional e a política de Stálin e de Browder. No entanto, a direção do PCB resolveu voltar às posições polêmicas de 1917 e ao sectarismo bolchevista.

Ao apoiar extemporaneamente as teses de Earl Browder, Oswald não estava aderindo com muito atraso ao grupo dos "liquidacionistas", liderados por Fernando de Lacerda, o qual teve certa expressão ao tempo da luta interna pela reorganização do PCB. Por outro lado, não há em todo Telefonema qualquer menção à entrevista de Fernando de Lacerda a *Diretrizes*, de 27 de maio de 1943, na qual este declarava seu apoio e expunha as idéias do líder americano sobre o fechamento dos partidos comunistas nacionais. Os liquidacionistas foram expulsos ou integraram-se à nova direção do partido. O motivo pelo qual Oswald deixou o partido não foi o apoio a Fernando de Lacerda, mas, conforme explica, em "Por que deixei o Partido Comunista", já citado, por razões de ordem pessoal e ideológica. A ruptura dizia respeito à "vigilância de classe", que o sr. Benedito Costa Neto exercia sobre ele, Oswald, de acordo com Pedro Pomar, ao tempo em que o cronista mantinha contato para o partido com o ex-interventor Fernando Costa, por ocasião da Anistia, em 1945. Além disso, denuncia o sectarismo do partido, o qual mandava que os seus membros rompessem relações com os trotskistas, mesmo que fossem parentes ou amigos. Mas existiram também as razões ideológicas, que diziam respeito à adesão de Prestes ao ditador Vargas. Oswald diz, por fim, que, já eram conhecidas as cartas de Prestes a Fournier, nas quais declarava sua adesão de princípio à tese do "ditador realizado".

Mais do que um eventual contato com remanescentes do grupo de Fernando de Lacerda, foi a leitura do livro *Teerã* que constituiu a base do pensamento político-ideológico de Oswald de Andrade, entre 1946 e 1947. De acordo com Antonio Cândido, o livro de Earl Browder teve pouca circulação em São Paulo entre as

esquerdas e interessou a pouca gente. Oswald estava muito só na sua "Frente". No comício da Praça da Sé, apenas Oswald e seu filho Nonê falaram em nome da "Frente". As idéias americanistas de Browder defendidas por Oswald de Andrade tiveram bem pouca repercussão fora das linhas do Telefonema. A partir de 1948, a divisão em dois campos opostos, na Guerra Fria, derruba as teses de *Teerã*, conforme "A Mr. Truman", de 6 de setembro de 1947, no qual lamenta que o caminho apontado por Browder tenha sido rejeitado, e prossegue afirmando que o mundo se organiza para uma nova guerra e já se delineiam os grupos que vão se defrontar. De um lado, a Rússia, "granítica e sibilina" e temerosa; do outro, as democracias ocidentais. As palavras de Truman, na Conferência de Quitandinha, a respeito do plano de ajuda econômica aos países necessitados da Europa e da América, seguidas de atos, conseguirão, talvez, afastar a ameaça de mais uma guerra.

Mas, por esse tempo, a penetração americana ainda não é contestada em termos de confronto ideológico pelas esquerdas, conforme "Do imperialismo amável", de 25 de setembro de 1948, "Estamos na vertente democrática, dizia-me um filósofo de rua, que por coincidência é ao mesmo tempo a vertente da bomba atômica e a de Papai Noel". Os escritores e intelectuais brasileiros acolhem o pensamento liberal e a esquerda americana, que chegam ao Brasil em missão cultural, entre 1944 e 1947, como o chileno Torres Rioseco, professor da Universidade da Califórnia, que vem ao país estudar nossa literatura, durante um ano, através da Fundação Rockefeller, de acordo com "Torres Rioseco", de 7 de maio de 1944. Ou o professor Boris Stanfield, da Universidade de Columbia, conforme "Da atualidade", de 2 de setembro de 1949. Ou Samuel Putnam, citado em "O brasileiro Putnam", de 27 de agosto de 1946, professor da Universidade de Filadelfia, que vem dar conferências na Casa Roosevelt, e outros, como Lee Hamilton, professor de literatura brasileira da Universidade do Texas, na agitação que precede a Conferência de Quitandinha, explica o cronista, em "Amigos silenciosos do Brasil", de 13 de agosto de 1947. Oswald refere-se ainda às visitas de intelectuais e de escritores europeus ao Brasil, depois de mencionar a presença de Gurvitch, em "Gurvitch", de 16 de novembro de 1947, que cita o americano Kardiner "cujas idéias rocam as da Antropofagia". Em "Intercâmbio literário", de 3 de julho de 1949, Oswald anuncia as visitas de John Lehman, crítico e poeta inglês e de Albert Camus, e refere-se à recusa de Sartre em visitar a América Latina, por causa da censura peronista. O cronista queixa-se das rixas dos

brasileiros na disputa das atenções dos visitantes, das intrigas de Marques Rabelo e da monopolização pela diplomacia nas visitas oficiais, dos *brazilianists* e dos europeus.

As simpatias americanas de Oswald extrapolam o campo da cultura e têm o fundamento político no apoio da diplomacia americana nas lutas pelas liberdades democráticas, desde o final da guerra até a deposição de Vargas. No que diz respeito à esquerda, a "União Nacional" e a Campanha da Petrobrás em 1946 ainda não põem em questão a cooperação americana em defesa da paz. O caráter imperialista da democracia americana só vai ser recolocado pelo PCB a partir do "Manifesto de Agosto", de 1950. Os acordos militares americano-brasileiros e a penetração do capital monopolista americano só serão contestados de modo sistemático pelo PCB depois de 1950.

AS ELEIÇÕES DE 1950

As eleições presidenciais de 1950 reabrem as questões de princípios dos anos 40, a respeito da oposição democrática aos remanescentes da ditadura, com a reposição das candidaturas de Vargas e do Brigadeiro, no contexto modificado pela Guerra Fria, da oposição de dois campos distintos. A situação internacional projeta-se na análise do momento político brasileiro, nos limites da democracia formal constituída nos anos 40. A tensão de guerra eliminou a virtualidade então existente da pluralidade das "vias" para o socialismo e da coexistência entre as potências ocidentais e o bloco soviético. Por outro lado, o "Manifesto de Agosto" do PCB explica o caráter imperialista do capitalismo. Nesse momento, Oswald ataca o bolchevismo dos comunistas brasileiros e toma partido contra Vargas, a favor do brigadeiro. O antiprestismo do escritor evolui para o anticomunismo, no que o aproxima da oposição conservadora-liberal da UDN, a partir de 1947, sem jamais declarar-se militante ou simpatizante da UDN ou das esquerdas.

Na série dos "Bate-papo", curiosamente declara-se contra a manutenção das elites no poder, mostrando uma ambígua tolerância com respeito à ascensão do populismo na política brasileira. Oswald faz alguns prognósticos políticos bastante irônicos, que evidenciam a complexidade do momento, anterior às eleições nos Estados e para a Presidência. Em "Bate-papo 2", de 26 de junho de 1949, declara que o governo Dutra liquidou as ilusões dos liberais. Mas, vaticina, equivocado, que o próximo será forte, seja civil

ou militar. A política de deflação de Dutra fracassou. Mais uma vez vaticina errado, declarando que o povo fará a revolução pelo voto, derrotando a velha elite política. No "Bate-papo 3", de 10 de julho de 1949, opina sobre a ascensão do populismo, a respeito de Ademar de Barros, em São Paulo. A aprovação da lei sobre a continuidade dos governos estaduais foi feita para conter a demagogia, isto é, a política de massas, o populismo. A nova fórmula encontrada para substituir a intervenção nos Estados foi a legalização do golpe de Estado, para impedir as eleições. Como no Império, quando o Parlamento se assentava sobre uma estrutura escravocrata, a elite do poder atual se mantém no poder, alijando a ascensão das massas. A "demagogia" na América Latina é a forma natural da democracia, comenta o cronista. Oswald parece aceitar o populismo de direita, embora faça críticas mordazes ao governo Ademar de Barros, em 1953. Em "Popularidade", de 18 de dezembro de 1953, escreve que a palavra recuperação entrou em pauta. Os cofres do Estado ficaram de tanga, devido à rouba-lheira de Ademar. Para finalizar, noticia que a homenagem ao governador Garcez atraiu uma multidão ao Pacaembu, e ironiza: "alguém comentou que até parecia comício do Ademar".

Oswald de Andrade aplaude o governo udenista de Café Filho, porém manteve-se como um observador silencioso a respeito dos acontecimentos dramáticos do governo Vargas, os quais culminaram no suicídio do presidente. Telefonema não registra nenhum episódio do ruidoso "mar de lama", agitado pela campanha difamatória e golpista desencadeada pela imprensa contra o governo Vargas pela UDN. Em "O caos", de 14 de setembro de 1954, comenta que a ditadura é sempre letargia. O amortecimento da vida política durante a ditadura resultou num processo lento de amadurecimento do exercício da vida política nacional. Pagamos caro pela experiência. O cronista espera que o país retome os caminhos normais da evolução social e política no governo de Café Filho. A série do Telefonema é interrompida pela morte do escritor. A crônica "A inteligência no Catete", datada de 23 de outubro de 1954, é a última escrita por Oswald de Andrade.

AS LEITURAS FILOSÓFICAS DE OSWALD DE ANDRADE

Da utopia do pós-guerra de um mundo libertado das ideologias à política de liquidação dos partidos comunistas mundiais preconizada por Browder, ao interpretar como fato a retórica da disso-

lução da III Internacional, por Stálin, em 1943, o pensamento de Oswald de Andrade passa para a crítica das "salvações messiânicas". O existencialismo sartriano assimilado pelo cronista, em *O Ser e o Nada*, livro que possuía e tinha todo anotado à margem, expressa a inquietação perante o absurdo e o desafio do absoluto, como forma de ação. Oswald de Andrade jamais fez a autocritica do seu stalinismo pacifista. O anticomunismo do escritor evolui para a contestação do "homem rebelde", de Camus, respaldado nas leituras da metafísica e do existencialismo francês, como uma "terceira frente", que se opõe "tanto ao ursa soviético como ao tamanduá yankee". ("Recomeçar", 23 de janeiro de 1952). A partir de 1947, Telefonema evidencia as leituras filosóficas de Oswald de Andrade. "Do Existencialismo", de 4 de outubro de 1947, mostra a apropriação dos metafísicos e dos existencialistas, na referência a Jaspers, Kierkegaard e Nietzsche. O estudo da filosofia, entretanto, não afasta o escritor das suas raízes antropofágicas, como evidencia o Telefonema "Por uma recuperação nacional", de 6 de junho de 1947, no qual o cronista, depois de referir-se à irrupção do irracionalismo de Kierkegaard e de Bergson, e do Existencialismo em nosso meio intelectual, defende uma volta às origens primitivistas do pensamento nacional. A Antropofagia filosófica assimila a metafísica bem como o Existencialismo na formulação dos seus aforismos. O Existencialismo é a filosofia do pós-guerra na França da Libertação: *O Ser e o Nada* é de 1943, e *O Existencialismo é um Humanismo* data de 1946. O ensaísta da Antropofagia filosófica é um autodidata em filosofia e acabou se inscrevendo para o concurso da cadeira de Filosofia da Universidade de São Paulo, com a *Crise da Filosofia Messiânica*, mas é recusado, com outros, por não possuir grau acadêmico específico.

No jornalismo, a filosofia inscreve-se na urdidura da trama do Telefonema, evidenciando o aspecto absurdo das situações engendradas. Ao fim das contas, o suporte da ironia do Telefonema é a noção de angústia ou de náusea, provocada pelo arbítrio do livre compromisso. Vista por esse prisma, a crônica de circunstância exprime uma intenção especulativa, neste "pórtico confuso do mundo novo", no qual se faz "filosofia no jornal e política nas paredes" ("Civilização", 12 de agosto de 1947). O escritor interroga o presente em curso para extrair dele uma verdade, que é sempre paradoxal, diante do Absoluto. O sentimento do nada exprime o vazio de sentido do cotidiano vivido pelo cronista, a partir de 1947, 1948. Na trama do Telefonema, o motivo da escolha política de Prestes tematiza a idéia da liberdade

existencial. A escolha do "candidato da ditadura", Getúlio Vargas, mais do que evidenciar um erro histórico do PCB, exprime para o cronista o vazio da consciência dos sujeitos engajados no drama da redemocratização. A necessidade do materialismo histórico não explica a decisão de Prestes. A opção do PCB nega a ideia da existência de acordo com a liberdade, reclamada pela situação de abertura política do pós-guerra.

A escolha arbitrária de Prestes exemplifica o absurdo existencial. Mas a visão do nada se desloca, no *Telefonema*, para uma representação alegórica da Escatologia Messiânica, como metáfora da impossibilidade de gerar o mundo novo, saído das entranhas da guerra. As imagens dos destroços do sistema social utópico concentram toda a força de criação das metaforas, a respeito do messianismo despossuído, pela inviabilidade do socialismo. O fundamento das metaforas de *Telefonema* é a substituição do Nada pelo Caos. A prosa da crônica vai recolher as figuras da desestruturação utópica no repertório das metáforas correntes da linguagem cotidiana, nos provérbios, e no jargão político dos jornais. Desse modo, o "Cavaleiro da Esperança", Carlos Prestes, é investido como personagem da cena filosófica, mas, apeado do prestígio das histórias da salvação, nas quais ninguém mais acredita depois da explosão da bomba atômica americana, a qual levantou a cabeça da "Russia bonapartista". O *Telefonema* não é mais capaz de escrever a saga da Revolução brasileira. A criação do Cominform sob a hegemonia da diplomacia da União Soviética e a declaração da Guerra Fria pela política externa dos Estados Unidos modificaram a conjuntura mundial do pos-guerra, de aliança entre o comunismo e a democracia ocidental. Em "Recomeçar", Oswald de Andrade comenta: "Hoje, os imperialismos mudam de paralelo e de consciência. Não são mais comunidades gulosas que se enfrentam, e sim concepções do mundo". Ao final do "Diário Confessional", de 2 de dezembro de 1949, sentencia: "Enquanto não se esfacelar em sangue a espinha dorsal das certezas messiânicas, sob o aspecto do salvacionismo ou do "melhor dos mundos", pagaremos caro nossas infantis ilusões, nossa crença e nosso amor. E seremos devorados na dialética do absurdo".

A ironia filosófica e a perspectiva dominante da sátira do *Telefonema*. A composição da trama fragmentada da crônica revela a afinidade com a noção kierkegaardiana do método irônico do diálogo socrático. O diálogo "dramático" põe em cena apenas dois interlocutores principais, concentrados em torno do objeto do exame, como na conversação. No *Telefonema*, o assunto da

conversa entrecortada pelas réplicas breves do protagonista pode ser a probabilidade de um golpe de Estado, as eleições presidenciais ou as alianças políticas. O método irônico de construção do diálogo consiste em interrogar a partir de um ponto qualquer, para a seguir arrancar a questão das contingências concretas, por meio da abstração cada vez mais apertada, até chegar ao âmago do problema, esvaziando-o do seu conteúdo. O Oswald "socrático" descasca o fruto até sugar a polpa e deixar apenas o vazio, no qual consiste a ironia. O diálogo de "Notícias da província eleitoral", de 4 de setembro de 1950, começa pela interjeição profunda pelo interlocutor anônimo:

“– Não é possível. Vá para o inferno!”

O protagonista argumenta sobre as alianças políticas com vistas às eleições presidenciais, com os números dos dados do *Diário Oficial* dos resultados das eleições de legenda partidária para deputados. O interlocutor retruca, lembrando que para senador o PTB venceu. Ao que o protagonista replica, denunciando a influência de Getúlio no resultado da votação no Senado, e vaticina sobre a debilidade atual de Vargas nas eleições de 1950, por causa da oposição de Getúlio ao capital estrangeiro, o qual “dá as cartas” na política nacional. Ao que o interlocutor responde, que “isso foi em 1930”. Mas o protagonista, rápido na réplica, acusa o capital “mais colonizador” de continuar a dar as mesmas cartas há quinze anos. Apanhado na malha fina da ironia, o interlocutor ingênuo responde:

“– Mas o Getúlio não sabia que era o capital mais colonizador. Foi o Prestes que explicou...”

“– Ahn!”

Como vemos, o método irônico consiste em perguntar – não para obter uma resposta plena – mas para confundir.

A ironia é subjetiva e, como tal, a personagem principal é o Autor revelado pela assinatura da crônica, e que aparece mal disfarçado nas marcas, do Enciclopedista do segmento das “Memórias em forma de dicionário”, e na do Filósofo, ou na do Autodidata, que contracena com o “meu amigo filósofo”, o “filósofo amador”, o “filósofo de rua”, ou o “amigo sabido”, entre outros epítetos atribuídos ao interlocutor não nomeado dos diálogos “filosóficos” do Telefonema. O diálogo irônico parte do mal-entendido; por esse motivo a réplica nem sempre está de acordo com o dito, mas num constante refluxo, de acordo com as teses kierkegaardianas. A situação e a réplica remetem sempre à personalidade do autor, que diz sempre alguma coisa diferente do que pensa.

O autor é, desse modo, o suporte do sério-cômico da sátira oswaldiana. O jogo irônico do filósofo leva o diálogo até o ponto de epifania do saber negativo, o trocadilho, ponto no qual o diálogo é interrompido, produzindo o vazio da pergunta sem resposta.

A NARRATIVA DESSACRALIZADA

Mas Telefonema, entre outras coisas, de certo modo faz o processo do modernismo e da utopia. A sátira polêmica oswaldiana vive, inconformada no presente, o futuro já passado do modernismo, e projeta a utopia do futuro do passado pelas frestas dos escombros do pós-guerra, da bomba atômica e da Guerra Fria. Rompido com o Partido Comunista Brasileiro, o escritor vive a contemporaneidade, na década de 1945-1954, desprovido de suas referências, as quais conferiam autoridade à polêmica jornalística dos anos 20-30: o modernismo e o comunismo, referendados pelo movimento do social. Na última década de sua vida, a Antropofagia filosófica no jornal é uma aposta contra o vazio ideológico do presente, para alcançar um outro tempo virtual capaz de preenchê-lo de significação. O sentimento órfico dos últimos dias do escritor é a visão profética de um mundo virtual em gestação. A atualidade da escrita de jornal é transitiva, uma escrita em curso, cuja relação espaço-temporal é definida como negatividade. Oswald escreve Telefonema para defender este saber irônico, e assim, paradoxalmente, fazer o elogio do tempo na crônica. "Somos todos mais ou menos personagens de *O Processo* de Kafka. Não sabemos nunca se quem bate à nossa porta é o vendedor de enceradeira – uma solução de Cocteau – ou, o que é mais certo, o capuzinho que nos vai levar à guilhotina", sustenta o escritor no já mencionado "Diário Confessional". Mas a causa a defender contra o tempo e a virtualidade da utopia antropofágica, a qual sustenta a possibilidade da referência a um tempo real, complexo, porque mobiliza simultaneamente o passado, o presente e o futuro. A sátira, a mistura do sério e do cômico e por fim a possibilidade de manter-se ao telefone, na chamada interurbana para a redação do *Correio*, e debater-se na defesa paradoxal da modernidade e da utopia do socialismo, contra as certezas messiânicas e a favor do absurdo. Tal parece ser o fundamento da descrição do tempo no Telefonema.

Com base neste nada saber irônico, o escritor constrói a trama do Telefonema. Além da política literária, da distribuição dos prêmios, dos concursos, congressos de escritores e de poesia, can-

didaturas às vagas da Academia Brasileira de Letras, da recepção a visitantes estrangeiros, da crítica à plataforma da nova geração etc., a descrição do tempo da miscelânea de Telefonema inclui ainda a discussão do romance social depois de 1930, de fragmentos das teses filosóficas do escritor, e, afinal, a política, como forma de engajamento no cotidiano do movimento da história. A narrativa dos acontecimentos na série do Telefonema apresenta a controvérsia sobre o presente como imitação paródica do julgamento do tempo, na parábola do Juízo Final. O interesse da sátira oswaldiana está no conflito dramático das idéias, até mesmo nos "diálogos narrativos", nos quais intervém uma espécie de narrador testemunha como protagonista, sobressai a figura sério-cômica do Filósofo, no banquete, no simpósio e na ceia. A estilização da disputa dos doutores imita a retórica dos processos, *in modo et figura*, como na questão do processo contra os sorbonículas, movido pelo teólogo Janotus no capítulo XX do *Gargantua*. Assim, no Telefonema, a paródia da "genealogia das idéias" dos jurisconsultos da Velha República e a imitação dos *slogans* das novas "necrópoles" trabalhistas, do mesmo modo que a arenga em latim macarrônico dos teólogos do *Gargantua*, parodiam a sabedoria irônica de Sócrates, comparado aos silenos por Alcebiades, no *Banquete* de Platão, citado por Rabelais no "Prólogo do autor" do *Gargantua*. De acordo com o "Prólogo", apesar dos títulos jocosos das obras, as matérias tratadas nos livros do autor não são tão néscias quanto parecem, mas escondem um saber que é irônico. No caso do Telefonema, o título da crônica sugere a conversão rápida e instantânea, que corresponde ao ditado de uma lauda ou pouco mais. O caráter de texto escrito para ser lido ao telefone explica o dialogismo e a "língua natural e neológica". A estilização do "brasileiro do planalto de Piratininga" comporta o barbarismo, o obscurantismo, como recursos da linguagem paródica rabelaisiana, na qual Oswald exibe sua erudição na paronomásia e no emprego de arcaísmos tão ao seu gosto, como "sestro da velha oratória da propaganda da República. Só falamos como nas óperas", afirma em "De política local", de 30 de novembro de 1946. A trivialidade do texto do jornal não impede, que a matéria discutida tenha interesse político e filosófico, e não apenas episódico.

A sátira do Telefonema parodia a Escritura Sagrada. O cerne da narrativa do mito da salvação é a crônica "A Ceia", de 17 de março de 1948. A crônica é uma fofoca entre amigos: "O meu amigo sabido me puxou para o canto da varanda florida". O diálogo começa de modo abrupto pela refutação das palavras do

“filósofo”, a causa em questão só se dá a conhecer pela inferência na conversação: “— É engano seu. Hoje ninguém mais se enforca por escrúpulos e muito menos vai para a cruz por compromissos ideológicos com o céu....”. A reticência é um elemento de coesão do texto irônico, o qual diz mais ou menos do que as palavras, conforme as implicações da conversa. O diálogo narra a situação política atual como negação da parábola da Última Ceia, a qual profetiza a traição e crucificação de Cristo:

“— A traição anda no ar...

— Mas não anda mais nas ceias.”

A exposição dos fatos finge negar a causa enigmática do adversário para confirmá-la nas entrelinhas:

“— Traição de quem? Quem foi que falou nessa palavra feia?”

Na interpelação bruseca subentende-se a alusão às palavras de Cristo na Santa Ceia:

“— Um de vós me há de trair!...” (*Jo, 13,21*)

No desenvolvimento do diálogo a possibilidade da história da salvação se repetir na atualidade é prejudicada pela repetição da traição, praticada pelos múltiplos sujeitos indeterminados: “fulano, beltrano, sicrano”, que se revezam infinitamente: “Se fulano trair sicrano e beltrano trair fulano, então sicrano arranja com beltrano o meio de trair fulano. E este e sicrano de novo anunciam que vão trair beltrano. E fulano apavorado se alia com beltrano... para trair...” A alegoria da Última Ceia resume a análise da conjuntura política do momento, de alianças entre os partidos, desqualificando-a em sua exemplaridade, pelo uso irônico da palavra “irremediável” como conceito inadequado para definir o presente: “Mas hoje não há mais a palavra irremediável no Brasil”, vitupera o advogado do diabo, que faz suas as palavras do outro para torcê-las. A preterição enfatiza a falta da palavra “irremediável” no vocabulário político do momento, como evidência da impossibilidade de um golpe como solução para a crise política do momento. A ciranda das traições evidencia o oportunismo dos políticos na metáfora dos botes simbólicos das raposas: “As raposas se farejam e dão botes simbólicos que não matam ninguém.” A metáfora do bote simbólico esgota o lugar-comum do jargão político sobre a astúcia dos políticos que trapaceiam para se manter no poder: “Você vai ver dentro de pouco tempo, de braços dados, beltrano, sicrano e fulano, traido fulano, sicrano e beltrano...”. O boato alarmista do amigo sabido e refutado pela perspicácia da elocução. A prática consensual do conluio político evita o confronto direto dos interesses. Na controvérsia figurada, a exposição dos fatos começa pela

imitação da parábola e termina com a fábula de "A raposa e as uvas". A cronografia compõe a imagem do tempo com uma cara animal, a raposa, como metáfora da astúcia do discurso político.

No Telefonema, a descrição do tempo se faz através do debate entre a construção inteligível do mito messiânico e a opacidade do cotidiano em curso. O conjunto das crônicas compõe uma espécie de diário confessional, porém aberto à interferência desorganizadora do cotidiano. A anatomia confere uma forma contingente à série descontínua da prosa de jornal. Cada fragmento datado remete à unidade da série, numa totalização sempre em processo, cujo começo e fim são arbitrários. O Telefonema constitui uma espécie de enciclopédia vazada no tempo. O plano em aberto da "Biblioteca Total" prevê o cruzamento da série literária com a política, como no verbete "O Albatroz", de 12 de março de 1946, no qual a citação literária do poema de Baudelaire e as referências bibliográficas definem a biografia fantástica de Carlos Prestes. Neste diálogo narrativo, o filósofo amador toma a palavra, muito à vontade, tendo ao fundo uma paisagem de telão pintado em roxo do outono chuvoso. A decoração do palco imaginário é um cenário urbano, um apartamento, adequado à intimidade da conversa picante. O monólogo do filósofo esboça uma fisionomia, isto é, um estudo fisionômico que compõe um caráter, através do exame comparativo dos elementos distintos da cabeça e de suas proporções, como nas ilustrações dos volumes de divulgação científica, que serviram de fundamento para os estudos das personagens de Balzac. A divisão das partes do corpo da fisionomia é comparada a outro corpo de doutrina, que atribui valores morais decisivos a uma bossa ou a um nariz adunco, para situar o sujeito dentro ou fora dos parâmetros da normalidade social, como o criminoso ou o otário, na tradição balzaquiana do anti-herói. No texto oswaldiano, a verossimilhança do retrato de Prestes é dada pela alusão à primeira interpretação de Freud sobre o caráter de Hamlet na tragédia de Shakespeare. A análise científica é ilustrada pela desproporção da ave marinha, pousada em terra, na iconografia do poema "O albatroz", de Baudelaire, das *Flores do Mal*. A alusão científica e a citação literária descrevem os atributos tragicônicos da personalidade histórica controvertida de herói da Coluna, como negação do mito do Cavaleiro da Esperança.

O estudo da personalidade política de Prestes é ficcional, mas a evidência da descrição apóia-se na análise da conjuntura política do momento, em 1946, e na memória coletiva ainda viva do homem público, sujeito da história da Revolução brasileira. A descrição do momento é feita pela anedota, que exagera o papel

subalterno representado por Prestes na legalidade, durante o governo do Gal. Dutra. O autor afirma estar certo de que o Gal. Dutra não se recusou a receber o senador Prestes, este é que se afobou e entregou a mensagem trabalhista, de que era o portador, ao primeiro contínuo. A anedota política corrobora a decadência atual do mito salvacionista do Cavaleiro da Esperança, objeto do panegírico do bardo "nazi-baiano" Jorge Amado, no entender do filósofo em sua ofensiva anticomunista. Ao contrário do elogio do *ABC de Carlos Prestes*, de Jorge Amado, a perspicacia do filósofo amador mostra-se na negação de transcrever, no *Telefonema*, a saga cavaleiresca do revolucionário da Coluna, no momento atual. O mito quixotesco do herói anacrônico *sans peur et sans reproche*, em sua crítica do tempo, não coincide com as intenções panegíricas do *ABC* populista, que inscreve a novela popular de cavalaria no contexto político do pós-guerra.

De acordo com o filósofo amador, apeado do prestígio popular na legalidade da Constituinte, a imagem pública de Carlos Prestes lembra os versos de "O albatroz" de Baudelaire:

*A peine les ont-ils déposés sur les planches,
Que ces rois de l'azur, maladroits et bonteux,
Laissent piteusement leurs grandes ailes blanches
Comme des avirons trainer à côté d'eux.*²⁶

A citação compõe o retrato do biografado, tracando a imagem do gigante decadente, espécie de mostro marinho, cujas asas em terra se arrastam como remos. Os epítetos irônicos dos "imperadores do azul", *maladroits et bonteux* contrastam com a referência bibliográfica do Cavaleiro, *sans peur et sans reproche*, no lugar-comum da *figure d'épinal*, como características da personalidade paradoxal de Prestes como um "grande inibido", de acordo com a opinião de Freud sobre Hamlet. Como tal, sentencia o filósofo, Prestes teme o êxito, só se realiza no malogro. A ironia da etopeia é ambivalente, pois conota a esperança e a frustração, na admiração e no desprezo manifestados pelo autor em relação a Prestes. "Você quer vê-lo em pânico – é dar-lhe *chance*. Como a procelaria, só se realiza no topo da tempestade." A comparação irônica evoca na negação o condor à Castro Alves:

²⁶ Na tradução das *Flores do Mal* por Jamil Almansur Haddad, lemos: "E por sobre o convés, mal estendido apenas, O imperador do azul, canhestro e emvergonhado, Asas que enchem de dor, grandes e de alvás pernas, Alas que deixa arrastar como termos ao lado." São Paulo, Max Limonade, 2a. ed. 1985

*Albatroz! Albatroz! águia do oceano,
 Tu, que dormes nas nuvens entre as gazes,
 Sacode as penas, Leviatã do espaço!
 Albatroz! Albatroz! dá-me estas asas...*

O sarcasmo do símile expõe na ironia o despeito do filósofo, quanto à queda do condor, personificado por Prestes, “Desce do espaço imenso, ó águia do oceano”, clama o poeta baiano no poema citado, evocando um eco romântico no Telefonema. Assim como neste outro poema de Castro Alves:

*Adeus, meu canto! É a hora da partida...
 O oceano do povo se encapela.
 Filho da tempestade, irmão do raios,
 Lança teu grito ao vento da procela.*

A procelária evoca a épica romântica abolicionista e revolucionária, psicanalizada na ironia oswaldiana sobre Carlos Prestes. O impacto da ruína deste imaginário romântico da revolução é forte nos fragmentos da coluna do *Correio*.

A causa figurada defendida no Telefonema é confirmada pela apresentação das provas da hesitação hamletiana de Prestes. “Veja como por três vezes ele embatucou na hora de dar dentro.” A seguir, a descrição das provas é dividida em três partes, da seguinte maneira: 1) “Em 1930, foi convidado para comandar o exército da revolução que ia transformar o Brasil. No dia seguinte da vitória, que seria o anão Vargas ao lado do Cavaleiro da Esperança? Mas ele inventou um pretexto ideológico, de caráter irrealista, para ficar sozinho e amargo em Montevidéu.” O relato lembra os moinhos de vento do Cavaleiro da Triste Figura na obstinação visionária da Revolução brasileira, que exprime uma noção arcaica e idealista da história, de acordo com o filósofo amador, em sua crítica da salvação messiânica, na qual torce os fatos na ironia, conforme seu desejo. 2) “Cinco anos depois, tudo lhe cai nas mãos. Está no Rio dirigindo um movimento deflagrado pelo fechamento da Aliança Nacional Libertadora. Uma tropa de escol quer marchar sobre o Rio. O seu comandante está decidido a aderir mas reclama uma ‘berada’ do poder. Ele recusa. – Nunca! Onde ficaria o esquema idealista dum governo internacional? E Ghioldi? E Berger?” O sectarismo internacionalista de Prestes rejeita a tese da revolução nacional burguesa. Ele se isola e, como resultado, “o levante é vencido e a enxovia o engole, por nove anos”. Os auto-

matismos verbais da propaganda comunista stalinista amplificam a eloquência de comício do filósofo amador: "Sai na auréola das armas democráticas onde fulge Stálin". 3) o ataque verbal carrega na hipérbole: "O clima entre os dois comícios – o de São Januário e do Pacaembu – é passional. A burguesia está no osso. Um empurrão o ligará ao brigadeiro Eduardo Gomes, símbolo da lealdade na luta contra a ditadura. Ele diz não. – Não e não!".

Do modo como o filósofo conta a história resume as três fases do mito da salvação: o exílio, o sacrifício e a ressurreição do herói, negado por Prestes. "Que seria o dia seguinte no Catete, nesse mesmo Catete, onde ele comparece hoje alarmado, sem ousar sequer enfrentar amistosamente o presidente Dutra?" Tal como na tragédia de Shakespeare, a destruição de Hamlet decorre do seu caráter. Na interpretação dos fatos históricos pela sátira oswaldiana, o fracasso de Prestes como herói da revolução e consequência de sua *hybris*. A elocução parodia o estilo elevado da tragedia, na representação do sério-cômico, para caracterizar o no dramático da ação do "diálogo narrativo", para depois rebaixá-lo à comicidade pela citação dos abismos amargos baudelairianos, nos quais navega a Constituinte, como o navio sobre o qual o "alado viajor tomba como num limbo". O dialogo termina pela comparação patética de Prestes na Constituinte à solidão ridícula do albatroz no tombadilho:

Exilé sur le sol au milieu des bœufs. Ses ailes de géant l'empêchent de marcher.²⁷

O soneto baudelairiano organiza os elementos disparatados da descrição sério-cômica, emprestando à escrita dispersiva da crônica a unidade de composição do poema, cujo verso final arremata o Telefonema. O simile produz a imagem do monstro marinho, como metalinguagem metafórica da deformação cômica. A controvérsia figurada termina pela apoteose irônica do herói, Carlos Prestes.

Vera Maria Chalmers
22 de dezembro de 1992

²⁷ HADDAD, Jamil Almansur. *As Flores do Mal*, ob. cit.: "Exilado na terra e em meio ao escarcéu,\As asas de gigante impedem-no de andar".

CARA OU COROA?

(De São Paulo) – Depois de um verão irregular com grandes chuvas, calores súbitos, descargas e dias nublados, a manhã azul e limpa parecia perfumada. Foi por causa de um desses dias elísios do planalto que se criou a lenda seiscentista da suavidade perene destes climas. São dias de fato maravilhosos, únicos talvez no Brasil subtropical, parecidos com dias da Costa Azul, mas contam-se meia dúzia de vezes por ano. O que Anchieta queria, parece, ao fundar o Colégio, 390 anos atrás, era mortificar-se no meio da solidão, da neblina e do carrascal. E talvez daí viesse, por herança ou tradição, essa glória da mortificação de que os paulistas abusam mesmo quando suas burras estouram de lucros e sua vida de prazeres. É esse por exemplo, agora, o ambiente excitado com que se foi receber o consolo ideológico de um dos últimos abencerragens do liberalismo econômico, o sr. Eugênio Gudin. A paulistada rica formou em torno do utopista ilustre, e com isso, com a possibilidade de um amanhã melhor, em que os netinhos possam amealhar nas contas dos bancos, cem mil cruzeiros mensais, as velhas harpias e os jovens lobos se esqueceram um pouco da inauguração efetiva do Palácio da Fazenda, em que pela primeira vez na vida tiveram idéia do que fosse o gigante Adamastor d'Os Lusíadas. É pelo menos a imagem ginásiana com que um dos nossos líderes industriais me pinta o ministro Souza Costa.

O bastião da nossa prosperidade, com quem primeiro conversei, mostrava-se desolado. – Onde irá esse dinheiro, fruto do nosso suor? Onde? Não há planificação, não há nada, senão expedientismo e demagogia! Por que não se planifica a economia de guerra?

— Puro Teatro! — comentou logo adiante prestigioso advogado. Você sabe quem foi ao Rio combater o decreto sobre lucros excessivos? Dulcina de Moraes, Apolonia Pinto e Eugênia Câmara! As estrelas mais credenciadas do nosso *cast*. O decreto como saiu é uma palmadinha nas costas, um afago! Representa um aumento de cerca de 3% sobre o imposto de renda. Toda essa cara feia é para esconder a alegria incomensurável dos paulistas ricos, de quem eu sou um humilde servidor. Além disso, lá no meu escritório, já tenho sete fórmulas de blefar o decreto. Por qualquer quinhentos cruzeiros, salvo um tubarão fenicio das garras do fisco socializante.

Um pouco adiante, no turbilhão da pequena *city* paulista, enquadrada pelos edifícios dos bancos, dei de cara com um moço louro do comércio, um grande moço louro.

— Estou triste, meu caro. Eles tocaram no princípio, no princípio liberal da intangibilidade dos lucros. Está aberta a porta. Agora vai tudo, os depósitos dos bancos, tudo... Olhe — terminou — para os homens que fazem livros há ainda um recurso: e o *jeton*¹ da Academia... Eles acabarão vivendo disso. Por que se vê tanta gente querendo vestir o fardão? Não é pela glória, acredite! Eu estou quase disposto a me alfabetizar...

Deixei o meu amigo sem saber com quem ficar. Quem tem razão? Os pessimistas? Os otimistas? Mas o azul do céu fiascava, tomava conta de mim como naqueles tempos da *prosperidade*, quando “o café ia alto como a manhã de arranha-céu”.

1º fev., 1944

RENASCIMENTO DO TEATRO

(De São Paulo) — Quando mais nada se esperava do teatro nacional, estabilizado num atraso teimoso, pelo brilho, capacidade e demais virtudes dos seus dirigentes e profissionais — ei-lo que ressurge numa inesperada forma sob o aspecto de tentativa de um grupo intelectual. Pelo esforço de um dos líderes da *troupe* universitária daqui, o senhor Lourival Gomes Machado, São

¹ *Jeton* — remuneração dos membros da Academia Brasileira de Letras.

Paulo irá em breve conhecer esses ótimos "Comediantes", saídos da matriz fecunda de Álvaro Moreyra e que, com Santa Rosa e Brutus, acabam de dar aí no Municipal a prova multiforme da sua mestria. Não assisti "Vestido de Noiva", de Nelson Rodrigues, a revelação da temporada. Mas conheci-o pessoalmente e quando vejo um modernista preocupado com Shakespeare sinto nele pelo menos um trabalhador que enxerga o seu caminho.

Aqui em São Paulo, alguns cometimentos curiosos se fizeram para reabilitar o teatro. E entre eles, o da *troupe* universitária orientada por Décio de Almeida Prado, com cenas e roupas do pintor Clóvis Graciano. Depois duma e outra fraqueza, os meninos da Universidade tiveram a glória de restaurar o grande teatro português diante dos nossos olhos. Levaram à cena o "Auto da Barca", de Gil Vicente.

Justamente nada mais moderno que essa grande nota de literatura clássica lusa. Tão moderno quanto Shakespeare, dizia Nelson Rodrigues. E nada mais oportuno.

É sem dúvida o caráter de utilidade agradável a grande força do teatro, que um condutor de povos chamou de "a melhor das artes". Quando a isso se liga a oportunidade, obtém-se uma pedagogia completa em algumas horas.

Além de Maeterlinck e de Goldoni – o que aliás é campanha de cultura – "Os Comediantes" deviam tentar pôr em cena uns sujeitos mais próximos de nós – por exemplo Mirbeau, Lorca... Estou certo de que isso virá.

Por enquanto, já é da melhor importância darem-se, bem traduzidas, algumas obras dos velhos mestres da Europa e começar-se a apresentação do teatro moderno do Brasil. São Paulo espera o "Vestido de Noiva", de Nelson Rodrigues.

Sobre o "Auto da Barca", de Gil Vicente, um cronista exaltou, no momento de sua apresentação cênica, no Municipal daqui, a ressurreição de lusitanidade que o espetáculo continha. Expunha precisamente o valor pedagógico e persuasivo que resulta quando o teatro é teatro, é criação e execução, é compositura e ação. Exclamava:

– Estes meninos puseram-me diante dos olhos a presença silenciosa e mágica de Portugal. Que fartura de lições nos traz essa página clássica, onde não é só a pátria lusa que se restaura no seu valor oceânico, mas onde o próprio cristianismo retoma a sua ética fundamental, dantesca e terrível! Portugal é isso, é povo e sempre foi povo! A sua monarquia hamlética, machética, leva-

da dos diabos, regicida e valorosa, inconformada e descobridora, foi povo. Portugal viveu sempre na célula livre do seu municipalismo. Foi isso que trouxe para o planalto paulista a sua inconformação conquistadora e o seu destino pioneiro. Somos portugueses graças a Deus! E portugueses antigos, saídos dessa maravilhosa virilidade satírica e mística do "Auto da Barca".

Possam sempre do esforço de "Os Comediantes", como da *troupe* universitária paulista, resultar esses entusiasmos de contágio. Para isso foi feito o teatro, "a melhor das artes".

2 fev., 1944

BRANCA DE NEVE

(De São Paulo) – Desta vez chama-se Anna Stella, e os sete anões são o teclado. O teclado que ela manda fazer todas as diábruras, conversar de perto com Mozart, cantar no coro dos presbitérios com Bach, enterrar o corpo hierático de Liszt e salvar espetacularmente Villa-Lobos.

Essa pianista menina transforma-se diante dum megatério sonoro. Sai dela, dos seus frageis vinte anos de judia escapada das perseguições milenárias, uma personalidade fulminante de domínio. A sua reação é todo um canto de vitória contra o mundo mau. E as suas vozes são as persuasivas vozes da música.

Houve um acordo absoluto em torno desta verdadeira estréia que foi a exibição, a preços populares, de Anna Stella Schic, no Teatro Municipal de São Paulo, a semana finda. Todo mundo compreendeu que era uma revelação a maneira com que aquele *biscuit* que parecia se quebrar na primeira escala abordou os grandes temas e interpretou os grandes mestres. Mas a dissensão foi enorme diante da execução do programa. Um poeta berava: – Aquilo é Mozart? Um Mozart que esqueceu que vivia no século XVIII! Aquilo saiu moderno. Onde já se viu Mozart longe do país das anquinhas? Pergunte ao Murilo Mendes ou ao Mário de Andrade!

– E Schumann? Gritava outro, com os cabelos despenteados. Um Schumann enxuto, nada romântico. Ao contrário, Bach saiu gostoso demais!

As opiniões se entrechocavam, mas diante de Villa-Lobos todos também concordaram. – Que coisa bonita! E eu que pensava que Villa-Lobos era maluco!

Houve então quem recordasse a Semana de Arte Moderna de 22, onde Villa-Lobos regera, ali mesmo, naquele Teatro Municipal, de casaca impecável, mas com um pé em chinelo. Muita gente pensou que aquilo significava futurismo. Era apenas um calo arruinado.

Essas confusões persistem até hoje em torno do grande compositor brasileiro. Depois do concerto de Anna Stella, num chá de confeitoria, um desembargador tomou os óculos e disse: – Estou encabulado com esse título *Bacchianas brasileiras*. Que quer dizer? Para mim é erro de tipografia. Deve ser baianas, Baianas brasileiras!

Todo mundo riu e um jornalista explicou que era *bacchianas* mesmo, de Baccho... – Então devia ser *bacchantes* logo! – Não. É um neologismo... Não quer dizer nada. – Besteira! É de Bach!

Neologismo é o próprio Villa-Lobos. Conta-se que sobre ele cometeu um erro o velho genial que foi Erik Satie, o animador dos seis, e mestre de Debussy. Houve quem quisesse apresentar Villa-Lobos a Satie, em Paris. E este teria perguntado a idade do músico brasileiro. – Trinta e seis (naquela época). – Não! Só confio em gente menor de dezoito. Satie errou. Teria conhecido o Brasil através da música de Villa-Lobos, que agora Anna Stella, como poucos, coloca no seu cesto de enteada-da-rainha como um fruto maduro.

5 fev., 1944

LA GUERRE EN DENTELLES

(De São Paulo) – O cantor de rádio gesticulou: – Mas será possível confundir o povo italiano com o fascismo? – Será que não se sabe ainda que a guerra italiana não foi feita, porque o povo era contra a guerra?

O homem estava indignado. Tinha perdido as suas funções numa estação da cidade, porque depois de reiterados avisos, lhe

havia chegado a proibição definitiva de cantar. Sua vocação, seu sucesso, toda a sua vida fora a canção napolitana. E agora, haviam implicado com a canção napolitana. Pronto!

A primeira vez que vi a Europa foi através do porto de Nápoles, numa idade em que as emoções fazem chorar. Desde então liguei a paisagem clássica, de suaves colinas, Posilipo, o Vesúvio, Salerno, às canções que meus ouvidos de criança tinham ouvido sempre nos bairros populares de São Paulo, nos seus politeamas e teatros. Aqui, nesta cidade que cresceu muito igual, muito a mesma, as novas camadas nunca perderam a liga sentimental com os povos de sua origem migratória. Deve ser assim em Nova York, onde o Prefeito La Guardia sempre pôs publicamente sua ardente *italianità* a serviço da luta contra o fascismo. Aqui, em São Paulo, por longos anos, vimos muita gente, gente principalmente do povo, ser o melhor exemplo de oposição e calorosa tenacidade contra as seduções e as ameaças do torvo regime totalitário. Enquanto os condes, as famílias da alta, os grandes usufruidores da indústria se orgulhavam de possuir um duplo passaporte, o brasileiro e o italiano, de ter pronta e nova no guarda-roupa uma camisa preta, — o povo mesmo se abrasileirava, cantando o Hino Nacional nas escolas, gostando de Ruy Barbosa e de Tiradentes, no Bras das cantinas, das *pizzerias* e dos cinemas monstros, mas trazendo sempre no coração a recordação tenaz e viva duma canção napolitana. Que pode, de fato, fazer contra as Nações Unidas, o *Sole mio*?

Muito mais importante, seria expurgar o fascismo dos organismos democráticos em luta, e não admitir o quinta-colunismo desaforado que ousa lançar, pelas agências telegráficas, e pelo noticiário dos jornais, a confusão e o desânimo entre nós. Outro dia, era a grosseira piada de que Stalin havia aceito a condição de ser primo de Vítorio Emmanuel. De repente, assiste-se ao lançamento de todo um programa de salvação dos maiores comprometidos na organização do complot contra a humanidade que tem sido esta luta. Verdade é que há gente vigilante na proa da guerra e na proa da paz.

Daqui, pleiteio, pois, a liberdade para a canção do povo, para a canção do povo que não quis, que não fez a guerra italiana.

5 fev., 1944

O DESAMPARO DO ARTISTA

(De São Paulo) – A exposição póstuma dos trabalhos do escultor Figueira, que agora se realiza aqui, vem acentuar a situação mais ou menos desesperada em que vivem os criadores, literatos e artistas, que teimam em deixar um superior patrimônio ao seu país e à sua gente. Figueira morreu moço, estafado duma ingrata labuta. Vivia pintando, esculpindo, procurando dificultosamente colocar o que fazia, sem sequer ter o tempo suficiente de se aperfeiçoar no *métier* para que era dotado. Só se lembraram de que ele precisava de auxílio quando se anunciou o seu desaparecimento prematuro e inesperado.

Não há dúvida que as condições do mundo mudaram de um século para cá. Por toda a terra civilizada – exceção feita dos países onde se realizou a torva experiência totalitária –, o escritor e o artista são reconhecidos como os portadores da melhor qualidade da nação. De fato, o que fica, o que permanece, o que se impõe ao futuro é ainda o que anuncia o poeta em seus versos, o romancista em suas criações, o músico, o pintor. Quando um ciclo histórico é superado, são esses homens, quantas vezes incompreendidos e perseguidos em vida, que representam o país, sua força, sua personalidade e sua alma. Mas o zelo social ainda os descura.

Entre nós, que estamos longe duma carta de maturidade, salvar o intelectual e o artista, velar por ele, por seu desenvolvimento e pela sua obra é a menor das preocupações. Depende tudo da iniciativa milionária, do sistema nervoso dos mecenás, da habilidade comediante ou da chance de cada um. Mas já seria consolador ver que as diferenças sociais diminuem, que se vela por uma decência maior na distribuição dos lucros gerais e que um aglomerado laborioso não pode ser o feudo de meia dúzia de aristocratas ignaros e ociosos. Para isso a legislação começa a movimentar os seus ferros operatórios, a fim de desgastar a enxúndia acumulada pelos longos e fartos anos de favoritismo prodigado à indústria e ao comércio. Dessa messe fiscal sobraria algum cruzeiro para o bolso vazio do artista? A não ser um ou outro dançarino do pincel ou da pena, já com receituário pronto, ninguém vai, decerto, se beneficiar. Pintores e escultores continuarão, como Figueira, à espera diária da morte, para que numa exposição de trabalhos póstumos se exclame: – Coitado! Tinha tanto talento!

Enfim surge agora, aqui, a idéia de um clube que assista às necessidades do artista, às suas premências e anseios... A idéia é da escultora D. Pola Rezende, que promete não abrir um centro de maledicências e saraus, mas criar um campo de trabalho e de auxílio mútuo. D. Pola Rezende estreou há pouco demonstrando uma decidida vocação para a escultura. Ainda não expôs, mas os seus trabalhos são conhecidos. Dada a sua capacidade organizadora e o prestígio de que goza em São Paulo, talvez consiga o que quer. Seus planos são vastos e nobres.

10 fev., 1944

DIÁLOGO CONTEMPORÂNEO

(De São Paulo) – A discussão generalizou-se. A moça americanista perguntou ao senhor de bigodes:

– Por que o senhor bebe whisky? Devia beber capilé.

O homem ergueu os olhos claros do copo quase vazio e respondeu:

– Whisky não tem nada de americano. Capilé é isso que a senhora está ingerindo com tanto prazer. É capilé americano!

A moça esvaziou a garrafinha de Coca-Cola, em sua frente, e disse para a roda civilizada que se reunira num largo apartamento da Praça da República:

– Com muita honra. Bebo Coca-Cola, danço swing, falo inglês com marinheiro na rua e adoro Betty Grable. Vou ao cinema todo dia. Assisto a fita de guerra, a fita de bandido, e não perco o Gordo e o Magro. Coleciono figurinhas de Walter Disney.

Por isso é que as nações decaem. E assim que elas perdem a sua personalidade. Nos somos o último grande país latino. É o que resta de uma civilização de 2.000 anos. E o nosso patrimônio que resistiu aos holandeses e aos piratas, vai embora numa ofensiva de Coca-Cola e de chiclets...

O pintor gordo interveio autoritariamente:

– Perdão! Não somos latinos. Somos muito mais, somos portugueses. O português mastiga tudo, raças, costumes, civilizações. Se não me engano, foi num livro de viagem de Paul Morand que eu li a opinião de um missionário dizendo que na África encon-

trara pretos, brancos e portugueses. Português é diferente! Portugal, o antigo. Portugal legou ao mundo uma cultura que se poderia chamar de Cultura Atlântica e que ainda não foi classificada por causa da decadência da Europa e da deficiência da América. Essa cultura realizou o Brasil e inventou essa maravilha que é o mulato. A América do Norte, depois da destruição do fascismo, terá que enfrentar o seu problema racial, que aqui o português brilhantemente resolveu.

O homem de bigodes redargüiu:

– Você tem razão. Não somos somente duas latitudes opostas, mas dois padrões diferentes de vida e de sentimento. Por isso é que me enerva essa tentativa de desmoralização de nossos costumes, de nossa fala, de toda nossa tradição quatro vezes secular. Vejam vocês como soa pessimamente essa introdução dos diminutivos familiares americanos nos jornais e na vida. Antigamente, quando se falava em "dom" era com "m". E chegavam aqui na sua pompa autêntica os Dom Francisco de Mascarenhas, os Dom Francisco de Souza. Agora é com "n" e quer dizer Donald. Isso diante de um nome latino choca a minha sensibilidade, berra contra a tradição e o pequeno classicismo das nossas onomatopéias familiares.

A moça esvaziara o copo de refresco e exclamou:

– O senhor é um passadista! É preciso quebrar o padrão, introduzir em nossa vida todas as novidades. Senão ficamos para trás.

– Diga calamidades – opôs o pintor. – O signo imperialista pode vir nesses trocadilhos. Mas a minha confiança é no mulato. Olhe, nós estamos cinqüenta anos adiante da América do Norte, no grande problema étnico. Vocês vão ver o mulato com a siderurgia!

– Esse otimismo é que quebra as nossas defesas. Vamos aceitando tudo, porque somos fortes. Somos o melhor país do mundo, o mais feliz. Li isso na escola. E leio continuamente nos jornais. Somos independentes, viris.

Um ronco de Douglas quebrou a conversa. Correram todos para ver o monstro alado. O avião americano cortava em reta a tarde nacional.

12 fev., 1944

60.000 CRIANÇAS

(De São Paulo) – Depois, quando um desses senhores da indústria estoura de raiva porque lhe cortaram uns pés de couve de lucro no parque privado de seus amplos rendimentos, não querem que o povo goze!

Desta vez era a professora que depunha para a minha curiosidade de jornalista. Pequenina, agitada, vermelha ao frio extemporâneo da manhã paulista, ela empolava a sua diatribe:

– 60.000! Veja o senhor. Os dados são oficiais! Há 60.000 crianças sem escola na capital! E a solução é esta: diminuir os períodos escolares. Dar apenas duas horas de aula por dia!

De fato, eu acabava de ler que o sr. Sebastião Nogueira de Lima e o sr. Sud Menucci, altos encarregados da Educação no Estado, pensavam nesta solução para o problema.

A professora continuou:

– Veja. Noticiaram que São Paulo já tem cem mil crianças abandonadas. Agora terá que se acrescentar a essa cifra monstruosa toda a nossa população escolar. Que adianta elas virem à aula? Duas horas para alfabetizarmos de 30 a 40 alunos! Só para fazer pegar no lápis, levar à lousa cada um, ensinar a posição na carteira, fornecer as primeiras noções de higiene, como comer, mastigar... e pronunciar direito. Nesse tempo minguado! O senhor vê... Assim, não adianta nada esse primeiro ano fundamental da criança! Agora, me diga uma coisa, essas crianças depois de duas horas de gritaria, que é ao que se reduz o nosso ensino, vão para a rua o resto do dia. Falta-lhes tudo em casa... Os pais estão trabalhando na fábrica ou na chácara para não morrerem de fome... E a *rua* será a grande escola desses pobres coitados, numa sociedade que é defensora da organização e da estabilidade da família...

Eu deixei a professorinha indignada, consciente do fracasso de seu ministério, e pensei no silêncio que, àquelas horas já altas da manhã, defendia as grandes residências fechadas das famílias milionárias. As que usufruem oitenta milhões de cruzeiros por ano, em média, de lucros feitos pelos braços e pela atividade integral dos pais dessas crianças. A manhã paulista parecia sorrir no seu nevoeiro amavel de verão frusto. Lá para baixo das várzeas, o parque industrial fumegava. Do outro lado, nas baixadas milionárias do Jardim América, dormiam, nos silêncios almofada-

dos, os donos da vida. E pelas ruas, a criança abandonada corria e esmolava, aprendendo o caminho dos reformatórios, das prisões e dos prostíbulos.

15 fev., 1944

A GRANDE LIÇÃO

(De São Paulo) – Uma voz corajosa se levantou para defender a memória insultada de um justo e de um santo. Hoje até para isto é preciso ter coragem. E quem a teve foi o sr. Moacyr Werneck de Castro, que repeliu uma grosseira referência feita a um morto de ontem. Esse morto representava milhões de consciências livres, sepultas no dramático campo de concentração em que Hitler transformou a Europa. Seu nome era Romain Rolland.

A importância de Romain Rolland vem justamente do contrário que dele disse Henri Massis. Não é fato que a humanidade tenha “chafurdado” nos ideais do grande pacifista. Mas foi ele quem, numa época caótica e confusa, soube exprimir os ideais de toda a humanidade. Chamá-lo de pacifista num tom depreciativo é uma proeza digna de Massis.

Romain Rolland, escritor, se colocara entre Rodin e Debussy nesse quarto de tom de que o impressionismo foi a palheta milionária. Todo o crepúsculo de uma época se anunciava na vagabundagem de Jean Cristophe. Um eco do velho Hugo rolava nas tempestades tímidas e possantes desse novo vagabundo que aparecia como Rimbaud num fim de Europa, num fim de civilização, num fim de classe. Mas isto ia justamente ofender quem? O literato de café. O literato de café gostava dos sutis, dos “faisandés”, dos grandes podridos sem tragédia. Um homem que trouxesse até nós uma transposição presente, os conflitos infantis do romantismo, não podia mesmo valer nada. Pois foi sobre esse pedestal que Romain Rolland se levantou e indicou ao escritor a sua missão útil, a sua missão de guia, de responsável pelos destinos humanos. A missão que Barbusse cumpriu. E foi aí que o literato de café danou. A simples presença de um homem que reivindicava para o escritor a sua função política bastaria para fazer embezerar o literato de café pelo resto da vida. Que seria dos seus bizan-

tinismos, dos seus segredinhos de biblioteca, dos seus "potins" de além-túmulo com Dickens e Joyce?

Mas a grande lição estava dada. Romain Rolland ensinou a nós todos que escrevemos, este primeiro dever: saber o que queremos, onde estamos, para onde vamos e como devemos agir. Coisas que evidentemente o literato de café prefere ignorar.

20 fev., 1944

DO SUICÍDIO COLETIVO

(De São Paulo) – Quando abro os jornais e vejo esboroarem-se pedacos inteiros da grande Alemanha nos braços herculeos dos russos, tenho a impressão de que um deliberado suicídio coletivo preside aos destinos do povo de Bismarck. Note que eu digo o povo de Bismarck porque é justamente o povo unificado em torno do ideal militar de conquista que está indo para o inferno. Os poucos alemães goethianos serão incorporados com sua cultura humanista ao patrimônio da humanidade e do futuro. O que está acabando é esse burro de Parsifal, o símbolo da inconsciência blindada que teve a sua mais feroz encarnação em Hitler.

Você tem razão. Trata-se mesmo de um suicídio coletivo, aliás, ordenado pelo próprio Hitler, a fim de que não se repita o que se deu em Stalingrado, onde grandes patentes da Wehrmacht foram prestar o seu apoio e dar o seu prestígio ao Comitê dos Alemães Livres de Moscou, e de lá, irradiam derrotismo e defecção para as hostes que se acham em desesperada defensiva. Tudo isso, porém, não se processaria assim se não fosse o materialismo que dominou como filosofia a última Alemanha.

Materialistas, no entanto, são os russos e veja o entusiasmo e a fé com que eles venceram a guerra.

Há um duplo sentido da palavra *materialismo* que produziu uma longa confusão de que tem se aproveitado a inteligência burguesa nesses últimos vinte anos. O materialismo dialético dos russos não infirma de modo nenhum a parcela de puro idealismo de que eles são os grandes detentores na história contemporânea. Um professor inglês, creio que de Cambridge, já dizia isso num livro sobre o marxismo, traduzido até pela "Coleção Labor". Ao contrário, o que presidiu ao crescimento monstruoso da Alemanha hitle-

rista foi a negação absoluta de qualquer parcela de idealismo. Já se conhece a escabrosidade zootécnica a que se reduziu oficialmente a família nazista. Mas não é só isso. As condições dramáticas trazidas para a mocidade que sucedeu à geração da outra guerra, foram exploradas pelas mais grosseiras palavras de ordem. A ambição foi a arma que mobilizou a juventude hitlerista e fez dela essa multidão de monstros que está sendo hoje tão duramente castigada. Prometeram-lhe não só o presunto defumado da Dinamarca e o *whisky* inglês, mas também as pingues riquezas da terra ucraniana e um império colonial que chegaria até aqui, graças ao calabarismo do sr. Plínio Salgado. Não se tratava somente de rasgar o Tratado de Versalhes e refazer o espaço germânico. Mas de roubar, de saquear, de dilapidar e pôr uma pata de ferro na garganta da humanidade desprevenida. Foi esse o programa hitlerista. Eram necessários sacrifícios, sacrifícios tremendos. E esses sacrifícios foram feitos para ver Parsifal seguro enfim na armadilha de Stalingrado. Ora, o materialismo da ambição alemã vendo-se jugulado, não podia ter outra saída senão o suicídio.

O suicídio coletivo!

26 fev., 1944

BILHETE ABERTO

(De São Paulo) – Meu fotogênico C. R. Não se envaideça com o qualificativo. Ele transcende da iconografia pessoal. Fotogênico aqui vai como sinalação de indivíduo de precisos contornos, de acentuadas feições típicas, de robustas formas psicológicas e morais. Quer dizer sujeito nada evasivo, impressionista ou enervado de hesitações, problemas e hamléticos escrúpulos. Não. Você quando é, é. É mais que o princípio de identidade. É o princípio de adesão. E por isso, daqui deste modesto canto paulista do "Correio", estou certo de que você assumirá a inteira responsabilidade da campanha que, sob sua oficiosa férula, se vem fazendo contra a liberdade de expressão literária no Brasil. E que não se possa dizer depois que nada teve de participação nesse crime contra o espírito, que só a pororoca mundial dum sistema pode criar na renitente cabeça de seus crentes e batizados. Para que não se queixe você depois da injustiça de lhe vestirem uma

camisola colorida, em você que sempre se disse um adepto emburrado da tanga, do cocar e do tacape.

Nós sabemos, porém, que esses utensílios da ferocidade nativa fazem parte dum barraquinha de vaticínios amáveis que há anos você carrega nas costas como o homem do periquito. E que as suas canções nativas são como esses bonecos de cerâmica que representam Pai João e Peri, Anhangüera e D. Pedro II, mas que vêm da Alemanha, fabricados em série. Porque a sua literatura, rotulada de nativismo, não passa de macumba para turistas. E uma vez desatada a fitinha verde-amarela que recobre o seu pacote de símbolos, só se encontram nele o Martim Cereré, o Caipora, o Saci e outros ratoes que nunca penetraram na corrente folclórica da imaginária nacional. Se sua prosa literária é melhor que a sua poesia, não sente ela nenhuma vocação para os roteiros da liberdade e para os caminhos do futuro. E por isso, dela restará apenas um estilo duro, robusto e pedregoso a serviço dum oportunismo mole e adulão. Que adianta isso, meu feliz e vitorioso C. R.?

Sabendo disso, por que lhe escrevo? E que minha ingenuidade é das mais tenazes do mundo. Quando você iniciava seu jornalismo no Rio, fez para mim profissões quase que liberais. Se açodadamente convidou alguns fidelíssimos servidores do nazismo, para honrar o seu suplemento, também nele agüentou, do rosicler ao bordeaux, as cores espetrais do levante em ascensão. Eu mesmo seria aceito na confusa "menagerie" que você sabiamente confiou à guarda de um Leão amável e eclético.

No entanto, abre você agora bulhentamente as baterias ocultas do seu ódio à liberdade e procura fazer com que se consuma uma incomensurável traição à literatura que deu Castro Alves e Euclides da Cunha, e que se consolide um crime contra o patrimônio intelectual do Brasil.

Reflita na sua sólida longevidade. Você pode viver de 105 a 120 anos, sem o auxílio de nenhum soro russo. Basta a gente ver você de fardão na Academia, para sentir que sua natureza participa da dos paquidermes diluvianos e da tartaruga de água doce. Você pode, um dia, mais tarde, vir a convencer-se de que Júpiter ensandece mesmo os homens que deseja castigar. E castigo não pode haver maior do que a marca da traição ao espírito.

Sou sempre o

O.A.

29 fev., 1944

A CONFIDÊNCIA

(De São Paulo) – Marchas e sambas barulhavam ainda no salão enfeitado e berrante. Cordões serpenteavam subindo, desceendo, varando os compartimentos do hotel. Como eu, outros se recostavam às paredes onde o Carnaval resistia, pintado em manchas enormes que representavam máscaras monstruosas. Súbito, o cordão de marinheiros apossou-se de um sujeito baixinho, vestido de segunda-feira, que procurava delicadamente atravessar o salão. O homem trazia sob a pastinha engomada, que uma risca geométrica dividia, um *loup** negro de veludo. Por sob a meia máscara vinha um sorriso varado de encabulamento e contrariedade. Em princípio o homenzinho procurou resistir. Mas o jazz de classe enfileirou os pistons, cantou mais alto, as serpentinas bailaram, as moças envolveram-no de apertos, braços musculosos o puxaram. E lá foi o homem entre uma tirolesa e um mexicano, a cabeça baixa como criança obrigada pela mãe a cumprimentar as visitas.

Não demorou muito o martírio do mascarado contrafeito. Obstinado e duro, ele quebrara de tal modo o ritmo do cordão que o deixaram tonto, volteando na sala, em meio de gargalhadas, gritos e sons de trombeta. O acaso trouxe o homem para perto de mim. Sua testa brilhava de suor. Enxugou-se com um lenço preto.

– O senhor está de luto? – perguntei.

– Estou e não estou...

Sua voz era mole e respeitosa.

– Perdeu algum parente próximo?

O homem recusava-se a falar. Sorria sob o *loup*. Meus olhos se distraíram um instante na farândola que procurava reanimar-se. O homem sussurrou:

– Eu vim aqui pelo hábito...

– Vamos tomar um chope?

Ele aceitou. O bar estava deserto. Sentamo-nos sós nas cadeiras espiadas e metálicas, diante do zinco. E depois de um duplo escuro que o *garçon* velho serviu, o meu conviva destravou a língua.

– Estou de luto por mim mesmo... Olhe esta matrícula. É do sindicato dos pintores de tabuleta. Eu me sindicalizei já há dois anos... Prevendo... Prevendo a decadência da bacanal heróica que

* *Loup* – Meia máscara de veludo ou rendas, escondendo a parte superior do rosto.

era o Carnaval de outrora... Quando o Morro descia sobre a cidade, com seus sambas, suas inconfundíveis canções, suas baianas monumentais, seus porta-estandartes e balizas. Era a Grécia, a Grécia no seu grande sentido nietzschiano. O senhor conhece Nietzsche? É um filósofo alemão que descobriu a outra Grecia, não a de Renan e a de Bilac... A Grécia de Baco, pai do Rei Momo...

Nesse momento o homem foi tomado de um choro convulso que procurou abafar no lenço preto. Eu fiquei olhando espantado, para aquela estranha exibição de cultura e de sentimentalismo.

— Mas o senhor não perdeu ninguém?

— Perdi... Foi quando as sereias das cidades mecânicas anunciaram de novo que Pan tinha morrido... Pan morreu!

— Mas que ligação pode haver?

— Entre Baco, Pan, Rei Momo e eu... Pois, nós somos a mesma pessoa, meu caro senhor. Eu não posso mais de recalques! Preciso-lhe dizer. Estou sofrendo minha última metempsicose. O senhor não sabe o que é mudar de pele, sofrer amputações e próteses psicológicas... O que é se transformar, se adaptar... So me foi permitido conservar a velha casa de lata que habito...

— Onde?

— No Morro... Porque o Morro descerá de novo sobre a cidade. Mas em civil. Eu usarei esse traje preto que já estou acostumado a vestir. E terei a caderneta do sindicato no bolso. Olhe já estou pintando a tabuleta que abrirá o cortejo nesse dia... E assim: "O proletariado sauda o povo e pede licença para passar".

2 mar., 1944

O APOGEU DO ROMANCE

(De São Paulo) — E tal o interesse que provoca nesta bandeirante cidade um debate superior sobre coisas do espírito, que começa a gente a se convencer de que as coisas mudaram. Não há muito tempo, um escritor que se aventurasse a anunciar uma conferência sobre o romance teria certeza de que somente um ou dois roncos responderiam aos seus esgares solitários, numa

sala vazia. Agora, no entanto, a figura intelectualista que é José Geraldo Vieira conseguiu fazer transbordar o salão da Associação Paulista de Medicina, com uma palestra sobre o apogeu do romance. E a assistência não só deu uma atenção absoluta àquela aula autêntica, como aplaudiu demorada e efusivamente o conferencista.

Como arquitetura de conferência, situando o romance no seu desenvolvimento e na sua atualidade, o autor da "Quadragésima Porta" marcou um tento. Além disso falou coisas que precisavam ser ditas. O seu fervoroso entusiasmo para com a nossa língua, "tatuada na Ásia, na África e na América", capaz, portanto, com a sua riqueza, de oferecer o tecido que há de produzir o romance de apogeu, o seu otimismo para com a nossa capacidade de ficção – tudo isso que constitui a promessa de nossa colocação entre as melhores literaturas do globo – tomou, na sua dissertação erudita, uma importância profética e animadora. Aliás, o próprio exemplo dado por José Geraldo Vieira, de elevar o romance brasileiro e não o deixar reduzir-se a um cometimento vegetativo, rude e primário, já o colocava entre os detentores de uma grande missão.

O caloroso aplauso de São Paulo ao intelectual, ao crítico e ao romancista, foi dos mais significativos.

4 mar. 1944

UMA PLATAFORMA

(De São Paulo) – Posso falar sem entusiasmo preconcebido da atuação e da vida estudantil dos alunos da velha Faculdade de Direito de São Paulo. Eu mesmo, saído de lá com um canudo de bacharel, nem sempre, no entanto, pactuei com os seus entusiasmos e diretivas. Houve uma época até em que a única manifestação de vitalidade capaz de agitar os nossos cursos jurídicos foi o trote. As coisas, porém, se modificaram e, pouco a pouco, o estudante de Direito de São Paulo retomou a sua posição de acentuada importância na existência espiritual da cidade. Hoje, é, sem dúvida, ele quem lidera os seus movimentos de opinião e realiza os seus desafogos.

Foi assim que teve um aspecto excepcional o jantar realizado nos salões do Clube Pinheiros, em homenagem aos bachareis da última turma que mais se destacaram nas lutas democráticas deste momento de crise mundial. São eles os srs. Alceu Dias de Aguiar, Anésio Abadio de Paula e Silva, Arlindo de Camargo Pacheco Filho, Celso Galvão, Cori Porto Fernandes, Hélio Mota, Hiram Mayr Cerqueira, Inês Bustamante Guil, Israel Dias Novaes, João José Pereira Ferraz, João Sanchez Postigó, Joaquim Gomes dos Reis Neto, José Carlos Pereira Geribelo, José Vasques Bernardes, Lenício Pacheco Ferreira, Luiz Gonzaga Arrobas Martins, Osvaldo Reverendo, Vital, Paulo Henrique Meinberg e Rômulo Fonseca.

Em seis mesas repletas sentaram-se, para festejar os rapazes cerca de 350 pessoas, das mais representativas de São Paulo. Viam-se ali professores e senhoras, literatos, pintores e músicos, políticos, homens de trabalho e de negócio, jornalistas e alunos de todas as escolas superiores. E foi com o maior entusiasmo que, designado para saudar os homenageados, o estudante Germinal Feijó pronunciou a sua oração. Interrompido várias vezes por verdadeiro delírio, o orador estudou estes sete anos de lutas da turma bacharelada, começados no ano dramático de 37. Ano sombrio das vitórias espetaculares do fascismo, das hesitações, das covardias e das metastases do câncer hitlerista. Nesses sete anos, com o impulso trazido aos ideais democráticos pela eclosão agressiva da guerra e pela nossa participação na luta, robustececeu-se a posição dos que sonharam sempre com um mundo de obrigações e liberdades de direitos e deveres. Os estudantes de São Paulo, nesses sete anos decisivos, souberam traçar uma trajetória certa e honrada de sacrifícios.

A oração de Germinal Feijó constituiu uma verdadeira plataforma para a mocidade de sua terra, pois não somente soube desfazer as acusações de extremismo, de oposição sistemática e saudosismo com que certos agressores profissionais da democracia rotulam qualquer anseio de dignidade, como também apontou a urgência de se lutar por uma união nacional concreta e decisiva em torno dos ideais vitoriosos neste transe sangrento da história do mundo.

7 mar., 1944

PARA A CRIANÇA DO BRASIL CENTRAL

(De São Paulo) – Deve-se ao ex-secretário da Educação, sr. Teotônio Monteiro de Barros, uma das manifestações mais certas de afeto nacional que conheço. Estando em setembro passado reunido, aqui na capital, um congresso de delegados de Ensino, resolveu s. ex., com a colaboração do diretor da Instrução sr. Israel Alves, encaminhar todos os trabalhos escolares de fim de ano, aos filhos dos índios do Brasil Central. Essa iniciativa foi comunicada ao ministro João Alberto, que seria o intermediário da dádiva através da expedição Roncador-Xingu.

Ontem, na Escola Normal Caetano de Campos, realizou-se a entrega de cerca de cinco mil presentes das crianças paulistas destinadas aos indiozinhos do profundo interior. Não tendo havido grande interesse por parte do atual secretário da Educação, sr. Nogueira de Lima, coube à Liga da Defesa Nacional fazer a entrega pela palavra do dr. Altino Arantes. E os jornais divulgam uma fotografia do ministro Coordenador, rodeado de crianças da velha escola da Praça da República, pondo-lhe nas mãos agasalhos e brinquedos. Também foi enorme o número de cartas entregues ao ministro João Alberto para levar aos meninos das escolas primárias de Goiás e Mato Grosso o carinho de seus colegas paulistas. Passo a transcrever uma que consegui copiar.

“Querido Amiguinho do Brasil Central.

Escrevo-lhe esta carta e espero que encontre você com muita saúde. Graças a Deus, eu estou bom. Eu tenho muita vontade de conhecer onde você mora.

Papai me disse que é uma linda terra, especialmente em julho tempo de laranjeiras, cujas flores, brancas e lindas, servem para as noivas fazerem suas grinaldas. Tenho vontade que você venha conhecer o lugar onde eu moro que é muito bonito. Aqui passa o Rio Tietê que levou os bandeirantes para aí.

Um abraço de seu amigo.”

Feliz o dia em que esse intercâmbio, iniciado com tanta felicidade, se possa realizar numa aproximação efetiva. E as crianças de um mesmo Brasil tenham a oportunidade de se conhecer e confraternizar.

11 mar. 1944

BRASIL AGRESTE

(De São Paulo) – Se o panegírico e a adulção bem pagasão o vidro cor-de-rosa e o realejo habitual que alimentam o otimismo dos poderosos, fazendo-os acreditar na longevidade de suas farturas, alguma coisa existe no Brasil que, se fosse tomada a sério, provocaria um retiro espiritual coletivo e obrigaria muito responsável a uma séria penitência. É o nosso romance social, começado aí por 30, talvez pelas mãos do sr. José Américo de Almeida, e que deu a mestria de Jorge Amado, Graciliano Ramos, José Lins e outros. Agora é o sul, que nos manda um desses quadros flagelatórios que fazem clamor e põem na alma dos homens honrados o terror da verdade. Quero me referir ao livro de Ivan Pedro de Martins, intitulado “Fronteira Agreste”. Ele anuncia simplesmente um novo senhor do romance brasileiro. É um grande, honesto e belo livro!

Os gaúchos têm dado um recente brilho a esse gênero que se tornou principal em nossa literatura. Além de Erico que nos havia oferecido um Rio Grande urbanizado, policiado, numa técnica correspondente, tivemos a revelação de “Os Ratos” de Dionelo Machado e aquelas torturantes páginas de “Almas Penadas” de Pedro Wayne. Agora, o autor de “Fronteira Agreste”, dentro de um naturalismo colorido e minucioso, nos revela a vida fronteiriça do Brasil, primitiva e trágica, suando a dor nua dos deserdados, a frieza dos sicários e a inconsciência dos senhores.

Tenho a impressão de que todo o material sociológico oferecido pelos narradores do Norte como o que colhi em São Paulo para “Marco Zero”, não são mais importantes que esse imparcial depoimento sulino, feito pelas mãos de um mineiro. É dessas contribuições ardentes e honestas que se forma o patrimônio espiritual de um povo e o seu direito de viver perante a posteridade.

12 mar., 1944

OH VALSA LATEJANTE...

(De São Paulo) – Alguém chamou Clovis Graciano de pena-lata parado ante o lago da pintura. De fato, o contemplativo pintor de tantos quadros dinâmicos e fortes é sempre um grou decorativo na ante-sala fina da Jaraguá. Mas lá por dentro um tumulto

to. Não lhe basta pintar, ser um dos pilares da moderna escola de São Paulo, ter coleções, raridades, amigos. Inventou uma editora mais ou menos de luxo, mais ou menos escolhida e aristocrática e deu-lhe o nome democrático de *Editora Gaveta*. Já apresentou alguns bons trabalhos, entre os quais, agora, uma coleção de versos de Sérgio Milliet, intitulada *Oh Valsa Latejante...*

Todo mundo conhece Sérgio como sociólogo, crítico de pintura e literatura, romancista e é justamente como poeta que ele presta.

Ouçamo-lo:

ANGÚSTIA

Eu te procuro em todas as mulheres
mas não te encontro, Amazona,
nunca, nunca...
Oh fome de teu beijo!
Oh sede de tua boca!
No entanto a silhueta era como a tua
Os olhos quietos como os teus
E os gestos quase tão bruscos...

A poesia de Sérgio é uma evasão da natureza de suas funções oficiais na literatura oficial de São Paulo, isto é, o "Estado", a Biblioteca, a Escola Livre de Sociologia e Política, os "chato-boys". Uma feliz evasão.

14 mar., 1944

O POVOAMENTO

(De São Paulo) – Estava eu tratando justamente de colocar em páginas de romance os trabalhadores da Bahia, que migram para fazer um sonho de prosperidade em São Paulo, quando me cai nas mãos um sério e minucioso artigo da revista do *Idort* sobre o assunto. Sempre tive a melhor consideração intelectual por Caio Prado Júnior. Ele vocacionou-se para a História do Brasil e tem hoje o primado da nossa crítica histórica. É de sua autoria o estudo admirável que publica a revista do *Idort*, sobre

as nossas questões de povoamento. E a autoridade com que trata do assunto deixa-nos impressionados ante as soluções que o problema impõe.

De outro lado, tenho presente a primeira conferência que realizou aí no Rio, há alguns meses, o Coordenador da Mobilização Econômica, ministro João Alberto, sobre *Imigração e suas possíveis soluções do após-guerra*. Não estão longe ambos da mesma vontade de realizar o povoamento pela pequena propriedade, entregue ao elemento nacional.

Daqui quero chamar a atenção do Coordenador para o trabalho notável de Caio Prado Júnior. Ele encerra uma curiosa crítica de nossa formação demográfica que deve impressionar o convededor do Brasil que é o ministro João Alberto.

17 mar., 1944

PLATAFORMA SEM TREM

(De São Paulo) – Poucas vezes tenho assistido a espetáculo tão pívio como esse desfile de encorujados, de medrosos, de tapados, de "cagoulards" que sob o nome de "Plataforma da nova geração", ainda semanalmente se exibe nos rodapés de "O Estado".

Tendo como patronesse o escritor Sérgio Milliet, este, no entanto, como bom poeta e melhor boêmio, tolerou todos os desmandos da "ménagerie" contratada, sem controlar suas reumáticas acrobacias, seus vôos tardos e suas insulsas confusões. Analfabetos de trinta anos, dançarinos de quatrocentos e jovens voluntários da burrice formaram a frente única das vocações adulatórias em exercício. Apenas meia dúzia de exceções honraram os propósitos de começo anunciados. Dentre essas respostas, duas se assinalaram, ambas saídas de antigos integralistas que, depois da grave experiência política que sofreram, brava e honestamente abandonaram os seus desvios e rumaram para os caminhos do futuro. São eles os srs. Luís Sala e Paulo Zingg. Eis como este último analisa os resultados da revolução intelectual operada de 22 para cá:

"Essa segunda abertura dos portos, essa investigação sociológica, essa literatura verdadeiramente popular, mostrou à nova geração o atraso histórico do Brasil. A hedionda herança do colonialismo português pesando sobre nós. Um país sem comunicações

internas, povoado por milhões de analfabetos doentes e de independência problemática. Problemas que deveriam ser resolvidos no século XVIII, problemas cuja solução foi objeto de cogitações do próprio Tiradentes, problemas dessa natureza ainda exigem o devotamento, a honestidade e a energia de nossa geração para serem resolvidos. Independência política real, emancipação econômica, unidade nacional, alfabetização, criação de uma consciência política, democratização efetiva, destruição do feudalismo, libertação da miséria, educação das elites, industrialização, tudo ainda precisa ser resolvido. A nossa vida intelectual está sufocada. Nossos horizontes são limitados. Isso porque as gerações que nos antecederam não souberam cumprir sua missão histórica. A geração que fez a Abolição e a República, duas transformações de grande importância, não soube libertar completamente o Brasil do feudalismo agrário e implantar a democracia entre nós. Ela sucumbiu pela tentação dos caminhos mais fáceis. Não soube manter no povo a consciência cívica que amadurecera no fim do século passado. Como os portugueses haviam aderido à independência, como os conservadores haviam transformado a Abolição num gesto magnânimo de uma Princesa, os monarquistas precipitaram-se em roubar a República aos republicanos, em transformar os barões em coronéis e em consolidar as oligarquias. Centenas de milhares de trabalhadores foram trazidos para substituir de forma mais vantajosa os escravos negros, que vieram para as cidades constituir as primeiras reservas do exército do trabalho. Evidentemente, o progresso social foi sacrificado aos supremos interesses da ordem estabelecida. Uma política cega de imigração em massa devia fornecer aos fazendeiros braços bem baratos e, por outro lado, concessões de toda espécie hipotecavam o Brasil ao capital estrangeiro.

19 mar., 1944

AS ILHAS DA REAÇÃO

(De São Paulo) – O nome desse fantasma político que é o senhor De Valera transita costumeiramente nos jornais com um impressionante barulho de armadura medieval. De vez em quando, o ancião De Valera reaparece e, como se se abrisse uma boca de túmulo, agita a sua mortalha de defunto inoportuno e teimoso aos

ventos revoltos dos tempos modernos. Se fosse possível a Hitler ainda sorrir, na sua amarga chegada à reta final do desastre alemão, não lhe faltaria motivo vendo esse cabeçudo servir ingenuamente aos designios de sua desmantelada quinta-coluna, em nome da honra, da altivez... e da Virgem Maria. O pior é que não se trata dum desses cínicos comuns que a gente costuma encontrar encarapitado numa grande posição falando em honra, em cristianismo e em boa-fé, e sorrateiramente dilapidando o erário público. Não. O homem fala sério, resiste, é capaz até de fazer a greve de fome e morrer como o prefeito de Cork, para que os olhinhos oblíquos do Curuzu de Dublin vejam bem os primeiros sinais da invasão da Europa continental, e passem ao seu colega cervejeiro os informes que vão ser comodamente transmitidos a Berlim.

Enquanto isso se processar sob a capa larga da honradez do Eire, o senhor De Valera só tem uma preocupação — S. S. o Papa! Quer saber da saúde do Papa, do telefone de ouro do Papa, das chinelas e do café com leite do Papa! Pouco lhe importa que milhões de vidas sejam atiradas ao mar, gracias à espionagem que acorçoá e defende. O que lhe importa é só o Papa.

No rico material inserto no primeiro volume de "Marco Zero", já publicado, há uma cena que lembra o grande católico irlandês. No interior de São Paulo um farmacêutico fula conta a prisão do Papa por Napoleão. O medico da localidade chega e procura uma injeção antitetânica, para salvar a vida de um menino do brejo. O farmacêutico declara que os latifundiários e os japoneses são os únicos detentores dos remédios na zona, e que o não fornecem a ninguém. Há um pequeno pasmo entre os presentes. Apenas um velho que está sentado parece querer falar, intervir. O medico parte e o velho pergunta: — Mas S. S. o Papa não foi muito acomodado?

21 mar. 1944

OS CONSERVADORES DA LOUCURA

(De São Paulo) — Anda pelos jornais daqui um bate-boca sobre psicanálise e economia que se vai tornando interessante. A propósito da fantasia excessiva infantil, ou seja da criança que sofre de imaginação doentia, fizeram-se curiosas observações em

nosso meio escolar e parece que o tratamento psicanalítico e a higiene mental deram uma percentagem favorável de resultados. Daí levantar-se o freudista sr. Durval Marcondes contra as observações feitas pelo professor Cruz Costa, da Faculdade de Filosofia, de que era necessário acabar com a miséria das crianças para lhes melhorar o estado mental, cujos desvios muitas vezes podem ser atribuídos à falta de pão e de casa.

Para certos psicanalistas e literatos (talvez nesse grupo radical floresça o sr. Durval Marcondes) é preciso conservar os porões e a promiscuidade suja das atuais habitações coletivas, para que se salve, de um lado, o lirismo e, do outro, os doentes que eles querem curar. Curar pelos métodos subterrâneos de Freud... Para eles, numa sociedade bem alimentada e limpa não há mais entulhos íntimos a desobstruir, nem almas pejadas de sombras a sublimar. Desaparece então a utilidade da psicanálise e, o que é pior, desaparece a poesia. Que importância teria a inutilização de uma terapêutica, ante a conquista do saneamento psíquico da humanidade? O desejo desses técnicos da transferência e do desrecalque corresponderia a querer conservar os quadros nosológicos do câncer para poder utilizar o rádio.

Quanto à poesia, tranqüilizem-se os que têm medo de que ela desapareça num mundo mais reajustado e feliz que o atual. Ela acompanhará a humanidade até o resfriamento final da terra. Poetas, artistas e escritores são as vozes da sociedade. E esta nunca se calará.

22 mar., 1944

A COLABORAÇÃO NOS JORNais

(De São Paulo) – O meu tradicional amigo Sérgio Milliet acaba de me telefonar, protestando contra o fato de eu tê-lo responsabilizado pela exibição de valores negativos que há um ano entorpece o rodapé de *O Estado*. Lembra-me ele que também exibiu, no mesmo *stand*, os camelos idosos da velha geração.

Um crime não redime outro. Nem deixei eu de fazer exceção para meia dúzia de bons depoimentos que da massa dos maus e péssimos se destacaram. Basta dizer que, dentre outros, o

do grande lutador e grande escritor Rubem Braga apareceu. Mas houve de fato inexplicáveis acolhimentos e exclusões odiosas como a do jovem crítico Luís Washington.

Na catilinária verbal que me dirigiu o poeta de *Valsa Lutejante*, um ponto há em que lhe dou perfeita razão. Diz ele que outros assuntos me devem preocupar nesta seara paulista e entre eles o da luta que vai pelos jornais para se liquidar a modesta parte reservada à colaboração. Havendo falta de papel, alguém tem que ser sacrificado. Seja então o colaborador que recebe alguns cruzeiros por artigo, isto é o intelectual honesto que procura viver de sua pena, sem se vender às situações.

Podem florir nas páginas dos nossos jornais as perninhas de criança encontradas nas bocas dos cachorros, os raptos escandalosos ou santos de Rute e Mariquinhas e, na macuda correspondência do interior, as cólicas vesiculares dos prefeitos. Podem-se gastar colunas amplas com a relação e muitas vezes a cara regalada dos aniversariantes do dia ou a lista intermina dos passageiros que partem e chegam nas estações e nos aeroportos. Esse feitiço alvissareiro e provinciano que entulha as páginas diárias da nossa imprensa deve permanecer com sacrifício do verdadeiro jornalista ou do literato.

A Associação dos Escritores Brasileiros acaba de meter a sua autorizada colher no assunto. Protestou perante os proprietários e diretores de jornais contra o *complot* que se projeta e o sacrifício que se anuncia.

Que se faça reclame de venenos digestivos, do sabão que não limpa, do remédio que mata, vá lá! Mas que também, às vezes, ilumine uma página cinzenta e rendosa de jornal um ou outro fulgor, uma ou outra reivindicação, um ou outro cometimento de inteligência, de cultura ou de simples honestidade.

23 mar. 1944

DURANTE A FESTA

(De São Paulo) – Do salão gigantesco, vem um som cadenciado e igual que dá ideia dum batuque imenso, onde se agita, rodopia e estaca a multidão mais variada e pitoresca da cidade. É

o povo que se diverte, é o povo que se agita, é o povo que se entusiasma. Estamos no baile da Cruz Vermelha Russa, que conseguiu reunir no Estádio do Pacaembu um público duas vezes superior ao das grandes partidas de futebol entre São Paulo e Rio. Uma renda que supera a dos finais de campeonato. Mas não é só o povo. O milionário Horácio Lafer, reteve três mesas de proscênio. No aristocrático "Cantinho Russo", brilham o banqueiro Nelson Otoni de Resende e o industrial Roberto Simonsen com suas mesas faustosas. Os artistas e os literatos deram-se ponto de encontro ao ar livre. Yeda e Murilo Miranda, Lasar Segall, Flávio de Carvalho, Maurício Loureiro Gama, Tarsila e Luiz Martins, Caio Prado Júnior, Oswald de Andrade Filho, Paulo Emílio e inúmeros outros. No pano de fundo do palco um mapa imenso e colorido onde a URSS parece engolir uma faixa pequenina de terra a Oeste.

Vendendo bilhetes de tóbola, cigarros, flores, passam pelo público, nos seus trajes característicos, as russas esbeltas, brancas, sorridentes. Entre elas fulge a sra. Bela Karawaiwa da Silva Prado.

Nesses tumultos, são sempre os isolados e os refratários que me chamam a atenção. Vejo um homem velhusco encostar-se friamente a um pilar. Parece não dar nenhuma atenção à literatura dos alto-falantes, às bandas militares, marciais e coloridas, que se revezam no palco, aos bonecos de Don e do Kuban, que, com suas blusas bordadas e gritantes e suas bombachas de cor, presas a botas curtas e lustrosas, executam números frenéticos, rodopios espetaculares, pulos de urso e vôos de cobra. Parece que o exército-bólido de Vatutin desceu sobre a cena para magnetizar o mundo. Aproximo-me do homem silencioso. Interpelo-o. – Não está gostando?

– Estou aqui esperando minha mulher... Ela me deixou aqui e tenho receio de me ausentar...

O homem falava com a voz um pouco rouca e gasta.

– Não dança, não brinca...

– Já dancei muito, já abusei... Mas, de dois anos para cá, sou escudeiro. Sim, senhor. Escudeiro de minha mulher. O senhor estranha? Sou casado com uma russa, uma russa nascida em Stalingrado. Imagine! Ela é patronesse desta festa. Olhe lá vai ela!

Nesse momento vi uma gigantesca figura ariana, aberta num sorriso de dentes perfeitos, num traje camponês dos Urais, avental e auréola de seda branca, atravessar o salão repleto, em reta, sem um tropeço, levando nas mãos duas bandejas cheias.

Que quer o senhor que um homem miúdo como eu faça com esse artilheiro? E note que são todas assim. E assim é toda a Rússia. Nós pensávamos que a Alemanha é que era forte. Que blefe! Veja essa raça virginal que se alimenta de borche e de vodka! Minha esposa, como qualquer das suas conacionais é capaz de empurrar um "tank" nas lamas da Bessarábia e de bombardear Berlim num Stormovique!...

— É por isso que eles ganham a guerra — arrisquei!

Os olhos do homem sumido se avivaram de repente. Perguntou-me:

— E o senhor pensa que nós consentiremos? Nós os capitalistas, os últimos. Olhe, meu amigo, desde Stalingrado que estamos tratando de rejuvenescer quem destruímos inadvertidamente. Sabe, Hitler é um grande idiota! Traiu-nos. E agora estamos no maior dilema da história...

— Não entendo...

— Precisamos matá-lo, mas... mas... Certas ressurreições são difíceis! Também... o povo acordou...

— Por isso é que o senhor está encostado nessa quinta-coluna do salão...

— Humildemente, meu caro. Outros há nos tronos, nos bancos, nas cadeiras fofas do poder. Todos bons democratas como eu.

Sorriu enigmático, fino e terminou:

— No tabuleiro internacional, haverá ainda muita surpresa. O senhor vai ver!

24 mar., 1944

DE LITERATURA

(De São Paulo) — A permanência entre nós do diretor da *Rerista Acadêmica*, Murilo Miranda, tem provocado encontros e bate-papos como mobilizado as mas-linguas nos recantos literários da cidade. O crítico Luiz Martins é dos mais agitados pela circunstância. E na casa de Lasar Segall, reúnem-se à noite intelectuais e artistas de todas as rodas e correntes. Fala-se bem da coragem de Gilberto Freyre e manda-se a lenha nos infelizes urubus de Romain Rolland.

Murilo é um autêntico líder do Café Vermelhinho daí, e representa a opinião das livrarias e da crítica carioca. Tornou-se ultimamente editor, tendo publicado o precioso álbum de Segall sobre o *Mangue...* Pretende continuar com uma série escolhida de edições nacionais.

A figura do romancista José Geraldo Vieira levou outra noite a discussão para um terreno de agudas acusações. São Paulo acusa o Rio de não tomar em consideração o nível alto que nossa literatura procura alcançar. No Rio, agem as panelinhas, pululam os "amigos acima de tudo" e uma grave usurpação tem presidido à permanência de certa tábua de valores já superada e gasta. O romance social nordestino não é, de fato, mais "a última descoberta" a não ser para recém-chegados tabaréus da nossa cultura. Se em sua defesa se movimentam prestimosos capangas, isso nada evita a sua declarada e alarmante decadência. A esse respeito, um crítico novo e desassombrado, o sr. Guilherme de Figueiredo, já tomou a palavra em nome da posteridade. E dificilmente a posteridade decidirá melhor do que ele decidiu.

José Geraldo Vieira publicou um romance que puxa para o alto o nosso *standard* literário; quero me referir à *Quadragésima Porta*. Mas sobre ele o Rio pouco se manifestou. Parece não querer tomar conhecimento dum belo livro que não repele estafados anedótários nem é, para divertimento das crianças idosas, uma aflitiva espécie de Walter Scott do cangaço e do engenho.

25 mar., 1944

DAS COMEMORAÇÕES

(De São Paulo) – Há muito tempo que o Brasil não se comemora. Em meio do enervamento trazido pela guerra, parece que uma névoa de indiferença dirigida baixou sobre nossos melhores feitos. Tiradentes sumiu, 13 de Maio nem feriado é mais, a República não dá ar de que tenha sido proclamada, com sua carta idealista, seus democratas austeros, seus militares abs-têmios. Da história contemporânea tão rica e fecunda, nem se

fala! Que fim levaram, por exemplo, os dezoito do Forte de Copacabana, que deram, em 22, o sinal de partida para o futuro? Quem mais fala deles?

De modo que repercutiu muito bem a notícia de que se prepara afinal uma comemoração importante, a da revolução de 24 em São Paulo.

Vinte anos atrás, tivemos um espetáculo inédito em meio da tradicional passmaceira que conduzia a nacão. Na manhã de 5 de julho, justamente dois anos depois do levante sangrento de Copacabana, a capital paulista acordou com o barulho do canhão. Era um sábado. Na véspera, o presidente Carlos de Campos tivera uma idéia, numa roda de amigos: para dar ocupação aos soldados da Força Pública, ia manda-los atacar a broca do café, que aterrava os fazendeiros. De modo que, nessa manhã, quando fui chamado por um telefonema inesperado de d. Olivia Guedes Penteado, tentei tranquilizá-la dizendo que os tiros eram contra a broca.

— Não brinque! — respondeu a voz aflita de minha excelente amiga. — A nossa casa está cercada de soldados... Mataram o Bernardes, prenderam o Carlos... Há uma revolução!

Esse final era verdade. Mas o telefone continuava a funcionar. Tão bem que um amigo que trabalhava na secretaria da presidência me confirmou o fato de dentro do palácio dos Campos Elíssios: — “Estamos cercados mesmo”.

Não haviam cortado os fios telefônicos, nem espionado a desprevenida liberdade de movimentos do presidente paulista, que tinha ido a pé e sozinho, na madrugada do levante, para a sua residência.

O que se seguiu todos sabem. A revolução foi sufocada, mas persistiu e medrou. O Brasil não ficou quieto. Da descida pelo Paraná, das forças do general Isidoro, já liberadas pelo valor de Miguel Costa, saíram páginas vivas de guerrilha idealista que deram depois outras páginas.

Comemorar 24 é lembrar que o Brasil está vivo. É lembrar que o dever de nos todos é ligar pelos fatos e pelos anseios a tradição de luta pela liberdade que faz a verdadeira história da América.

SOBRE CASTRO ALVES

(De São Paulo) – Modesta e apagada transcorreu em São Paulo a comemoração do nascimento de Castro Alves. Mais uma vez se confirmou a indiferença que se apossou do Brasil, relativamente, aos seus autênticos feitos e aos seus autênticos homens. Particularmente, Castro Alves é um caso paulista. Seu nome está inscrito nas paredes da velha Faculdade de Direito. O Tamanduateí e as ladeiras do centro lembram suas boemias e seus amores. E quando surgiu na Bahia um sucessor do seu gênio, com sua mesma paixão, seu mesmo idealismo e a mesma riqueza e força, quero me referir a Jorge Amado, este também soube criar raízes em São Paulo e aqui deixar a marca da sua passagem amiga.

Sete anos atrás, Castro Alves teve entre nós, uma grande festa de saudade e de homenagem. O integralismo andava aceso e esquecendo com a maior naturalidade que no seu lema político havia a palavra "Pátria", enfezava sempre com a comemoração dos melhores vultos do Brasil. Apesar dos roncos e das ameaças dos "camisas-verdes", que impunemente marchavam nas ruas e impunemente agrediam, a "Frente Negra Brasileira" que então podia funcionar e era uma das mais belas organizações sociais que tivemos, resolveu celebrar o poeta da liberdade. A presença do general Firmino Freire, então coronel, na chefia do Estado-Maior da Região, privava os integralistas de levarem sua propaganda nociva ao exército e não houve dúvida que os sentimentos democráticos do ilustre militar tranquilizassem o clima agitado pela propaganda reacionária.

De qualquer modo, constituiu quase que um ato heróico a festa que se realizou no Teatro Municipal, presidida pelo cientista Raul Briquet, figura de maior relevo, e coadjuvada por Sangirardi Júnior e por mim. Éramos nós os únicos elementos arianos da comemoração, que contou entre seus números, a exibição de cinco moças negras declamadoras, tendo como oradores a professora Sebastiana Teixeira de Carvalho, o poeta Lino Guedes e o líder Francisco Lucrécio. Os integralistas fardados encheram metade do teatro e os elementos liberais, entre estes, a maioria composta de negros, tomaram conta da outra. Esperava-se a todo momento um choque violento, pois pelo telefone, os "camisas-verdes" haviam prometido sabotar a reunião.

O meu discurso, muitas vezes interrompido, constituiu uma das maiores alegrias da minha vida de lutador. Pois o jornalista Rivadávia de Souza que assistia à reunião, sem me conhecer, me tomou por um representante de sindicato operário. Isso assegurava estar liquidado em mim o original dos salões futuristas de 22.

Ainda agora, conversando com Rivadávia, eu lembrava a festa, que acabou sem mais incidentes a não ser a prisão de três ou quatro "camisas-verdes" que, no fim, já de saída, fizeram um inútil espalhafato. É triste se verem desaproveitadas essas forças da etnia e da nacionalidade, que são os elementos que tão eficazmente souberam realizar a "Frente Negra Brasileira". A capacidade intelectual e política de tal gente ficou marcada, indelével, para quem assistiu a essa gloriosa noite de Castro Alves. Basta dizer que uma das declamadoras negras recitou de cor e maravilhosamente bem o "Navio Negreiro" e outra disse o "Pedro Ivo". Deixando ambas longe a sra. Berta Singerman!

30 mar. 1944

O DESASTRE

(De São Paulo) - O chofer conduzia o carro devagar e ia falando:

— As lagrima caí dos olho sem a gente querê! A gente que é paí... Só vendo a fotografia da velhinha no jornâ. Perdeu o filho único. Nem ele encontraram mais. Só encontraram os documento...

Três dias atrás, eu forâ a Tucuruvi ver o cenário da catástrofe do trenzinho da Cantareira. Sobre uma das rodas de vagão caido, tinham colocado uma viscosidade vermelha em cima de um jornal. Era um pulmão.

De um ficaram só os documentos, de outro o pulmão. Quando um desastre esfacela assim quarenta pessoas, ferindo o dobro, a cidade parece recolher-se a uma sombria meditação. Depois começa a falar. E a condenação é unânime.

Porque a população pobre e laboriosa do subúrbio paulista é que foi atingida, massacrada. A segunda classe vinha cheia demais, pois a passagem é mais barata. Uma cozinheira comen-

tou. – Só tratam de fazê palácio pra se diverti. Dêxa os trem do pobre nessa condição!

De fato, é incrível o que se deu. Um trem engavetou em si mesmo, em plena velocidade. Uma simples brecada da locomotiva abriu o carro que a seguia cheio de passageiros, e o outro, e o outro... E a única testemunha de vista foi uma paralítica de fundo de quintal que, há anos, numa cama, assiste à passagem diária do pequeno comboio. Ele esfarelou-se a seus pés parados e inúteis.

Quem é o culpado? Chegaram a apontar o maquinista! Se o maquinista não brecasse!... Mas é natural que o maquinista bbreque, quando julga necessário. O que não é natural é não haver freio útil nos carros, é não haver nem cuidado nem vigilância e deixar-se o material rodante abrir-se na linha ao primeiro tranco. Um advogado pode arrancar grandes indenizações do Estado que explora a Estrada, dizem. Nunca, porém, fará reviver a alegria de quarenta famílias sem chefe ou sem filhos. Nunca mais restituirá à velhinha desolada da primeira página dos jornais o seu amparo que era o filho único.

Os justificadores habituais apelam para o estado de bagunça... do mundo! O mundo... O caos...

Não. Há responsáveis. Tem que haver responsáveis. A vida do povo laborioso de São Paulo não pode ficar à mercê da inconsciência teimosa dos que usufruem as vantagens do mando. Dos que não sabem atender aos problemas mínimos do povo.

31 mar., 1944

PLANTAR PARA COMER

(De São Paulo) – Está aí no Rio uma delegação de lavradores paulistas, tratando dos interesses da terra a que estão ligados. A economia rural paulista transformou-se. O café deixou de ser o nosso grande produto. Seu preço não dá sequer para a cultura. Basta dizer que todo o volume de sua última safra correspondeu em cruzeiros, no mesmo espaço de tempo, ao lucro de duas grandes firmas industriais – uma americana e outra ítalo-paulista. Somente o lucro! Foi o que me informou um lavrador pessimista. Disse-me ele que o homem que trabalha no campo faz apenas

para o seu sustento. Isso, o fazendeiro, o sitiante, o empregado bem pago. Porque o resto das populações rurais perece à mingua de recursos.

De fato, está comprovado por pesquisas médicas, feitas na Santa Casa da capital e em outros hospitais, que os camponeses, recolhidos em estado desolador, sofrem de dois males — verminose e fome! Quinze dias de alimentação e vermífugo deixam-nos outros homens. Parece que idêntica experiência foi feita relativamente aos contratados para a Amazônia. Basta dar-lhes um pouco de comida sadia e eles se readjustam imediatamente e ingressam na vida ativa. Quer isso significar que o Brasil camponês morre de fome, enquanto os capitães de indústria e suas respectivas tropas de assalto já iniciaram as mil e uma maneiras de blefar o fisco que o ministro Souza Costa orientou no sentido de diminuir-lhes os lucros fabulosos.

Flávio Rodrigues, o homem do algodão, que se acha entre os delegados recebidos pelo Presidente da República, fez-me presente de uma *Odisseia do produtor*, que começa num diálogo onde o homem da máquina lhe diz: — “Plante algodão e você ficará rico em pouco tempo!”. E termina com este monólogo do Jeca: — “Paguei a máquina. Paguei o agrônomo. Paguei o vendeiro. Paguei as ferramenta. Paguei os adubo. Paguei a terra. E não sobrô nada! Agora tô que nem capim: quando chove nasce; quando nasce, o boi come...”.

2 abr. 1944

NO CAOS DO PRESENTE

(De São Paulo) — Estão acusando o sr. Plínio Barreto de comunista. E ele quem o afirma pelos jornais. Em compensação também dizem que Stálin não é mais comunista. Gozadíssimo. Os pratos da balança de julgamentos dançam num rondô fremente que ninguém procura entender.

De fato, se a dialética magistral de Stálin nunca me fez duvidar de sua conduta, é impressionante a atitude corajosa e honesta do antigo jornalista e robusto pilar da sociedade conservadora de São Paulo. Em artigos sensacionais e sucessivos, o grande causídi-

co tem deitado uma catilinária poderosa contra os desmandos agônicos da máquina capitalista.

Essa e outras conversões de São Paulo que vêm derrubando do alto de sua antiga segurança os cavaleiros ilustres da nossa burguesia, hoje atentos à voz do Cristo essênio – atestam boa vontade e compreensão em alguns líderes do passado. Assinale-se, de passagem, a adesão de outro importante publicista, o sr. Rubens do Amaral, à campanha do sr. Plínio Barreto.

Por outro lado, uma espécie de *Fontamara* nativa vai se desenrolando aos golpes de aríete que, na estrutura da nossa organização do trabalho, vem provocando a execução das leis sociais de última hora.

Um fazendeiro, banqueiro e amigo comum pede que eu chame a atenção do ministro Marcondes Filho para certos *impasses* criados pela legislação atual. Um por exemplo: o prejuízo trazido ao colono e ao sitiante pela folga obrigatória do domingo.

O domingo no campo foi sempre o dia propício às vendas e compras do sitiante e do colono. Vestido no terno limpo, sobre o seu punga, o nosso campônio procurou sempre realizar um pequeno comércio bem como fazer provisões no dia de descanso de sua laboriosa semana. Era quando levava galinhas, ovos e verdura para vender na cidade e trazia de lá as suas provisões. Aproveitava, matava o bicho e até ouvia missa.

Hoje, as cidadezinhas e as vilas morrem de tédio e de silêncio nos domingos, enquanto o turco da esquina blasfema de raiva e o colono é obrigado a perder um dia ativo para vender e comprar.

Não seria possível respeitado o descanso pelo rodízio, a organização de feiras dominicais para dar solução ao caso? É o que perguntam.

4 abr., 1944

AINDA CASTRO ALVES

(De São Paulo) – Recebi e transmito aos leitores do *Correio da Manhã* a seguinte carta:

"Você há de ser sempre um indivíduo tendencioso. Ou então é um distraído de marca. Pois não é que teve a coragem

de afirmar que este ano não se comemorou Castro Alves em São Paulo! Quem foi que lhe disse? Por acaso não teria visto você por uma semana, nas páginas sucessivas de conhecido vespertino, aquele sorriso edificante de 'nossa querido diretor' que inutilmente o Aporely tentou macular? Não teria visto, num corte de casaca impecável, aquela braquicefala de olhar firme e sisudo, aquela solene satisfação de carcereiro promovido? E que mais queria você? Por acaso o retrato de Castro Alves! Para quê? *Les morts vont vite...* O que importa são os donos. E quem no Brasil é o dono de empresas e de poetas? Quem e que, aqui em São Paulo, neste e em todos os idos e vindos de marco, realiza não uma suspeita festa libertária como essa que você referiu em sua crônica, mas uma comemoração familiar em ciclos e infernos, com piqueniques e paus-de-sebo, a favor do gênio de 'As vozes d'Africa'?

— Leia o tópico que segue e envergonhe-se de não saber o que se passa em sua terra.

"Aproveitando o ensejo, os diretores da Casa de Castro Alves de São Paulo, das quais o coronel Costa Neto é presidente-geral, realizaram na mesma oportunidade a solenidade do encerramento das homenagens à memória do grande poeta patrício, ao mesmo tempo em que significavam também seus aplausos ao coronel Costa Neto. Usou da palavra, saudando o ilustre visitante o sr. Menotti del Picchia, diretor de "A Noite" de São Paulo, que de improviso salientou a figura do imortal cantor da libertação dos escravos e demais episódios da história de nossa terra, passando em seguida a relatar as atividades do coronel Costa Neto, grande amigo de São Paulo."

Essa *corbeille* nacional em que se entrelaçaram *per aspera ad astra* os nomes de Castro Alves e Costa Neto, foi ontem exibida pelo poeta-acadêmico de "Salomé", que, na véspera, num lauto almoço do Esplanada, também em homenagem a Castro Alves, saudara no mesmo brinde Herodes e o Batista. Peço, pois, a você que quebre a campanha de silêncio que se fez em torno de mais um festejado aniversário do poeta e retifique a sua crônica. Leitor assíduo."

Sem dúvida.

6 abr., 1944

A CRIANÇA BRASILEIRA CHORA

(De São Paulo) – É de um dos mais ilustres membros da Academia Nacional de Medicina, o ginecólogo Edgard Braga, o seguinte libelo, publicado por um matutino:

“Se não temos diretamente o problema propriamente dito da desnatalidade, temos em alto grau o da mortalidade natal e neonatal, decorrente da miséria, da falta de cuidados médicos, da pobreza, da moléstia e da incultura em que vegetam as desvalidas mães brasileiras, esquecidas, aviltadas, postergadas nos seus direitos, enquanto em outros setores, nos domínios fabulosos da zebulândia, por exemplo, as criadeiras de puro-sangue, gires, nelores e outros, passeiam, displicentes, a sua fartura mansa, de pelo escovado, tratadas com hormônios escolhidos e rações vitaminizadas, em estábulos que lembram sonhos indianos, ao lado de tratadores paradoxalmente esquálidos e doentes, roídos de gafeira, taciturnos e resignados, tendo apenas, para diferencá-los, sem vantagens, a palavra humana, pobre palavra trôpega e medrosa que ali nada exprime, queixa ou revolta, senão a aquiescência tímida de um ‘sim’ compassivo e dolorido. E cada bezerro vale o que não vale uma criança...”.

Creio que não é preciso dizer mais. Já em 32, durante uma retirada que narrei em romance, um soldado paulista exclamava diante de um estábulo: – É mió sê vaca aqui... Tem casa!...

O ex-deputado Nelson Ottoni de Rezende, na mesma época, clamava na Câmara Estadual contra o descaso dos fazendeiros, que admitiam que as colonas gestantes dessem à luz em pleno cafezal, pois o trabalho das mesmas era exigido, pelas condições econômicas, até a última hora, enquanto não faltavam os zelos milionários pelo gado e pelos cachorros caseiros.

Desse admirável homem da transição que é Samuel Ribeiro, ouço há muito tempo as mesmas objurgatórias.

Todo o mundo está de acordo e não é outro o sentido da Campanha da Redenção da Criança, patrocinada por pessoas do maior poderio social, inclusive a sra. Darcy Vargas.

Mas o problema é complicado e o que se tem feito e o que se pretende fazer é pouquíssimo. Basta abrir a página de um vespertino daqui e ver a situação das crianças que, com as famílias baianas, procuram o solo paulista, em busca de trabalho. No meio de fotografias que fariam chorar um frade, de carne ou de pedra, encontro o seguinte:

"É esse o espetáculo que se vem observando ultimamente, quase todo dia, ali na estação do Norte. Ainda hoje cedo uma alma qualquer, cuidadosa e aflita, nos telefonava para dizer que outra leva de emigrantes chegara a São Paulo, aguardando naquele gare o seu destino. O telefonema adiantava que uma criança morrera de fome, mal suportando os sacrifícios da viagem."

Conta em seguida o repórter os detalhes da viagem. Eram dez pessoas no início. À saída de Muriaé, na Bahia, morre de febre o chefe Timóteo Vieira. O filho mais velho com dezessete anos, passa a conduzir o grupo a pé, pelos invios caminhos que levam ao São Francisco, e depois de Pirapora a São Paulo. Uma criança vem morrer na estação da chegada. As outras estão doentes e fracas. E, conduzida pela polícia para Deus sabe onde, a mãe, d. Benedita Vieira, não tem mais forças para se manter de pé. Tudo isso à sombra das campanhas filantrópicas.

Não é sem razão que no interior de São Paulo batizaram esses desgraçados patrícios de *morre-andando*.

7 abr., 1944

O PAPA E O PUGILISTA

(De São Paulo) – Agora que passou a Semana Santa, disse-me um amigo, já é permitido à gente cogitar do que se teria passando no Vaticano, há duas semanas, quando sobre a Capela Sistina desceu com todas as honras o para-quedista Max Schmeling. Quando me falam mal do surrealismo, eu dou o estribo.

– Pois quer você, neste fim de mundo, coisa mais parecida com as concepções de Salvador Dalí, do que essa tempestuosa aparição do peso-pesado nazista pelas *lojas* geniais onde Rafael deixou a marca de sua construção e de sua finura imortal, e onde Miguel Ângelo arquitetou um painel fabuloso que aliás ficou ingênuo e cor-de-rosa, ante o Juízo Final a que assistimos...

– Eu, respondi, não tenho uma grande experiência dos deuses nem de suas cortes, mas fiz uma vez um teste e verifiquei que há um grande interesse por parte dos pais espirituais da terra pelo homem da caverna e seus processos. Estava em Paris o único deus vivo que apareceu nestes últimos tempos...

– Quem? Crisnamurti?

– Não. Crisnarji... Ele não era mais "murti" já era "ji", isto é, "deus" e não "projeto de deus". Continuava a jogar tênis e peteca com uma *miss* sexagenária que diziam ter sido sua ama-de-leite...

– Não era Annie Besant?

– Não. Annie foi o Colombo desse ovo moreno de bigodinho que conduzia turbas mestiças para férias ativas na Holanda. Pois me deu uma gana de falar com o deus presente.

– Você conseguiu?

– Inutilmente procurei apoiar a minha pretensão no prestígio de embaixadores e jornalistas. O deus vivia seqüestrado num cenáculo de sufragetes e ascetas. Ninguém conseguia chegar até ele, quanto mais bater um papo... Lembrei-me então de lhe mandar o meu cartão de visita e escrevi embaixo: da *Revista de Antroposagia*... Pois fui imediatamente recebido. É o caso de Schmeling. Quem quisesse salvar a alma, pedir um milagre, contar uma aflição, não conseguiria...

– Bem. Com o pugilista foi tiro e queda. Só ele, chegou, viu e venceu, no meio dos bombardeios, dos incêndios e das ordens de fogo. Mas é isso o que me ingiriza... que diabo teria dito o Papa a Schmeling?

– Que só há um perigo no mundo...

– O punho de Joe Louis?

– Não. O de Stálin...

18 abr., 1944

OS URAIS BRASILEIROS

(De São Paulo) – O jornalista Herculano Torres Cruz, que acompanha a caravana de estudantes em visita ao Brasil Central, telegrafa informando que a mesma atingiu a base do Rio das Garças, tendo atravessado todo o Estado de Goiás. Os estudantes sobrevoaram amanhã as margens do Rio das Mortes, onde se acha acampado o coronel Vanique, chefe da Expedição Roncador-Xingu, e que se encontram apenas a dez quilômetros dos Xavantes.

Como se vê, a bandeira que partiu o ano passado do túmulo de Fernão Dias, na basílica de São Bento desta capital, está

atingindo os seus fins. Interesse maior desperta ainda essa visita de estudantes e jornalistas ao coração da terra brasileira que promete ter uma posição excepcional em nosso futuro. O ministro João Alberto, em entrevista concedida pelo rádio das margens do Xingu, referiu-se à localização desses ricos territórios que se podem chamar os Urais brasileiros e cujas reservas, ligadas à posição geográfica, podem ter, se for necessário, uma importância estratégica essencial.

O mundo em guerra tem-nos proporcionado surpresas boas e más. Entre elas a de que os inimigos da liberdade dos povos não estão totalmente incapacitados de ação. Como referiu um escritor peruano, o fascismo procura renascer, quando agoniza. Devemos estar atentos à defesa da nacionalidade e da democracia. E entre as atuais providências cumpre assinalar a que visa preparar posições inexpugnaveis para o Brasil.

20 abr. 1944

A EDITORA BRASILIENSE

(De São Paulo) – Preparam-se grandes farras literárias na próxima semana, por ocasião de ser aqui inaugurada mais uma editora, e esta com todos os laureis e estigmas duma autêntica fundação intelectual. Basta dizer que dela participam como sócios quatro escritores – Caio Prado Júnior, Hermes Lima, a senhora Maria José Dupré e Arthur Neves.

Este é o menos conhecido como tal, não tendo publicado, que me conste, senão o prefácio da edição ônibus de Monteiro Lobato e todas as *orelhas* interessantes da Editora Nacional que acaba de abandonar. No entanto, como pelo dedo o gigante se revela, podemos desde já deixar guardado para Arthur Neves um lugar na literatura nova e quem sabe se, no futuro, na Academia Brasileira. Do seu aspecto frouxo de "morre-andando" brota uma tal ironia cultivada e de sua crítica vigilante uma tal novidade que eu por mim, jogo no seu futuro. Desde já, ele é a alma da Editora Brasiliense. Fascina as jovens mariposas da produção intelectual, que lhe vão levar os originais inéditos com um ar de calouros em dia de trote, e mobiliza os vetera-

nos para o bate-papo de fundo de livraria com que vai arregimentar o seu corpo de editados.

Os outros são mais velhos e conhecidos. Quem não leu os *Éramos seis* da senhora Leandro Dupré? Quem ignora a atividade brilhante de Hermes Lima ou não sabe do valor de Caio Prado Júnior, cada dia mais avultando como cultor da nossa história?

A piada que corre é que a Brasiliense vai ser uma auto-editora. No que nada perde sem dúvida, pois todos os seus componentes têm crédito junto aos colegas e ao público.

23 abr., 1944

O PREFEITO KUBITSCHEK

(De São Paulo) – Foi uma surpresa saber-se aqui que o prefeito de Belo Horizonte convidara intelectuais e artistas para visitarem sua capital, no momento em que aí inaugurava uma exposição de arte moderna. Irá assim, em maio próximo à Minas um grupo de escritores e pintores do Rio e de São Paulo, e serão realizadas ali conferências e confraternizações.

Apesar do nome, o prefeito Juscelino Kubitschek é um autêntico brasileiro de Minas. A fama que dele nos chega é de ser oriundo de terras pioneiras. Uns dizem que é de Diamantina. Outros de Montes Claros. Seja como for, venha donde vier, esse moço aparece na vida pública brasileira como um desempenhando realizador de coisas interessantes e úteis. Há dias ainda divulgavam os jornais daqui o seu discurso inaugurando o Hospital Municipal. Por aí se vê que uma preocupação literária recobre as palavras do administrador. Ele também vê a sua capital, a sua história e o seu futuro com um amor que não esquece a situação atual do mundo e seus problemas.

Daqui deste canto do *Correio* eu me animaria a lembrar ao prefeito empreendedor que vá agora ao Rio e venha a São Paulo ver os efeitos da imprevidência no setor de transportes destas duas metrópoles. Se bons anos atrás se houvessem lembrado de que os habitantes duma *urbe* em ascensão precisam de escoamento para seu trânsito futuro, não se veriam hoje os lamentáveis quadros das filas quilométricas à espera de ônibus ou dos bondes abacaxis que levam gente até pendurada nos fios.

Com a guerra, são imensas as dificuldades para a instalação do metro aqui ou na capital do país. Se quando essas cidades não tinhão ainda meio milhão de habitantes, se tracassem planos e tomassem as providências iniciais para a construção de um caminho de ferro subterrâneo, nada haveria de melhor. Belo Horizonte, pela sua topografia e suas ruas largas, talvez comporte um metropolitano exterior em parte.

Ao prefeito Kubitschek talvez deva caber a iniciativa desse progresso, enquanto a cidade-menina dormita em seus braços protetores.

25 abr. 1944

SAUDEMOS A FRANÇA

(De São Paulo) – Continuam a chegar notícias telegráficas do maior interesse sobre a reabilitação do corpo ferido da França. Basta atentar sobre a energia com que os seus organismos reconstituídos de governo vêm tratando os traidores, encostando-os à parede dos fuzilamentos e começando assim a liquidar a tenebrosa aranha de Vichy para se ter uma segura esperança de que nada houve de mortal nos colapsos de 40.

Justamente, enquanto se liquida à bala um membro aristocrata do Comité des Forges, celebra-se por toda parte o centenário do nascimento de Anatole France. Essa coincidência vem avivar o sentido avançado e social da obra do amável criador de Silvestre Bonnard. Se a ultima França burguesa se apossou do ceticismo anatolian para colocá-lo como uma orquídea cínica na lapela dos seus figurinos decadentes, isso foi uma usurpação. Anatole permanece o homem que defendeu o semita Dreyfus contra o programa jurídico inventado pelos reacionários da Terceira República. De sua obra não decorre somente um humanismo bem trocado a serviço da geral cultural, mas ficam as suas numerosas intervenções pessoais, os seus pequenos discursos, cartas e bilhetes, onde tudo fez pelo advento de tempos melhores.

Olhemos, pois, a França Livre, como um todo que se reconstitui, tonificado pela própria vacina liberal e progressista. Tenhamos absoluta fé no seu futuro. Ele reatará, sem dúvida, o

colar de conquistas espirituais que seus grandes homens nos legaram e seus grandes feitos souberam consolidar.

Justamente o que falta aos tiranos que têm procurado acuadilar a nossa época é uma boa dose de anatolismo, desse que soube rir das certezas desesperadas dos cretinos e da ardorosa empáfia dos senhores do mundo.

26 abr., 1944

O CASO VOLPI

(De São Paulo) – Talvez aos leitores do *Correio* seja estranho o nome que encima estas linhas. É preciso portanto explicar: 1º) Que a pintura no Brasil, depois de ter uma época "heróica" que permanece nas pinacotecas com esquadões de Pedro Américo e caipiras e retratos de Almeida Júnior, teve uma fase acadêmico-impressionista que deu, entre outros, aí no Rio Visconti e aqui, o ignorado e triste Oswaldo Pinheiro. 2º) Que depois veio uma fase de folhinha bem colorida e bem talhada que teve seu principal representante em Batista da Costa. 3º) Que já iniciava então a sua carreira aqui, o mestre inconfundível que é Lasar Segall. 4º) Que se fizera também, a revolução modernista e que São Paulo e Pernambuco haviam apresentado alguns valores definitivos como Anita Malfatti, Tarsila, Di Cavalcanti e Cícero Dias. 5º) Que o então jovem pintor acadêmico Cândido Portinari tendo levantado o prêmio de viagem na escola de Belas-Artes, foi à Europa e voltou de lá, libertado de preconceitos e fórmulas. De modo tal que deu ao seu lirismo nativo um notável impulso, colocando-se entre os mestres do momento. 6º) Que ao lado de Portinari surgiram valores novos na pintura, tendo à frente um homem admirável chamado Guignard (Nota – Apesar desses nomes arrevesados, toda essa gente é brasileira). 7º) Que ao contrário do que se esperava, Portinari caiu num virtuosismo fácil e brilhante que pôs em xeque a sua magnífica posição. 8º) Que Guignard ao contrário, se tornou um chefe de fila no sentido da pureza da autenticidade e da técnica de sua criação. 9º) Que em São Paulo surgiu uma escola, composta de adolescentes como de homens maduros,

todos senhores do pincel, e que entre esses avultou um quarentão chamado Alfredo Volpi. E que esse pintor abriu agora uma exposição de real interesse. 10º) Mas que nessa primeira mostra, o artista parece hesitar entre o caminho puro de Guignard e o caminho sabido e rútilo de Portinari. Com quem ficará Volpi? Para onde irá? Sua maneira é complexa e dela falaremos. Eis o que se chama o caso Volpi.

27 abr. 1944

TIRADENTES

(De São Paulo) – Felizmente até agora não apareceu nenhum dono de Tiradentes. Castro Alves, a Baía de Guanabara, e outras riquezas autênticas do nosso patrimônio tem sido usuca-piadas por mais de um magico do circo em que vivemos. O proprio Bilac já sofreu, por parte de um tenebroso metrificador, materialização em papel de luxo que acabaria de liquidar a sua memória, se o interesse recente de um poeta autêntico – e que poeta! – Vinicius de Moraes – não trouxesse para a sua lírica um pedido de revisão de processo.

Mas Tiradentes é um caso difícil de abordar-se. O mineiro soube ir à força pela Liberdade e isso, no mundo caótico em que o fascismo ainda pretende dar coices depois de morto, pode constituir quem sabe se até um péssimo exemplo!

De fato, onde já se viu ter alguém a coragem de querer que não prevaleça em sua pátria um regime de tirania insidiosa e capaz de mantê-la numa paralisia de gestos e de aspirações que só possa beneficiar à família real? Desafogo! E conspirar? E afirmar que conspirou e aceitar o seu destino no fundo de um carcere, certo de que seus protestos iam florir no futuro e inunda-lo de crença na nacionalidade e de fé no caminho pátrio?

Não é à-toa que se hesita em dar a Tiradentes um dia branco na folhinha nacional. Esse dia só pode ser vermelho.

28 abr. 1944

A TEMPORADA

(De São Paulo) – O Ballet Russe está dando aqui os seus últimos espetáculos. Trouxe a São Paulo poucas coisas novas, entre elas a "Sinfonia Fantástica", de Berlioz. No Rio serão dados "O Pássaro de Fogo" e "Petróuska" de Strawinsky, com cenários de Picasso.

Ficaram em nossos olhos algumas realizações bonitas do coronel W. de Basil, entre outras a revivescência da pintura pré-renascentista com música de Tchaikovsky, em "Francesca da Rimini"; "Os Presságios", "O Fauno", de Debussy, coisas galantes de Cimarosa e Scarlatti.

A temporada teatral deste ano prosseguirá aqui com um importante acontecimento – a apresentação de *Os Comediantes*, de Santa Rosa. Eles nos trarão o já célebre "Vestido de Noiva", de Nelson Rodrigues. Depois virão Dulcina e Odilon, ora na sua fase séria, oferecendo com grande êxito, ao que me dizem, Bernard Shaw e Giraudoux.

De repente, revela-se no Brasil, uma capacidade de compreensão dos atores, da crítica e do público que não deixavam suspeitar as pachouchadas que alimentaram durante um século a nossa triste ribalta.

Elemento de liga entre os componentes desse triunfo vai sendo Dante Viggiani que, dada a sua posição na engrenagem teatral, alimenta e acoroçoa essa investida. Tendo deixado sua carreira de advogado para auxiliar seu pai, o empresário Viggiani, esse moço vinha conservando desde estudante boas relações no meio intelectual e jornalístico de São Paulo e Rio, donde tem tirado possibilidades e empreendimentos com uma justa compreensão do momento. Possui ele uma fé absoluta na reabilitação do teatro nacional e para isso contribuirá com suas forças organizadas. – Se temos já uma poesia e um romance à altura dos mais civilizados, disse-me ontem, por que não havemos de ter o mesmo fenômeno nesse setor de direto entendimento com o público?

Assim seja!

29 abr. 1944

NOÊMIA

(De São Paulo) — Entre os pioneiros da moderna pintura brasileira — no meio dos quais avultam Anita Malfatti e Di Cavalcanti que tomaram parte da Semana de 22 — e os novos valores que em São Paulo estão criando uma espécie de escola local, situa-se uma figura particularmente interessante. É Noêmia.

Aí no Rio, está ela dando agora em exposição, a beleza do seu engenho de colorista e a sugestão de sua finura de mulher.

Julgo absolutamente útil haver numa pintura em formação, as contribuições mais opostas e variadas. No Brasil, até Portinari é necessário.

Noêmia começou agreste e sincera como uma fruta paulista. Suas lembranças fazendeiras, sua meninice de campo, haviam de dar algumas das saborosas telas que vi no seu atelier de Paris, ainda em 39.

A viagem no entanto e sobretudo a ambiência de Montparnasse nos anos que ela aí passou, parece terem-na destinado a uma mudança. Talvez a influência lírica de Marie Laurencin lhe tivesse indicado um caminho diverso do rude atalho inicial, onde brotavam como guabirobas as suas paisagens. Passou do retrato ao divertimento elegante, e aí produziu o que o Brasil nunca teve — a feminilidade na tela. As nossas pintoras não haviam até agora dedicado seus trabalhos a esse filão rico, de valorizar a mulher como flor, tirar dela toda tragedia e inspirar-se somente nos seus lazeres e preguiças. Nisso, Noêmia conseguiu um êxito todo especial, pois ela também se transformou, deixou de ser a paulistinha calada, quase casmurra que pintava o que viram seus olhos na infância para se tornar a mulher de grande classe, confundindo-se quase em uma granfina qualquer.

Tenho, no entanto, certeza de que o fundo de Noêmia não mudou. Ela é a mesma criatura sensível e doce que tem pela vida o respeito dos que se fizeram no esforço, no trabalho e na inocência.

30 abr. 1944

DA NOSSA LITERATURA

(De São Paulo) – Inaugurando as suas atividades, a Editora Brasiliense, dirigida por Arthur Neves e Caio Prado Júnior, distribuiu diversas incumbências a escritores daqui. Coube a mim uma curiosa e inesperada tarefa, a de dar ainda este ano uma História da Moderna Literatura Brasileira. Podia-se pensar em qualquer sujeito posado e assentado, por exemplo um crítico católico, medalhinha de pescoço do exército do Pará, ou em um medalhão mesmo, desses que assustam quando a gente sabe que ainda vivem em carne e osso, com suas escoltas de farricocos emburrados ou ainda, em uma dessas juventudes de testa grande que aparecem crismadas pelo clima do sucesso ou batizadas apenas no Jordão de um prefácio. Não! Foi a mim que a diabólica inteligência de Arthur Neves delegou essa prebenda de fazer desfilar os últimos vinte e cinco anos da nossa literatura.

Aceitei o encargo absolutamente surpreso, mas depois infinitamente contente. Pois estamos, de 22 para cá, sem dúvida alguma, no período áureo da nossa criação intelectual. Frente à Europa burguesa destruída e à América Latina acaudilhada pelas letras hispânicas, como muito bem observou em conferência feita agora na Faculdade de Direito, o grande Jorge Amado – o Brasil apresenta um corpo de romancistas, de poetas e até de ensaístas, críticos e teatrólogos que o colocam em posição nada inferior à da própria América do Norte. Terão os Estados Unidos um perito de vôo alto, um civilizado que faz nascer entre nós a muda floral do humanismo de Mann, como José Geraldo Vieira? Um poeta que voga entre Carlito e Machado de Assis como é esse Pequeno Polegar que se chama Vinícius de Moraes? Mesmo os grandes escritores sem obra, como Monteiro Lobato e Mário de Andrade, terão os seus correspondentes continentais, nesse afã maravilhado da tecelagem de uma escrita nova?

Vou reler toda essa grande equipe de romancistas que vêm de Lima Barreto ao joviníssimo Geraldo Santos, de poetas que correm de Manuel Bandeira ao inédito Raul Muller, de críticos que saem do bojo abacial de João Ribeiro para vir dar os chato-boys de São Paulo, entre os quais, apesar do talento rebelde que tem, talvez se acabe colocando em primeiro turno o grave Luís Washington.

Toda essa plêiade inúmera e inquieta sairá quentinha da fervura de um instantâneo, que não pode ter outro sentido esse

corte na caminhada rude e vitoriosa de que modestamente participo, sem grupos, sem alalás, sem Cruz Vermelha, como aquele espanhol que tinha uma metralhadora por conta própria. É verdade que fielmente me batendo como quase todos, na direção do futuro.

3 mai., 1944

O ROMÂNTICO AGRIPINO

(De São Paulo) – Num congresso de escritores, realizado em Moscou há muitos anos, houve quem dissesse que a nossa época criara o romantismo socialista e que era essa a sua grande característica. Uma qualidade de literatura que parecia destinada a desaparecer, depois dos golpes minuciaristas e calculados de Flaubert e do naturalismo internacional, renascia de fato do caos dos prenúncios de uma nova era. Silone na Itália, Malraux na França, Steinbeck na América, fora os contemporâneos russos como Gladkov e Ehrenburg, deitaram por terra o parnasianismo em que se ia transformando a neutralidade realista das últimas gerações burguesas.

Aqui no Brasil, o romantismo socialista tem o seu máximo representante no mestre do romance que é Jorge Amado. Não sei ate onde vão as ideias políticas de Agripino Grieco, mas sei que de uma turma que viajou pela Itália anterior para falar bem do fascismo, ele foi quem teve a coragem de dizer a verdade sobre o Duce e a camarilha sinistra de seu governo. Essa grande audácia não tiveram, sequer pela metade, grandes vermelhos de hoje. Fica a Agripino Grieco a condecoração única que talvez ele aceite em toda a sua vida – a de ter publicamente reagido contra a chantagem fascista, quando o eixo ameaçava engolir o mundo.

Agripino realizou ontem aqui no Teatro Municipal uma conferência pública. E nunca vi o grande teatro paulista se encher tanto. Vi uma única vez em que ouvi Ruy Barbosa falar. Entre o tribuno clássico da Bahia e o humorista sadio de hoje, não havia nenhum traço comum, a não ser este – o povo os escuta. Mas isto é da maior importância.

Ontem, mesmo depois da conferência, o povo não se queria afastar, sair. Parecia que estávamos diante do Iluminado de Campo Grande.

E que disse Agripino? Apenas falou mal. Chicoteou em público figurões e figurinhas, aproveitando-se de uma palestra lírica sobre Portugal. Há um cansaço de elogios pastosos, de discursos mendazes e oficiais, de elogios à terra e à gente, disso que fez Agripino começar a sua conferência dizendo que Pero Vaz Caminha já estava a serviço do Dip.

O povo reclama esses desrecalques, e por isso, pelo que encerra de oposição valente e talentosa, Agripino se tem tornado uma figura essencialmente popular. A sua sátira romântica e apaixonada, já conseguiu o que todo escritor almeja – o êxito e o público. A conferência de ontem, no Municipal, marcou o que se costuma chamar de sinais dos tempos.

6 mai., 1944

TORRES RIOSECO

(De São Paulo) – Afinal não podemos queixar-nos da Fundação Rockefeller. No passado, muito devemos a ela, aos cuidados e auxílios de suas missões educadoras e sanitárias.

Se um instituto estrangeiro conseguiu possuir entre nós uma tradição de filantropia efetiva e de aproximação realista, foi esse que aqui em São Paulo realizou e auxiliou a realizar muitas das iniciativas de primeira ordem com que nos orgulhamos no campo da Medicina e da Higiene.

Agora é no terreno intelectual que a Fundação Rockefeller se manifesta com uma orientação proveitosa de fato. Manda-nos para estudar a nossa literatura e anuncia-lá um crítico. É o intelectual chileno Arturo Torres Rioseco que há muitos anos reside, atua e leciona na Califórnia. Acresce que Rioseco vem permanecer entre nós um ano. E com certeza não dará um instantâneo borrado do Brasil à lá Waldo Frank.

Suas relações já estão travadas com os nossos poetas e romancistas. E mesmo a sua obra já é conhecida. Alguns dos seus poemas vão ser agora traduzidos por um grupo nacional, do qual

participo ao lado de Carlos Drummond de Andrade, de Cecília Meirelles e de outros.

Quanta gasolina inútil se tem gasto com a visita parva de turistas distintos que nos vêm conhecer em três horas e decidir de nossa civilização e do nosso destino em duas páginas!

Quanto óleo fino se tem posto fora para levar em viagens transcontinentais alguns dos mais peludos imbecis de nosso jornalismo, de nossa ciência, de nossas letras!

Ao menos essa compensação nos ficará. De termos entre nós Arturo Torres Rioseco. A ele o nosso copo. Hay motivo!

7 mai., 1944

A INSÔNIA INTERNACIONAL

(De São Paulo) - Quando o romancista tira da existência diária os seus personagens, os retém numa seria e refletida elaboração para devolvê-los depois nas páginas de um livro pode estar certo de que vivem. E desse modo que eles passam a ser propriedade do mundo e particularmente dos que os compreendem e amam. Genoline Amado já se tornou dono de uma das minhas criaturas de "Marco Zero". A ele deve o velho italiano de São Paulo Jacopo Frelin, mais de uma referência carinhosa e brilhante. Jacopo Frelin, no cinema sonoro da cidade, e a fita muda do desemprego. Em casa, rouba o macarrão escasso dos seus. Na rua caminha, gesticula, acha um jornal, pensa em Prestes, ouve um noticiário de rádio, caminha de novo. E de noite, não dorme. Não consegue dormir. Porque os italianos de Mussolini ocuparam a Abissínia porque Hitler ganhou o Sarre, porque.... De fato a humanidade faz parada em seu quarto miserável e coletivo. Quando a velha companheira de seus dias lhe chega aos cabelos brancos o acolchoado antigo e lhe diz ao ouvido: - "Dorme! Dorme Jacopin" Ele retruca: - Non posso! Agora vem a Anchilussa! A velha exclama então uma das melhores frases que ouvi quando meus dias rolavam nos penosos bastidores da ilegalidade e da miséria paulista. "Hitler, Mussolini... outros... outros... Para que pensar neles? - Os político non te dão nada, Jacopin.

Isso se passa no terceiro volume de "Marco Zero" que intitulei "Beco do Escarro" e que estuda a cidade industrial da estrutura ferrea dos bancos aos bairros enlameados e tristes. No primeiro já publicado "A revolução melancólica", o velho Frelin aparece e, num momento de crise da coletividade, demonstra o interesse que o opõe, metendo-se no tumulto da chegada dos soldados vencidos na revolução de 32. Quer ver. Os guardas expulsam-no do bolo de gente, evitando assim que seja pisado pela multidão. E lá vai ele resmungando: – Esses vagabando de grilo veste uma farda e pensa que é gente. Eu sou um popular curioso!

Hoje, se estivesse aqui, ao meu lado, Jácopo Frelin teria suas noites espaventadas por acontecimentos mais próximos. E talvez dissesse na insônia renovada a d. Idalina: – Non posso co Coronelo Perrão! E esse nigôcio da Bulívia? Mi dá arrupio!

10 mai., 1944

POESIA REACIONÁRIA

(De São Paulo) – Quando havia a célebre Caixa de "O Malho", o Brasil inteiro se divertia à custa de poetas bisonhos, estreantes ou não, que levavam uma surra danada do cronista que exibia seus versos nesse setor da publicação carioca.

Agora resolveu uma revista de São Paulo reviver as proezas métricas ou não de vates cuja inspiração transborda de assuntos presentes, muito digna de nota e louvor, mas que parecem ser filhos daqueles descabelados Mussets de Cascadura que tanto faziam gozar nossos avós. O pior é que tal revista apesar de publicar informações e artigos de utilidade, está levando a sério a tarefa de desmoralizar a produção intelectual de esquerda. Em dois números seguidos insiste em dar aos seus leitores o que ela chama "poemas". Um deles apareceu assinado por Mário de Andrade. É uma poesia que se intitula simplesmente "A tal..." (o que faz logo o leitor pensar em "a que não se lava" e em seguida num reclamo de sabonete). Não sei quem é esse bobo que anda usurpando o nome de um mestre do modernismo para vir dizer que, se a segunda frente não vier, ele não atende mais o telefone, não sai de casa até, em vez de requerer um lugar, de telefonista que seja ou de vivandeira, no Corpo Expedicionário, já

que não sabe fazer mais nada para salvar a pátria. Eis uma amostra do poema:

Pede também comigo uma segunda frente, Maria.
Que alívio essas crianças.
Que permita um sono, abra uma clareira.

Em seguida, solta a referida ilustração três sonetos de um garimpeiro que apareceu sob a proteção admirativa de Monteiro Lobato. Também é de se acreditar que seja outro Monteiro Lobato, não o homem de "Os Urupês". O sr. Robespierre de Melo (é o nome do poeta) tira dos seus garimpos estas joias:

Se a morféia apodrece a carne, por desgraça.
Mal dentário destrói as fibras de uma raça.
Na orgânica invasão de pus que a gente engole

Não estou brincando. Estes versos foram publicados como os *do tal...* Mário de Andrade, a serio, numa revista de São Paulo, que tem entre seus diretores algumas pessoas de responsabilidade intelectual. Para se fazer poesia avançada, revolucionária, enfim, que de algum modo sirva ao progresso humano, uma condição essencial se impõe - que a poesia não se preste a humorismo e blague para o gozo das direitas. Que obra política é essa de ridicularizar os anseios justos de uma época, através de mostrengos rimados ou não, por pessoas cuja boa intenção nos escapa? Porque, de fato é de estranhar que uma revista, por canhota que seja, queira fazer, a custa de problemas sérios, reclames de sabonete e de pasta dentária!

11 mai., 1944

SIQUEIRA CAMPOS

(De São Paulo) - Não fui à missa de Siqueira Campos. Ontem celebrou-se mais um aniversário de sua morte trágica no estuário do Prata por uma noite de acidente. No coração de seu companheiro de lutas e ideais, o *tenente* João Alberto, que com ele foi vítima da queda do avião sobre o rio, mas cuja

resistência o salvou, permanece a mágoa da perda irreparável. E permanece a mesma mágoa nos que com ele talharam o Brasil de Norte a Sul, nas lutas idealistas que precederam a revolução de 30.

Sei que a igreja onde se oficiou em sua memória estava repleta. Repleta sobretudo de povo, desse povo anônimo que é o verdadeiro juiz da História que se processa a seus olhos. Siqueira Campos apareceu num halo de heroísmo. Era um dos comandantes dos dezoito soldados intrépidos que levantaram o Forte de Copacabana, em julho de 22.

A fortuna quis poupá-lo para que, num outro relâmpago, desaparecesse moço, em plena luta por um Brasil melhor. Entre os dois acontecimentos sua vida foi não dar tréguas aos senhores do dia, desafiar mercenários e capangas expondo-se nas aventuras militares que um dia ficarão como a página magnífica que deu ao Brasil as esperanças do futuro. Batalhas de 1.000 homens contra 100, de um punhado de vanguardeiros contra batalhões municiados e completos, anos de heroísmo que o nosso povo se habituou a acompanhar como se dele dependesse o seu próprio destino.

A comemoração de ontem reviveu todos esses sentimentos que não estão perdidos, antes são hoje uma senha de união entre os homens de boa vontade.

12 mai., 1944

O POVO

(De São Paulo) – Quando acontece o que aconteceu no prado do Jockey-Club Paulistano, e do que os jornais largamente se ocupam, exibindo reportagens e fotografias, há ainda quem pense que foi mesmo por causa de uma falsa partida dos cavalos que se deu a ocorrência. No entanto, a velha psicologia das multidões aí está para mostrar que é a tensão da massa que dirige sempre este ou aquele acontecimento coletivo. O que um nunca ousaria fazer, dez fazem, trezentos agravam, mil levam ao paroxismo e ao terror. Mas por quê? Há sempre causas remotas, queixas recônditas que, a um pretexto qualquer, podem subir à superfície e produzir ondulações trágicas.

Mas que aconteceu? Em São Paulo, num domingo de corridas, um *starter* se negou a renovar uma partida falsa, em que o cavalo favorito não saiu a tempo. A diretoria confirmou a desastrosa decisão de seu técnico. E o povo pôs fogo no Jockey.

É preciso compreender que não há indole mais pacífica que a de nossa gente. De há muito que alimentam seus pequenos ócios com divertimentos esportivos. É um ópio bem dosado, ao qual emprestam sua cumplicidade pessoas de todos os matizes, sociais e políticos. Enquanto as coisas do espetáculo correm normais, não há nada. Mas basta um incidente destes e a massa reage "espetacularmente", como diria um *speaker* de futebol.

É que o povo não é mais o carneiro analfabeto de outros tempos. Sabe o que se passa no mundo. Conhece o desprezo que lhe votam os ganhadores da hora. Conhece a história dos lucros extraordinários e outras e outras. Vai ficando quieto, mas um dia boleia no seu brinquedo, e então a estralada mostra o que vai na profundidade das águas serenas.

19 mai., 1944

GRANDEZA E DECADÊNCIA DO FUTEBOL

(De São Paulo) – A simples enumeração da renda que resultou do encontro esportivo aqui realizado, entre uruguaios e brasileiros, faria supor que continua a ser um acontecimento cada grande jogo do estádio do Pacaembu. De fato, não deixam de constituir um espetáculo magnífico para os olhos a própria arquitetura da praça de jogos, sua completa ocupação por uma massa compacta de povo, a *torcida* uniformizada fazendo *puzzles* de bandeiras e mais aquelas figurações de inicio com a banda de música, Cruz Vermelha, revoada de pombos-correios e apresentação cordial dos times. Tudo isso é lindo. Mas o jogo começa, desenvolve-se, prolonga-se e o povo que, de fato, se interessa e *torce* deixou, porém, de ser aquele povo fanático que enchia as dependências livres e as arquibancadas gastas do Floresta, do Parque Antártica e de São Jorge.

Por quê? Um sociólogo diletante, que foi comigo ao futebol, fazia no ônibus da volta curiosas considerações: – Não é só um

perigo colocar frente a frente, no momento internacional que atravessamos, quadros de nações amigas. Por causa do coice mais ativo de um zagueiro ou de um passa-moleque que o juiz não marca, envenena-se o ânimo das camadas populares menos informadas, e resultam pequenos ódios que podem criar obstáculos à amizade continental que usufruímos. Mas não é só isso. Veja como de há muito, tanto nas decisões do campeonato local, como nos jogos com o Rio e agora, há um véu de frieza na atitude dos espectadores. Ouvido pelo rádio, graças à animação profissional dos *speakers*, toma outro vulto e outra importância o recontro. Nunca mais voltarei a estes fúnebres prenúncios da decadência de um grande esporte que logrou entre nós a maior atenção quando, fora do profissionalismo, era praticado por poucos clubes, todos tidos como favoritos pela população, que se dividia numa *torcida* entusiástica e sincera, sem apostas de dinheiro nem decepções ocasionadas pela suspeição de que poderia haver combinações de resultado. Hoje, ponha você, além disso, a dose de consciência que entrou em cada um com os acontecimentos mundiais, com a própria revolução viva que se processa na organização da sociedade em pânico... O que o povo já sabe dos assuntos que eram herméticos outrora...

Acabava de falar, discretamente, o meu amigo e em nossa frente, num banco ocupado por duas pessoas modestas, travava-se este diálogo interessantíssimo:

– Você viu? Quinhentos mil cruzeiros... Fosse para um asilo de órfãos, ninguém dava...

– E os sinistrados da Cantareira receberam por cada morto... dois mil... Aquela velhinha que perdeu o filho único... para passar o resto da vida, dois mil cruzeiros!

21 mai., 1944

DA ESCULTURA

(De São Paulo) – Na revolução de artes e letras que vem parelhando com a mudança social processada neste século, a escultura tem sido das expressões maiores do tempo novo. Se o impressionismo antes alinhara Cézanne na pintura, Debussy na

música e Rodin na escultura, o mesmo fenômeno se verifica com as identidades revolucionárias de um Picasso, de um Sade e de um Brancusi, na recente atualidade.

O Brasil tem sido dos países mais beneficiados pelo espírito de renovação. Em 22 fez-se a Semana de Arte aqui em São Paulo e nela figurava, entre escultores, pintores e músicos, o escultor Vitor Brecheret. Verificou-se depois a comercialização de Brecheret. Passou a imitar, a fazer perfumaria em vez de escultura e, sobretudo, a vender Brecheret representou a revolução formal e mais nada. Apareceu então Celso Antonio, com influência de Bourdelle e dos cubistas, dando alguns monumentos bons ao Brasil – o do Café, por exemplo, em Campinas. Em seguida começou a se evaporar. Pensava-se que ele era um grande espírito, mas não: era um grande espírita.

Surge depois um verdadeiro estatuário no Brasil. E Bruno Giorgi, de Mococa. Nele o modernismo não se tornou acadêmico, nem a concessão ao equilíbrio foi além do próprio equilíbrio. O ministro Capanema fica com este bom ponto – de estar pedindo ao escultor paulista trabalhos importantes. E surge também, neste instante, uma grande instintiva, entre os grupos artísticos de São Paulo. E Pola Rezende, que une a um dom natural um dinamismo impressionante. Em um ano, seu atelier já está cheio de esculturas. E traz na cabeça planos de unir os sujeitos mais sogras da terra – os artistas.

23 mai., 1944

INTERMEZZO

(De São Paulo) – Casou-se Anna Stella. A pianista que com vinte anos se anuncia a maior sensibilidade musical destes tempos em São Paulo, partiu em viagem de núpcias. Integrará em Belo Horizonte a caravana de intelectuais e artistas que vão a Minas, a convite do prefeito Kubitschek. Ali dará dois concertos, um com orquestra, clássico, sob a regência do maestro Bosman e outro moderno. Tocará Villa-Lobos, Mignone, Erik Satie.

A semana decorreu, pois, atarefadíssima. O casamento da pianista com um jovem estudante de Medicina foi em diversos

atos. Tivemos primeiro a cerimônia israelita, exigida pelos avós dos nubentes, todos de chapéu na cabeça como num comício, sob um pálio bíblico, num terraço, ante um rabino de barba preta e cerrada como uma floresta do Líbano. Depois um *cocktail* completamente internacional, um almoço britânico, um jantar com borche polonês, um convescote dominical no Centro Gaúcho e, enfim, o embarque apressado, agitado de lágrimas maternas, de lenços amigos, de recomendações e de votos.

O aparecimento dessa menina ruiva nos salões musicais daqui revigorou a tradição do planalto que já produziu três pianistas notáveis: Guiomar Novaes, Antonieta Rudge e Madalena Tagliaferro, e lembra o grande professor que foi o velho maestro Chiafarelli, o crítico Felix Otero e põe em foco outro formador de gerações que é o professor Kliass. São Paulo também tem dado compositores de porte internacional, um Francisco Mignone, um Camargo Guarnieri.

Natural, pois, que se agitassem os meios intelectuais e artísticos da cidade com o acontecimento nupcial. Anna Stella levará depois ao Rio, onde já é bastante conhecida, a sua figurinha de Branca de Neve com os anões no teclado e um dono da fábula que é hoje, sem mais dúvida nem sombra de contestação, o meu caro amigo Bernardo Rochwerger.

24 mai., 1944

A TRAGÉDIA DA FRATERNIDADE

(De São Paulo) – O meu amigo suspendeu o talher. Pela primeira vez não continuou o cozido planturoso que a dona da casa lhe servira, numa colorida mistura de legumes fumegantes e de carnes. Deixou a mesa.

– Não posso almoçar. Estou traumatizado. Essa história me abafou completamente. Levei hoje ao cemitério o inconformado mais puro que conheci, o homem que acreditava na fraternidade. Era um lutador social. Viera ter aqui como tantos outros no começo do século, acossado pela reação, não podendo viver em França, tendo deixado sua pátria, a Itália, e liderado movimentos populares na Inglaterra. Muitos desses homens, que

tinham em sua pequena biblioteca *globe-trotter* Bakounine, Kropotkine e outros apóstolos do anarquismo, chegados ao Brasil, depois de experimentar o meio tardo, resolviam ingressar nas atividades capitalistas e aí prosperar. Há o exemplo de um que teve requeridos só por Benjamin Motta dezessete *habeas-corpus* e se tornou depois um dos maiores industriais da capital. Meu amigo não. Comprou um pequeno sítio e quando muita gente imaginava que fosse especular, criar lavoura e crescer, fez do seu retiro um apostolado civil de filantropia e de boa vontade. Como não houvesse recursos na cidadezinha próxima, passou a atender aos doentes e chegou a tornar-se um habilíssimo médico. Num barracão que construiu fez um pequeno hospital. Aí tratava gratuitamente todo o mundo. Durante a sua vida no Brasil, foi um missionário de filantropia e de auxílio perene. A ascensão do fascismo quase o enlouqueceu. Tinha, no entanto, uma fé absoluta no futuro dos homens. Quando a guerra estourou, um anseio de esperança o atingiu. Não queria acreditar, porém, que a felonía de Hitler atingisse o povo alemão. Acreditava nas virtudes populares e achava que o povo do Reich não consentiria no ataque à Russia. Veio o que se sabe. Então sua cabeça pouco a pouco se entumulou, sua boca se calou num estranho silêncio. Quando os acontecimentos mundiais mostraram que se podia crer de novo na vida e no futuro dos homens, isso não mais o atingiu. Não compreendeu. Estava louco. Com uns poucos amigos levei-o hoje ao cemitério. Chamava-se Arturo Campagnoli.

25 mai., 1944

RUMO A BELO HORIZONTE

(De São Paulo) – Não sei que sentimento é esse que faz com que se amem as pedras das calçadas. São Paulo nada tem fora disso. So as pedras das calçadas. No entanto, duvido que haja na terra agarramento maior por um trecho de chão do que o que sentimos por nossa cidade. O paulista vive azuerinado, com sinuete e letra de câmbio, sofrendo borrascas de garoa na cara, um sol de forja de repente, mora no meio de bondes elétricos, fuma-

ças tóxicas, trabalha no berreiro das forjas, no tinir do telefone, no alarido do pregão, mas vão dizer a ele que saia, que vá para um desses paraísos ensombrados de árvores, com clima fixo e silêncio favorável, onde se bebe o ar das manhãs edênicas. Não quer. Não sai. Agora, por exemplo, para fazer embarcarem vinte pessoas com destino a Belo Horizonte, o poeta Sérgio Milliet, que preside a caravana de intelectuais e artistas convidados pelo prefeito Kubitschek, ficou com a cabeça grisalha. Todo o mundo se sentia honrado com o convite, queria ir ver a exposição modernista para que tinha enviado quadros, mas não se decidia a desamarrar. Enfim, partiremos amanhã. Mas a minha surpresa não foi pequena. A maioria dos viajantes volta no dia seguinte! Tem o que fazer! Levar chuvisco na cara, falar mal do vizinho, sofrer as angústias que prodigam os banqueiros ou os patrões e ficar resfriado sete dias por semana.

Fazem 48 horas de Central para dar uma espiada na linda capital mineira e zás-trás, mais 48 horas rumo a esta crista enfezada do planalto. Enfim vamos a Minas. Daremos duas conferências em Belo Horizonte. Incumbidos Sérgio Milliet e eu – os mais velhos! Anna Stella dará dois concertos. Tudo isso deve ser feito *à la* paulista. Num abrir e fechar d'olhos. Não é à-toa que nos xingam de dinâmicos.

27 mai., 1944

O ESCRITOR POPULAR

(De São Paulo) – Toda vez que Jorge Amado chega a São Paulo é um alvoroço. Se há alguém que na literatura nacional, obteve a cidadania bandeirante foi esse menino de dez anos atrás, quando aqui apareceu com um pequeno grande livro que se chamava “Suor”.

Era a época em que penetrava no Brasil toda uma literatura renovada e antiburguesa vinda tanto da França de Malraux como da Rússia de Gladkov, como da América de Michael Gold.

E o Brasil não dera ainda o seu depoimento. Daí o valor desse pequeno grande livro que ia focalizar os cortiços azedos da Bahia e pô-los ao lado dos cenários convulsos da China e da América.

Logo depois, Jorge Amado firmava para sempre o seu nome de mestre com "Jubiabá". Essa história de trabalhadores avulsos, de vagabundos e anônimos conseguia o que até aí não fora conseguido — a tradução para uma grande editora estrangeira de um romance do Brasil. A *Nouvelle Revue Française*, cuja autoridade intelectual emanava de seus grandes editados, os Proust, os Gide, os Romains, lançou "Jubiabá" ao mundo das letras internacionais. E houve um pasmo ante esse livro logo considerado o maior romance de negros que se conhecia.

Depois de lutas graves em que sua obra se enriqueceu de gloriosos abecês, Jorge deu um livro da Bahia em dois volumes: "Terras do Sem Fim" e "São Jorge dos Ilheus". O editor Martins conseguiu um verdadeiro *record* com as edições e tiragens sucessivas desse repositório magnífico das lutas sociais baianas.

Jorge foi a Rio Preto fazer uma conferência. Estará de volta ao Rio e à Bahia em breve tempo.

28 mai., 1944

DOENÇA SURREALISTA

(De Belo Horizonte) — A viagem é sempre um pouco de ferias, dessas ferias que a gente sonha no primeiro livro bestificado da infância, *As Férias*, da Baronesa não sei de quê. Uma história muito bonita dumas ferias deliciosas dumas crianças bem-postas na vida, que criam na gente esse complexo que não passa nunca, porque nossas ferias de crianças foram pobres e pifias, e nossas ferias da vida adulta ficaram nos papeis. Então a gente se vinga na viagem.

Viagem significa ferias! Ha uma anistia para as extravagâncias e cessam os regimes mantidos contra mim pelo desvelo conjugal de d. Maria Antonieta d'Alkimim. Minha mulher é um verso que chama outros versos; até o Manuel Bandeira, num almoço aí no Rio, fez uma resposta rimada com o nome dela. E eu um poema inteiro. De modo que, entrando em férias, com a caravana de intelectuais e artistas que veio a Belo Horizonte e entrando em férias por engenho e arte da Central do Brasil, fui logo surpreendido pela demora do trem em sair de Caçapava.

Um sujeito de óculos dizia: – É melhor almoçar no hotel da cidade, porque houve um descarrilamento na nossa frente e o trem demora aqui três horas. Assim pode-se admirar um nu de bronze com *maillot* que tem aí no jardim. E a comida do trem...

Almoçamos no hotel e lá havia uma pinga Rio Preto famosa etc. e tal... Depois o trem parou numa outra estação onde havia um célebre leite e depois noutra onde havia uma banana-ouro! E depois não parou mais e comemos a comida do trem mesmo. E quando eu desembarquei em Belo Horizonte via tudo numa nuvem de febre, conquanto meu fígado tivesse reagido contra todas as férias que já tive.

Reconheci logo o *gentleman* Jorge Gomes Teixeira e fui apresentado a muita gente interessante e distinta, inclusive a um menino rápido como um azougue, moreno e risonho como um espanhol, que disseram que também era médico. E no hotel esperei que fosse ele quem viesse acudir-me, mas apareceu logo outro facultativo, grave, nórdico, gestos matemáticos e certos, e logo me recebeu e curou em três tempos. E eu fazia do homem a imagem do Prefeito Kubitschek e ele me disse que não, que era o dr. Odilon Behrens, e que o outro é que era o Prefeito, o azougue, o menino moreno com jeito de guerrilheiro. E então, na febrinha que consegui abrandar antes da cura, me lembrei que estava em Belo Horizonte e que o meu amigo, o poeta Murilo Mendes, me falava sempre que aqui era uma capital funambulesca, onde se sucediam coisas que só o surrealismo havia fichado em seus álbuns. E então eu concordei com tudo e pensei noutro grande poeta mineiro, o Carlos Drummond de Andrade, que é o único sujeito que me faz acreditar em Kafka. Vocês precisam ouvir o Carlos Drummond interpretar a *Metamorfose* e *O Processo*, enfim esses contos que, se desiludem na leitura, vão ali para a exegese do Carlos, e Belo Horizonte passa a colaborar com Kafka e vira uma coisa do outro mundo! E vim a verificar também que meus companheiros de excursão, liderados por Sérgio Milliet (um autêntico filho de Belo Horizonte no sentido Kafka), se haviam dividido numa turma de leiteria, conduzida pelo *boxeur* Lourival Gomes Machado, outra de cabaré dominada pelo artista Rebolo Gonzales, e aquela tinha um menino endiabrado, Paulo Emílio, e esta um santarrão, Arnaldo Pedroso d'Horta. E que, além do Mirabeau dos estudantes que é Germinal Feijó, havia um *bouquet* de senhoras, Anita Malfatti, dona Ruth de Almeida Prado, Lourdes Gomes Machado, d. Hilda Werber e a escritora Maria Eugenia

Franco que, na plataforma sem trem da nova geração, publicada pelo "Estado de S. Paulo", deu a litorina de classe de sua mensagem. E que, gracas aos cuidados enfermeiros de minha mulher e de Bem, o futuro dr. Rockwezer, casado com Anna Stella, auxiliares da proeza do dr. Behrens, fiquei curado e posso ver Belo Horizonte.

30 mai., 1944

ERIK SATIE

(De Belo Horizonte) – Não pude apresentar Anna Stella ao público de Belo Horizonte. Não foi preciso. Ela conseguiu explicar no piano, de Satie a Villa-Lobos, toda uma turma de altos renovadores da música. Foi o seu primeiro concerto aqui. Dará outro com orquestra.

Talvez seja a primeira vez que se tenha apresentado no Brasil Satie em piano. Há contra esse homem, que foi um grande velho e um eterno moco, a luta surda e incansável da mediocridade que não podia suportar os seus epigramas e o seu riso. Tendo sido mestre de Debussy, foi ele quem organizou, por cima e além deste, a revolução dos seis mocos, chamados os post-debussiistas. E era ainda o septuagenário Satie o mais avançado e mais percutiente de todos.

Conheci Satie em Paris, no fim da sua agitada vida. Vivia na miseria, com um sobretudo gasto, andando só por Montparnasse, onde diversas vezes tive a felicidade imensa de almoçar com ele. Seu brilho era inexcedível. E por isso mesmo os salafrários o expulsavam das facilidades da vida e o perseguiam ferozmente. Caido num pobre leito do Hospital São José, onde devia morrer, fui visita-lo em companhia de Fernand Léger, o grande pintor que tanto deseja hoje vir dos Estados Unidos para o Brasil.

Satie agonizava, abandonado pela ingratidão dos que fizera, mas cercado da admiração e do carinho de muitos. Sabendo que eu voltava ao Brasil, exclamou: – *Quelle chance!* De fato, ver o desenvolvimento que toma no Brasil tudo que exprime o renascimento da vida gasta e acadêmica de outrora, nas artes e nas letras, é uma chance.

Belo Horizonte tem a sua arquitetura entregue aos construtores modernos, a sua pintura sob a vigilância admirável de Da Veiga Guignard e agora vem ouvir Satie, tocado pelas mãos mágicas de Anna Stella. Isso consola de muita torpeza, de muita bobagem e de muita traição ao espírito, que andam soltas e impunes pelas terras que Cabral descobriu.

3 jun., 1944

Ó PASTOR DE NEVES

(De Belo Horizonte) – Esse negócio de ser pastor é das mais nobres e agradáveis missões terrenas. Há o pastor de almas, o de nuvens, o pegureiro de cabritos, o pastor de litografia, o líder de bancada, quando há bancada. Mas pastor de ovelhas desgarradas vim encontrar em Minas. E esse homem que concentra a vida sua e a vida dos outros num olhar direto, firme, ao mesmo tempo inocente e magnético, se chama José Maria de Alkimim.

A história do criador da Penitenciária de Neves, que hoje os governos estrangeiros reclamam para lhes levar a planificação e o conselho em matéria penal, começou quando ele foi chamado um dia para secretário do Interior de Minas. No cargo viu imediatamente que havia alguma coisa a fazer – dar alma ao corpo de cimento e ferro que se construía em Neves para os detentos. Tal a paixão que se apossou do jurista pelo assunto do exercício punitivo, correctivo e regenerador do Estado moderno que quis pessoalmente dirigir a experiência que ia tentar, e para isto não duvidou abandonar a secretaria pela direção do presídio. Ontem, almoçando em sua casa, num desses recessos de família que fazem crer nas virtudes inamovíveis de Minas, tive horas de prazer ouvindo detalhes desconhecidos da história de Neves.

O começo não foi árduo. Ele pediu ao diretor do presídio existente que lhe desse cem detentos escolhidos pela sua boa índole. Com esses cem homens que ganhavam num dia a liberdade das grades, começou o trabalho da penitenciária-modelo, tendo neles os seu mais eficazes e dedicados auxiliares.

Neves começou eliminando a vigilância feroz, abriu fazendas, mesmo a grande distância do seu centro administrativo, onde os detentos trabalhavam, trouxe para perto as famílias dos

presidiários, permitiu a dignidade do condenado. E os resultados foram surpreendentes e magníficos. A prova maior que teve da devocao dos seus presos, contou-me José Maria de Alkimin, foi dada durante o surto epidémico grave que surgiu numa das fazendas. O diretor, enquanto se desinfetava o pavilhao, ordenou que os detentos fossem para o mato, pois não tinha onde os colocar. Eles saíram apenas para as vizinhancas, recusando-se a abandonar o diretor, que afrontava pessoalmente o mal. Voltaram todos.

— O sentenciado, disse-me este homem excepcional, tem depois da condenacão uma mentalidade de 12 a 14 anos. Torna-se uma criança. E fácil guia-lo. Tive a prova disso. Os presos de Neves, conservados fora de qualquer vigilância a vista, não fugiram de seus pavilhoes nem de suas casas. Nem mesmo diante de uma ameaça de peste!

4 jun., 1944

AFINAL, COMO FOI

(De Belo Horizonte) — Foi que, chegados que fomos deparou-se-nos o mais belo horizonte intelectual do Brasil. Uma meninada acesa, de cenho tempestuoso, nos esperava. E uma unanimidade de inteligência e compreensão estendia seus filetes em torno de nos. Desde a velha guarda, capaz de morrer pelo modernismo como a outra morreu por Napoleao — e que tinha como seu mais decidido representante Guimaraes Menegale — ate colegiais típicos como Paula Lima ou as meninas chamadas as Sete Câmaras, todos nos deram o imediato conforto da sua casa aberta e hospitaleira de Minas. E centralizando essa nebulosa repleta de pequenos e grandes sois, um homem nacional — prefeito Juscelino Kubitschek.

Ficamos encantadamente surpresos.

Na conferência que pronunciei no salão da Biblioteca, não deixei de acentuar este fato: Minas tomou o facho das gerações brasileiras. Belo Horizonte é hoje o marco de uma etapa superada. Se em 22 São Paulo representava a revolução da inteligência, a revolução cultural e artística que deu os rumos do Brasil novo,

Belo Horizonte em 44 conclui o esforço e assesta, no canto das suas liberdades, os instrumentos que desbravarão o futuro.

Nisso tudo intervém a magia de Juscelino Kubitschek, o homem que está construindo o cenário para a alma nova do Brasil. Falaremos dessa obra de sua parte social, de sua parte sonhadora, de sua parte urbanística. Por hoje fica apenas aqui assinalada a gratidão dos paulistas pela fidalguia com que a sra. d. Sara Kubitschek de Oliveira, e o governador da cidade souberam hospedá-los.

6 jun., 1944

A INVASÃO

(Da Cinelândia) – O ministro Oswaldo Aranha não pôde comparecer ao comício que ontem se realizou nas escadarias do Teatro Municipal. Compareceu, no entanto, outra grande figura da diplomacia americana – Gonzalez Videla, que até há pouco era o embaixador do Chile entre nós. E essa nota de fraternidade internacional acrescentou emoção e vibratilidade ao clima intenso da reunião que comemorava a invasão da Europa.

Já pela manhã, eu havia tido uma nota viva do que representou para o povo do Rio o ataque armado à fortaleza da boçalidade que é a mutilada e vencida Europa de Hitler. Entrando num grande *magazin*, vi que todos os balcões estavam vazios de moças e empregados.

– Estão todos no rádio! explicou-me o gerente.

A gente carioca soube se abraçar nas ruas, agitar-se nos ônibus e nos cafés e, à noite, restituir à praça pública o seu ar antigo de assembléia decisiva dos grandes momentos. Os oradores tiveram um só tom e o povo um só aplauso. O processo de união nacional ganhou assim, numa noite, muito do que desejava. Uniu-se a figura evocada de Ruy Barbosa ao fato presente da partida de nossos soldados que vão lutar pelos ideais do tribuno de Haya.

Assim começou a invasão. Nas praias brancas da França, nas paisagens clássicas da Itália. E no destino que ontem se pronunciou para o povo brasileiro no frêmito da praça pública.

7 jun., 1944

CARTA¹

(Da Cinelândia) – Deixando Belo Horizonte, entreguei a um redator do "Diário" a seguinte carta, dirigida aos mocos que tomaram posição nos debates que se seguiram à minha conferência na Biblioteca Municipal:

"Se eu quisesse falar como o grupo católico, moço de Minas, diria para começar que a agressividade é um sinal de Deus. Mas o que não é sinal nenhum de Deus é interpretar mal as palavras de um adversário positivo. Eu não disse que o móvel da minha ofensiva contra o sr. Tristão de Athayde era uma questão pessoal. Não pode haver questão pessoal com o sr. Tristão de Athayde. Com ele tudo corre para o terreno ideológico. Afirmei, sim que dada a sua inesperada deselegância para comigo, entregando à publicidade inoportuna a xingação de um companheiro morto contra mim – xingação que só me honra – eu retomava diante dele uma integral liberdade de crítica. O que não me privará de aceitar a sua útil colaboração neste momento de anistia, desde que ele desça e se afaste da árvore genealógica de Baldrich.

Agora, esse Nietzsche camponês convertido que achou a grande solução de Minas – George Bernanos. Se transpussemos para cá o saudosismo do autor da *Lettre aux Anglais*, teríamos que adotar o Conde d'Eu como ideal político brasileiro. Carregar para as transformações que se operam no mundo toda a lataria concernente ao direito divino dos reis, acho um esforço excessivo e inútil.

Quanto a vocês, que me fizeram redescobrir a adolescência com suas ferozes virtudes que são a fe e o combate, e que tão energicamente recusaram a posição ocasional de direita em que se haviam colocado frente a mim, na conferência, continuem a crer e a lutar. E precavem-se contra os equívocos que têm conduzido muita gente de boa-fé a uma terceira ala – a canhota – que confunde esquerda com direita. Vocêis são merecedores dos graves destinos que o Brasil autoriza".

P. procuração de Oswald de Andrade

8 jun., 1944

¹ Oswald se refere às discussões que teve em Belo Horizonte com jovens escritores mineiros, aquele tempo de orientação católica e muito ligados a George Bernanos, durante uma visita de intelectuais paulistas, convidados pelo então Prefeito Juscelino Kubitschek para verem as obras de Oscar Niemeyer (1944). Houve diversas manifestações culturais, que foram um acontecimento decisivo para aqueles jovens escritores, entre os quais Fernando Sabino, Otto Lara Rezende, Hélio Pellegrino, Paulo Mendes Campos, etc. Entre eles, a visita de Oswald e demais escritores de São Paulo (na maioria do "grupo de clima") ficou conhecida como "semana de arte moderna".

POR QUEM É, SENHOR BARÃO!

(Da Cinelândia) – Também eu marchei modestamente com os sessenta mangos obrigacionais, para ter a glória e a vaidade de me contar entre os seus amigos do peito e por isso já mandara antes para o tintureiro o meu fraque das solenidades e procissões, em que nos idílicos tempos de antanho, tomava parte nas efemérides, quando era leitor do dr. Júlio Prestes e o desejava, também modestamente, por quatro anos no solidéu das altas calamidades do mando e do poder. E já teríamos até filosofado sobre a precariedade dos bens deste mundo, eu na minha humilde anonimia e o senhor nas alturas a que o guindou aquela batalha que não houve e que chamada foi de Itararé e na qual as forças espirituais do país confraternizaram no armístico de opinião em que nos vimos regalando por estes tempos afora, à espera do crescimento e da queda do fascismo, que felizmente nunca medrou entre nós e nunca medrará, pois o que tem havido é só simpatia e quando a gente é amigo mesmo não vê os defeitos e só as qualidades e por isso gosta mesmo e acha que entre Brasil e Portugal tem que haver uma santa aliança, dê nas pedras porque der e mande-se-lhe ou não o volfrâmio, para que se lhe dê na cabeça de quem der e doa!

Porque, se eu tivesse coisas para vender além da consciência, também as mandava a quem quer, desde que bem m'as pagassem e fazia não uma mas cinco colunas de dinheiro e quando chegasse a hora da virada eu dizia que tudo era uma grande mentira, pois se eu achava belo e formoso o Integralismo era só da boca pra fora, pois minha fraca inteligência (que todos temos) sempre foi interessada na gloriosa evolução do mundo e no fim, absolvidos, daríamos três vivas juntos!

E eu acabo tirando este fraque e pondo na cadeia os desordeiros que sempre viveram nela, para não ser teimosos e malcriados e quererem que as coisas mudem mais depressa do que elas mudam, que já depressa demais as vejo mudar. E agora vai ser um buraco fazer chegar recursos belicosos e oleaginosos aos combatentes do outro partido, porque as sentinelas não estão bem informadas e são capazes de dar um aqui-del-rei e atrapalhar tudo e termos então que decidir a batalha de Itararé que ficou até hoje adiada e vai ser um deus-nos-acuda que é melhor não bulir nisso.

Porque o que o juízo manda e a sabedoria ensina é conservar, guardar e permanecer. E ficar tudo para depois da guerra. Sou, muito seu, Zé da Quinta.

Confere.

9 jun., 1944

A GUERRA DETETIVE

(Da Cinelândia) – Tanto a *Odisséia* como o *Gibi* perderam toda importância diante dos comunicados de guerra que jorraram das colunas dos jornais. Já aquela fuga rocambolesca do general MacArthur, escapando de lancha aos japoneses, depois de uma épica resistência, havia deixado num chinelo as assustadoras proezas que fizeram a fortuna dos mais denodados folhetins. Se Júlio Verne presidiu à construção do ciclo mecânico que vem agitando e transformando o mundo, pode-se ver também como Tarzan e os heróis da coragem animal intervêm brilhantemente na psicose da guerra. Leia-se isto: "Pouco depois, pude vislumbrar vultos manobrando à luz da lua e resolvi esconder-me. Arrastei-me através do matagal e abri caminho para a cerca de arame farpado até chegar ao campo próximo, onde comecei a correr agachado. Subitamente vi duas figuras ao fundo que se aproximavam de mim e pude ver que levavam armas. Houve uma troca de tiros de pistola e os dois vultos desapareceram...".

Tenho um amigo céptico que jura que os correspondentes de guerra de hoje já levam no bolso páginas adaptadas e datilografadas de Edgard Wallace e dos mais comezinhos cadernos de literatura policial, com os detalhes de hora e tempo em branco, para passá-los às agências telegráficas e assustar o mundo com seus anônimos duelos pessoais, perdidos no cenário imenso da carnificina. Tudo isso, no entanto, não passa dum estado mental coletivo. A literatura detetive, saída da surpresa moral ocasionada pela era mecânica correspondia o fastigio do poderio individual e adaptavam-se os desregimentos da liberdade burguesa. A guerra tinha que exaltar as nossas florestas inconscientes e daí a necessidade que se tem de acom-

panhar com os olhos acesos e o coração pulando, essa cinematográfica onde *mocinho* e vilão se defrontam no fragor das armas automáticas sob o vôo espetacular dos pára-quedas. Uma dosagem de susto preside a esses cautelosos assaltos na noite prenhe de surpresas. E a guerra detetive estende os seus filetes mágicos pelos desvãos de um mundo que deixou de ser policiado e normal.

11 jun., 1944

MATERNIDADE UNIVERSITÁRIA

(De São Paulo) – Não serei eu quem deixe de dizer, se posso o mal que os governos merecem. O descuido em que ficaram, só nesta capital, sessenta mil crianças sem escola, este ano, foi aqui assinalado. Criaram-se cursos primários de emergência mas o problema não podia ser assim solucionado. Hoje cabe um bom ponto ao interventor Fernando Costa, por ter aberto créditos ilimitados para a construção imediata da Maternidade Universitária, entregue agora, pela autonomia da Universidade, ao professor Jorge Americano. Esta notícia vem a propósito da partida para os Estados Unidos do mestre que é Raul Briquet. O ilustre professor paulista e grande obstetra-ginecólogo leva a rápida incumbência de estudar as mais recentes realizações americanas nesse setor e estará de regresso logo para que sejam iniciadas as obras do estabelecimento destinado ao que me informam ao povo e adido, portanto, ao Centro Médico da Universidade.

As informações que tenho dão à maternidade popular uma capacidade de cento e cinqüenta leitos. Parece pouco e de fato é para uma cidade que sabe procriar como São Paulo. Mas isso resultará na possibilidade de serem atendidos setecentos e cinqüenta partos normais por mês. E o resto? A média da natalidade paulista é impressionante.

Seja como for, o grande hospital será entregue à competência de Raul Briquet, que vai buscar o plano de um edifício-módelo onde em vez de cegonhas serão helicópteros que irão levar os bebês para o lar. E isso já é um consolo.

P.S. - Acabam de me informar que os créditos para a Maternidade dependem do Departamento Administrativo do Estado. Não serão portanto ilimitados. O entusiasmo do interventor é que é ilimitado.

14 jun., 1944

À MARGEM DE UMA CONFERÊNCIA

(De São Paulo) - Quem não sabe, fique sabendo que o sr. Tristão de Athayde replicou com artilharia pesada à modesta ação de comando que realizei contra suas linhas. Esta crônica vai em linguagem militar por um natural reflexo da invasão. Afirmou em seu artigo de domingo, que aquele ato de bravura de publicar a carta de um morto para me xingar, não foi praticado por ele. Já na minha conferência de Belo Horizonte, eu disse: "Quem havia de publicar a carta, senão a ratazana em molho pardo que é o sr. Cassiano Ricardo?" Não pela ordem, mas pela honestidade, como diriam os esplêndidos meninos de Minas, quero perguntar ao sr. Tristão de Athayde quem forneceu a carta a ele dirigida quase vinte anos atrás e com que fim? Uma carta, mais que confidencial, conspirativa, que transmitia ao crítico do momento a palavra de ordem de silêncio contra a minha obra! Sera que o sr. Tristão de Athayde dispersou o seu precioso arquivo e aquela carta foi justamente cair na maozinha de cera do sr. Cassiano Ricardo? Há um interesse moral em jogo, que deve ser elucidado por um intelectual comprometido de pureza como o sr. Tristão de Athayde. Se ele continua a silenciar o meu nome, obedecendo talvez a um complexo espírita, não silenciou pelo menos o fato. Desviou o couro da metá, "pegou bem", como diria um *speaker* de rádio. Afirma que não foi ele quem publicou a carta de Antônio de Alcântara Machado. Mas quem a forneceu?

Agora, compete a mim explicar. Houve uma força de reportagem na nota do "Diário" de Belo Horizonte. Não tenho agora em mãos o texto da minha conferência. Mas eu não disse que o sr. Tristão de Athayde previra o esmagamento da Rússia pelo nazismo. Só podia ter dito que ele desejava isso, o que é mais grave, e o que aliás ele confirma em seu artigo, afirmando que

eram esses "os interesses da civilização". Desejou portanto o esmagamento, pelas hordas providenciais de Hitler, da Rússia atual, da Rússia do Deão, com "os seus êxitos sociais e culturais incontestáveis e a sua preocupação de justiça social" que hoje lhe reconhece. Esmagamento esse que seria, no entanto, "um bem inapreciável para a civilização".

Evidentemente, o sr. Tristão de Athayde está se revelando um estrategista de grandes retiradas. Uma espécie de Von Rommel do Centro Dom Vital. Inutilmente reagrupa suas forças batidas pelo sentido implacável da história, ferozmente se benze e reajusta suas coortes dizimadas pelo testemunho político da guerra. E como um bom *junker*¹, sofre na pele a desilusão de uma sadia concordata, não com Stálin, mas com o sr. Plínio Salgado.

15 jun., 1944

DO CAFÉ QUE SE BEBE

(De São Paulo) – A decadência do café na nossa economia tem sido acompanhada pela sua decadência como bebida. Antigamente, quem viajava à velha Europa tinha o que de mais tradicional no requinte, no paladar e no bom gosto podia ser trazido à mesa. Nas proximidades de Caen, justamente Caen, havia um frango!... Quem descia dum grande barco em Cherburgo, e ia de carro para Paris, parava no restaurante campestre de Caen. O primeiro contato com a comida fidalga de França e de seus velhos vinhos era, mais que um bom dia aberto à gula turística do visitante, uma promessa de felicidade, como diria Stendhal. Mas... chegava a hora do café e, sem nenhum trocadilho, era de amargar!

Hoje, o velho restaurante, que se chamou *Roi Guillaume*, deve estar mais torrado que seus antigos galináceos e em vez de vinho, é sangue que jorra nas landes históricas da Normandia. Para que um dia – dizem – toda a humanidade coma o seu franguinho de Caen.

¹ *Junker* – aristocrata prussiano, militarista e antidemocrata.

Voltemos, porém, ao café. De amargar era ele em Deauville, na Bretanha ou em Vitel, nos grandes hotéis ou nos pequenos esconderijos elegantes de Paris. Bebia-se bom whisky, excelente Calvados, um Madeira suculento, mas o café... Até que inauguraram em pleno *boulevard* um *Café du Brésil* e começou-se a fornecer ao público o nosso delicioso cafezinho familiar com três *f* – fresco, forte e fervendo.

Aí no Rio, quando o café ia ficando intragável, foram fundadas duas casas na Avenida Rio Branco, ou melhor, um Palácio e uma Casa, onde o café aparece com suas autênticas virtudes árabicas. Em São Paulo, porém, o café decai. Passou a ser com raras exceções, aquela infecta chicória, que se servia nos bons tempos em Caen. E todo o mundo pergunta porque, justamente sob o governo do interventor que inventou a campanha dos cafés finos, o café está reduzido a um vomitório barato.

Mas aqui entra em jogo o Departamento Nacional do Café. O sr. Fernando Costa dirá que nada pode fazer contra a crescente exaustão da terra paulista, cujo humus foi o segredo do bom café, e que vale mais a amoreira propiciadora duma ascensão econômica sem par, pela sericicultura, do que a teima na revalorização da vencida rubiacia. A sericicultura, com uma estréia recente de cinco mil contos – na antiga linguagem – promete dar em breve um milhão de contos (transformados em cruzeiros) à economia do Estado. Valerá a pena teimar no café?

No entanto, o café não deixou ainda de ser São Paulo. Nele se entrelaça a terra, porque nela se entrelacam o algodão, as novas culturas, a própria amoreira. E nela se entrelacam o fazendeiro e o drama do fazendeiro. O paulista apesar de puxado para a urbanização pelo seu parque industrial, é ainda o homem da terra. Nestes quinze anos, ele tem vivido entre a bigorna do crédito e o martelo do fisco. Para que relembrar? A quota de sacrifício, o imposto em ouro, etc., etc. Ainda coroava as suas aflições um epíteto pitoresco – ele constituía, diante do governo, a quem solicitava apoio e garantia, o Bando da Lua.

O D. N. C. apoia as casas que sabem fazer e servir café na Avenida Rio Branco. Mas de outro lado, através dele, puxam-se os cordões implacáveis que continuam a querer manter de joelhos o produtor secular do planalto.

O ATENTADO DE BELO HORIZONTE

(De São Paulo) – A visita da caravana de intelectuais e artistas paulistas à capital de Minas, teve um resultado sensacional – um anônimo passou a gillette em alguns dos trabalhos modernos expostos no edifício Mariana.

Eis a lista completa dos quadros atingidos: "Mendigos" de Santa Rosa, oferecido ao prefeito da cidade, "Cacho de Bananas", de Marta Lonoch, "No Estúdio", de Da Costa, "Flores", de Mário Levy, "Natureza Morta", de Waldemar da Costa. "Natureza Morta" de Oswald de Andrade Filho, "Lenhadores", de Hilda Campofiorito. "Natureza Morta e Cabeça de Mulher", de José Morais.

Alguns desses quadros eram de real sentido polêmico, como a "Natureza Morta", de Oswald de Andrade Filho, que continha experiências atuais, de surrealismo e cubismo. Uma importância especial tinha o quadro de Santa Rosa, pois o seu autor é um lutador de velhos combates e hoje está à frente de "Os Comediantes", essa troupe que procura criar o teatro novo do Brasil.

Dos outros trabalhos, alguns nada continham de agressivo como estética ou como pintura. De modo que o atentado não foi pessoal ou dirigido. Foi contra a exposição, contra a iniciativa magnífica do prefeito Juscelino Kubitschek de mostrar à Minas o que se faz, em matéria de pintura, em São Paulo e no Rio.

Um comentário geral se ergueu em torno da agressão. Ela constituiu um ato de fascismo. Pois no dicionário da vida contemporânea, fascismo quer dizer terrorismo e barbárie, bestialidade e derrota.

20 jun., 1944

A METÁSTASE DO CÂNCER

(De São Paulo) – É uma doença terrível. Quando a gente menos espera, ela se propaga à distância. O seu foco gerador está dominado, parece extinto. E você vai ver ela renascer com uma perigosa virulência em outra parte do organismo. Chama-se, a esse fenômeno metástase.

– Nada mais parecido com o que se passa na conjuntura mundial. Renascer e teimar é o último destino duma política doente que resultou da decadência de um ciclo... É claro. Um cadáver em decomposição tem que dar essa cultura de miasmas virulentos. Você note a evolução diabólica que sofrem certos seres que pareciam verdadeiras pombas inofensivas... Que vocação para a violência, a organização da violência não nasce dentro de certas mansidões tradicionais...

– De há muito tempo. Olhe esse negócio do Integralismo ter pegado aqui, desfilado nas ruas, tentando engolir o poder pelo atentado... Tudo isso teve chance na ruptura de equilíbrio dos anos que se seguiram ao movimento de 30...

– Eu conheço um sujeito engracado que diz que o Integralismo teve três causas – a falta de conteúdo da revolução de 30, o fracasso do movimento paulista de 32 e o Gibi...

– Pois esse sujeito é muito mais sério do que você pensa. Ele visou justo. Que era a *Notte dos Tambores Silenciosos*, dos camisas-verdes, senão Gibi, do melhor Gibi! Eu acompanhei a curva política dessa época agitada. Queimava-se o café, havia uma Comissão da Queima que ditava manifestos assim: "se não forem queimados doze milhões de sacas, saberemos reunir de novo os legionários da ideia, que não são poucos, que orçam por milhares de homens decididos".

– O extraordinário é agora, quando o monstro já fez a sua experiência histórica, já deu o que tinha de dar, acabou em foguetes... E não é que suas energias surgem debaixo de nossos pés, engalanadas pela inocência do nacionalismo, aspergidas pela glória de Deus, blindadas pela tradição feroz dos alamares...

– É a metástase! É da própria natureza do câncer.

23 jun., 1945

TELEFONEMA

(Da Cinelândia) – Meu caro Diretor:

Indica-me você de novo o lugar de diarista na cabina telefônica de São Paulo, para dizer do que por lá repercute deste agitado fim de guerra e começo de mundo.

E como você fala com aquele ar de patrão da velha época que me lembra os pitos de Edmundo Bittencourt, capazes de fazer mais dedicações que o Estado Novo e a sua frutífera legislação social, hoje começo.

Andou você por essa conturbada e mecânica América agora em avanço sobre Berlim, com a bola da vitória nos pés, que o russo fiel lhe passou para que *goal* final seja feito de combinação. Andou por essa Chapultepec que experimentou mais um terremoto com a oratória do sr. Pedrinho Calmon, por esse México de que Niomar nos transmite coisas bonitas.

E pergunta-me o que se passa em São Paulo. Se você imaginar uma província lusa do Juízo Final terá idéia dum dos aspectos da atual Piratininga. Existe, alinhada nas calçadas e nas praças, gente falando português galaico ou clássico de corte, de anquinhas, e liteira, ao lado de gente de *short*, que se diverte em sistematizar a "língua errada" de José de Alencar e Mário de Andrade. Gente que trouxe galicismos de Montmartre e orientalismos de Goa, e gente que usa "ss" cariocas e "vou-tes" pernambucanos. E toda ela vestida como fala, nas indumentárias mentais do século XIII, do XVII, de D. Maria I ou de Sebastião José de Carvalho, e também trajando as folhas de parra dos Inocentes do Leblon. Desse alarido de fantasmas, oriundo tanto dos cemitérios eleitorais da República Velha, como das atuais necrópoles trabalhistas, não sai um som donde se possa aferir rumo ou tendência. São Paulo é hoje um mercado de ressuscitados recentes que não compreenderam ainda o que se passa nem porque de novo lhes deram vida, voz e saúde. Que não sabem que sopra sobre o mundo o espírito de Yalta. Há os que admiram o marechal Pétain porque "evitou que fossem destruídos os cabarés de Paris". Mesmo à custa da honra da França. Ele teria feito com que amanhã no "mundo novo", eles pudessem ir gozar o champanha confortador do "Perroquia" e ver a agilidade septuagenária das pernas de Mistinguette. Acreditam que teremos de novo as fórmulas frugais de alegoria da "Terceira República", com senadores e grãos-duques nas mesas dos "Ambassadeurs" e nos licores da "Tour d'Argent". Ignoram que está nas livrarias, traduzido em todas as línguas, um livro chamado "A queda de Paris".

De outro lado, há uma turma que não sai de casa com medo do comunismo. E que, toda vez que a polícia especial passa estrepitosamente, levando para a missa o sr. Fernando Costa, pensa que está na rua a revolução social.

É o panorama que destrincalei para o *Correio da Manhã* pois o Dip, que proibiu a minha colaboração mesmo só com as iniciais, folga hoje de seus tantos penares. E, por falar em Dip, que fim levou o major Amílcar Dutra de Menezes?

Sou muito seu
O.A.

3 abr. 1945

O HOMEM QUE JOGOU NO BICHO ERRADO

(De São Paulo) – De repente, foi aquele tumulto em frente ao chalé de loterias, onde se pagava. Os dois homens vieram em bolo para o centro da rua, aos tabefes. Eram ambos alentados e idosos. Perderam rapidamente o fôlego, ensaiando passos moles e errados de box. A gente acorrida os separou, um polícia espiava da esquina.

Então, um dos briguentos que era o bicheiro, berrou alto:

– Este sujeito está louco! Pois não jogou no urso e deu o urso. Perdeu e agora quer receber!

O outro, que ajustava a gravata, era um velhote baixo, a cara glabra e vincada. Disse respirando forte:

– Eu levo o meu! Não é possível que eu tenha perdido. Eu nunca perdi.

– Mostre o seu jogo! Ora já se viu isto! Pois deu o urso no primeiro prêmio.

– Deu nada! Eu não podia errar. Me diga uma coisa, eu algum dia perdi? Todas as vezes que eu jogo, não levo o meu?

– Eu sei que você é malandro. Não há dúvida! Mas desta vez, o seu palpiti falhou... Jogou no veado e deu o urso... E quer receber! Qual é o banqueiro que lhe paga?

– Pois se eu não levar o meu, eu queimo o seu chalé.

– Queimava! Fez o outro... Isso era naquele tempo. Agora há imprensa...

– Você me diga o dia em que meu palpiti falhou... Diga! Não sou eu o ladino da zona? Como é que eu podia errar?

– Não seja teimoso! Disseram vozes. Todo mundo sabe que deu o urso. Está nos jornais, no rádio. O senhor se conforme! Joga amanhã...

— É que eu arrisquei tudo que tinha nessa parada!

Os populares olhavam. O banqueiro voltou para o chalé. O reclamante passou o lenço pela testa. Ia embora: mas estacou de repente. Meteu a mão nervosa no bolso do colete, gritou tirando um papel colorido e impresso:

— Espere aí! Eu tenho um gasparinho!¹

6 abr. 1945

O PRIMEIRO FUZILADO

(De São Paulo) — Na aflição de encontrar um candidato à Presidência da República para a sua chapa, a Cnep (atual direção do Partido Comunista) fez telefonar a diversas figuras de esquerda, meia-esquerda e antiesquerda, pedindo que aceitassem o papel de primeiro mártir do regime de força que quer implantar no Brasil.

— Queremos que v. ex. seja o candidato do povo... Sim, o candidato que o povo fez... que o povo quer, que o povo exige...

— Mas...

— V. ex. sabe que o povo somos nós...

— Mas... Sem nenhuma consulta à base do Partido? Sem discussão? Sem plano... Sem que as células se manifestem? Sem programa?

— Isso não importa! Não temos preconceito algum. Nem tempo a perder... nem escrúpulos...

— Mas os senhores julgam que é processo comunista atirar assim o primeiro nome que acode à cabeça, impor de cima para baixo?

— Não seja bobo! Isso é costume. E sabe o que mais? Estamos fartos de marxismo. Precisamos de um candidato. Se o Plínio Salgado topasse, seria ele, ouviu?

O telefone interurbano bateu firme. E a ronda dos convites continuou. Até que um pequeno aventureiro que enriqueceu na Quitandinha, deu o seu triste beneplácito à comédia eleitoral que hoje se desmascara na demagogia dos comícios prestistas.

¹“Gasparinho” — a menor fração de bilhete da loteria.

Um amigo que diverge da Cnop me dizia:

— Estou em trinta e duas listas de fuzilados para o primeiro dia de poder dos comunistas. Mas sabe quem está adiante de mim... em cento e cinqüenta e quatro? O Yedo Fiúza!

— Por quê?

— Porque seria um trambolho na vitória...

29 nov., 1945

COMO É ISSO, GENERAL?

(De São Paulo) — Quando o sr. Benedito Valadares, com uma maestria afobada, procurou articular aqui a candidatura Dutra, houve quem suspeitasse que o governador de Minas realizava uma manobra de continuismo. Argüia-se o seguinte: — o general Dutra não é o homem do momento. Todo o mundo conhece suas entranhadas afeições eixistas.

Em seu gabinete de ministro da Guerra, funcionava então uma turbina irascível de faciosismo verde. Era um verdadeiro estado-maior integralista que, brilhante e intacto, subsistira ao exílio político de Plínio Tômbola. Esses homens nunca haviam ocultado seus intutos reacionários e o ministro os cobria com suas asas draconais. Ora, assistia-se à agonia espetacular do fascismo. A Alemanha de Rosemberg e de Hitler estertorava sob as botas de sete-leguas do Exército Vermelho. E as democracias revigoradas proscreviam para fora da civilização todo ideal totalitário.

De fato, pretender que um simpatizante do nazismo se apresentasse à sucessão do anfíbio Vargas era demais! Aquilo devia ser malandragem do Benedito.

Mas não ficou sendo. O general Dutra, com uma teimosia de santo, emperrou na existência da sua candidatura. E quando, para glória sua, as forças armadas levaram a termo o compromisso com a nação de dar eleições a 2 de dezembro, vieram as explicações esperadas. S. ex. fora sempre um democrata sincero. Todo o seu apoio ao fascismo de 37 tinha sido um passe de mágica. S. ex. apresentava a seu favor o fato de estar se batendo pela democratização do Brasil, contra os embustes grosseiros da Ditadura, apoiada pela loucura de Prestes.

Acontece, porém, que no relógio eleitoral bate a undécima hora. E surge de repente um partido carregando os salvados do incêndio que devorara no mundo a paranóia totalitária. Chama-se Partido de Representação Popular. Mas há engano. É Partido de Repressão Popular. Com ele é que os marmiteiros vão ver o que custa ser pobre! E o novo P.R.P. adere a quem? Ao general Dutra. E o general-candidato sorri para os ressuscitados guardiões espirituais dos campos de Belsen.

30 nov., 1945

UMA SAÍDA DOS DEZOITO

Sem fé na vitória, sabendo que tinham sido atraíçoados, que o Brasil permanecia indiferente à sua sorte que era a própria sorte do Brasil, no entanto eles saíram.

Quem eram eles? Dezoito homens, moços quase todos, oficiais e praças de um Forte sitiado. A guarnição quisera render-se. Desertara. Os dezoito ficaram e, como não se resignassem a ser chacinados ali, saíram para a rua, que era a praia de Copacabana. E foram, de peito aberto, dar combate aos batalhões que entupiam as ruas de comunicação com a cidade.

Que queriam esses moços? Melhorar o Brasil. Levavam no peito dezoito pedaços da bandeira do Forte. Eram patriotas somente. Morreram muitos no local em que se defrontaram com as forças legalistas. Morreram combatendo, atirando, deitados na areia. Ficaram outros feridos. Nenhum capitulou, nenhum se entregou. Isso se passava no Rio de Janeiro a 5 de julho de 1922, quando o Brasil comemorava o primeiro centenário da sua independência política.

Os sobreviventes da grande página foram morrendo depois. Um ficou. Chama-se Eduardo Gomes.

Quando a ditadura encanecia sem glória, ante a vitória das democracias, foram buscá-lo para candidato à presidência da República. Os jornais de hoje afirmam, no cômputo geral das eleições, que cem mil vezes maior é o número dos que o acompanharam nesta jornada.

O Brigadeiro Eduardo Gomes teve até agora um milhão e oitocentos mil votos. Mas já se sabe que caiu diante do adversá-

rio mais forte. Caiu da mesma maneira que vinte e três anos atrás, sem mentir, honrando compromissos que eram ao mesmo tempo íntimos e nacionais.

Podem se apontar erros na campanha presidencial feita pelo Brigadeiro. Seus discursos tiveram trechos muitas vezes chocantes e inábeis. Não importa, deve-se a ele um fato – o deslocamento da ditadura de sua cínica segurança. Ele saiu para perder. Como em 22, com os dezoito do Forte. Mas o Brasil ganhou.

20 dez., 1945

A FÉ DE GÖRING

(De São Paulo) – Um dos mais elucidativos episódios do processo de Nuremberg foi, sem dúvida, aquele em que se exibiu a película do inicio da guerra mundial de 39. O terceiro Reich, ante a corrida alarmada dos signatários cídulos de Munich, demonstrava então a força geométrica de seu poderio e da sua jactância. O discurso de Hitler perante o Reichstag, fazendo o epitafio da Polônia, ilustrou essa avançada fria da máquina belica alemã cumprindo, hora a hora, o destino marcado pela missão do Herrenvolk, o povo dos senhores.

Ante a plateia, presa na terrível emoção de acompanhar a derrocada do mundo inerme, levada a cabo pela fúria blindada e nova dos velhos germanos de Tacito, Göring teria exclamado: – Se Roosevelt visse isso, ter-se-ia convertido ao nazismo!

Outros telegrafam que ele referiu Churchill.

Seja como for, ai está demonstrada a raiz emocional e romântica do fascismo, a sua indelevel mancha nietzschiana. É nas forças iracionais aculadas pelo personalismo burguês que as doutrinas de Hitler e de Mussolini encontraram o seu dramático brasão. E do que o homem tem de reserva animal que a suástica viveu. E do antagonismo que ela levanta no que o homem tem de social que a suástica morreu.

21 dez., 1945

O DIA DO MARINHEIRO...

(De São Paulo) – O marinheiro agiu como se estivesse num *dancing*. Nunca vira zagala tão bonita no mundo. E conhecia mundo. E conhecia zagala. Mas aquela morena...

As pernas da morena balançavam dançando na saia leve.

Espera aí! Incumbiu Jim e Jack de segurarem a morena.

Zás! Trás! A kodak fuzilou.

Mas a morena tinha trinta pais, um noivo, sete namorados, doze senhoras idosas que a acompanhavam. Era uma morena absolutamente moralizada. Depois ali... em pleno dia... agindo como se estivesse num *dancing*! Oh!

E já não era só aquele marinheiro. Era outro. Não fora na Praça do Patriarca. Fora na Praça dos Correios. Um sujeito que vinha passando jurou que o caso se passara no cinema Bandeirantes.

Zápt! Uma pedrada zuniu no ouvido do marinheiro.

A zagala da Praça Antônio Prado ficou sendo a da Praça Ramos de Azevedo. E o marinheiro dos Correios ficou sendo o do Anhangabaú. Zápt! Pedrada!

O quinta-coluna impávido comentava: – Pensa que está na Alemanha! Coisas do imperialismo americano!

E a polícia especial especializou-se. E durante a noite inteira as pernas da morena dançaram na saia leve e a pedrada zuniu no ouvido do marinheiro e a polícia especializou-se. Até que na madrugada cor de gripe esvaiu-se para sempre, na cidade pacífica, a história do marinheiro e da zagala.

27 dez., 1945

O APELO DE GABRIELA MISTRAL

(De São Paulo) – Nunca consegui encontrar Gabriela Mistral. Toda vez que a procurei em Niterói ela estava em Petrópolis e quando subia a serra para vê-la ela atravessa a baía. A poetisa morou na Itália, eu também. E lá também nunca nos vimos.

Mas agora, a propósito justamente da Itália, nosso encontro foi perfeito. Ela talvez esteja em Stockolmo recebendo o Prêmio Nobel e eu nesta São Paulo grevista que termina o ano sem bon-

des nas ruas. Mas o seu grito chegou até aqui. É um grito mais que humano, é um grito humanista. Gabriela Mistral quer salvar a Itália e socorre-se das vozes dos intelectuais, dos escritores e dos artistas, para uma campanha que suste não o castigo destinado com justica ao fascismo, mas o que dele possa resultar de ruinoso para a terra de Giordano Bruno.

Justamente, a poetisa chilena evoca as figuras que ainda na época atual deram o sinal de vitalidade e de independência da Itália criadora, particularmente a desse magnífico Benedetto Croce que talvez seja o maior pensador vivo da Europa.

É preciso salvar a Itália. Que ela seja transformada numa universidade-museu para ensino das gentes. Não se deve nunca confundir a Itália com o fascismo.

O povo da península soube perder a guerra fascista e soube justiçar o caudilho sinistro que a conspurcou.

1º jan., 1946

DO ESPÍRITO JURÍDICO

(De São Paulo) – Creio que foi o alemão Burckhardt quem profetizou: "No amável seculo XX, a Autoridade erguerá a cabeça, uma cabeça espantosa".

Essa cabeça está aí, erguida, errecta, apesar de toda a desmoralização do totalitarismo fascista. É que ela nada tem que ver de essencial com o fascismo, que foi a sua máscara rija, primitivamente sangrenta. É que o mundo entrou num ciclo coletivista, dialeticamente gerado do ciclo liberal que o precedeu. Antes a Autoridade construirá a sua economia espiritual na Idade gótica, e na Judéia dos patriarcas.

Hoje, depois do liberalismo, volta-se à economia dirigida e aos laços apertados da união política. Um caráter novo, no entanto, assinala que no ciclo atual pode entrar o elemento oposto ao autoritarismo – o elemento da individuação.

Essa "oportunidade única" que os homens têm de bem viver, assinalada por Attlee¹ em seu último discurso, exprime a síntese

¹ Clement Attlee (1883-1967), líder do Partido Trabalhista, era então primeiro-ministro britânico, em substituição a Winston Churchill.

em que estão presentes os dois elementos contrários, o coletivista e o individualista. É o sistema de Teerà em que se deram lealmente as mãos as democracias e a Rússia Soviética.

De forma que, eliminado o ranço universitário de suas origens, experiências liberais ensaiadas pelo atual interregno têm um sentido nobre e útil. Pode ser chamado o homem da estratosfera o ministro-professor que tentou reviver Ruy Barbosa nos tempos atuais. Pode ser que o seu fim seja mesmo um copo melancólico de cicuta mineral na solidão de uma estação de águas. Nôo deixa de ficar esse aceno de que também a lembrança da liberdade deve amainar os tempos conturbados de hoje. O governo do General Dutra nada perderá com o aviso um pouco bisonho, mas sincero e oportuno, do jurisdicismo.

15 jan., 1946

OS TEIMOSOS

(De São Paulo) – Um filme que se fosse executado por Orson Wells daria uma ressurreição empolgante da primeira guerra mundial, põe de novo em foco a figura idealista de Woodrow Wilson. E restaura esse longínquo ano de 1912 em que o mundo “pacífico” terminava com o jazz, o primeiro cinema e a primeira aviação.

Enquanto o professor de Princeton era erguido à suprema cátedra americana, em Praga na Boêmia, um lobo foragido imprecava: – Somos firmes como a rocha! Chamava-se Vladimir Ilitch.

Daí para cá, dessas duas coordenadas humanas, vem-se desenvolvendo o mundo de idéias e de fatos que transformou a História. O democrata derrotado pelo Senado Americano e o catedrático do terror que levou as massas ao poder dar-se-iam as mãos sobre o túmulo da medieva Alemanha racista.

Hoje, emergimos para um mundo novo e melhor. E os homens da minha geração que namoraram aquelas mulheres de chapéu barcarola e saia comprida sentem a violência das transformações subir-lhes à garganta. Trinta anos apenas separam o espartilho do *short* e a batalha do Marne da batalha de Berlim. Ruiu tudo. Ficaram de pé os catorze princípios de Wilson e a fé

que Lenine punha na humanidade. Os homens podem e devem ser felizes! Exclamava ele para a incredulidade de Gorki, exilado na ilha de Capri.

A era atômica abre-se para a definitiva experiência: ou a humanidade entra nela desarmada e livre ou transforma o mundo numa mortuária câmara de gás.

24 jan., 1946

ANTIDEMOCRÁTICA

(De São Paulo) – Uma voz se elevou aqui, no ultimo conclave do P.S.D., contra a reforma da lei eleitoral feita pela ditadura-relâmpago-liberal. (Ditadura porque governa com a Carta de 37. Relâmpago porque é um parênteses, e não um "parentes", como quer um trocadilhista que não tem nenhuma razão, pois razoavelmente se defendeu o presidente Linhares das invectivas do Borgia de algodão, que também estão chamando o Ugo de São Bárbara. Liberal porque insiste no cartaz daquela centelha de direitos eternos que fez o primeiro pecado contra Deus.)

A voz foi a de um velho lutador de liberdades, o sr. Armando Prado, que protestando disse: "O decreto-lei em apreço confunde injustamente os semi-alfabetizados com os analfabetos, concorrendo assim para aumentar escandalosamente o numero dos politicamente incapazes, para reduzir a proporções infimas e ridículas o eleitorado brasileiro, para transformar o exercício da soberania num privilégio de élites-diminutas, porque só os ricos e os que dispõem de rendas folgadas estão em condições de adquirir a instrução suficiente para atender as exigências impopulares do decreto".

Falou e falou bem, porque de fato – como me dizia aqui um amigo – ignorante não é o povo, e a burguesia. O povo, acrescentava esse observador, sabe tanto que em três meses se organizou poderosamente nos partidos do centro e extrema que, errada ou certamente, sincera ou demagogicamente, defendem o seu destino político. O povo não lê hoje porque o sr. Getúlio Vargas deu leis sociais, mas fechou escolas. O povo vê o film, escuta o rádio, conversa. O povo sabe muito bem onde tem a cabeça. Principalmente no Brasil, onde existe aquela esclarecida tradição do índio de

Rouen, citada por Montaigne, o qual vendo o rei Carlos, minguado e doente, no trono, ao lado de um bigue guarda suíço de barbas, perguntou por que eles não trocavam de lugar.

28 jan., 1946

INTERURBANO OFICIAL

(De São Paulo) – General, quem fala aqui é um escritor, pracinha da democracia, que durante largo tempo perdeu bens, saúde e vida nas trincheiras da liberdade. Inicialmente peço-lhe desculpas por um plebeu utilizar a oportunidade única que tem de se erguer até o recinto dos fastos nacionais. De longa data aproveitam os poetas momentos como este – coroações, casamentos ou batizados de princesas para aderir e adular. O meu caso é diverso. Se bem que por temperamento e profissão, viva eu sempre um pouco aéreo, ando a par do que se passa no mundo, pois leio mais ou menos os jornais, vou às vezes ao cinema, ouço rádio de quando em quando. Além disso freqüento maus lugares como casas bancárias, igrejas e repartições públicas. Excelência, há em torno de sua magnífica posse uma atmosfera apoteótica que celebra a volta da nossa terra à sua normalidade legal. O Brasil é um país de escravos que teimam em ser homens livres. É essa toda a nossa tragédia. Viemos da Europa nesses quatrocentos anos para fugir à escravidão econômica. O índio aqui nunca deixou de morrer pela sua liberdade. E o negro se libertou, antes mesmo do decreto isabelino, nas veias mestiças dos serenatistas e dos barões. Contra esse imperativo da liberdade, existe outro – o da mania de mandar e oprimir – que é oriundo da nossa equação nacional. Nós temos infra população e muita terra, pouca técnica e excesso de imaginativa, daí ser o caudilhismo um fenômeno americano que ao norte do Continente se atenuou com a rápida industrialização, mas aqui dos pampas ao Panamá e às serranias goianas enche de lodo e de lágrimas a história e a estatística. Não muito longe estamos desse glorioso 29 de outubro¹, em

¹ 29 de outubro de 1945. Data do movimento das Forças Armadas que depôs o presidente Getúlio Vargas, ditador desde 1937, depois de ter sido chefe do governo provisório (1930-1934) e presidente eleito (1934-1937).

que marchando mais depressa para a democracia as lagartixas dos *tanks* que os sorrisos liberais do Sr. Getúlio Vargas mostrou o soldado brasileiro ter dignidade e palavra para o cumprimento das eleições livres e honestas que deram a V. Excia. o solidéu da governança. Que não se afaste dos olhos de V. Excia. esse dia, em que o Brasil assumiu um compromisso de luta contra as permanências tiranas e contra os desvios do poder para os algodoais da negociata e para o terror dos pequenos Belsen² policiais que nos macularam. Neste mundo convulso, residimos na vertente democrática, que é por sinal, a da bomba atômica. Não podemos de modo algum, deixar de tomar para nós o conselho de Lenine que, morrendo, disse aos russos – Americanizai-vos! Sob o governo de v. excia. americanizemo-nos. Organizemos enfim, a nossa vida nacional. Estamos cansados de viver entre a loteria e a esmola. Criamos a técnica da lavoura e a técnica da industria, sem esquecer nunca porém, que elas de nada valem sem as normas efetivas da liberdade.

1º fev., 1946

NUREMBERG

(De São Paulo) – Alguns detalhes do sadismo agora revelados com o processo de Nuremberg fazem o homem estacar diante de sua própria história e perguntar se ele não é de fato aquele *gorilé féroce et lubrique* que Taine afirmava só ser atenuado pela civilização porque esta o enfraquece.

É preciso notar, no entanto, que as circunstâncias cumulam de carga a acusação contra o povo alemão. Por que o fascista italiano não procedeu da mesma maneira? O próprio japonês, egresso há um século apenas do isolamento e da barbárie, teria produzido as cenas de Belsen e de Buchenwald?

É curioso como o povo alemão sob o guante de uma ideologia irracionalista, parece ter encontrado nela o seu cerne secular e o seu clima. Donde a culpa atávica ou a tara cultural? Lutero teria blindado de autoritarismo o germano de Tácito? Daí para

² Belsen foi um dos mais famosos e sinistros campos nazistas de concentração.

diante o racismo. Do *Übermensch* ao *Herrenvolk*¹. O humanismo marxista procura absorver o poeta de Zaratustra dizendo: Hitler visitou a casa de Nietzsche. Mas Nietzsche nunca teria subido as escadas da chancelaria nazista.

Fato é, que dessa bestial Alemanha, hoje tão monstruosamente datiloscopada, saíram as maiores apaziguadoras da sede humana de cultura e de emoção. É a pátria de Bach e de Hegel, de Heine, de Goethe e de Mann!

Não teria sido justamente a incapacidade de viver nesse inferno estreito que produziu as grandes evasões da "Sonata e Fuga", da "Fenomenologia do Espírito" e do "Fausto"?

7 fev., 1946

DO CIRCO AO TEATRO

(Da Cinelândia) – Um festival reunia outra noite no Circo Piolim os velhos fãs do mestre do picadeiro paulista.

Piolim voltou aos seus grandes dias, restaurando números esquecidos e as grandes entradas que fizeram a sua celebridade. Mas o principal do espetáculo foi a representação em cinco atos de *A Mulher do Padeiro*.

É que com uma pertinácia acelerada, o grande artista circense tem investido para o teatro, abandonando pouco a pouco as pantomimas pela "arte séria". Começou tirando a careca de papelão, o colarinho roda de carroça e a bengala grossa e retorcida. E agora surge numa intensa criação dramática. O que imediatamente resultou foi confusão para o público. Indo ao circo para rir, os espectadores nacionais não se convencem que devem seguir e respeitar os lances trágicos. E mesmo quando o artista estrangula no álcool a sua desdita ou recebe como Cristo a mulher pecadora, as gargalhadas estrondam de todo lado. O que faz pensar que se Bergson tivesse estudado o riso no Brasil, não conseguiria escrever o seu livro.

¹ *Herrenvolk* – o povo dos senhores, de acordo com a concepção nazista. Adolf Hitler, em seu livro *Minha Luta* (1923), julga que só a raça ariana é depositária do progresso da civilização, portanto, como um povo de senhores, tem de conquistar e submeter as raças inferiores. O racismo termina, assim, politicamente, no Estado racista.

No entanto, Piolim toma a sério o drama que tirou do film célebre, criando de um certo modo um teatro popular que lembra Gorki.

Não sou contra a curiosa experiência de *clown* paulista. O nosso teatro não conseguiu fazer tradição, apesar dos armários mágicos de Martins Pena e da "Lusbela" e outras pequenas "Damas da Camélia" do século 19 carioca. Quem sabe se desses estranhos pastiches guiados pelo cinema, resultará alguma coisa melhor do que as frustradas tentativas de nossa criação teatral elevada?

9 fev., 1946

CÂMARA ARDENTE

(Da Cinelândia) – O homem de preto tomou-me pelo braço e conduziu-me para fora da Tribuna da Imprensa. – Deixemos isso! Não interessa o que eles dizem... Todos esses discursos trazem a marca convencional dos cartões de pésames. Ninguém lamenta aí a morte do velho Andrada¹. Mas você reparou como a Constituinte, por uma circunstância ocasional, se tornou hoje a *morgue* de uma época? Tera compreendido você, como essas caras de enterro, esses termos pretos que parecem guardar no sebo demagógico das mangas um resto de cera das velas fúnebres e esses gestos de condoleância com que se abraçam os deputados – como tudo isso é o necrologio do velho Brasil? Esta claro que ninguém mais pode gozar o nosso parlamento. Ele chora, protesta e urra como uma viúva sincera e recente. E sobre ele paira a astúcia dos corvos e a solenidade dos gatos-pingados. Esse moço que você viu aí berrando des conexo e petulante, e o coveiro de um regime. Não importa a sua modesta gramática e a sua gravata de comício. O que importa é a sua aparição. Porque os tempos são outros. O velho Brasil morreu. Um Brasil que vinha de João do Rio à Semana de Arte Moderna. Do Império a Bilac e ao cidadão Pingô². Depois, gra-

¹ Antonio Carlos Ribeiro de Andrade (1870-1945), famoso político da Primeira República, quando foi presidente de Minas e um dos chefes da Revolução de 1930. Era presidente da Câmara dos Deputados em 1937, tendo-se retirado da vida política no momento da instauração do Estado Novo.

² Tipo pitoresco do Rio entre as duas guerras mundiais, cabô eleitoral e orador popular.

nadas estouraram sobre casas e campos. Colunas de fogo abriram brechas no corpo patriarcal das cidades bem dormidas, dos cafezais nutridos pelas enxadas de sol a sol. Os camelos do Estado Novo e os elefantes da Ditadura atravessaram demoradamente o deserto anunciado de homens e de idéias. E hoje o que você vê é isto. A vocação mortuária deste corpo legislativo que reza em vez de resolver e se persigna apavorado com o próprio destino necropular, procurando ajeitar-se no epitáfio da liberdade que é a Carta de 37. Se você somar esses discursos, só obtém silêncio. É o silêncio noturno que exclui a presença das auroras. Lá fora, o sol pode brincar nas árvores festivas. Há o mar e as montanhas azuis. Aqui só, vejo luto. O velho Brasil morreu.

10 fev., 1946

VIRAR ÍNDIO

(De São Paulo) – O professor deixou o livro, coçou a cabeça de cabelos rentes e grisalhos e exclamou para a família estarrecida:

– Hoje mesmo compro uma seta e tomo o trem da Sorocabana. Para isto o Brasil há de servir. Afundo nesse mato grande e não volto mais. Já fiz seguro de vida e vocês estão todos colocados. Não precisam de mim. Aqui é que eu não vivo mais! Os pensadores, os políticos e os sociólogos dizem que isto é a decadência de uma classe, decadência da burguesia. E o processo de Nuremberg? Eram burgueses os cães de fila que Hitler mandou utilizar nas câmaras de gás e enfiar as cabeças dos padres nas bacias pútridas de Buchenwald. Era gente do povo! É a humanidade que entrou em decomposição. E com ela todas as classes! Vejam vocês o que se passa na alta sociedade. São os sentimentos de Belsen e de Buchenwald que empafiam as belas cabeças perfumosas e guiam os homens educados e lânguidos. E a política? Vocês viram o que aconteceu neste recanto paradisíaco? O que foram as eleições livres e honestas? Nas cidades, a propaganda cretinizante e no campo os eleitores enquadrados pelos cabos eleitorais como se fossem presidiários marchando para um campo de concentração, fechados nos depósitos, despedidos das fazendas no dia seguinte porque desobedeceram

trocando as células. E como vive essa gente nos casebres, sem cadeiras para sentar, comendo feijão sem sal, mandioca e angu. Os velhos morrem de debilidade. Os ventres das crianças estufam de vermes. Nos rincões mais prósperos onde estão as escolas e os hospitais? É a esmola que ainda subsiste na sua feição mais humilhante e sicária. E quando olho para os idealistas, eles estão vendendo a consciência aos quilos! Vou-me embora. O radar já estabeleceu contato com a lua. E brilha a ténue esperança do homem deixar este planeta. Enquanto esse dia não chegar, enquanto eu não puder partir no primeiro foguete lunar, deixando as casas trágicas e destapadas, as mesmas que Luciano de Samosata viu no século I – vou virar índio!

16 fev., 1946

SOBREVIVÊNCIA E PANCADA

(De São Paulo) – Um conhecido meu, espírita convicto, acaba de me revelar que nas últimas sessões de seu Centro, só tem aparecido espíritos perversos que, acreditando estar ainda em pleno gozo de suas prerrogativas terrenas, distribuem pancada a torto e a direito.

– Mas por quê?

– Não sei. Não há razão nenhuma. São nazistas.

Nessa frase o narrador do acontecido dava o grau de prepotência que vigora por este democrático mundo de Deus, onde os vencedores deram de sofrer toda a sorte de tropelias por parte dos que caíram com a fortaleza negregada de Hitler.

Não há dia em que não registrem os *faits-divers* a estupidez de um brutamonte que remanesce das furnas da ditadura ou a loquacidade imbecil e cínica de um arauta do Estado Novo que ousa achincalhar a democracia que, por modesta que seja, conquistamos.

Enquanto a concha espetacular do fascismo que foi Nuremberg se transforma sob a mutação dos tempos, noutro palco, onde os arrogantes senhores do Terceiro Reich, marcam o passo para a força – descobre-se aqui, em São Paulo uma miniatura do campo de Belsen, num simples Gabinete de Investiga-

ções da Polícia. E o Departamento de Estado americano descerrou o véu que disfarçava o conluio guerreiro dos *quinta-colunistas* argentinos, hoje ainda de pé e prontos a recomeçar.

Não dissimulemos nós o que vai nisso tudo de participação da nossa secular benevolência para com os que traíram a civilização, traíram a pátria e traíram a própria humanidade e que, neste momento gozam ameaçadoramente a impunidade e o *sursis*, como se nada tivessem feito nem ousado.

17 fev., 1946

A EXPULSÃO DE BROWDER

(De São Paulo) – Noticia-se que o Partido Comunista Americano expulsou de suas fileiras o líder Earl Browder que, durante quinze anos, dirigiu essa agremiação, tendo chegado a ser candidato à presidência da República. A sua figura é de tal importância que, num artigo célebre, Dorothy Thompson declarou ser ele o próprio Stálin na América.

Browder adquiriu uma posição ideológica de primeira grandeza com o seu livro "Teerá", em que anunciaava o "fato novo" do acordo entre o país socialista e as democracias progressistas e do qual havia de derivar a consequência lógica de serem dissolvidos os Partidos Comunistas ligados à III Internacional. Ele mesmo dissolveu o Partido Comunista Americano. Uma vez liquidado por Stálin o *Comintern*, estava ultrapassada a face partidária do comunismo e devia-se pensar numa ligação construtiva com a burguesia democrática. Seria a síntese anunciada por Marx.

Não entenderam assim os comunistas "infantis"¹, de que temos como exemplo aqui o nosso Prestes. Devido à intromissão trotskizante do líder francês Duclos, Browder perdeu do dia para a noite o seu alto posto, sendo substituído pelo faccioso Foster que iniciou os ataques sectários ao sistema de Teerá.

Agora, desligado dos compromissos de disciplina partidária, Browder poderá levar às suas últimas consequências o brilho e o

¹ "Infantis" – expressão que designa o radicalismo de esquerda entre os comunistas criticado por Lenin em seu livro *A Doença Infantil do Esquerdismo*.

acerto de sua concepção política marxista. Fora desta, só existe no campo comunista a desorientação em que se debatem os tentáculos agonizantes que ficaram sendo os partidos extremistas, uma vez perdido o núcleo vitalizador do *Comintern* e não aceita nem compreendida a orientação stalinista de Browder.

19 fev., 1946

CASA DE BONECA

(De São Paulo) – Num péssimo filme, dos piores que a Argentina nos tem mandado, Ibsen voltou à nossa presença. A começar pelo título que veio imbecilmente no plural *Casa de Bonecas*, tudo ali aparece mais ou menos falsificado, passando os personagens a ser, em vez de frios e comedidos nórdicos, derivados da Espanha india que marca a grosseria sentimental dos bairros portenhos.

A minha geração que degustou a tradução do Conde Prostor e viu "Nora" nos grandes fantasmas da cena ida, de Duse à Desprez, irrita-se com essa incapacidade de abstração que faz de *Maison de Poupée* uma cafajeste *Casa de Muñecas*, onde figuras vulgares se agitam e fantasiam em *gran-guignol*.

Ibsen é totalmente outra coisa. Ele é mais do que ninguém, o século 19 intelectual, com suas terríveis angustias sem solução. Houve quem fizesse um esquema da obra do norueguês, atribuindo-lhe um sentido kantiano. Assim, no seu portico estariam os dois gigantes *Brand* e *Peer Gynt*, derivando-se deste os inquietos e os descompensados como "Oswaldo Alving" e "Hedda Gable". Por trás de "Brand" que representa o imperativo da "Razão Prática", ficariam particularmente a *Senhora do Mar* e o *Pequeno Eyolf*.

O importante na obra ibseniana é a antinomia "indivíduo-cidadão" que daria as correntes em crescente debate ideológico até as duas guerras mundiais.

Hoje Ibsen interessa ainda os intelectuais como uma espécie de patrono – o que não cede às injunções locais, à incompreensão e à chantage. Como Balzac, ele viveu machucado de necessidades, agredido pela burrice e pela má-fé. Mas manteve-se cristalino da defesa de seu apostolado criador. E por isso existe, mesmo

através de um filme argentino. É verdade que não podemos falar muito, pois amanhã, na criação da indústria nacional do cinema, é capaz de termos verdadeiros espectros de artistas, oferecendo a obra-prima, de Ibsen.

20 fev., 1946

ICARISMO

(De São Paulo) – O avião picou no azul. Depois, retilíneo e metálico ganhou distância sobre as rochas, as montanhas e o mar. Por trás do aviador atento, aconchegado ao pequeno aparelho, eu gozava o que ele me dissera, quando íamos deixar o Rio.

– Não é preciso virar índio como quer aquele professor que você divulgou. A misantropia a que se chega geralmente em nossa idade, tem seus derivativos. Um avião basta para fugir à civilização. É a conquista máxima que ela nos deu para defender-nos dela. Realizar comodamente o sonho de Ícaro. Poder de repente deixar de ver os cínicos que tomaram o poder e os burros que não o tomaram. Conseguir de um salto não olhar mais, na Constituinte, a bancada murcha que cerca o melancólico Cavaleiro da Esperança, apeado de toda fé, rodopiando adesões e complexos entre os caudilhos que se realizaram como Vargas e Perón. E de outro lado a *ménagerie* eleita do Estado Novo, os velhos tigres desdentados, as cobras domesticadas no Butantã da democracia, os porcos tornados rólicos nas lantejoulas das negociatas. Poder deixar tudo isso de repente, eis o segredo de Juventa¹. Comprei esse avião por comodidade, para efetuar os pagamentos na fazenda. E ele me serve para as evasões físicas que são as únicas possíveis fugas morais. Estar de repente no seio vaporoso de uma nuvem, dar atenção ao ritmo do motor que é o do nosso próprio coração, medir as montanhas do horizonte próximo ou afrontar a tempestade e baixar em vôo cego sobre um campo invisível. Eis como em mim se renova a vida.

O azul voltava esplêndido, depois de um tumulto branco de nuvens. E desenhou-se sob nós o mapa em relevo da terra paulista, lavrado de estradas e culturas.

24 fev., 1946

¹ Juventa – antiga divindade romana da juventude, comparada à Hebe grega.

O LUSTRE

(De São Paulo) — Eu nunca disse que "A mulher que fugiu de Sodoma" puxava para o alto a literatura brasileira. Isso saiu, por conta do editor, numa orelha de livro, mas o que realmente eu escrevi é que José Geraldo Vieira elevava a literatura nacional. E José Geraldo Vieira não é "A mulher que fugiu de Sodoma". Volta essa afirmativa com a publicação do novo romance de Clarice Lispector, "O Lustre". Ela é o autor da "Quadragesima Porta" de fato, puxam das mãos primárias de alguns êxitos nordestinos a nossa literatura, a fim de jogá-la num plano superior. A aventura intelectual de José Geraldo Vieira como a experiência plástica e intimista de Clarice Lispector dão uma amostra do quanto já podemos atingir, ante os grandes padões da literatura atual. Ao lado deles se coloca o lorquiano Aníbal Machado.

Entenderá o crítico o romance novo da sra. Lispector? O crítico literário, dizia-me um leitor de Croce, é quase sempre um panfletário fracassado. Não é como o crítico de arte que pode tomar a função plácida de guarda de museu, espanando, pondo em relevo, este ou aquele quadro. Não, o crítico de livros é muitas vezes, o avesso amargo do panfletário, pois, se ele alias, quiser apenas indicar benevolamente o que se deve ler ou sentir esta despedido de suas funções. O que interessa na crítica é a maldade. Evidentemente o meu interlocutor esquecia os grandes críticos.

Seja como for, é possível que a crítica fracasse diante d'O Lustre. Pois diante d'O Lustre só se pode ter uma atitude — o entusiasmo.

Estamos em frente de uma criação de mulher antiga, vulgar e estranha como um lustre. E hoje, no mundo da engenharia e da física, não há mais lustres, [falha no texto] luz indireta, gas néon, ba [falha no texto] de sol. O lustre [falha no texto].

26 fev., 1946

A OFENSIVA DUTRA

(De São Paulo) — Afinal moveu-se o paquiderme que dormia. A imensa máquina de resistência ao bom senso começou a ter oleadas as suas engrenagens. A democracia engraxou enfim as

molas do Estado que a Ditadura enferrujara nesses curtos 15 anos. Uma porção de medidas que todo mundo sabia serem praticáveis e fáceis aparecem de repente. Todo mundo sabia, por exemplo, que era possível combater a inflação, atacar o câmbio negro, engrenar os transportes, baixar o custo exorbitante da vida. Mas como seria isso praticável com o bonzo Vargas sentado sobre o corpo adolescente da nação, com a sua insensibilidade, o seu egoísmo ignaro e a sua pavorosa burrice? O que ele queria era permanecer, custasse o que custasse. E para ficar, só mesmo num clima de corrupção e de favoritismo. O mandarinato era o seu forte. Bastava a gente olhar num hotel ou na rua a figura do Ministro da Fazenda para ter o retrato enxundioso e bronco do Estado Novo.

Vencer a dissolução destes últimos 15 anos, estancar a desmoralização que acompanha qualquer tirania, quebrar os dentes dos tigres fartos do lucro extraordinário em benefício do povo escorchado, eis um programa urgente que se impunha ao Brasil.

Tendo as eleições elevado ao poder um militar que fortemente se comprometera com o regime passado, não parecia alvisareiro o período presidencial em início. No entanto, apesar da conservação perigosa da Carta de 37 que torna sibilino o futuro, o governo do General Dutra inicia-se com um ataque frontal aos problemas vitais do povo. O custo da vida, a exploração dos intermediários, os transportes e a inflação.

Muito melhor em qualquer hipótese do que o que queriam os comunistas de Prestes – a conservação da ditadura alvar e sinistra de Getúlio Vargas.

7 mar., 1946

A MORTE DE MOMO

(De São Paulo) – As gotas da chuva fustigavam os arranha-céus, canhoneada pela trovoada. Na penumbra de um bar central, eu e o filósofo amador nos acoitáramos molhados. E o homem com cara de velho precoce falou:

– Veja você como tudo coincide num só propósito – desmoralizar. A sábia natureza também está cuspindo sobre o

Carnaval. Há muitos séculos uma voz atroou o Ocidente – Pan morreu! Era o Cristianismo que nascia das barbas hirsutas de Paulo de Tarso. E iam congelar-se as mitologias, as aras e os oráculos para dar subida ao pecado. Muita gente pensa que a Renascença trouxe a volta do mundo antigo. Não. Com a Renascença veio a Maternidade. Rafael é o cantor da Maternidade. Vieram os médicos. Da Vinci não era engenheiro, era médico. E toda a gente teve o direito de procriar. Lentamente as condições económicas se afrouxaram nessa direção. E vieram as massas. E a estatística deu razão a Marx que, por sinal, um "linha justa" outro dia me disse que era português e se chamava Carlos Marques. O drama da ascensão estalou. O caminho percorrido pela aristocracia ia ser pisoteado pelos burgueses, depois pelos vilãos, enfim, pela massa. Minha cozinheira se fantasiou hoje de Dorian Gray. E o inevitável, já que ela é uma funcionária que chega às onze horas e me disse que as suas colegas de Moscou haviam dado importância histórica ao levante russo de 1905. – O senhor leia nas Obras Completas! Ora, não ha mais nem biologia, quanto mais mitologia. Que é o Carnaval senão diferenciação, marca, personalismo, arte e floresta? Tudo isso afundou no caos, não porque o povo haja subido. O povo, coitado, está trabalhando e vivendo com vigorosa honestidade e era simplesmente a Grecia que ele ressuscitava no Rio, na Praça da Bandeira, nos tempos idos, anteriores a Getulio Vargas. O que subiu foi a ilusão de cultura, isto é, o pernósticismo. Todo mundo quis fazer o caminho das execções. E ai está aquela mulata dizendo para o capitalista italiano que a desencantou: – Eu tenho intuição! A pianista do bar outro dia me afirmou que sofria de complexo de castração. E o barbeiro me declarou que a *Gestalt* não prestava porque era psicologia nazista. No centro dessa barafunda universitária, onde toda a gente põe o *loup* do conhecimento a fim de ser identificada um ponto acima, existe Nuremberg. O homem revelado na sua essência, não um ponto abaixo, mas cem, mil... O homem que nenhuma máscara disfarça. Momo tinha que desaparecer.

8 mar., 1946

DO CEARÁ

(De São Paulo) – Sou o avesso dos que escrevem cartas. Geralmente não respondo as que recebo. E são poucas, raras e frias. Há um pudor que me impede de relaxar em afetos de correio. Depois, mal sei onde é o edifício dos Correios. É longe e fora de mão. É preciso selo, o diabo! Enfim, sou inteiramente desorganizado em matéria de correspondência. A não ser a que atinge minha vida comercial e exige vigilância. Prefiro, no terreno da obrigação afetiva o telefone. A voz entra nisso como um elemento vivo de ligação. E, dizia-me um conhedor, a voz é tudo. Na mulher, por exemplo, há dois elementos decisivos para o amor, a voz e a saliva.

Esse intróito vem a respeito dum corte de jornal que me chegou do longínquo e intelectualizado Ceará. É de Girão, de que me deu notícias o pintor Aldemir Martins, aqui de passeio. Antônio Girão Barroso. A sua carta encontrou-me por acaso pois, veio com o endereço errado. O atual é Monsenhor Passaláqua, 142 – em São Paulo.

No recorte aludido em que Girão estuda honestamente o passado literário de 22 e sua evolução de um lado, desconversa de outro, pede-me notícias da tradução que projeto do livro de Earl Browder, "Teerá". Tenho de fato a intenção de levá-la a cabo, prefaciando-a. Julgo "Teerá" um livro-chave do presente. E acabo de me dirigir a Earl Browder, cujo endereço é 35 East 12th Street, N.Y.C. – U.S.A., comunicando-lhe que estou com ele, principalmente depois que o Partido Comunista americano o expulsou.

Todos os homens avançados do Brasil deviam examinar com atenção as soluções de Browder. Fora delas só existe o trotskismo e a guerra atômica.

9 mar., 1946

O ALBATROZ

(De São Paulo) – As árvores desfiavam em roxo na chuva do outono precoce. O filósofo amador recostou-se na poltrona, atirou longe o cigarro.

– Estou certo de que o General Dutra não se recusou a receber o Senador Prestes no Catete. Este é que não procurou levar a

cabo a sua intenção de entregar ao presidente da República uma mensagem trabalhista. Afobou. E deu o documento ao primeiro contínuo. Até hoje, ninguém procurou identificar a alma do Cavaleiro da Esperança. Existe dele uma biografia cantarolada pelo bardo nazi-baiano Jorge Amado. Trata-se de uma adulada que justificou uma cadeira de deputado. Mas ninguém fez ainda a psicologia de Prestes. Lembre-se daqueles versos do "Albatroz", de Baudelaire:

À peine les ont-ils déposés sur les planches
Que ces rois de l'azur maladroits et honteux,
Laissent piteusement leurs grandes ailes blanches
Comme des avirons traîner à côté d'eux

Estou certo de que Prestes é um grande inibido. Esse pamppeiro *sans peur et sans reproche* só tem medo duma coisa — o êxito. Você quervê-lo em pânico — é dar-lhe *chance*. Como a procelária, só se realiza no topo da tempestade. Veja como por três vezes ele embatucou na hora de dar dentro. Em 30, foi convidado para comandar o exército da revolução que ia transformar o Brasil. No dia seguinte da vitória, que seria o anão Vargas ao lado do Cavaleiro da Esperança? Mas ele inventou um pretexto ideológico, de caráter irrealista, para ficar sozinho e amargo em Montevideu. Cinco anos depois, tudo lhe cai nas mãos. Está no Rio dirigindo um movimento deflagrado pelo fechamento da Aliança Nacional Libertadora. Uma tropa de escol quer marchar sobre o Rio. O seu comandante está decidido a aderir mas reclama uma "berada" do poder. Ele recusa. — Nunca! Onde ficaria o esquema idealista dum governo internacional? E Ghioldi?¹ E Berger?² A tropa permanece onde está, o levante é vencido e a enxovia o engole por nove anos. Sai na auréola das armas democráticas onde fulge Stalin. O clima entre os dois comícios — o de São Januário e o do Pacaembu — é passional³. A burguesia está no osso. Vargas fala sozinho no palacio de Petrópolis. Todas as forças que lutaram contra o fascismo estão de pé ao seu lado. Um

¹ Rodolfo Ghioldi, líder do Partido Comunista Argentino.

² Harry Berger, representante da III Internacional no Brasil, preso depois do fechamento da Aliança Nacional Libertadora, em 1935.

³ Comícios realizados em 1945 nos estádios de São Januário (Rio) e Pacaembu (São Paulo), nos quais se apresentou ao povo e traçou sua linha política Luís Carlos Prestes, chefe do Partido Comunista Brasileiro, que tinha passado cerca de dez anos preso.

empurrão o ligará ao brigadeiro Eduardo Gomes, símbolo de lealdade na luta contra a ditadura. Ele diz não. – Não e não! Que seria o dia seguinte no Catete, nesse mesmo Catete, onde ele comparece hoje alarmado, sem ousar sequer enfrentar amistosamente o presidente Dutra? Prestes diante da vitória mais uma vez desconvessa e vai apoiar o seu carcereiro sádico, Getúlio Vargas, que agora, é necessário desmascarar. O caráter hamlético de Prestes talvez dê grandes temas para a nossa leitura de amanhã. Por hoje só serve para atrapalhar o seu próprio ideal e a sua própria política. Enquanto a Constituinte navega *sur les gouffres amers*, ele permanece como o albatroz.

Exilé sur le sol au milieu des huées.
Ses ailes de géant l'empêchent de marcher.

12 mar., 1946

ANTI-GRESHAM

(De São Paulo) – Revi numa excursão o fazendeiro aviador. Dirigia-se para a sua propriedade agrícola, desta vez de carro. Disse-me sorrindo:

– Quando volto do Rio, venho cheio de laboriosa boa vontade. Você não acha que nós paulistas e os demais brasileiros devemos trabalhar para que aquela jóia de Guanabara resplandeça com suas praias foscantes, suas mulheres maravilhosas, seus atletas de Copacabana, as peles tostadas pelo sol? E suas grandes artérias civilizadas? Olhe, aquela avenida que ainda guarda o nome do ditador, foi um fenômeno que transformou a economia brasileira. Como o seu patrono, a Avenida Getúlio Vargas foi um mal necessário? Ela é que originou a inflação. E com todo o seu cortejo de males, explorações e desgraças, a inflação trouxe um pequeno bem – o volume de numerário que tem que ser alcançado pelo aumento da produção. Nós não podíamos viver com o velho meio circulante...

– E que tem a avenida com isso?

– Ora, ela foi o núcleo da valorização. Quem soube que aquelas casas iam ser desapropriadas, casas necessárias ao comércio, levantou artificialmente o preço do chão. Depois precisou

aplicar o lucro que teve. Comprou propriedades acima do valor. Os beneficiários repetiram infinitamente o jogo. Os apartamentos que custavam dez passaram a custar cem.

— E o povo que pagava por um quilo diário de carne mil e duzentos, passou a comprar meio quilo duas vezes por semana por quatro cruzeiros.

— Meu caro, isso é o que os comunistas, entre os quais você, chamam de dialética. É uma lei inexorável, a lei do progresso por contradições. Nela temos que fortalecer o cruzeiro e resolver o problema essencial da volta ao numerário que fugiu. Você sabe que o dinheiro que estava nas mãos das três colônias, em guerra, a alemã, a italiana e a japonesa, o que foi ganho por elas e o que veio de novo, afundou para sempre nos travesseiros, nos bolsos e nas arcas.

— E como é que se pode atrair essa moeda arisca?

— Pode-se porque ela não é moeda, é papel. Desta vez é preciso inverter a lei de Gresham. Você sabe. A lei clássica. A moeda má expulsa a moeda boa. Pois agora é o contrário! O mundo está mesmo do avesso. Da virada. Olhe, o que se deve tentar é apenas lastrear de ouro o cruzeiro. Cunhar moedas de ouro com o valor majorado. Assim, uma moeda de dez cruzeiros terá o valor cinco vezes menor em ouro. E pouco mas sempre é ouro. Ora, você vai ver como todo o papel guardado sai correndo à busca do novo tipo de moeda.

— Bem, mas depois, o numerário trocado volta de novo aos esconderijos...

— Pode voltar. Está lastreada em ouro a circulação.

16 mar. 1946

OS CAMINHOS DE TEERÀ

(De São Paulo) — Apesar de estar numa estação de cura, onde evito o rádio e os jornais, chega até mim o clamor levantado por certas declarações atribuídas a Prestes, em que a obra-prima de cavalee da *Cnnp* se coroa de calabarismo. Não tenho elementos para julgar mais esse esforço dos trotskistas encapuçados do Brasil, a fim de forçar o seu chefe a um espetacular suicídio político. Se é certo, desta vez conseguiram o que queriam, o albatroz, além das asas, quebrou o pescoço. Duas coisas resultam imediatamen-

te da atitude do chefe vermelho na lamentável arapuca em que caiu – o clima de suspeição em que joga a Embaixada Soviética na véspera de se instalar no Rio e o verídico sentido que toma o *slogan* célebre de "União Nacional" que afinal não passa de união internacional de perigoso caráter trotskizante.

No entanto, nada autoriza essa atitude por parte dos adeptos da clássica política pacifista de Stálin. Porque, apesar de tudo o que tem havido de pasmoso e abismal nestas últimas semanas internacionais, é claro ainda que não há um só caminho de Teerã – o que, segundo os telegramas trilham sanhudamente os tanques russos. Há também o caminho luminoso de Teerã, onde o mesmo Churchill de hoje entregou com o abençoado Roosevelt a espada de Stalingrado ao chefe supremo dos Soviets.

Nesse momento, na Conferência de Teerã, produzia-se então o "fato novo" na história social assinalado por Browder, em que pela primeira vez davam-se as mãos a concepção socialista e a concepção democrática progressista. Com essa aliança, podia inaugurar-se a síntese marxista. Era preciso, porém, que fosse dada aos fatos a seguinte interpretação política: a tese capitalismo e a antítese comunismo estariam presentes na síntese. E era preciso, sobretudo, que os políticos dirigentes das três grandes potências seguissem à risca essa interpretação capaz de liquidar a luta da classe.

Para guia só existe a posição internacionalista de Trostki que é evidentemente a seguida por Prestes e pelos poucos adeptos sinceros que lhe vão restar, no Brasil. Sendo esta a da "revolução permanente" que nega Marx, ela só pode conduzir à guerra atômica. E então terá sido o primeiro, o caminho de Teerã.

26 mar. 1946

É PRECISO APARTAR

(De São Pedro) – Uma bomba atômica de bolso ficará dentro de pouco tempo, mais barata que um revólver. É esse o sinal decisivo da mudança do mundo.

Quando Marx disse "O homem transformando a natureza transforma a sua própria natureza", previu genialmente a socialização do antropófago. Esse milagre só a técnica podia realizar.

Foi no aperfeiçoamento da física que se encontrou a chave da paz – o argumento de Hiroshima. E dessa conquista saiu também o tremor de terra político que abala hoje os quatro cantos do globo.

Antes da bomba atômica, o mundo parecia ordenar-se para receber a sancão de Deus num último paraíso, onde se dessem as mãos, reconciliados pela experiência e pela dor, o socialismo e o liberalismo progressista. Stálin liquidara o *Comintern* e o líder Browder, nos Estados Unidos, declarando ultrapassada a fase partidária do comunismo, dissolvia o seu próprio partido – o Partido Comunista. Parecia termos criado juízo para entrar na idade de ouro do apaziguamento e do bem-viver. O imperialismo perdera os seus dentes mais visíveis e a exploração capitalista ia morrer nas mãos do seguro social de Beveridge, da síntese de Blum e das decisões do *Labor-Party* vitorioso. Mas eis que depois do "fato novo" de Teerã veio o "fato novíssimo" da bomba atômica e o amortecido canibalismo burguês recuperou de repente suas forças e sorriu. Agora é que os sovies iam conhecer o seu lugar!

Infelizmente, não entendo bem porque, talvez com o nervosismo provocado pelas ameaças da bomba atômica, houve como resposta, uma mudança na conduta soviética. E quando se esperava que a esclarecida política de Litvinov viesse fortalecer a visão de Browder, aquele nem pia e este é expulso das fileiras do Partido Comunista Americano, agora reconstituindo pelo sectarismo de um novo chefe, William Foster.

No cenário nacional foi a mesma barafunda. Prestes que devia engolir Getúlio Vargas, foi por este mastigado, mas veio o general Dutra e engoliu o ditador. Depois das mais sensacionais burradas, Prestes denuncia estar atacado do internacionalismo anacrônico que foi fartamente desmentido pelo espírito nacional da Rússia stalinista.

E, como final, o sr. Barreto Pinto pede ao governo que feche o Partido Comunista do Brasil. Bastaria ser esse "pinta-brava" do getulismo (espécie de Borghi *avant-la-lettre* cujas conhecidas malandragens prescindiram do Banco do Brasil) o autor do pedido, para infirmá-lo. Como conceder essa medida sem reforçar o fascismo que crepita ainda nos paus queimados do getulismo? Reflita o governo, reflitam os constituintes, na gravidade da medida. Ela tende a alentar os fantasmas sangrentos dos tempos idos, a dar autoridade às negociatas abençoadas pelo sr. Souza Costa e a satisfazer os doces sonhos do sr. Filinto Müller.

A borrasca pode passar. A nova política russa deve ser puramente tática e dialética, uma política para a bomba atômica. Como deseja Henry Wallace, façamos crédito aos soviés que esmagaram Hitler.

E aqui, com todos os seus erros, deixemos viver sua inglória vida legal, Prestes e o seu partido.

27 mar., 1946

A CASA PRÓPRIA

(De São Paulo) – Ao que se anuncia, o governo Dutra vai promover em larga escala a construção da casa própria para o trabalhador. É uma das mais importantes iniciativas do momento social. Sabia-se que, na plena vigência da sua grande administração da Caixa Econômica Federal de São Paulo, o Dr. Samuel Ribeiro cuidara carinhosamente do assunto. Isso, porém, não teria sido apoiado pelo suspeito paternalismo do Sr. Getúlio Vargas. Da Casa Própria não poderiam florescer os algodoais do queremismo.

Hoje é outro dinamo, essa curiosa figura de socialista teósofo que é o Dr. José Batista Pereira que retoma o tema, parece que agora perfeitamente admissível na gestão realizadora que marca o reinício da legalidade brasileira. O projeto é o da criação da Casa Nacional de Habitação e procura resolver pelo crédito o problema angustiante da casa barata. Largas facilidades de crédito e de prazo serão proporcionadas pelos recursos das Caixas e Institutos aos que queiram ter um lar seu.

Das mais importantes menções do projeto é a que se refere à concessão de empréstimos para a aquisição de terras de cultura e campo, a fim de vir a ser uma realidade também a gleba própria na mão do trabalhador agrário.

Queira o Deus brasileiro que nos livrou de uma ditadura Vargas-Prestes, dar alento e solução a um dos mais sérios problemas atuais – o da moradia.

6 abr., 1946

O JOGADOR

(De "Marco Zero") – Caíra sobre a roleta como um abutre de alta tradição. Os *crupiers* magros, de preto, tornavam-se untuosos e pagavam como cordeiros inquietos.

Ele começava trocando uma nota de conto de réis em fichas de cinco cruzeiros. E geralmente no primeiro bote realizava o capital. Estava ventando. Então, ante os parceiros atônicos que timidamente divergiam de números com uma ou duas fichas, ele amontoava torrinhas sobre a dúzia favorita. A bolinha de marfim parecia intimidada como uma mulher diante de um proxeneta. E ele tirava, sangrava, escorchava, os olhos tesos e duros, o cabelo quadrado, geométrico. Sua figura negava o romantismo ancestral do jogador, lamentável presa da roleta. Esta é que se abatia sob o vento forte da *chance*. Em dez minutos, já cobriam os números as grossas placas coloridas de cem.

Um *crupier* sem jeito avisava que aquela era a máxima parada. Ele berrava para a mesa atônta:

– Assim não se pode jogar!

26. Mais três contos e quinhentos. Outra vez! Súbito os *crupiers* se revezavam. Vinha cantar um magro, alto, mole como a morte. E o vento virava. O homem vacilara da sua certeza anterior. Duas, três perdas sensacionais. Ele saía sem mais olhar para a mesa onde a bola tilintava. Chegava-se a um grupo. Seu bolso encheria-se de placas ovais e quadradas. Explicava.

– É inútil insistir. Não se deve forçar a natureza!

– Quanto?

– Mais de dez contos. Esses não voltam. Pra voltar, eles precisam serrar a manga da camisa.

– Muito bem!

– Visprou!

9 abr., 1946

LIMITES À CONFIANÇA

(De São Paulo) – Somos daqueles que maior crédito abriram ao general Dutra. Se as obscuras origens de seu êxito mergulhavam na fascistização do Brasil, soube s. ex. se credenciar

perante a nação, unindo-se ao brigadeiro Eduardo Gomes na noite magnífica de 29 de outubro que expulsou do poder a quadrilha Vargas. Só isso, porém não bastaria para batizá-lo de democrata. Vieram, é verdade, as eleições livres e honestas. E guindado ao Catete pretendeu s. ex. governar com a oposição. Grandes augúrios trazia isso a um país habituado a negar a vela da agonia ao adversário político. E vieram as promessas. S. ex., ao contrário do que fazia a ditadura, ia realizar um ataque frontal às dificuldades do povo. A carestia mantida pelos sicários do comércio negro ia acabar. O problema dos lucros assustadores teria fim com assistência e escola dadas às populações miseráveis. E a civilização do pif-paf que vigora em nossos grandes centros seria controlada pela vigilância na roubalheira de que ela resulta.

O problema da habitação do pobre seria resolvido. E muitas outras belezas e maravilhas.

Passa, porém, o tempo e as filas continuam. Se faltava carne e açúcar, hoje é o pão que falta. Os ladrões já andam impunes, mesmo fora dos palácios e ministérios. Homens públicos de valor são cautelosamente inutilizados. Em compensação, nada se apura das graves e públicas acusações aos favoritismos escandalosos do passado. Estará sendo o general Dutra cercado de todo lado, a fim de que continue a farândola e ele não enxergue o povo e os problemas do povo?

Rompa s. ex. com o assédio que o impopulariza e sobretudo não permita que funcione em seu governo o pé de cabra do sr. Souza Costa. Só assim voltará a confiança que gerou o início de seu governo.

10 abr. 1946

SOB A PROTEÇÃO DE DEUS

(De São Paulo) – O meu amigo filósofo tomou-me pelo braço e exclamou: – Deus é o nada puro. Veja como é fecunda essa afirmação que não é minha. Está nos compêndios de religião, nos livros de mística. Como ela destrói todo resíduo do materialismo que se possa insinuar na fé. A velha concepção

aristotélica torna-se mesquinha e se pulveriza diante da grandeza ao mesmo tempo nirvânica e criadora desse conceito de Deus. Aristóteles com o seu "primeiro motor imóvel" lançou o mecanicismo, isto é, uma filosofia da tristeza, uma idéia escrava, de classe subjugada, sem ao menos o mito do Anjo flamejante nos defendendo às portas do paraíso perdido. Agora você traduza o intróito da nossa Constituição em andamento e veja como fica. Você sabe que a fórmula vitoriosa é a do líder Nereu. Veja "Sob a proteção do nada puro, etc... etc... etc..." E ai virão enfileirados os artigos destinados a camuflar os lucros tubaronais, a defender os privilégios das classes dominantes, a amarrar o marido à mulher detestada como um cadáver a outro cadáver, e a garantir no papel todas as liberdades para o povo. Sob a proteção de Deus, será consumado mais um documento da nossa secular servidão. E por isso é que apesar de todas as burradas de Prestes, o seu partido cresce e comove as classes afastadas da riqueza e do poder. Sob a proteção de Deus, continuara a rica família indissolúvel em torno do pif-paf e as crianças pobres sem leite, sem calçado e sem escola. De remedio, nem falemos. Olhe, foi realmente uma pena a mancada de Prestes apoiando o anão Vargas. E ele estaria no poder ao lado do Brigadeiro e muita coisa de fato mudaria neste Brasil solar e pascão. Todos nós, intelectuais vindos da burguesia, formariamos ao lado dos comunistas, lutando como lutamos anos e anos, com cadeia e censura, contra essa droga sinistra que se perpetua através dos governos reacionários. Prestes nos atirou para fora de suas hostes sectárias e obreiristas. No entanto, ninguém mais capaz de dar a sua vida pela transformação social do país do que nós. Vinhamos de um problema mal colocado - o da religião. Nossa infância fora seqüestrada pelo materialismo católico, cheio de obrigações, recalques e martírios. E às novenas, às procissões, e à toda fantasmagoria cristã, nossa adolescência substituiu outro materialismo, também teológico, de origem também semita, católico também porque universal - o marxismo. Caímos na imaginária das greves, da propaganda e dos comícios. Estábamos maduros para a boa luta que Prestes estragou, sob a proteção do nada puro.

11 abr., 1946

GENERAL, DAI-NOS O METRÔ!

(De Copacabana) – A ditadura fez tudo subterrâneo menos o que devia fazer – o transporte. Há por este Brasil um grande cartaz em torno de um reflexo municipal do anão Vargas – o prefeito Prestes Maia. S. ex. deixou estourando os cofres da Prefeitura de São Paulo. S. ex. rasgou avenidas e praças pondo abaixo milhares de casas. S. ex. acompanhou como ninguém o surto progressista da metrópole do sul.

Mas s. ex., sem nenhuma consideração humana ou divina, pôs na rua milhares de famílias, entupindo de tuberculose e de miséria os porões urbanos. Foi preciso que agora o seu sucessor, o dr. Abrahão Ribeiro recorresse ao expediente da construção instantânea de casas de madeira, para atender à calamidade pública que foram as passadas desapropriações. Mas há um crime, se possível maior do qual s. ex. nunca se reabilitará – o de ter deixado sem a menor solução a angústia do trânsito paulista. São Paulo ficou sendo a cidade da paciência, com suas filas quilométricas torrando ao sol ou apodrecendo na chuva à espera dos bondes raros e dos ônibus *detraqués*¹ que servem à sua população. Há pelo menos cem vidas anuais perdidas por esmagamento nas vias públicas. São os pingentes que transformam os meios de transporte em abacaxis humanos, onde pernas, braços e cabeças estouram dum bloco de ferragem ambulante, tirando a visão e a calma ao motorneiro, abarrotando os estribos, o teto e a entrevia e provocando de vez em quando a fatal raspagem num caminhão veloz ou num carro de praça.

O nome do sr. Prestes Maia figura para sempre numa galeria central da cidade que desemboca na praça do Patriarca. O paulista madrugador depois de sufocar meia hora e mais nos transportes coletivos, ao desembarcar no Anhangabaú, sofre o castigo de subir duzentos degraus para atingir o rumo do seu trabalho. O grande prefeito, ao que me informam, deixou de colocar ali como era normal um *tapis roulant*² ou uma escada giratória para economizar mil contos de réis. S. ex. foi, de fato, um grande administrador.

Aqui no Rio, o problema é também grave. Nas horas de almoço e recolher, o carioca pena como o paulista. E tudo isso

¹ *Detraqués* – enguiçados.

² *Tapis roulant* – passarela rolante.

seria resolvido, lá como aqui, pelo transporte subterrâneo. Não se comprehende como cidades de mais de um milhão de habitantes permanecam desservidas dessa melhoria tão comum. Desta coluna, pedíamos há dois anos que o empreendedor prefeito Juscelino Kubitschek não deixasse Belo Horizonte sem metrô. Não sabemos se, pelo menos, ele o projetou. Em São Paulo, estão abertos os estudos para essa grande conquista. Sera, talvez, porém necessária a intervenção enérgica do sr. presidente da República para que o Rio possua o seu *Nord-Sud*¹. Sem o que, continuara o problema do transporte coletivo a ser uma calamidade pública na mais bela das cidades do mundo.

14 abr., 1946

DIÁLOGO DA CONFUSÃO CONTEMPORÂNEA

(De Copacabana) – Você sabe por que não foi possível transformar a Esquerda Democrática em Partido Socialista?

– Porque dois ou três católicos se opuseram. A palavra socialismo é para a Igreja um tabu enciclico. O novo partido preferiu ficar com o goiano Velasco a ter as possibilidades eleitorais que essa palavra-programa trazia. As massas que lentamente vão se desagregando dos partidos demagogicos – O Trabalhista e o Comunista – andarão à procura de um Partido Socialista e encontrarão o P.S.D., você vai ver!

– Não brinque!

– Não estou brincando. Atente para o panorama nacional e você verá que depois da derrota militar do fascismo, o socialismo anda difuso por aí. Quem disse que o general Dutra não é socialista? Muito mais que o anão Vargas, porque teve desse a experiência herdada. Veja como ele pôs fociheira nos tubarões dos lucros extraordinários. Isso no Brasil significa socialização. De modo que já temos aqui três espécies de socialismo – o oficial que emana do Partido Social Democrático, o livre que se integra nas fileiras avançadas da União Democrática Nacional e da Esquerda, e o terceiro que flui dos soviets, e é reclamado como bandeira do Partido

¹ *Nord-Sud* – linha norte-sul do metrô de Paris.

Comunista. Seria o socialismo ortodoxo... Aliás, o comunismo entre nós não é ideologia.

– Que é então?

– É estupefaciente. Você viu o que sucedeu com o discurso de Prestes? A princípio não sabiam bem o que iam dizer. Era evidente que entre os craques da Constituinte, Prestes deveria figurar ao lado de Mangabeira e Hermes Lima, o que é justo. Mas, a informação é de um trotskista, devia-se argumentar por táxi. Assim: Prestes falou três horas e respondeu a todos os apartes. Se um "linha justa" disse isso na Lapa, outro repetiu o mesmo entre os Inocentes do Leblon, outro em Caçapava, em Aracaju, em Ponta Porã...

– Claro!

– É isso que faz a força do P.C.B. E se por acaso a Rússia atual deixar-se bonapartizar respondendo com imperialismo às provocações imperialistas das democracias, o "linha justa" vai na onda e banca conscientemente o Calabar. Potência oressora por potência oressora, preferirá a matriz do socialismo à liberal bomba atômica, como o enforcado de Porto Calvo preferiu a Holanda a Portugal...

– E você não acha que eles têm razão?

– Não julgueis! Sigamos o conselho do grande Mangabeira.

16 abr. 1946

INQUALIFICÁVEL

(De Copacabana) – Se o presidente da República enviasse um observador para as filas que se desdobram à espera de condução no fim da tarde, ficaria sabendo que, na opinião justa ou injusta do homem da rua, s. ex. não poderia ter encontrado um prefeito pior.

Para um paulista estranhar o que se passa em matéria de trânsito em qualquer parte do mundo, é preciso que isso seja excepcional e monstruoso. E é o que estamos aqui verificando. Como toda gente sabe, São Paulo bateu o *record* da fila. Não é só a carne, o açúcar, o pão. É principalmente o transporte. Parece que um Carlito desconcertante e sádico preside às cenas que se sucedem na capital paulista – da guerra de nervos da espera à *blitz* da ocupação dos ônibus e bondes. Vão às vezes num banco

da Light, seis pessoas sentadas e sete de pé. Olhar uma entrevia é pensar que um grande encontro esportivo atraiu multidões para qualquer estádio ou *ring*. Mas não. Os veículos apinhados cruzam todos os bairros, voam normalmente em todas as direções. E já há motorneiros peritos em manivela cega. Pois só por intuição podem conduzir os mastodontes que dirigem, através de pernas e botinas que joram dos tetos das plataformas e das mãos que se agarram nos paletós indefesos e nos braços largados. Já ninguém estranha ser apalpado pelo vizinho ocasional duas vezes por dia. Nos estribos amontoam-se os lanceiros anônimos da cidade, agarrados aos cachos no mesmo balaustre. São os tristes construtores do labor paulista que moram nas casas distantes e apertadas ou nos cortiços rumorosos. São os que penosamente trabalham e estudam para obter um passaporte universitário ou um diploma de comércio.

Ontem, numa fila que se alongava na Esplanada do Castelo atrás de um sonho carrossável, um popular dizia: – É claro que os homens que possuem automóveis de chapa oficial para levar as crianças à missa e as criadas à feira e têm à vontade gasolina de graça, não podem compreender a nossa tragedia. Se o general Dutra eliminasse os carros oficiais, o problema do trânsito seria resolvido pelo telefone.

Ontem, numa fila que se alongava na Esplanada do Castelo não existe. Não há um inspetor que o dirija, um guarda que o controle. Muitas vezes uma senhora idealista para a uma esquina. Outra se coloca atrás. Vem um sujeito desprevenido e ocupa o terceiro lugar. Um outro se aproxima e pergunta: – É aqui a lotação para Copacabana? – Acho que é. A bicha se forma, toma cem metros de calçada, vira a esquina. Daí a meia hora, como nenhum carro se aproxima da lagarta humana, há quem indague: – Será aqui? A inércia age. Os sonhadores da condução vão ficando. Uma hora de pé, hora e meia. A senhora gorda foi embora, outra teve um enfarte. Uma velha endoideceu e gesticula no ar. Um senhor pacato que outrora vestiu a camisa verde jura que são os comunistas que fazem isso para impopularizar o governo. Um estrangeiro largou uma praga e saiu. O rapaz que releu duas vezes o mesmo jornal tira os óculos, boceja: – Será que não é aqui?

Em São Paulo uma coisa se deve ao famoso prefeito Prestes Maia. O paulista pelo menos sabe que é naquele ponto que será supliciado e que dali talvez saia o seu enterro. Pois o esmagamen-

to do pingente é uma contribuição que o ex-governador deixou como tributo da cidade à esfinge do trânsito. Quando alguém penetra aos trancos no bonde, no ônibus ou na lotação, não ignora que a seu lado talvez tenha subido um cobrador indivisível que, sem mais aquela, pode lhe oferecer num estrondo, uma ficha para o outro mundo.

18 abr., 1946

SOBRE O JOGO

(De Copacabana) – Você vai ver... Essa idéia de fechar os cassinos é para proteger a numerosa família do burro Canário.

– Que família é essa?

– A estirpe ilustre que viveu mágicas neste curto espaço de quinze anos. Alguns tempos atrás, os jornalistas só podiam falar da Quitandinha em "sentido construtivo". Era isso que nos dizia um major com cara de que apontou como um mandacaru dos pântanos da Ditadura. Um amigo me afirmava hoje que serão fechados apenas os cassinos que não animam estações de águas.

– E a Quitandinha é estação de água?

– Não, mas é estação climatérica! Ela será sempre um índice para os estudiosos, do futuro do que foi o clima da Ditadura. Enquanto faltava à população carioca, moradia, água, carne e transporte, sobraram os caminhões e os materiais para a construção do palácio encantado, onde se haviam de consolidar os recursos do III Petrópolis...

– O quê?

– Pois é, como houve o III Reich. O I Petrópolis foi o de Pedro II. Depois o do Barão do Rio Branco. E o III é o da Rolla. Até uma praia artificial foi conduzida para o alto da serra. E como a água de lá só serve para lavar roupa, mandaram buscar um pedacinho de radar na lua e ela ficou sendo magnesiana da melhor... Assim justificar-se-á o monopólio do jogo nestas plagas de São Sebastião.

– Você não pode negar que a Quitandinha é um encanto.

– Sem dúvida. E ficará sendo muito mais quando for a detentora do turismo nacional.

— Você é contra o fechamento dos cassinos?

— Não sou, mas acho que estão querendo curar um sinto-ma em vez de combater a doença. O jogo como anda aí é o hábito de uma sociedade podre. Em São Paulo e até em Minas, casas familiares viraram pequenas Monte-Carlo, onde o pif-paf abre cacifes de um a cem contos de réis. Que adianta liquidar o deslumbramento público de certos centros de diversão e pôr na rua alguns milhares de empregados que, na maioria, sustentam com as suas atividades más ou boas, pacatas famílias de província? Pra que flambe o carteado nas reuniões fechadas das residências que a lei defende? De fato, a medida seria espetacular e dá idéia mesmo de que o governo virou socialista e vai ser o fim do mundo, quero dizer, do mundo dos tubarões e das emancipações. Mas na estufa do lar moderno, continuariam a florir e a vicejar sem possibilidade alguma de policiamento ou de controle, as orquídeas da corrupção e as tulipas do pileque e do adultério. Você sabe o que acontece agora quando uma mãe de família pede uma empregada na agência? O homenzinho pergunta logo pelo telefone: — Ai se joga pif-paf? Se a resposta é afirmativa, atende-se ao pedido. Em caso contrário, a senhora afliita fica na fila das patroas, que é a maior das filas, pois faz a volta nos 21 Estados brasileiros e só para depois dos Territórios, nos Andes.

— E por que acontece isso?

— O “barato” de que vive profissionalmente muito “recesso familiar” garante a gorjeta gorda aos domésticos. Não é só fechando alguns cassinos que se cura uma elefantíase do vício, generalizada como essa.

19 abr., 1946

MANUEL

(De Copacabana) — E o primeiro dos nossos moços que atinge a casa dos sessenta, Manuel Bandeira nasceu em Recife, aos 19 de abril de 1886. Antes de nós escritores, músicos e plásticos que vimos em articulação de 22 para cá, dando ao Brasil a atmosfera de uma época.

Astrogildo Pereira com sua autoridade, liga numa das "Interpretações", a Semana de Arte Moderna ao Tenentismo. Ambos os movimentos irromperam no mesmo ano de 22. O nosso em fevereiro, menos sangrento que o de julho que foi o levante dos meninos de Copacabana. Dessas duas coordenadas parece que de fato se estruturou o Brasil novo.

O poeta de Recife foi entre nós a simpatia agregadora. Não compareceu pessoalmente às noites rumorosas do Teatro Municipal de São Paulo, masrevejo Ronald de Carvalho de pé, no palco, cercado por nós, afrontando o vozerio implacável do público hostil: — São versos de Manuel Bandeira.

O poeta dera parte de doente. Não conheço melhor refúgio do que essa doença de Manuel. Desde aí, com uma disposição de ferro, ele tem mexido e remexido a literatura brasileira. Penetrou na Academia de Letras onde o vi de fardão. É professor, jornalista, crítico e ultimamente se fez político, dando das melhores bolas sobre o Brigadeiro.

Nada mais oportuno para comemorar esses verdes sessenta anos do que levarmos avante o II Congresso de Escritores, fazendo-o coincidir em fevereiro próximo, com o jubileu da Semana de Arte de São Paulo. Nessa época ter-se-ão passado 25 anos sobre o fermento inicial das agitações que comoveram e transformaram o Brasil de hoje. Restam ainda muitos "heróis de 22", como nos chamou em artigos melancólicos, o católico mineiro, Otto Lara Rezende. Teríamos à nossa frente Manuel — bandeira da geração. Ele seria o presidente nato desse fasto, no qual uma frente única liberal-socialista poderia apresentar reivindicações mínimas, pelo menos contra o fascismo. Contra o fascismo, que nestes 25 anos vencemos nas suas formas exteriores, mas que ainda nos espia com os olhos nipônicos da Shindo-Remmei¹.

Estamos em perfeita forma para isso. O ocaso repete as cores da aurora, dizia outro dia o poeta a um macróbio que lhe invejava o sorriso.

21 abr. 1946

¹ Em 1942, com a retirada dos representantes do governo japonês, o embaixador e o cônsul-geral, os imigrantes organizaram uma entidade de apoio à comunidade, a Shindo-Remmei. A partir de 1944, registraram-se conflitos que se agravam no pós guerra, entre "vitoristas" e "esclarecidos", entre os membros da colônia japonesa. O isolamento da colônia durou de 1942 a 1953, após o fim da guerra contra o Japão.

MEMÓRIAS EM FORMA DE DICIONÁRIO

(De Copacabana) – Advogado – A mais longínqua reminiscência que me acode da palavra se perde na infância e na família. Advogados eram meus tios e pelo menos um primo. Meu pai não havia estudado. O ramo paterno oriundo de Minas, arruinara-se e os filhos que haviam sido “tropeiros” ou sejam, condutores de tropa para o Rio, muitas vezes rebentos de grandes latifundiários, não tinham podido estudar depois da perda total da fortuna pelo pai. Ao contrário, o ramo materno brilhava de advogados. Meu avô fora juiz do Império. E fizera todos os filhos se formarem em Direito. Desses, o mais ilustre foi Herculano Marcos Inglês de Souza, autor do “Missionário” e um dos fundadores da Academia Brasileira.

Advogado era o que eu tinha que ser, pois, em São Paulo não havia outra Faculdade a não ser a Politecnica, para onde minhas fracas matemáticas de modo nenhum me orientavam.

Procuro identificar as origens da aversão que tomei desde criança pela carreira a que me destinavam. E minha lembrança se fixa numa preta espancada por um guarda à vista de todo o mundo, debaixo de minha janela, na rua de Santo Antônio. Sei que na mesa do jantar, logo depois da cena, me puseram diante de um bife. E eu não vi mais nada senão a injustiça com I grande. E não sei porque fios, liguei o guarda à sociedade que era defendida por advogados. E o bife pagou pelo guarda e pela sociedade terrorista que me sufocava. Chegaria um dia em que aquela preta miseranda, não sei por que meios, havia de pisar a polícia e liquidar todos os advogados da terra. Porque, para mim, nunca um advogado seria um defensor do deserdado ou do fraco. E sim, um assecla da força e do poder. Longos anos se passaram sobre esse episódio da infância. Formei-me em Direito na velha Faculdade do largo de São Francisco, como todo mundo da minha roda, naquela São Paulo do começo do século. E nunca pude ser um advogado.

23 abr. 1946

UM IRÃ MAIOR

(De Copacabana) – Afinal esclarece-se o mistério iraniano. Mesmo fora das esferas da burguesia reacionária, muita gente há que pense mal da U.R.S.S. por motivo dos últimos acontecimentos internacionais. Tenho um conhecido comunista mental, que me disse outro dia: – Estou me sentindo traído pela Rússia. Afinal desde 1917, sou um fanático da "pátria do proletariado". Nunca me tornei um militante porque não sou homem de ação e sim de idéias. O trotskismo com todos os seus matizes, desde o idealismo revolucionário platônico até o entendimento prático com o inimigo, sempre me repugnou. E agora, pela primeira vez, vacilo na minha fé stalinista. Não que ligue o próprio Stálin à estrita responsabilidade deste aparente ou profundo despertar bonapartista da Rússia vitoriosa. Nem sei o que está se passando lá. Fato é que começo a deplorar que a U.R.S.S. trate de igual para igual as potências da gula, que são tradicionalmente as democracias liberais. Isto é, que também mastigue pequenas nações através de tratados e sociedades anônimas. No fundo, eu gostaria de receber um bilhettinho a lápis do camarada Stálin ou mesmo de Molotov, dizendo: "Tranqüilize-se. O que estamos fazendo é para bem do mundo e libertação de povos aterrorizados pelo imperialismo." O que se passa com esse marxista diletante tem muito maior eco nas pessoas de boa fé que só lêem os jornais da burguesia partidária. Encontramos hoje um tópico divulgado por um correspondente nova-iorquino, no qual aparece no entanto, a chave do caso iraniano. A informação é do sr. Michael Foot, membro trabalhista do parlamento britânico, que esteve como observador na fogueira persa. Eis o que ele declara: "O Irã se encontra em estado de miséria e seu sistema social é inteiramente corrupto. O país precisa de grandes reformas que ainda nem sequer foram tentadas. Até agora as famílias ricas, em número de quase mil, controlam o parlamento".

Pergunte-se então: – Se as condições do Irã fossem outras, poderiam as democracias se queixar do sucesso soviético? Não será justo que um povo secularmente oprimido busque salvação? Não é por acaso, à sombra das nações colonizadoras, que nascem e vicejam as moléstias do corpo social de um país sem independência econômica.

Nota – O sr. Foot não esteve no Brasil.

RESSURREXIT...

(De São Paulo) – Ninguém notou que os despojos de Mussolini sumiram na Páscoa. O sepulcro infamado de Milão deve ter aparecido vazio na própria madrugada de domingo.

A propósito de violações de sepulcro, das mais curiosas que conheço é a versão atribuída a um romancista inglês que assegura não ter Cristo tido a morte na cruz. Uma conspiração teria cercado o Messias para salvá-lo vivo do suplício do Calvário. Tanto o soldado romano como os condutores do corpo, teriam dela participado sob a direção do simpatizante rico Arimatéia. Dessas coisas estranhas que dão à História curso diverso, criam o enigmático e alimentam o interpretativo.

Desse modo, quando as mulheres de Jerusalém foram encontrar o sepulcro vazio e gritaram pelo milagre, Jesus estaria no ortopedista que também era “linha justa”. Assegura o imaginoso ter o Rabi um mês depois aparecido à vontade no Lago de Tiberíades, comendo peixe frito. E São Tomé ficou sendo o patrono dos incrédulos porque recorreu ao toque para constatar que estava mesmo diante do crucificado.

Desta vez em Milão, o caso se passou com o Anti-Cristo. Mas a mesma fé, tocada agora de fúria necrofila, presidiu à noturna cerimônia do sumiço do corpo. Apenas um detalhe ficará testemunhando que de fato o Duce estava morto. Os fanáticos esqueceram no caixão uma perna podre. Ficou o atestado de óbito pela prova das pernas quebradas, a que foram submetidos no Calvário o Bom e o Mau Ladrão e da qual misteriosamente escapou Jesus.

De forma que, ante as massas medievais da velha e da nova Itália, o que se poderá agitar redivivo é um fantasma perneta. Muito para ilustrar o que se passa no mundo – da Grécia arquiepiscopal de Damaskinos à Espanha católica e falangista – a ressurreição de um fascismo sem pé nem cabeça, mas que cresce dos rescaldos do após-guerra para os horizontes sibilinos do futuro.

26 abr., 1946

¹ Nome (que se tornou algo pejorativo) por que era conhecida a linha política seguida pelo Partido Comunista Brasileiro, de estrita obediência stalinista.

O GOSTOSÃO DA DITADURA

(De São Paulo) – Nada tenho contra o Partido Trabalhista. Algumas das suas personalidades me são caras, entre elas a desse iniciador do socialismo jurídico no Brasil que é Alexandre Marcondes Filho. E teria muito prazer em ver brotar da demagogia de Vargas um coeso setor da transformação social do Brasil. Nada me anima também contra essa movimentada figura de bolsa que é o deputado do algodão. Se o sr. Hugo Borghi é publicamente responsabilizado pelos escândalos que o favoreceram, o inquérito que contra ele se abriu devia esvaziar o saco de negociatas em que foi fértil e produtivo o regime passado. Então veríamos atrás do aventureiro paulista, roliças figuras de proa despir os sobretudos finos e os casacos bem cortados e trocá-los pelo pijama listrado dos grilhetas. Se fosse possível! Se a corrupção que atinge o Brasil não o desfibrasse, tornando-o uma espécie de Irã americano, incapaz de reagir contra qualquer bote de fora, ou favorecer qualquer saneamento interno, porque lá como aqui, pululam os sultanés da gorjeta e da farra.

Seria preciso que o general Dutra se tornasse um asceta para pôr na cadeia os nababos do Estado Novo que ainda maculam o seu governo. Enquanto isso não acontece, o Brasil se transforma numa fábula política – a fábula do Sucuri e do Boi. Um boi imenso, tardo e selvagem que é o país mal acordado e procurando enrolar-se nele um Sucuri de mama, ainda frágil, mas já tendo seguro em seus nós o animal inconsciente e obeso. O Sucuri é o partido de Prestes que cresce e se robustece a olhos vistos apesar da *cominternite* trotskista de seus chefes. O povo raciocina com as filas de pão e de transporte. E mesmo sem nenhuma politização, ingressa no partido que é contra. Contra tudo que está aí – desde o escândalo da falta de farinha de trigo até os abacaxis humanos do transporte coletivo que nos legaram os imensos Prestes Maia do governo ido.

Muito bem viu isso, o deputado Hugo Borghi, que numa entrevista declarou que o Brasil de hoje se divide entre duas influências absorventes – o comunismo de Prestes e o trabalhismo. (Naturalmente ele atribui a seu partido todas as vitaminas do socialismo em marcha.)

De fato, só uma transformação de regime para o lado do povo, isto é, para a esquerda, poderá salvar o Brasil do obreirismo visionário de Prestes, que é profundamente irrealista e anti-

histórico. Do contrário, mergulharemos na incerteza sangrenta duma guerra civil e os donos do boi esganados pelo sucuri que cresceu, virão atirar uma bombinha atômica em cima de ambos, evidentemente sem aquela cuidadosa mira que tornou famosos Guilherme Tell, o índio Peri e outros recordistas da pontaria. E o Partido e o Brasil levarão o destino infernal que merecem juntos.

Muito sensata, pois, a advertência do deputado Borghi, alarmado com o êxito popular do comício que Prestes aqui realizou.

Mas, pergunto eu, que autoridade tem o deputado classista para acusar o capitalismo como autor dos males que nos acusam, quando na própria Constituinte, ele disse textualmente que o dinheiro que tinha era dele e dele fazia o que queria? Essa declaração de princípios *laisserferistas* ficou de pé e sem muita dificuldade despe do burel do socialismo o demagogo que nele se escondeu. Para todos os efeitos permanece então o sr. Hugo Borghi, como os olhos da cara satisfeita do sr. Souza Costa¹ e o tulbarão-odalisca do harem financeiro do sr. Getúlio Vargas.

28 abr. 1946

DIÁLOGO DE 1º DE MAIO

(De São Paulo) – Não sei porque você deseja se embandeirar e fazer sueto² maior no dia de amanhã. Amanhã é dia dos trabalhadores...

– E você ousa dizer que eu sou um parasita, quando sabe que há vinte anos faço clínica diária? Sou médico e médico pobre...

– Mostre a mão! Clínica não é documento, documento é calo. Você tem calos nas mãos? É assim que no dia da tomada do poder vai ser fácil separar os que trabalham dos parasitas. Quem não tiver calos nas mãos será fuzilado.

– Nesse caso quem vai logo para a parede é o camarada Crispim. Ele tem a mão mais fina que a do dr. Samuel Ribeiro. Este pelo menos faz jardinagem e o Crispim nem isso.

1 Artur de Souza Costa, ministro da Fazenda durante o Estado Novo.

2 "Suetos maior" – folga.

– O deputado Crispim tem calo honorário... Você está sendo é vítima do jogo da reação...

– Bem! Já sei que vou ser chamado de fascista e agente do capital mais colonizador.

– É claro!

– Essa chapa já está besta demais. Você sabe que eu sou marxista. Mas abomino esse academismo vermelho que substituiu e liquidou o verdadeiro marxismo, o marxismo criador, ciência e prática da revolução. E no lugar desse fio condutor do socialismo, colocou meia dúzia de esquemas simplórios que não há imbecil que deixe de repetir e glosar.

– Lenine dizia que as idéias centrais da revolução deviam ser simples como pregos para penetrar na cabeça do proletariado...

– Mas o que a chamada “linha justa” está utilizando agora são percevejos tortos e ganchos enferrujados... Basta você ver o conceito de proletariado que eles utilizam. O obreirismo mais imbecil presidiu à organização legal do Partido de Prestes... Onde estão os intelectuais que vivem de seu trabalho e tanto lutaram pelo comunismo, dando sua saúde, vida e liberdade pela causa do proletariado? Onde estão Astrogildo Pereira e Fernando Lacerda? Que posição ocupa Caio Prado Júnior? Qual o destino que tiveram Carlos Drummond de Andrade, Graciliano Ramos e Aníbal Machado? O único que penetrou na Câmara é representante típico justamente do capital mais colonizador, o representante do cacau e do feudo sem fim, o violeiro Jorge Amado... Os que tinham alguma coisa na cabeça mais do que uma concepção alencariana do Brasil tingida de vermelho, foram postos à margem...

– É o homem do Jubiabá...

– E da biografia...

– Ora...

– Não há dúvida. Ninguém ignora que ele prestou serviços emocionais à causa. Mas em compensação traiu os seus amigos e a própria causa, aliando-se a essa concepção imbecil da política proletária emanada da Cnop. Como a Cnop não passa de um grupo de getulistas, para encobrir as suas suspeitas origens enfiou Prestes numa aventura obreirista em que ele não distingue mais níquel. A revolução de hoje não tem as mesmas coordenadas do início. O conceito de proletariado do tempo de Marx não pode presidir às transformações atuais da sociedade. Não é só Harold Laski que julga indispensável a aliança da classe média com a dos

trabalhadores manuais. Li outro dia um patético apelo do sectário Foster, no órgão do Partido Comunista Americano...

— Na New Masses?

— Exato. Um apelo à classe média para fazer com o Partido, a revolução!

— É verdade que o operário norte-americano ganha muito bem.

— Muito mais que o *white-collar* que é o verdadeiro desgraciado social, nos Estados Unidos, o professor, o funcionário. Agora, com o aproveitamento da energia atómica, todas as condições da técnica se transformarão na medida do milagre. "O homem transformando a natureza, transforma a sua própria natureza", já disse Marx. Quem estava certo era o grande pensador político Earl Browder. Só a conciliação representada pelo Sistema de Teerã pode ser adequado à era atómica.

— Por sinal que Browder está de viagem para Moscou. Os jornais deram em telegrama de Estocolmo...

— E você vai ver que, se a paz não cair do céu, tudo vai virar de novo. E Foster e Prestes serão desmoralizados pela política pacifista de Stálin e de Browder.

— Se não vier a guerra!

1º maio.. 1946

VINICIUS DE PARTIDA

(De São Paulo) — Numa crônica já velha eu liguei Machado de Assis e Carlito ao poeta Vinicius de Moraes. E explicava: "Por quê? So vejo um liame — o *bumour*. Que tem de mágico essa palavra internacional para dizer tão pouco e tanta coisa? No *bumour* reside o catastrófico e talvez no catastrófico toda a natureza humana. Daí o sucesso das religiões de salvação. E o sucesso dos grandes confessos timidos, Machado de Assis, Carlito, Vinicius de Moraes. Esses homens trazem em si o sentido dialético do desastre. E a outra ponta do fio... Um personagem d'*A Morta* afirma judiciosamente, na ultima cena, que o barbante não tem fim. E o erro do homem é pensar que o barbante tem fim. Machado, Carlito, Vinicius sabem que o barbante não tem fim... 'A mão

acaba no ar tendo perdido o fio..." E acrescentava: "Uma das idéias que me seduzem é essa de que a base do *humour* é feita mais que de autocritica, de autoflagelação..."

A razão vigilante do louco Nietzsche revoltava-se contra as aglomerações que cercam nas cidades os *jongleurs*¹ e os camelôs. O povo prefere sempre as mágicas de esquina aos conceitos de Zaratustra. Porque mágica é poesia, e então, poesia é mágica. E quem melhor entre nós engoliu gillettes e cuspiu fogo, transformou as bicicletas montadas no Leblon em estatuária e fez pousar sobre a bomba atômica o colibri de um verso livre?

Vinicio parte iniciando no exterior a sua carreira diplomática. Vai para Los Angeles, onde estará ao lado de outra grande expressão da literatura latino-americana – Gabriela Mistral. Com ele segue, rumo aos Estados Unidos, outro intelectual do Itamarati – Lauro Escorel.

O poeta das "Cinco Elegias" ficará perto de Hollywood, onde se refugiou nas câmeras e nos estúdios a poesia dos tempos novos. Que daí ele tire aprendizagem para também um dia dar na tela isso que possui em alto grau e que é o que temos de mais caro e secreto – a autoflagelação.

3 mai., 1946

O CASO DE ABDALA CAPAZ

(De São Paulo)¹ – Conheço esta história desde o tempo em que minha mãe, rezando e enxergando mal, vigiava de um sofá meus estudos, numa pequena sala de jantar iluminada a gás. Por debaixo da Geografia de Lacerda eu conservava aberto um volume grosso e mal traduzido d'*Os Miseráveis*. E acompanhava na noite passional e fria, a fuga daquele homem que fora condenado à galés por ter furtado um pão. Esse homem não tivera um advogado sequer. Ia encontrar, sim um bispo que de um gesto haveria de transformar em apostolado humanitário o ódio santo do grilheta, para que, de novo, mais tarde, a sociedade insaciável reclamassem a execução do castigo interrompido. Balzac, pela

¹ *Jongleurs* – menestréis adestrados no verso cômico.

mesma época, depunha sobre os heróis anônimos das guerras napoleônicas. Mas eu não conhecia Balzac e era através de Victor Hugo que se vinha revelar em mim o negativo do sofrimento humano, talvez fixado da minha janela na cena com que experimentei começar minhas "Memórias em forma de dicionário". O que meus olhos de criança tinham visto era uma preta espancada por um guarda, ante a geral insensibilidade da rua. O que me narra documentadamente um nobre missivista do Rio é a mesma coisa: "No dia 7 de fevereiro de 1930, às 15 horas mais ou menos, passava o acusado pela rua do Núncio sobracando dois cortes de fazenda, quando foi chamado pelo guarda civil nº 754. Levado à rua General Câmara nº 363, o gerente dessa casa comercial reconheceu as fazendas como de sua propriedade e declarou que elas haviam sido furtadas. À vista disso foi-lhe dada voz de prisão e apreendidas legalmente as fazendas (vide auto de fl. 5 à fl. 10) avaliadas em 24\$000 (fl. 7). Em vez de aceitar a voz de prisão, o acusado resistiu à mesma, sendo afinal subjugado e conduzido à polícia em um auto-socorro que fora requisitado (fl. 61 e 61v)."

O guarda 754 adivinhara que aquele metro e meio de organi-di branco que o indivíduo Abdala Capaz pacatamente sobracava, de dia, na rua do Núncio, fora roubado de uma loja da rua General Câmara, o que o gerente da mesma confirma. E o acusado, depois de resistir à prisão, era reconhecido por outro guarda como "desordeiro, ebrio e ladrão" (fl. 10v. e 11), para que se consumasse como se consumou a sentença condenatória. No caminho de seu urbano calvário, só faltou a Abdala Capaz ter encontrado um bispo. Então, além de "desordeiro, ebrio e ladrão", teria sido identificado como "comunista".

Encontrou porém o novo Jean Valjean um defensor. E é esse quem me escreve. Exceção das exceções, é ele o patrono nato de quantos "humilhados e ofendidos" apareçam na arena processual brasileira. E ele mais que um nome, um símbolo. É ele Sobral Pinto.

Antes de mais nada, vou retificar para responder. O meu endereço atual em São Paulo não é o que veio na carta e sim, rua Monsenhor Passalacqua, 142 – para onde o grande cristão e mesmo qualquer ateu podem mandar assunto que interesse à vigilância dos homens de boa vontade que pretendemos todos ser. Agora passo a divulgar que Sobral Pinto me acusa de ser injusto para com os advogados que "se colocam quotidianamente como defensores *ex-officio*, sem a menor remuneração e o menor inte-

resse pessoal, ao lado de deserdados e de fracos, para ampará-los contra a opressão da ordem social, etc., etc.”.

Imediatamente me ocorre uma pergunta ao contraditor ilustre, servindo-me de suas próprias expressões: – Se esses advogados fossem opulentos, as autoridades iníquas que andam por aí, seriam como afirma “prestigiadas por juízes e tribunais, inteiramente alheios às desgraças de seres que não tiveram lar, escola e formação moral?” Não decorre justamente esse alheamento da muralha de advogados fortes que cercam a “sociedade terrorista e a defendem contra as decadências humanas e os pobres vícios e taras que ela mesma origina e cultiva”?

As exceções franciscanas, os “modestos e pequenos advogados que labutam sem vaidade, sem anúncio e sem esperança” nunca formaram entre nós ou em qualquer sociedade de classe, o que se chama a Advocacia. Esta é a devota servidora dos interesses dominantes, como na Idade Média a Filosofia foi a dócil serva da Teologia. E isso explica mais que o meu complexo infantil – o apostolado de Sobral Pinto e de seus anônimos companheiros de foro.

Felizmente os tempos mudam. O pão roubado por Jean Valjean que lhe deu dezenove anos de penitenciária, pertence ao século XIX – o século das luzes. O episódio da negra que me teria afastado da militância jurídica, poder-se-á localizar aí por 1900. O caso do Abdala Capaz é de 1930. Já em 45, o grande patrono que me escreve experimentava o triunfo de ver terminado o garroteamento de um seu constituinte *ex-officio*, o mártir autêntico que foi Luís Carlos Prestes. É verdade que no dia seguinte o cavaleiro da nossa esperança mandava cerrar fileiras em torno do ditador que, durante quinze anos, virou pelo avesso não só a ordem jurídica, mas também, todo senso de eqüidade e de moral da nação.

5 mai., 1946

MEMÓRIAS EM FORMA DE DICIONÁRIO

(De São Paulo) – Macela – A princípio eu pensava que era Marcela. Minha tia que chegara do Rio trazia uma coleção de negrinhas, filhas da cozinheira Rosa. E uma delas chamava-se Marcela. E do travesseiro bojudo com quatro iniciais bordadas na fronha,

que eu tinha o cuidado de voltar para baixo antes de dormir, evolava-se aquele cheiro sadio e vegetal que não lembrava em nada a pretinha da casa. Cheiro de macela, cheiro verde de macela. Havia também um chá do mesmo nome que invariavelmente acudia, quando eu tinha ânsias antes de sair para o Grupo Escolar Caetano de Campos. Mas era Macela Galega. E isso tinha sido antes, quando morávamos numa grande casa da rua Barão de Itapetininga, a mesma onde está hoje adaptada a Farmácia Municipal.

Durante muitos anos eu confundi no mesmo fonema o substantivo próprio que era o nome da negrinha e o comum que indicava o chá e o enchimento do travesseiro. Mas eram diferentes e destinos diferentes tiveram. O chá modesto evoluiu para os comprimidos. Os glóbulos e demais sucos gástricos que facilitam a pesada digestão dos consórcios farmacêuticos. A morena Marcela cresceu e casou na polícia contra a própria vontade sua e a do réu, tendo os cônjuges se despedido não na igreja, dos convidados, mas um do outro na própria pretoria. Donde guardo uma longinqua impressão de que não adianta amarrar pela lei ou pelo sacramento dois seres que tiveram algumas efusões até muito se detestarem. A Constituinte de 1946 pensa o contrário, mas e porque a Constituinte é feita de gente séria e não de Marcelas e por isso não tendo experiência dessas coisas, legisla conforme sabe. Pois os senhores senadores e deputados têm uma vida conjugal perfeita e nunca se meteram em dramas, namoros e outras irregularidades. Mas eu me meti. E estou certo de que, se eu e a preta Marcela fôssemos ouvidos na suprema assembleia, o divórcio vinha decretagem da Silva, em primeiro lugar, antes mesmo do nome de Deus e do direito de propriedade. Era só nós abrirmos a boca.

Não podendo ser assim, paro diante do verbalete *macela* do meu projetado dicionário de memórias e revejo justamente uma época que tive de guerra de travesseiros, a qual acredito ser a pior das campanhas mundiais de qualquer gênero e de qualquer espécie. Guerra de nervos, *blitz*, campo de concentração, ofensiva química, surpresa submarina ou ataque aéreo nada se compara a esse estado em que dois seres debaixo dos mesmos lençóis, acordam inviáveis para a existência comum e se sentem a ela socialmente acorrentados. Talvez desde o começo do universo conjugal, exista essa modalidade de guerra atômica em que um olhar, uma frase, uma virada de cabeça de cabelos fartos, produz de repente as ruínas de Hiroshima. O meu amigo Emílio de Menezes teve a idéia de pôr esse sentimento total de desagregação num

soneto parnasiano. E numa chácara onde morei, recostado a uma grande cadeira de palha, recitava, movimentando as finas pontas dos bigodes brancos: – “Este leito que é meu, que é teu, que é o nosso leito... etc... etc. Tornou-se um leito de Procusto”¹. Ninguém dava atenção à idéia porque a pureza da confissão também espi-chava e encolhia no leito de Procusto da métrica absoluta. Mas Emílio como eu e a preta Marcela, tínhamos sentido esse desloca-mento do ser que um bandido grego instituiu e a Inquisição aper-feiçoou nos bons tratos em que torceu, entre outras, a cabeça genial de Antônio José.

Aqui intervém um travesseiro de macela. Porque por ocasião de uma grande guerra de lençóis que tive em minha vida, eu mandara encher da folhinha verde e seca a almofada onde dormia. E, como o demônio daquele conto de Anatole France pene-trara no cura pelo perfume do resedá², era também pelas narinas que em meio do inferno, eu sorvia a vida, evolada da infância no cheiro puro da camomila caseira.

14 mai., 1946

PALAVRAS A PRESTES

(De São Paulo) – Permita-me Senador, que no momento em que chega ao Brasil a primeira embaixada da Rússia Soviética, um velho lutador que não abandonou nem o marxismo e nem a luta e apenas divergiu de sua orientação, lhe fale de coração aberto. Se neste instante o Partido Comunista que dirige, não mudar completamente de rota, de métodos e de comando, não só vai acabar de comprometer a causa que defende, como comprometerá tam-bém a ação diplomática da U.R.S.S. entre nós. Não se esqueça que, contra toda indicação diplomática e tática, v. ex. tem feito as mais inábeis declarações de ligação umbilical entre o Partido e a U.R.S.S. a ponto de autorizar a reação a se utilizar de palavras suas, precipitadas e inúteis, para levantar contra o Partido e v. ex.

¹ Salteador da Ática, obrigava os viajantes a deitarem-se num leito de ferro e cortava-lhes os pés, quando excediam o tamanho da cama; ou esticava-os com cordas, quando não alcançavam o leito. Foi morto por Teseu, que lhe aplicou o mesmo suplício.

² Trata-se do conto de Anatole France, “Le resedá du curé”.

as piores acusações de desamor e traição ao nosso país e à nossa gente. Será pois, desnecessário e suspeito esconder-se v. ex. no cais e não aparecer oficialmente no acontecimento diplomático que é a chegada do embaixador. Apareça sim, de cabeça alta, pois apesar de tudo, uma coisa resta do descalabro deste ano de política partidária comunista – é a figura de v. ex. Mas não leve consigo a bordo essa súcia de salafrários de tontos e de malandros que o cerca na Câmara e no Partido, porque só de vê-los, o embaixador pode sofrer um colapso. Tome a decisão de, neste momento ir só, desvencilhando-se tanto da soprano vermelha que é o jornalista Pedro Mota Lima como desse que o público já chamou para todo o sempre, de Jorge Gamado pois suas ligações com o nazismo foram muito além da letra e do espírito do pacto germano-soviético e mais de um saque realizaram aqui, à luz do "Meio-Dia". Jogue fora o *Cnop*, o líder agrário Trifino e a barata noturna do III Regimento. E apresente-se como a Joana D'Arc que é, sincera e sedenta de fogueiras, mas simplesmente incapaz de traçar o roteiro político dificultoso e dramático que os tempos exigem. V. ex. será sempre pela bravura e pela inteligência, um trunfo para a causa que dirige. Mas como seu temperamento se compraz na sonificação das tempestades, o seu estado-maior devia se compor não de oportunistas, sicários e bestalhões, como o bedel Cayres de Brito ou o "Vermelhinho" do Mut, mas de velhos e experimentados ideólogos que pudesse sair-se bem na mesa de xadrez do momento brasileiro em que são mestres os Mangabeira, os Valadares e os Avelino. Não falemos da turma que quer vingar o rapto de Helena, levado a cabo na noite de 29 de outubro findo, no palácio Guanabara.

Já que v. ex. conseguiu com a sua pléiade baixar o clima triunfal da anistia para o chocho pântano onde coaxam acuados pela reação, os cabeças atuais do Partido, pare neste momento crucial e reflita! Que v. ex. está com a U.R.S.S. é inofismável. E pergunto eu, qual o homem de boa vontade que não se coloca ao lado da grande coligação proletária que beneficiou o mundo com a liquidação do nazismo? Mas, na U.R.S.S., evidentemente se debatem correntes de pensamento diversas, que tentam dar ao mundo uma orientação ou pacífica ou sangrenta. Por mais que tenha sido destruído o trotskismo, ele procura insinuar-se e reviver como uma peste mansa nas dobras da política comunista. De modo que é fácil identificar como semente trotskista tudo que traga o fio de conflagrar o mundo, lançando-o numa revolução

uniforme, possivelmente idealista, mas incapaz de atender às condições e necessidades históricas e econômicas de cada povo. Continua em jogo a grande dissensão entre Stálin e Trotsky, em que o primeiro demonstrou perante o mundo, ser possível e razoável construir-se o socialismo num só país. Seguiu-se ainda a conjuntura da guerra, onde surgiu um "fato novo", o fato novo da aliança possível entre as democracias progressistas e o comunismo, expresso pelo tratado do Teerã. O *Comintern* foi dissolvido, com a sensacional declaração de Stálin de que sua missão estava historicamente ultrapassada.

O marxismo penetrava em fase nova, pois eram superadas a tese (capitalismo) e antítese (bolchevismo) sendo Teerã o signo da síntese, onde os dois elementos se continham em presença. E seguindo o rumo certo, o líder Earl Browder dissolvia, em nome de Marx, o Partido Comunista Americano, de que fora secretário. Se a liquidação da Terceira Internacional não era um ato diplomático ou melhor, uma farsa, e sim um ato político, dos grandes atos que fazem de Stálin um gênio condutor, que necessidade havia de se conservarem os tentáculos agrestes do *Comintern* que são os partidos comunistas de todo o mundo? Acontece que apoiando esse grande momento humano, dois fatos vinham indicar a mudança da própria História. Um era o apossamento pelo homem dos segredos da energia atômica, que iriam dar golpe de morte no abalado conceito revolucionário da palavra "proletariado". Dominada a Física, o homem lentamente deixaria de ser escravo. Transformando a natureza, o homem transformar-se-ia. Eis a profecia imensa de Marx. O amanhã técnico condenaria por si a luta de classes, já atenuada na crescente proletarização do homem civilizado. E no futuro ninguém precisaria ter calo para festejar o 1º de Maio.

O outro fato era a impressionante adesão de uma parte da Igreja Católica à síntese anunciada em Teerã. Os dominicanos, acompanhando a visão de Jacques Maritain, topavam um armistício ideológico com o comunismo e não achavam que um marxista tinha que ser naturalmente ou Gengis-Khan ou Landru (conceito sentimental do romancista Jorge Amado).

De modo que, poder-se-ia divisar uma "linha atômica" que se comporia de três nomes, a linha que eu chamo Litvinov-Browder-Maritain. Litvinov é o que a U.R.S.S. tem de mais autêntico como "camarada" no sentido ocidental.

Nessa linha reside a salvação do mundo. É a linha de Teerã. Disseram-me que, num recente discurso, v. ex. aludiu inesperada-

mente ao "fato novo", não o da bomba atômica (fato novíssimo que alarmou a U.R.S.S. e levantou a cabeca bonapartista do trotskismo), mas ao já velho "fato novo" de Teerã, pelo qual aqui no Brasil eu me bato publicamente há quase um ano e que, mais do que um incidente com a raposa vermelha Pedro Pomar, me fez deixar o Partido e divergir de v. ex.

Sobre tudo isso, reflita, meu sempre caro Luís Carlos Prestes e pelo menos não dificulte, com o abuso de frutas nacionais, a grande missão de paz social que anuncia o reatamento de relações entre o Brasil e a U.R.S.S.

16 mai., 1946

CASA EM QUE FALTA PÃO

(De São Paulo) – A notícia correu célere. O governo havia intervindo nos frigoríficos. Foi-se ver e era apenas a falência de um desses estabelecimentos, senão me engano em Barbacena, que impusera lá a medida. Agora há carne. Do câmbio negro são acusados os açougueiros que nos últimos dias do jogo, na Sodoma do Guaruja, punham as camisas brancas fora das calças para ficarem de esporte e contavam nas rodas submissas de quatrocentos anos:

– Tudas noite vô na fara! Janto e pego uma gafieira...

– A esposa compassiva, com o vestido caro do avesso, media-o gorda e explicava, cuspindo simbolicamente:

– Home faiz o que qué... Depois fica doente!

São Paulo, comocão de minha vida! Ja dizia Mário de Andrade.

O meu amigo aviador defende os açougueiros: – São os mesmos que chegaram aqui em 1640! Acredite! Os invernistas é que ficaram os nossos lobos da estepe. Querem se alimentar de filé mignon da nossa alma.

Enfim há carne. E Monteiro Lobato declara que emigra para a Argentina a fim de comer bife. É verdade que falta pão. E falta água. No Sul há trigo e há o Rio da Prata. Aqui o Tietê seca todo o ano. Rio caminho. Rio de aventureiros. Rio de regatas urbanas. Resta Santo Amaro.

O secretário da Agricultura, Malta Cardoso, confia na solução do trigo plantado aqui. É esse o caminho, indicado aliás pelo agrônomo Fernando Costa. Enquanto o processo lento não soluciona nada, veio à tona distribuir o pão somente à população laboriosa. A idéia foi do prefeito Abrahão Ribeiro que fez um apelo às classes abastadas para se absterem do fresco maná cotidiano. Teodoro Quartim Barbosa, industrial e banqueiro, achou a solução e entregou-a ao padre Saboia de Medeiros que não sei o que fez dela. Eu a divulgo. O pão só deve ser entregue mediante a apresentação da carteira profissional. E nada de fila! O serviço ficaria a cargo dos sindicatos e das entidades patronais. Se o general Dutra me lesse ou alguém por ele, quem sabe se se determinava urgentemente essa solução que, por ser provisória, não deixa de ser uma solução. Já que a crise tende a persistir, segundo as leais declarações do secretário do governo Macedo Soares, Edgard Batista Pereira.

A propósito de tudo isso, diz meu outro amigo, o filósofo, que pão é um preconceito.

– Um preconceito alimentar! Nós vivemos três séculos sem trigo. Com o milho. O que estragou tudo não foi o imigrante europeu, este se contentava com a polenta. Foram os primeiros granfinos que nós há meio século mandamos estudar nas Universidades da Inglaterra e da Bélgica. Esses feudalões voltavam ao solar fazendeiro cheios de cocotes na cabeça e diante de um prato saboroso de jabá, exclamavam apontando o angu companheiro: – Que massa betuminosa é essa?

Por querer tirar esse preconceito do povo de Paris, uma rainha perdeu a coroa e depois a cabeça.

Plantemos trigo e depressa, senhores da governança! Mesmo que saia caro. E vamos, para começar, distribuir o pão escasso somente aos que trabalham.

21 mai., 1946

MEMÓRIAS EM FORMA DE DICIONÁRIO

(De São Paulo) – Abacate – ofereci uma vez num almoço, “abacate americano” a uma criatura de grandes cabelos e acentuado *pedigree*, pensando que isso a abafasse, pois o abacate deixa-

va de ser fruta e com sal, pimenta e molho inglês retomava o seu papel funcional de aperitivo. Mas foi ela quem me abafou contando que conhecia dez maneiras de se preparar assim o abacate e também me referiu proezas e acrobacias tais, dos seus amores com o ex-marido, sem abacate nenhum, que o almoço ficou estragado e nunca mais a vi. De modo que para mim não valeu o sortilégio do abacate e apenas essa história me levou a prisas eras, onde entra o Conde Keyserling. Estávamos em pleno modernismo em São Paulo e tudo eram alegrias entre os anos de 20 e 30, quando os jornais noticiaram que se achava hospedado no Esplanada Hotel o filósofo báltico, Conde Hermann Keyserling. — Vamos lá! Vamos! Ele é futurista! Não é! É antropófago!

Não sei quais dos rapazes da Semana que comigo se acharam no salão do hotel, rodeando um velho sátiro gordo, que se exprimia num excelente francês e ria por dentes amarelos e fortes, agitando uma barbicha grisalha de satanas. Tinha a cara grande e uma calvície mongol. Imediatamente nos movimentamos para arranjar cinco contos a fim de ouvir o Conde no Teatro Municipal. A conferência custava cinco contos que obtivemos com o governo. (Não me lembro mais que benemerito governo era esse.) E a primeira encrenca que surgiu foi porque o Conde queria falar de um púlpito o que foi considerado muito original, correndo mesmo na cidade que ele ia aparecer vestido de frade. Mandaram imediatamente construir um púlpito de tijolo no centro do palco o qual, na hora, quando o teatro já estava cheio, o conferencista fez desmanchar indignado, pois, o que ele tinha pedido para pôr a sua papela, era simplesmente uma estante de música que em francês se chama *pupitre*.

Ninguém entendeu a palestra, mas todo mundo aplaudiu e gostou, e o conferencista se reconciliou com o tradutor que não me lembro mais quem era.

Dai a minha intimidade com o Conde filósofo, recebendo dele livros e fotografias autografados e hospedando-o na fazenda Santa Teresa do Alto. No pequeno terraço, vendo a mata que circundava o pomar, o Conde me perguntou que árvores eram aquelas, ao que eu respondi serem abacateiros, não escondendo as virtudes afrodisíacas atribuídas à fruta tropical. E ele tomou logo nota a fim de lançar ao mundo a notícia de que os fazendeiros do Brasil, utilizavam um meio cômodo e ornamental de expansão demográfica. Depois disso, de trem e automóvel, o Conde procurava identificar com entusiasmo a folhagem lanciforme da laurácia. — *Voilá un avocat!*

Parentes do tradutor de *pupitre* pensavam que era piada do Conde e riam muito. Porque de fato *avocat* em francês, não é advogado e é também, não sei porque, abacate. E aqui entra uma promessa de codicilo para o verbete Advogado, deste meu Dicionário de Memórias, a fim de tranqüilizar Sobral Pinto que insiste em fazer eu justiça, aos advogados obscuros que defendem os fracos e os vencidos. Por enquanto, direi apenas ao meu generoso missivista que esses denodados praticantes do Foro não são advogados e sim anjos e dos anjos trata Deus melhor do que os homens.

Voltando ao Conde dos abacates, ele me disse haver uma progressista, aliás muito bonita, do nosso meio renovado com ele a passagem que Isadora Duncan teve com Maeterlinck e que a dançarina me referira, anos idos, no seu francês de americana: — *Xe lui ai dit: Xe veur afoir un eifant afec fous!* Mais isso fica para as recordações pessoais que tenho de Isadora e que vai na palavra Ceia. Como ficam outras coisas do Conde Keyserling para novos trechos das Memórias.

23 mai., 1946

DEPONDO

(De São Paulo) — Está em desenvolvimento uma discussão que agita os meios literários do Brasil. O crítico Álvaro Lins pôs em suspeição de sinceridade certa correspondência encomiástica de Mário de Andrade. Menotti del Picchia atingido, reagiu acusando de parcial e "inimigo de São Paulo", o escritor pernambucano. É preciso que essa controvérsia, sobretudo, não deforme a realidade. O fato de Álvaro Lins não gastar cera com alguns escritores de São Paulo é de sua inteira liberdade e decisão. Como é também perfeitamente plausível, ele estudar e discutir a obra viva de um morto. Isso de se fazer de um escritor um intocável porque faleceu é besteira sentimental dos piores efeitos. A morte só destrói os mediocres e sobre eles é natural que se olhe e passe. Mas o escritor e o artista a quem o desaparecimento físico não atinge, devem ser estudados e criticados como se estivessem diante de nós, com a mais ampla liberdade. A sua presença só pode crescer com a

morte. E nesse caso está sem dúvida, Mário de Andrade, uma das mais sonoras e estranhas personalidades nacionais.

No entanto, é excusável a reação de Menotti. Ele tem sido vítima, por motivos que não são de ordem literária, de uma tenaz campanha de descrédito intelectual. Se Álvaro Lins o colocasse por exemplo em face do sr. Afrânio Peixoto, não poderia negar que se trata de um escritor de geração diferente – pelo menos o romancista que vem de *Lais* a *Salomé*. E esse é respeitável. O que estraga Menotti são certas taras de aluno de padre que não o deixam desromantizar-se dum pavoroso colegialismo lírico. Mas nele, além do polemista, o observador de costumes nossos é dos mais fortes e ricos. Além disso, Menotti teve um grande papel de ação no modernismo. Esse dinamismo que o próprio Mario atribuiu a mim, deve passar a ele como galardão. Sempre foi o mais ansioso em descobrir, o mais generoso em lançar, e o mais ágil na discussão, no panfleto e na luta. E verdade que seu amorismo o fazia falar bem tanto dum estreante de valor como de qualquer quadrado anti-diluviano que o namorasse. Mas esse defeito não teria sido, com menor exagero, de todos nós? Não seria do caráter de emergência crítica da Semana da Arte de 22? Nos fomos mais que tudo uma geração emotiva e polemista. O nosso reservatório de equilíbrio e de bom senso estava em homens da altura de Tristão de Athayde, de Prudente de Moraes Neto, de Sérgio Buarque de Hollanda. E ainda não bastava?

Aqui entra a defesa da posição sentimental de Mário de Andrade. E do seu possível receio de ver publicadas as cartas que escrevia às centenas por ano, tanto para fazer cumprimentos a um moço de Itapemirim, como para evitar um divórcio ou um mau passo. Esse lado socrático de sua obra tem que ser visto no ambiente em que crescemos, ligados e desligados pela luta a uma porção de gente agradável ou hostil. Isso trazia em si uma carga de exagero emotivo que utilizamos. Também entre nós, em nossas dissensões, pró ou contra. Eu mesmo sou réu de injustiças brutalíssimas e mais de uma vez por mau humor, indiscreção ou piada, pus em perigo uma sólida amizade. Como também elogiei e mimei em dedicatórias e artigos (cartas não escrevo) vastas cavalgaduras. É visível o exagero em toda a formação literária da Semana. Foi esse o seu clima, o clima de uma insurreição. Tornava-se justo e útil que disséssemos num certo momento que Antonio Ferro era genial e puséssemos um rabo-levas em Beethoven.

De modo que não pode ser vista com esse rigor pela autoridade incontestável de Álvaro Lins – que tão oportunamente chamou agora a atenção do Brasil para a grande estréia de “Sagarana” – a obra doméstica e sentimental dos modernistas. Examinada a frio, a nossa atuação caseira passa a ser desordenada e comovida, enfim sem os requisitos próprios a uma geração moderada e virtuosa como a dos chato-boys que veio depois. Aliás, Álvaro Lins tem conosco essa afinidade. E não será nunca o panfletário que mal se agasalha dentro do crítico do *Correio da Manhã* quem poderá apedrejar os irquietos partidários da Semana.

18 jun., 1946

O PAULISTA GILBERTO FREYRE

(De São Paulo) – E coa ainda a conferência pronunciada sábado último por Gilberto Freyre, no Teatro Municipal. Ele esteve aqui apenas três dias para receber a cidadania paulista. Foi-lhe ela conferida pelos estudantes de Direito coroando assim uma longa confraternização com os de Recife na luta pela democracia.

O tema que o mestre de “Casa Grande” desenvolveu, empolgou a platéia cheia. Primeiramente distinguiu ele modernismo e modernidade na literatura fazendo ver que muita coisa estável ficara da revolta extremista que os moços de São Paulo tinham feito naquele mesmo Teatro Municipal, em fevereiro de 22. Passando para a arte política, o sociólogo conduziu o seu assunto até um paralelo entre o marxismo e o cubismo pondo em relevo o caráter ao seu ver, esquemático e sectário de ambos e dizendo-os ultrapassados.

É tão importante e rico o trabalho de Gilberto Freyre que só depois de publicado poderá ser fielmente analisado. Por enquanto ficou dele uma impressão de poderosa e atraente pesquisa.

Penso que não será preciso brigar com Marx para ficar com Gilberto Freyre, pois, creio que ele atribuiu ao marxismo apenas o que se contém em uma de suas teses – a teoria catastrófica da sociedade.

Esta de fato parece ultrapassada no limiar da era atômica. Com guerra ou sem guerra virá a síntese. Mas essa esperança não caberá nas dimensões do próprio marxismo?

A modernidade do marxismo entrará, sem dúvida, como elemento de progresso e unificação anunciados para os tempos novos.

Por pessimista que eu seja hoje, creio que se vier uma guerra será a última pois a próxima deve ser contra Júpiter ou Marte. A terra entra pela técnica na fusão final dos estados nacionais, tornados vizinhos de parede e meia.

Gilberto esboçou aliás, com segurança admirável, esse mundo novo que em estética foi fecundado, pelo cubismo e em política pelas teorias de Marx.

E rápido partiu para oferecer à Constituinte a vigilância de sua cultura e o alento de seu estranhado amor à democracia e ao Brasil.

2 jul., 1946

O POETA DO NORDESTE

(De São Paulo) – Na Biblioteca Municipal ouvimos ontem as transposições líricas do folclore de Ascenço Ferreira. Apresentando-o ao público numeroso, pronunciei a seguinte abertura:

"Não conheço nada mais reacionário do que perseguir o poeta e exclui-lo do seu assento real na cidade futura. É um grave sintoma de farisaísmo esse de exigir uma torção nas diretivas emocionais do poeta para fazer dele um bezerro acadêmico ou um senador.

Ascenço Ferreira é um poeta, um verdadeiro poeta. Se Ascenço Ferreira fizesse o elogio do vagabundo chinês ou do jejuador do Tibet, era capaz de ser indicado para o prêmio Nobel de literatura. Se Ascenço Ferreira vivesse na Rússia granjearia o prêmio Stalin. Mas o que ele canta é apenas o Brasil. E nada mais esquecido e longínquo nos tempos atuais do que o Brasil afogado entre três flagelos – o rádio, o cinema e o ministro do Trabalho. O ministro resolveu liquidar a canção do povo. Mas o

povo não é um mito, é uma realidade e aqui está ele na voz nacional de Ascenço Ferreira, o trovador do Nordeste, o repentista do Modernismo, ao mesmo tempo cantador e criador. Ele é uma força na reconstrução brasileira proposta por Gilberto Freyre cujos anseios e promessas ilustram a obra pictórica de Lula Cardoso Aires.

O movimento aqui em São Paulo desenvolvido com o nome de "Antropofagia", nunca excluiu as conquistas técnicas da civilização nem os sonhos do momento social. Mas fazia escutar a voz bárbara dos trópicos. Ascenço não luta contra o rádio e o cinema no que eles têm de social e decisivo, mas é uma trincheira contra a dissolvência e a desmoralização que trazem em si os barateadores do sentimento popular e os cultores da sua perversão.

Ides ouvir a pureza e a força. Ides ouvir o antropófago Ascenço Ferreira".

8 jul., 1946

CONTRIBUINDO

(De São Paulo) – Li com muito interesse a explicação aos paulistas que larga e eficazmente deu o crítico Álvaro Lins. Nem sempre me acontece acompanhar os rodapés do escritor pernambucano e não me custa mesmo confessar que perdi aquele que suscitou os angustiados dós de peito de Menotti del Picchia. Produziu ele no entanto um tal eco que passou a ser um acontecimento que parecia poder dispensar leitura. *Mea culpa!* Nada me custa, pois, aceitar boamente uma retificação que se impõe. Em vez de escrever no meu comentário "O crítico Álvaro Lins pôs em suspeição de sinceridade certa correspondência encomiástica de Mário de Andrade", devia ter dito: "Da crítica de Álvaro Lins e dos documentos de resposta de Menotti del Picchia resultou ficar em suspeição de sinceridade certa correspondência e mesmo certa crítica encomiástica de Mário de Andrade".

De qualquer maneira estão de pé os justíssimos reparos que foram feitos pelo crítico do *Correio da Manhã*. Mário de fato, não tinha, muitas vezes, "economia nas palavras de louvor", e apoian-

do a afirmativa das boas intenções que o conduziam nessas transigências e efusões foi que eu expliquei que elas datavam do clima emotivo e polemista da *Semana de 22*.

Esse clima quem o renova agora é o próprio Álvaro Lins. E por isso o julgo também excessivo e partidário – desta vez porém em sentido oposto. Menotti tem um defeito que o leva a todos os desastres – é precipitado e leviano. A maneira porque tratou agora a conferência de Gilberto Freyre diz bem da sua maneira aérea e vesga de julgar. Afirmou, por exemplo, que há uma campanha que se propõe deslocar Mário de sua grande posição no modernismo. Isso é uma simples calunia, pois ninguém que eu conheça teria esse bobo desplante. Além do que, como ainda muito bem julga Álvaro Lins, Mário não precisa de defensores. Sejam grandes ou pequenos.

A propósito, lembro-me de um episódio ocorrido na Paris de 22 com alguém que analisava a obra de Proust. O espoleta Paul Morand, tomou sem motivo algum as dores do morto e proibiu que alguém tocasse em sua obra – *Nous sommes là!* Dizia. Todo mundo riu e alguém liquidou o caso escrevendo: – Proust não precisa para se defender, senão de sua obra.

O mesmo fica em relação a Mário de Andrade. A sua obra está aí e ela é que vai colocá-lo definitivamente no futuro. O que não exclui que se proponha à crítica estudá-la. Ao contrário.

De outro lado, Menotti tem razão em reclamar contra o silêncio em que, o envolvem propositadamente. Um crítico, quando com justiça transpõe a notoriedade que granjeou Álvaro Lins, não pertence mais às suas emoções. Pertence à literatura e a sua missão é responder a toda obra escrita que traga em si qualquer coisa, mesmo para flagela-la. Chamo daqui a sua atenção, pois que agora decidiu ler os contos de Menotti para que leia os seus romances de costumes. *Salomé*, excluído aquele reles episódio de ginásiano sexual que lhe da o nome, traz, como os outros, fortes qualidades de observação e escrita.

Álvaro Lins não possui a mentalidade do crítico modesto. Traz nos nervos de sua prosa e na autoridade de sua cultura, também a colera do panfletário. E nada mais útil a quem escreve do que encontrar pela frente, mesmo excessiva e emocional, a verve e a análise de um grande opositor.

11 jul., 1946

A TEMPORADA

(De São Paulo) – A *season* democratizou-se. O que era nos romances e nas crônicas do tempo de Fradique Mendes uma obrigação ritual de classe – ver e discutir os artistas mais célebres e sobretudo trocar exibições de traje e de chapéu – passou a ser uma manifestação de euforia geral que corresponde neste julho primaveril de São Paulo ao cicio dos pardais escuros nas palmeiras eretas do Anhangabaú pelas tardes de cobalto e de linho. Por mais que sejam negras as indicações do barômetro social, uma efusão transbordada da cidade menina e moça, de seus arranha-céus cubistas, de seu asfalto populoso, de suas lojas civilizadoras. Tudo em credíario e confiança no *boom* extemporâneo que continua aqui a predestinação quadrissécular do internacional Anchieta.

São Paulo nasceu pousou de caminhos comerciais como a velha Grécia. E por mais grossas que sejam as suas tragédias íntimas, guarda sempre um ar de atividade limpa e apressada, onde passa o desejo do *week-end*, do domingo e da noite descansada no cinema e no teatro. E a fila de concerto é maior que a fila de pão e ônibus.

Dante Vigiani, o *gentleman* da “linha justa”, não renovou este ano a brincadeira de empresar em outro campo que o seu, na política, oferecendo como fez de cara, numa combinação eleitoral, o nome do cenógrafo Prestes Maia para candidato único dos partidos Comunista e Trabalhista à Presidência da República. Não! Trouxe a sensibilidade oficial de Brailowski, trouxe a mocidade de Borowski, a Comédia Francesa, onde fulgiu uma novidade atômica – *Grâce pour la France* de Romains. E promete além do *ballet russe*, um *ballet* espanhol que só pode ser republicano emigrado e vermelho.

Brailowski desta vez apareceu vitaminado, com dedos de cristal, apenas se lembrando de suas hemoptises e tonturas quando bisado excessivamente. Foi um extravasamento de êxito e um corre-corre de autógrafos.

Na rua Barão de Itapetininga que seria uma *Rue de la Paix* americanizada em menor, fulgem as exposições – a de Lula Cardoso Aires que ameaça a glória de Portinari e adiante, no Instituto dos Arquitetos a de Moussia Pinto Alves em grande evolução e agora a do célebre Kauffman. Nos jornais aparece numa ótima crônica sobre Lula, o nome novo de Francisco Luís Ribeiro,

Antonio Cândido subscreve para a celebriidade e para a glória o passaporte de Guimaraes Rosa, dizendo belas e justas coisas a respeito de "Sagarana".

E numa sala nua e caiada, num recanto além das árvores da praça da República, um grupo de crentes se reúne duas vezes por semana para estudar o quê? Nem o câmbio negro nem o caso do deputado circense Barreto Pinto. Não. Apenas o Gorgias de Platão e a evolução pré-socrática de Eléia a Atenas. Chama-se o Colégio Livre de Estudos Superiores e promete crescer e atuar. Já havia tempo para que também se pensasse em São Paulo.

14 jul., 1946

YARA

(De São Paulo) – O anão Vargas carrega mais esse crime para o inferno. Sabotou e impediu a representação do *ballet* já célebre de Guilherme de Almeida, Mignone e Portinari, na vigência da ditadura intelectual do Dip. Ainda hoje resta no governo Dutra esse resíduo de imbecilidade oficial que pretende substituir pelos cantos de galera dos escravos antigos, a espontânea criação lírica do povo. Como se o trabalho não fosse de fato uma condenação (de que resta para amansar e dirimir a esperança da energia atômica), quer ainda o getulismo do sr. Negrão de Lima que a canção popular habite somente os corredores frios da razão e da disciplina. Contra isso surge agora o primeiro monumento elaborado em equipe, por estes últimos 25 anos de renovação estética e popular na nossa música, nas nossas artes plásticas e na nossa poesia.

Esse monumento é *Yara*, fruto longínquo e maduro da Semana de Arte de 22, onde Guilherme de Almeida figurou em pessoa ao lado de Graça Aranha e de Mário de Andrade.

Conceber e realizar um *ballet* de tema popular e brasileiro, encaixá-lo na mímica civilizada de Diaghilev e de seus bonecos plásticos que o Coronel de Basil ressuscitou, eis um feito que só a inteligência e o carinho nacional de Dante Viggiani poderiam conseguir.

Depois do triunfo que foi a estréia do dia 31 de julho no Municipal de São Paulo, conhecem-se agora as dificuldades e as

lutas que presidiram a essa experiência ímpar do nosso modernismo. Nela pôs tudo que tinha Cândido Portinari, não o Candinho das panelas, mas o severo menino pobre de Brodowsky retornando à sua autenticidade pelos fluidos da "linha justa", mais do que isso, pelos fluidos do heroísmo de Prestes, cuja presença vermelha na nossa criação intelectual é um fato inegável desde a Coluna.

A primeira dificuldade foi essa, de que Portinari estava no auge de seu desrecalque infantil em matéria de espantalhos... Urubusou demais a fome do Nordeste. Receio que o *ballet* na vida orgânica que vai ter até aos palcos de Nova York e de Paris, tenha que deixar cair aquela noite fria onde passa num comentário inútil o "Never more" de Poe alinhado sobre esqueletos de árvores e ossadas de boi e de gente. No diálogo que se estabeleceu entre o pintor e o diretor, aquele comentava dizendo: — Conheço muito o meu país. E conhece de fato. Mas o Coronel de Basil habita o país do *ballet* e o seu coreógrafo Vânia Psota, teve que realizar mais de um milagre para fazer conter nos ritmos nativos frondosamente orquestrados por Mignone, os pés alígeros dos seus bailarinos de ponta, e de suas graças de *tou-tou*. Nisso interveio o assombroso juvenil de Stepánova e o fanatismo plástico de Mackenzie que realizou um Antônio Conselheiro digno de melhores sucessos políticos ante a massa dos sedentos e a coréia dos frenéticos.

Poesia, pintura e música casaram-se enfim numa demonstração de que se o Brasil, em política produz um Barreto Pinto, nos campos do espírito decola e se coloca à altura das melhores civilizações.

O encantamento foi um fato. Esses três paulistas, Guilherme, Mignone e Portinari, puseram de pé afinal, o de que de melhor possui como tema a terra sofrida das secas e como cultura a cidade dos arranha-céus e das fábricas. O mestre do verso que é Guilherme de Almeida, ligou numa rima a alma do Nordeste — a mesma de Brodowsky — à inspiração colhida por Mignone nos bairros da juventude. E *Yara* ficou para levar ao mundo a primeira grande mensagem em equipe do modernismo de 22.

3 ago., 1946

A PRINCESA RADAR

(De um argumento de ballet) 1º quadro – Os trópicos – Nascimento da princesa. A rainha morreu. De um lado da cena o berço real e do outro um ataúde cristalino onde jaz a rainha. Ao centro um altar barroco entre grandes janelas. A música evoca os acontecimentos e as emoções contraditórias. Ao fundo está de pé a ama negra. Ao lado do berço deitadas em fila moças de luto. Ao lado do ataúde, deitadas também, moças de branco. As moças levantam-se vagarosamente. Dança coletiva da Morte e da Vida. Esses coros opostos mudam de lugar. Entrada do rei. Cortejo composto de árvores, animais, flores e frutos da floresta tropical que se misturam e dançam na cena. Dança do Riso e das Lágrimas. O rei debate-se entre o nascimento da filha e o desespero da viúvez. Bailado coletivo. Emoção geral. Entrada do regicida. O rei foge para o lado do ataúde. Dança do assassino e do rei. Morte do rei. Todos os dançarinos caem com ele. O regicida aproxima-se do berço. A ama o defende. Dança do assassino e da negra. Ela salva a princesa. A uma janela a lua surge.

2º quadro – A cidade mecânica – Escritório numa grande capital. Extensa sacada ao fundo, por onde se avistam arranha-ceus sob a lua. A princesa vestida de máquina de escrever dorme sobre um divã. Ela é agora datilógrafa. Em torno dela a dança da disputa entre o Anjo-Cego e o Espírito-de-Porco. O Bem e o Mal. A princesa levanta-se. Dança da hesitação. O Anjo-Cego quer raptá-la numa bicicleta. Os objetos do escritório tomam parte no baulado. O telefone, o cofre e a folhinha que indica o fim do mês. Entrada do advogado perseguido por credores. Aproxima-se da folhinha e do cofre que está vazio. Dança do advogado, da folhinha e do cofre. O advogado declara-se apaixonado pela princesa que é sua secretária. Dança do amor absurdo. O Espírito-de-Porco apoia o advogado enquanto o Anjo-Cego defende a princesa. Apito de sereia. Chegada do Foguete Interplanetário. A princesa dança com ele. Para e quer se atirar pela janela. O Foguete agarra-a e raptá-a para a lua.

18 ago., 1946

AS MÁSCARAS DE PLÍNIO TÔMBOLA¹

(De São Paulo) – Se não há dinheiro para o povo comer, há de sobra para os fascistas nacionais foguetearem nos apoiados à discursa com que o Hitler de Sapucaí² se despediu de Portugal, a fim de novamente trazer para cá a esmola – “de uma obra civilizadora”. Foi como o político covarde e o mau literato que é o sr. Plínio Salgado encerrou o seu *speech* de Lisboa, no qual sucessivamente se encarnou de cristão e se vestiu de integralista, num dos seus renovados avatares de fundo falso, onde apenas até hoje se petrificou o ódio à liberdade o desprezo pela democracia.

Não podia deixar ele de lastimar sinceramente e explicar a nódoa com que a história contemporânea o marcou para sempre por ter aleiado ao estrangeiro a própria pátria. O “chefe nacional” do fascismo foi simplesmente caluniado e deturpado por adversários imbuídos de conceitos originários de falsas democracias. Esses conceitos são, no entanto, os que levaram à vitória as forças conjugadas da liberdade humana ofendida. São os que movimentaram os batalhões crianças do Brasil em Monte Castello³ e Castelnuovo.

É pois com o pé cheirando a sangue dos nossos soldados mortos na luta contra o fascismo, que ele desce em terras brasileiras, aclamado pela arraia de imbecis ou sabidos, de ingênuos ou tarados que nele avista o Messias da turbada hora presente. E foi numa “*nota-fraternal*” que fez estalar em Lisboa o seu beijo público de Judas, afirmando que “os integralistas lusitanos representam o mais notável movimento de idéias destes últimos tempos na história do Pensamento Português”. Felonia para com o Brasil secularmente democrático e popular, acolhedora pátria de todos os sonhadores de liberdade e de todos os cansados da Europa escolástica e disciplinar. Traição ao próprio Portugal marinheiro e plebeu, inconformado e regicida que deu Antero e Herculano, Teófilo Braga e Eça de Queiroz.

E é com a máscara estafada do cristianismo que ele pretende recobrir a matula de mentiras com que lá fora encheu o seu peço embornal ideológico.

¹ Apelido posto por Oswald em Plínio Salgado, líder integralista, como alusão polêmica a sua atuação numa tómbola em benefício da Cruz Vermelha.

² Trata-se de um cognome posto por Oswald em Plínio Salgado, natural de São Bento do Sapucaí, SP.

³ Monte Castello, nome de uma batalha da Segunda Guerra Mundial, ganha na Itália pela Força Expedicionária Brasileira contra as tropas alemãs.

Ninguém ignora como se vivifica hoje o pensamento cristão de Jacques Maritain. Como em seu estuário formam não só os dominicanos esclarecidos, mas todos os que desejam uma superestrutura política capaz de fazer a Igreja Católica se conjugar, sob o velho signo social do tomismo, com o mundo novo que se constrói. Não é possível conciliação ou pacto entre essa ala vanguardeira e consciente do cristianismo e o resíduo fascista com que Plínio Tómbola atendeu em Portugal aos exasperados apelos do salazarismo provinciano e a festança reacionária com que o regalaram em Lisboa os saudosistas da fogueira de Antônio José.

No entanto, depois de beatamente falar em "recolhimento e meditação" e exibir uma licorosa e inutil "Vida de Cristo" com que pretendeu passaporte para o evangelho, na hora em que se anunciava a expiação de Nuremberg, volta ele ao Brasil constitucional e justiceiro, a fim de novamente acender o facho da loucura irracionalista que sempre o animou a ele e aos seus bandos rasputinianos e sorelescos. A sua "espiritualidade" traz as mãos sangrentas dos carrascos da Gestapo e o pedaço de corda com que amarraram Matteoti para matar.

Lembre-se, porém, Plínio Tómbola, como acabou Mussolini e como na terra livre da América, recentemente subiu num poste o tirano fracassado da Bolívia, Villaroebl¹. – Ja passou o tempo em que, segundo Fialho, tinhamos, brasileiros e portugueses, "a miséria fatalista" e só pedíamos "conta dela a Nosso Senhor Jesus Cristo".

Hoje o povo existe e age como corpo social e o povo sabe a que abismais convulsões o quer conduzir o fascismo agônico e sinistro que traz na sua evangelica valisa o Sr. Plínio Salgado.

21 ago., 1946

O BRASILEIRO PUTNAM

(De São Paulo) – Eu tinha ido à Cananéia no automóvel pré-histórico de Luís Saia, partido num afã de salvar para a História o que resta dessa maravilhosa "primeira cidade" do Brasil. Seguim

¹ Gualberto Villaroebl, presidente da Bolívia de tendências pró-nazistas, deposto e linchado.

conosco o professor Roger Bastide e Oswald de Andrade Filho, o pintor da caravana. Fazendo milagres de choferagem, Saia tinha atravessado o "sertão próximo" donde eu hauri tanta riqueza humana e paisagística para "Marco Zero" nos tempos em que, com meu filho maior tirava e vendia madeira na linha de Juquiá. Atingíramos à noite um leilão de igreja no núcleo japonês de Sete Barras e daí através de balsa chegamos a Registro, onde nos esperava a fidalguia nacionalista de Sinfrônio Costa. Em Cananéia caímos em plena festa, para fazer a procissão sobre o mar, onde a Iemanjá católica executa ainda, entre piedosos restos de confrarias e bandeirinhas frementes ao vento do canal, uma das mais belas tradições místicas do Brasil. O pesquisador amoroso que é Roger Bastide, tinha os olhos encantados para tanta riqueza inédita de impressões e me trazia constantemente à lembrança um espinho. Eu devia apressar o retorno a São Paulo, a fim de não perder a conferência que ia fazer aqui no dia seguinte, outro estrangeiro lúcido e culto, o escritor Samuel Putnam. A volta se fez aos trancos no automóvel remendado, que de modo algum pode mais prestar serviços aos interesses do Patrimônio Histórico e Artístico tão inteligentemente representados por Saia. E daqui faço o meu apelo a esse vigilante Rodrigo de Melo Franco de Andrade, para que sem perda de tempo, capture uma dessas Packards lustrosas em que se pavoneia a nossa burocracia afrontosa das capitais e a entregue ao Serviço de São Paulo, para que o trabalho andejo de salvar e tombar as relíquias do Estado seja melhor satisfeito. Afinal tive que deixar os companheiros em Piedade, na pensão de D. Anésia "onde começa o maravilhoso" e tocar duas horas violentas de táxi a fim de irromper com escândalo, vestido de esporte e poeira, na sala civilizada da Casa Roosevelt, onde Samuel Putnam realizava a sua conferência. E não perdi o meu tempo, pois, agora, relido o trabalho do tradutor d'*Os Sertões*, mostra ser um marco de compreensão da crítica estrangeira em torno das nossas coisas do espírito. A gente sabida cá da terra possui uma compreensão inferior a que nos traz esse estrangeiro ilustre. E ele mesmo teve que reagir contra o complexo de inferioridade com que Érico Veríssimo falou de nós aos americanos.

Samuel Putnam é um amor de homem, acompanhado de sua esposa, essa risonha e prestimosa D. Riva que tanto o serve na sua missão de conhecer ao vivo esse Brasil pelo qual ele nos conta ter viajado tantos anos numa excursão "através do seu quar-

to". Tendo passado por grave doença, Putnam nos falou como conheceu "o rio grande de uma humanidade universal", lendo os poetas, os romancistas e os escritores de ensaio que nos honram, de Gregório de Matos a Mário de Andrade. Uma única observação eu acrescentaria a esse admirável apanhado de nossa existência intelectual e essa vem em defesa do modernismo de que Putnam declara gostar menos. Não é bem exato o que ele diz, que trouxemos Paris para cá em 1922. Essa é uma opinião emanada do grupo "Verde-Amarelo" que pretendeu inutilmente monopolizar a posse de um Brasil verdadeiro. Ao contrário, nós que vivemos nessa época em Paris – Paulo Prado, Tarsila, Sérgio Milliet, Anita Malfatti, Villa-Lobos, Brecheret, Di Cavalcanti e eu – lá descobrimos apenas a nossa pátria. Prefaciando o meu "Pau-Brasil" afirma Paulo Prado: "Oswald de Andrade numa viagem a Paris, do alto de um atelier da Place Clichy – o umbigo do mundo – descobriu deslumbrado a sua própria terra". Nada mais certo. Apenas sendo eu o menor, fui o mais alvíssareiro do grupo ilustre que tão modelarmente refez a imagem do Brasil para o nosso tempo. Putnam pertence a essa "geração perdida", que segundo ele naufragou nos cafés do Montparnasse. Não sei porque "perdida", pois que deu com ele mesmo e seus amigos, uma das mais fortes pléiades aos Estados Unidos. Nos também freqüentamos a Rotonde e o Café do Dôme e ainda em 29 eu abraçava o meu velho Pablo Picasso no Café de Flore, onde o Existencialismo constituía um dos seus ríos abaluartes. Isso de andar pelos cafés notívagos de Paris nunca desfibriou ninguém. Veja-se o exemplo de Erhenburg e do próprio Lenine. E ai está a prova feita com Hemingway, Stein e Putnam, os quais tanto têm dado à América e ao mundo. E ai estão os nossos modernistas acima referidos. Vindos de Paris. Foram eles que livraram as nossas letras e artes, do Brasil de cromo teórico e falacioso que envenenava a nossa verdade, desde o índio cristianizado de Alencar até o imigrante de Graça Aranha e o estrangeiro de Plínio Salgado. Samuel Putnam ai está para retificar, de *visu*, as pequenas deformações que em nada diminuem a sua poderosa visão crítica do Brasil. O seu amor à nossa terra e a sua cultura de escritor, garantem-lhe um lugar de guia em nosso meio crítico e literário. Samuel Putnam pelos serviços que vem prestando, não precisa de carta de naturalização para ser um brasileiro de primeira ordem.

27 ago., 1946

LEGEM HABEMUS

(De São Paulo) – Dobrou-se afinal a página nefanda. E o Brasil continua. No momento em que o democrata Wallace denuncia a gula imperialista que cerca a U.R.S.S., nossa gente emerge da noite da ditadura e não sabe o que fazer da liberdade. Como um detido que se sente solto por engano e apressa os passos sem destino para evitar que o venham buscar de novo e de novo o enterrem nas enxovias que não mereceu. Apenas uma coisa seu coração constata – que a detenção terminou. Nem outro sentido tem as explosões e os sorrisos de toda a gente ante a Constituição promulgada, numa data que longinquamente lembre a Feb, a expedição guerreira e as lutas pela liberdade. O que faz o Brasil exultar assim é a sua superstição pela lei escrita – um velho complexo de inferioridade, oriundo do caos político social em que se plasma. Onde soam fundo as obras totêmicas e justificadoras de seu caminho – "Os Sertões", "Casa Grande e Senzala". Somos o país do Homem Cordial de Sérgio Buarque e da Cobra Grande de Bopp. Fomos arrastados para o Colégio pelo jesuíta. Péssimos alunos, gostando de berimbau e de olhar pela janela o trilo dos pássaros, em vez de decorar as declinações. E agora, depois de muita surra, ganhamos um bom ponto, onde está escrito em letras de ouro: Honra ao Mérito.

O bedel foi posto para fora. O segundo, o terceiro ou o vigésimo quinto... O primeiro bedel recente foi o Sr. Arthur Bernardes. Caso de fixação profissional. Depois, o anão que vale os sete anões e mais o gigante Golias, machucando à vontade a Bela Adormecida, que era a Pátria.

Afinal, a reconciliação, a paz, a alegria de quem reconquista uma maioridade negada. E em torno, pelo alto-falante do "Mundo Único", o democrata Wallace denuncia o preparo da guerra atômica. E Winston Churchill propõe que se forme a coligação dos Estados ocidentais. Para quê? Para unificar a guerra atômica.

Malta Cardoso, chegado da Conferência da Paz, onde foi delegado, não esconde o seu pessimismo. Há cinco milhões de soldados vermelhos a duas horas de Paris, onde brigam já Molotov e Byrnes¹. E a greve dos marítimos americanos revela a

¹ Viacheslav Molotov e James Byrnes eram, ao tempo, os ministros de Relações Exteriores, respectivamente, da União Soviética e dos Estados Unidos e, como tais, protagonistas importantes da política internacional.

ascensão revolucionária do proletariado mais acomodatício do mundo. E adverte que não é só com canhões que se faz a guerra. A guerra, esta revolução... já disse o padre Ducatillon.

Sombrio tudo, sombrio e desesperante. O homem reside no conflito. E o conflito reside no homem. Mas que importa tudo, se temos lei?

— Foi a fila mais longa que fizemos, dizia-me alguém. É justo que a gente se rejubile.

22 set. 1946

A FORÇA DO ASFALTO

(De São Paulo) — O rapaz de sobrancelhas cerradas e olhos profundos, mancou ligeiramente. Conservava na perna a marca do tiroteio glorioso em que os estudantes de 9 de novembro enfrentaram a ditadura. Estava diante de mim, num escritório onde pela janela descia a penumbra abafada de São Paulo. Conservava os gestos e o entusiasmo viril do acadêmico que lutou pela legalidade do Brasil.

— Gosto de conversar com gente politizada que não fala em termos pessoais e nem divide o Brasil em elas. E preciso acabar com isso. Uma coisa boa os marxistas nos trouxeram: a compreensão das forças sociais que regem a política. Antigamente quando era o monopólio cafeeiro que nos dirigia através das Arcadas, só se podia falar em posições sociais de clã e coronelato. Vejamos em termos sociológicos o caso da sucessão presidencial de São Paulo, sucessão regular e constitucional que há tantos anos se deseja e promete. Os exercitos estão bem organizados e fortes em torno de três bons guerreiros...

— Os "big-four"?

— Nada disso. Os "big-four" são três dos quais um não é dos quatro...

— Como?

— A luta está armada em torno de três candidaturas: a do sr. Gastão Vidigal, a do sr. José Rodrigues Alves Sobrinho e a do sr. Gabriel Monteiro da Silva.

— E o Cyrilo e o César?

— O Cyrilo seria o *tertius* no verdadeiro sentido. Afastado do país numa posição importante na Conferência da Paz, seria o apaziguador se fosse possível... Quanto ao César, com aquela "onulação permanente", vai apoiar o mais forte dos outros. A exclusão do sr. Gabriel Monteiro da Silva como a dos srs. Samuel Ribeiro e Gofredo Teles foi um golpe que não deu os esperados resultados. Ninguém pode privar a apresentação legítima de candidatos à Convenção e ao acordo geral... Quanto mais houver, melhor para a escolha. É isso o que se admite por aí.

— Mas os exércitos?

— São as forças sociais e econômicas que se acham por trás dos três grandes candidatos. Não creia que o Gabriel está excluído. Ao contrário, cresceu a simpatia em torno do nome dele depois da exclusão. É vítima e vítima poderosa.

— De modo que, em termos sociológicos...

— As verdadeiras forças que se digladiam são, de um lado a Indústria e o Proletariado, do outro a Finança e o Comércio, de um terceiro a fazenda de café e a tradição.

— Este último é o Rodrigues Alves.

— Claro. O prestigioso ministro da Fazenda tem por trás de si o Banco e a Associação Comercial que são grandes unidades blindadas.

— E o arcanjo Gabriel?

— Este, numa singular coesão, tem a indústria e o proletariado unidos, pois, ao que sei, é apoiado ao mesmo tempo pelo Roberto Simonsen e pelo Alexandre Marcondes. Conta pois, com a Federação das Indústrias e com o Partido Trabalhista.

— Mas por que então quiseram inutilizá-lo?

— Ah! isso é outra história. Você sabe que o Gabriel se mostrou no Departamento das Municipalidades, no tempo do Fernando Costa, uma rocha de honestidade, não cedendo, contra os interesses públicos, às injunções de fortes e poderosos. Ora... Você já passou naquele asfalto em frente à igreja da Imaculada Conceição, naquele em que a gente enterra o pé até a canela nos dias de sol? Pois o Gabriel impediu que esse asfalto cobrisse hoje toda a área urbana da capital de São Paulo.

— Como?

— Exigindo simplesmente que o negócio fosse acompanhado de pareceres técnicos que o abonassem. Ao contrário, em vez de pareceres de engenheiros, o projeto em questão se fazia acompanhar de ditirambos subscritos por grandes advogados.

— Neste país são os advogados que entendem de asfalto...

— É. Mas o Gabriel não concordou e os homens tiveram que engolir o asfalto... Agora na Convenção, o vomitaram em cima dele...

— Veto contra veto.

— É. Mas o que vai valer é voto contra voto e não creio que a história não esteja ainda terminada.

— Falta a palavra do embaixador Macedo Soares...

— Este tem agido com imparcialidade de coordenador e diplomata. Mas parece que dará sua preferência ao nome de Samuel Ribeiro que foi lembrado na reunião do P.S.D. pelo Sílvio de Campos e se acha afastado das competições políticas e partidárias.

— E se não se conseguir o acordo?

— Cortará o nó górdio a espada de um militar.

6 out., 1946

ESCLARECENDO

(De São Paulo) — Recebo de Porto Alegre uma retificação amável de Érico Veríssimo ao reparo que lhe fez Samuel Putnam de não ter suficientemente exaltado nossa literatura na sua cátedra dos Estados Unidos. Explica o romancista de "Um lugar ao sol", que no fogo da guerra, não teve ânimo para dar às nossas cogitações do espírito um lugar de exceção. E mais ou menos isso, pois não sei onde enfilei, na minha biblioteca, a carta onde vêm reproduzidos os justos termos do livro em que de fato, Érico não deprime o que fizemos. Mas também não "enginalda" como disse outro dia um mamute da nossa historiografia, numa conferência que aqui fez Joaquim Ribeiro, apresentando-o. Esse verbo "enginaldar" creio que só existe em brasileiro (ia escrevendo em português, e em brasileiro do planalto de Piratininga e pronunciava-se "enginaridari"). Serve de mola para grandes risadas no Leblon, mas é também um comovente neologismo castiço que diz muito mais que enfeitar ou toucar. Seja como for, Érico não quis assumir uma responsabilidade que pareceria nacionalista, afirmando aos estudantes americanos que temos uma grande literatura. Essa

responsabilidade assumiu-a o mestre de Filadélfia que, para provar o que dizia, traduziu "Os Sertões". E isso bastou. Pois só uma grande literatura pode dar "Os Sertões". Um livro não é um fenômeno isolado. E muito menos a obra de Euclides que aparece ao lado de outro inconfundível – Machado de Assis. Putnam tem portanto, razão. Ele volta agora a São Paulo, onde vem dar uma conferência intitulada "Adeus ao Brasil", na Escola de Sociologia e Política. E todos nós que nos preocupamos com a literatura temos o dever de nos solidarizar com o crítico e poeta americano que nos apresentou enfim ao continente. Que Putnam prossiga a sua obra de vulgarização da nossa penosa e brava continuidade espiritual. Agora, conhece ele de perto os novos e os velhos, os cabotinos e os gagás, os paneleiros e os isolados. E não será com certeza a opinião do sr. Otto Maria Carpeaux que o faça mudar de compreensão e de rota. Ou a explicada modéstia do meu caro Érico Veríssimo.

9 out., 1946

PALAVRAS DE APRESENTAÇÃO

(De São Paulo) – Ontem, numa das salas da Escola de Sociologia e Política, disse o seguinte:

"Samuel Putnam não é norte-americano senão de nascimento. É brasileiro. E se todos os brasileiros fizessem pelo Brasil o que ele faz por nós, era possível que tivéssemos um lugar melhor no mundo. Há mais de dez anos o mestre da crítica que ele é preocupa-se conosco e dedica-se à literatura brasileira".

Mas quem é Putnam?

Na primeira década que se seguiu à conflagração mundial de 14 a 18, ou melhor depois de 1920, quando o mundo parecia ter entrado numa era de paz e de progresso sem sustos, Paris congregou todas as atenções dos artistas e dos poetas. Vinha de longe essa tradição que encheu de glória o século 19 francês. Mas aí as facilidades de intercâmbio e de viagem tinham feito de Paris dessa época "o umbigo do mundo", como disse Paulo Prado. Na América, artistas e poetas não encontravam a cultura nem o clima intelectual necessários às suas inspirações. Daí a

migração para Paris de inúmeros escritores do continente, como aliás de toda a Europa, da China e da Austrália. Eu mesmo encontrei nas ruas de Montparnasse John dos Passos, Waldo Frank e com eles travei relações. Na "Rotonde" podiam-se ver espalhados pelas mesas, diante dos vermutes, dos *bocks* e de misturas de leite coloidal com chicórea azul, ao lado de mulheres espantosas como jaguatiricas, fluidas como fumigações, tanto o russo Ehrenburg como o espanhol Gomes de la Serna, o irlandês Joyce, o brasileiro Villa-Lobos e o americano Putnam. Foi nesse meio que se formaram as gerações que dominam atualmente a literatura norte-americana e a literatura brasileira, bem como as artes plásticas e a música do continente. A nossa se chamou a "geração modernista", a de Samuel Putnam foi a chamada de "geração perdida". Ambas trouxeram, no quarto de Cocteau na Rue d'Anjou, das galerias de Rue La Boetie, dos ateliers de Montparnasse, do esconderijo do româico Brancusi no Impasse Ronsin, as técnicas do mundo que iriam renovar artes e letras americanas. Samuel Putnam é o companheiro, nessa época, de Hemingway e de Gertrude Stein. Cultiva a poesia e faz crítica. O seu primeiro livro de versos intitulado "Evaporação", é de 1923. Traduz Cocteau, Delthey, Duhamel e Pirandello. Divulga a pintura moderna e escreve a "Caravana Européia" onde estuda as principais figuras do momento. Da notáveis biografias, a de Rabelais, a de Margarida de Navarra e depois, tornado aos Estados Unidos, dedica-se ao Brasil. Desde então ficou um teimoso. Propõe-se demonstrar que temos uma grande literatura. Para isso traduziu livros essenciais, desses livros que protegem a nacionalidade e o grupo que na estética antropofágica eu chamaria de livros totêmicos. São eles "Os Sertões" de Euclides da Cunha, "Casa Grande e Senzala" de Gilberto Freyre. Traduziu também o belo romance de Jorge Amado, "Terras do Sem-Fim". A sua ação tem sido incansável na crítica que exerce através de revistas e jornais, principalmente no *Hand-Book of Latin American Studies*.

Samuel Putnam veio fazer um curso de Literatura na Faculdade de Filosofia no Rio, pondo em paralelo, os escritores brasileiros e americanos das diversas épocas.

Irei agora ouvi-lo no seu "Adeus ao Brasil". Passo a palavra ao mestre de Filadélfia.

DIÁLOGO ATUAL

(De São Paulo) – Não me fale nessa megera!

– Você parece aquele personagem de romance que vivia falando na megera... Todo mundo pensava que ele se referia à esposa mas não, era a política que ele destratava. Coitada da política!

– Pois ele tinha toda razão. Megera mesmo é o que é a política. Perdi um amigo de enfarte por causa de umas eleições no interior. Outro, no ano passado, ficou com icterícia. Você quer coisa mais agonizante do que essa expectativa em que se gastam meses de torcida sem saber qual é o G ou o C que vai para os Campos Elíseos?

– Aposto no C.

– Cyrilo?

– Não. Cintra Gordinho.

– Por quê?

– O C são dois. Cyrilo e César. O G também são dois. Gastão e Gabriel. E o Cintra Gordinho é C e G.

– Não brinque!

– Estou falando sério. Se não for o Juca o conciliador, o Cintra Gordinho pode empolgar a partida. Numa curta gestão, equilibrou as finanças do Estado e deu meios para que o Embaixador fizesse o reajustamento do funcionalismo... Está construindo em Jundiaí a "Cidade dos Meninos"...

– Ora, não quero saber de nomes quero saber de princípios.

– De princípios é que estamos fartos, meu caro. Programas e princípios estão aí fazendo fila. Precisamos justamente de nomes! Se for dentre os "big-four", será o Gastão que é o mais forte. E se for fora, o Gabriel, está claro! O Gabriel é grande big!

– Você viu a solução de Minas? Um nome apaziguou tudo. Que fim levaram os programas e os princípios?

– Aqui em São Paulo não há um nome correspondente ao do Wenceslau.

– Como não? Vou alinhar uma dúzia por ordem alfabética. Escute: Altino Arantes, Alexandre Marcondes, Antônio Prado Júnior, Eloy Chaves, Francisco Morato, José Maria Whitacker, Roberto Simonsen, Samuel Ribeiro...

– Este é quem está na cabeça e no coração do Embaixador Macedo Soares...

– Por que não? Mas ouça os outros: Sebastião Nogueira de Lima, Theodoro Quartim Barbosa, Vicente Rao e por último um que começa por W como o Wenceslau.

— Waldemar Ferreira?

— Além desse... Washington Luiz!

— Seria preciso que o General Dutra fosse mestre e não discípulo de Getúlio Vargas para dar um golpe desse tamanho. Imagine o Washington! Não. Não acredito. Nenhum desses nomes pacifica São Paulo!

— Qualquer deles pacifica, como qualquer dos quatros ou dos sete ou dos vinte e sete. É uma questão de química palaciana. Você não vai me dizer...

— Olhe. É mais difícil achar uma fórmula para o caso de São Paulo do que foi descobrir a física nuclear.

— Nada disso! Você não ouve há tanto tempo o Embaixador falando, com prestígio, em pacificação? O General Dutra quer que São Paulo se torne o seio de Abrahão...

— Do Abrahão Ribeiro?

— Que é também um nome e que também pode pacificar. Mais do que muita gente...

— O General Dutra quer um candidato dele, você verá!

— Engano seu. Tudo o que está sucedendo é o resultado de uma finíssima política que visa a destruição dos partidos e o retorno à velha e sábia tradição brasileira das grandes unidades da Federação, dando a maioria parlamentar e apoiando o presidente, isto é a invencível política do "Café com Leite", que o Getúlio dividiu para reinar...

— São Paulo e Minas unidos em torno da política presidencialista? Voltamos a antes de 30?

— Exatamente. Agora você está compreendendo. O General Dutra já tem o Catete e Minas maciça em torno dele. Tem também o Estado do Rio, A Bahia... Agora virá São Paulo. De posse do Catete e dos estados líderes unidos, com outros fiéis, o imã está formado. Os preguinhos correrão todos de cabeça para o imã. Diante dessa formação blindada de caráter político nacional, que passarão a ser os partidos com seus programas que até agora eles não souberam endossar de conquistas eleitorais ou revolucionárias?

— E o trabalhismo?

— Você sabe que o trabalhismo não é mais um partido e sim, um brasão das classes conservadoras. Quem não é trabalhista nessa terra? Diga!

— É por isso que eu chamo a política de megera!

UM ECONOMISTA NA ACADEMIA

(De São Paulo) – Foi assim que o embaixador Macedo Soares na sua fala de recepção classificou o novo imortal Roberto Simonsen. E acrescentou num dos melhores trechos do seu discurso: "até hoje a nossa economia se caracterizou pela combinação de vários estádios de cultura. Desenvolveu-se e desenvolveu-se aos saltos, determinados pela própria confusão de diversas etapas, que coexistindo atuam uma sobre a outra, pois as mais envelhecidas não foram de todo superadas. O Brasil não teve economicamente uma evolução harmoniosa e portanto, não acompanhou o movimento orgânico do capitalismo industrial". Citou ainda trechos de Sílvio Romero que deixam longe, na realidade da observação, muitos marxistas de esquina, de café e de Congresso.

Um amigo da onça que procurava apreender as palavras acima citadas, disse que nesse trecho do discurso do embaixador, entendeu "academia" por "economia". A frase então para ele ficou assim: "até hoje a nossa Academia se caracterizou pela confusão de vários estádios de cultura". Fitou involuntariamente a imortalidade presente à reunião e viu ali toda uma escala de eras que iam desde o paleolítico representado pelo sr. Mucio Leão, "o rei dos animais de farda" até o sr. Viriato Correia uma sábia pastilha da África de Frobelius e da Gerondônia, o sr. Aluizio de Castro, o das Arábias e o sr. Ataulfo de Paiva, no fim de uma evolução que lembra a mosca de Morgan (pois, passou de lagarta a borboleta, de borboleta a juiz e de juiz a pau de tinta). E notou que estava ausente o *nibelungen* Vargas sempre em fuga para os *Pagos* depois que a "Bela" acordou nas dragnas do general Dutra.

O meu informante, se bem que tivesse apreciado e muito a oração do novo acadêmico, observou que mais que o elogio do boêmio lírico Filinto, teria o discurso ocasionado furor se o defunto fosse o nosso amigo Cláudio de Souza, que representa ali no Aerópago, o "capitalismo heróico". Desse modo, o autor da "História Econômica do Brasil" teria renovado em termos póstumos, a polêmica com que esmagou alguns anos atrás, o individualismo também póstumo do sr. Eugênio Gudin. Foi, sem dúvida, uma das fases mais felizes de Roberto Simonsen, "homem de pensamento e de ação", essa em que pôs a nu a disponibilidade ingênuas do sr. Gudin, detrator de Karl Manheim, e tão incautamente adversário do planejamento econômico do Brasil.

O discurso de posse do sr. Roberto Simonsen foi um coroamento dessa fase derivada da sua "História Econômica". Foi uma peça de raro otimismo, quando a deserção empalidece o Brasil, pelos derivamentos, pelas desconversas e pelas adesões apressadas de tanta gente que se supunha honesta ou no mínimo corajosa. Terminou ele num grave apelo: "Diante, pois, da lição moderna e em relação ao Brasil, não seria demais — e este é o ponto a que desejava chegar — que os nossos homens cultos se procurassem orientar no sentido de, continuamente, somarem todos os esforços, em benefício do país, melhor e mais sistematicamente se conjugando para um maior aproveitamento dos esclarecimentos de que ele tanto precisa".

Que a voz do economista seja ouvida no infecundo caos brasileiro será difícil. No seio da própria Academia Brasileira se poderia praticar esse congraçamento de homens e de esforços. Por que não estão ali na Casa de Machado de Assis, Gilberto Freyre, Graciliano Ramos, Aníbal Machado, Érico Veríssimo, Carlos Drummond de Andrade? O "modernismo" não se recusou a colaborar. Mas, mais de uma vez se viu ali batido pela subliteratura e pelo conchavão acadêmico, tão caro à careca de louça do sr. Cláudio de Souza.

9 nov., 1946

POR GILBERTO

(De São Paulo) — Anuncia-se um movimento pela candidatura de Gilberto Freyre ao prêmio Nobel de literatura. Não faltam opositores a essa reivindicação que pretende colocar o Brasil oficialmente entre os países de alto nível intelectual. Dizem esses homens de má vontade que Gilberto não é ficionista e que o prêmio visado se destina somente aos criadores da literatura. Será no entanto, outra coisa do que uma criação, "Casa Grande e Senzala", esse marco da nossa avançada posição mental tão distante da posição econômica, moral e política em que vegetamos?

Se há ainda alguma coisa que salva este país, é a literatura. E a obra-prima de Gilberto transcende da sociologia e da crítica para esplender nisso que se pode moderna e realmente chamar de literatura.

Quando eu era comunista de varal, fiz todas as restrições canônicas ao livro de Gilberto. Achei-o hesitante, não concluden-

te, semivisionário semi-reacionário e classifiquei-o de jóia da sociologia afetiva. Minha experiência pessoal me conduziu agora a crer, com o admirável Camus, que nada há de mais odioso que o pensamento satisfeito e a obra que prova. Nada mais odioso do que a tese na obra de arte.

Mas se a literatura dirigida, a literatura de tese, anuncia o apodrecimento do espírito de um povo, de uma classe, de um sistema ou de um grupo social, não se infere daí que o escritor tenha de se abster ou de não participar das lutas de seu tempo. O existencialismo que conclui pelo absurdo e no absurdo, não deixa de proclamar os direitos à fé e à convicção. E o próprio Sartre se engajou na "resistência". Por não ser dirigida a literatura não deixa de ser interessada no mais alto grau. Atitude inútil, diriam os existencialistas, mas necessária.

"Casa Grande e Senzala" retoma com a sua nobreza de pesquisa e nova autoridade, o ponto morto em que haviam ficado os deslumbramentos dos primeiros cronistas diante da terra natural, afastando-se da ingenuidade dos relatórios rondônicos que também afirma a etnologia de barba dos Von de Steinen¹ e dos Schmidt². Em todos os sentidos é um grande livro. É um livro que marca a nacionalidade, um livro totêmico e raro. Some-se a ele a atividade literária que posteriormente Gilberto desenvolveu e a sua brava atuação pessoal na luta pelas liberdades brasileiras.

Se há alguém que se possa apresentar de mãos cheias e cabeça erguida diante do alto júri, é o líder do Nordeste.

23 nov., 1946

DA POLÍTICA LOCAL

(De São Paulo) – Eu sou tovarich. Mário Tovarich...

Deixe de fazer trocadilho oportunista. Eu estou com o Gabriel. Ele ainda há de ser o governador de São Paulo. É moço e declarou lealmente agora aos seus amigos: – Vamos fazer o

¹ Karl von den Steinen (1886-1970), etnólogo alemão, autor de importantes obras sobre os nossos índios, baseadas em duas expedições científicas ao Brasil Central.

² Max Schmidt, etnólogo alemão fixado no Paraguai, autor de uma obra sobre tribos do Brasil Central (1900). A sua candidatura os intelectuais brasileiros devem dar um apoio caloroso e sincero.

possível e o impossível para eleger governador o Mário Tavares. Foi corretíssimo.

– Pois eu não sou assim, enfaticamente, nem pró nem contra o Gabriel, o Cyrilo, o Juca, o Gastão... Mas subindo, pela experiência e pela idade, nessa escala de valores paulistas, cheguei ao cerne e o cerne é o Mário Tavares.

– Cerne de quê?

– De perrepismo...

– Bonito não? Você quer dizer que apagamos da história contemporânea o movimento renovador de 30 e todos os que se seguiram?

– Você chama de movimento renovador a ditadura cínica do Getúlio e as arruaças estrangeiras do Plínio Salgado?

– Sinais dos tempos. O Brasil mudou em 30. Quem negara?

– Mudou com grandes esperanças, com grandes cavaleiros da Esperança. Mas hoje se olharmos para trás, veremos que todos os descalabros e as prepotências de que era acusado o velho Partido Republicano empalidecem diante dos “filisteus”¹ dos tempos novos...

– Filinteus?

– É um neologismo. Sem neologismo não se explica nada depois de 30. Por isso é que eu chamo de Mario Tavarich... Quer dizer camarada, companheiro... Um homem que, com sua gregaria de autênticos condutores foi desapiedadamente substituído pelos filintos e coriolanos da República Nova...

– O Coriolano é do melhor P.R.P.

– Mas piorou no caldo do fascismo...

– Você parece o gostoso falando ao povo.

– Quem?

– O Borghi...

– Não. Isso é um sestro da velha oratoria da propaganda republicana. Só falamos como nas óperas...

– Estou vendo que você quer voltar a 89! Cruz Credo! O Lopes Trovão!

– Quero. Olhe o que existe hoje no mundo é o caos. Veja a Europa, a América... Quando a gente perde o rumo, torna ao ponto de partida, volta ao começo, às origens... Só a civilização amável de outrora salvará o Brasil.

¹ “Filisteus” – povo que habitava a Palestina, inimigos e perseguidores dos judeus. Trocadilho de Oswald com o nome de Filinto Müller, chefe de polícia durante a ditadura Vargas.

— A reacionária, a do latifúndio, a do feudo...

— Meu caro, eu não sou saudosista. É impossível fazer andar para trás o relógio da História, já se disse... Está certo... Mas, com as modificações, os enxertos e as conversões trazidas pela experiência, você note como há em todo o mundo, um retorno à própria cultura e aos caminhos perdidos. Olhe, os Estados Unidos regressam decididamente ao que eles chamam de "sistema americano", a Inglaterra à moderação, a Rússia à grande Catarina... a Itália ao "qualunquismo"¹, a França...

— Ao comunismo...

— Nunca! A uma espécie de catolicismo ateu... Os partidos comunistas, não querendo seguir as diretrizes de Teerã, tornaram-se ora sectários, ora oportunistas. E por isso estão perdendo. Você vê aqui Prestes deixar de fazer um acordo com o Brigadeiro no ano passado para tentar agora o mesmo com o Júlio Mesquita Filho...

— Esse pelo menos é um sujeito decidido...

— Sem dúvida. Ele e o Virgílio estão salvando a U.D.N. É um erro pensar que a luta não salva e que só a acomodação traz resultados. O Julinho renova no cenário paulista as velhas oposições que só deram viço ao próprio P.R.P., estimulando-o, fazendo-o modificar-se, suar, sofrer e marchar afinal com os tempos novos. Assim temos outra vez as marcadas posições tradicionais. O P.R.P. e a velha dissidência, sob a direção dos Mesquitas... São Paulo se sente bem assim... Basta que tenhamos eleições livres!

— E os outros partidos?

— Houve um grande desnível. No decênio de 30, discutiam-se idéias e programas, liberalismo, fascismo, bolchevismo... Hoje é o macarrão do Borges contra a cebola do Ademar, o nabo contra a mandioca...

— O povo tem fome...

— Tem no campo. Nas cidades tudo prospera. Esse alarme contra a inflação é boato... Nós não temos dinheiro necessário em circulação. É preciso emitir ainda...

— Você está louco!

— Olhe, pergunto a três importantes e opositos, a Samuel Ribeiro, a Luís Carlos Prestes e a Gastão Vidigal, que foi o último

¹ "Qualunquismo" – indiferentismo, expressão em voga depois da fundação, em 1944, do jornal *L'Uomo Qualunque* (O Homem Comum), a qual designa a ideologia do cidadão comum e concebe o Estado ideal como órgão administrativo, regido pelo bom senso, sem a intervenção de qualquer partido político.

ministro da Fazenda... Pergunte-lhes se é possível o Brasil viver com esse meio circulante miserável que temos?

— É possível sim. É que o dinheiro sumiu agora e nem o José Américo sabe onde ele foi parar.

— Não está em Ponta Porã, no Acre.

— Está no bolso do alemão, do italiano, e do japonês. Você conhece aquela anedota da guerra? Ouça: um japonês apareceu num guichê do Banco do Brasil e pediu para tirar o dinheiro que lá guardava... O funcionário gritou patrioticamente: — Japonês não pode tirar dinheiro. O homenzinho perguntou: Alemão pode? — Alemão também não pode! — Itariano pode? — Também não pode! Então o nipônico calmo indagou: — Basirero pode? — Brasileiro pode sim! Sorriso do amarelo. — Pode mas não tem, né?

— Tudo isso é muito engraçado mas é trágico...

30 nov., 1946

NOTÍCIAS DA PROVÍNCIA ELEITORAL

(De São Paulo) — Não é possível. Vá para o inferno!

— E o que eu lhe digo. Se a coligação do P.T.B. e do P.C.B. se concretizar, arrastando uma ala do P.R. e elementos da U.D.N. a fim de ameaçar com o nome do Prestes Maia a vitória do governo, virá uma outra coligação — do P.S.D., da U.D.N., do P.R.P. de uma ala do P.R. ou de todo ele, do P.D.C. e dos elementos que seguem a liderança de Marrey Júnior. E a Liga Eleitoral Católica em peso. Vai ser uma parada dos diabos. E o Ademar adere a um dos lados no fim, com todas as suas forças...

— O Ademar não adere porque Dona Alzira disse que ele vai voltar de charola para os Campos Elíseos...

— Dona Alzira Vargas?

— Não. Dona Alzira Saltapedras...

— Que história é essa?

— A Dona Alzira que eu conheço é uma iluminada, medium juramento, ouvinte, escrevente, falante, que disse também ao Rolim Telles que ele iria para o Catete...

— E o Ademar acredita?

— Mexe a cabeça e vai continuando a propaganda de um

modo infernal... Cem mil votos ou mais ele já arrancou dos outros partidos. Quer ser o fiel da balança...

– Não! O fiel será a U.D.N...

– Quem sabe? Entre ela e o P.S.D. há uma ponte nobre – o embaixador Macedo Soares. Será então um grande embate entre as “forças conservadoras... da liberdade” e as “forças progressistas... da ditadura”.

– Não acontece nada disso... O nibelungen Vargas não soube dar a tacada...

– Como?

– Atirou no capital mais colonizador e acertou nas forças armadas... Em política, você sabe, não se pode errar. O anão mágico desta vez errou. Quem erra em política, vira o que viraram os maiores dominadores e caciques – César, Napoleão, Mussolini, Hitler. A política é a mais ingrata das profissões... Quem escorregou perdeu... E do primeiro degrau vai ao abismo, sem apelo...

– Você não pode negar que o jogo do Getúlio foi bem armado. Mas o Borghi atrapalhou. Ninguém mais o convenceu de que ele era o gostosão e não o esperado. Um emissário do ex-ditador levou-lhe um recado decisivo fazendo-lhe ver que ainda seria cedo para se candidatar à governança de São Paulo. E ele replicou: – Não sou eu que quero! É o povo!

– Mas afinal, quem ganha?

– A lógica...

– Ora. Não há lógica no futebol, quanto mais em política.

– Pegue o lápis e some. O P.S.D. reúne em torno do Mário Tavares 457.000 votos, a coligação P.T.B. – P.C.B. dá a soma de 424.000 votos... se o candidato for o Prestes Maia...

– De onde você tirou esses números?

– Do “Diário Oficial”. É o resultado das eleições de legenda partidária para deputados. Esses números são quase fixos para o P.S.D., enquanto que o P.T.B. só pode aumentar o seu eleitorado à custa do P.C.B. e vice-versa... As combinações com outros grupos não vão alterar muito...

– Mas na eleição para senador o P.T.B. venceu.

– Foi o Getúlio! Mas o ditador de 37 hoje está fraco e desmemoriado. Esquece por exemplo que em 30, o capital mais colonizador que assistiu à saída do presidente Washington Luiz, permaneceu na mesma sala e nas mesmas poltronas para aplaudir a entrada do presidente Vargas...

– Isso foi em 30...

– E nesse curto espaço de quinze anos, ocupou as mesmas poltronas, dando as mesmas cartas...

– Mas o Getúlio não sabia que era o capital mais colonizador. Foi o Prestes quem explicou...

– Ahn!

6 dez.. 1946

PORQUE DEIXEI O PARTIDO COMUNISTA

(De São Paulo) – Por quê? Perguntaram-me.

– Porque o sr. Benedito Costa Neto, atual ministro da Justiça, aceitou ser espião do Partido de Prestes, nas relações que eu, por decisão do mesmo Partido, mantinha com o ex-interventor Fernando Costa, por ocasião da anistia, em 1945.

Foi isso que ontem, no bar do Hotel Excelsior, disse a dois mestres romancistas do Brasil que se achavam de passagem por aqui, numa roda de amigos, alguns dos quais filiados ao Partido Comunista. E acrescentei que tinha sido esse o incidente que culminara nas dissensões crescentes entre mim e o Partido no referido ano de 1945. Dissensões de ordem pessoal e também, não menores, de ordem política e ideológica.

Antes de mais nada, agora que veio a furo a possibilidade de se acusar de comunista o sr. Benedito Costa Neto, por querer empossar o governador eleito sr. Ademar de Barros, eu gostosamente deponho a favor dele. Ninguem ignora que o atual ministro da Justiça já tentou e ameaça ainda fechar o Partido Comunista, mas não o faz traíndo qualquer fé política anterior. Os serviços agradados que prestou, no clima da anistia a Prestes e seus seguidores, revelavam nessa época, o estado de pânico em que ficou a burguesia paulista, em face da derrota do fascismo e da ascensão da URSS e da democracia. Mas vamos aos fatos. Vou reproduzir aqui um trecho do documento que enviei nesse mesmo ano memorável de 45, ao "Partido Comunista do Brasil e a Luís Carlos Prestes, seu secretário geral", onde se esclarece a atuação do sr. Costa Neto.

"Continuei as tarefas que me eram dadas, entre as quais a de obter com o interventor federal, um contato com a direção do Partido, tendo recebido do sr. Fernando Costa uma negativa formal pois ele não achava isso oportuno. Transmiti tal coisa ao companheiro Pomar. No dia seguinte, tendo sido incumbido pelo *Mut* de obter também uma audiência da Interventoria, aí soube que a mesma incumbência que me dera o companheiro Pomar, fora dada também ao sr. Benedito Costa Neto, ex-procurador do Estado, por intermédio do candidato à deputação Lázaro Maria da Silva e que o interventor lhe mandara dizer que a resposta era a mesma que tinha sido dada a mim. Tendo consciência de me ter desobrigado de todas as incumbências, estranhei que o Partido procedesse assim comigo. Interpelei o companheiro Pomar que me respondeu ser isso 'vigilância de classe', pois que havia dois canais para o interventor. Um, onde eu tinha acesso, que é o dr. Nelson Luís do Rego, genro e secretário do interventor, outro, o sr. Benedito Costa Neto."

Se morreu o sr. Fernando Costa, aí está vivo o sr. Nelson Luís do Rego, que foi secretário do governo passado e que pode contar que o sr. Costa Neto aceitou ser "canal" do Partido Comunista e me vigiar. Conforme a respeitável opinião do sr. Pedro Pomar (sem favor a grande cabeça do Partido) o atual ministro da Justiça exercia contra mim, que tinha quinze anos de modestos sacrifícios pelo comunismo, uma "vigilância de classe", isto é, representava o proletariado!

– Mas seria um absurdo eu retirar a minha inscrição no Partido, apenas porque o sr. Benedito Costa Neto fora nomeado representante do proletariado revolucionário para agir junto à Interventoria paulista e aí me controlar. A coisa vinha de mais longe. Vinha da espantosa decisão de Prestes apoiar o ditador Getúlio Vargas, decisão que a princípio disciplinadamente acatei. É verdade que ninguém conhecia as cartas de Prestes a Fournier, hoje publicadas e onde se vê que o envolvimento da ponta de lança de Getúlio (a Cnop) achava clima na obsessão já velha do Cavaleiro da Esperança em aderir ao "ditador realizado". A cisão entre os comunistas que aceitavam uma enroscada oportunista com Vargas e os que queriam uma composição com o Brigadeiro, se tornava inevitável.

O que me interessava não era, porém, essa composição com Eduardo Gomes, mas, em termos mais vastos, aceitar a dissolução por Stálin da III Internacional, "historicamente ultrapas-

sada", e seguir a linha americana de Earl Browder, que era a linha de síntese das forças progressistas burguesas com as forças socialistas, a mesma que dera o acordo de Teerã e produzira a vitória sobre o nazismo. Por que não desenvolver na paz a linha que ganhara a guerra? Ao contrário disso, a direção do P.C.B. achava dialético adotar, não o último termo da equação política hegeliano-marxista, isto é, Teerã (tese burguesia, antítese proletariado, síntese Teerã), mas sim retornar ao sectarismo ultrapassado do primitivo bolchevismo, isto é, à posição polêmica de 17 e ao seu consequente surto belicoso e internacionalista. Em vez de dissolver o Partido Comunista, como fez Browder (que foi seu condutor na América durante quinze anos), cooperar com os progressistas ou fundar outros partidos (cabendo aqui talvez uma ressurreição da Aliança Nacional Libertadora ou coisa parecida) — Prestes e a Cnep vacilaram entre o oportunismo (adesão a Getúlio, namoro com Ademar, borboleteamento frenético em torno de vitórias eleitorais) e o mais sanhudo e odioso sectarismo, aquele mesmo que Lenine qualificou de "doença infantil do comunismo". Basta recordar o celebre art. 13 dos Estatutos que ordena aos membros do P.C.B. romper relações pessoais com os dissidentes trotskistas mesmo parentes e amigos. No entanto, que faziam os dirigentes atuais do P.C.B. senão um retorno suado ao trotskismo, isto é, à organização de um movimento internacionalista violento, destinado a invalidar os acordos de Teerã, da Criméia e de Potsdam? Na América, dava-se a expulsão de Browder e a consequente vitória dos republicanos, como resposta. E aqui, a ação devastadora da Cnep afastava de Neruda o crítico literário Antônio Cândido como "perigoso inimigo do proletariado" e chamava de fascista a suave coca-cola política do sr. Sérgio Milliet. Estavamos diante de uma ressurreição infernal do pior trotskismo, um trotskismo cego e burro, ultrapassado e perturbador. E foi sobretudo isso o que criou as minhas divergências políticas e ideológicas com a direção do P.C.B. Além do que, no seio do Partido, acentuava-se um desprezo obreirista, idiota e frio, para com a inteligência e a cultura. Onde tinham ido parar espíritos como Carlos Drummond de Andrade, Astrogildo Pereira, Fernando Lacerda, José Geraldo Vieira ou Rossine Camargo Guarnieri? E a que papel secundário não iriam sujeitar, por exemplo, um Caio Prado Júnior, disciplinado e culto, a fim de tentar oferecer ao Senado a exibição tatibitate de Portinari discutindo finanças.

Essa inversão de valores desespera ainda hoje uma porção de bons militantes que engolem as chapas onde vicejam as flores do pecado obreirista ou da delinqüescência feudal sem rumo.

Estava eu, pois, cheio de severas decepções, quando se deu o episódio em que o atual ministro da Justiça aparece como sentinela do proletariado militante, a fim de controlar a atuação de um escritor que apenas havia dado quinze anos de sua vida pelo comunismo e pelo Partido.

1º fev., 1947

SAUDADES DE BROWDER

(Do Posto 6) – A conferência de Gilberto Freyre sobre Whitman, apóstolo do macacão e da fraternidade, veio confirmar a vocação idealista e pedagógica do mestre de *Casa-Grande*, que, nestes últimos anos, além duma vigilante ação parlamentar, tem mantido contato direto com o público, em São Paulo, em Minas e aqui, através de palestras da mais significativa oportunidade.

A São Paulo terra da revolução literária de 22, Gilberto explicou, o que, depois de sedimentado, ficou do modernismo, em face do cacoete polêmico e lírico dos primeiros anos. Mas dessas três conferências recentes que conheço, ressalta a de Minas como a mais rica de conteúdo e de ensinamentos. Intitulou-a Gilberto – *Ordem, Liberdade, Mineiridade*, criando um neologismo onde não quer caber por nenhum preço o deputado Afonso Arinos de Melo Franco, que recusa ser um "bom rapaz", luzido dos primores e qualidades dos montanheses de Minas. Para o ensaísta que tão bem viu no índio brasileiro uma das fontes vivas da Revolução Francesa, os mineiros são todos loucos. Por exemplo, entre os contemporâneos, o senador Mello Viana, o deputado José Maria Alkimin, o romancista Ciro dos Anjos e quem sabe se até o sr. Benedito Valadares. Loucos e não sabidos...

Se bem que hoje eu tenha adotado a antropofagia como filosofia perene, compreendendo que as ideologias são apenas máscaras de guerra e que o que interessa em Castro Alves é o tambor abolicionista e que a inúbia de Gonçalves Dias ressoa hoje na *Tribuna Popular* como nos trovões oficiais do ministro Costa

Neto, e que o que querem todos é brigar - não deixo de saber que há uma escalada de progresso social em tudo isso. E que a etapa galgada, donde resvalará de novo a humanidade para a guerra, essa etapa atingida através dos mais opostos testes da evolução social, tão anunciada por Balzac, como por Mill ou por Marx e, na América tardia, aberta com a queda dos valores de 29, essa etapa é uma etapa de síntese. Ao encontro dessa ideia, que tantas vezes defendi aqui, apontando a linha Browder como o único corredor de pacificação, onde se poderiam dar as mãos o católico Maritain e o comprehensivo Litvinov e poderiam juntar-se o progresso social russo e o progresso técnico americano - ao encontro vem Gilberto Freyre oferecer páginas de sua melhor expressão e lucidez. Subestima ele, no entanto, o pensador político que ficará com o seu livro *Teerù*, uma das mais dramáticas e inúteis advertências de rumo oferecidas ao mundo. E talvez quem explique isso seja Karl Manheim, pondo fora da lei, como utópica, toda ideologia exterior à vigência do poder. Para se transformar, depois de lutas e convulsões, em ideologia operante, lançada para a frente nova miragem social, nova utopia condutora.

Nessa luta pelo pouso histórico, que transformaria, possivelmente depois de nova conflagração, a utopia socialista em ideologia vigente, convém assinalar a posição de Gilberto. Eis como ele qualificou em Minas "o problema imenso" a ser resolvido pelo homem moderno: o "de conciliação do desejo de unidade com o de diversidade. O de conciliação do que é pessoal no homem com o que é impersonal na organização social: do que é local com o que é universal nessa organização". Acrescentando que: "Para haver esforço corajoso de reconstrução entre nós é preciso que haja antes ou ao mesmo tempo, obra sabia e séria de conciliação ou de temporização que torne possível senão síntese verdadeiramente fecunda, equilíbrio inteligente dos nossos antagonismos ou de antagonismos universais particularizados entre nós sob formas nacionais ou regionais".

O pensamento político de Gilberto Freyre é uma clareira nesse cipóal de desconvexas e subitas ações de comando em que se engalfinham no Senado o anão Vargas e o gigante Vitorino, na Câmara o verde filisteu Gólfredo Telles e o justo Hermes Lima.

Outro dia, dizia-me um amigo que assistira ao eclipse em Bocaiúva:

- Ao menos este consolo eu tive, vi a terra entre os astros, numa comunhão sideral que desmente e nega qualquer sentido a

essa luta mesquinha e dramática em que o homem civilizado se enreda e se enredará até a guerra.

Matutei comigo que, dentro do formigueiro atual, ficarão sempre inúteis como ficaram os gritos pacifistas de Browder. O que interessa de fato é a inúbia de Gonçalves Dias!

27 mai., 1947

POR UMA RECUPERAÇÃO NACIONAL

(Do Posto 6) – O rapaz magro, de olhos mortiços, animou-se. Estábamos num bar do Leme.

– A gente acaba compreendendo que não é possível outra coisa senão voltarmos a nós mesmos...

– Você virou nacionalista?

– Não. Virei xenófobo. Não podemos ser nem russos nem americanos. Nem mexicanos nem argentinos. Nem de novo franceses... Temos que ser brasileiros. Brasileiros de dar pancada nessa estranha que usurpou tudo, a nossa casa, a nossa comida, o nosso silêncio, a nossa emoção. Veja você! O general Góes que é um rochedo da nacionalidade, chegou do Uruguai, xingando o Barreto Pinto de *perro* e chamando o Oswaldo Aranha de *macanudo*! Onde vamos parar? De outro lado é o povo, o povo sadio, de São Paulo, de Minas ou daqui, que só fala *OK* e *yes!* Outro dia peguei uma pretinha minha empregada, chamando o namorado de "meu big" e combinando: – *Yes, darling!* Vou te encontrar na gafieira... Isso é demais! Precisamos de trinta noites de São Bartolomeu para acabar com isso. E esses idiotas e vendidos que se puseram a serviço de nações estrangeiras?

– Os fascistas acabaram...

– Acabaram nada! Aí está o Plínio Salgado e seus assedias besuntados de cristianismo para despistar. No lado oposto, são os jesuítas vermelhos e no meio os azuis e legais americanófilos que atrás da suavidade dos *blues*, entregam nossas riquezas e costumes ao patrão açucarado do Norte. E o pior é o imperialismo mexicano...

– Como?

– O Pedro Vargas que é mais daninho que o Getúlio. Ele penetra pelo rádio no coração das nossas casas, envenena as nos-

sas famílias. Tenho um amigo que quase divorciou, porque a mulher, na noite de núpcias, gritou-lhe:

— *Besa-me! Besa-me mucho!*

— É de amargar!

— Nós vivemos em plena erosão nacional. De um lado, esse comunismo antimarxista, pois ficou estável, intocável, metafísico como o tomismo na mão dos inacinos. E acabara portugalizando a Rússia. Essa baixa esquizofrenia que ataca Ibsen pela boca raiosa de Plekhanov e condena a relatividade como filosofia reacionária. De outro, a América absorvente e cínica, com seus tentáculos musicais de *swing* e *rumba*, seus entorpecentes civilizadores. O *whisky* que já figura na dosagem das mamadeiras, o gin matinal ou a boite cretinizante, onde se põe Bach em compasso de fox, toda essa degradação das velhas e sadias reservas humanas...

— E a técnica? Você se bate contra a técnica?

— Nunca! A técnica nada tem que ver contra essa dissolvência dirigida e maluca que oprime os nossos cérebros com o capacete de ferro da "linha justa" ou volatiliza as nossas energias na suavidade das orquestras... Ainda é tempo. O Brasil resiste. Resiste em Gilberto Freyre e Roquete Pinto, em Arthur Ramos e Joaquim Ribeiro. Nos temos uma tradição, uma grande tradição a defender. Mas se não tomarmos um cuidado exaltado nesse propósito, seremos vítimas inertes dessa tremenda intoxicação.

— Você não pode falar da França.

— Como não? As filosofias irracionalistas, de Kierkegaard a Bergson, somaram no *Existencialismo*. E nos que, temos em casa, a opulência de uma civilização primitiva das melhores. Que temos a invenção do Nheengatu, divulgada por Amorim Brandão, donde Mario de Andrade tirou a sintaxe do *Macunaíma*, nos que temos o maravilhoso na reportagem dos cronistas e dos missionários, que possuímos o Aleijadinho e Villa-Lobos, que levamos a *Antropofagia* às consequências profundas da revolução modernista, vamos ajoelhar no Café de Flore, diante de Sartre e Simone Beauvoir. Vivemos fakirizados pelo estrangeiro. Se o catolicismo e o marxismo oficiais não deram a solução que esperavam os homens desiludidos e trágicos da última guerra, e eles se atiraram às evidências da filosofia existencial, porque não procurarmos em nós mesmos a idade de pedra que marcará sempre o homem nascido da mulher.

— Toma cuidado! exclamou alguém. Aí vem um grupo de *players* que são espiritualistas.

— É isso mesmo. *Players*. Ou futeboleres que é bom brasileiro.

— A noite de inverno caíra. Os amigos levantavam-se. Um deles gritou:

— Olha que bonito!

— O quê?

— *La Croix du Sud...*

6 jun., 1947

A ABDE, EM SÃO PAULO, É FASCISTA

(Da Glória) — Encontro aqui o sempre jovem morubixaba Osório Borba¹ desmascarando as manobras que, no pacífico bocejo do momento nacional, tendem a pôr no índice a Associação Brasileira de Escritores. A acusação que se vai buscar no dicionário resumido mas fecundo dos tabus policiaiscos, é de que a ABDE² é comunista. A situação com que o partido de Prestes empolgava o Brasil, em 45, tornou-se uma espécie de má companhia ecumênica, fichada como total perdição — para adultos de todas as idades. De várias dúzias de pessoas gradas tenho ouvido que lutar pela democracia é ser comunista. E ser comunista, já se sabe, é ser petroleiro, ladrão e pau-d'água.

Chego a tempo de depor sobre o caso, pois acabo de mandar ao Sr. Sérgio Buarque de Holanda, que preside aos destinos da seção de São Paulo da ABDE, uma carta pública, na qual me retiro daquele setor de nossa vida literária, por não concordar com os métodos fascistas que manipulam as suas eleições. Acontece que, se o Brasil inteiro tem uma dúzia de escritores, só São Paulo conseguiu fichar quatrocentos. É que o conceito de "escritor", para fins gremiais, passou de qualitativo a quantitativo. O que interessa é a quantidade de numerário que entra nos cofres sociais, a dez cruzeiros por cabeça. Se essa extensão favorece a vida financeira da sociedade, incluindo no rol dos escritores a todos os que escrevem artigos com remuneração, traz o perigo de, como acontece em São Paulo, fazer ingresso

¹ Osório Borba (1900-1960), jornalista pernambucano, conhecido pela sua firme atitude oposicionista durante o Estado Novo.

² ABDE, sigla da Associação Brasileira de Escritores, fundada em 1942, que se tornou um centro de oposição ao Estado Novo e promoveu em janeiro de 1945 o Primeiro Congresso Brasileiro de Escritores, cujo manifesto foi a primeira manifestação política contra a Ditadura. Oswald participou da fundação da seção paulista, mas em seguida se desse, tornando-se um crítico acerbo da sua orientação, encarnada para ele no Secretário Geral da Secção de São Paulo, Mário Neme, ao qual há diversas referências nestas crônicas.

sar em seus quadros qualquer espécie de aventureiro, mesmo analfabeto, que tenha conseguido assinar um artigo, seu ou não, publicado no mais afastado interior. Além disso, essas centúrias de escritores de carteirinha depositam nas mãos de um funcionário da sociedade procurações irrestritas, entregando-lhes o destino de suas diretorias e delegações. O escândalo agora culminou na escolha dos deputados ao Congresso Nacional de Belo Horizonte a se realizar, se Deus quiser, em outubro. Fui aí diretamente visado pelas alergias do funcionário referido, que é o Sr. Mário Neme, jornalista e teatrólogo muito conhecido. Depois de vinte e cinco nomes, eleitos, encontrei-me votado para terceiro suplente, vindo em seguida o sociólogo Caio Prado Júnior como quinto suplente. Não inferissem no pleito as circunstâncias denunciadas, eu aceitaria com humildade e boa paz o meu posto. Mas é que também tenho alergias e essas são contra o fascismo, sob qualquer disfarce. O dono da ABDE de São Paulo foi secretário do jornalista Abner Mourão e teve diversos negocinhos com o Dip¹ local durante a ditadura, o que não o impediu de excluir da sociedade, por escrúpulos democráticos, o grande poeta Cassiano Ricardo e um dos mais dinâmicos participantes da Semana de 22, Menotti del Picchia. À maneirosa covardia do Sr. Sérgio Milliet, que dirigiu a ABDE em São Paulo, cabe a responsabilidade dessa desvirtuadora inflação de poder nas mãos do procurador Neme, "porque ele traz dinheiro para a Sociedade", porque "no Brasil as eleições são assim mesmo", frases textuais ouvidas por mim do poeta de "Oh valsa latejante". Ao sr. Milliet sucedeu na presidência do grêmio outro Sergio, o meu velho amigo Buarque, que é agora, mais do que nunca, um homem da Holanda, capaz, como foi, de calabarizar, por abstinência de controle, os destinos da Associação. Digo isso em sã consciência, pois que entre os vinte e cinco delegados natos ou eleitos, além de alguns nomes de projeção, seguem para representar os escritores de São Paulo vários funcionários, comerciantes e industriais das relações do Sr. Mário Neme. Todos de carteirinha.

Fica pois desmoralizada a acusação salafrária de que a Associação Brasileira de Escritores é comunista. Num dos seus vivos setores, é ela controlada pelo mais puro e eficiente fascismo eleitoral.

8 ago., 1947

¹ DIP era a sigla do Departamento de Imprensa e Propaganda, principal responsável pela política cultural do Estado Novo. Cada Estado tinha o seu DEIP, ou Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda, com a mesma finalidade. Oswald refere-se ao de São Paulo como "DIP local".

O DESTINO DE REGINA MAURA

(Da Glória) – Como a gente recorre à etnografia a fim de elucidar as obscuridades da pré-história, indo buscar na relativa idade-da-pedra contemporânea, o que nos é negado pela ausência de qualquer documento, assim nos colocamos às vezes diante de um susto medieval à plena luz do dia de hoje.

Como psicologia e como iconografia, acabo de assistir a uma dessas pasmosas ressurreições da santificação pelo amor, em que foi fértil a Idade Média européia. Visitei demoradamente um leprosário, coisa que tenho feito algumas vezes como romancista, mas agora vi o que viram os primeiros devotos de Assis no século XI. Uma pessoa ser envolvida pelo carinho e pelas lágrimas dos olhos sem fundo de um milhar de doentes, erguendo suas falanges mutiladas para saudá-la, improvisando hinos em seu louvor com as vozes abemoladas pelos lepromas, e formando cortejos enormes numa noite de lua em torno de sua aparição milagrosa.

- É um anjo!
- Como é bonita!
- Meu Deus! Que linda!
- É uma estampa!

Nós todos temos o dever e o direito de achar bonita aquela que foi atriz e se chamou no mundo Regina Maura, tão boa artista que conseguiu fazer para sempre o cartaz e a fortuna de um pobre diabo como Procópio Ferreira.

Pois essa atriz que ainda “no mundo” poderia abafar, mudou de nome e dá hoje a graça de seu próprio espetáculo aos hanseianos de São Paulo. Não se fez freira nem se encerrou na mística solitária de uma cela. Ao contrário, é deputada à Assembléia Legislativa de meu Estado e está muito bem casada com um médico – o dr. Matheus Santamaria.

De há muito eu queria visitar com ela um desses campos de concentração que não precisaram do nazismo para colecionar os maiores horrores vivos da terra.

Mas a realidade excedeu a qualquer quadro que eu pudesse imaginar. Veja-se o que pode ser para um leproso a visita amiga, sem o menor constrangimento, de uma mulher admirável que roça o seu corpo sadio pelas mutilações e pelas cegueiras e que fala com simplicidade dos ríspidos problemas daquele inferno. O beijo ao leproso, de Francisco de Assis, que exalta o “flos

santorum" perugino, empalidece ante aquela oferta de esperança para os perdidos da lepra e os irremissíveis do mau mutilador. Eles se tornam todos curáveis. Ela é o promin em pessoa, a sulfa que acaba de sair dos laboratórios para anunciar ao mundo que a morfínia é curável.

Ao passarmos os portões onde "se busca a salvacão", fomos envolvidos pelo estrípulo de uma festa de arraial. Foguetes estrugiram, vozes obscuras cantaram. Gilvazes¹ se abriram em risos. E um grito imenso se elevou:

— Viva Dona Conceição! Viva a nossa redentora!

Dai por diante o pequeno grupo de sadios se juntou braço a braço com ela, numa marcha de cinco horas, atropelada pelo círculo de doentes que queriam beber as suas palavras, olhar nos olhos a sua confiança, sentir de perto um pedaço estelar da sua carne. Estacamos de repente. Um velhinho de preto atirara-se ao solo em sua frente para lhe beijar os pés. E penetramos assim de enfermaria em enfermaria, de casa em casa, onde a sua aparição transcendia do momento, tornava-se angélica e bíblica.

Um engenheiro asilado que lidera os doentes, aguardava-a penosamente de pé, pois a reação do tratamento pelo promin o acamara. Mal podia se manter, seguro a um móvel. Ela sorria linda, sem emprestar à cena nenhum acento extraordinário.

— Herminio, você fez a barba, está bonito... Mas, que é isso? Deite-se!

O homem tinha os olhos baixos e chorava.

— Esperando a Senhora...

Todos a esperavam, a todos ela conhecia pelo nome e pela história. A todos atendia, mancos, paralíticos, mutilados e cegos. Os que as famílias abandonavam tinham nela a sua família. Os que os amigos não mais conheciam tinham nela a sua amiga. Um homem gesticulava, contando:

— Minha patroa não vem mevê, faiz quatro ano...

— Mulher não falta. Você se cura e casa outra vez...

— Mas é ela que eu tenho no coração...

Numa enfermaria, de cegas, do fundo de uma cama, uma voz gritou para a doente que ia ao nosso lado:

— Jacira! Venha aqui, eu quero te dar um beijo pra pensá que é Dona Conceição!

¹ Gilvaz — golpe ou cicatriz no rosto.

As duas se enlaçaram no silêncio.

E assim prosseguiu a visita entrecortada de cortejos, onde os cegos se perdiam na direção intérmina da noite silvestre, pensando que a acompanhavam, onde os emperrados corriam para vê-la ainda uma vez.

Ao meu lado, durante as horas do trajeto, uma mulher gordinha e baixa, de cabelos grisalhos, nos seguia. Conservou-se em silêncio sempre. Não cantou, não vivou. Não fez um gesto. Foi a última a nos deixar, quando já o automóvel do dr. Santamaria cruzava os portões fortes do asilo.

10 ago., 1947

CIVILIZAÇÃO

(Da Glória) – Encontrei desolado o meu amigo sociólogo:
– Desde que o êxito na terra suplantou a esperança no céu, o mundo caminha para o caos... Uma criatura que educa escravas arianas e está com isso bastante rica, disse-me cheia de orgulho:
– Olhe, sou filha de cozinheira. Subi, subi e hoje tenho esta organização... Uma sobrinha-neta do grão-duque Nicolau, cansada de ser secretária, resolveu empregar-se como "aero-girl" e estava de partida para Miami. Despedindo-se, no campo, teve esta frase: – Eu não disse a vocês que ia longe?

Esse conceito mecânico do "ir longe" podia-se inscrever no pórtico confuso do mundo novo. De fato o êxito no céu interessa quando muito o professor Alexandre Correia, de São Paulo, poucos padres e algumas naturezas franciscanas. Os Jesuítas organizaram a religião como conquista e fizeram da existência de Deus um teste na terra. De lá para cá a máscara da motivação religiosa mudou. Os crentes andam hoje atrás de Carlos Marx, com Prestes aqui, o Marechal Tito nos Balcãs e Thorez na França.

O mundo caminha para a solidão do indivíduo e para um amontoado de formas "realistas" que dão na economia a chantage, na política o pronunciamento, no amor o celibato.

Costa Rego, num dos seus últimos artigos fazia coro com o meu amigo sociólogo: "O mundo parece aceitar a idéia de sua

própria destruição". "Joaquim, é preciso morrer, morrer logo, sem demora"...

E Afonso Arinos que ainda tem o milagre de uma casa no Rio, examinava outra noite comigo a desdomesticação que preside à vida nova. Sendo ele um profeta da "Antropofagia", aceita de bom humor o nu e a tatuagem na mulher da cidade contemporânea, e vê que de fato a casa acabou. Como o primitivo de outrora, o primitivo tecnizado de hoje também não mora. Quando muito, dorme, ou melhor, ronca nos aquartelamentos de que nos fala Jaspers, num livro admirável. Lava-se no mar e nas piscinas, lê no avião ou no bonde, ouve na rua as notícias e irradiações públicas, come de pé, de pé bebe o seus drinques e chicorias e faz outras coisas mais.

Um dos fatos decisivos dos tempos novos é a deschristianização da própria morte. Hoje também ninguém mais "morre". Naquele sentido de vela na mão, para conduzir a alma até o Criador. O moribundo deixou a alma no prego, nos braços da vizinha do apartamento ou na torcida de futebol. Só os negros rezam e bebem no espetáculo dos últimos velorios. A morte passou a ser uma operação cirúrgica. Um acidente. "Pede-se que não sejam enviadas flores nem coroas." Há uma espécie de redução algébrica dos sentimentos profundos. O homem nasce na Maternidade e morre no Sanatório. O luto sumiu. E a família abraça pelo anúncio fúnebre de um jornal.

O poeta Carlos Drummond acaba de me passar uma coleção recente de estudos notáveis, intitulada "Chemins du monde". Um comício de desolações ocidentais sobre a quebra dos velhos padões de civilização. De fato, o europeu não entende mais nada, nem pode entender. Numa entrevista sobre o movimento antropotágico de São Paulo, publicada em agosto de 29 (quase há vinte anos) para a qual me chamou a atenção Alvaro Lins, eu denunciava as coordenadas cristas do próprio Freud, com quem só poderíamos ter "ligações estratégicas". Que sentido teria no matriarcado o complexo de Édipo? Que sentido teria Don Juan na tribo ou na Esparta poliândrica? E referia o absurdo de se chamar de inconsciente à parte mais iluminada do ser – esse "consciente antropofágico" que assume, às portas de uma nova Idade de Ouro, a liderança atual da civilização. Apoiado em homens augurais como Nietzsche e Kirkegaard e vigorando tanto no existencialismo como no marxismo ou na relatividade. Pretendemos ultrapassar em nossos minúsculos

atos a velocidade da luz. Faz-se filosofia no jornal e política nas paredes. Não há tempo para nada. O tempo é uma relação de devoração. O homem normal escanhoa a barba telefonando, fumando charuto e namorando a manicura. Porque tem que estar às dez horas no banco, às dez e dez no advogado e embarcar para Nova Iorque às dez e meia. E assim vai alto e longe, como a princesa datilógrafa.

É a presença duma nova era que ainda não tomou conhecimento de si mesma. Se Funck-Brentens constata em "Chemins du monde" que a moral tinha se tornado formalista, a arte repetição, a ciência dialética, pensa no entanto que a "*remontée aux sources*" é apenas uma descida para a morte. Descida sim, mas apenas do homem mediterrâneo que fez a longa marcha técnica sob a moral do escravo e criou a teimosia fecunda de Sísifo. Porque chegamos ao fim. E num bom riso, podemos anunciar com a liberdade a segunda dentição do Antropófago. Do Antropófago atômico.

12 ago., 1947

AMIGOS SILENCIOSOS DO BRASIL

(Da Glória) – A agitação que precede a Conferência da Quitandinha dá a medida da importância do congresso internacional, onde se pretende unir para brigar.

Vivemos na América, na vertente da Democracia e da bomba atômica, e, portanto, nosso lógico destino é aquele mesmo dos intelectuais no Partido Comunista – carregar munição.

Longe dos brilhos e das galas fecundas desses Congressos, alguns homens tecem o fio precioso da amizade pelo conhecimento, entre o Brasil e os Estados Unidos. Quero me referir à recente visita de dois intelectuais americanos que nos procuraram pelo puro interesse do espírito. Um deles ainda se encontra entre nós, em fim de visita. É ele o professor Lee Hamilton, da Universidade de Texas onde se ocupa do ensino da literatura brasileira. Outra é a do inolvidável Samuel Putnam, de Filadélfia, onde teimosamente divulga a nossa melhor produção espiritual. É hoje ele o consagrado tradutor d'"Os Sertões", de Euclides da

Cunha. Putnam é também o poeta e o literato, amigo de Hemingway, que pertence à famosa "geração perdida", correspondente à nossa geração de 22.

Lee Hamilton, apesar de muito moco dono de uma bela cultura, tornou-se mais do que um observador, um amigo dos escritores brasileiros. Em alguns meses de pesquisa atenta e viva, colheu material necessário a seus cursos no Texas, onde também dará estudos e artigos.

Seria curioso, como Portugal tem, termos a nossa literatura vista por estrangeiros respeitáveis. Uma história de nossas belas-letras, ou mesmo de alguns dos seus períodos ilustres, marcaria mais um tento na campanha necessária à aproximação americana.

A idéia pode e deve ser aproveitada por ambos ou por qualquer dos dois intelectuais da República do Norte que tão bem sabem fazer a divulgação de nossas coisas.

Lee Hamilton visitou Minas e São Paulo e sua imparcialidade parece ser tão robusta que resistiu, ao que me dizem, a todos os venenos de um de seus guias e companheiros de viagem – o escritor consagrado d" "A estrela sobe". Marques Rebelo não conseguiu perturbar a seriedade do professor Lee Hamilton, o que constitui uma séria prova de resistência.

13 ago., 1947

OS TEMPOS NOVOS

(De São Paulo) – O jantar terminara no apartamento do grande artista, em Copacabana. E o antropófago do salão falou:

– Vamos longe dos saudosos tempos de "nu artístico"! A erótica da selva já foi atingida através do esporte e da praia. A polietrotica que Havelock Ellis assinala como condição de monogamia, exacerbou-se até a compreensão e o aplauso de um conceito matriarcal da família. Isso, mais que na Rússia, nos Estados Unidos é um fato. As mulheres e que regem as grandes fortunas. Voltamos às amazonas do tipo bancário...

– E que vantagens nos oferecem essas formas novas da civilização? indaga interessada a visita bonita.

– Crê a senhora que seja uma desvantagem o filho de direito materno, que volta lenta mas inflexivelmente a ser o filho tribal, o filho da coletividade, em vez de ficar o pequeno bandido de rua, o “anjo de cara suja” ou o aristocrata vomitivo que ainda esplende com suas usurpações na constelação da família burguesa? No mais, que desejamos? Algumas velhas e invencíveis reivindicações libertárias, isto é, a supressão da guerra e do Estado. A guerra já não existe, é uma operação matemática de estado-maior: tantos tiros de canhão terão como resultado a tomada da cota 2.197. Custarão tantas vidas. Tantos bombardeios darão o resultado x. O homem no meio dessas equações da devoração tecnizada, desaparece. É apenas um número, uma carteira de identidade à disposição dos acontecimentos. Entra antes de morto na categoria do “irreconhecível” dos desastres de aviação. A guerra perdeu a sua imensa sedução que era o espetáculo. Acabou em Delacroix e Pedro Américo. É uma porca carnificina a serviço duma porca política. Tem que acabar!

– E o Estado?

– O Estado existe demais. Os lambaris do armamentismo juntam-se em torno de dois colossos, os Estados Unidos e a Rússia. Ora, nos Estados Unidos já desapareceu essa concepção de chefe autoritário e estranho, que é uma sobrevivência dos mandatos renascentistas, legitimamente outorgados noascimento dos governos nacionais sob o modelo do manual de tirania de Machiavel. E a Rússia é um Super-Estado a serviço da destruição do próprio Estado. Quem negará isso?

– Ora, a Rússia é uma ditadura...

– No entanto, alguns líderes marxistas, como Dimitrov e Thorez, já declararam, ao que estou informado, que não é necessariamente através da ditadura do proletariado que se realizará hoje o socialismo. A ditadura do proletariado é uma etapa ultrapassada, graças à técnica, ao governo da técnica... que, na América, já fez do proletariado atual a negação do proletário inglês que inspirou, há cem anos, o Manifesto de Marx e Engels. O proletariado com exceção dos países atrasados, vai sendo o contrário da classe que cresceria em miséria revolucionária e expansão horizontal pelo mundo de um capitalismo sem freios nem entradas. Uma *entente* obscura mas teimosa, vai-se elaborando nas relações sociais. As melhores famílias vicentinas de São Paulo acharam um meio de se regenerar, fornecendo aero-girls aos aviões da carreira...

O poeta cristão suspirou longamente.

— Eu também suspiro, concluiu o adepto do primitivismo tecnicizado. Pois que sofro em minha pele a transição. E na transição são as formas espúrias que tomam a frente — a erótica, a rapina...

— E na literatura?

— O dramalhão. O dramalhão fino. Também vomitivo. Charles Morgan...

19 ago., 1947

O CONGRESSO DE ESCRITORES

(De Copacabana) — O Senado hesita em auxiliar a realização do Congresso de Escritores de Belo Horizonte. Não deve hesitar. No sentido de ser concedida a verba, faço meu o apelo do jornalista Rafael Correia de Oliveira.

Esse congresso, além de tudo, vai ser um teste de primeira categoria, pois deve definir os destinos da A.B.D.E. isto é, dizer se a Associação Brasileira de Escritores continuará sendo um organismo de construção e defesa da cultura brasileira ou se, por capangagens eleitorais, caiu nas mãos inconscientes de uma maioria que não sabe nem o que quer nem o que faz. E vota o que mandam votar.

Como é público, em São Paulo, conseguindo alistar 400 "escritores", que em geral lhe dão cega procuração, apossou-se da A.B.D.E. um cidadão que faz coisas de teatro como faz aqui o sr. Paulo Babão. Apenas o seu físico é diverso. Chamam-no até de Donana Sofredora, alusão a um conto que publicou com esse título. Oriental e soturno, magro, calvo e acorcundado num sobretudo de loja, o sr. Mario Neme é a vergonha da colônia sírio-libanesa de Piracicaba. Enquanto os novos fenômenos se agigantam em empreendimentos fabris e bancários e dão na sociedade uma flor de distinção como Clemence Jaffet e a correção de Nagib e Gladstone Jaffet ou os Maluf por exemplo — no modesto setor do jornalismo remunerado, o sr. Neme cresceu como mandioca brava e tiriricou a única esperança que tínhamos — a de ver uma associação de classe apoiar de fato os escritores bra-

sileiros e dar relevo no país aos problemas da educação e da cultura. O sr. Neme, fora e dentro das apreciadas babonices que escreve, só quer saber da gaita.

Em entrevista publicada no "Correio Paulistano" de 5 de agosto último, o atual secretário de A.B.D.E. de São Paulo, a propósito do programa de Belo Horizonte, declara que o Congresso será objetivo, "nele prevalecendo os assuntos relacionados com os interesses econômicos dos escritores, como classe profissional". Depois, vendo que era demasiado grosseira e pueril a afirmação "já existe em andamento no Congresso o projeto Euclides Figueiredo e a emenda Plínio Barreto" ei-lo a fazer concessões: "Evidentemente problemas de ordem cultural e *até* educacional serão tratados". E aí vem uma grande afirmação com um enorme *também*. "Pois também fazem parte da vida profissional do escritor!"

Como se vê, o principal é a gaita. Depois *também* problemas de ordem cultural e *até* educacional poderão ser tratados no Congresso.

Sabendo que guarda no bolso do sobretudo, uma respeitável maioria de votos, decidiu o sr. Mário Neme proibir também que os congressistas de Minas venham a lembrar ou comemorar a Semana de Arte Moderna de São Paulo, que tem agora, em 47, o seu jubileu. "O fato de referirem pessoas mal informadas ou mal-intencionadas que o Congresso de Belo Horizonte comemorará o 25º aniversário da Semana de Arte Moderna não quer dizer que isso é verdadeiro. Pelo menos a *maioria* dos que deverão ali se reunir não tem intenção de transformar uma assembléia de profissionais em tertúlia literária." E declara soberano: "Posso afirmar que a *maioria*... tudo fará para evitar até discussões acadêmicas".

Esse burro não sabe que a Semana de Arte de 22 é Heitor Villa-Lobos, é Mário de Andrade, é Di Cavalcanti donde saiu Portinari. É toda a nossa literatura nova, com ela compromissa da pelo feito de libertação, de renovação e de nacionalização que ela representou. Esse asno tem a ousadia de vir declarar em público que falar da Semana num Congresso de Escritores é fazer "tertúlia". Não! O Congresso de Belo Horizonte já tem suas normas traçadas a metro pelo lojista Neme. Só tratará de *interesses materiais*. Mesmo porque (e é isto sobretudo o que apavora o procuraturco) qualquer "discussão acadêmica" poderia redundar numa declaração de princípios democráticos como a que honrou o Congresso de São Paulo em 45. E isso, pensa

Donana Sofredora, até seria capaz de fazer voltar o sr. Benedito Valadares ao Palácio da Liberdade! Mas o que importa não é o empalamento do liberal Milton Campos ou ver os intelectuais algemados como os Inconfidentes de 89. E sim perder, por qualquer inadvertência, o sr. Mário Neme o dipizinho que inventou. O qual funciona tão bem que, conforme ainda a entrevista, recolheu "somente durante o mês de julho último, relativa a direitos autorais sobre colaborações publicadas nos jornais de São Paulo, a soma de cento e cinco mil cruzeiros, em números redondos". Está tudo muito certo. Mas pergunto eu, dessa dinheirama, de que o sr. Neme com certeza não recolhe nenhuma comissão, quantas notas de cem cruzeiros viram grandes e honestos escritores como José Geraldo Vieira ou Graciliano Ramos?

O caso pelo que se vê, assume aspectos por demais curiosos. Ao romancista Guilherme de Figueiredo que tão brilhante se mostra na defesa e organização dos seus confrades, dirijo a pergunta – qual o conceito de escritor que vai enfim vigorar nas eleições e deliberações da A.B.D.E.? Esse do sr. Mário Neme que lembra as glórias do P.R.P. e pode falsear, anular ou amesquinhar os propósitos da sociedade?

Imaginemos um país sem médicos onde se resolvesse realizar um congresso de medicina. Havendo poucos clínicos farses iam entrar no certame, farmacêuticos, práticos e até curandeiros da região. E aí a maioria de boticários, dirigida por um padre-santo, resolveria que no congresso só se tratasse dos seus honorários...

E preciso acabar com as ousadias analfabetas do procurador Neme. Ainda na sua entrevista, transcrita pelo "O Estado de S. Paulo", ele mente quando afirma ter sido relaxada uma ordem do governo Vargas que me proibia de escrever. Essa ordem continuou de pé e foi encontrada nos arquivos do Dip pelo grande repórter David Nasser, conforme publicação feita no "O Cruzeiro".

Terminando, agride ele a França e ameaça com o nosso código civil, não querendo de modo algum, que sejam distribuídos aos nossos jornais, gratuitamente, serviços culturais vindos da melhor Europa. Por quê? Porque isso faz concorrência desleal aos seus quatrocentos de Gedeão!

A MR. TRUMAN

Senhor Presidente

Fui dos que tiveram o privilégio de ouvir a palavra de V.Excia. na sessão final da histórica conferência da Quitandinha. E dos que notaram o desembaraço esportivo com que o Presidente dos Estados Unidos fala, afirma, anda e sorri. Primeiro é a impressão física que marca, depois que a gente fixa, lendo e relendo o documento que foi o apogeu e o fim dessa oportuna reunião das nações americanas. Oportuna porque o mundo marcha para um desentendimento ciclópico e definitivamente já se formam os grupos que se vão defrontar, convindo portanto a cada um esse prévio exame de consciência e de munição que precede a todo sururu. Até a Argentina que parecia refugar, compreendeu sua posição geopolítica na vertente democrática que, por coincidência é também a da bomba atômica.

Do outro lado do globo, a U.R.S.S. se levanta, granítica sibilina e temerosa. São duas concepções do mundo que se defrontam, dois sistemas de vida, portanto não somente dois campos de interesse e de negócio. E é por isso mesmo que foi pena não se ter prolongado na paz a linha de síntese que presidiu ao acordo de Teerã e fez a U.R.S.S. e os Estados Unidos ganharem juntos a guerra.

Mas era essa uma solução idealista, uma solução no papel. Um só homem de boa vontade, tentou tomar a sério a dissolução da Terceira Internacional e acreditar no apaziguamento da gula imperialista americana, Earl Browder, que foi por quinze anos o porta-voz de Stálin na América. Do meu pequeno setor o segui e acreditei em bons termos marxistas que, depois da tese (Burguesia) e da antítese (Proletariado) devia vir a síntese (Teerã). Mas nada disso se deu e robustecidos os termos da contenda, defrontam-se hoje os arcanjos rivais para que, depois de uma guerra pior, sobrevenha mais uma vez, um mundo melhor.

Conheço as acusações que prevalecem contra a posição atual da U.R.S.S. E muitas delas me afigem profundamente. Sei que a militância comunista se enquistou na certeza de que todas as injustiças, todas as deformações éticas, todos os erros do Partido e de seus homens nada pesam no prato da balança que sobe para fazer contar o do êxito de uma revolução que melhore a existência de todos os homens. Assim, Stalingrado e a derrota

do fascismo justificariam os infernos de Koestler, mesmo verdadeiros. Mas isso não pode prevalecer, quando uma vez feito o teste, os resultados se mostram suspeitos ou negativos.

Aqui, no Brasil, por exemplo, esteve ligada ao cerne das melhores esperanças nacionais a figura do capitão Luís Carlos Prestes. A sua posição e a do seu partido em 1945 era até do imperialismo lhes tirar a cartola. Pois bem, em dois anos apenas, o clima caiu a tal ponto, que os assosios encomendados para a chegada de V. Excia, não deslustraram um segundo a manifestação livre com que o próprio povo do Brasil recebeu o Presidente americano.

E correspondendo a tantos augúrios, anunciou V. Excia, na Quitandinha que os Estados Unidos com o seu gigantesco poderio econômico e técnico, estão dispostos a prestar auxílio aos homens de boa vontade tanto americanos como europeus. Será isso possível e viável dentro da linha de privilégios grupais que macula o sistema capitalista? Abdicarão de boa vontade os detentores da fortuna de suas baronias bancárias e econômicas para dar passagem, como quer V. Excia., aos "direitos fundamentais de que deve desfrutar toda a humanidade"?

Eis o que desejamos. Que esses direitos, que são os mesmos que nos cafés existentialistas de Paris ou nos comícios políticos de todo o mundo se pleiteiam, não sejam mais objeto de mistificações ou descasos. E que com o progresso social que anunciam, o progresso técnico tantas vezes tolhido pelo interesse privado americano, leve às últimas consequências a humana liberdade.

Exceléncia, o progresso técnico foi que pôs em xeque as previsões catastroficas do marxismo romântico. O progresso técnico foi que fez o proletariado crescer na América, não numa expansão vegetativa, horizontal e revolucionária, mas numa seleção hierárquica de especializados e de *managers*. Graças a ele pôde a minoria de magnatas do Senado de Washington enfrentar a potência teórica dos sindicatos operários. E pode também hoje o ilustre Sr. Snyder mostrar-se mais amigo da onça de ouro do que do bem-estar da humanidade. Eu disse da onça e não do bezerro. Pois não é mais possível que os Estados Unidos se enclausurem num sistema fechado de financiamento e de lucro, quando o seu Presidente declara sagrado o direito de todos os homens "compartilharem dos benefícios da civilização presente" que são os "direitos à própria vida". As palavras de V. Excia, seguidas de atos, conseguirão quem

sabe? afastar ainda as ameaças torvas da guerra e trazer com a técnica atômica o anúncio feliz dos tempos novos. E desmentirão, com certeza, as suspeitas e os presságios maus que não faltam aos melhores momentos de efusão e de confiança.

Oswald de Andrade

6 set., 1947

MALAZARTE

(De Copacabana) – Na dissensão que tiveram os modernistas com Graça Aranha (eu em 25, Mário de Andrade em 27), coube a este fazer ao autor de *Canaã* as mais graves restrições. “Maeterlinquismo claudélico”, “simbologia grandiloquente e pesadona”, “filosofismo lírico e alaridal” foram frases de Mário que marcaram devidamente a impossibilidade de continuarmos ao lado do velho mestre. O encontro com Graça Aranha na Semana de 22 tinha sido um momento iluminado. Graça compreendeu que era preciso renovar as letras brasileiras e se pôs a nosso inteiro serviço. O seu discurso, abrindo as *soirées* agitadas do Teatro Municipal de São Paulo, é muito compreensivo e muito bom. Mas quando da excelente companhia quis ele passar à liderança, abriu-se o abismo que nos separava. Curioso é que o conhecimento e o amor teórico de um Brasil inicial era uma das obsessões do acadêmico ilustre. Além das páginas conhecidas de *Canaã*, ele nos deixou como seu grande cometimento nacional o *Malazarte*, escrito e publicado em francês. E pensado também em francês. Querendo exaltar um símbolo da vida rude e despertada do nosso sertão, Graça encheu o seu drama das obsessões que dirigiram sua obra, em torno do terror, da angústia e da separação, o que não deixa de fazer dele uma espécie de curioso teorizante do existencialismo. Mas, sem o saber. O que não possuía Graça Aranha era força criadora. O seu *Malazarte* saiu um eco fraco e fracassado do *Peer Gynt* e nada mais.

Tudo isso me vem à cabeça agora, quando leio outro *Malazarte*, o do escritor José Vieira. Confesso que nunca abordaria um tema desses, tal a desmoralização que toma conta das criações populares quando se procura enquadrá-las na literatura. O meu

espanto foi grande. Pois da primeira à última página de "Vida e Aventura de Pedro Malazarte", o escritor nordestino humaniza com tal força e tal verdade e em tão boa prosa, a figura lendária, que nos dá uma autêntica obra-prima. Alguns trechos como Dentuço, o Anti-Cristo na Estrada, Fim, são da melhor amostra do que é todo o livro – uma antologia do nordeste.

Curioso é que Graça, querendo recriar um tipo da selva brasileira, atacava o nosso selvagismo na fase "pau-brasil". E por isso mesmo, muito mais próximo de toda a literatura modernista acha-se José Vieira. E melhor ainda, é grande o seu parentesco com o Peer imortal de Henrik Ibsen.

9 set., 1947

DA RELATIVIDADE

O cientista calvo, na confeitaria agitada, parou de lambiscar o sorvete.

– Não sei se isto é pistache ou pedaço do trilho da Sorocabana!

– Está ruim?

– Não. Está ótimo até. Mas é que eu não sei mais nada. Ou melhor, não tenho mais certeza de nada. Não sei se estou numa cadeira ou num para-quedas. Só o homem que não sabe nada é que sabe.

– Velho paradoxo!

– Qual! Vocês ai fora não conhecem a relatividade. O meu mestre Bertrand Russell me ensinou isto: "Podia supor-se que se possuo quatro pesos de um quilo cada um e os coloco em conjunto sobre o prato da balança o peso total será de quatro quilos. Terna ilusão!"

– Antes dele, as donas de casa já sabiam disso...

– Exato. Eu por exemplo tenho um açougueiro relativista. Quando encomendo quatro quilos de carne, só recebo três e meio. E a culpa não é dele nem da balança é de Einstein.

– De modo que quando o velho Dostoiewski dizia que era uma imprudência afirmar que $2 + 2 = 4$ não estava louco nem fazia *blague*...

– Profetizava, meu caro! Ouça ainda Russell: "Quando quatro átomos de Hidrogênio se juntam para formar um átomo de Hélio, a subtração é notável. O átomo de Hélio é perceptivelmente menor que quatro átomos separados de Hidrogênio!"

– E por que isso?

– Depende tudo da velocidade...

– No caso da carne, evidentemente, depende da velocidade com que o açougueiro nos rouba.

– Foi Meyerson, outro grande físico quem afirmou que a realidade é uma mentira de cem cabeças, que, cortadas ressurgem outra vez.

Nesse momento, houve um bolo na porta. Gente exaltada gritava: – É ladrão! Ladrão! Um homem sem gravata procurou esgueirar-se atrás de um aleijado que pulou na muleta. Um inspetor de óculos segurava o rapaz pálido e espalmou-lhe uma valente bofetada na cara: – Você aqui? – Não roubei. Dez vozes gritaram: – Roubou! Eu vi! Temos certeza!

O cientista concluiu, levantando-se:

– Vou tirar esse inocente da cadeia e fazê-lo abrir um açougue...

11 set., 1947

UMA FESTA DE MÉDICOS

(De São Paulo) – Encontro aqui em rodas amigas o eco de uma homenagem feita há dias a Horácio Keneese de Melo, pelo brilho com que conquistou em concurso a docência da cadeira de propedêutica geral na Escola Paulista de Medicina.

Horácio é o grande segundo Jairo Ramos, sem favor a grande figura clínica de São Paulo. Tem acompanhado o mestre nos congressos que se realizaram este ano, na capital do México e outro em Salvador, dando a ambos o seu excelente rendimento.

A Escola Paulista de Medicina é um ninho ativo donde continuam a sair profissionais de primeira água. Fundada pela inquietação imaginosa de Otávio de Carvalho, foi consolidada por Lemos Torres e tem agora na sua direção Álvaro Guimarães.

São Paulo já deu à militância médica no Rio algumas grandes figuras, como Berardinelli e Capriglione. Ia também escrevendo o nome de Pedro Nava, porque não posso falar em médicos sem me lembrar desse meu irmão em poesia e primo com pequeno bandeirismo (somos ambos quintos ou sextos netos do paulista que fundou Baependi). Mas Nava não é de São Paulo, é deste e do outro mundo.

O importante nessa festa de médicos foi ver como esses homens se portam bem em sociedade. Falam pouco, direito e com espírito. O meu caro Sobral Pinto vai ficar de novo zangado, mas os advogados são horrorosos na tertúlia. Conheço os meus colegas de turma. Solenes e sinistros, gesticulam e lêem grandes calhamaços que não dizem nada, senão do narcisismo que os enleva em balões de modestia. Era de ver a alegria menineira com que os médicos de São Paulo souberam comemorar os triunfos de Horácio Keneese de Melo.

19 set., 1947

WASHINGTON LUIZ

(De Copacabana) – Foi seguindo como reporter uma caravana presidencial que conheci o secretário da Segurança de São Paulo, Washington Luiz. Antes tinha-o visto intervir pessoalmente, com energia invulgar, num embrulho de trânsito que atropelava mulheres e crianças na pequena capital. E estranhei que tão aavelmente ele se aproximasse dos mocos jornalistas que iam no trem. Nossas relações se estreitaram quando fundei e dirigi *O Pirralho*. Ao seu lado me bati contra o hermismo e fiz a campanha civilista de Ruy Barbosa. *O Pirralho* teve os seus momentos de perigo e de glória. Seus artigos e páginas devidos ao lápis de Voltolino, eram reproduzidos nos jornais do Rio.

Prefeito de São Paulo, Washington Luiz ligou-se, por meu intermédio, ao poeta Emílio de Menezes que o visitava freqüentemente. Nele havia, além do político, o historiador. E, como poucos homens públicos, tinha fácil o convívio intelectual. De modo que foi sob as suas visitas presidenciais que se organizou o Modernismo e se fez a Semana de 22, sendo o próprio órgão oficial, o *Correio Paulistano*, o jornal dos revolucionários da literatura. Ai começaram Menotti del Picchia, Plínio Salgado, Cassiano

Ricardo, Osvaldo Costa e Hermes Lima. Mário de Andrade e eu tivemos aí nossa fortaleza.

A Europa me ligou de novo a Washington Luiz, então em interregno. Sua senhora, d. Sofia de Barros, fora internada num grande hospital de Paris, vítima de um acidente. Acompanhei-o nessas horas e vi sempre nele o estoicismo e a decisão. De volta ao Brasil foi padrinho do meu casamento com Tarsila do Amaral, quando já tinha sido eleito presidente da República. Diante da sua figura, o escrevente do cartório não pôde ler o termo. Em 30 veio tudo abaixo: a presidência, a civilização do café e o casamento.

O resto todo o mundo sabe, pois é história contemporânea. O anão Vargas subiu nas alvíssaras de uma revolução que trazia as esperanças da transformação do mundo. E o signo da malandra-gem imperou sobre a nossa fatal evolução histórica e política. Com seu senso divinatório, Washington Luiz afastou-se e silenciou.

O Brasil todo sabe como o Rio de Janeiro o recebeu. Era o nosso Washington que regressava, o nosso George Washington. Porque, se puritanismo houve, no sentido de virtude criadora, de fidelidade e de caráter, esse o teve o deposto de 24 de outubro.

Revi-o ontem no Palace Hotel e perguntei-lhe:

– Está contente com o Brasil?

Ele respondeu-me com o seu sorriso forte e generoso:

– Sempre estive contente com o Brasil.

24 set., 1947

NADA COMO UM DIA...

(De Copacabana) – Em "Geometria Civil" o poeta Cassiano Ricardo desnuda inteira sua alma trágica.

Ah! Eu sofro de ordem
mas em vão... um ângulo quebrado
logo escorre sangue
todo o meu futuro é um retângulo obscuro...

E nós que tínhamos dele a medida do cidadão exterior, cumpliciado de "deveres e obediência civil", vemos com angústia e alegria que se quebraram os seus ângulos oficiais e se rasgaram os seus galões acadêmicos. Do fardão que era um sudá-

rio, brotou um homem em carne viva, um homem onde medraram o anjo e a criança. Um homem inesperado e clamoroso.

O novo livro de versos de Cassiano Ricardo intitulado "Um dia depois do outro", é tão forte e significativo que desloca a partida de xadrez da poesia brasileira. É como se um valor novo adviesse. E esse valor vem do fundo da geração de 22.

Se nesse volume admirável restam ainda os brilhos e vidrilhos do antigo panteísmo nacionalista que lembram os seus versos passados, por eles tão comprometidos, em suas páginas passa a confissão de uma intimidade lírica poucas vezes alcançada com tamanha sufocação e dando tão novo resultado musical e plástico. Esse livro é o espelho quebrado do poeta, sua obsessão biográfica e sua completa magia. Só a violência de um imenso trauma nos poderia significar que nele o palaciano visível arrastava como um escafandro pelos labirintos diurnos o homem subterrâneo. Dessa escola de solidão, veio a confidência:

Não adiantam graças, as mais numerosas
Nem o céu me adianta quando de sobejo
A roseira branca dá todas as rosas
Imagináveis, menos a que desejo.
E aquela "Balada do Desencontro":
Ó tu que vens por um caminho
Quando eu vou por outro sozinho...

A insatisfação cruel conservou intacto o poeta dentro do homem público e do escriba. E ele agora se abre em pétalas de sangue para se encontrar, sentindo como nunca o prestígio das coisas no espanto e na dádiva.

25 set., 1947

AINDA O CONGRESSO DE ESCRITORES

Meu prezado Guilherme de Figueiredo.

Soube por um amigo, neste dia 25 de setembro de 47, que meu nome figurava numa chapa destinada a pleitear com mais intelectuais, a eleição para a equipe que representará em Belo Horizonte a Associação Brasileira de Escritores da Capital da República de que V. é digno presidente.

É verdade que nunca me desliguei da A.B.D.E. do Rio, de que fui fundador e secretário geral, mas depois do que aconteceu em São Paulo, o aparecimento do meu nome numa chapa daqui pode ser interpretado como uma demarque para eu ir a todo transe a Belo Horizonte.

Apesar da minha natureza ser gremial, disciplinada, conjugal e até afetiva (o que parecerá a muitos espantoso), não sou arroz doce de festa. E não quero ocupar o lugar que pode ter aí algum outro escritor. Digo escritor, porque de fato a chapa que vocês formaram, ao contrário da de São Paulo, é composta de intelectuais que escrevem, honram as letras e se editam.

Dias atrás, José Geraldo Vieira encontrou-se numa rua paulista com a autoridade policial de Marília, cidade onde vivera como médico. O beleguim avançou para ele de braços erguidos e com tamanha fúria que ele se julgou em perigo de ser preso. Ao contrário. Aquilo tudo era efusão. O sujeito berrava comovidíssimo: — Fomos eleitos! Fomos eleitos! Vamos juntos ao Congresso! O autor de "Quadragésima Porta" estranhou. — O senhor está enganado. Eu não posso tomar parte em nenhum congresso de polícia! — Mas é o Congresso de Escritores de Belo Horizonte.

Creio não ser isso possível no Rio onde há na A.B.D.E. menos abulia e mais pudor intelectual.

Além do que, meu prezado presidente, a minha saúde está bamba. Uma grave crise de hipertensão me colheu em São Paulo. É verdade que Berardinelli e Pedro Nava estão aqui me dando além de outras injeções, a de esperança.

Finalizando agradeço aos que se lembraram de tanto me honrar e particularmente ao poeta decisivo de nossa geração, esse insubstituível Carlos Drummond de Andrade, que indicou o meu nome.

26 set., 1947

MARAFA

(De Copacabana) — O "tenente" Etchegoien acabou com o Mangue. Mas o Mangue ficou na iconografia de Lasar Segall e ficou nesse pequeno romance tão grande, agora reeditado por Marques Rebello.

"Marafa" atira sobre a mesa o problema da literatura dirigida, participante ou simplesmente interessada e comovida.

Todo mundo sabe que nas lutas sociais há duas posições que às vezes se chocam, às vezes dialeticamente se completam. É preciso tudo sacrificar pela causa, pelo partido. Tudo mesmo a liberdade de ver e a de criar. Outra – qualquer progresso é revolucionário, mesmo que tenha as cores neutras da fidelidade.

"Marafa" pertence a este segundo grupo. É fiel ao desastre social que deu o "Mangue"¹ em nossa civilização. Mas nos escâinhos dessa Pompéia submersa sob os orgulhos urbanos da capital do Brasil, o homem e a mulher reivindicam a sua nudez e renovam a condenação que preside a todo amor indelével.

Os sucessivos quadros que o autor na sua magistral técnica modernista, desdobra em cinema, conduzem algumas das mais belas histórias da nossa novelística. O Teixeirinha é uma figura que escapou à observação machadiana porque Machado era das chácaras e não das paludes. Surgem, às vezes, notações fulminantes, de tão graves e profundas, como aquele ibseniano marinheiro, de nome Arquimedes, que quer tirar Risoleta da "vida" e lhe traz as coisas belas das terras estranhas e some no monturo da assistência. Encarnação inédita do novo fracassado da "Senhora do Mar". Ou aquele velho que vai para São Lourenço descorar em descompostura a icterícia que apanhou.

O livro termina nos caminhos em cruz que o inconsciente colocou entre dois cunhados, enquanto Risoleta esplende no suicídio, archote do Mangue.

27 set., 1947

CURAS

(De Copacabana) – Pompeu de Souza, numa bela crônica, fixou o aspecto realista dos milagres de Rio Casca, a Lourdes nacional que brotou, como toda linfa pura, dos esconderijos onde a vida anônima do homem é capaz de demíurgia. Distante e esquecido dos lugarejos onde habitam de mãos

¹ "Mangue" – bairro de prostituição no Rio de Janeiro.

dadas o silêncio, a fé e o milagre, este mundo do brodecaste, da rapina e da angina do peito é sem dúvida alguma admirável. Nem serei eu quem vá retratar o que julgo uma transformação urgente que levará o homem através da técnica ao seu último paraíso e fará dele enfim o parasita celibatário que sempre gulosamente ambicionou ser. Jogador de "buraco" com "excelentes" de short, em viagens siderais, comodamente dirigidas pelo rádio e pelo radar.

Mas, por enquanto, há ainda no coração dos mais denodados modernistas uma ternura de raiz por esse padre Antônio que pelo rádio – justamente pelo rádio – destrava braços emperrados há decênios e faz atirar para longe o amparo pesado das muletas.

Todo leigo sabe quanto há de autenticidade nas curas nervosas. E quanto em certas moléstias é viável o milagre clínico, pela sugestão e pela obediência psíquica.

O interesse é o que vai nisto de mistura da técnica mais progressista com o mais ancião ardor medieval. Como no caso dos hansenianos de São Paulo que voltam disciplinados aos leprosários, graças à magia não de uma freira ou de uma santa, mas de uma deputada do P.T.B., que foi atriz. Estes são mais materialistas que os variados sofredores de Rio Casca, pois na visita que fiz com D. Conceição Santamaría ao Asilo de Santo Ângelo, quando ela falava num discurso que Deus mandara o promin, alguns doentes apartaram: – Não foi! Foi a senhora!

A essas e outras efusões curativas assisti pessoalmente. Meu depoimento foi leal, pois sou até amigo da cientista Salles Gomes e seu admirador como do abnegado e discreto amparo dado aos asilados por sua esposa D. Gilda.

Gostaria de ir a esse fundo de Minas, onde ante os braços erguidos do padre de Urucaina, periclitava a tradição de um mundo normal e conformado com as suas próprias leis e desgraças. E sobre os dois casos – bem diferentes – pois o promin é ciência pura, quereria ouvir a opinião de um mestre da medicina avançada, um Otávio de Carvalho, por exemplo, que agora acaba de provar em si mesmo, com êxito, um dos mais duros testes da cirurgia miraculosa – a esplenectomia¹ do dr. Quick de Boston.

30 set., 1947

¹ "Esplenectomia" – extirpação do baço.

DO EXISTENCIALISMO

(De Copacabana) – Quando se supunha que a razão cartesiana e o Espírito de Hegel iam dominar a terra e policiá-la, eis que nas ruas desconhecidas de Copenhague passa um pequeno louco clamando contra o Absoluto.

Os livros de Søren Kierkegaard são monólogos sombrios fais-cando repentinas pedrarias e procuram interpretar a primeira queda e a primeira culpa como um fenômeno ontológico. Não é o pecado que reside no homem e sim a pecaminosidade.

O homem é imperfeição em si. E daí a sua sede de totalidade e de absoluto. Só o indivíduo é capaz de absoluto. Estava criada a filosofia existencial. Pouco depois, na Alemanha litográfica dos reis, onde longamente a tecnologia se dissimulou na filosofia, Frederico Nietzsche atacava a mediocridade européia e o reino da virtude e da lógica, repondo no destino do super-homem a Idade de Ouro anunciada pela saudade das eras primitivas.

O vitalismo de Nietzsche tinha como contraponto a angústia de Kierkegaard. E como a condução espiritual do mundo tivesse fracassado com o desgaste nos métodos do marxismo e nos postulados do cristianismo, é na filosofia existencial que o homem contemporâneo busca seu livre compromisso. Para os epígonos de Kierkegaard a vida é absurda. E no absurdo eles se decidem ou se enforcam. Como no começo, acontece ao homem encontrar-se ante o "nada". No "nada" ele se engaja ou contra ele luta. Carlos Jaspers, com a sua extraordinária acuidade, vê tornar-se possível uma volta à natureza na paz do atemporal.

4 out., 1947

UMA CARREIRA DE ROMANCISTA

(De Copacabana) – Gostei muito da falação que o velho José Lins do Rego deitou ao público e a seus amigos. Uma coisa simples e sincera, brotada do fundo da alma, como são brotados do fundo da memória os seus romances. Se Zé Lins andasse hipertenso como eu, e tivesse fugas de memória, seus romances talvez saíssem super-realistas, e então eu gostaria muito mais. Mas isso não

pode acontecer com um carioca civilizado e sadio que vive fingindo de caboclo. É a sua força e a sua glória. Todo mundo sabe que eu sou contra a "literatura de tração animal", pois creio que à época veloz de hoje não podem mais corresponder as formas de expressão lentas e monótonas de criação literária passada. Não digo que erre, como faz habitualmente Tristão de Athayde. Mas não devo ter completa razão. Ou melhor às minhas razões opõem-se outras muito fortes. O Brasil precisa de carne na sua literatura em crescimento. Há um Brasil marcado pela carne do flagelismo. É o que eu chamo de ciclo de Bagaceira, onde a obra de José Lins do Rego fulge como em látigo social. Mas basta de explorar o mesmo filão trágico do campo. Ele já nos deu algumas jóias.

Esse jecacentrismo, iniciado por Lobato, mesmo antes da Semana, esgotou as suas possibilidades. E só pode interessar quando no terno novo de um Guimarães Rosa, por exemplo.

Aliás, o próprio José Lins vai-se convencendo disso e abandonou a pública promotoria que tão bem exerceu contra os latifundiários do açúcar. Outros nordestinos, como Alírio Wanderlei e Lêdo Ivo também já se destacaram dos temas do engenho ou da seca. Basta de flagelados físicos ou sociais. Agora o problema já está no Congresso.

Não li ainda *Eurídice*. Mas o testemunho de seu valor, dado por Lúcia Miguel Pereira, Otávio Tarquínio e Aurélio Buarque de Holanda, enquadram a sua aparição nas livrarias.

Que continue a depor José Lins, com esse grande naturalista Otávio de Faria. "Todo romance é um caso íntimo que se faz público como um escândalo. Mas escândalo que é igual àquele das Escrituras, que vale como poder da verdade contra o silêncio e o medo das pusilâmines."

Essas palavras do autor de *Bangüê* são de primeira ordem.

8 out., 1947

MUSEUS DE ARTE

(Do Flamengo) – Quando ia telegrafar a Assis Chateaubriand, explicando a minha ausência da inauguração do Museu de Arte Clássica e Moderna de São Paulo, soube que ele já estava na

Espanha. Amanha deve almoçar no Canadá ou naquele maravilhoso Luxor de Assuâ, que guarda, ao lado das cataratas do Nilo, dentro de um conforto inglês a recordação de Cleopatra. Assis Chateaubriand vive velozmente diversas vidas. Uma delas revelou-se agora com esse esplêndido cometimento de dotar São Paulo dum museu de arte, onde, ao lado de um Goya, régio presente de Rosalina Coelho Lisboa, figura um Picasso.

Retoma assim São Paulo um aspecto de animação artística, perdido desde o encerramento dos "salões" modernistas, onde D. Olivia Penteado teve uma ação social quase que polêmica a favor da Semana de 22.

São Paulo caiu então numa modorra de mediocridade, em grande parte alimentada pela displicência erudita de Sérgio Milliet, que distribuiu medalhinhas e confeitos a uma sucia de quadrados naturalistas, dignos da Escola Nacional de Belas Artes. Segall ficou um isolado, e algumas fortes vocações não tiveram apoio nem ambiente.

A polêmica da pintura moderna prosseguiu no Rio com Portinari, apoiado por Carlos Drummond, Manuel Bandeira, Aníbal Machado e outros. De tudo pode-se acusar Portinari, menos disso. Ele foi quem conduziu o facho da renovação plástica no Brasil depois de 30.

A inauguração do Museu de Arte de São Paulo foi um sucesso artístico e mundano dos mais raros. Discursaram o ministro Mariani, a poetisa Rosalina e Marcos Carneiro de Mendonça. Disseram-me que se trata de fato de um museu [falla no texto] dois literaria — quem quer que a Cavalcanti, mestre culto do modernismo, e João Daudt de Oliveira, que lembra o convívio sensível de Felipe. Alias, à frente do cometimento Assis Chateaubriand teve o dedo de colocar Bardi, crítico e professor dos mais curiosos e ativos que conheço.

Agora será a vez do Rio. Sei que o sr. Rodrigo de Melo Franco de Andrade — que criou somente isto: o Patrimônio Histórico e Artístico, sacrificando a ele até a sua vocação literária — quem quer que a capital também tenha o seu Museu de Arte. Vai ter.

16 out., 1947

O LUTADOR

(Do Flamengo) – Esteve ontem reunida diante do altar de Nossa Senhora das Vitórias, na igreja de São Francisco de Paula, a família do *Correio da Manhã*, na data do passamento de Edmundo Bittencourt, ocorrido há quatro anos. Mais do que nunca, é necessário lembrar a figura destemerosa do lutador que tanto animou os caminhos democráticos e livres do Brasil. A sua obra infelizmente ficou nas coleções do seu jornal, e os moços de hoje mal podem aquilatar do que foi essa envergadura de liberal posta a serviço das causas boas da nacionalidade. Se constituiu um desafio perene às tiranias ocasionais a presença de Ruy no Congresso, de outro lado deve-se a Edmundo a completa dádiva de sua vida, da vida dos seus e da do próprio jornal em prol da liberdade de consciência e da liberdade de expressão em tempos de severa ofensiva da força contra o direito.

Muito se esqueceu essa época, de lutas onde se iniciaram as revoluções contemporâneas, destinadas a colocar o Brasil no caminho constitucional que hoje ele trilha.

Quase nada se sabe das ameaças ditoriais que queriam, através do hermismo, relegar o país à condição de uma terra de pronunciamentos e de golpes. Edmundo foi um dos esteios da ordem legal e da consciência democrática da República.

Quem o conheceu na intimidade, junto a Dona Amália e aos filhos amantíssimos, um deles falecido em Paris, pôde ver o outro lado de sua figura de bom brasileiro, simples e sentimental.

Hoje, quando o servilismo político se curva, com um frio de pavor na espinha, ante as contingências brotadas do caos que nos rodeia, lembrar a pessoa varonil do fundador do Correio constitui um benefício público.

17 out., 1947

DO OTIMISMO

(Do Flamengo) – Minha mulher deu o estrilo porque eu apareci trazendo para Antonieta Marília um livrinho de figuras onde se desenvolve, em minúscula odisséia, a história de um pretinho

havaiano que sai com um macaco numa tina, naufraga, se salva, dribla uma onça, cavalga um avestruz e volta radiante para a casa paterna onde é recebido com festas e jantares. A esse filho pródigo de nova espécie, não sucedeu nenhuma desventura dessas que comumente acontecem a qualquer adulto que sai de casa com todas as precauções e galochas e volta resfriado ou em pedaços pelas alegrias do bom tempo e do trânsito. Dizia ela: — Para se ensinar uma criança a viver no tempo de hoje, devia-se imaginar o contrário, o negrinho aventureiro morria antes de começar a história e o macaco não ficava para contá-la. Se chegasse à ilha, o avestruz ajudava a onça a comê-lo. É assim a vida e é assim que deve ser ensinada às crianças.

Eu então expliquei-lhe que existe uma pedagogia do otimismo que está sendo posta hoje em prática pelas duas lideranças do mundo: a americana e a soviética. Para os russos o ideal absolutista que tende a pôr o mundo no bom caminho justifica tudo. Por paus e por pedras, o comunista é uma criatura eleita e intocável, acerta sempre e nunca cometeu nem meio crime. Do lado oposto, os americanos têm outro método de imbecilização coletiva. É a mística do êxito. Como se vê, é um preparo ativo e eficiente para a confiança no que se resolve, no que se aceita e no que se premedita e se faz. Nunca houve anjos da guarda como neste apogeu do ateísmo.

— E como acabará?

— Na pequena guerra que vem aí!

22 out., 1947

ROCINANTE NAS FESTAS

(Do Flamengo) — Se alguma coisa há de sinistro e irônico é a presença oficial e ativa da mediocridade nas comemorações dos gênios. Um homem como Cervantes que caiu não se sabe onde nem como, que em vida não seria recebido por nenhum ministro de Estado nem suportado em nenhum salão ou silogeu, congrega os peregrinos de todas as academias, maiores ou menores, seniors ou juniors, para granjear deles aclamações, arrependimentos e discursos. Vítima da própria dor da vida, morto num catre, desamparado de qualquer conforto, talvez só na estalagem desconheci-

da onde fizera armar o Quixote cavaleiro – O soldado de Lepanto escuta assombrado do fundo da história um imenso alto-falante gritar, para lembrá-lo: – Burros de todo o mundo uni-vos! Talvez seja esse o grande sentido de sua obra, a epopéia do equívoco.

Prevalece evidentemente um sentimento de culpa espetacular, narcisista e indiscreto nessa *tournée*, das mesmas figuras que fizeram Cervantes na existência carnal, agreste e sarcástico – em torno do pedestal de sua póstuma glória.

Onde repousa o crânio do maior dos espanhóis? Ninguém o sabe. Mas para onde vai cheio de medalhas, etiquetas e tricórnios aquele grande d'Espanha do plágio ou aquele suado herói da subliteratura? Comemorar Cervantes.

23 out., 1947

PRESENTES

(Do Flamengo) – Para mim quem bateu o recorde do incômodo e de aborrecimento por causa de amigos foi aquele herói de Godofredo Rangel, a quem deram, num embrulho de jornal, oitenta contos de réis para trazer de Minas e serem entregues a uma firma daqui. O homem passou três dias sem poder comer, nem palitar os dentes, nem pregar olho. E no fim, ao contar o dinheiro, sob a vista desconfiada do gerente, constatou que faltavam dois contos de réis.

Essa mania brasileira de mandar coisas por amigo em viagem, me beneficiou agora com uma caixa de charutos especialmente enviada da Bahia pelo poeta Odorico Tavares, sob o patrocínio casagrandesco de Gilberto Freyre.

À vista do que senti de agradável surpresa, comprehendo a paciência dos que, nos hotéis vertiginosos de hoje, amontoam vestidinhos, brinquedos, livros e até pentes para regalo dos que no fundo de uma província esperam lembranças com olhos antigos.

Esse Brasil ainda não acabou. E pode até suceder que, num avião a jato, se mandem perus de recheio para a gula dos comilões do Natal. Nesse caso eu também quero um.

26 out., 1947

DIRETIVAS...

(Do Flamengo) – Num inquérito a que estão submetendo os intelectuais do Brasil, um grande romancista apontou como fonte de orientação sadia para a mocidade um chefe político que, no apogeu do fascismo, só não nos entregou à Itália de Mussolini e à Alemanha de Hitler porque a história não deixou. Pelo contrário, a força imanente da história – numa expressão do velho Assis Brasil – pôs esse quisling¹ de mama num regalado ostracismo, onde engordou, leu e plagiou os Evangelhos.

Mas – curiosa coincidência – bastou vir à tona o nome do sr. Plínio Salgado como “guia” de rapazes (rapaces, me diria com um sorriso antropofágico Blaise Cendrars) para que um espontâneo grupo de “jovencitos” começasse quebrando uma tabuleta de jornal e em dois dias e três tempos quisesse logo partir a própria espinha da liberdade. Felizmente a grita se levantou e se levantará por esses Brasis populares e insubmissos, que não aceitam mordaças desde a guerra holandesa.

Não deixemos que se faça confusão. Os comunistas são umas excelentes bestas. Basta ler o revide provocador do “grande político” deputado Pedro Pomar, para se ver como eles sabem cada vez mais afundar, perdendo pé no mar de oportunidades que inutilmente cruzaram.

Deixemos-los entregues à própria paranóia suicida. Acuá-los é prestar apoio às tiranias fáceis que, de gravata feita com a fralda verde da antiga camisa, espreitam nas esquinas o momento de trucidar não os comunistas, mas as modestas liberdades que conquistamos.

29 out., 1947

DA RESSURREIÇÃO DOS MORTOS

(De São Paulo) – Sobe do pequeno aparelho de rádio um rumor confuso e crescente. Um ah ah ah ah! estruge, envolve o quarto, onde venho visitar um amigo que perdeu a memória.

¹ Quisling – traidor, nome que tem origem no político norueguês Vidkun Quisling, morto em 1945, que ajudou a invasão de seu país pelo inimigo, serviu de agente de espionagem e foi governador títere dos invasores.

Como a noite está fria e borrascosa, resolvo não correr mais sob as patas sonoras dos cavalos e a voz dos burros de comício, como tantas vezes fiz. Estou ali, diante daquele homem deitado que, por ter assistido ao desenrolar deste meio século, tomou uma indigestão de fatos, de nomes e de datas e agora pouco se lembra das coisas. Indaga com a voz morna:

– Quem foi que chegou ao palanque?

– O Getúlio.

– E agora?

– O Prestes.

O aparelho extrávasava de aclamações.

– É um combate de box ou um duelo?

– Não! Os dois estão se abraçando.

– Mas esse Prestes é aquele que o Getúlio prendeu? Aquele da mulher morta num campo de concentração?

– Exatamente.

– E o Filinto Müller também está no palanque?

– Ainda não.

– E o Plínio Salgado?

– Deve estar por detrás do palanque...

– Explique o que eles querem...

– Derrubar o general Dutra.

– E o Ademar?...

– É contra eles.

– Mas não foi o general Dutra que deu força ao Getúlio para acabar com o Prestes?

– Foi.

– O Marcondes e o Borghi estão pertinho do Getúlio no palanque?

– Não. Estão com o Ademar.

– E aqueles homens que o Getúlio derrubou em 30, exilou em 32, massacrou em 37?

– Esses é que estão pertinho dele...

– O Pedro de Toledo também está?

– Quase.

Nesse instante uma voz forte escapa do microfone, sobe à estratosfera, desce e berra dentro do quarto: – “O maior dos brasileiros, o sr. Getúlio Vargas”.

– Quem foi que disse isso?

– O César Costa.

– É aquele do P.R.P.?

— Perfeitamente.

O velho ergue dos lençóis a mão descarnada, fecha o rádio e murmura:

— O culpado disso tudo foi o Washington Luiz porque acabou com a chácara do Barão...¹

Penso que meu amigo está delirando, mas ele conclui:

— O Washington, quando foi prefeito, mandou abrir o vale do Anhangabaú na Chácara do Barão de Tatui... Mal ele sabia que era o vale de Josafá que ele ia inaugurar...

Persignou-se.

— Estamos no Juízo Final, o único que resta ao mundo!

6 nov., 1947

ÊXTASE

(Da Cinelândia) — O aristocrata sussurrou à saída do cinema, onde Heddy Lamar acabava de repetir os gestos de Eva:

— Não há outra finalidade na vida. É um encantamento. Está certo, passado o êxtase, o homem e a mulher são seres desabrigados e disformes. Não valem nada. São a cara vomitiva da moral cotidiana. Voltam, porém, ao êxtase e se descerram de novo de par em par as portas do paraíso. Quando revejo esta exceção da tela que foi esse filme produzido há muito tempo em Praga, por gente então desconhecida, retomo a posição amável que se deve ter diante da humana aventura. Cada casal que passa na calçada ou que se senta a um banco ou a uma mesa de confeitaria, me evoca o êxtase. Sem o êxtase, não se explicaria a suportação calada daquele mútuo amuo. Condenados a viver e a se amar, homens e mulheres só se explicam no êxtase. O resto é cenário do êxtase, alimento do êxtase, recordação do êxtase.

— Você acha que esse público do fla-flu que deu patadas e urros, sem sombra de malícia, diante dos trailers amorosos entrevistos, pode ter sentido essa finura de celulóide que produziria depois o claro-escuro de Cidadão Kane?

¹ Trata-se da chácara do barão de Tatui, na rua Líbero Badaró, com o terreno descendo pelo vale do Anhangabaú. Quando foi preciso demolí-la, para abrir o Viaduto do Chá, no decêmo de 1890, o proprietário quis se opor, o que deu lugar a um motim popular.

— Sentiu. Sentiu a única coisa que compensa a falta de dinheiro, a mediocridade dos políticos, o racionamento, e a própria morte. Sentiu o primeiro dia da criação.

12 nov., 1947

DA LUTA

(Da Cinelândia) — A massa é um pesado cargueiro, cheio de sofrimentos, de cruzes e de brados. Não se movimenta a massa como um cavalo esperto ou uma lancha de turismo na calma de um lago. A fantasia política do capitão Luís Carlos Prestes anda muito além da realidade da massa brasileira. No fundo, o que resta nele do estrategista de movimento supera toda a teoria e a prática da ciência social que bebeu no marxismo. O velho guerreiro quer transpor para os quadros lentos da política nacional a tática da "Coluna" e o espírito de guerrilha que fez o seu momento de glória. E quem acaba surpreendido não é o inimigo e sim ele próprio. Prestes quer que a massa esteja um dia no Piauí, outro na orla do Paraguai, em seguida na Bahia, como os quinhentos cavaleiros fantasmas que acordaram com seus cascos revoltos o Brasil de 26. A massa tem que estar um dia com Vargas, outro contra Vargas, depois contra Cyrilo, em seguida de novo com Vargas e com Cyrilo. As mulheres indagam nos cortiços paulistas: — *Mas cumé? O Getúlio é ou non é um pirata fascista?*

No grande teste das eleições de domingo, o que se nota é que a massa resistiu. Prestes foi cuspido da sua sela de comando. A massa o derrotou.

13 nov., 1947

GURVITCH

(De São Paulo) — Uma hora de bate-papo intelectual com essa curiosa figura universitária de exilado russo no bar da Glória, em plena faina americana, me repôs de repente no sossego criador da velha e eterna Europa. Georges Gurvitch é um dos três cismáticos

que fazem o contraponto filosófico da revolução moscovita no exterior. Com Chestov, desaparecido há alguns anos, e esse estranho Bardiaeff que abandonou a Nova Idade Média para nos oferecer um grande ensaio de metafísica escatológica, ele completa o trio que nos mostra ser o pensamento heterodoxo russo tão importante ou mais que o elaborado nos soviets. É o mais reservado dos três, tendo se dedicado à divulgação crítica e ao professorado. Infelizmente passou pelo Rio em branca nuvem e mesmo em São Paulo na Universidade, seu curso foi apenas percebido por meia dúzia de estudiosos. Gurvitch, considerado por alguns o pior dos bukharinistas, fala-me de seu desterro político. Nos Estados Unidos foi vítima de uma investigação aguda dessa doença que levou Wendell Willkie e se caracteriza como a doença do anseio. Um ataque das coronárias, o final, que aparece saltando as etapas sucessivas da angina pectoris. Até a doença nos tempos novos, queima as fases naturais do seu desenvolvimento. E o mal, como o avião, anda mais depressa do que o som.

Gurvitch conta-me de uma *fâ* de Bardiaeff que lhe deu uma casa de campo em Meudon, bem longe da Idade Média e do novo apocalipse. Fala-me de Marcel Mauss, esse parente desconhecido de Durkheim que cresce diariamente de importância. Cita-me o americano Kardiner cujas idéias rocam as de Antropofagia e diz que foi pouco severo no julgamento dos existencialistas alemães, feito nesse pequeno volume tão precioso que nos deu sobre o pensamento contemporâneo. Elogia Jaspers e ataca Heidegger. Está agora totalmente voltado para a Sociologia do Conhecimento.

No começo da noite estival, despedimo-nos no cenário da baía, sob o estrondo de um avião que corta o céu sobre os carros, as luzes e as árvores.

Para até quando?

16 nov., 1947

A MOÇA DAS LOJAS AMERICANAS

(De São Paulo) – Chamava-se Terra. Qualquer coisa Terra. Vinte e um anos. Morando numa pensão modesta. Só na Metrópole. Os pais pequenos lavradores do interior. Menina da Casa dos Dois Mil Réis.

São Paulo este ano tivera vinte dias de sol. O ano inteiro. Até dezembro. E nenhuma noite estrelada senão aquela. E nessa noite o industrial telefonou. Todo mundo saía para ver a noite estrelada. Ela afogou os cabelos, definiu melhor o batom nos lábios grossos e partiu. O carro do industrial rodou.

O guarda de obras, moço, forte e solteiro, dormia no seu rancho de Santo Amaro. No começo da madrugada ouviu gritos. Levantou-se num pulo. Tomou uma barra de ferro. Um automóvel passou veloz levando os faróis vermelhos. Um vulto agitava-se no campo. Ele correu para ela. Havia estrelas no céu.

Se José de Alencar mandasse no destino, haveria naquele instante um começo de romance. Mas não. Foi o fim. Pela manhã estava a moça degolada no chão. Com uma gilete. E o moço preso. Aqueles dois seres que antes do encontro sob as estrelas não se conheciam. Nem poderiam nunca se conhecer. Ele dormia. Era um guarda. E o industrial a trouxera no seu carro para o amor e para a morte, diria um soneto de Heredia. Foi também o que disseram as autoridades policiais. Menina de dois mil réis.

19 dez., 1947

BOAS FESTAS

(De São Paulo) – Um dos diretores da Sociedade Rural Brasileira pôs a boca no mundo porque as reservas do Banco do Estado de São Paulo estão sendo requisitadas por organismos federais, sem propósito algum. Como é o Banco do Estado que vem sustentando, na crise de crédito, toda a lavoura paulista e parte de sua indústria, se se fecha essa porta de confiança e salvação, virá a grita, o desespero e a quebra. Nos bons termos em que se anunciara o entendimento político entre São Paulo e a União, como fiador o sr. Novelli Júnior, fiel à sua vitória eleitoral, não havia senão a certeza de que fosse compreendida a situação anginosa de São Paulo. A esperança é a última que morre. Ao encontro dela o Banco do Brasil, afirmava nos jornais não existir a "tão apregoada retração de crédito", pois seus empréstimos se eram em agosto de 13.259, foram em outubro de 14.375. E o líder financista

Horácio Lafer afirmava que o "Banco do Brasil aumentara entre junho de 46 e junho de 47 o volume de empréstimos, de 800 milhões de cruzeiros".

No meio disso, na noite dos quintais, surge um tumulto. Corre gente, guardas. Um velho vai ser preso. Atira inopinadamente sobre os que o acuam, salta num espetáculo, escapa, escorrega, cai. É identificado. Hamleto Gino Meneghetti. Não querendo diminuir ninguém, o maior ladrão da história do Brasil. Que houve com esse homem? Deram-lhe perda, sursis, família. Ele fugiu. Não aceitou nada. Estado de irreconciliação social, estado de querela? Vocação aventureira? Excelência do nosso regime penitenciário, do nosso regime social? Como aquele egresso que atirou de fuzil sobre as filas de gente que esperava condução, na tarde pacífica da praça da Sé? Saudades da experiência de José Maria Alkimim em Neves?

E com isso anuncia-se mais um ano. Boas Festas.

20 dez., 1947

O PARANINFO

(De São Paulo) — No fim do ano universitário foi a colação de grau dos bacharelados de Filosofia um acontecimento. E que os alunos da turma final de 47 decidiram ir buscar no seu recanto de modestia e de estudo o professor Antonio Cândido para ser seu paraninfo.

Se esse moço é apenas um assistente da cadeira de sociologia, sua figura no entanto, transcende dos quadros universitários. Não sem razão. Alvaro Lins na sua quinta série do "Jornal de Crítica", abre o conjunto de seus estudos com uma introdução devida à pena magistral de Antonio Cândido.

O discurso do professor-critico não foi só um impressionante requisitório contra as falhas de nosso ensino e contra a pedanteria oca de certo magisterio superior. Foi também uma análise de posições intelectuais que dividem e empolgam o mundo de hoje.

O paraninfo situou-se excellentemente entre o desespero voluntário do existencialismo e o compromisso anulador que

exige o marxismo militante. Uma síntese magnífica dessas duas situações-limite. O seu discurso, que vai ser publicado pela revista "Paralelo" constitui uma página da melhor qualidade do pensamento e cultura.

3 jan., 1948

HOMENAGEM

(De São Paulo) – Na comemoração de D. Olívia Guedes Penteado que realizou o Museu de Arte, disse o seguinte:

"Em 1922 eu me achava no palco do Teatro Municipal, ao lado de Mário de Andrade. Hoje é como público que desejo saudar este ato de consolidação do modernismo entre nós." A comemoração de D. Olívia Guedes Penteado marca o jubileu da Semana de Arte Moderna. Passaram-se 25 anos sobre a tempestade que levantamos.

E que fazíamos nós, senão perpetuar o clássico que hoje aqui, nestas salas tão bem organizadas por Pedro Bardi, se liga aos nossos quadros, às nossas esculturas e às nossas aspirações?

No renovamento de 22, elevou-se por todos os méritos a figura de D. Olívia Guedes Penteado. Ela soube nos aceitar na crueza da luta e nos impor a uma sociedade onde avultavam a sua posição, o seu nascimento e a sua mensagem civilizadora. De volta de Paris, onde nos conhecera, apresentou-nos numa festa aos botocudos locais. E teve a coragem de nos dar a sua solidariedade e o seu prestígio, ante a ignara risada geral que nos recebia. Hoje, até os burros velhos daquele tempo que quiseram nos marcar com a irascibilidade de sua mágoa, nos mandam a adesão de seus ornejos. Os tempos mudaram.

No salão de D. Olívia Penteado foi que conheci o jovem jornalista Assis Chateaubriand. Ele foi um modernista da primeira hora. De lá para cá a possante rede de seus jornais se fez um eco vivo do nosso pensamento e de nossas realizações. Pelas colunas de "O Jornal", Tristão de Athayde nos mostrou ao Brasil. Foi no "Diário de São Paulo" que se publicou a "Revista de Antropofagia". Hoje avulta mais do que nunca a sua missão progressista. Entre os serviços que ele vem prestando ao Brasil, fica-

rá este de ter feito a burguesia nacional estacar na sua função digestiva. Só Assis Chateaubriand teria a coragem e o brio de dizer aos nossos homens ricos que era preciso cuidar de outra coisa que de suas alegres mortadelas e de seus cofres ferozes.

Como no século em que caiu a civilização grega e mais tarde, quando também esborrou a romana, hoje ascende e se espraia uma nova barbárie. Como naqueles dois instantes é preciso reagir em nome do espírito. Contra os alicerces de cimento armado de uma sociedade alarve e cínica, é preciso pontear a terra de conventos civis, de novas academias e de museus. Só a concentração da cultura salvará o mundo da civilização da rapiña, do pif-paf e do pileque.

Juntemos, portanto, ao nome venerando da pioneira da arte moderna no Brasil, o do grande diretor dos "Diários Associados", que criou em São Paulo o primeiro "Museu de Arte do Brasil".

17 jan., 1948

AVISO AOS NAVEGANTES

(De São Paulo) – Como o mar da poesia anda cheio de jangadas esperançosas, e útil anunciar que surgiu um cetáceo a estibordo da literatura bandeirante. Trata-se nada menos da *Revista Brasileira de Poesia* (não fosse a censura, ia sair do meu lápis *Revista Brasileira de Filatelia*).

Foi-se o tempo em que a espontaneidade e a ilustração da província ponteavam de imprevisto a tessitura de nossa vida talentosa, o tempo das revistas de título desafetado – Joaquim, José, Edifício, Paralelos. A província encartolou e resolveu invocar alguns nomes para despacho mais fácil da constelação paulista que quer suceder aos poetas de 22.

O signo do novo grupo é a cautela, não só no sentido de prevenção ou cuidado, mas a cautela de seguro que separa os que poem o talento a prêmio dos que têm a cabeça a prêmio. No bando destes me encarto para desmascarar a Eminência Parda de mais uma panela que serve nos braseiros paulistanos. É o sr. Sérgio Milliet quem pretende moregar a seiva dos novos poetas, a fim de dar uma morna e efêmera sobrevivência à neurastenia

em que se estiola e finda. Não é à toa que num dos poemas que a Revista estampa, vem dele o seguinte descuido autobiográfico:

“Vazio de quem errou o caminho
e percebe de repente que
não chegará nunca”
Percebe mas insiste...

Os moços em apreço desfraldam ainda a bandeira do neo-modernismo. Invenção respigada dos caminhos em que é fértil o sr. Tristão de Athayde. É sabido que tudo que é *neo* não presta. *Neo* é um prefixo que compromete e elimina qualquer propósito de criação. E poesia só é poesia quando é criação. Esquecem esses rapazes o triste destino de todos os *neos* da história do pensamento: *neoplatonismo*, *neokantismo*, *neotomismo*.

Não negarei o valor poético de algumas dessas estréias. Salva, por exemplo a Revista, um grupo de poemas do sr. Geraldo Vidigal, mas o que nela espanta é a leviandade do sr. Domingos Carvalho da Silva querendo entelhar a casa caída de Rodrigues de Abreu. E ao lado desse neo-esteta, que surge como o ledo Menotti da geração, vem a dupla de professor-aluno representada pelos srs. Carlos Burlamaqui Kopke e Péricles Eugênio da Silva Ramos. Ambos a distinção em pessoa.

Mas, já me dizia Cocteau no seu quarto da Rue D'Anjou: *La poesie c'est autre chose...* Francamente, essa geração tinha à vista mais alguma coisa do que a inebriante coca-cola do sr. Sérgio Milliet – a conferência notável que Gilberto Freyre pronunciou aqui sobre “Modernidade e Modernismo”, e o livro régio com que Cassiano Ricardo acaba de presentear o Brasil. Ou mesmo os grandes poetas que continuam vivos – Carlos Drummond, Murilo Mendes, Vinícius.

25 jan., 1948

DESTINO DA A.B.D.E.

(De São Paulo) – Está criado o ambiente para que Álvaro Lins dirija por muito tempo a vida social da Associação Brasileira de Escritores. Parece-me isso um favor do céu. Não só porque o crítico eminentíssimo seja um valor, mas, porque é também uma tém-

pera que com certeza não vai comer as pesadas moscas que aqui prazerosamente engole meu velho amigo Sérgio Buarque de Hollanda. Encabeça a A.B.D.E. em São Paulo, uma pequena camorra de capadócios à cuja frente se acham alguns turcos, sócios de bicos na imprensa e de cabeca colorida nos bares. Manhosamente por detrás das cortinas, faz dela o que quer o sr. Sérgio Milliet que aliás se deixa guiar pelo contínuo da mesma, o qual recebe as mensalidades. Sob o válido argumento de que a Associação não pode viver sem gaita. E quem manda a gaita a troco de título de escritor, é qualquer sapo que plumitive no Bairro do Pombo, ou brilhe na "Gazeta do Carandiru".

Não sei como Álvaro Lins vai enfrentar esse grave problema da conciliação dos recursos financeiros com a dignidade da literatura. Creio que a A.B.D.E. precisa de dotações para não se escravizar às conjunturas que a afigem. Talvez o Instituto do Livro possa manter com ela um comércio decente de mutuos serviços.

Como agora, aqui, se aproxima outro Congresso, desta vez o de Poesia, vai-se assistir de novo à ação subterrânea dos jocosos rapazes da A.B.D.E. paulista. É de ver o alto-falante do sr. Lourival Gomes Machado, tratar a poesia como já tratou o surrealismo, em doze *rounds* e fumaça. Um prazer!

30 jan., 1948

RETORNO ÀS BELAS-ARTES

(De São Paulo) — Toda São Paulo esteve representada na festa que foi a primeira reunião oferecida pelo casal Matarazzo Sobrinho, para inicio das atividades da Fundação de Arte Moderna, instituída por este industrial, amigo da pintura e da escultura. Desde o governador Ademar de Barros até o separatista Paulo Duarte, estavam nos salões da Rua Estados Unidos as gamas mais variadas do paulistanismo, da cronista-escritora Helena Silveira a Eurico Sodré, ao paisagista Volpi ao má-lingua Quirino, ao crítico e editor francês René Drouin, ao jovem poeta Geraldo Vidigal ao diretor do Museu Bardí, ao senador Roberto Simonsen. Holanda Penteado Matarazzo, que retomou a missão de sua tia sempre lembrada D. Olivia Guedes Penteado, abriu a estação expondo nos

muros enfolhados de seus salões uma amostra do que vai ser a galeria de arte moderna oferecida à Fundação por Francisco Matarazzo Sobrinho. Viam-se ali Mirós, Légers e Chiricos, ao lado de abstratos Magnelis e dum Arp impressionante.

Da coleção particular do casal que recebia, destacavam-se um auto-retrato de Modigliani e um dos melhores Braques que têm vindo ao Brasil.

O choque dessa apresentação modernista atenuou-se por muitas horas no melhor e mais animado convívio social. São Paulo retoma o caminho vanguardista que iniciou em 22. Desta vez terá as áreas conquistadas de três museus – o de Assis Chateaubriand, o de Matarazzo Sobrinho e o da Fundação legada por Armando Penteado. Fundação e Escola de Belas-Artes, orçadas para mais de setenta milhões de cruzeiros e cujo prédio já foi iniciado num grande quadrilátero do Pacaembu.

E terá também um Clube – o Clube dos Artistas e dos Amigos da Arte. Como se vê, grandes coisas se aprumam.

3 fev., 1948

JUCA COR-DE-ROSA

(Da Cinelândia) – No estilo de comunicação “Ao público e aos meus amigos”, o sr. Domingos Carvalho da Silva tentou explicar e atenuar a pequena catástrofe literária que foi o aparecimento, em São Paulo, da *Revista Brasileira de Poesia*. Começou por jogar no fogo o seu amigo e mentor Péricles Eugênio, desautorando o seu manifesto neomodernista. Agora já o artigo de aparição “traz a sua assinatura e é de sua responsabilidade pessoal”. Infelizmente o agônico sr. Sérgio Milliet já tinha afobado, reproduzindo-o na qualidade de manifesto, pelas colunas de um grande jornal paulista.

Soou a retirada! Mas não é a poesia que está em pânico. É a antipoesia. O sr. Carvalho deve-se convencer de que não possui nenhuma espécie de graça – nem a de Deus que o deixa pecar contra seus amigos, nem a das Musas e muito menos a outra que não cabe num novato da pena, cheio de impropriedades e vazio de chiste.

O que o destaca é sem dúvida a leviandade ativa – isso que coube no Movimento de 22 e que fez de meu amigo Menotti del Picchia um bombardeiro assustador e eficaz. Escrever de qualquer modo, mesmo misturando e confundindo. Hoje, porém, há crítica no Brasil. No que o sr. Silva deve ficar é na imitação do velho lutador de "Juca Mulato", pelo trilho ameno e seguro da poesia sentimental e com medida. Para isso sobram-lhe afinidades e títulos.

5 fev., 1948

A PAZ

(De São Paulo) – Abro o jornal e releio: "Estamos em condições de afundar a frota americana. Contra a sua bomba atômica empregaremos a nossa. Nossa comandado fará suas divisões ocuparem Paris em 48 horas, vencendo qualquer obstáculo". São declarações atribuídas ao marechal Tito, da Iugoslávia.

Se não são verdadeiras são lógicas. Estão perfeitamente de acordo com a atitude agreste que tomaram em todo o mundo os partidos comunistas. E a gente agora comprehende o incompreensível. Que desde a primeira hora, com o armistício ainda fervendo, uma atitude sectária, anti-humana e anti-histórica empolgou aqueles que se reclamavam a responsabilidade de um progresso dialético para o mundo.

Nesse crescente pandemônio, uma figura brasileira tem chamado a atenção mundial. É o sr. Osvaldo Aranha que pela sua ascensão parece mais um inglês de origem vitoriana do que um gaúcho irrompido das hostes revolucionárias de 30. A sua voz na ONU tem-se feito ouvir como um oráculo sereno e vigilante. Atribuir-lhe o prêmio Nobel da Paz é um imperativo da consciência civilizada e civilizadora.

Seria para o Brasil, além de uma honra justa, um desagravo. Pois é público que um trêfego tabelião de São Paulo por ter escrito há meio século em calhamaço sobre uma ilha que se conhece tanto como o livro, teve a ousadia de se candidatar à máxima recompensa do pacifismo. Trata-se do sr. Fernando Nobre velho *dandy* muito distinto e grande admirador de Mussolini e de Hitler, o qual se tem feito ouvir por certas desprevenidas rodas universi-

tárias da América e da Europa, tal a fuçação e o mexerico que faz em torno de seu nome e de sua autocandidatura.

Aqui em São Paulo, com essa brincadeira de porte internacional, o pacifista desconhecido já ganhou muito. No Automóvel Club o chamam de Fernando Nobel.

6 fev., 1948

SERÃO

(De São Paulo) – A grã- fina de cabelos luzidios, berrava com a boca pintada e grande, um copo enorme de uísque na mão.

– O Neruda traiu o Ganges! Vocês vão ver! Agora a Inglaterra segura outra vez a Índia...

A roda de homens sorria na penumbra daquele terraço noturno do Jardim da América. O marido da locutora, vexado, interveio:

– Não é Neruda! É Nerhu! E o Ganges é o rio...

– Eu sei, ora essa! Ninguém me dá lição.

O político desiludido falou:

– O Gandhi era o que restava de Idade Média no mundo. O golpe desferido contra ele foi de fato um golpe contra as potências que gozavam o atraso da Índia. A Índia tecnizada é um perigo. Uma equação cujos termos são a densidade demográfica e a ausência de técnica guiou até agora o estágio agrário em que Índia permanecia...

– Mas a Índia se libertou...

– Até o Brasil se libertou. São os tempos novos. Há uma consciência coletiva que vigia e contém as velhas garras imperialistas... Veja o Panamá!

– Ora! Ora! gritou um linha-justa que se dissimulava na sombra gozando um velho Porto.

O político prosseguiu:

– A equação brasileira é – muita terra, pouca gente, nenhuma técnica. A hindu é – muita terra, muita gente...

– E muita fome...

– Aqui também há fome!

– Ora fome! Passe aquele caviar!

— É bolchevista...

— Excelente!

A confusão estabelecer-se. Então, entre gritos e risos uma voz berrou:

— Hoje no mundo inteiro o que se quer é jejuar... O mahatma comia demais...

— Passe o patê que está muito bom... Viva De Gaulle!

— Quem não trabalha não come, dizia São Paulo...

— Comamos em São Paulo.

Um avião iluminado roncou sonoro no céu que se estrelava depois da chuva.

— Gandhi foi o último jejuador num mundo que só pensa em comer. Precisava ser eliminado!

8 fev., 1948

REFLEXÕES ATUAIS

(De São Paulo) — Azar dele! Exclamou o meu amigo louro e atlético. Bateram todas as encyclopedias e dicionarios ilustrativos da Biblioteca Municipal de São Paulo. E o diretor...

— O sr. Sérgio Milliet...

— Exato. Teve pudor de pedir emprestado uma Larousse...

— Ora, o consultente queria saber dele, que tudo sabe, se Montaigne vivera antes de Bacon. Escute só o que ele contou pelo *Estado de S. Paulo* de 31 de janeiro ultimo: "Expliquei-lhe que havia dois Bacons, Roger e Francisco"...

— Devia ter posto os dois em português Rogério e Francisco... ou em inglês!

— Mas isso não é nada! Ouça o que vem em seguida: "... tendo o primeiro vivido no seculo XVIII". Está *dezoito* em algarismos romanos. Não pode ser erro de imprensa. E depois: "Quanto ao outro era mais ou menos contemporâneo de Montaigne".

— Isso quer dizer que o diretor da Biblioteca famosa de São Paulo colocou Bacon de Verulan e Montaigne no século XIX (dezenove), isto é, ficaram sendo contemporâneos dele mesmo e do marechal Pétain?

– Exato. Não sei se ele anda com a cabeça atrapalhada ou se é porque aprendeu a pintar com uma turma de ítalo-brasileiros que fala coisas do outro mundo. Um deles declarou a um jornal, em 45, que devia ser concedida “anestesia” a Prestes...

– O sociólogo agora também é pintor?

– Também. Faz uns cartões-postais sombrios e pastosos. E foi por isso que, durante tantos anos através de sua daninha atividade crítica e jornalística, fez baixar o nível da pintura em São Paulo...

– Conte isso!

– Fica para outra vez... Por hoje, basta Rogério Bacon no século dezoito. E esta, que não sei se é de Agripino Grieco ou do jovem polemista Irineu Strenger: Serge Juste Milliet de La Palice.

13 fev., 1948

AS TAREFAS DO POETA

(De São Paulo) – Persiste a geração trintanária nos seus propósitos de levar avante um Congresso de Poesia, onde publicamente se liquidem o Modernismo e suas consequências, a fim de terem trânsito os neo-Casimirinhos de boa conduta e para que refulja de novo a tarde lustrosa de Bilac nos céus da nossa literatura.

Neste momento, em que a razão se dilata em novas dimensões trazidas pelo esboroamento de um mundo e o prenúncio de outro, os bombeiros ativos do sr. Sérgio Milliet procuram, sem aparelhagem nem crédito, extinguir as fornalhas onde apenas começa o Brasil de amanhã. Aos que indagam: – Por que tanto barulho em torno da Poesia, responde o velho Platão que mudar os princípios da música é tocar nos próprios fundamentos do Estado. O que esses inéditos velhotes desejam é criar um clima saudosista onde floresça de novo o perrepismo de São Paulo com seus tiros legais por detrás do pau e suas calmas e metrificadas loas à burocracia da vida e do verso.

O melhor sinal de que esse grupo não tem razão, nem força, nem futuro, é haver ele publicado no primeiro número da “Revista Brasileira de Poesia”, os versos admiráveis de Bueno de Rivera. Não acredito que o poeta moço de Minas caia no conto do neomodernismo. Ao contrário, sua madura ascensão o aproxi-

ma de Cassiano Ricardo, que acaba de consolidar com "Um dia depois do outro" a nova poesia do Brasil.

Veio um auto passou
Ia em meio o discurso para a estrela

Eis como os poemas de Bueno de Rivera interrompem, na Revista, o namoro sideral dos dois Silva com o mais ostentoso passadismo seresteiro.

Será inútil uma marcha a ré guiada pela displicência do valsista latejante ou pelas virtudes do morro pedagogo Kopke, quando o Brasil é mais do que nunca, a presença da poesia intencional e revolucionária de Carlos Drummond do *humor* de Vinicius, da liberdade de tonta de Murilo e da constante antropofágica de Bopp. Não falando noutros, por exemplo em Mario Quintana ou nos *maquis* da inspiração bissexta como Nava e Pedro Dantas.

14 fev., 1948

CONTÍNUO PERPÉTUO

(De São Paulo) – Um pouco de D.D.T. jorrou sobre o corrompido organismo da A.B.D.E. paulista. Foi eleito presidente da Associação Brasileira de Escritores, seção de São Paulo, o crítico e sociólogo Antonio Cândido. Reivindico para a campanha saneadora que realizei pelo *Correio da Manhã* o benefício dessa solução, contraria ao espírito de transação e panela que até agora desfigurou aqui a nossa associação de classe. Verdade é que, num cauteloso golpe, o turco Neme que até hoje se gabava, com razão, de ali fazer e desfazer, reuniu em turva assembleia, uma cumpliciada maioria e se fez nomear Secretário Perpetuo da agremiação. Isso, pouco antes das urnas que acabam de arejar o ambiente onde se refestelava, inútil e displicente, a abulia cardinalícia do meu amigo Sérgio Buarque. Foi-se o da Holanda mas ficou o das Arábias. Vejo daqui com ternura o que representa no horizonte econômico de Donana Sofredora

¹ *Maquis* – denominação dos grupos de resistência franceses aos invasores, durante a Segunda Guerra Mundial, que lutavam em terreno coberto por matagal.

esse bico vitalício que garante além de um aumentozinho no montepio, os bródios compensadores da sua insolúvel frustração literária.

Enfim, Álvaro Lins no Rio, secundado por Luiz Jardim e aqui Antonio Cândido talvez encontrem caminho para, pelo menos, alfabetizar a numerosa e animada família de carteirinha da Associação Brasileira de Escritores.

18 fev., 1948

CLARO-ESCURO

(De São Paulo) – A mulher de vestido ramado, o cabelo permanente, o par de luvas mole na mão, berrava gesticulando para o judeu gordo que descera atencioso até o meio da escada:

– O senhor precisa tomar mais cuidado, ter polícia aqui!

A multidão que enchia a “Casa dos dois mil réis” bipartiu-se em assembléia para escutar. Senhoras, meninos arregalados, pretinhos e japoneses – enfim, o que há de mais paulista farnelava ovo cozido, sorvete e cachorro-quente. Tudo besuntado de uma mostarda química que dava idéia de alma fabril da cidade.

– Que foi?

– Bateram a carteira dela!

Uma mulata gorda comentou:

– Japoneiz faiz fila prá botá essa mostarda até no sorvete, só porque é de graça!

A amiga encabulada, puxava pelo braço vazio a reclamante que transbordou:

– Onde é que já se viu? Pois eu tinha 800 cruzeiros na minha carteira prá pagar a matrícula dos meus filhos!

Mãos medrosas apertavam bolsas magras, bolsas gordas.

– Onde é que já se viu? Uma cidade onde se rouba assim em pleno dia! O senhor tome uma providência! Eu quero o meu dinheiro, não tenho outro. As crianças não podem ficar sem escola! Nesta cidade roubam, matam, esfolam. Todo o dia sai no jornal... Encontraram dois cadáveres num elevador... Estrangularam um relojeiro na avenida principal e ninguém viu! Isso não pode continuar assim! O senhor tem que tomar providências!

O judeu explicou tímido:

— A senhora sabe que São Paulo está cheio de batedor de carteira!

— Mas isso não pode continuar assim! Isso não é vida! Estrangular, matar, roubar! Não tem religião, não tem caridade, não tem justiça!

Longe, na tarde que descia sobre a estação Presidente Roosevelt, uma leva de emigrantes do campo desembarcou deslumbrada. Homens esquálidos e trôpegos, crianças dantescas e mulheres tísicas encaminharam-se em fila para a cidade mirifica.

19 fev., 1948

NA NOITE PAULISTA

(De São Paulo) — Assis Chateaubriand trouxera os artistas da Rádio Tupi para cantar na pelusa noturna. Uma duzia de amigos tinha sido reunida por Yolanda Penteado Matarazzo para festejar o aniversário de Francisco Matarazzo Sobrinho. Esse culto animador das letras e das artes trouxe para São Paulo uma coleção de obras-primas contemporâneas, que esperamos ver um dia ao lado da que Bardi organizou para Assis Chateaubriand — todas reunidas numa só fundação. O destino desta está nas mãos de D. Lilith Penteado, pois a sua dotação, ao que dizem, possuira uma renda de um milhão de cruzeiros mensais. Isso não deve ser nenhuma fábula, pois nessa corrida para dar a São Paulo presentes regios, a viúva de Armando Penteado acaba de adquirir um Franz Hals por setecentos mil cruzeiros. E já começa a se erguer no Pacaembu o possante quadrilátero destinado ao Museu e à Escola de Belas-Artes.

Mas, voltemos à reunião que nos ofereceu Yolanda Matarazzo. Ali encontrei velhos amigos, Marjorie e Jorgito Prado que estão tentando um setor industrial de móveis e cerâmica, ligado à arte atual, em colaboração com Di Cavalcanti, Quirino, Noêmia e Giuliana.

A uma mesa, onde o editor Malgeri brilhava, escuto um homem maduro e jovial dizer coisas fabulosas: — Uma vez profetizei a Litvinov: Você acabará fascista! E ele retrucou: — E você comunista! Não está saindo bem assim. Eu pelo menos, não tenho nada com os russos, porque os julgo apenas mongóis tentando,

numa constante histórica e radical, uma nova chegada ao Atlântico. Átila em 500, Gengiskhan em 1200, Tamerlão em 1300, Stalin agora... Enfim, vamos assistir à 3^a guerra púnica...

— Quem é Roma?

— A América...

Alguém observa:

— Uma Roma de cartão postal...

— Mas bem armada. Agora, com Arquimedes internacionais a seu serviço capazes de queimar não esquadras, mas a própria alma do bárbaro adversário...

— Quem é esse atleta?

— O grande Dino.

Apresentam-no. Dino Grandi de há muito tirou a barba e despiu a camisa negra e é industrial em São Paulo.

— Aqui sente-se a gênese... a gênese de tudo, me afirma o último chanceler da ida Itália.

20 fev., 1948

MÚSICA, MAESTRO!

(De São Paulo) — A quinquiaria estética e o mau gosto assustadoramente tomam conta do mundo. Se a Rússia Soviética baixa o nível das Belas-Artes e castiga os seus maiores gênios musicais (não falemos da pintura), pelo menos explica e defende o seu ponto de vista. Trata-se de um recuo intelectual, mas de um progresso dialético e político. É um regresso a fim de atender ao retardamento das massas.

A produção americana faz o mesmo, apenas com o fito de lucro, utilizando métodos sinuosos que acabam atentando contra a nossa vida espiritual. Como o perfume caviloso do resedá do cura era enxofre do inferno, o rádio que ronrona nas nossas casas e o pisca-pisca colorido que nos impingem obrigatoriamente, trazem em si a degenerescência de toda a nossa formação já por si tibia e sem defesa. Indago daqui se existe uma censura cinematográfica para permitir que nossas crianças menores de dez anos vão se contaminar no swing imbecil e nos trejeitos cretinizantes e imoralíssimos dos atuais desenhos animados.

Urge revigorar a "campanha tradicionalista de Gilberto Freyre em contra-ofensiva aos monopólios americanos que agora já mastigam na sua saliva os nossos pobres e medíocres artistas, com o deslumbramento dos seus cachês doirados.

James Burham que deu um dos livros mais importantes da nossa época, "A Revolução Gerencial", aponta na sua recente "Luta pelo mundo", uma solução que talvez salvasse o próprio mundo – ver baqueados depois de uma guerra – os dois colossos que estão, pela música, pela tela ou pela propaganda, pesteando o mundo de burrice e de graves e promissoras psicoses.

22 fev., 1948

CONVERSA DURA

(De São Paulo) – O meu velho amigo sentou-se pesadamente sobre a cadeira de vime e despejou todas as magoas que tinha contra mim.

– Por causa dessas ideias e que você foi expulso do Congresso da Lavoura, em 1929!

– E como quem tinha razão era eu, a revolução veio e tudo mudou mais do que se previa. O que eu propunha nesse Congresso tumultuoso era um acordo com o trabalhador do campo, a fim de fixá-lo ao solo da fazenda. E que tivéssemos menos francesas e menos automóveis para que o reajuste alcançasse outro sentido que o de farra. Eu era um pequeno fazendeiro e resisti ao microfone quanto pude, contra 1500 senhores rurais, capatazes e capangas, todos mais ou menos hidrófobos! Os que exigiram espetacularmente a minha retirada do palco do cinema República, são esses mesmos que hoje agonizam em raias e protestos contra o determinismo de certas situações sociais começadas justamente em 29. Acredite, estamos assistindo ao ocaso do fazendeiro de clube!

– Você utiliza essas expressões demagógicas para mascarar a própria demagogia!

– Meu caro, eu li e você também nas colunas dos nossos grandes diários, artigos tremendos contra o salário mínimo. Parecia que o mundo vinha abaixo porque se fixava o custo de

vida de um desgraçado em 200\$000, naquele tempo. Você não pode negar que é necessário dar um estatuto ao campo. O paulista rico...

– É melhor você aplicar a expressão que usou no Congresso da Lavoura – encalacrado!

– Encalacrado talvez, mas dono da terra e das leis. Ninguém nega que é necessário cuidar do trabalhador do campo e dos seus problemas. Você sabe quantos automóveis tem Araraquara hoje? Só cinqüenta! São Paulo terá quanto? Setenta mil! As cidades do interior e as fazendas ficam vazias para que se produza essa macrocefalia que está dando a São Paulo um aspecto babilônico com seus cadáveres de meninos estrangulados nos edifícios centrais sem se saber nem como nem por quem. Com seus tiroteios de apartamento e sua prostituição meridiana...

– Mas não será nunca com esses homens que estão aí...

– Eles saíram dos testes eleitorais mais recentes! Ou você está com saudades do Getúlio?

– O Getúlio é o culpado de tudo isso!

– O Getúlio é culpado de muita besteira muita tratantada, mas no fundo, a única culpada de tudo é a história.

24 fev., 1948

O CINEMA NA EUROPA

(De São Paulo) – A morte de Eisenstein vem produzir possivelmente um vácuo na grande produção que a tela russa inaugurou há muitos anos com o *Couraçado Potemkin* e outras grandes composições soviéticas. Em compensação, surge, num aspecto diverso, menos político e mais dramático e humano o novo cinema da Itália. Poucas vezes se tem assistido a um êxito tão pronto, ocasionado sobretudo pela qualidade inesperada dos artistas, ontem completamente desconhecidos e anônimos. O nome de Aldo Fabrizi – o padre de “Roma, cidade aberta” – está hoje colocado entre os dos melhores artistas da tela mundial.

Depois, justamente, desse documento da resistência popular italiana, aparece ele numa página do campo peninsular, entre fugitivos aliados e nazistas tremendos, com sua cara bonachona e

larga, evocando essa gente secular que Silone fixou em páginas imortais. Uma idéia – por que ao lado de Dario Nicodemi, que se anuncia, não se filma outra jóia antifascista que é *Fontamara*?

28 fev., 1948

POR FALAR DE EIXOS

(De Bauru) – O Nordeste expelle os seus filhos. O Nordeste engole-os. O Nordeste da seca e literatura, sociologia e saudade. Aníbal Fernandes, outro dia, com o seu claro talento trouxe a São Paulo os documentos da Mauricéia. O Nordeste é nu e pelado. Madeira deu. Durante os curtos quinze anos do sr. Getulio Vargas consumiu-se no bojo das locomotivas a maior reserva florestal do Estado de São Paulo. E o ditador em vez de retificar e eletrificar o velho tronco da estrada de ferro, que seguiu na sua construção o critério econômico do século XIX e de Maua, mandou tocar um ramal demagógico para o Paraguai. O da Bolívia já vai adiantado – e nos levará breve a Arica e ao Pacífico. Sera o eixo Arica–Santos. Interesses estratégicos ligados aos da zona petrolífera subandina, explica-me o coronel Lima Figueiredo, atual diretor da Estrada fazem desse cometimento um ponto alto da atual administração.

A Argentina já alcançou a Bolívia. Ha uma zona petrolífera sob sua influência. A outra é nossa. Assim se formam os eixos da paz e da guerra.

3 mar., 1948

DA JUVENTUDE MARTINELISTA

(De São Paulo) – Acaba de reviver pela sensação jornais, o misterioso crime do Martinelli que um ano atrás ensandeceu repórteres e autoridades atrás das pistas que oferecia a vida confusa do pesado casarão da Praça Antônio Prado. Afinal, um adolescente preso por acaso na zona do meretrício afirmou ter participado do trucidamento inexplicável do pequeno Davilson. Esse

menino de 13 anos era um dos mil que, sem profissão, vendem sapólio, palha de aço e outras doçuras pelos apartamentos e escritórios do centro. Numa noite do primeiro frio, justamente em março, fora fazer a entrega de um paletó de tinturaria a um frequêns do arranha-céu. Entrou, subiu o elevador, entregou a encomenda e não saiu. Alguns dias depois, o seu cadáver era encontrado irreconhecível junto à fornalha do prédio, onde devera ter sido atirado pelos criminosos para uma cremação sumária.

O caso não está ainda completamente esclarecido, pois há pesadas contradições nos depoimentos do preso, que evidentemente romanceia quando conta que o assassinato "por amor" se deu num dos soturnos corredores do 19º andar. E aí começa de novo aceso o interesse público. É que a tragédia se consumou não num corredor, mas num apartamento do hotel ou do prédio (há um hotel que ocupa alguns dos andares do Martinelli), esse apartamento era ocupado por alguém que não podia ser nenhum dos míseros trucidadores apontados. Esse apartamento era de um "grosso" dizem. E vem à tona a corrupção em que "grossos", "grã-finos", parvenus ou quatrocentistas mantêm pela gorjeta interessada, o desabrochar nefando de centenas de menores de ambos os性os, escapados dos cortiços, das favelas e dos casebres, para viver o espanto da cidade e a furiosa licença que ela abriga.

Outro dia ainda, eram dois adolescentes apontados como os matadores, por roubo, de um velho relojoeiro, caso ocorrido em pleno dia num apartamento do eixo central de São Paulo – avenidas Ipiranga e São João.

Nos Estados Unidos, dizia-me um americano ilustre, pela evolução matrimonial da sociedade, o filho já é quase de direito materno e providências controladoras são tomadas nesse sentido. Aqui, na lei escrita é o patriarcado que rege as funções domésticas. Mas o pai ou não casou, ou morreu ou vive bêbado no centro, ou fugiu. E as mães lacrimosas depois de uma descoberta dessas, declararam pelos jornais preferir que o filho assassino tivesse sido o morto.

O problema do menor berra pelos alto-falantes da desonra e do crime. Basta ver uma dessas malas que se divertem nas ruas noturnas dos bairros, juntando garotos de oito anos a marmanjos de dezoito, para se sentir o arrepio da inconsciência social que isso representa. O problema do menor aí está... Mas, ora bolas, temos mais que fazer, não?

16 mar., 1948

A CEIA

(De São Paulo) – O meu amigo sabido me puxou para o canto da varanda florida.

– É engano seu. Hoje ninguém mais se enforca por escrúpulos e muito menos vai para a cruz por compromissos ideológicos com o céu...

– Mas leia os jornais...

– Tudo se arranja, acredite...

– A traição anda no ar...

– Mas não anda mais nas ceias. Traição de quem? Quem foi que falou nessa palavra feia? Se fulano traír sicrano e beltrano traír fulano então sicrano arranja com beltrano o meio de traír fulano. E este e sicrano de novo anunciam que vão traír beltrano. E fulano apavorado se alia com beltrano... para traír...

– E beltrano e cicrano e fulano mandam você tomar banho...

– É possível porque eu sou fichinha e não sou político. Mas hoje não há mais a palavra "irremediável" no Brasil. As raposas se farejam e dão botes simbólicos que não matam ninguém. Você verá dentro de pouco tempo, de braços dados, beltrano, cicrano e fulano traíndo fulano, cicrano e beltrano...

17 mar. 1948

A CIDADE FORTIM

(De São Paulo) – Ao fim do jantar o professor disse:

– Não se trata de uma luta personalista nem do caso de briga entre X e Y. É uma constante, uma constante de nossa história, uma constante americana. Um sociólogo, de que não me lembro o nome, disse esta coisa spengleriana: – O que regeu sempre a vida e a formação da América Latina foi o homem-lei. E o homem-lei dentro da cidade fortim. Estou citando mais ou menos. Mas a ideia é essa e nela se contém toda a energia criadora do municipalismo americano e de seus pro-homens. Que foram os Bolívar, os Sarmiento, os Lopez como os nossos, senão homens-lei? Nós tivemos uma idêntica evolução, apenas com mais cosmético, mais cartola e mais latim. O nosso típico homem-lei foi Ruy. Chegamos a essa maravilha de ter um homem-lei legal.

– Sempre derrotado...

– Mas influindo poderosamente. Os homens-lei são geralmente ilegais como esse que criou, com a revolução trabalhista, a maior bagunça da história nacional, o sr. Getúlio Vargas...

– De modo que São Paulo...

– É a cidade-fortim, o município... Não se trata de um relatório de grande banco nem de um presidente de assembléia. A luta é pela descentralização que nos deu o progresso e a civilidade. Aliás, estamos refletindo o mundo num pequeno espelho... E como no fundo dos espelhos há sempre a possibilidade de um presságio...

– O que você está enxergando?

– Nada! A centralização... E a guerra.

19 mar., 1948

REFÚGIOS ETC.

(De São Paulo) – Basta atacar o comunismo russo para se ser tratado de fascista. Até o esclarecido Rubem Braga entra na fila dessa facciosa confusão que não o pode beneficiar. Agora é Malraux, cérebro de De Gaulle, que passa a ser apontado como fascista. No entanto, o próprio fascismo está ultrapassado como está ultrapassado o marxismo romântico que deu o terror de Lenine e a sovietização.

O que existe é a mística que se abre como uma cratera dantesca para multidões de insatisfeitos e desiludidos. A mística onde o homem se refugia nos colapsos históricos. Depois da derrota de Atenas e do esfacelamento da Grécia, foi para o Platonismo que derivaram todas as angústias civilizadoras. E como beneficiário, surgiu Alexandre o Grande. Em 412, quando Alarico destruía Roma, abriu-se outro refúgio – a cidade agostiniana que daria até as suas últimas consequências utilitárias, o cristianismo temporal e ultramontano. Os herdeiros e coveiros do mundo pagão, iam ser os tiranos renascentistas.

Hoje, no abalo apocalíptico da sociedade burguesa, é ainda a mística que empolga milhões de seres, não a pequena de De Gaulle, mas a torrencial de Stalin. Desta vez uma mística terrena, apoiada na desigualdade social e econômica.

Henry Wallace que tem uma cabeça dura de seminarista, só vê a segunda parte, afirmando com razão que os soldados não resolvem os problemas da sociedade. Não resolvem, de fato. Enquanto houver gente com fome e gente com indigestão de farinha, haverá seduções legítimas para os que ingressam na mística vermelha. O diabo é que esta está sendo explorada por sinistros e possantes tiranos, como sempre.

24 mar. 1948

DO BOM TEATRO

(De São Paulo) – Como qualquer sujeito batizado e normal, sou muitas vezes injusto, exagerado e agressivo. No primeiro Congresso de Escritores, realizado aqui em 45, fiz uma incursão gratuita contra Pascoal Carlos Magno. Sobre mim atiraram-se diversas feras, entre as quais Carlos de Lacerda e Francisco de Assis Barbosa. Pascoal Carlos Magno prosseguiu a sua obra de criação de um teatro para o Brasil e hoje, em São Paulo, eu mesmo estou a seu lado, com muito prazer em ter errado a seu respeito.

Ha dias foi ele recebido no 1093 da rua Estados Unidos, onde esplende Yolanda Penteado Matarazzo. Conheceu ali o casal João Borges, o casal Fabio Prado, o casal Horácio Lafer e alguns outros pares de pares paulistas. Naquela meca da Arte Moderna, atenuada por Odette Matarazzo, um Whistler, e Cristiane, em Marie Laurencin, completou-se inclusive o rapto do cônsul artista e seus comediantes para aqui. À tarde, o governador Ademar de Barros o recebera, pondo-lhe imediatamente à disposição o Teatro Municipal e o Estadio, a fim de alojar os seus rapazes na temporada que ele veio organizar. Na noite anterior, jantou com o casal Baptista de Souza Filho e o Reitor da Universidade, professor Lineu Prestes. Afundou também na ceia-jazz do casal Kovarick, ao lado da pintora Noêmia.

Essas atividades de Pascoal Carlos Magno têm um excelente sentido social, sem nenhum trocadilho. Pois, por toda parte, o diretor de Hamlet, é o campeão de uma arte cênica superior para o público, isto é, para o povo, milagre que ele já realizou aí no Rio.

28 mar. 1948

ESCLARECENDO

(De São Paulo) – Tive a excessiva honra de ser citado num discurso que pronunciou na Câmara Federal o meu velho amigo e colega de Faculdade, o usineiro Paulo Nogueira Filho. Não como escritor ou jornalista mas como proprietário e litigante.

Reli o acervo de estupidez e má-fé com que durante vinte anos se pretendeu arrancar o direito líquido que eu tinha de reaver, pagando, uma propriedade, direito baseado em cláusula de retrovenção. O próprio prefeito Pires do Rio, em carta junta aos autos do processo, informou lealmente, não ter assinado a segunda escritura que mandara minutar e lavrar, por motivos de força maior. E de outro modo, não poderia agir, pois a Prefeitura é que não cumprira as cláusulas do primeiro contrato. A Prefeitura é que era culpada e não eu.

Nada, porém, interessa mais vir a público que o seguinte: toda a argumentação jurídica que pesava sobre os destinos dessa causa, baseava-se numa vilania agravada pelos métodos da ditadura, – a irrevocabilidade dos atos dos prefeitos que se procurava tornar extensivos aos feitos patrimoniais. Art. 18 das Disposições Transitórias da Carta de 34. Desse modo, um roubo consumado em ato por um Prefeito ficava irrevogável! Como queriam que ficasse no meu caso. Pois, um preposto da ditadura indeferira em despacho absolutista a minha mais do que legítima reivindicação inicial. E daí a questão.

Em 1946, já morto e estourado o célebre artigo ditatorial pela nova Constituição da República, pôde o ilustre e honrado jurista dr. Abraão Ribeiro, então prefeito de São Paulo, pôr fim à extorsão que se procurava consumar contra mim, existindo ainda, ao contrário da informação levada ao Congresso, um recurso não julgado no Supremo Tribunal.

18 abr. 1948

DA EXCELENTE POESIA

(De São Paulo) – Encerrou-se sem balbúrdia o Primeiro Congresso Paulista de Poesia. Mas com balbúrdia e grande decorreu o alto conclave em todas as suas sessões. Talvez tivesse apa-

gado o fogo, o discurso oficial de encerramento, pronunciado pelo sr. Guilherme de Figueiredo, representante da poesia do Distrito Federal. Foi ponderado e discreto e não fosse um aparte, ninguém teria percebido a omissão do nome do sr. Álvaro Lins duma longa lista de críticos brasileiros que o orador desfiava. Contestando o aparte, o sr. Guilherme de Figueiredo declarou que o nome de Álvaro Lins vinha no fim. E veio.

O primeiro Congresso Paulista de Poesia foi o contrário da batalha do Ernani. Os velhos venceram os moços porque os moços eram mais velhos do que os velhos.

Da rapaziada de 22, o sr. Sérgio Milliet fez-se eleger Presidente em troca de uma demissão contrita. Mas houve quem depois, se recusasse a entregar o facho ao grupo chefiado pelo sr. Domingos Carvalho da Silva, Péricles da Silva Ramos e Carlos Burlamaqui Kopke. Estes inutilmente resistiram. Suas teses foram rejeitadas e seus discursos de tal modo aparteados que eles recuaram até o pavor e o pedido timido de desculpas. E que, se de um lado havia 22, de outro apresentou-se, também contra a mesa do Congresso um autêntico 48, com meninos de 20 anos, tendo à frente o poeta Joaquim Pinto Nazario. Um *free lancer* de qualidade revelou-se o poeta Edgard Braga que depois de ter publicado livros de antigo estilo tende agora ao modernismo. Os fogos cruzados dos três grupos liquidaram a jactância <fallha no texto> panela Kopke-Milliet.

Evidentemente a <fallha no texto> a melancolia dos vencidos, o Congresso fracassou. E fracassou mesmo, com <fallha no texto> Biribas, Jucas Cor-de-Rosa e Sas de Miranda.

13 mai., 1948

ROBERTO SIMONSEN

(De São Paulo) – Um aspecto que os jornais não assinalaram foi o de se ter visto o povo apôssar-se do caixão de Roberto Simonsen, no Cemitério da Consolação. Gente humilde e operária, pretos e brancos, eram portadores do corpo no momento em que atingia o jazigo.

Para mim toma isto uma importância social de primeira monta. À morte espetacular do capitão da indústria, do economis-

ta e do político, seguiu-se uma consagração. Baixaram as baionetas de combate de todas as facções e diante do homem de trabalho e do construtor as próprias vozes adversas se calaram contritas.

Mas o importante foi a colaboração anônima do povo nesse adeus de São Paulo a seu filho. Porque ao lado das preocupações técnicas e literárias de sua obra, fica inegável a preocupação social na vida de Roberto.

Em sua casa de Campos de Jordão, um ano atrás, ele me explicava com cifras e dados exatos, o que seria o desastre do Brasil – país agrocolonial – se não se tivesse posto de pé o parque industrial paulista. Ficaríamos não só o país de sobremesa que éramos – produzindo unicamente frutas, açúcar, café e charuto – mas nos tornaríamos a própria soberania dos banquetes imperialistas.

A ação de Roberto Simonsen galvanizou a atividade bandeirante no sentido de nossa transformação econômica. Muito desvio se produziu em torno da industrialização e de suas consequências no desenvolvimento social do país. Mas o principal foi feito e ficou. O povo da capital a que se liga a nossa independência econômica foi levar a Roberto o seu preito humilde ou seja a maior das homenagens.

29 mai., 1948

EXECUÇÃO DE GENOVEVA

(De São Paulo) – O homem magrinho, com a cara terrosa e anônima do campo paulista estava num terno branco diante de nós e falava pausadamente como se repetisse uma lição. Na tarde da Galeria Domus tinham se reunido intelectuais e artistas para ver a exposição e estréia de José Antônio da Silva vigilante noturno de um hotel em Rio Preto. Ao meu lado Paschoal Carlos Magno e o professor Bardi. O quadro ante o qual parávamos representava uma mulher de vermelho, esgazeada e gritando por socorro tendo uma criança ao colo. Ao lado, desembainhando agudos facões, dois sicários ou executantes. Uma cachorrinha tinha a língua vermelha de fora.

– Foi uma história que minha mãe me contou... O reis tinha ido caçar e deixou Genoveva guardada por esse daqui. E esse daqui quis coisa com Genoveva e não pôde porque Genoveva era muito honesta.

ta. Então ele escreveu para o reis que Genoveva estava pintando o caneco. Então o reis mandou matar junto com o outro. Mas como Genoveva pôs a boca no mundo, o outro disse: — Nós não matamos ela. Vamos mandar a língua da cachorrinha para o reis e dizemos que é dela. Então soltamos Genoveva no mato com a criança. O reis voltou muito triste e um ano depois foi outra vez caçar e ouviu um choro de criança numa gruta e foi encontrar Genoveva nua com o menino já crescido. Então o reis mandou matar esse daqui.

O pintor de Rio Preto terminara aquela variante de Inês de Castro que realizara plasticamente num sincero primitivismo onde há pelo menos uma vocação. Quem descobriu José Antônio da Silva em Rio Preto foi o sr. Lourival Gomes Machado que assim se redime de muitos dos seus pecados.

O que acontecerá com o novo Rousseau? Sera sacrificado pela onda de êxito que já o envolveu? Resistirá? Disso depende toda a sua carreira.

2 jan., 1948

UMA CONFERÊNCIA

(De São Paulo) — Gilberto Freyre feriu particularmente minhas recordações e meus sentimentos com o assunto que trouxe a São Paulo para a sua conferência. Estudou magistralmente um pintor do começo do século — Emílio Cardoso Aires. Não que eu tivesse conhecido o artista jovem de Recife. Mas conheci a mim mesmo. Nasci no mesmo ano que ele e com ele em 12, desgarrava para a Europa no desespero que nos dava um Brasil pesado, inerte e não descoberto. Foi o estouro de uma geração de perdidos que se entregou a todas as extravagâncias exogâmicas, sem querer nem achar possível a adaptação dentro das próprias fronteiras.

Desajustados, incompreendidos e contrafeitos, fomos muitos os que partimos as gaiolas de ouro das casas patriarcais e amorosas do começo do século, para nos dar a todas as aventuras do exterior. Como a mãe de Emílio, minha mãe, uma Inglês de Souza de origens amazônicas e pernambucanas, ficou rezando pelo filho diante de um grande oratório antigo. Quando chegou, ela tinha partido. O contrário se deu com Emílio. Foi ele quem partiu, deixando até hoje inconsolável a mãe amantíssima.

Dramas deslocados desta época de roubo à vista, de traição a descoberto e de volta galopante ao hetaírismo e às saladas vitaminais.

Sou, com muita honra e muito amor, um sobrevivente dessa época que Gilberto marcou em definitivo. A sua presença, a sua admirável dicção puseram relevo no grande trabalho literário e crítico que realizou no Museu de Arte de São Paulo.

6 jun., 1948

MORREU EUGÉNIA

(De São Paulo) – Uma coisa acorda os vivos, é a morte. Particularmente a morte de um companheiro de antiga barricada.

O que Eugênia Álvaro Moreyra representava para nós, lutadores da renovação social e estética, numa sociedade de avarentos e de lorpas e num país onde correm ainda as águas do Dilúvio, era essencial. Eu mesmo não esperava o baque que senti do seu corpo firme e resoluto, da sua alma férrea, em meio ao desânimo e ao leilão.

A minha geração, a de 22, que talvez tivesse começado no ceticismo de Álvaro Moreyra para brilhar com ela, na sua declamação estatária e tipográfica, no centro das grandes batalhas do modernismo e depois vê-la também tomar o caminho da dignidade consequente nas lutas políticas que encetamos, essa geração de autênticos tinha nela um totem.

Eugênia desaparece não como a saudade de uma época, mas como a própria representação física dessa época e da gente que nela nunca se vendeu ou se alugou.

O que se escondia por detrás da sua franja agressiva de cabelos negros, do seu vestir especial, de seu sorriso desafiador, agora o sabemos. A diferente Eugênia era uma grande esposa, uma carinhosa mãe e uma amiga exemplar. E foi a mártir de uma bela convicção.

O fato de me ter afastado de Álvaro e Eugênia, só pode tornar mais válido o meu depoimento. O que se deve a ela será calculado um dia.

20 jun., 1948

ALERGIA DIRIGIDA

(De São Paulo) – No bar interior da casa suntuosa, a senhora preparava o *Manhattan*, enquanto os pares saiam para o terraço. O cientista falou para o advogado displicente que mastigava amendoim.

– Somos o país alérgico. Simpatizamos, antipatizamos. Eu conheço a história de um bandido do interior paulista que se chamava Chico Sonho. Chico Sonho não esperava muito. Da janela da fazenda avistava um cavaleiro que ia longe na estrada – Qué vê que boa pontaria eu tenho? Derrubava o desconhecido junto à porteira. No jardim da cidadezinha, exclamava: – Qué vê como aquele ali torce a cara? Já tá de preto, vistido de difunto! Bumba! Tirava do bolso um toquinho de vela e ia colocá-la na mão enclavinhada do agonizante debruçado sobre a grama. Somos o Chico Sonho. Tudo aqui é alergia, empréstimos, inflação, deflação...

Então o senador de cabeça alva saiu da sombra do divan:

– A deflação não! A deflação é a máscara da centralização. Precisamos acabar com as veleidades democráticas e federalistas dos Estados. Felizmente eles já estão no osso, pagando o funcionalismo com bônus, letra e selo! Precisamos assumir a responsabilidade do momento histórico. Entrar na onda de autoridade que salvará o mundo.

– Fascista! Sussurrou uma moça de cabelos espantados.

O político velho continuou:

– Como responder à provocação prestista, à provocação soviética, à provocação judaica?

A senhora servia o *cocktail* em copos geométricos. Perguntou:

– Como vai a Revolução Brasileira?

– Qual delas? A do Sonho?

– A grande. A que vem de Tiradentes a Prestes.

– Vai mal! Muito mal!

Houve um silêncio. Os casais regressavam. O garçon enluvado veio anunciar o jantar na mesa.

O cientista levantou-se depois dos outros e foi falando sozinho:

– Graças a Deus o presidente Dutra não tem nenhuma alergia contra o Truman.

MONÓLOGO SOBRE PRESTES, TITO E BROWDER

(Da Cinelândia) – Afinal, aquilo que Prestes me disse num café popular de Montevideu, em 1931, precisa ser fixado. É uma frase histórica que define a nossa vocação de fracasso e de sofrimento. Quando eu lhe descrevia o caos brasileiro, nas unhas ainda inexperientes e vagamente revolucionárias do sr. Getúlio Vargas e lhe apontava a volta ao Brasil ele me respondeu secamente: – Não sou *nenhum Chan Kai-Check!* Infelizmente, por dogmatismo marxista, Prestes começava assim a sua série de erros espetaculares que nos conduziriam à miserabilidade de hoje sob o centralismo bancário e a intervenção política. Se ele continuasse a linha livre, emocional e nativa da Coluna, talvez se tivesse cumprido a Revolução Brasileira, chamemos assim a essa série de anseios e rebeldias de toda espécie que ponteiam a nossa pobre história, de mártires e heróis. E ele não estaria longe da ductilidade dialética do marxismo. O gesto de Tito vem confirmar que há uma profunda e acirrada divergência na condução da luta revolucionária. Não era preciso o presidente Truman afirmar que Stalin é prisioneiro, para eu de há muito pensar assim. Quem conhece a obra ideológica e política de Stalin não pode crer que seja ele quem esteja conduzindo o socialismo para as aberrações sectárias e trotskistas que prenunciam a guerra próxima. Para mim a obra de Stalin cessou na dissolução do *Comintern*. A Terceira Internacional ultrapassada, eis o último grande ato afirmativo do autor das “Questões de Leninismo”. A linha Browder, daí, derivada, daria a paz ao mundo. Seria a síntese progressista de Teerã, depois da tese e da antítese, historicamente representadas pela burguesia e pelo proletariado. Como as democracias ganharam a guerra, poderiam ter vencido a paz. Mas Prestes, em vez de vir em 31, veio em 35 para ser preso pelo professor de energia Vicente Rao. Em 38, aderia nas cartas a Fournier, ao ditador, num gesto evidentemente castilhista. E em 45, iria jogar por terra, talvez por amargurados anos, a possibilidade do povo brasileiro se libertar. Bastava ter compreendido o seu lugar junto ao homem que restava do levante de Copacabana. Seria então mais que o nosso *Chan Kai-Check*.

3 jul., 1948

MONTEIRO LOBATO

(Da Cinelândia) – Minha mulher comunica-me pelo telefone de São Paulo que morreu o meu velho amigo José Bento Monteiro Lobato. Eis um nome que, entre nós, enche a primeira metade deste século. Terminada com honra a sua pesada tarefa, pode-lhe ser atribuído o título de primeiro reformador da prosa brasileira. Não é de hoje que me bato pela inclusão de Lobato nas fileiras do Modernismo. O fato dele se ter colocado contra nós de 22, produzindo a pavorosa injustiça que mutilizou a pintora Anita Malfatti, de modo algum lhe retira a missão revolucionária que teve na nossa escrita.

A Lobato deve muito o Brasil. Em primeiro lugar o exemplo magnífico e raro do intelectual que não se vende e não se aluga, não se coloca a serviço dos poderosos ou dos sabidos. Antes, seus últimos dias se coloriram de sectarismo esquerdista, purga que talvez julgasse necessária para redimir seus primeiros anos, ligados a certas rodas regaladas e boçais do reacionarismo paulista.

Depois, foi ele um homem de ação e um descobridor. Devem-se a ele a campanha do livro e a campanha do petróleo. Foi ele o criador da nossa literatura infantil.

Dizia-me outro dia o crítico Antônio Candido que seu melhor livro talvez venha a ser *A Barca de Gleyre* onde está a sua longa correspondência com Godofredo Rangel. E o curioso e vivo dia-a-dia de cinqüenta anos paulistas. Numa literatura pobre de memórias, como a nossa, é isso de maior importância.

Vi Lobato pela última vez na rua. Estava num velho sobretudo. Parecia asmático e profundamente abatido. Ele apossou-se de mim como se precisasse desabafar. Levou-me para um café, onde se regalou com uma media, como na inocente boêmia de nossos primeiros tempos. E contou-me que subtraíra da *Barca* muita coisa, inclusive a meu respeito. Recordamos os tempos iniciais do século, quando éramos amigos de Ricardo Gonçalves, de Indalécio de Aguiar e do anarquista Ristori.

Seria preciso que nos encontrássemos na eternidade, como queria Alioscha de Dostoiewski, para continuar essa última conversa de café e dizer que o Brasil é aquela coisa mesmo que eu afirmei no prefácio de "Serafim Ponte Grande" e que Jorge Amado reproduziu na biografia de Prestes. Enfim que venha a santa bomba atômica!

Lobato morreu esquivo como viveu. Na madrugada de um domingo, sem publicidade e sem barulho. Enterrou-se no mesmo dia. Apenas, no Estádio do Pacaembu foi anunciado pelo rádio o seu passamento. O jogo parou e durante um minuto, o silêncio reinou sobre as arquibancadas de pé, em honra ao humano e bravo espírito que ele foi.

6 jul., 1948

SAIAS COMPRIDAS, IDÉIAS LARGAS

(Da Cinelândia) – A debutante fixava-me com seus olhos negros naquele jantar íntimo do apartamento de Copacabana. Dos dois lados, as amigas felizes e lindas.

– Quando você disse naquela entrevista que o que estava para vir no mundo era o matriarcado, uma garota que leu me falou que nós, mulheres, íamos nos tornar umas amazonas, nuínhas e de lança em punho. Sei que não é esse o seu pensamento e que você comprehende a sabedoria dos costureiros de Paris, reagindo contra o *standard* das saias curtas. Como é aquele verso seu do “Serafim”? Recite!

Saia de dançarina
 Das senhoras honestas
 Do meu século
 Rála
 Pétala
 Vais subindo...

– De fato, era assim. Estávamos ficando reduzidas ao *ton-ton* e aos tacões altos. E isso para proteger as feias e reabilitar os luxos. Os vestidos de hoje, com o corpinho justo e os sapatos rasos, selecionam, classificam. Se a moda tem um sentido social como você afirma, estamos em plena reação aristocrática contra o vestido demagógico, saído em massa dos fabricantes americanos de roupa feita. Uma mulher sem jeito, gorda, esquelética ou disforme, vestida pela moda de hoje, fica um palhaço solto na rua. Antigamente, passava!

– A reação não é propriamente aristocrática. É um movimento pela personalidade e pelo *cachet* próprio. Se vocês quiserem,

o existencialismo costureiro... Talvez a própria Simone de Beauvoir não saiba disso e a estas horas esteja reagindo contra as invenções de Balmain, de Fath e de Dior...

— Pois é. Mas não adianta. O que que tem fazer um pouquinho mais de força? Os homens de hoje são esportivos e musculosos...

— Força para quê?

As três graças tiram. E a mais velha explicou:

— Você não se lembra daquele poeta, parece que é Maciel Monteiro, que dizia que tinha calos nas mãos de erguer as pesadas saias do Império?

7 jul., 1948

A CONSCIÊNCIA DE LOBATO

(De São Paulo) — A divulgação de uma carta inédita de Monteiro Lobato ao escritor Mathias Arruda, auxilia a sairmos do estado de surpresa que nos deu a sua morte, para começar a compor o que foi a sua figura e a sua obra. Não sei quem seja o sr. Mathias Arruda. Pode ser até um inimigo meu. Mas pensa e escreve bem e vai facilmente de crítico inteligente e modesto ao sociólogo curioso. Enfim, é o sr. Paulo Duarte pelo avesso. A carta divulgada é a resposta às acusações que lhe fazia o articulista de ser o Jeca Tatu "apenas um desforço do fazendeiro Lobato, incapaz de conduzir a sua propriedade, de modo a obter dela os lucros que esperava". Diz ela referindo-se ao sensacionalismo produzido pelas palavras de Rui Barbosa sobre a fixação do Jeca, creio que em 1918: "A interferência do colosso em minha pobre literaturazinha trouxe um desequilíbrio grave..."

Pois a grandeza de Lobato pode-se medir pela superação desse desequilíbrio. Hoje, bastaria o sr. Atilio Vivacqua citar, por exemplo o sr. Ledo Ivo para inutilizá-lo vida fora. E Rui naquele momento era Rui, coisa que não pode ser explicada num rápido "Telefonema".

Não só Lobato encaixou a glória mas transformou-a em guarda de uma vida laboriosa e ascética "pró-ferro e pró-petróleo, com passos práticos...", resgate público do que disse ser seu "crime de desumanidade para com o Jeca, isto é, para com o povo brasileiro..."

Nessa bela carta, agora divulgada, afirma o pai do Jeca: "A parte generosa da minha vida foi essa que me levou até a cadeia e que ponho mil covados acima da outra, a literária, a vaidosa, a artificial, a pouco humana, toda arte-pela-arte a que até quiseram premiar com o grotesco crachá da imortalidade acadêmica. Porque essa era profundamente humana e, se vencesse iria automaticamente calçar os pés do Jeca, dar-lhe ceroulas e calças sem remendo e remédio para a bicharia das tripas, e elevação de nível de vida e começo de cultura."

Há ainda a parte errada e turrona de Monteiro Lobato – o seu antimodernismo provinciano, o seu sectarismo político final. Mas tudo ele soube resgatar com a sua vida.

Lobato não foi o homem de uma obra. Não escreveu nem "Os Sertões" nem "Dom Casmurro". O que conta nele é a consciencialização social que respiram suas linhas, da primeira à última. É a sua ação de presença. É a sua teimosia idealista e prática ao mesmo tempo. Sua grandeza pode se medir pela vilania do ditador Vargas que o soube manter na cadeia pública de São Paulo onde o visitei, entre ladrões e assassinos, pelo crime de lhe ter chamado em carta de "displicente". Lobato foi uma história infantil. Foi Gulliver amarrado pelos anões.

13 jul., 1948

DO ROMANCE

(De São Paulo) – O mestre do "Banguê" deitou falação sobre um ponto nevrálgico da sua brilhante carreira – o romance "Todos dizem: José Lins do Rego é só um narrador" queixasse ele afirmando logo que "não há romance sem narração". Claro. Claríssimo. Mas é que há diversas maneiras de narrar. O dia de Dublin que nos foi legado por Joyce deixa de ser uma narração? O que houve no Brasil foi uma invasão de bárbaros pelas ameias passadistas que nós de 22 derrubamos. Os bárbaros eram justamente os nordestinos que não podiam falar como nós de São Paulo, senhores de uma mentalidade industrial e de uma língua progressista que não ia com o resto do país em estado agrário e mal acordado. A culpa não foi nossa nem

deles. Às alturas esteticistas atingidas por "Macunaíma", por "Serafim Ponte Grande" e pelas "Memórias Sentimentais de João Miramar" não faltavam bases reais ou humanas. E "Os Condenados" publicados em 22, precediam a toda técnica cinematográfica de Érico Veríssimo e creio mesmo que a de Aldous Huxley.

Mas é que a revolução de 30 fazia crédito a outras dimensões do romance brasileiro. O povo entrava de repente na vida nacional e portanto, na ficção nacional. E com ele a "língua errada do povo" que não podia ser a linguagem modernista e culta de São Paulo. São Paulo, nesse terreno, tinha a presença de Monteiro Lobato.

José Lins não tem razão quando diz que o "romance não vem de fora para dentro e sim de dentro para fora". Ao contrário, o romance como a obra de arte em geral, é uma restituição. Depende da sensibilidade e da posição intelectual de quem sofre ou colhe os acontecimentos. O potencial que anda em toda parte pode ser restituído tanto na língua direta de José Lins do Rego como nas cinco experiências do estilo de "Serafim Ponte Grande".

20 jul., 1948

RETOCANDO UM FLASH

(De Bauru) – João Conde estava diante de mim numa mesa de bar. E eu repeti: – Pode dizer que o sr. Tristão de Athayde é a figura mais nefasta da nossa literatura. O grande arquivista tinha os olhos nordestinos marejados. Já antes se havia oposto a uma outra afirmação minha: – Quanto ao romance em geral, prefiro falar contra. Não sei qual é o pior romancista nosso: Otávio de Faria, Lúcio Cardoso ou Novelli Júnior.

Desse modo acreditei que não fosse publicado o *flash* no suplemento literário onde João Condé brilha. Como saiu com essas duas mutilações e diversos informes de primeira mão, sou obrigado a retificações e esclarecimentos. Primeiramente a altura. Com sola de borracha, vou a um metro e setenta e três. O colarinho está certo, pois como trago uma flor de fogo no peito

que os médicos chamam, certa ou erradamente, de aortite essencial, sou condenado a usar colarinhos largos. Os sapatos vão a 41. Mas o físico do escritor não interessa nada, principalmente o do escritor que não tem fãs e, quando distribui autógrafos é aos pregos e aos bancos e não nos salões literários onde o Érico, com o ímã das sobrancelhas, coça as seriemas de seu redil.

Houve aqui, neste amável interior de São Paulo, quem protestasse contra a minha afirmação de que não tenho amigos. Explico. De amigos, tenho recebido ao longo da quilometragem de minha vida, traições e vilanias dignas de figurar em seleta. De pessoas até ontem estranhas, tenho sido alvo das mais inesperadas atenções e dos mais invulgares apoios. É que a velocidade social de nosso tempo, destruiu aquele sólido e romano conceito de amizade que embalou as nossas primeiras leituras e nossos primeiros anseios. Amigo hoje, eu posso chamar até o muito rico e muito burro usineiro Paulo Nogueira Filho porque cursou comigo a Faculdade de Direito de São Paulo. Estou então adotando o critério do comerciante sírio que quando executa um fazendeiro, grita logo: – Não faz mal, Nhônhô! Mizade é a mesma!

Vivemos num mundo inseguro e caótico, do qual sairá talvez o crisol de um amanhã melhor. Nele amizades e inimizades podem ser revisadas semanalmente. Pergunte-se aos políticos.

Outras coisas que saíram no *flash* precisam ser esclarecidas ou completadas. Assim pouca gente comprehende o que seja "antropófago". Mas isso exigiria uma biblioteca.

Quanto a dizer que conto ou espero viver 83 anos, será melhor explicar que "preciso" viver até essa idade, porque estou construindo um prédio na deflação. Além disso, tenho filhos pequenos, mulher moça e uma obra muito importante a terminar. E quem sabe se até com a idade avançada fique gagá e passe a gostar das pessoas que João Condé tão comovidamente estima e protege. Por enquanto minha admiração se fixa em homens de altitude intelectual e moral de um Carlos Drummond de Andrade. Não tenho os motivos que certamente influem no coração bondosíssimo do meu muito prezado João Condé. E prefiro não os ter.

1º ago., 1948

NEM SÓ DE HELÍACO VIVE O HOMEM

(De Bauru) – Chegam até a boca do sertão as aclamações e delírios provocados por mais um grande prêmio Brasil no Jockey-Club da Gávea. Um cronista afirma, por um jornal do Rio, que Helíaco é um grande cavalo. Evidentemente. Mas não é só Helíaco.

Afinal o Brasil abre a boca para a facanha equina e a fome continua a brilhar como os pantanais ao sol do deserto nacional. Nada mais belo sem dúvida do que visitar as cocheiras modelares, haras e feudos, onde se preparam os grandes *cracks* de ancas perfeitas para as disputas sensacionais da elegância carioca ou paulista. Mas urge pensar em outra coisa. Quantos brasileirinhos convulsos e flagelados por essas chocas que Lobato fixou! Quantas maes desgracadas, quantos velhos famelicos nas estradas do abandono por esses brasis pre-cabralinos! E a fome citadina tão bem fixada numa bela crônica de Jose Lins do Rego! Doze milhoes de cruzeiros movimentados num instante tenebroso e fútil! E os educandarios da orfandade sem cobertores e sem leite! E as favelas sem cama e sem mesa! E as casas trágicas de pequeno ordenado e da família numerosa!

Visitei agora a Povoação Indígena Kurtz Deawiú, de Arariba. Perguntar-se-á se esse nome indo-alemão é o de um cientista que perlustrou a selva, identificou tribos e costumes. Não. E o nome de um pequeno guarani que foi trazido por um andarilho germânico para esse nucleo do Noroeste e entre, duzentos companheiros dos quais, terenás e parintintins, se destacou pelos seus estudos e foi seguir uma carreira liberal no Rio, onde faleceu.

O nucleo de Arariba, ainda em bom funcionamento, lembra o desleixo e o abandono em que está a obra magistral do general Rondon. Dizia-me um guarani queixoso: – Ele não visitava mais nós!

Expliquei-lhe que o grande cacique Mariano não se esquecia dos seus irmãos mas afastara-se de suas antigas estradas, onde levava o slogan sagrado: – Morrer se for preciso, matar nunca!

So assim, tomaria novo rumo a catequese que girava entre bestial e hipócrita, nos tempos passados. A recuperacão cultural e étnica tentada por esse admirável indianista que, de longe, é o maior dos brasileiros vivos, está paralisada pela negregada politicagem que se apossou como um cancro do organismo bra-

sileiro. Hoje o que se vê e se ouve, partido de todos os imbecis e negocistas da selva vestida em que vivemos, é o oposto do que queria o general impoluto: — Matar se for preciso, morrer nunca!

E viva Helíaco!

12 ago., 1948

RESSURREIÇÃO DAS ARTES

(De São Paulo) — Se há um homem que indique e documente as transformações do Brasil, é ele Assis Chateaubriand. Do jornalismo, as suas atividades passaram a intervir na aviação, na indústria e na vida social e política e afinal vieram desaguar num setor até aqui abundante — o das Belas-Artes. Transformar uma sociedade de pif-pafeiros, de preciosas e de *bookmakers* numa platéia interessada por quadros e esculturas é obra inesperada e gigantesca. O que se assistiu em São Paulo na apresentação do "Grande Nu" de Renoir, indica uma evolução que, com seus pontos cômicos, seus erros e pecados, marca o início do interesse social brasileiro pela pintura.

Ao lado de Assis Chateaubriand forma um casal, por todos os motivos ilustre — Yolanda Penteado Matarazzo sucessora legítima de Dona Olívia, e Francisco Matarazzo Sobrinho, este notável Cicillo que, pela sua firme e culta atuação ao lado dos modernistas lembra Paulo Prado, tendo acrescida uma mentalidade industrial. E enfim a Senhora Lilly Penteado que representa o pensamento e a fortuna de Armando Álvares Penteado e que facilmente dispõe de suas jóias para adquirir quadros de Franz Halls e de Degas. Com uma tenacidade fora do comum, está ela enfrentando o problema da construção de um museu e de uma Escola de Belas-Artes que são orçados em setenta milhões de cruzeiros.

Num ambiente assim aquecido, a conferência que acaba de pronunciar na Biblioteca, o conservador-chefe do Louvre, René Huighes, foi uma lição magistral de duas horas, para um público ansioso que enchia todos os cantos do anfiteatro municipal. Um sucesso.

E o crítico Deguin prossegue no seu curso que precederá a uma exposição de arte abstracionista. Como se vê, estamos bem. Pelo menos no campo elevado das artes.

25 ago., 1948

DE COISA VÁRIA

(De São Paulo) – Dois erros a corrigir. Um pastel horrível escapado e insano na última crônica. Falando das belas-artes, um "setor abandonado", saiu um "setor abundante". Outro, foi exclusivamente meu, tirado da informação local do núcleo indígena de Araribá. Curt Nimuendajú (agora é a informação erudita que corrige) não é nenhum índio adotado por alemão. É um alemão que foi adotado pelos índios e a quem o etnólogo Herbert Baldus dedicou os seus "Ensaios".

Voltemos a pagina para contar que o governador Ademar de Barros tem jantado e almoçado com muita gente boa. No palacete da Rua Ceará, onde Dona Lilly Penteado guarda ferozmente os seus quadros, esteve ele em sociedade, uma noite dessas, vendendo à mesa, o casal Robert Valeur, o casal Ernesto Ramos, o casal Paulo Quartim Barbosa, o casal Fernando Nabuco e outros casais. Uma espécie de purga social, de bons augúrios para os paulistas.

Virando ainda a pagina, os paulistas fazem frente única em face dos desastrosos negócios do D.N.C. que intervém maleficamente no mercado de nosso grande produto. Outro dia o poeta Aprígio dos Anjos que um trocadilhista chama de Prestígio dos Anjos, perguntava por que o povo de São Paulo odeia o Governo Federal. Por quê? Porque não é possível se viver mais aqui nesse estado que vai da hostilidade no campo financeiro à incerteza no campo político.

Não adjetivamos. Voltemos mais uma vez a página. No Club dos Artistas e Inimigos da Arte, uma curiosa exposição de poesia, com Vanzolini, Dalmo Florence, Aurasil Joly, Amélia Martins, Radá Abramo e outros novíssimos. Destacando-se dos ecos de 22 que, felizmente todos trazem, o acento especial de um poeta especial – Paulo Sérgio, filho de poeta também. Porque prefiro

no sr. Sérgio Milliet, a garoa de poesia de suas valsas e latejos à toda sua obra crítica e à sua atuação perrepista no campo das letras e das artes.

2 set., 1948

O AZAR E O JOGO

(De Guarujá) – O marido acordou só no leito conjugal. Pensou na Olginha do apartamento. Depois foi escutar o rádio, ler os jornais e esperar um telefonema do necrotério. A noite desceu sem que a esposa voltasse. Amanheceu de novo. Anoiteceu e amanheceu. Nada. Nenhum hospital ou cadeia pediu a sua presença. Procurou então a polícia e disse ao delegado: – Doutor, minha mulher sumiu há três dias. É verdade que não faz muita falta em casa, pois os filhos desde que nasceram estão nas mãos dos empregados. Eu estou certo de que não se suicidou nem fugiu com o chofer, pois que me ama...

– Então ela estará jogando? – Exatamente doutor! O senhor assistiu àquela peça do Abílio? – O “Pif-paf”!

Tomando em consideração a queixa, a autoridade varejou algumas conhecidas e distintas casas de família e foi pescar a esposa faltosa perdendo trinta contos, depois de ter empenhado as jóias, assinado uma letra e emprestado 10 contos do garçom. Quando a mulher surgiu no lar, encontrou o Dr. Jairo Ramos à cabeceira do marido. A casa suspensa. Um enfarte. Por causa do sumiço? Não. Ele caíra de bruços na mesa de jogo de clube, ao receber a “boa”, num fim espetacular de “buraco”. Ela avançou interessada para o agonizante e perguntou-lhe se tinha “encanistrado”.

Eis o drama que provoca o fechamento oficial do jogo no Brasil, que nós tanto saudamos com entusiasmo e excelente fé. Como se vê, de boas intenções este país está cheio. Agora mais uma vez florescem papoulas e lírios de ingenuidade, no parlamento, pelo motivo de se procurar realizar e regulamentar o jogo público nos cassinos e nas estações de água e veraneio.

Não é com estacas de retórica que se detém a erosão de uma sociedade em pânico. O Brasil rico, isso que chamam entre nós

de "sociedade bem", reage pelo vício. O pileque, o pif-paf e *outras cositas más...* diante das transformações clangorosas do mundo. E como geralmente, a inépacia e a incerteza descem das pontes de comando, quando o povo se exprime é votando nos que compreendem a mudança de quadros sociais e escutam não o passado esquecido, frouxo ou inauténtico, mas o futuro, como sempre, cheio de promessas.

Rui Barbosa passou a ser o antepassado cacete, aquele que, quando a família inteira quer sair de short no domingo praiano, a tia trêmula e surda, lembrando o retrato austero e inútil da Sala dos Mortos, evoca: – Imagine se seu avô visse isso!

O antepassado legou latifúndios e treponemas, mas a crise acabou com uns e o bismuto com outros. A família afinal não é de ferro. E só as sírias gordas rezam ainda na noite bandeirante.

Continuamos mais juristas do que sociólogos. O deputado perspicaz que é o sr. Vieira de Melo devia ter acrescentado: juristas e pilequistas!

Nosso azar não é a roleta, é o ufanismo. Somos pelo menos o único país que acabou com o jogo no mundo!

10 set., 1948

CONVERSA DE VELHOS

(De São Paulo) – Alô! Tristão de Athayde! Recebi com agradô e surpresa a sua dedicatória no primeiro volume com que a Editora Agir inicia as suas Obras Completas. "Depois de trinta anos de atritos", tenho o prazer em constatar a sua generosidade, afirmindo que muito do que ai está veio por minhas mãos. E sei prezar a franciscana resistência que tem oposto às brabecas sempre leais com que defronto os seus caminhos.

Ja me disseram, e acredito, que houve um momento em que você hesitou entre seguir os rumos libertários que trilho e os que lhe apontou a sombra cesarista de Jackson de Figueiredo. Decidiu-se por este, num culto ativo e dominicano, bem diverso daquele no qual em tão boa cera se derrete e gasta o ismaelita Murilo, na canonização de outro reacionário, este mais ou menos um débil mental!

Muito bem você afirma, na orelha do seu volume, que vemos a público "no rumor da luta, no clamor das tormentas próximas ou longínquas, no meio de um mundo de guerra e de revoluções de uma sociedade às voltas sempre com o sofrimento, o desespero e a morte". Ao contrário do que disse Mário de Andrade no Itamarati, nessa grande querela soubemos sempre nos engajar e comprometer. Por isso mesmo, tínhamos que nos aliar ou brigar. Brigamos.

Atribuo hoje tão dura divergência em grande parte às origens sociológicas que nos separam, você no Rio, eu em São Paulo. Veja como os grandes primários, Graciliano inclusive, tinham que sair do Norte feudal e revoltado. A exceção de Gilberto Freyre confirma, pois, se suas raízes são nordestinas, uma esplêndida cultura universitária diversamente o marcou. Daí ter ele os seus maiores e mais numerosos admiradores em São Paulo.

O Rio, meu caro, é a mão-morta por detrás de Copacabana. Talentos como o seu ou como o de Otávio de Faria – o ouvido que melhor escuta através das paredes do Brasil – são vítimas da clerezia que usucape as consciências da velha metrópole lusa, numa tradição de sossego solar que nem a geometria dos arranha-céus e o ronco dos Douglas acordam. Foi preciso que Bernanos¹ deixasse Barbacena para ir constatar em Genebra, nos célebres "encontros" de 46, a deschristianização do mundo.

Nós, aqui em São Paulo, fizemos a revolução modernista muito mais por causas do Matarazzo e dos sírios do que de Graça Aranha ou de D. Júlia Lopes. Infelizmente vocês vivem aí entre anjos e bêncãos que aqui só aparecem em segredo, para o Guilherme de Almeida. É o pif-paf e a promissória que tocam a música dos dias úteis e das noites inúteis na Banderândia.

Em seu longo caminho, uma coisa você retificou – foi a sua posição em face da questão social. E sua atitude política de hoje é comovente. Mas claro que está errada, como a de Wallace na América, pois faz sem querer o jogo do sectarismo policial que se criou contra o mundo ignóbil dos banqueiros.

Por nova conserva sou o O.A.

17 set., 1948

¹George Bernanos (1888-1948), refugiado da Segunda Guerra Mundial, morou no Paraguai, depois em Pirapora (MG) e finalmente em Barbacena, no mesmo Estado.

DO IMPERIALISMO AMÁVEL

(De São Paulo) – O melhor saco para o milho é o porco!

– Com uma serenidade de lorde, o representante pessoal de Nelson Rockefeller no Brasil, que é nosso velho amigo Theodoro Quartim Barbosa, expunha os planos de apoio econômico lançados em discurso memorável pelo chefe visível de boa-vizinhança.

Os milagres do milho híbrido iriam constituir um fundo de reconstrução econômica de São Paulo. Silos por toda a parte e o porco.

– Carlos Marx não contava com uma retificação no caráter absorvente e implacável do capital. Ele escreveu e agiu quando a revolução industrial havia atingido o seu ponto forte e dele abusava. Outras são hoje as condições do proletariado, que, na ascensão dos salários e das garantias sociais, perdeu o seu caráter agressivo. Nos países mais avançados, como nos Estados Unidos, o proletariado, como classe, atinge agora melhores condições de vida que a própria classe média. É uma elite favorecida, que não se enquadra mais no esquema revolucionário dos comunistas. De outro lado, o capitalismo abrandou as suas ambições e apresenta-se hoje com uma nova filosofia. Em vez de explorar, deseja cooperar e prestar ao mundo maiores utilidades e serviços. É esse o programa Rockefeller, que fará tudo por um mundo melhor.

Diante do novo coordenador, que autorizadamente assim se exprimia, vinham-me à memória os vaivens da tática marxista, tão fragorosamente derrotados aqui pela incapacidade política de Prestes e de seus sequazes imbecilíssimos.

Houve um momento na luta em que as palavras do Partido coincidiam com as da nova literatura imperialista. Fazer uma porteira ou um mata burro, construir uma pinguela que desse passagem sobre um riacho era trabalhar por um mundo melhor. Mas de repente chegavam ordens vermelhas do Sinai, que até vinham em *iedisch*, mandando levantar a Nação India e xingar a progenitora dos trotskistas, entre os quais se incluíam os mais desprevenidos e disciplinados intelectuais da nossa terra.

Bons olhos vejam o milho anunciado que toma um agradável duplo sentido no instante em que o Banco do Brasil exaure e mata a gente paulista.

— Estamos na vertente democrática, dizia-me um filósofo de rua, que por coincidência é ao mesmo tempo a vertente da bomba atômica e a de Papai Noel...

25 set., 1948

A TRAGÉDIA SEM NOME

(De São Paulo) — O meu amigo recém-chegado da América exclamou num gesto:

— Veja você o que venho encontrar aqui. Um desses dramas que só uma sociedade cercada por uma estupidez oceânica pode produzir. Veja se é possível acontecer nos Estados Unidos o que se deu com esse jovem cientista que, com a tremenda vigilância da loucura e a convicção de um super-homem, produziu um crime maior que o de Raskolnikof e mais clamoroso que o de Orestes! Na América, meu caro, noventa por cento das universitárias são emancipadas. E meninas de quinze anos têm a chave de casa e a experiência de fora. Será um bem ou um mal? Fato é que lá não prevalecem preconceitos de classe ou de família. Não é isso que dá drama. Vi milionários casarem-se espetacularmente com Borracheiras. De modo que um dos pólos da motivação desse grande drama pequeno-burguês, que é o preconceito do casamento nivelado, não existe nos Estados Unidos. Aí a delinqüência é tremenda sobretudo a dos menores. Mas só o dinheiro movimenta e estimula a idéia do crime. Está claro que foi a falta de dinheiro que criou o clima fechado desse intelectual cheio de possibilidades que só viu diante de si o amor e o fracasso. Filho exemplar, irmão exemplar, noivo ou amante exemplar. Tendo tido como todo mundo um caso de que resultaria uma criança. Fazendo planos para o filhinho com quem não poderia viver. Sonhando e dizendo à mãe: — “Ele freqüentará os melhores colégios!” Amava outra mulher e a família não queria nenhuma das duas, pois não admitia casamento com enfermeiras. Bateu então nele a vocação de Calígula e a lucidez de Raskolnikof. Planejou e executou, num estado de inconcebível segurança, o triplo assassinato e o sepultamento das irmãs e da mãe num poço que man-

dara abrir no próprio quintal, à vista das vítimas e dos vizinhos. Esse espírito tremendamente lógico agiu puerilmente na ocultação do crime. Menti como uma criança, não vendo que a história da operação de apendicite da irmã seria imediatamente desmascarada, como a do desastre da família no Paraná. Talvez estejamos, porém, diante do marco de uma época que não reconhece mais os valores que se diziam eternos. Será a liquidação de todo e qualquer imperativo categórico nos termos de nossa civilização? E a polícia? Mostrou ser de quatrocentos anos, escrupulosa e bem-educada. Tendo em mente juízos de valor e não de realidade. Deixou o matricida solto até o demorado suicídio, porque não era possível acreditar numa coisa daquelas! Crime babilônico, de asfalto, cisterna e fumaça, de cidade tentacular e sem horizonte, onde se perderam os rumos da conduta como se perdeu o cheiro das montanhas e a cor do céu. Só restando da natureza a mulher. Na biblioteca do suicida estaria o *best-seller* de Mário Donato, *Presença de Anita*, brotado da necrofilia de Morgan e da técnica de Green.

1º dez., 1948

MARIA DE NINGUÉM

(De Ponta Porã) — O trem parou. Ficamos nesse trecho de linha para não viajar à noite sobre o avançamento recente da Noroeste. Uma pequena estação. Uma venda ao longe.

Pisamos a terra agreste daquele mundo estrelado. — Vamos conhecer o médico! E um feiticeiro chegando da Bahia! — Na cidade tem coisa! — Vamos visitar as professoras!

Um rapaz esqualido de costeletas afirma: — Isto aqui é uma indecência, pois, ate eu sou o inspetor de quarteirão!

De um casebre aceso chegam sons de acordeon. Entramos. A um canto o sanfonista parece um mago escuro, ao lado de um violinista esguio, de pe. Bodes humanos dançam debruçados sobre meninas e velhas em chita. A música cessou. Estamos sentados. Recomeça a sanfona. Moças em fila puseram-se diante dos visitantes para dançar. Saio com a gordinha de vermelho que me tirou. Chama-se Natividad. — Conhece São Paulo? — Não. Só fui até

Três Lagoas com a senhora do contínuo. Vive satisfeita, enquadrada e roliça naquele fim de mundo.

Saímos à procura de emoções maiores. O moço esquálido nos conduz pela escuridão do mato. Longe há luzes na cidade. Ele nos vai levar até o barracão de uma velha paraguaia. Lá iremos ver dançar a Santa Fé. Penetramos no agreste e perdido lupanar de terra socada, onde homens escuros sentam de ponche e bombacha, em bancos de pau, ao lado de mulheres extraordinariamente pintadas e corteses. Há um bar ao fundo onde fulge a cana.

Saímos. E súbito fora, alguém está focalizando com um farolete uma criatura encostada ao muro do casebre. Há um tumulto jocoso. Um grupo de homens cerca o corpo quente de uma moça linda. Ela tem um sorriso amargo de defesa no rosto angélico. O farolete a percorre como mão amorosa.

– É a Vitória de Samotrácia paraguaia!

– Penicilina!

Assediam-na de convites e perguntas. Um moreno a detém, o rosto marcado pelo farolete. No meio do bando que a enrosca, ela se acolhe ao braço do homem. Vinte anos. Perdida pelo cunhado. Expulsa de casa pela irmã. Vai buscar os seus terecos em Juan Caballero. Procurar Campo Grande. O Brasil. Todo mundo se comove com a iluminada aparição. Um pai de família, que disse palavrões durante a viagem toda, pergunta-lhe moralizado: – Por que você não deixa essa vida? – Acha que és fácil? Sorri, sorri para o céu beijado de estrelas. Vamos partir. O moreno ficou. O inspetor de quarteirão interroga um por um: – Não quer? Ali naquela casa tem outras. Vai contando: – Essa velha me dá até dinheiro, mas não quer que eu toque em nenhuma. Quando passa alguém eu trago por aqui.

– Um vulto de combinação sai de uma porta.

Deixo os outros, volto só sob o êxtase das estrelas. Ressoam em meus ouvidos as palavras daquele anjo de viola: – Vamos dançar a Santa Fé? O caminhão foi buscar la licença...

Vida que depende de tudo e de todos, da licença, do caminhão, do revólver dos homens obscuros e sisudos e dos tarecos deixados no lar do cunhado. Resta-lhe a beleza, a aventura e a frustração.

De dentro de uma casa isolada sobe uma melancolia de acordeon, violino e guitarra. A noite amorosa se debruça sobre a alma paraguaia. Uma voz de homem se eleva da taba cristã. De

uma cultura esmagada rebrocou aquele coração de vinte anos. Cerro-Corá!¹ A voz canta sem conhecer a adolescência desesperada de Maria. Os tarecos e a saudade. Fito o céu, a rua e o canto.

Nuit, desespoir et pierrierie.

24 mai., 1949

ECOS DE UM CONGRESSO

(De São Paulo) – O telefone internacional ressoou. De novo. O rapaz jornalista, que estava lendo Pitigrilli, levantou os óculos pesados.

– Querem falar com o doutor Washington...

– Pois não!

E no fim do continente choveram as lisonjas.

– Usted es mayor que Getulio! Usted es el hombre de carácter típico del Brasil! El mayor! Es historiador... Escritor!

– Muchas Gracias. Yo sou el contrario...

Inútil. Aqueles protestos tímidos e encantados não desfizeram a confusão. O Brasil estava sem representantes ao mais fabuloso congresso de pensamento e de cultura que jamais houvera nas Américas. E como o dr. Cannabraya não quisesse organizar a equipe *brasileña*, encontraram aquele nome ilustre na lista telefônica de São Paulo e zás-tras – ficou um bisonho repórter de aeroporto incumbido de organizar a nossa delegação. Consegiu convencer uma ilustre escritora e um poeta consagrado. Mas o resto? Quem é no Brasil que pensava? No Rio ninguém. Em São Paulo menos. Só o sr. Vicente Ferreira da Silva, mas este estava ocupado com Rilke. No interior, meditou, talvez eu ache... Nada; interrogou pelo telefone o sr. Sérgio Milliet.

– Mande o João!

– Ah! O João!

No hall do hotel fabuloso os brasileiros misturaram-se com os outros e o homem do interior paulista, que levava a senhora, sempre de preto, esguia e desconfiada, ficou sendo chamado de Juáo!

– Esses gringos não entendem o nosso til! Eu sou persecólogo.

¹Cerro-Corá – local onde acampou e foi surpreendido pelas forças brasileiras o ditador Solano López, do Paraguai. A morte de López pôs fim à Guerra do Paraguai (1º de março de 1870).

Juáo pra cá, Juáo pra lá. Fagueiro, começou ele a atuar nos plenários. Batia calejadas palmas.

Muy bien! Pido la palabra! Usted hablô bien!

Era o pensamento da bancada *brasileña*. – Muy bien!

Chegaram as despedidas. Banquete de honra. Casaca.

À mesa, no canto do grupo nacional a mulher de Juáo. Vinhos velhos. Copos esquisitos. Grandes assados fumegaram depois de cálidos espargos.

– Caviar, señora!

– Não! É amargo. Tem gosto de jiló!

A mulher de Juáo não comia nada daquilo. Aliás, tinha sido esse o problema máximo de nossa delegação. Alimentar a companheira. Só comia feijão e arroz. Pedia jabá. O presidente do Congresso ofereceu-se para mandar vir “jabá por avion”. Nas noites do apartamento luxuoso, ela suspirava:

– Ah! João aquele arroz fofinho lá de casa!

O marido fechara-a no quarto. – Ela só gosta de sanduíche! Mas no dia do encerramento ela precisara comparecer.

Cheirou o assado.

– Carne de porco? Não!

Olhou desolada para o garçon.

– Moço, porco eu só como o que eu crio e mato!

A escritora sorria finamente.

Um existentialista gordo que tinha bebido, esborrachou-se.

– Esta noche vá a comer so esposo!

Seu Washington, chefe da delegação interveio. Tinha esquecido o português.

– La señora não se sirve? Não bibe?

– Juáo, me dê uma cueca-cuêla!

1º jun., 1949

SOBRE POESIA

(De uma conferência) – O vocábulo oculta o ser e sobre o ser, trânsfuga do conhecimento, a poesia joga um rendado manto de palavras. Com que fim? Diz William Blake que o conhecimento poético limpa as vidraças da percepção para tornar as coisas infinitas.

De modo que se apresenta logo essa função antitética da poesia – obscurecer esclarecendo.

É o Dante quem nos fala da horribilidade das coisas.

“Perche nascosse
questi il vocabol di quella riviera
pur com'uom fá dell'orribili cose?”

Comentando esses versos diz Ortega y Gasset, que se desenha aí toda uma poética: “Devem-se esconder os vocábulos porque assim se ocultam, se contornam as coisas, que como tais são horríveis”.

E Mallarmé, evitando identificar-se, dizia de si mesmo: “Aquele a quem os meus amigos têm o costume de chamar pelo meu nome”.

Vou oferecer-vos o recorde da perifrase arrancado de D. Luiz de Góngora, em uma de suas Soledada.

“— Aves
Cujo lascivo esposo vigilante
Doméstico é do sol núncio canoro
E — de coral barbado — não de ouro
Cinge — mas de púrpura turbante.”
Isso tudo para dizer — galo!

Seria o jogo a constante expressional da poesia? Ou é o poeta apenas um demente, um parafrênico que abomina a utilidade do vocabulário, empregando a palavra como valor plástico e musical para seus delírios?

Confirmam este último conceito algumas opiniões autorizadas.

Se Plotino diz que a fantasia continua a atividade criadora da natureza, ao contrário, o pensamento clássico faz fila para condenar o poeta, já expulso da República de Platão.

Demócrito afirmou não ser possível um poeta sem certa loucura divina. Aristóteles disse que não há engenho sem mistura de demência. Horácio chamou a poesia de amável insânia.

No entanto, com o doido Hölderlin, o poeta assume a responsabilidade angelica de dar nome às coisas. E um século depois, Rainer Maria Rilke dizia também que estamos aqui para nomear as coisas.

“Fonte. Portal. Ânfora.”

7 jun., 1949

IN MEMORIAM

(De São Paulo) – Mário Guastini, no caixão, parecia massacrado e tinha uma face de tristeza que não lhe conheci em vida. Fora sempre um otimista, um vencedor profissional, topando a boa parada, raramente se enganando, fazendo escolhidamente amigos e inimigos. Mas nem sempre a porta da chance se abriu para ele na hora oportuna. Acabou ignorado das novas gerações da imprensa.

Um novo que fora ao cemitério por dever profissional, me perguntava quem era esse Guastini de quem tanto falavam agora. Esse Guastini tinha um ótimo coração e sofreu muito. Foi uma São Paulo extinta. Uma página virada. Provam-no os seis esteios da velha política que o acompanharam ao Araçá, mais um trecho da Revolução Paulista, mais os amigos que esses eram inúmeros.

Mário Guastini talvez tivesse sido o maior trabalhador braçal do nosso jornalismo. De um certo modo, foi quem iniciou o “-métier” em São Paulo, pois antes dele o jornalista profissional era um ser bisonho e esquivo, incapaz de entrevistar um político ou uma celebridade de passagem por aqui. Foi ele quem primeiro se fotografou ao lado de um presidente de Estado. Lembro-me de um instantâneo seu que parece um daguerreótipo, ao lado de Campos Salles. A indumentária de ambos serviria para um Museu de Traje.

Guastini foi uma São Paulo em que era possível ser notado na rua Direita. Ficava ele todas as tardes alinhado, à porta do *Jornal do Comércio* conversando com os amigos e ali parava tanto Madalena Tagliaferro, uma criança recém-vinda da Europa, como o jovem escritor Cláudio de Souza ou o senador Rodolfo de Miranda. A primeira guerra mundial reboava lá longe, fazendo as transformações do século. Mas o jornalista se preocupava muito mais com o Circuito de Itapecerica e com a profecia do hierofante Múcio Teixeira sobre o destino político do sr. Altino Arantes.

Boa São Paulo terna e calma, onde nem o Martinelli apontava para o muco de nuvens que recobre a cidade industrial. O seu jornalista desapareceu num espedaçado tumulto de trânsito, os automóveis se perdendo na interrupção do cortejo, entre grilos, sinais e burburinhos de multidão itinerante. O amigo que ia ao meu lado exclamou de repente.

– Você sabe, uma freira tirou carta de chofer!

– Pois é!

8 jun., 1949

BATE-PAPO

(De São Paulo) – O poeta, precocemente encanecido fincou os olhos na minha atenção:

– A calmaria em que vivemos é, como sempre, prenúncio de borrasca.

– Você estava falando no Plínio.

– Exato. O Plínio quer se aproveitar da borrasca. Você notou a mudança sutil que ele produziu no seu *front*? Prova é que os integralistas sinceros que acreditavam numa revolução verde se afastaram enojados do chefe e o chamam de traidor...

– Mas ele continua a atacar a burguesia.

– Ele ataca essa burguesia moribunda que agoniza cheia de jóias no jogo e na bebedeira. Mas, note ele não ataca mais Prestes!

– E você acha possível uma ligação dos galinhas-verde com os pavões-vermelhos?

– Você se esqueceu do pacto germano-soviético? Melhor sinal não há do que vê-lo xingar de fascistas os liberais e insultar o socialismo-laranja que também é suspeito aos marxistas. Você viu ele se colocar contra a ala católica de Maritain? Pura fita! Pergunte ao Tristão de Athayde. Quando o jesuíta Riquet leva o nome de Carlos Marx para o púlpito de Notre-Dame... não falemos da brava ala dominicana onde fulgem as atitudes de Ducatillon e de Lebret... pode haver um passo mais largo e decisivo na direção de um pacto-de-não-agressão... Fora das fileiras do comunismo e do integralismo, os dois condutores de massa que restam estão sendo massacrados pelo conluio político e pela defesa dos grupos liberais. Tudo isso é caos e crise. Ora, quando a confusão se extrema há um remédio – a cesariana.

– O general Dutra declarou que não sai da Constituição.

– Mas a Constituição pode ser modificada.

O poeta levantou-se incisivo e continuou.

– Pode ser prorrogado o mandato ao general-presidente. Ele atenderá disciplinado. Pode vir também constitucionalmente uma eleição indireta. Sera a hora das massas de Prestes fazerem o jogo de Plínio. Ele já é considerado por muitos um criptocomunista.

– Não creio que os vermelhos se entreguem assim ao seu inimigo tradicional. Sei que você vai dizer que eles o farão por tática como os russos o fizeram para vencer Hitler...

— Não meu caro, as circunstâncias são outras. O marxismo militante está certo no fundo, mas errado na forma. A forma pode lhe ser emprestada por qualquer totalitarismo. Quem viver verá. Existe uma marmelada Plínio-Prestes!

16 jun., 1949

A QUEDA DE UM ASTRO

(De São Paulo) — Ou Orson Welles foi um gênio e hoje é um imbecil ou a sua mirífica aparição com "Cidadão Kane", longe de ser um *bluff*, era apenas um produto dessa coragem americana de ser, que também deu o milagre de Henry Miller. Fato, que o seu "Macbeth" não é melhor em qualidade, fatura e invenção do que um dos nossos mornos e azarados suplementos nacionais. Dir-se-ia que um ataque de estupidez paralisou o grande astro, que como diretor de cena, me deu, a mim, aí no Rio, uma das maiores impressões que tenho tido.

Anos atrás, Orson Welles veio fazer um filme brasileiro cujo momento alto foi a morte do jangadeiro Jacaré. Vi então, no estúdio, a obra-prima de uma composição de cena, vinte vezes repetida com um carinho e um lavor que constituíam um trabalho de ourivesaria humana. Isso tudo sobre um material nosso, saído de nosso povo, do infinito amor dos mulatos flautistas como das tranças de corpo inteiro das Iracemas e das Marílias. O que me fez ainda acreditar no Brasil.

De modo que fiquei perplexo diante da aventura sinistra de Orson, querendo produzir uma interpretação muda de Shakespeare num filme supersonoro ao lado de uma estrela fisicamente parecida com o romancista Graciliano Ramos. Que monumental desastre! Dizem-me que esse filme foi vaiado num concurso de Cannes, onde se colocou em primeiro lugar a grande revelação do cinema italiano: "Roma, cidade aberta". Se eu estivesse lá, também vaiava, apesar da grande estima que tenho por Orson Welles. Se ele houvesse extremado o pernóstico e o bufo que resultou da fita, talvez conseguisse uma obra-prima expressionista. Mas ficou apenas na mediocridade e no erro.

Por uma dessas coincidências sem nome, ao fracasso cênico veio juntar-se como uma condecoração, a cretinice do texto traduzido para o português. Nós que lemos aquela versão de Fialho, no seu artigo sobre Sara Bernhardt, a grande frase: "Nem todos os perfumes da Arábia, reunidos, poderiam perfumar, já agora, esta pequena mão que cheira a sangue", ouvimos desta vez a angustiada Lady exclamar: "Nem todos os perfumes da Arábia borrarão este cheiro". E adiante comentando a solidão de Macbeth: "Mirai que ensimesmado ele está!" Ou então numa confidência do herói: "Meu cérebro bulia com coisas..."

Magnífico! Só o gênio demoníaco de Cocteau poderia ter salvo a inenarrável salada.

17 jun., 1949

O POÇO

(De São Paulo) – A cidade que produz um grande crime pode dar uma grande literatura. Disso me convenci mais uma vez lendo agora os originais de uma peça de Helena Silveira intitulada "O poço". Ela criou em torno do tremendo caso da rua de Santo Antônio, qualquer coisa de novo e de especial em nosso teatro.

Relembremos a tragédia: um jovem professor da Universidade, cheio de talento e de vida, colaborando já em revistas estrangeiras, tipo exemplar de filho, de irmão e de amigo, mandou abrir um poço em seu quintal, em pleno centro, a dois metros da entrada da Avenida 9 de Julho e declarando que ia realizar experiência de química – ramo a que se dedicava – sem mais aquela enterrou ali os corpos por ele assassinados a revólver, de sua própria mãe e de suas duas irmãs. O amor tinha penetrado nele como uma frechada corrosiva. E a família doente, imprestável e como sempre tradicional, opusera-se ao casamento considerado uma mesaliança.

Planejou e cumpriu o crime com uma tal lógica, uma tal frieza e uma tal classe, que tudo exclui qualquer idéia de loucura. Fez-se o juizidor consciente de um estado de coisas ultrapassado pela vida contemporânea. Econômica e sentimen-

talmente ultrapassado. E durante vinte dias permaneceu impune e sereno, realizando o seu amor negado na própria casa fatídica, diante da polícia aparvalhada e dos jornais inquietos com o desaparecimento das três criaturas. No fim, quando o vizinho levantou o véu do mistério e foram abrir o poço, a polícia cretina consentiu que ele se suicidasse sem dizer palavra, privando assim de se estudar um raro e espantoso documento humano e social.

Helena Silveira, filha de Alarico e irmã de Dinah, é para mim a mulher que hoje melhor escreve no Brasil. Suas crônicas diárias nos jornais transcendem da função amena a que se destinam. Reunidas em livro, darão da melhor literatura. Está casada com o poeta e ensaísta Jamil Almansur Haddad e dedica-se exclusivamente a escrever.

“O poço” é um cometimento intelectual distante de nossa tradição naturalista que vem de Martins Pena e Joracy Camargo. Coloca-se como teatro entre Goethe, Ibsen e Lorca, na linha de fantasia e criação que deu ao Brasil o “Malazarte” e talvez “A Morta”. Para mim é a melhor dessas três peças.

Desistiu Helena de entregar os seus originais a um concurso promovido pelo Teatro Brasileiro de Comédia, quem sabe se por ter sido atribuído o julgamento do mesmo aos defuntinhos da Academia Paulista de Letras. E fez muito bem.

O Teatro Brasileiro de Comédia de quem tanto se esperava, não está cumprindo o seu anunciado destino. Há nele gente moça e boa como Madalena Nicol, Cacilda Becker, Carlos Vergueiro, Ruy Afonso Machado, Nonnemberg, Abílio e outros. Mas exibindo como está grandes tolices de Soroyan e de Ayn Rand, acabará representando o mascate Neme ou o pequeno aventureiro José Mauro de Vasconcelos, que por mau agouro escreveu uma peça intitulada “Vazante”.

Enfim, que venham os intérpretes d“O Poço” de Helena Silveira, na altura em que ela concebeu e executou o seu drama e São Paulo levantará, sem dúvida, o teatro do Brasil.

21 jun., 1949

BATE-PAPO “2”

(De São Paulo) – O velho fixou os olhos pequeninos e vivos no político impaciente.

– Não é tolice nenhuma. A revolução está madura, ou melhor, o povo brasileiro está maduro para a revolução.

– Armada?

– Não será necessário. O governo que vier vai ser forte.

– Militar?

– Militar ou civil, não importa. A experiência feita com a presidência Dutra liquidou as últimas ilusões liberais.

– Um governo honesto...

– À sombra do qual se fizeram as maiores patifarias públicas e privadas. Dizem até que as nossas reservas ouro foram liquidadas em benefício de certas amáveis camarilhas. Eis no que deu a deflação.

– Acabou com o jogo...

– Fez o jogo penetrar nas casas de família e proliferar muito mais do que quando era regulamentado. Uma farsa!

– Você não pode negar que prosperamos.

– Prosperamos no quê? Vivemos angustiados, sem um níquel no bolso, mal equilibrando os modestíssimos orçamentos domésticos. Você sabe que eu deixei a advocacia militante, não tenho família, conservo apenas meia dúzia de clientes que dão para pagar a solidão deste apartamento. Um desses clientes é o Quincas, você conhece. O Quincas não é nada, nem o diploma de ginásio tem. A advocacia que lhe presto é defendê-lo no imposto sobre a renda. Sabe você quanto ele paga de imposto de renda? Um milhão e duzentos mil cruzeiros! Veja que fortuna ele arranjou! Enquanto isso o feijão custa tanto para ele como para o pobre, seis cruzeiros o quilo. E feijão mais barato só dá caruncho... O desajustamento social cresceu assombrosamente. Os magnatas proliferam na liberdade do lucro e a miséria vai tisnando a alma do povo. Foi o maior teste de inépcia já feito na História do Brasil. E você pensa que o povo não entende e não se vinga? As forças populares se aglutinarão inexoravelmente e farão a revolução do voto...

– Ainda temos elites...

– Elites incapazes de captar os anseios, as necessidades e os ideais do povo. Nada deterá a massa brasileira na conquista de um governo no que atenda aos seus direitos.

— O maior direito do povo é o de ser livre. Você continua um idealista horroroso. Parece que não sabe que a massa se divide atrás dos seus condutores de meia-tigela.

— Não meu caro, desta vez você verá as forças vivas de um lado e do outro os desencarnados que ainda não acreditam que morreram...

— Lorotas... lorotas...

26 jun., 1949

À SOMBRA DOS CRETINOS EM FLOR

(De São Paulo) — O sabido gagá da crítica heb-dromedária Djalma Viana¹, floriu em adulagem. Evidentemente não é cômodo atacar jovencitos truculentos, mal-educados e geralmente geniais. Além do que, estando-se em junho não fica de estranhar essa festa joanina de luzentes pistolões, estrelinhas fagueiras, chuveiros de prata, com alguns traques de permeio, em benefício duma geração caquética, tirada a ferros das entranhas do Modernismo. Trata-se logo dum “triunfo esmagador”, o que é justíssimo, pois ela sem fazer nada já conquistou os sensacionais suplementos e isso é que é bom! Mas como o inconsciente não trai mesmo, o escrivão assinala na rasa a sua (dela) “responsabilidade de patriarca” e a sua (também dela) “nobreza de pároco”. Trata-se pois, de uma súcia de patriarcas do soneto, de párocos do inefável, sisudos e autopersuadidos de que estão fazendo “a verdadeira revolução”, não a que se processa no amargo âmago das ruas, das oficinas e dos conclaves sociais, mas aquela que se fecunda à sombra espichada da propina e do abraço, entre redação, cafezinho e noturnas manipulações de sonho solteiro.

Esqueceu-se porém, o freudiano turibulário de qualificar o caso de certo líder órfico que quer por força ser e nem isso consegue, o Fernando Pessoa, de Luanda². Trata-se de um

¹ Djalma Viana, pseudônimo jornalístico do escritor Adonias Filho (n. 1915).

² Fernando Pessoa de Loanda. Brincadeira com o nome do poeta Fernando Ferreira de Loanda, nascido em São Paulo de Luanda, Angola, em 1924, e residente no Brasil, onde fez parte da chamada “geração de 45”.

complexo de Édipo torto, pois o rapazito tentou matar o pai que é o sr. Carlos Drummond de Andrade, para se casar não com a mãe que seria a poesia – e essa o vento levou – mas com a madrasta que é a metrificação. Afinal a colônia de Loanda tem para conosco grandes responsabilidades. Mandamos para lá Tomás Antônio Gonzaga e ela nos devolve esse gajo gozado!

27 jun., 1949

PRA QUE CENSURA?

(De São Paulo) – Uma das maiores provas do nosso baixo nível intelectual é a importância que assumiu no teatro destes últimos tempos o sr. Nelson Rodrigues. Gente de responsabilidade se deixou levar pelo fescenino vestido de noiva entreaberto com que apresentou as polpudas coxas de sua imoralidade.

Nem sabendo que o sr. Nelson Rodrigues é o folhetinista medíocre que usa o pseudônimo de Suzana Flag, a crítica recolheu as orelhas de asno com que saudou a sua estrepitosa aparição. Estrepitosa por causa da montagem que lhe deram “Os comediantes” e da facilidade de se compreender através de alguns sustos cômicos uma simples notícia de jornal que foi o seu primeiro enredo.

Não serei eu quem vai querer moralizar seja o teatro, seja o sr. Nelson Rodrigues. Atingi bastante displicênciâ na minha longa carreira ante aberrações de qualquer natureza. Sou apenas inimigo da completa parvoice literária do autor de “Álbum de Família”. Não há uma frase que se salve em todo o cansativo texto de seus dramalhões.

De modo que incomodar gente seria e ocupada para censurar mais uma grosseira patacoada do sr. Nelson Rodrigues é abracadabrante.

29 jun., 1949

HAMLET

(De São Paulo) – Ante a impecável decência de Lawrence Olivier na sua criação do Hamlet como fica ridículo o Corcunda de Notre-Dame que temos visto urrar a tragédia de Elsenor por essas cenas infelizes do Brasil. Compreende-se como diante do grande artista-diretor Orson Welles se tenha retirado como um palhaço vencido na sua tentativa de interpretar Shakespeare.

E mais uma vez se constata que, se o cinema é diversas coisas – o artista em Carlito, a realização dramática em “Laços Humanos”, a ideologia em “Pontenkin” como em “Roma, cidade aberta”, a forma em “Kane” – pode ser tudo isso ao mesmo tempo e é esse o caso do atual Hamlet. Mas de modo algum venham por aí dizer que o formal é que decide do valor do filme, como quer a peste parnasiana que de novo invade os campos da arte e da literatura.

A importância essencial do trágico princípio da Dinamarca é ele representar o ponto alto da idade patriarcal no seu feroz imperativo hereditário e monogâmico. Dois mil anos antes, o velho Ésquilo anuncia que as sociedades ocidentais derrogariam por muitos séculos o direito materno, de que seriam as últimas exatoras as Eríneas, vencidas pelo voto de Minerva. Os Orestes poderiam desde então, matar impunemente as mães adúlteras. Evidente que tudo girava em torno da propriedade privada e da herança. E esse mesmo drama – o de Orestes e o de Hamlet – se esclareceria terrivelmente na luctuosa “Electra” de O’Neill.

Muito bem Lawrence Olivier acentuou a ênfase do drama em torno da figura implacável do pai. O rei morto domina imperativamente a película. A realidade do fantasma, maior que a dos seres vivos, vem disputar a mulher perdida no dilema edipiano – ou o amante cônjuge ou o filho que é a memória do pai. E a perplexidade temperamental de Hamlet prolonga e acentua a disputa até o final catastrófico.

Os tempos mudaram. Hoje a rainha se arranjava sem precisar matar o seu primeiro dono. Um simples desquite se fosse no Brasil. Um divórcio ou a abdicação na Inglaterra. E era uma vez a tenebrosa fábula de Elsenor. Jean Paul Sartre viu isso. Em “Les Mouches”, o mesmo tema – o de Shakespeare, o de Ésquilo e o

de O'Neill – é tratada com o cinismo displicente dos tempos novos. Acabaram-se os compromissos com o fantasma paterno. Ficaram outros compromissos e outros fantasmas. Cada um de nós carrega os seus.

2 jul., 1949

INTERCÂMBIO LITERÁRIO

(De São Paulo) – A visita do poeta e crítico inglês John Lehman, irmão de Rosemond, veio agitar os meios intelectuais do Brasil. Realizou ele aqui duas conferências tendo havido na primeira agitado debate sobre arte dirigida. E assunto que abordarei oportunamente. Agora convém anotar que a parte indescoberta do mundo que é a América do Sul, vai começando a ser conhecida e procurada por gente de alta categoria mental.

Jean Paul Sartre recusou-se a vir à Argentina e de lambuja ao Brasil, por lhe terem sido pedidas antecipadamente, pela censura de Perón, as conferências que devia realizar em Buenos Aires. É o que me informam. Agora quem vem e vem mesmo é Albert Camus, uma das grandes forças existentialistas do momento. Devia ter embarcado ontem num porto de França, a bordo do *Campana*. Paul Silvestre que ao contrário dos adidos culturais de outras nações, muito faz aqui por um real intercâmbio literário entre a França e o Brasil, nos diz que o autor de "Le mythe de Sisyphe" permanecera entre nos quase um mês visitando Recife, Rio e São Paulo. Não sei porque o governo da Bahia que tem à sua frente homens civilizados como os srs. Otávio Mangabeira e Antônio Teixeira, não hospeda esse grande viajante com as honras que ele merece. Isso sanaria de um certo modo as deficiências com que se vai comemorando o 4º Centenário da antiga metrópole. Minas que tem também uma figura de intelectual à frente do seu governo, o sr. Milton Campos, poderia organizar a visita de Camus à Umbria brasileira, esse glorioso país do Aleijadinho, uma das poucas coisas que de fato nos enobrecem.

Enfim, que venha Camus levar na sua retina as cores do inverno brasileiro e deixar aqui, para os botocudos de 20 anos um

pouco de informação do que se passa no mundo. Aconselho-os a entrar depressa num curso Berlitz de francês, pois Camus fala em sua língua nativa.

3 jul., 1949

DIMITROV

(De São Paulo) – A morte do líder comunista da Bulgária evoca uma porção de fatos que com a última guerra ficaram esquecidos e arquivados. As novas gerações ignoram o que foi o aparecimento sinistro de Hitler no poder. Ao assumir o governo da Alemanha ante a inércia do velho marechal Hindenburg, o criador do nazismo deu como sinal de partida de suas atividades políticas o incêndio do Reichstag. Atribuiria esse atentado aos comunistas a fim de lançar contra eles uma tremenda perseguição. Para isso utilizou uma espécie de sonâmbulo que veio acusar Dimitrov, então na Alemanha, de incendiário e sabotador.

A atuação de Dimitrov perante o tribunal que o julgou foi das mais extraordinárias da história processual do Ocidente. Desmascarou face a face Göring que o acusava, provando que no momento do incêndio do Parlamento alemão, estava viajando num trem e que nenhuma ligação poderia ter com o louco criminoso.

Foi tão grave a agitação provocada por sua atitude, no mundo civilizado, que Hitler se viu obrigado a fazer absolvê-lo, consentindo na sua retirada do país.

Infelizmente Dimitrov seguiu de cabeça baixa a orientação cega e fanática dos soviés depois da vitória de 45. Ao contrário de Browder e de Tito que apontaram caminhos de cooperação com as camadas progressistas do liberalismo burguês e com o campo, o velho chefe só viu o interesse partidário, colocando-o acima de tudo, dos próprios interesses do seu país e da História. Morreu coberto de honras promovidas pelo seu Partido, mas não deixou de ser lembrado pelos que acompanharam a sua grande atuação como o primeiro homem que enfrentou corajosamente o nazismo.

7 jul., 1949

BATE PAPO “3”

(De São Paulo) – Os dois homens encaravam-se na mesa do bar. Um deles tinha um jornal aberto. Lá fora, uma cortina ténue de água descia sobre a cidade.

– Pois é! Quando a subversão penetra nas leis é como um vírus que corrói um corpo sadio. Agora vem esta lei que põe em perigo a continuidade dos governos estaduais. Por ela uma simples denúncia, sem verificação, sem julgamento, pode depor...

– É preciso acabar com a demagogia...

– Demagogia, meu caro, na América que chamam de latina, é uma forma empolada mas natural, de democracia. Você quer prosseguir no erro inglês do Império... Por cima da escravidão, os Pitts e os Nabucos...

– Estive com o Sérgio Buarque que chegou da Europa e participou das reuniões da ONU. Procurou-se estabelecer em Paris um conceito de democracia que teve como aferição a idéia de humanismo e de universalidade.

– O Sérgio Buarque é da Holanda... Um colonizador!

– Escreveu as “Raízes do Brasil”!

– Pena que ele não tenha levado para a ONU a idéia do “homem cordial”. Você sabe, que a cordialidade filosoficamente encarada, não exclui o assassinato, o roubo e o pronunciamento político...

– Bem, você quer chegar ao pronunciamento...

– Você teme que um desses homens que galvanizam as forças vivas e populares do país, tome o poder pelo mandato do voto e prefere então essa lei que ameaça os Estados de uma maneira insofismável na sua tranquilidade e na sua continuidade administrativa. Acredita você que o povo não vê essa sujeira de legalizar um golpe de Estado? E terá algum político a coragem de subverter com o cínico pretexto de uma denúncia, razoável ou não, a ordem nos Estados?

– É preciso conter os demagogos...

– Não seria melhor a intervenção? por que não a fizeram em tempo e hora?

– Porque havia consequências imprevisíveis...

– E com essa lei não haverá?

10 jul., 1949

9 DE JULHO

(De São Paulo) – Na noite borrascosa, o velho me fitava com olhos felizes. Tinha um incisivo de menos na boca soridente. Exclamou:

– Você também veio ver o que o italo-paulista chama de desfilé?

– Este ano saí de casa para cheirar a atmosfera. Vim tomar cocktail de garoa.

– São Paulo não muda. Essa mistura de lua, chuvisco e sol da meia-noite.

– Sol cívico...

– Você tem razão. São Paulo humilhado, espezinhado, incompreendido levanta-se de repente como um só homem...

– Você está fazendo um discurso de 32!

– E o que é que você quer que se faça? O Brasil continua a não entender São Paulo que trabalha e sua para ele!

Estávamos diante do Teatro Municipal iluminado. O povo apinhava as escadarias em torno de uma estátua de guerreiro, contornava a praça, penetrava no viaduto sob luminárias e foguetes. Pela rua Barão de Itapetininga chegavam sons de clarins e tremeluziam milhares de lanternas num cortejo compacto em marcha, ladeado de arranha-céus. O velho murmurou:

– Em 32, eu não tinha mais idade para pegar em armas. Dei um filho à Revolução. Morreu em Campinas... Foi datilógrafo.

Os bombeiros penetravam na praça, num corpo de clarins. Lembravam a primeira resistência dos Campos Elísios em 24. O velho chorava.

Um grupo de homens lentos, sérios, unia-se sob um dístico: "Ex-Combatentes de 32". O povo rompeu em palmas. Num claro, vinha um mutilado conduzindo um carrinho automático, com as mãos enluvadas de preto. A bandeira do Brasil centralizava o desfile ladeada por duas bandeiras paulistas que uma moça branca e outra preta conduziam. Passou então a banda da Força Pública. Foguetes atroaram o ar.

– Você reconhece esta marcha?

A marcha num rufo de tambores vinha do fundo da memória dos paulistas. Era a das manhãs inocentes do Tietê de antes das transformações do mundo. Era a mesma que o rádio inoculara no sangue paulista, durante os meses belicosos de 32.

— A marcha da revolução! Faz bem à gente.

Uma bandeira brasileira costurada a uma bandeira paulista, passou horizontalmente estendida por cem mãos de mulher. Brancas e pretas, mulatas de samba, de cozinha e de escritório, gente de todas as idades, de todas as classes, japonesas, sírias, lituanas, enfim a paulista passava unindo São Paulo ao Brasil.

Grandes piras elevaram-se na noite agitada.

— É preciso compreender e respeitar São Paulo, gaguejou o velho, enxugando os olhos.

14 jul., 1949

CHUTE FRACO

(De São Paulo) — Ao sr. Djalma Vianna, onde estiver, na pele do sr. Jorge Lacerda, do sr. Adonias Filho ou de qualquer outro Filho.

Custei muito a descobrir, num fim fugidio de coluna, as suas malcriações em resposta ao Telefonema que intitulei "À sombra dos cretinos em flor", onde denunciava a sua paneluda situação a favor dum grupelho iletrado e reacionario que você gozadamente chama de "geração". Vê-se que você ficou em agonias, pois que não valendo um tostão de polêmica, respondeu pela negativa e pelo coice, como um criminoso ingênuo, agarrado em flagrante de adulção e de sandice pela minha oportuna severidade.

Como escreveu o Rubem Braga dos integralistas, você e a sua turma têm o "chute fraco". Só fazem gol em "ramistoso". O líder órfico, coitado, apareceu também de crista caída, titubeante e explicativo, jurando que não metrifica, quando todo mundo sabe que o seu verso só anda de quatro pés. Acusou-me de ignorar que Tomás Antônio Gonzaga tivesse ido para Moçambique, não sabendo (pois não sabe mesmo nada) que antes de ser seu professor de maneiras, eu sou por concurso, livre-docente de literatura da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo. Tirei o título ao lado de Antonio Cândido e Jamil Almansur Haddad e na minha tese, então publicada (procure-a com o João Condé para aprender alguma coisa) e que intitulei "A Arcádia e a Inconfidência", à pagina 55, sobre o destino de Gonzaga, falei de

seu desvairo "nas noites de Moçambique". É que ele e você, meu balão furado, ignoram o que seja a liberdade criadora do escritor e do poeta, e não sabem que a minha geografia, quando cismo, é a do Proust e a de Homero. Se vocês conhecessem francês, eu chamar-lhes-ia a atenção para um prefácio de Aragon sobre a exatidão do poeta, onde ele conta que mudou de chefe a segunda Cruzada por causa de uma rima e relata a criação da cidade imaginária de Jerimadeth num poema de Victor Hugo. Mas falar a vocês de Aragon, Homero e Victor Hugo é falar chinês.

Terminando, vejo com sincera admiração a paternalidade socrática que você, Djalma Vianna, continua a assumir para com os seus pupilos e fico pensando que talvez tivesse errado o título do meu Telefonema. Como me disse o poeta Jamil, deveria ter escrito "A sombra dos cretinos em fruta".

Muito seu cupincha,
Oswald de Andrade

16 jul., 1949

ALBERT CAMUS

(De São Paulo) – A embaixada de França está retendo demasiadamente o grande autor do *Mythe de Sisyphe* em suas malhas diplomáticas e sociais. A natureza do Rio, espécie de cartão de visita do país, não pode satisfazer a solidão de Camus, ávida de geografia e de povo. Aqui em São Paulo quando ele vier, poderíamos talvez apresentar-lhe uma das festas folclóricas do começo de agosto, onde ele conheceria este Brasil sem máscara, onde o assombro, a alucinação e o milagre fazem as coordenadas do maravilhoso.

Camus precisa ver o que há por detrás das montanhas que emparedam a capital asfaltada. E o clima de absurdo, que é o clima de sua obra, encontraria o apoio de nossas florestas sensacionais, de nossos rios sem destino, de nossa gente pré-histórica.

A parte intelectual e culta de São Paulo também o espera para ouvir a sua grande palavra.

26 jul., 1949

DA ATUALIDADE

(De São Paulo) – Sou um representante típico da ignorância americana. Nunca pensei encontrar esse dinamismo, nem mesmo que fosse possível ganhar 30% em lucros industriais como me disseram que se ganha aqui...

O sol cáustico da tarde penetrava pela janela do quarto de hotel por uma brecha de arranha-céus. O homem que se sentava diante de mim, entroncado e grisalho, era o professor da Colúmbia University, Boris Stanfield. Começou me dizendo que julgava as atuais agitações comunistas no continente americano uma recuperação tática procurada pelos russos diante do fracasso do bolchevismo na Europa.

– Tito...

Eu passo a considerar Tito, em sua linha ideológica, como paralelo a Browder. E conto-lhe que deixei o Partido em 45 porque entendia que, dentro do marxismo vivo, depois da tese – burguesia – e da antítese – proletariado – caberia a síntese – Teerá – anunciada pelo grande líder esquerdista americano Earl Browder.

– Acreditei que a linha do Partido seguisse os seus primeiros impulsos compreendendo ser possível uma ligação com as forças progressistas da democracia.

Passamos à China e eu me admiro da levianidade com que a América tem considerado o problema asiático no seu perigoso aspecto militar e político. O sociólogo lança a hipótese de um curioso divórcio ideológico entre os americanos e o regime de latifúndio que ainda impera na China nacionalista.

Os americanos não tiveram Idade Média. Depois da Secesão, vitoriosos na sua concepção de um mundo livre, baseado na livre concorrência, não podem pactuar com a opressão feudal, onde ela se apresente. Talvez acreditassem que o comunismo chinês não fosse bem o comunismo moscovita e que a sua luta, irmada à luta contra os grandes proprietários de terras, pudesse ter aspectos simpáticos e fins moderados...

– E agora?

– Agora... talvez uma política de ativo sindicalismo pudesse estabelecer ainda uma ponte pacífica com a China. Sei lá!

Chegando ao âmago da questão social presente, Stanfield acredita que a força do comunismo se constitui de uma “derivação” do cristianismo em derrocada perante as elites e as massas.

– Trata-se de uma espécie de cristianismo ateu, onde fins morais encobrem uma alta e profunda imoralidade... a dos métodos...

– A qual?

– Creio que nada pode derrogar a validez de um princípio – o da livre consciência e da livre atuação da pessoa humana.

2 set., 1949

DE COISA APOCALÍPTICA

(De São Paulo) – Na sua modéstia disse muito bem o dr. Arthur Antunes Maciel, no almoço recorde que lhe foi oferecido aqui, que hoje celebra-se tanto Napoleão como o soldado desconhecido. Isso desde a outra guerra. Compreendam os que compreenderem. Mas desde a segunda década do século, numa ascensão vigorosa do homem cotidiano, todo mundo tem direito de partida e de chegada na competição dos bens terrenos e dos trabalhos diários que vêm derrogando os serviços do céu e as honras luxuosas do além. E quando sai uma Miss Brasil, é uma pequena funcionária de Goiás. Há os desencarnados que continuam a crer no mundo formal em que nasceram há meio século, mundo modelado sobre o esquema otimista do armistício de 18. Pensava-se então que o grande flagelo da História era o Kaiser! E com o Kaiser vencido – pobre otário refugiado na corte agropecuária da rainha Guilhermina – tinha sido eliminado o tropeço para a ascensão unilinear do burguês progressista oriundo da revolução industrial. Mal se sabia que a burguesia inventiva bichara e no seu âmago se ia criar o vírus roedor das tranqüilidades granjeadas pela classe dominante. O proletariado rebentou sem esforço o reinado de Rasputin. E agora, 30 anos depois, já põe as orelhas vermelhas de fora nos alpes bolivianos. Nem as burradas políticas de todos os Prestes da terra conseguem infirmar a ascensão histórica duma classe que tem direito ao arejamento que lhe negam. E se uma solução correta e digna não vier ao seu encontro, será pior. Muito pior para os que jogam pif-paf como se jogava peteca em Versalhes nos fins do século 18.

— Outra guerra é inevitável, dizia eu ao jornalista Gian Gaspare Napolitano que aqui se acha, com seu brilho e sua bagagem cultural. E ele pondo a mão na cabeça me retrucava:

— Vai ser uma Idade Média de cinco séculos!

— Pois vai mesmo!

10 set., 1949

PELA GORJA!

(De São Paulo) — Que o sr. Plínio Salgado era mentiroso eu já sabia há muito tempo. Mas nunca pensei que tivesse a coragem de deformar fatos quando há gente viva para contestá-lo. Afirmou-me um amigo que no Teatro Municipal do Rio, transformado em verde galinheiro, o chefe visível da reação contou que dez anos atrás em Lisboa, eu o procurara para lhe propor acordo entre comunistas e integralistas.

De fato encontrei o grande Tómbola num hotel da capital portuguesa no começo da guerra de 39. Mas as coisas se passaram de maneira diversa. Sendo eu comunista, fora considerada indesejável a minha permanência em Paris e me vi então obrigado a voltar ao Brasil sem mais aquela. Como todo mundo, fiquei em Portugal na fila da condução marítima. A fim de saber notícias de navios, dirigi-me certa manhã a um hotel para falar com meu primo, o sr. Marcos Inglês de Souza que se achava com outros brasileiros nas mesmas condições que eu. No *ball* desse hotel, onde eu não sabia que também estava hospedado o chefe fascista, vi um magrela de preto bordejar na minha direção, ao vento do Tejo que entrava pelas janelas. Acompanhava-o uma senhora. Não senti nenhuma dificuldade em aceitar o cumprimento do vaidoso capiau que reconheci ser o sr. Plínio Salgado. E tive logo o instinto de gozá-lo no momento em que a Rússia Soviética abrava estrategicamente a Alemanha nazista. Que diria o Plínio ante o acordo Hitler-Stalin? Perguntei: — Que é você agora, Plínio? E ele esganiçou levantando as sobrancelhas: — Liberal! Retirei-me rindo e chegando aqui, contei isso pelos jornais.

A afirmação de que eu pudera algum dia ter sido plenipotenciário do Partido Comunista é monumental. Todo mundo

conhece a posição dos intelectuais honestos dentro da couraça obreirista dos vermelhos e vermelhinhos, onde só faz efeito um salafra do porte do sr. Jorge Amado.

Durante quinze anos dei a minha vida e a de dois filhos para ser apenas um obscuro membro do Socorro Vermelho. Prisões, fugas espetaculares, a ruína financeira e até a fome foram os títulos que conquistei nessa gloriosa militância. Tido como intelectual de origem burguesa, percebi enfim, já em 45, que não me tinham faltado nunca sentinelas à vista. Por sinal que a última foi o sr. Benedito Costa Neto!

Emissário do Pen Club do Brasil ao Congresso de Estocolmo em 39, o único acordo que eu poderia propor então ao sr. Plínio Salgado seria com o sr. Cláudio de Souza, por exemplo sobre estilo. Mas isso não era necessário, pois que cansado de me plagiar para ser modernista, antes de ter traído o Brasil o sr. Plínio Salgado já havia traído a Semana de 22.

28 set., 1949

HELENA RECEBE

(De São Paulo) – A filha da romancista Dinah Silveira de Queiroz foi apresentada por sua tia (tia solidamente casada com o poeta Jamil) a um grupo de intelectuais de São Paulo. Zelindinha moveu-se como um peixe nas águas da poesia e do romance que representavam José Geraldo Vieira, Domingos Carvalho da Silva, Péricles, Mário da Silva Brito e muitos outros e no fim da noite já se achava com vocação para o Teatro Brasileiro de Comédia. Um bom ponto para a inteligência. O que privava uma grã-fina de dizer que o mundo sem o jogo seria pavoroso – Que faremos sem o jogo?

Seja como for, Helena Silveira mostrou-se à altura da sua fama de primeira cronista elegante de São Paulo. Soube dar uma lição de receber. Não só serviu na linha de apetite do seu oriental marido como conseguiu magistralmente combinar os seus convivas. Representando Freud estava lá minha amiga Clô Pereira que amavelmente nos chamou na cara de frustrados, atribuindo-nos o “funesto privilégio” de que falava Kierkegaard. Como se vê, a conversa andou alta, apoiada num excelente uís-

que. Tema essencial foi o próximo Congresso de Filosofia que, por obra e graça do professor Reale, que quer ser um magnífico Reitor, se reunirá aqui em janeiro. Grande hélice dessa e de outras façanhas metafísicas, o sr. Luis Washington, que andam chamando de Perón da Filosofia, tomava posições invadia tudo e prometia arrasar céus e terras se não acabasse professor da Universidade. Além de tudo, me perdoe Jamil, Helena estava linda lantejoulada em "mauve". Sem que com ela se pudesse dizer como se diz de conhecido acadêmico paulista que, por usar pijama dessa cor e ter a sua biblioteca em "mauve", só faz literatura "mauvaise".

8 out., 1949

A ESCOLA DE ATIBAIA

(De São Paulo) – Como ficou a Escola Mineira na nossa literatura, ficará sem dúvida, o que eu chamo de Escola de Atibaia, o melhor esforço de cristalização da nossa poesia atual. Parece fábula, mas não é. No cocuruto da serra de Juqueri (este nome indica a capital da loucura paulista), no minúsculo burgo de Atibaia, três poetas existem. São eles: Dulce e André Carneiro e César Mêmolo Júnior.

Para ai um ano atrás fomos arrebanhados pelo Clube da Poesia num *show* de que foi astro José Geraldo Vieira. Desde então o nosso contato com os três poetas tem sido continuo. E verificamos que, particularmente Dulce Carneiro é dotada de uma excelsa capacidade de poesia. Seu irmão André tem suado no verso para garantir seus direitos de primogenitura. Agora deu-nos ele o seu primeiro livro – o primeiro livro de Atibaia – onde se estabelece visível a continuidade modelar do Modernismo numa renovada e luminosa expressão. E é com o amor de ancestral das "Memórias Sentimentais" que venho dizer aqui que, o que falta a André é vivência e travessura. Mas ninguém pode acusar um autêntico poeta de ser também um exemplar chefe de clã. André daria o estouro um dia sem que os estilhaços de sua descarga atinjam os que vivem ao seu redor. César Mêmolo Júnior com sua cara de tragedia, parece um Greco, não se apurou ainda na forma triturada e lapidar que deseja e que os dois irmãos vão atingindo.

De qualquer maneira os três já deram o tom de bronze da nova poesia e com júbilo vejo em "Tentativa" (o jornal literário de Atibaia) este admirável poema do velho-moço Edgard Braga:

Porta oclusa
Escorre lenta da parede
água de mistério.
Sobre este coração tão só,
vazio de memórias.
Vaga tristeza
e a sombra caindo,
intocado fruto pobre
dos colmos do Espaço.
Pautas vibrando-cegueira
na decepada paisagem.
No limiar do corpo
chuva de cinza...

Por que será que o orfético de Loanda e seus burrinhos não arranjam um passe de avião para Atibaia, a fim de aprender alguma coisa do que seja a poesia nova? Talvez lhes bastasse um contato aqui com Geraldo Vidigal ou uma conversinha com Domingos Carvalho da Silva e Péricles Eugênio, ambos de volta dos dois extremos que palmilhavam: o romântico e o parnasiano. Pois ficou bem esclarecido no "amistoso" que tivemos com Ledo Ivo, que a chamada geração de 45 não veio a termo. O que existe é a tentativa de Atibaia.

11 out., 1949

A INQUISIÇÃO VERMELHA

(De São Paulo) – O rapaz parecia aterrado. Tinha uma revista na mão. O professor indagou:

– Que é isso?

– Olhe, é um número da revista *Pensés*, a revista oficial do comunismo europeu. Estou lendo aqui o que se passou em Moscou com a publicação de um manual de filosofia. Um pobre professor russo entendeu alinhar noções de história do pensa-

mento humano como ele se processou nestes últimos milênios. Que aconteceu? Deu um bode danado, como se diz na gíria. O Partido Comunista clamou aos céus, convocou uma conferência, chamou para ela todos os filósofos e professores da URSS. A fim de pública e oficialmente castigar o sacrípanta infeccionado de espírito burguês, que ousara estudar os problemas humanos com "objetividade"! Nesse concílio foi decretado que o "essencial é o espírito militante, é o espírito do partido em filosofia, a intransigência, etc.".

— E o professor se retratou?

— Claro. Nestes tempos, coitado de quem não segue o exemplo de Galileu!

— Eu sabia que a música dos grandes mestres tinha sido censurada na URSS por causa das suas tendências burguesas... Só se pode compor para banda...

— E o pior é que, eles não falam mais em classe, falam em "partido". Exatamente como Hitler e Mussolini. Veja o que diz o sr. Ydanov, secretário do Comitê Central do Partido Bolchevik: "abertamente, nos devemos colocar no ponto de vista de um grupo social". Esse grupo social, porém, não é mais o proletariado. Não se trata pois de uma "ditadura do proletariado", isto é, de uma ditadura de classe. Trata-se de "partido", espírito de partido, só de partido. É a concepção fascista.

Meu caro, o conceito de proletariado mudou de Marx para cá. Houve uma redistribuição da mais-valia, houve as leis sociais. A ciência nos países avançados fez do trabalhador um técnico. Nos países atrasados tem havido uma proletarização em massa. Não se pode mais invocar seriamente a ditadura dum a classe que deixou de ser "revolucionária", que se aburguesou. O que resta é mesmo o grupo, o partido, o fascismo. Eles!

12 nov., 1949

DINAMISMO

(De São Paulo) — Na pequena parolagem que fiz no Anhangabaú por ocasião das comemorações de Ruy Barbosa, junto à árvore da Liberdade, acentuei o caráter inquieto de nossa capital. São Paulo é a cidade onde até as estátuas andam. É pre-

ciso ser árvore para ficar. Mesmo assim, esse carvalho que Ruy Barbosa, plantou aqui em 1919, foi arrancado no dia seguinte. Nós, então, estudantes daquela longínqua época, fomos buscá-lo para o replantar. Eu era o orador do Centro Acadêmico 11 de Agosto e fui indicado para o béstia oficial. Fiz um discurso conservador como convém sempre à mocidade que se preza. Retifiquei oportunamente agora a minha linha, pois, melhoramos todos bastante depois de 1919. Tivemos Hitler, Mussolini, Stalin, o avião a jato e o buguiúgue.

Mas voltando às estátuas de São Paulo, houve um monumento a Bilac na Avenida que sumiu. José Bonifácio, João Mendes, o Imperador Augusto e ultimamente Verdi andam desaparecidos. Feijó mudou de lugar. Laocoonte e suas serpentes também. A Eva de Brecheret, das poucas coisas que prestam desse adunco modernista de 22, sentiu-se nua demais no centro e pirou para uma vereda da Avenida 9 de Julho. Só a estatuária fúnebre dos cemitérios continua firme, com seus trágicos carros de carnaval, seus gestos de ópera, seu zeloso narcisismo de pedra e de bronze.

20 nov., 1949

A MULHER AUTOMÁTICA

(De São Paulo) – Qual é o seu nome?

– Esteno-dátilo-serpente-contralto-secretária...

Isso é novidade. Eu ouvi no rádio, naquele debate sobre a mulher moderna: esteno-dátilo-serpente–secretária – A mulher atual!

– Ainda tem mais! Ponha *glamour*!

– Que é isso?

– *Glamour* é assim como eu sou. De concurso!

O homem pálido que esperava há duas horas, examinou com os olhos a morena iodada no coral solto do vestido, sandálias de purpurina, cabelo lustroso, brincos, balangandás e pulseiras, um beiço em ciclâmen por Salvador Dali.

– O senhor sabe? Comprei ontem um leque que cheira. É formidável! Da América!

A voz grossa trauteou "La vie en rose".

– Dei o fora no meu *darling* porque ele não me levou à *boite* ver o Charles Trenet¹. Fui com Mister Ubirajara.

– Quem é Mister Ubirajara?

– Acho que é canadense. Um gordo do anúncio. Tem gaita e possui um guarda-roupa perfeito. Dois ternos por dia! Me levou a Santo Amaro num 1950 formidável. Tomamos muitos *drinks*.

Na ante-sala de móveis mecânicos o telefone ressoou.

– Aposto que é o turco! Deixa tocar... Ele fala "negócio". Quer saber do "negócio" dele. Como se eu estivesse aqui pra dar informações!

O telefone insistia.

– O senhor sabe? Um marinheiro contrabandista foi ao meu apartamento levar uns cortes de tropical e uns relógios suíços. Não falava nenhuma língua. Disse por gestos que era marinheiro, da Suíça. Enquanto ele se distraiu eu bati um relógio-pulseira e pus ele pra fora. Começou gesticulando que faltava alguma coisa. Banquei a boba. O homem falou baiano: – Deixa de bestera moça! Não gosto disso não! Me dá o relógio!

O telefone continuava. Ela arrancou num gesto o fone e berrou:

– Não me encha! Não é aqui!

Desligou violentamente. A voz do outro lado ficou dizendo humildemente:

– Esbéra, mucinha!

– Que esbéra, nada! Se ele ligar outra vez dou o telefone do Cemitério do Araça. Vou fazer ele falar com defunto!

Houve um silêncio rápido. O homem pálido perguntou:

– A senhora é contralto?

– Sou. O que a mulher tem de melhor é a voz! gritou desaparecendo numa porta volante. – A voz e a saliva!

24 nov., 1949

¹ Charles Trenet, cançoneiro francês que teve grande êxito no Brasil àquele tempo.

CRISE DO PARENTESCO

(De São Paulo) – No espaço de um ano, justamente na mesma época, duas tragédias marcaram de sangue o noticiário dos jornais. Nos fins de 1948, em São Paulo um jovem professor de química, com minuciosa e lúcida premeditação, matava sua própria mãe e duas irmãs, suicidando-se depois. Agora vem do Rio a pavorosa notícia de que a esposa dum dos nossos maiores astros, o Grande Otelo, assassinou o filho de seis anos e matou-se.

Não se podem desligar esses dois fatos do panorama geral da sociedade em que vivemos.

Quando a família se desmancha em *glamour-girls*, mulheres automáticas e folgados amigos do alheio automóvel e do alheio *drink*, é que lavra um evidente desajustamento nos velhos quadros que presidiram a nossa formação. Nem se vai para diante, pois persistem os preconceitos e as leis da velha gente patriarcal, nem se volta para trás, pois acabaram-se as rótulas e não é possível vigilância sobre a meninada de ambos os sexos que parte cedo para as escolas, os centros de esporte, os acampamentos, os grêmios recreativos, o ganha-pão.

Tudo isso se liga a uma grave crise de autoridade paterna. Nem o pai fracassado nem a mãe leviana têm direito algum sobre a prole ansiosa de sensações que o cinema provoca, o rádio exalta e a vida mecânica promove.

Do povo, reduzido pela revolução industrial, a alugar a prole saiu essa forma de desagregação da família. Com a crescente proletarização ela atingiu a burguesia em cheio. E os ricos? Os filhos e as filhas do feudo argentário? Não foram eles sempre os puxa-fila do ócio e de suas complicações estéticas?

Hoje é no povo que se debatem os antigos problemas do ciúme e da vindita que eram privilégio dos reis antigos e dos personagens de alto coturno. Foi uma tragédia moral a que atingiu o Grande Otelo, e um drama econômico, o que fez do jovem Paulo de Camargo um tríplice assassino doméstico.

25 nov., 1949

O DIABO AGRIPIANO

(De São Paulo) – O Teatro Municipal ficou repleto com mais uma conferência de Agripino Grieco promovida pelo "gauleiter"¹ Martins², do Departamento de Cultura. Não sei se isso aconteceria no Rio de Janeiro. Diz ele, aliás, que aí ele só tem um ouvinte – um surdo. São Paulo recebe sempre de braços abertos esse Gregório de Matos impiedoso e romântico, que passeia pelos palcos a sua figura satírica, pondo na fogueira com a mesma verve, santos e fariseus, cretinos, aventureiros e oportunistas pacíficos.

Ele confessou que deve a sua casa no Meier, a São Paulo. Foi uma curiosa aventura essa, de um intelectual pobre que vai pelo mundo falando mal da sociedade que o não acolhe nem defende, a fim de ganhar a vida. Problema que envolve uma grave acusação ao ambiente cultural em que vivemos.

Dir-se-ia que Agripino nasceu para satirizar. E a face ofensiva e polêmica da sua alma franciscana. Pois creio que, no fundo, ele não passa de um bom cidadão, machucado pela vida, que resolve publicamente se desrecalcar.

Desta vez, desenhou a habitual galeria de imortais do Siloéu, onde diz que com o Sr. Carneiro Leão, excepcionalmente entraram, em vez de um, dois animais. Denunciou o "academismo sincero" do poeta Manuel Bandeira. Descompôs os que escrevem corretamente mal. E durante mais de uma hora encantou a assistência sensível. Diz Agripino que prefere falar a escrever porque assim diz tudo. E a feição esotérica da sua obra de crítico, muito mais sobria e moderada em seus livros. Está agora ele escrevendo uma história da nossa literatura. Será um Deus nos acuda! Agripino é dos mais cultos expoentes da nossa geração. Atravessou incolume o Modernismo sem dele participar ou divergir.

E uma posição impar que, liquidados os exageros, ficará como exemplo de independência e probidade.

26 nov., 1949

¹ "Gauleiter" – chefe da *gau*, distrito na Alemanha nacional socialista.

² Gauleiter Martins – brincadeira amistosa com o editor José de Barros Martins, então diretor do Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo.

DIÁRIO CONFESSİONAL

(De São Paulo) – O mundo moderno se debate entre Kafka e Pirandello. São os nossos clássicos, são os anjos sombrios que dominam este intérmino período da História. Tão curto, nascido apenas ontem mas que pela tensão e pela gravidade, estourou todas as dimensões do tempo, foi além de todas as eras humanas, as mais compactas de acontecimentos. Um dia de hoje equivale a um século antigo. 24 horas de Dublin produziram na sensibilidade de James Joyce o maior romance dos tempos novos. Terminando no único otimismo possível – o otimismo animal.

Somos todos mais ou menos personagens d"O Processo" de Kafka. Não sabemos nunca se quem bate à nossa porta é o vendedor de enceradeira – uma solução Cocteau – ou, o que é mais certo, o capuzo que nos vai levar à guilhotina.

Sob o signo da intranqüilidade e da desavença, o mundo muda. Não para o otimismo cretino anunciado por Leibnitz. Para o otimismo sanguinário das fogueiras soviéticas que querem de novo salvar a nossa alma. Para que tenhamos sempre à vista um confessor e um carrasco. Enquanto não se esfacelar em sangue a espinha dorsal das certezas messiânicas, sob o aspecto do salvacionismo ou do "melhor dos mundos", pagaremos caro nossas infantis ilusões, nossa crença e nosso amor. E seremos devorados na dialética do absurdo.

2 dez., 1949

O CAFÉ

(De São Paulo) – A moça bonita roçou a mão pelos cachos ondulados e sorriu. Estava alegremente encabulada.

– O café subiu...

Diante da roda elegante, indiferente, que bebericava uísque na reunião de aniversário, só eu notava o que ia de tragédia naquela frase perdida.

– E seu pai?

– Está melhor. Justamente agora, na alta, a polinevrite o atacou. Foi para a fazenda, cheio de dores, mas feliz.

Estava diante de mim o quadro da família fazendeira de São Paulo. Se pudesse haver humanidade num senador americano, eu

queria trazer até aqui os perseguidos do café, para assistirem ao esforço titânico que representa a resistência rural de patrões e empregados na média das plantações bandeirantes. A família daquela moça tinha se proletarizado, depois dos áureos tempos, quando o ouro negro fazia do fazendeiro paulista um tipo pitoresco de revista europeia. Mas soubra resistir, conservando uma fazenda. Em 1929, com a quebra de Wall Street, coincidiu aqui a bancarrota. Desamparado pelo governo, o nosso produto básico teve uma queda vertical, seguida de uma esteira de ruínas e suicídios. Foi preciso vir a vitória das armas revolucionárias de 30, para que os negócios se readjuntassem. Nesse instante, houve advogados que pleitearam e conseguiram através de suas camarilhas, que fosse invalidado o crédito atribuído aos conhecimentos (*sic*) de café, não hesitando em arruinar assim toda a nossa economia. Para São Lourenço, onde estava o ditador Vargas, correram então o interventor João Alberto, o secretário Marcos de Souza Dantas e o banqueiro Armando de Alcântara, conseguindo que não desabasse sobre as cabeças paulistas o estoque acumulado nos reguladores. Criou-se então o D.N.C. que terminaria tão tristemente os seus dias.

Hoje, o café oscila alto e traz aos corações de São Paulo um desafogo de esperança que repercute no Natal bulhento e chuvoso das ruas.

– Sua mãe? Perguntei à moça que tomava o café saboroso da casa.

– Continua trabalhando...

A antiga fazendeira era desde 30, caixa de uma companhia de transportes. A moça, filha única, lecionava.

– Estão com muita esperança?

– Em Papai Noel...

23 dez., 1949

RESPOSTINHA

(De São Paulo) – Não cabem nesta coluna mais do que rápidas observações à margem do artigo que o sr. Euríalo Cannabray publicou nesse gostoso documentário de ideias que é o "Jornal de Letras" dos irmãos Condé. Se tiver tempo contestarei mais minuciosamente as suas afirmações.

Basta porém dizer, para começar, que o ilustre professor não entendeu patavina do que fizemos em 22. A prova está no que ele afirma da obra maior de Mário de Andrade: "O seu romance 'Macunaíma' é *quase* ilegível e de construção técnica que nos parece inteiramente rudimentar".

Note-se a dubiedade desse trecho, o "quase", o "nos parece". Vê-se que o ilustre filosofante quer salvar a retirada. Não ousa afirmar decididamente coisas tão chucras contra um livro consagrado. Aliás, "Macunaíma" é um teste de inteligência. Quem entende, entende. Quem bôia, bôia.

É, porém, bom esclarecer, para que o professor Cannabrava tenha alguma informação sobre o assunto que discute no escuro. São muitas as fontes de "Macunaíma", a mítica de Koch Grünberg, a sintaxe nheengatu, a cultura antropofágica e outras! Num livrinho curioso, publicado pelo maestro Francisco Mignone, estão lá todas elas. Quase todas.

"Trata-se de um academismo invertido", continua o crítico; o estilo de Coelho Neto às avessas. O artifício dessa literatura consiste precisamente em querer forçar a nota do natural."

Esta frase é um assombro. Como se não fosse toda arte e toda literatura, com exceção do baixo naturalismo, uma transcendência do natural. Teria prazer em saber do que gosta o professor Cannabrava. *De Mlle. Cinema?* Ou prefere *De Kobra?* Talvez Humberto de Campos?

Essa acusação de que fizemos "Coelho Neto" é velha. E precisa ser esclarecida da seguinte maneira: Coelho Neto é um subproduto dos Goncourt, agravado pela incultura e pelo mau gosto. Como ele, alguns modernistas de 22, particularmente Mário e eu, fizemos a "écriture artiste". E que mal houve nisso? Se nem por sombra copiamos os Goncourt, que aliás são de primeira ordem. Produzimos no mesmo filão formal, "algo nuevo", isto é, a marca de nosso tempo.

Adiante continua, o ilustre professor, com os "parece" a atenuar a responsabilidade de suas teses. Assim "parece que Hölderlin é superior a Rilke". Por quê? Terá o sr. Cannabrava entendido Hölderlin? Saberá ele que a importância atribuída hoje a Rilke é a do seu nirvânico pessimismo? A temática de Rilke é a da "vela soprada". Saberá ele que quer dizer isso?

O sr. Euríalo Cannabrava meteu-se em funduras para as quais não está preparado. E não se pode preparar improvisadamente.

SAMUEL PUTNAM

(De São Paulo) – Faleceu nos Estados Unidos o grande amigo do Brasil que traduziu "Os Sertões" e "Casa Grande e Senzala", Samuel Putnam, um dos bons espíritos da chamada "Geração Perdida" que daria Hemingway e Dos Passos e que participou em Paris, das transformações artísticas e literárias do começo do século, deixou um largo traço de amizade e interesse pelo nosso país. Sua obra de vulgarização de nossas coisas talvez seja um elo mais forte do que os salamaleques interessados da diplomacia oficial.

As traduções de Putnam constituem verdadeiras obras literárias. Como me disse Camus, o seu Rabelais é considerado na Europa, um alto cometimento estilístico.

Não conheço "Os Sertões" que pôs em inglês, mas sei que ele conservou no possível, a imaginária e a cadêncie da obra-prima nacional.

Putnam estava trabalhando numa antologia dos novos poetas do Brasil, foi o que me comunicou em carta. Teria concluído?

A embaixada americana, já que os adidos culturais de S. Paulo não fazem nada, devia se interessar pela publicação dos inéditos de Putnam referentes à nossa literatura. E nós, que trabalhamos na dura labuta de escrever, não podemos deixar sem lembrança essa figura denodada do vulgarizador competente de nossas obras-primas.

21 jan., 1950

CENSURA?

(De São Paulo) – Guilherme de Almeida nega taxativamente. Não houve general, nem a intervenção epicurista de Paulo Assumpção com champanha, nem a própria bravura de Guilherme respondendo que emigraria se a peça de Sartre, traduzida por ele, com o nome de "Entre Quatro Paredes", sofresse qualquer mutilação em seu texto.

Mas que significa tudo isso, perguntarão? Significa que está sendo representada aqui em São Paulo, no teatrinho de Franco Zampari e Cicillo Matarazzo, essa peça existencialista. E no come-

ço da semana, correu pela cidade um zum-zum tremendo, pois, dizia-se que houvera uma intervenção *manu militari* contra o teatro da rua Major Diogo, a qual tirou da cama, de pijama, o próprio poeta Guilherme para vir assistir de madrugada a uma representação prévia de "Huis Clos", perante as autoridades.

Guilherme, como já disse, nega que tivesse havido qualquer violência ou ameaça de violência, mas fato é que, acentuando os rumores, apareceu nos jornais uma verdadeira encíclica mandando para o inferno quem fosse ver Sartre e afirmando que o que ele queria e com ele os seus cúmplices, era "a prostituição da família e da juventude brasileiras".

Seja como for, tudo isso é loucura furiosa. A peça de Sartre é inocentíssima. Verdadeiro teatro infantil.

A tese é uma tese antropofágica, quero dizer, uma tese que enxerga a vida como devoração. Nós somos o inferno dos outros, os outros são o nosso inferno, informa Sartre.

De modo que, não se explica de nenhum modo, mesmo essa misteriosa exibição noturna, perante as autoridades. Ou estamos de novo num novo Estado Novo?

4 fev., 1950

DISCO VOADOR

(De São Paulo) – O meu amigo alto, longo, de óculos, olhava o céu paulista, fechado num dossel de nuvens cinzas. Para lá era o clarão do ocaso. Voltou-se para mim.

– Está mesmo um tempo de disco voador. Calor, chuva... São seis horas da tarde e parece que vai amanhecer.

– São Paulo é assim, subtropical batata! Você sabe que o trópico (o Capricórnio) passa pela Ponte Grande, pelo menos passava quando havia lá uma espécie de pequeno observatório...

– Na Chácara Couto de Magalhães... Mas tudo mudou. Vieram os clubes de regatas, depois a urbanização, a mudança de rumo da Avenida, a Ponte das Bandeiras... E com certeza o trópico mudou para o Jardim América.

– Sabe-se que as bandeiras nunca passaram por ali. E chama-se Ponte das Bandeiras.

— Mas quem é que sabe? Não se sabe nada! Inventa-se tudo. A ciência é pura invenção tanto que muda. A Física que eu aprendi no ginásio não é a de hoje... Você conhece o caso daquele historiador que assistiu a uma briga debaixo de sua janela e depois verificou que os outros espectadores do conflito tinham versões completamente diferentes da sua? Desistiu de fazer História...

— O homem tem em si uma duplidade insanável. A gente se engana antes de enganar os outros. Por isso somos uns grandes mentirosos. Que pensa você das aparições do disco voador no território nacional?

— Acredito e interpreto. Dou razão ao meu fundo supersticioso que é o de toda gente...

— Religioso?

— Não. Supersticioso. Há uma grande diferença entre religião e superstição. As religiões se sucedem, passam, as superstições ficam. Porque estão na raiz do próprio ser humano. Os augúrios, os avisos, os pressentimentos tomam forma física. Aparecem. Depende da sensibilidade de cada um.

— Mas desta vez, a radiopatrulha constatou...

— Isso é outra coisa! É a mania que tem o brasileiro de compensar a sua desordem interior com o visto da delegacia. Teretetê, chama o guarda. É outra superstição, a superstição da polícia.

— Mas muita gente viu o disco fantasma!

— Vamos então acreditar. São os habitantes de Marte que nos mandam as suas primeiras mensagens.

23 mar., 1950

NO FUNDO DO POÇO

(De São Paulo) — Já notei, por diversas vezes que, no meio de um auditório repleto, perante o qual se debate qualquer assunto, há sempre de cem a duzentas pessoas que batem palmas pró e contra. É um grupo que está disposto a intervir ruidosamente, seja qual for a posição de quem fala. O que quer é bater palmas.

Agora, nos debates que se fizeram em torno da peça de Helena Silveira, "No Fundo do Poço", no Teatro de Cultura Artística, aconteceu isso. Graça Mello falava a favor, palmas. Um

espectador falava contra, palmas. E ficava-se sem saber quem é que tinha realmente o apoio do público.

A humanidade é assim. Tem sempre um grupo de manifestantes neutros de opinião, mas ruidoso de expressão. O que quer é intervir fisicamente, pela voz ou pelas palmas e às vezes pelo assobio. Essa neutralidade efusiva não se estende, porém, aos que realmente se interessam pelo caso. Assim Helena Silveira está sendo processada pelos remanescentes da família conhecida como "do crime da rua de Santo Antônio". De fato, a escritora colheu para o seu trabalho, elementos importantes tirados desse caso terrível, em que um jovem professor de química eliminou a família e suicidou-se.

Mas a peça transcende do caso. Tornando-se até moralizante pois é um protesto contra a vida confinada de certos grupos sociais que decaem fechados em preconceitos insolúveis e mortais. Com o seu talento posto em relevo pela interpretação de Graça Mello, Maria Della Costa e demais artistas, Helena está conseguindo um êxito invulgar. E agora a curiosidade pública cresceu com o processo que pede a proibição da peça e a interdição do livro editado pela Livraria Martins. O advogado é um rapaz de conhecidos méritos, o dr. Ben-Hur de Escobar que funcionou por ocasião do crime, tendo tomado a defesa da escritora a causídica já célebre dra. Esther de Figueiredo Ferraz.

7 abr., 1950

NOTAS PARA O MEU "DIÁRIO CONFESSİONAL"

Não guardo apontamentos da época em que o Brasil se transformou esteticamente através de um movimento que teve importantes ligações com Paris. Mas tenho viva a lembrança de muita coisa. Sei mesmo que no fim do ano de 22, depois da Semana da Arte Moderna, rumei para a França, onde tinha candidamente combinado encontrar-me no museu do Louvre, junto a Vênus de Milo, com uma namorada, em certa hora e certo dia. Essa namorada tinha o belo e estranho nome de Tarsila. Encontrei-me com ela no combinado local e alguns anos depois, com ela, artista e

fazendeira, me casava, tendo como padrinho o dr. Washington Luiz Pereira de Souza, então eleito presidente da República.

Já tive ocasião de contar que esse grande casamento acompanhou o destino do café. Subiu a alturas, conseguiu um raro cartaz depois rodopiou e caiu. Evidentemente, o culpado foi, com o destino, o autor deste diário.

Em 1930, inaugurava eu uma vida completamente oposta a de tertúlias, viagens e festas, que caracterizou o meu período modernista. Morava, antes, num velho solar da rua Barão de Piracicaba, pertencente ao sogro da época, onde funcionou a minha roda literária — casa que, com toda a justiça, na sua celebre conferência do Itamarati, Mário de Andrade chamou de "Salão de Tarsila".

Em 30, numa estreita solidariedade com meu estado de arruinado, tornei-me marxista militante e passei a conhecer corticos, vielas, prisões, lençóis rasgados e fome física. Uma modesta fome que não teve a importância da de Knut Hamsun nem a que Jules Margoline refere na sua "Casa dos Mortos" soviética, "La condition inhumaine".

Hoje, comemorando o cinquentenário do *Correio da Manhã* vou fixar um episódio que teve como cenário a Paris daquela época. Foi por ocasião de uma das minhas brigas tremendas com Di Cavalcanti. Já tive diversas. Considero esse enorme brasileiro, talvez o maior pintor de sua época entre nós, mestre de Cândido Portinari e donde saiu a subpintura de Clovis Graciano, a criatura mais estranha, contraditória e muitas vezes incômoda do mundo.

Hoje, não saberia explicar porque briguei com Di. Mas briguei feio e só reatamos devido a energica intervenção de um homem, Edmundo Bittencourt.

Lembro-me que tivemos um grande jantar em que tomaram parte artistas e amigos de artistas. Estavam presentes dona Olivia Guedes Penteado, a animadora social de 22, Paulo Prado, Villa-Lobos, Tarsila, Anita Malfatti e Brecheret. Talvez Sérgio Milliet que também fez parte da equipe de brasileiros que foi beber em Paris o seguro entusiasmo pela renovação de nossas letras e artes.

Nesse jantar debateu-se o caso meu com Di e fizemos as pazes como boas crianças.

Não foi, porém, essa a única intervenção de Edmundo no mundo literário e crítico de então. Edmundo, não tendo tomado contato com a revolução modernista que agitara São Paulo, ficou surpreso ante a coorte de pintores e escritores do Brasil que ado-

tavam e defendiam as novas formas de expressão. Chegamos mesmo a temer que o jornalista não gostasse de nossa posição e desencadeasse contra nós uma tremenda ofensiva pelo *Correio*. "Tan pis!"

Quem não conheceu Edmundo Bittencourt não calcula a importância que teria isso em nosso meio. Desde minha infância eu me habituara a ver em Edmundo a bravura e a sinceridade. Além disso era um jornalista.

Minha infância soletrou nas revistas e nos jornais da época a independência de Edmundo, ligada à ascensão do *Correio da Manhã*.

Quem não se assombrou então com o episódio Pinheiro Machado? Pinheiro era o ditador político a que o *Correio* não perdoava. Num meio que ainda hoje desafia conquistas da democracia, o tiranete do Sul usava e abusava do coronelato político fazendo de deputados, magnatas e presidentes, uma coleção de títeres. O Brasil teve sempre a virtude de ser um país contra. Talvez nenhuma nação no mundo possa contar o rosário de revoluções que temos tido. É verdade que todas fracassadas. Do levante do "Almirante João Cândido" (1910), a que assisti no Rio, ao golpe de 29 de outubro de 45, tivemos cerca de dez movimentos revolucionários. Só um vitorioso – o do sr. Getúlio Vargas em 30.

A ditadura branca de Pinheiro Machado exacerbava a nossa sensibilidade literária. Edmundo Bittencourt encabeçava a luta. Um dia correu a notícia. Edmundo fora desafiado para um duelo a pistola por Pinheiro Machado, exímio atirador. Não escaparia com vida. Afrontando a ameaça sobre a nossa independência de opinião, ele já tinha aceito e enfrentava o adversário.

Foi ferido num braço, mas a democracia com essa mesma bala feriu, conquistava um triunfo imenso sobre a ditadura. A opinião se galvanizou em torno de Edmundo.

Era esse homem lendário que ia agora intervir na nossa revolução cultural e estética. Entenderia ele o que queríamos? Sabia perfeitamente que éramos bem-intencionados. Mas, evidentemente, isso não bastava.

E vimos esse homem que não era mais uma criança subir cinco andares sem elevador para visitar o "atelier" de Tarsila em Montmartre.

A inteligência de Edmundo reagiu bem. Ficou ao lado da renovação com o seu ar combativo, sério, autoritário.

O que nos impressionou foi sobretudo a decisão de Edmundo. Ele ia lá, ver os quadros modernistas que Tarsila expusera na Galerie Percier sem absolutamente se incomodar com a opinião da grande crítica que aceitava já a pintora brasileira ou com a hostilidade da pequena crítica que aqui nos enchia de insultos e calúnias.

Nesse momento o Modernismo tinha uma unidade guerreira que não comportava cisões. Até 30 mesmo quando surgiu o movimento Antropofágico não havia divergências essenciais. Só com o vendaval político-económico de 30 se definiram posições ideológicas. O sr. Plínio Salagado que ficara nos camarins da Semana, fundou o Integralismo. O grupo chefiado pelo Sr. Mário de Andrade, através do *Diário Nacional*, foi para a liberal democracia e para a revolução paulista de 32. Os srs. Cassiano Ricardo e Menotti Del Picchia encaminharam-se para a cooperacão pública com o sr. Getúlio Vargas. E o grupo restante mais numeroso, e de que eu fazia parte com Di Cavalcanti, Pagu, Osvaldo Costa, Geraldo Ferraz, Jaime Adour da Câmara e Tarsila, dirigiu-se para o marxismo e para a cadeia.

Hoje o Brasil mergulhou na indiferença e ignorância das próprias conquistas. O Rio oficializou alguns mestres do Modernismo mas continua a chocar os "pompiers" da Escola de Belas-Artes.

Na literatura a uma geração, consciente e renovadora, sucedeu uma geração de modestos picaretas e bisonhos piratas que conta como obra a conquista dos suplementos dos jornais.

Não há saudosismo em lembrar neste momento a figura incorruptível e valente de Edmundo Bittencourt que se colocou ao lado do Modernismo.

15 jun., 1951

CONTO DE NATAL

(Da "Boa Sorte") — Aquela semana era como um domingo espetacular e compensador do ano inteiro de penas mercenárias. Uma folga nas atividades madrugadoras que prosseguiam pelo

¹ "Pompier" — diz-se do artista que trata de temas acadêmicos num estilo pretensioso.

dia, pela noite a dentro. Uma folga engalanada, estrídula, promís-
cua. A imagem duma humanidade subitamente reconciliada nas
casas e nas ruas que a reflexologia e o mito conduziam para
Belém da Judéia, sem compromisso qualquer confessional. O que
importava era a festa, a subversão da festa.

Chamava-se a isso o Natal. E toda aquela gente que labu-
tara com as mãos com os braços, durante cinqüenta semanas, o
corpo suado nas cozinhas, nos tanques de lavar, nas enferma-
rias e nas fábricas, abandonava os cortiços, as casas a prestação
de porta e janela, as vilas vivas de crianças. E moças e velhas,
pimponas no raiom estampado, homens de preto e de chapéu,
despencavam nas praças, dois *<falha no texto>* das dezessete
portas da Babilônia. No Centro, aquela massa que parecia che-
gar empurrando as crianças, de mãos dadas ou em fila india, sumiam
num instante os pastéis do japonês, os drops americanos,
sanduíches, empadas, cachorros-quentes. Junto às casas de
brinquedo, estacionava uma multidão murmurante, olhando as
vitrines convidativas, pelando os balcões baralhados, passean-
do sua gula de matéria plástica nas salas policiadas enormes,
escolhendo, pagando, num cheiro ativo de gente. As primeiras
luzes geométricas piscavam para a noite chegada. Figurões
mecânicos de vermelho, a barba nevada e longa, badalavam
sinos mudos ou rodavam bicicletas paradas no teto das tabule-
tas e dos luminosos.

– Oilá Papai Noel num trenzinho! Um bondinho aéreo con-
duzia o velho do saco mágico, num repetir de campainha pelo
tamanho imenso da loja industrial.

Joãozinho, de boné novo, incorporara-se à tumultuosa pro-
cessão do Natal da cidade, grudado na mãe. Siá Lucinda. Queria
ver de perto o Papai Noel e pedir-lhe uma baratinha e uma bola.

– Mãe, será que ele me dá?

Aqueles estranhos velhos barbudos que anos atrás, na sua
aparição mitológica, tinham pregado sustos, capazes de provocar
tiroteio, agora se haviam urbanizado, deixando as florestas natí-
vas de pinheiro, pela democracia das ruas, andavam vivos no
meio da gente, falavam com as crianças, aconselhavam-nas: – Seja
bonzinho, sinô nó te levo o prísciente!

Nas prateleiras, no chão, no teto, das paredes, entre bone-
cas enormes, rosadas e imbecis, o universo mecânico dos auto-
móveis minúsculos ou grandes, dos jipes, das camionetas, dos
aviões e dos tanques militares abafava o horizonte de sonho da

criança. Os papais Noéis tinham a cara borrada de vermelhão e talco e um acento ao mesmo tempo carroceiro, servil e meigo.

— Oia menino! Ocê não bata na sua ermanzinha, sinô non ganha bixicleta!

Quando uma família rica surgia, o figurão se desmanchava para o grupo sorridente de crianças: — Vô te levá um automóver. E pra você um pianinho!

Os pais entravam, compravam, davam o endereço nos bairros-jardins.

— A viúva mulata explicou para o Joãozinho: — O Papai Noé é empregado de Nosso Sinhô! As crianças desobidente não tem cavação com ele! Ocê veve trepando na tina!

Joãozinho aos cinco anos, só sabia fazer aquela travessura de fundo do quintal.

Siá Lucinda não acreditava no milagre que a cidade toda, tornada criança, esperava.

— Larga minha saia! Dá a mão! Num pensa em príncipe! Ocê não presta! Ocê ganha um carvão.

Um Papai Noel fazia piada para gente boquiaberta que ria.

— Agora estou esperando a Mamãe Noela...

— Cadê o moleque, gente?

A Lucinda ficou aterrada. Joãozinho destacara-se dela, sumira na multidão.

E de repente o Papai Noel, que ia atender uma garota rósea de cabelo franjinha, viu-se atropelado pela iniciativa do piá de olhos redondos que lhe enlaçara as pernas curtas, botadas. Dobrou-se:

— O quê? Ocê que uma baratinha? Espera! Vô te leva um saco de barata viva! Nigrinho!

Gente ria. A Lucinda correu, tomou nos braços o pequeno assustado.

— Ocê tá veno? Porquera!

* * *

Na noite chuvosa não passou nenhum anjo sobre o cortiço da lavadeira Lucinda.

1º jan., 1952

RECOMEÇAR

(De São Paulo) – Não se pode recomeçar sem participar. O jornal deixou de ser um neutro repositório de notícias e comentários para tomar uma posição ativa e vigilante. Um grande livro "Kaputt", do italiano Curzio Malaparte, mostra bem como o jornal atingiu em sua forma rápida de comunicado presente o próprio romance. O romance-reportagem está na ordem do dia. Não se pode mais cuidar de literatura abstrata, desligada do local e da hora.

Esta segunda metade do século XX cresceu de graves responsabilidades. Não se deve mais ser "realista" como nos velhos tempos em que se exigia de criador de personagens e de situações a estrita objetividade, a imparcialidade, a desconversa.

Se o século XIX avançou até o ano 14, sabe-se que o que estamos assistindo é apenas a verificação dos resultados inflexíveis do jogo de dados que naquele ano começou entre o jovem imperialismo germânico e o medalhado tigrismo inglês.

Hoje, os imperialismos mudam de paralelo e de consciência. Não são mais comunidades gulosas que se enfrentam, e sim concepções do mundo.

O outro grande livro, "L'Homme Revolté" que Camus me mandou recentemente, mostra que surge uma terceira linha que balança sem compromissos entre Nihilismo e Existencialismo. Com Malaparte, Sartre, Camus e o americano Henry Miller, vemos todos os quadrantes da nova literatura tomarem o colorido que convém ao Brasil, este velho país sem pecados, sem remorsos e portanto sem culpa.

Tanto aos que recomeçam como aos que começam, interessa ligarem-se a essa terceira frente que se opõe tanto ao ursinho soviético como ao tamanduá yankee.

Viva o Brasil! como se grita no fim das festas sérias.

23 jan., 1952

UM ROMANCISTA

(De São Paulo) – Afinal, Dona Lúcia Miguel Pereira deu uma dentro! Divulgou um bom romance, que se perdeu inédito por décadas e décadas. Manoel de Oliveira Paiva, morto no Ceará, sua

província, deixou escrito um livro, "Dona Guidinha do Poço", agora editado pela Saraiva, em São Paulo. Quem o salvou foi Américo Facó, espírito agudo e bom crítico, que recebera o manuscrito de Antônio Salles.

Manoel de Paiva, no dizer autorizado de um conterrâneo, "um ímpio, um renegado", mostra uma discreção no trato naturalista de um adultério, que muito o encarece. Numa época em que até o pudico Inglês de Souza andou querendo jogar pau com as liberdades pernósticas de Júlio Ribeiro, o caso de Manoel de Paiva é honroso.

Sequer uma ponta de cabotinismo escandaloso nessa história duma perdida Bovary do medievo patriarcalista e brasileiro, que aliás, da Bovary só tinha o marido.

Assim se enriquece a nossa literatura, colocando uma pequena obra-prima entre a linha piegas que vem de Alencar a Jorge Amado e a linha documental que acabaria no intolerável sr. José Lins do Rego. Manoel de Paiva parece ter tido maior número de idéias próprias na cabeça que os atuais chefes de fila da literatura cabeça-chata.

Não à-toa me dizia o excelente crítico que é Mário da Silva Brito, que foi quem me deu o livro: "— Nenhum dos grandes editados nordestinos de hoje alcança esse grande anônimo do século passado!"

24 jan., 1952

BILHETE A EDGARD BRAGA

(De São Paulo) - Criou-se a lenda de que eu sou contra a sua experiência poética. Você sabe que é mentira. Mas há, em nosso meio, a legião dos que, não possuindo o seu lugar ao sol, empurram, intrigam, e causticam os que eles acreditam ser os detentores de posições e menagens. Não é verdade que haja qualquer classificação definitiva de valores entre vivos. Só os que morreram - um Mário de Andrade, um Monteiro Lobato entre nos, ou os que nasceram mortos é que se podem considerar habitantes do Olimpo literário ou das covas rasas das academias.

Entre vivos o que há é luta leal ou desleal, cavalheiresca ou venenosa. Nessa luta, meu caro poeta, eu tomo posição não contra a sua poesia lúcida e exata, mas contra certa tendência de seu espírito em prestigiar o conservantismo. Já citei com a responsabilidade de meu nome belos poemas seus, de que gosto. Mas você, como um seu grande irmão de pendores saudosistas. – Domingos Carvalho da Silva, põe talento e audácia a serviço das velhas tendências. Vocês dois são perigosos! Se fôssemos nos deixar levar pela formosa lira dos vinte anos da "Bem Amada Efigênia" ou pelos rigores estéticos de suas "Odes", meu caro Braga, estaria bem danificada a obra que começamos em 22 e perturbado o nosso calendário. Nesse ano de 22 fizemos uma revolução em torno da madrugada poética que foi o "desvairismo". Em 30 anos de tiros, cargas de cavalaria, bofetões, conversões e desvios, consolidamos essa revolução e podemos apresentar, não decepada no prato de ouro a cabeça do "baptista" Mário de Andrade, mas sim, a afirmação indiscutível de sua heróica memória. O Modernismo já saiu do terreno da pesquisa para dar frutos maduros e perfeitos. Estão eles na recente obra de Cassiano Ricardo seguida pelo joviníssimo cangaceiro Tavares de Miranda.

Há quem diga como o grande crítico Antonio Candido, que ainda se podem fazer incursões pela poesia de forma fixa. Eu sou contra. Como não sei fazer nada medido, seja verso, amor ou negócio, coloco-me ao lado de Fernando Pessoa, contra Camões. Vou citar uma página esquecida do maior poeta português de todos os tempos, esse que também foi Álvaro Campos, Alberto Caieiro e Ricardo Reis. Peço que guarde esse trecho das "Páginas de Doutrina Estética" de Fernando Pessoa, a propósito da submissão do autor d"Os Lusíadas" à versificação importada da Itália, no Renascimento: ei-la:

"Se Camões tivesse tido a emoção sinceramente sua, teria encontrado uma forma nova, palavras novas – tudo menos o soneto e o verso de dez sílabas. Mas não, usou o soneto em decassílabos como usaria luto na vida."

É contra esse luto pelos grandes parentes do passado – sejam eles o Horácio latino ou o nosso nativo Casimiro de Abreu que eu me revoltó. Horácio como Casimiro são importantes no fundo e não na forma.

Divergir porém, não é xingar. Mas creio que é dever dos velhos de 22, proclamar sempre a guerra santa contra as sereias

metrificadas, mesmo que se escondam na excelência de suas "Odes" ou na alma turbulenta do "Papa" da geração de 45 que é Domingos Carvalho da Silva.

Tudo nos une, mas há qualquer coisa que nos separa. É a métrica!

25 jan., 1952

CAMUS E MENEGHETTI

(De São Paulo) – A libertação do gale mais conhecido das terras paulistanas, esse que se chama Hameleto Meneghetti – por cumprimento total da pena – me repõe na visita que fez à Penitenciária de São Paulo, Albert Camus.

Ele quis ver Meneghetti que veio magro, cambaleante mas cheio de prosapia, até à sala onde estávamos com Camus, eu e o poeta Pinto Nazário.

Conversamos. E Camus, que daria mais tarde esse grande livro que se chama "L'Homme Révolte", ouviu religiosamente as tiradas do grande condenado. Meneghetti explicava a direção psicológica do furto do menino solto de rua que fora: – Afaná? Precisa afaná argumá coisa! E perguntava o que sabe um juiz que vive confortavelmente em sua casa defendida pela sociedade, da infância sem origem e sem rumo que vagueia fome e sono pelas calçadas.

– Que pode sabê, o juiz?

Quanto ao conceito de liberdade (a liberdade que lhe fora concedida em *sursis* e que ele não pudera aproveitar). Meneghetti explicava as dificuldades dum a recondução à sociedade, para quem carrega nas costas, um cartaz como o seu.

– Milho volta pra Penitenciária! Aqui pego um livro e a prisão desaparece... Estou livre!

Ao despedirmo-nos, Camus lhe perguntou se queria qualquer coisa dele. Esperavamos que Meneghetti falasse numa possível intercessão daquela celebridade intelectual a seu favor. Ele respondeu:

– Quero um cigarro!

26 jan., 1952

MONÓLOGO DO TEMPO PRESENTE

(De São Paulo) – A vida é essa, meu caro! Quase caí da cadeira quando um corretor me veio dizer que o meu velho amigo José Ramos Carneiro Pistola tinha comprado num dia três luxuosos apartamentos. Um para ele outro para a filha que contratara casamento, e o terceiro para renda. Compreendi então que o mundo tinha virado completamente. O meu companheiro de infância e de escola no interior, que eu supunha o último honesto desta terra, tinha se esgueirado de emprego em emprego até o saco de ouro do Estado e estava tirando às mancheias do tesouro público, que representa o suor do povo, o trabalho do povo. A história de Carneiro Pistola é edificante. Muito ativo, baixinho, de óculos, ele enveredara cedo para as lutas literárias na cidade pacífica que habitávamos ao longo de um grande rio. Teve refregas furiosas. Primeiro defendeu o soneto contra um médico oculista que se dizia moderno. Depois veio a conversão. A sua estrada de Damasco foi uma surra que lhe deram na publicação do primeiro livro. Virou modernista e enfezou. Fundou um Grêmio Mário de Andrade, discutiu nas ruas, polemizou nas revistas. Tinha se formado contador. Veio para a capital com um minúsculo emprego. Começou a fazer corretagem. Picareteou penosa e inutilmente para o lado da liberal democracia. Mas recebiam-no mal. Não lhe davam nada. Formou-se em Direito em Niterói. Casara-se e tinha quatro filhos. Um dia me declarou sensacionalmente: – Abandonei a poesia! Poesia e advocacia não vão juntas! Mas só advogado causas justas! Soube por um amigo comum que estava a serviço de um "Sete-Dedos" municipal. Escrevia artigos defendendo-o. Subiu de posto. Morava em casa alugada e às vezes demorava quatro meses para pagar o aluguel. Pois agora passara escritura de três apartamentos, cada qual no valor mínimo de quinhentos mil cruzeiros. Era secretário de um secretário do governo. Nas próximas eleições vai candidatar-se a deputado. Vai ser representante das causas justas e do povo. No fundo, creio que ele deve ter sofrido muito em largar o longo noviciado da honradez que praticou. Infância e adolescência passou-as enterrado na antiga geléia dos bons costumes. Fora criado por uma família de senadores que vinha do Império. O mundo se transformava a olhos vistos. Mascates das ruas pisaram os palácios das avenidas. Mulatos badaludos tomaram de assalto grandes posições e só o meu laborioso José Ramos

Carneiro Pistola continuava a acreditar na virtude dos senadores do Império. Não sabendo que também eles matavam, roubavam e infringiam gostosamente o 9º Mandamento como o rei David. Hoje o idealista do soneto e da carreira pública é a última coroa depositada no túmulo da tradição, a última flor fanada do pudor. Também, não se usam mais flores nem coroas!

27 jan., 1952

DOIS TETOS

(De São Paulo) – Estou informado de que o presidente Getúlio Vargas recebeu através do senador Marcondes Filho, uma sugestão para criar certa novidade em matéria fiscal que suprimiria para sempre as sonegações e desvios do imposto e enfim, poria focinheira nos incriveis devastadores da fortuna alheia que terrificam este fim caótico do capitalismo.

Tratar-se-ia de uma política financeira de dois tetos: ninguém poderia ter renda ou lucro superior a tanto, ninguém poderia viver sem o mínimo de tanto, isto é, das possibilidades menores de existir. Entre essas duas margens, seria compensado o esforço dos ganhadores e evitado o abismo em que agonizam milhões de seres sem teto, sem saude, sem educação e sem comida.

A anunciada "Reforma de Base" que foi a vitoriosa plataforma eleitoral do presidente da Republica, daria um passo seguro na direção dos seus objetivos.

Não creio que o ministro Horácio Lafer, bom rapaz, e segundo o dito de um político, "milionario bem-intencionado", coisa que parece absurda, não ficasse satisfeito em tentar essa experiência que sem lesar a justa competição no campo dos negócios, eliminaria do Brasil a miséria militante e a fome secular.

Encontrei há pouco um aventureiro riquíssimo berrando publicamente contra o imposto sobre a renda e agourando funerário que acabaríamos como na Argentina, "onde tudo tem preço marcado e obrigatório".

A política financeira de dois tetos poria fim fácil e sumariamente à rapacidade desse cidadão que gritava:

— Eu sou obrigado a dar metade do que ganhei às maternidades e hospitais, antes que o fisco me leve tudo! Pelo menos faço bonito!

1º fev., 1952

RETIRANTE DA GRAMÁTICA

(De São Paulo) — Esse negócio de estátua em vida dá uma urucubaca danada!

Amigos ursos do sr. José Lins do Rego vão plantar-lhe a espinhenta e mal encarada efígie, como um cacto, numa praça seca da Paraíba. Vai ser colapso na certa, no dia da inauguração, diante de prefeito, padre, banda de música e foguetório.

Se o sr. José Lins do Rego escapar vivo, quando aparecer depois como visita em meio de uma aula de catecismo ou de um grupo escolar, vai produzir um pânico indescritível entre as crianças.

— Olhe o gordo da estátua! Já morreu! É fantasma!

Aliás, toda vez que o romancista do Nordeste bole comigo seu azar cresce. Sua prosa raquítica gagueja, tropeça e rebenta as pobres pernas de esqueleto de açude, na inócua porfia de querer me molestar.

Vejam este período de recente artigo seu: "No quarto abafado amigos velavam a moribunda de idade avançada. E como ela já não desse cor de si (sic), as visitas passaram a conversar livremente. Estendida estava a pobre, sem carnes, sem cor, resto de vida que miava somente como gata velha, nas últimas".

Muitos anos atrás eu disse que não tinha adiantado nada Coelho Neto ter morrido, pois o sr. José Lins do Rego continuava vivo e sadio. Agora vai ficar vivo, sadio e com estátua. Por sinal que ele declarou ao escultor Bruno Giorgi que queria a estátua pintada de verde. Para lembrar os seus indiscutíveis direitos ao fardão da Academia, dizem uns. Outros insinuam que se trata de uma velha saudade política, dos tempos em que (antes de, numa honrosa evolução, admirar o futeboler preto, Domingos da Guia) tinha como chefe e mestre o sr. Plínio Salgado.

3 fev., 1952

A TRAGÉDIA DE VALDOMIRO CRÉ

(De São Paulo) – A polícia de São Paulo cometeu mais um crime. Se os homens públicos fossem responsabilizados pelos horrores que praticam, entre outros, o delegado Leite de Barros – figura insignificante e pastosa que graças à adulagem dos repórteres de seu gabinete acredita ser um gênio e chega a dizer tolíces no rádio com uma pose incomparável – estaria numa das celas vazias da Penitenciária que deixaram “Sete Dedos” e Hameleto Meneghetti. Porque roubo não é só roubo de dinheiro ou de jóias, é também de tempo, de tranqüilidade, de sossego. Como é que a gente há de dormir despreocupado em São Paulo, sabendo que o sr. Leite de Barros é grande delegado. Esse cidadão tornou-se responsável por um dos maiores furtos sociológicos feitos à sociedade paulista. Foi ele quem permitiu que se suicidasse o professor de Química Paulo de Camargo, o protagonista da célebre tragédia do Poco que deu uma bela peca à escritora Helena Silveira.

Paulo de Camargo foi no crime uma *avis rara*. Lucido, lógico, consciente, ele destruiu a própria família, mãe e irmãs inúteis por velhice e doença, com uma segurança implacável. Esse homem inteligente e culto, que interrogado poderia fornecer o maior depoimento sobre a crise moderna da família patriarcal, que talvez quisesse justificar a eutanasia doméstica que praticou, levando a cabo os desejos obscuros de milhões de outros seres esmagados como ele, entre a responsabilidade e a miséria, foi deixado só, a fim de poder matar-se nas barbas da fabulosa autoridade.

Agora deu-se o inverso. Um outro delegado da mesma marca fez o desgraçado tanoeiro Valdomiro Cré suicidar-se após doze horas de interrogatório cruel, em que se lhe atribuía o assassinio de uma menina nas matas de Pirituba.

O homem morava nas proximidades do local e fora encontrado sangue numa calça velha. Isso bastou para que a polícia ficasse certa de ter sido ele o tarado. Uma vez morto e enterrado como indigente e arquivado o processo por desaparecimento do “assassino” aparece outro sujeito berrando aos céus e à Justiça ter sido ele o violador sanguinário.

Valdomiro Cré deixa na maior pobreza duas meninas e a mulher grávida de oito meses. O sangue encontrado na calça era, conforme análise, sangue de tatu.

Até quando continuaremos a encher as delegacias de bacharéis ineptos e autoritários, em vez de criarmos a carreira especializada de polícia como em qualquer país civilizado?

5 fev., 1952

ANDRÉ DREYFUS

(De São Paulo) – Morreu André Dreyfus. E eu não tive o consolo de lhe prestar uma última homenagem, de carregar o seu féretro. Quando cheguei à Faculdade de Filosofia, para o enterro que se anunciara às 9 horas, o corpo já tinha saído. Devia ser transportado num avião que decolava de Congonhas, às 9 horas. Um engano de noticiário. Como não ouço rádio – esse belo rádio nacional – cheguei tarde. A rua Maria Antônia estava deserta. E apenas um bedel recolhia tocheiros e panos mortuários.

André Dreyfus fulgia no meio desse ninho de muares satisfeitos que é a nossa Faculdade de Filosofia. Sua personalidade marcante se impôs e chegou a diretor da Escola, apesar das perseguições que a mediocridade incansavelmente lhe movia. Ele era inteligente, culto e independente, coisa tão rara no meio do nosso professorado superior.

Devo-lhe o título de livre-docente de literatura da Faculdade, pois só mesmo ele se lembraria de me entusiasmar para um concurso de onde foi alijado também o grande crítico e sociólogo que é Antonio Cândido. Ficou com a cadeira um boboca que dorme nas aulas, enquanto rapazes e moças jogam para o ar aviôezinhos de papel.

Dreyfus era um biólogo notável. Formou equipes e criou movimentos. Sofrera um derrame um ano atrás e me dizia arrastando-se: *Je suis une épave!*¹ Eu contava com a sua capacidade de recuperação, mas fui esta manhã surpreendido com a notícia de seu falecimento.

Que seu exemplo frutifique, no meio do pálido rebanho que trota por corredores e salas de aula da nossa imensa Faculdade.

28 fev., 1952

¹ "Je suis une épave" – eu sou um destroço.

HORA DE VERÃO

(De São Paulo) – Há quem atribua ao general Dutra todos os males que proliferam por este vasto Brasil. Dizem, por exemplo, que foi ele o inventor da Hora de Verão. Não foi. O que há é que o Brasil tem a mania de macaquear tudo que parece civilizado e *up to date* e por isso durante muito tempo fomos chamados lá fora de macaquito.

Houve um momento em que foi moda, no Rio tropical, fazerem-se restaurantes e *boites* na forma das cavernas mais lúgubres que exige um inverno polar. E há muita gente bem que manda construir na Avenida Atlântica, casas em estilo normando, com seus telhados esguios para não deixar acumular a neve.

Foi um verdadeiro movimento de opinião que produziu a famigerada Hora de Verão. O Brasil seria um país selvagem como a Senegâmbia se não mudasse o seu meridiano horário de seis em seis meses como se faz em Londres e Paris.

Felizmente o sabio sr. Getúlio Vargas decidiu acabar com essa farsa. Mas enquanto isso não vem, a chatíssima Hora de Verão perturba a vida de todos os paulistanos. Sucede que por estas plagas de Anchieta e Anhangüera e noite fechada e tenebrosa até as sete da manhã. De modo que as crianças que tomam nesse momento os ônibus dos semi-internatos ou os operários que iniciam o seu labor, têm que sair de casa no escuro, como se fossem 23 horas.

De outro lado, as mesmas crianças recusam-se a deitar às 9 horas da noite porque o sol esplende ainda acima do horizonte.

Se houvesse uma justiça meteorológica, São Paulo, que tem num só dia as quatro estações, deveria possuir Hora de Inverno para o acordar, Hora de Primavera ao meio-dia, Hora de Outono quando céu e terra entristecem às quatro da tarde e enfim, Hora de Verão nos dias em que de repente, no baixar da noite, o catarrro de nuvens se abre e esplende um sol maravilhoso como que anuciando o amanhecer sobre os arranha-céus.

Como isso é impossível, esperamos que a justiça terrena do presidente Vargas, liquide essa nefasta macaqueação dos horários europeus.

5 mar., 1952

DINHEIRO E DELINQUÊNCIA

(De São Paulo) – Os profetas do Quebra-Quebra estão aceitos. O que São Paulo viveu no fim da semana do Carnaval deve ter alarmado os céticos mais duros. Note-se apenas o aparelhamento de guerra que a cidade manteve, com tanques e perus blindadas percorrendo estrepitosamente o centro, a fim de evitar que os motoristas de táxi, em greve geral, invadissem o edifício onde estava guardado um mísero estudante de 20 anos que assaltara na madrugada de domingo, um chofer para poder pagar uma dívida de honra.

Aqui entra o drama do desajustamento, do desajustamento social que ameaça engolir os tubarões e suas sentinelas armadas.

Nenhum puritanismo adianta num momento destes. Inutilmente o professor Garcez ameaçará os motoristas insubordinados de lhes tirar o "ponto". Eles continuarão a ter razão em querer linchar os seus contínuos assaltantes. Também é inútil esperar que aceite a sua situação, um rapaz que sabe o que vai pelas residências milionárias, pelas festas de Mil e Uma Noites, onde se jogam fora, estúpida e cinicamente, milhões de cruzeiros, quando ele não pode comprar um lança-perfume para dar à namorada que ama.

O caso desse jovem é dos mais lacinantes. Trata-se de um Raskolnikoff frustrado. De um homem que às portas da maioria, vê fecharem-se diante dele todas as portas naturais da satisfação, enquanto ministros e altos funcionários de parceria com ladrões escrachados dilapidam o tesouro particular e público para ostentar um padrão de vida afrontoso. Com que direito? Esse adolescente sabe que os velhos valores éticos foram derrogados, que não é no Além e sim "aqui e agora" que se decide a parada da existência. Como disse muito bem o crítico, Mário da Silva Brito, o marxismo, a psicanálise e outros métodos de observação chegaram até o público e desmascararam o velho orbe ideológico que mantinha intactas as distâncias de classe e de indivíduo. Não há razão alguma que faça com que uma família ociosa ostente um carro luxuoso para cada filho e jogue no pif-paf dezenas de contos diários, enquanto a carestia montante impede uma família laboriosa de comer a sua fome justa.

Está tudo errado! E se não vierem providências drásticas para se tirar dos que têm demais a favorecer os que nada têm, pode-se esperar que as trombetas do Apocalipse soarão a nossos ouvidos incautos.

8 mar. 1952

A POLÍCIA INCRÉDULA

(De São Paulo) – O que atrapalha a polícia de São Paulo é a sua sabedoria. Na polícia de qualquer dos outros Estados do país, quem confessa um crime vai direitinho para o xadrez. Depois venha provar que não foi ele. Aqui não.

Atribuem ao escritor Cândido Mota Filho, possuidor de uma rara cultura, ter introduzido certo vocabulário especializado de medicina nervosa nos antros onde se movem delegados, tiras e escrivães testemunhais. Foi ele que, quando diretor do Departamento de Menores, falou pela primeira vez em neurose, mitomania e tara. Deve-se-lhe a vulgarização do epíteto "tarado" em que se englobam todos os indivíduos que pulam a cerca da normalidade sexual, presidida pelo 6º mandamento cristão.

Já ouvi um tira afirmar que o celebre criminoso Paulo de Camargo sofria do complexo de Edipo. Fato é que, diante de uma garota estrangulada num matagal ou de uma ossada que se encontra, autoridades e investigadores põem-se logo a discutir no cafezinho que bebericam à custa do Estado, se o caso se liga a uma psicose de infância, a um trauma de guerra ou a uma fobia ingênita.

E quando, como agora aconteceu, aparece preso um rapaz que declara ter morto dois homens, é uma farra na delegacia. São palmadas nas coxas e grossas risadas:

- Veja o mitômano!
- Vamos psicanalisá-lo!
- Exame grafológico!
- Põe na cama o soldado que prendeu esse infeliz!

No entanto, vai-se ver e o rapaz assassinou mesmo, além de um chofer de praça, um desconhecido que ele próprio enterrou sozinho no centro mais comercial e movimentado da cidade.

Tenho um amigo que explica esses casos que tanto se repetem em São Paulo, da seguinte maneira:

— Há duas causas. A primeira é a falta de divórcio. Toda a nossa estrutura moral que guarda fielmente o espírito das Ordenações portuguesas, tem que provocar essas reações lancinantes. Outra é uma espécie de reflexologia do crime civilizado, que já atinge as mais baixas camadas da população. Qualquer noite você verá entrar numa delegacia, um sujeito gritando: — Prendam-me! Eu sou um personagem de Oscar Wilde!

9 mar., 1952

PROFANAÇÃO

(Da Cinelândia) — Para começar o sujeito tomou modestamente o nome de Napoleão. E para dar um ar ameaçador de caudilho hispano-americano, acrescentou Lopez. No meio colocou um nome de vedeta de rádio, Agustin. Ficou Napoleão Agustin Lopez.

E passou o toco-mocho nuns bons frades da Bahia, lançando à custa deles seu livro de estréia, em Buffon-Sueco, todos “numerotados”, em tiragem limitada, já que o vulgo não terá entrada mesmo no labirinto de sua Estética. Não é à-toa que se trata de uma “Edição Dedalus”.

Para atestar classe, apresenta alguns desenhos ótimos do ótimo Mário Cravo e um nanquim da excelente Djanira, que é pura sátira, pois o que aparece no retrato é um mocinho ensaboado, enquanto no meio da rua se trata de um velhote cirroso, encaveirado e fúnebre, alto como um feijão-de-vara e feio como um orçamento.

Mas o que realmente encarece a obra é que em 47 páginas o autor cita mais de 40 textos de escritores, filósofos e poetas, entre os quais Safo, Picasso, Hölderlin, Nietzsche, René Char, João Cabral de Mello Neto, Alcântara Silveira, o capitão Garcilaso de la Vega, Jamil Almansur Haddad, Dionísio o Areopagita e Menotti del Picchia. Além dos quatro evangelistas, de doze apóstolos, da Senhora Maluh de Ouro Preto e de Luz del Fuego.

O Brasil está desarmado ainda contra esse aventurismo analfabeto que se cobre das falcatruas da cultura e das bambinelas da publicidade, para pernósticizar.

Quanto ao texto, citemos apenas esta gema: "O relincho ascende a significação" pg. 39.

Ascende mesmo.

Viva la gracia, Don Agustin!

13 mar. 1952

SALADA RUSSA

(Da Cinelândia) – O sr. Caio Prado Junior, que na intimidação chamam de Caíto, tendo deixado o terreno da Sociologia e da História, investiu contra a Filosofia. Raivoso de não ter conseguido naqueles setores mais do que uma primária aplicação dos princípios básicos de Carlos Marx à nossa existência cronológica, entendeu que era mais fácil enveredar pelo terreno pouco acessível da Epistemologia.

Como o saber moderno abandonou os absolutos senão o Absoluto, e isso se choça com o monólito soviético com que o marxismo-leninismo enfrenta a agonia capitalista, acontece que o Dogma, a Certeza, a Infantilidade Sectária, passaram para o lado dos vermelhos, enquanto a revolução ficou modestamente a cargo da "ciência burguesa". Aqueles se tornaram obtusos e agressivos como caes danados da defesa idealista de suas convicções. E Caíto aqui no Brasil, segue-os de rabo abanando.

Os comunistas utilizam, porém, todo o já velho vocabulário com que realmente abalaram em dez dias o mundo. Assim, a palavra Dialética pertence ao seu tesouro.

Dialética exprime mudança, diálogo, oposição pela qual se atinge um progresso ou uma síntese. Mas para eles, Dialética é hoje uma empedernida barreira que ergueram na defesa metafísica das suas posições ultrapassadas.

Do lado burguês, no entanto, a Certeza passou a ser condicionada. As próprias ciências chamadas exatas não afirmam mais coisa alguma de rigoroso. E, não é, pode ser. Um jogo dialético...

Caíto que não percebeu isso, por ignorância ou má-fé, publicou agora dois grossos volumes intitulados "Dialética do Conhecimento", onde cita todos os antigos generais da Matemática como também os modernos pilotos da Logística, numa confusão que em vez de impressionar, dá dó.

Fica-se admirado de ver como uma obra tão alta, tão sutil, tão cara e sobretudo tão besta, conseguiu ser editada no Brasil. Mas tudo se explica. Caíto é o editor de si mesmo.

14 mar., 1952

SOBRE EMÍLIO

(De São Paulo) – O escritor Francisco Leite, que está fazendo uma biografia de Emílio de Menezes, pede-me dados sobre o grande satírico, sabendo que com ele privei alguns anos.

Está amplamente divulgada a "piadística" de Emílio, chamemos assim. Guardo dele apenas uma ou duas anedotas pouco conhecidas. Mas posso informar sobre o caráter pessoal do poeta. Assim, pouca gente sabe que ele era não só moralista mas moralizante. Não admitia patifaria mesmo de amor. E era iracundo nas suas críticas e investidas.

Não há quem desconheça a oposição que lhe fez Machado de Assis quanto à sua candidatura à Academia. Considerava-o um boêmio e um beberrão. Evidente que entrava nisso um complexo de linha, muito do mestiço cumulado de honras que foi o grande autor de "Dom Casmurro". Emílio, no entanto, era um pacífico burguês em sua vida íntima e não admitia desvios conjugais.

Uma vez, encontrou-se comigo na avenida Rio Branco. Eu ia em companhia de um velhote de monóculo, sobrecasca clara e cartola. Era o célebre Barão Ergonte, que se chamava simplesmente Múcio Teixeira, mas que com qualquer dos nomes Emílio abominava. Investiu contra nós de bengala erguida e fez o velhote sumir na multidão. Passou-me então um pito monumental, por eu freqüentar aquele "cafetão". Talvez ele, suspeitasse que eu estava combinando com o Barão Ergonte o rapto de uma linda menina, justamente da casa de Coelho Neto, à rua do Rocio. Fosse isso ou não, eu passei a ver essa figura de um extraordinário pitorresco hierofante, mágico e aventureiro – na sua casa do Encantado. E o caso agravou-se com Emílio, de quem fui obrigado, nos últimos anos, a me separar porque me chateava com velhas e absurdas lições de moral. Por hoje só.

25 mar., 1952

AINDA EMÍLIO

(De São Paulo) – Conheço duas anedotas de Emílio de Menezes pouco divulgadas. São anedotas de fome. Emílio, apesar de muito relacionado e muito temido, nunca conseguiu se reajustar. Ainda agora, o presidente Washington Luiz, que muito o queria, falava-me com pesar de não o ter auxiliado como desejava. Emílio vivia numa contínua pindura, promovendo conferências e festivais cujos bilhetes ele mesmo passava. A propósito, lembro-me que numa das últimas vezes que veio a São Paulo, procuramos juntos na lista telefônica quem poderia ficar com ingressos. Encontramos entre outros, o poeta Vicente de Carvalho, que também era juiz e pessoa muito considerada. Emílio pediu-me que o acompanhasse na operação. Tomamos um taxi e rumamos para a casa do vate santista. Ele nos recebeu com efusão, e como o assunto era breve, decidimos deixar o táxi na porta. Com certeza ele ficaria com dois bilhetes no mínimo. Dava para pagar a prodigalidade do veículo.

Uma vez na biblioteca do poeta, antes que formulássemos a pretensão que nos levava, o homem de letras exclamou:

– Sentem-se! Vocês não me conhecem picaresco? Vou mostrar-lhes um trabalho que ninguém conhece. Vocês vão ter as primícias!

Enquanto dificultosamente foi desencavar um manuscrito da estante, Emílio rolava para mim seus grandes olhos claros, arrasado numa poltrona.

Vicente de Carvalho, sem nenhuma pressa, como quem concede um favor, pôs-se a ler uma indigna xaropada em diversos capítulos que talvez hoje fizesse sucesso no rádio, na boca de um Zé Fidélis ou de um Mazzaroppi.

Emílio olhava-me indignado, mexendo a bengala como se fosse agredir o digno poeta, velho e maneta.

Mostrava-me a ponta do relógio enfiado no bolso do colete, fazendo evidentes alusões ao taxímetro que funcionava lá embaixo.

Vicente de Carvalho prosseguia impassível – Agora vou lhes este outro capítulo. Gostaram?

Quando ia no meio, Emílio levantou-se explosivo:

– Excelência, estou com um amigo à morte num hospital e por isso deixei o táxi na porta. Voltaremos à noite para ouvir a continuação dessa obra-prima!

Eu acompanhei-o como uma sentinela. Emílio, que engolira os bilhetes, exclamou entrando no carro:

— Fale-me você outra vez em poetas!
Deixo as duas anedotas para outra vez.

2 abr., 1952

· · · MAIS EMÍLIO

(Do Flamengo) — As duas anedotas que conheço de Emílio de Menezes e que acredito pouco divulgadas, são, como já disse, anedotas de fome.

A primeira situa-se na época em que moravam em intensa boemia, Emílio, Bilac, Coelho Neto e creio que Paula Ney. Emílio fora incumbido de arranjar comida no bar de um alemão, onde catava restos de presunto, queijo, um pouco de pão.

Dizia ele ao dono da confeitoria que era para um cachorro que estava crescendo e por isso tinha muita fome. Com a intimidade criada, Emílio dirigia a coleta: — Ponha um pouquinho daquele rosbite, seu Ernesto! E esse resto de salame!

Uma manhã, seus olhos faiscaram. Um boião de pickles estava ali aberto, cheirando. Depois de ter feito o pacote, a gulodice do poeta não se conteve:

— Ponha dois pickles, seu Ernesto!

O alemão fê-lo sair correndo: — Sua cachorra come pickles?

Dessa época resta, creio, um documento: — “A Conquista” — que é o melhor livro de Coelho Neto.

A outra anedota é um protesto de Emílio, que na hora do aperitivo se demorava no Pascoal e em outras casas de pasto, aceitando os inúmeros drinks que lhe ofereciam e fazendo piadas. A fome crescia, diante das coxinhas de galinha e das empadas que ninguém se lembrava de lhe pagar.

Um dia, quando alguém lhe perguntou: — Você toma outro aperitivo? Ele desandou:

— Você quer que eu coma o copo?

3 abr., 1952

CORÇÃO

(Do Flamengo) – Não me lembro em toda a minha vida ter conhecido, entre artistas e literatos, uma figura tão impressionante como a de Gustavo Corção.

Privei com Inglês de Souza, que era meu tio, conheci de perto João Ribeiro, Alberto de Oliveira e o nobre Emílio de Menezes. Fui íntimo de Villa-Lobos e Mário de Andrade. Na Europa me liguei a Picasso e Léger, a Cocteau e Cendrars, a esse original e magnífico Valéry Larbaud, a Supervielle e Romains, enfim, a toda a geração revolucionária do começo do século. E apenas, com outro tom, mas a mesma doçura sarcástica, alguém me lembra o autor exelso de "Lições de Abismo". Era um velho de 70 anos e tinha sido cruelmente abandonado por todos os seus amigos, quando o encontrei, no *Quartier Latin*. Chamou-se Erik Satie. E talvez venha a ser um dia considerado o maior gênio musical do século XX.

O que caracteriza essas naturezas que vão do doce ao amargo sem contraste, é o que há nelas de inquebrável. Gustavo Corção é um inquebrável – faca de dois gumes. E isso muito se liga às virtudes intelectuais que o fazem sem dúvida, o nosso maior romancista vivo.

Nas "Lições de Abismo", como também na "Descoberta do Outro", não vejo concessões.

O que vejo é uma extraordinária e lúcida natureza de criador, ou melhor, de restituidor, pois que, arte é restituição. Depois de Machado de Assis, aparece agora um mestre no romance brasileiro.

4 abr. 1952

AQUILINO

(De São Paulo) – Tenho um amigo que, na mocidade, envolveu-se tanto nas páginas de um romance de Aquilino Ribeiro, que ao deixar um necroterio onde se fechava um seu drama de amor, atirou pela janela de um táxi um volume da "Via Sinuosa" que trazia sempre consigo. Encontrei-o depois reconciliado, sorvendo o sabor das "Terras do Demo".

É assim sedutora e absorvente a grande literatura de Aquilino, esse campônio monumental que sucedeu a Fialho de Almeida na prosa portuguesa.

Hoje, encontra-se ele aí no Rio, à margem da missão cultural de Lisboa.

Sempre à margem, solitário e discreto mas sempre gigantesco. Virá a São Paulo e pretende escrever um livro, um romance talvez, sem compromissos nem para com Portugal nem para com o Brasil.

Que enriqueça, pois, ainda mais, a literatura de nossa língua e o convívio que o espera.

8 abr., 1952

O CAMINHÃO NORDESTINO

(De São Paulo) – No trajeto que fiz, num ônibus, do Rio para São Paulo, por diversas vezes alcancei caminhões de emigrados do Nordeste. Com a última seca flagelatória, uma verdadeira população deslocou-se do tórrido torrão natal para o planalto fértil de Piratininga. Houve dias de 5.000 emigrados. *"Ubi bene ibi patria"*¹, já dizia o romano. E havendo a estrada que liga a Bahia a São Paulo, por aí vieram os ônibus, os fétidos "paus-de-arara", os caminhões repletos de gente seca, morena e forte.

Já na rodovia Dutra, última etapa da viagem, eles aparecem endomingados, de chapéu, as mulheres em matinê limpa, as crianças de setineta, os olhos esperançosos e travessos.

Por que querer fazer refluir esse magnífico povo nordestino e evitar que ele venha ganhar a sua vida e subir nos meandros do trabalho paulista? Por que em vez de impedir, não incentivar a migração dessa raça magnífica que é nossa? Até quando São Paulo será povoado da escória desajustada da estranha e verá prosperar somente o judeu asqueroso, o sírio bestial e o italiano ladravaz?

Que venham essas levas nativas que trazem, além dos braços, o coração brasileiro. Que venham fazer submergir aqui o estrangeiro velhaco, restaurando se possível a nossa amável cul-

¹ "Ubi bene, ibi patria" – onde se está bem, aí é a pátria, divisa dos que sacrificam o interesse pessoal ao sentimento patriótico.

tura tradicional. Nós paulistas, já sentimos que a pátria nos foge dos pés, porque nela somente transitam, o usurário, o avarento e o crapuloso achacador dos dinheiros privados e públicos. Que essa injeção generosa do sangue nordestino venha reabilitar a vida nacional que aqui se perdeu.

9 abr., 1952

DELITOS DE TRÂNSITO

(De São Paulo) – Eu também levei a “barriga”. Estava calmamente em casa, quando recebo um telegrama daí contando que Jean Paul Sartre fora vítima de um acidente de auto em Belém do Pará, e falecera.

No meu tempo de jornalista militante chamava-se “barriga” a uma notícia falsa que um reporter bisonho veiculava. Não sei donde se originou o terrível boato. E viável que, diante da pressa criminosa com que os carros de qualquer espécie atropelam a população do Rio, um imaginoso tivesse visto uma lotação maluca furando os sinais de Copacabana ir atingir o grande escritor na capital do Pará. Tudo ai é possível em matéria de trânsito. A propósito, conheço uma anedota excelente. Um sujeito que fizera meia duzia de inúteis tentativas para atravessar a avenida Presidente Vargas, regressando à calçada, viu um velho amigo e gritou-lhe: – Como? Você consegui atravessar? E o outro: – Não! Eu nasci deste lado!

O Rio está assim. Só se pode transitar do lado em que se nasce.

A polícia daí, no entanto, em vez de cuidar de reprimir os abusos de um trânsito assassino e demente, emite comunicados arrogantes contra a modesta observação de jornais a propósito de linchamentos executados nos xadrezes. Pensa essa ilustre corporação que a polícia é só para dar pancada em vadio e agarrar comunistas, em vez de compreender que uma capital motorizada exige, reclama, impõe uma severa vigilância de trânsito. Porque realmente hoje, em uma grande cidade que não possui polícia de trânsito polícia não existe.

10 abr., 1952

(De São Paulo) – Evidentes e inúmeras são as vantagens do mundo socialista em ascensão sobre o mundo capitalista em declínio. É o que diz o nosso patrício Jorge Amado num livro que ora se espalha por todo o Brasil com um título pacifista.

Ressalta disso, porém, uma inegável vantagem para o mundo capitalista, setor Brasil. É que sendo um livro de caráter proselitista e, violento contra o regime nacional, nada impede que ele aqui se edite e circule. Que aconteceria na U.R.S.S. com um livro idêntico escrito contra o regime soviético? Pelo menos, não se podendo pôr a mão no autor, o editor seria fuzilado em fila com todos os livreiros que o vendessem.

Procurei com tristeza nessas páginas aquele menino de gênio que 20 anos atrás aparecia no Rio com uma obra-prima na mão – "Jubiabá". Está seco e reduzido a um alto-falante que mecanicamente repete as lições do D.I.P. vermelho do Kremlin. Raramente, uma ou outra vez perpassa ali aquele vento de paixão que fazia a glória e a beleza do autor de "Terras do Sem Fim".

Em 1945, José Maria Crispim presidiu a reunião de intelectuais militantes, onde, na cara de Jorge Amado, eu denunciei que no começo da guerra ele tentara me fazer subornar por um nazista oferecendo-me 30 contos a troco de um livro de impressões de viagem à Europa, favoráveis à Alemanha. Jorge quis sair, pelo buraco da fechadura, da sala cerrada onde nos encontrávamos aqui, na redação do "Hoje".

Daí para cá, o mal moral progrediu. Da traição e da subserviência, Jorge passou ao badalo e à morte intelectual pela mediocridade. Não há dúvida que merece o Prêmio Stalin.

18 abr., 1952

DE PRIMEIRA ORDEM

(De São Paulo) – "Se a cólera que espuma e a dor que mora n'alma (...) se estampasse."

Às vezes se estampa mesmo no rosto. Mas não é só a cólera e a dor que se estampam. Também a estultice, o vazio, a água parada dos sentimentos revelam imediatamente que estamos diante de um alarve. Nada conheço mais expressivo como inexpressão, mais

gritante como silêncio d'alma do que a carranca encouraçada de sorrisos do nosso sempre amável visitante sr. José Ozório de Oliveira.

Autor de alguns estudos mortuários sobre a literatura brasileira, não há estribo de embaixada ou garupa de delegação em que essa ilustre mediocridade não se atravante entre os homens sérios, sisudos ou lastreados de qualquer valor.

Supondo-se em casa, vem ele agora desafivelar a surrada máscara de cultura que sempre utiliza por aí. Disse que Fernando Pessoa é um poeta de terceira ou quarta ordem. Para s.s.a. ótimo poeta deve ser o professor Oliveira Salazar.

Quando eu passava por Portugal, perguntando se lá não havia alguém que fosse novo e excepcional, respondiam-me: — Há um esquisítóide chamado Pessoíta!

E assim informado pela opinião dos Zé Ozório de Lisboa, deixei de conhecer pessoalmente o maior poeta de Portugal de todos os tempos, esse que foi além de Rilke, de Valery e de Eliot.

26 abr. 1952

BRASIL–PORTUGAL

(De Copacabana) — Creio que foi Magalhães Júnior quem primeiro protestou contra a adulagem que um desses remanescentes da comitiva de Dom João VI que agora nos mandaram de Lisboa, tentou fazer, dizendo que trocava Eça de Queiroz por Machado de Assis.

Claro que isso não envolve nenhuma diminuição para Machado que nos todos, beletristas brasileiros, jornalistas ou simples leitores, temos na alma.

Mas realmente é preciso protestar contra o gesto servil que procura amesquinhar a grande posição de José Maria da Eça de Queiroz, com certeza para coincidir com o bom gosto do professor Salazar que só pode ler e saborear o Visconde de Castilho.

Eça teve um papel decisivo na formação das gerações do começo do século. Foi ele quem nos despiu da estupidez lanuda dos preconceitos de nossos cretiníssimos avós espirituais e foi quem primeiro nos conduziu pela mão até o sol das liberdades modernas. A França fez o resto.

Sou daqueles que se fatigaram da prosa límpida e clara de Eça, para preferir-lhe a augusta bruteza de Fialho de Almeida e depois acompanhar com amor a ascensão telúrica de Aquilino Ribeiro.

Mas nunca esquecerei que foi travando relações com a Titi, o Pacheco, o Conselheiro Acácio e os cônegos do Padre Amaro é que eu soube ver as calamidades que queriam aniquilar a minha crédula adolescência.

Com muita gente de fala portuguesa sucedeu o mesmo. E por isso, Eça de Queiroz continua no melhor santuário de nossa fidelidade intelectual.

15 mai., 1952

UM FANTASMA

(De Copacabana) – Não sei como os meninos da “Revista Branca”, com Saldanha Coelho à frente, foram ressuscitar um defunto do tamanho e do peso desse infeliz Tasso da Silveira, que não tem, aliás, outra pretensão senão a de ser o fantasma oficial de nosso passado Simbolismo.

É verdade que muito apropriadamente veio junto com a entrevista que ele lhes deu, uma fotografia de Ruy Barbosa aos 70 anos.

Esse assustado espírito meteu algumas vezes a cara no Modernismo, mas saiu sempre sarapantado. De parceria com outro quadrúpede, um tal Murici, puxou inutilmente a sina duma mediocridade tenaz.

Justifica-se, portanto, a mágoa do sr. Tasso da Silveira, o que não se justifica são as mentiras que ele prega.

Primeiro, não é verdade que os grandes simbolistas, Cruz e Souza e Alphonsus Guimaraens, estejam esquecidos.

Não é verdade que alguém de valor, pelo fato de ser “espiritualista”, seja negado e sabotado pelos escritores modernos. Eu mesmo, em recente “Telefonema”, qualifiquei Gustavo Gorção de “nosso maior romancista vivo”.

Também não é verdade que a tentativa da revista, chamada “Festa”, do tumular depoente, tenha tido alguma importância no Modernismo. Afirmar que o grande poeta Murilo Mendes foi reti-

ficado pela palmatória de papelão do festivo abantesma, é ir longe demais. Os que ele chama de "sincrétilstas" foram geralmente gente muito ruim. Se se salvaram, salvaram-se como modernistas. Exemplo, Manuel Bandeira.

Privei com todos eles, posso portanto, depor. Pois, apesar do absurdo, nasci cinco anos antes do sr. Tasso da Silveira, malgrado ser uma centúria mais moço.

16 mai., 1952

A LANCHÁ "SEVERA"

(De Copacabana) – Um velho gordo de camisa de meia, gritava: – Para o Rio! Para o Rio! Podem embarcar! Lentamente a lancha pequena se encheu, encostada ao embarcadouro de Paquetá. Um rapaz de rosto enérgico penetrou, fez apitar. Mas não partia apesar da lancha estar cheia. Alguém reclamou, ele respondeu: – Ainda tem seis lugares!

O tempo passava. Penetrou um casal com duas crianças.

– Vamos, mestre!

– Crianças não conta!

Tal foi a demora e tais foram as reclamações diante da impossibilidade do rapaz, que um casal se levantou, saiu. Outras pessoas o seguiram.

– Vai ou não vai?

O arvoredo extenso da ilha arfava ao sol entre casas e broas negras de petróleo.

O mar esperava. Num movimento coletivo, os passageiros em fila desembarcaram.

– Com esse caradura ninguém sai!

Novos passageiros afluíram mas sabendo que havia encranca, não entravam na lancha.

Apareceu o encarregado do serviço. Os protestos choveram. Veio uma outra embarcação. E a "Severa" vazia saiu, teve que retornar à fila de espera. Um senhor louro então explicou:

– Paquetá é um paraíso. Mas o transporte é um inferno. Esses mestres de lancha ganham, além de um módico ordenado uma percentagem sobre o excesso de passageiros. Vejam que

absurdo! Quando a lotação é de 45, eles esperam até sair com 50, com 60. Mesmo que a embarcação vá ao fundo! Ganham mal. E por isso põem em perigo a própria vida e a dos que embarcam.

Será?

17 mai., 1952

POR QUÊ?

(De Copacabana) – O alarido das tragédias que sobem da noite dos palacetes ou dos cortiços mostram claramente como se tem razão em pregar o divórcio nesta terra de bem-casados, com a mesma energia com que Pedro, o Eremita, pregou na Europa a primeira Cruzada.

Todo mundo sabe que a harmonia dos lares é perfeita e ai daquele que ousar manter uma dúvida sobre a irrepreensível conduta das mulheres dos Césares de lojas de ferragens, de táxis ou de tronos togados. Isso significa em primeiro lugar, um progresso da democracia pois, não é só um imperador romano que fará calar um biltre suspeitoso das relações de sua virtuosa senhora com o preto da esquina, o urso de lotação ou o astro das Forças Aéreas.

A nossa heroína é "uma perfeita católica", uma flor de devoção e de bons costumes. E, quando aparece cosida de sete facadas, dizem logo tratar-se da loucura de um despeitado que não levou a termo os seus imoralíssimos intuitos. Quando surgem os bilhetinhos e os pactos de morte, trata-se simplesmente de sensacionalismo da imprensa. A família continuará, para gáudio de Monsenhor Arruda Câmara e do São Luiz do Congresso que é o sr. Adroaldo Mesquita, perfeita e cristã como no tempo das ordenações Filipinas, Afonsinas, Manuelinas ou outras. O homem é que é ruim de natureza e sua pobre argila não se contém mesmo nos modelares vasos espirituais da Idade Média.

E com um calor destes ternas e louras praias, com glamour-girls, bikinis e plásticas torradas, o que cumpre é segurar o bicho homem e sua decaída e saborosa costela.

Já dizia Pero Vaz Caminha, o criador de nossa literatura moralizante, em carta a El Rei D. Manuel. – "É preciso salvar esta gente!"

E num eco quadrissecular, cheio de virtude e blandícia, pede a sra. Dinah Silveira de Queiroz mais padres. Para o Brasil do Sr. Barreto Pinto.

18 mai., 1952

DO MODERNISMO

(Da Cinelândia) – A conferência erudita e séria do crítico Mário Pedrosa, como outra feita pela escritora Lucia Miguel Pereira, mostram bem como a Semana de Arte de 22, em São Paulo, está tomando vulto entre os estudiosos das nossas coisas intelectuais. Ao lado disso, um cavalheiro chamado Luiz Martins declarou por um jornal que a Semana não houve. Evidentemente. Esta havendo. Enquanto o sr. Martins não houve, não ha e não havera.

O sr. Mário Pedrosa acentuou muito bem a influência das artes plásticas no nosso movimento. Sem a presença de Anita, de Di, de Brecheret, qual teria sido o nosso caminho? Outro aspecto muito importante posto em relevo, em nota recente do "Correio da Manhã", foi o nosso desligamento absoluto de quaisquer compromissos estéticos com a Europa. Sem dúvida, o impulso veio de Paris e o *meeting* de 22 foi apenas um ato do que se passou nos principais centros de cultura do mundo. Mas fizemos questão de nada ter, por exemplo, com o Surrealismo vitorioso em Paris. Isso tem dado uma confusão dos diabos, pois há quem venha de vez em quando meter a sua colher envenenada no assunto, afirmando que fomos caudatários de Breton, Aragon *et cetera*.

Bastaria, no entanto, o simples conhecimento da língua francesa para se desfazer a calunia, pois quem lê os nossos manifestos e os documentos do Surrealismo, vê imediatamente que um é carne e o outro é peixe. Os nossos movimentos chamaram-se "Paulicéia Desvairada", "Pau-Brasil", "Antropofagia", "Verde e Amarelo", enfim tudo o que há de mais clamorosamente nacional. Isso ainda agora foi repetido na conferência do sr. Mário Pedrosa.

No entanto, o meu amigo Menotti Del Picchia me contou que o sr. Tristão de Athayde endossara aquela absurda acusação. Será mesmo?

7 jun., 1952

O ANALFABETO COROADO DE LOUROS

(Da Cinelândia) – As ferraduras mentais do Sr. Nelson Rodrigues trotaram longamente pelo “asfalto é nosso” de uma revista que desde a capa traz um tom laranja que não engana. Trata-se evidentemente de um comício laranja, onde só ele surra os seus maus sucessos e enche de invectivas as páginas mornas daquele repositório comportado de opiniões parlamentares, tímidas conversas moles sobre a Rússia e histórias do namoro de Bernard Shaw com Sarah Bernhardt.

Nunca em minha vida li um documento de insânia tão descondido, intempestivo e bravio. Não há lógica de louco que consiga acompanhar esse disco voador da besteira pelos corcovos, carambolas e girândolas em que se desagrega e pulveriza.

É melhor documentar que comentar.

O alarve que escreveu “Álbum de Família” declara-se “espiritualista” e “antidivorcista”. Raciocina ele assim: “ – Se a gente tem um pai só, por que não há de ter uma mulher só?”

Depois, num assomo de reacionarismo, diz que o homem de Marx é um homem inexistente. Está claro, a Rússia não existe.

Certo como está de que não atingirá a imortalidade aqui na terra, com sua coleção de torvas tolices espetaculares, opta sabiamente pela imortalidade da alma. Só assim poderá ele sobreviver.

O caso Nelson Rodrigues demonstra simplesmente os abismos de nossa incultura. Num país medianamente civilizado, a polícia literária impediria que a sua melhor obra passasse de um folhetim de jornalão de 5^a classe. Mas não temos nem crítica nem críticos. E o caos trazido pela revolução mundial que se processa sob todas as formas, permitiu que qualquer fistula aparecesse em cena vestida de noiva. A alta costura de Ziembinski – Santa Rosa conseguiu que se consumasse a façanha teratológica.

Daí por diante, o insano ficou impossível. Veio “Álbum de Família” e agora, num bom acesso de sã consciência, ele confessou que há mau gosto em seu teatro. Como se outra coisa houvesse! Guiado pela mão caridosa do Sr. Tristão de Athayde, vamos ver o monstro contrito subir para o céu como num fim de mágica. Já crê em Deus e nos conventos e declara que “a única solução para o problema sexual é a castidade”. Patetamente declama: “O homem que não comprehende a grandeza de um convento não comprehende nada!”

Se o Sr. Nelson Rodrigues não fosse um taradão ilustre, mas de poucas letras, pensariamos que se pudesse tratar de um convento do Aretino. Mas estamos certos de que nem dessa piada ele é capaz. Quem foi Aretino, seu Nelson?

8 jun., 1952

A VOLTA DE ANÍSIO

(De São Paulo) – Anísio Teixeira representa, como poucos homens, a renovação do velho Brasil iniciada em 1930. É um valor que veio na crista da revolução e na crista da revolução se tem mantido pela coerência de suas ideias e pela lógica de suas atitudes.

Agora, com a volta de Anísio no posto chave da educação nacional, cessa o seu incompreensível exílio. Anísio, malgrado suas raízes profundas no solo de Salvador, não representa somente a Bahia, a sua cultura e a sua benemerência. Anísio e o Brasil novo, o Brasil que exige um reajustamento gigantesco nas suas formas de ensino, muitas ultrapassadas e obsoletas. A sua presença no alto posto do Ministério da Educação, reanima velhas esperanças, coloca na ordem do dia problemas esquecidos que, no entanto, pedem urgente solução. Reabilita-se com ele o clima de reforma que apanhou o Brasil na terceira década do século como o mais fecundo celeiro de analfabetos da América.

Já era tempo de se dar à educação nacional uma certeza de caminhos e uma planificação orientadora do ensino público. Por todo o país onde haja um anseio de progresso e de cultura, mestres e alunos estremecem de esperança diante do que pode nos trazer a gestão compreensiva, cultivada e de grande atualidade que nos asseguram as diretrizes do mestre baiano.

1º ago., 1952

A ILHA MALDITA

(De São Paulo) – No Congresso de Escritores, recentemente realizado em São Paulo sob a presidência do sr. Paulo Duarte dirigiu-se, votada por unanimidade, uma mensagem ao governador Lucas Nogueira Garcez contra as monstruosas desumanidades que ocasionaram o levante de presos da Ilha Anchieta. Nessa mensagem, foi citada a gloriosa e ímpar experiência mineira de Neves, a “Penitenciária sem Grades”, que se deve à criação e à cultura jurídica de José Maria de Alkimim.

Eu, deste meu canto, pediria ao presidente Getúlio Vargas, cuja sensibilidade ao bem público é patente, que entregasse definitivamente o assunto ao referido sr. Alkimim, que hoje dirige os negócios da Fazenda, de Minas.

Os nossos penalistas são de fazer pena. Quando não se trata de secos e brutais beleguins, trazem estampada no rosto uma candura bíblica que lhes diminui a idade de meio século, revelando facilmente que não usam calças curtas só por causa do tamanho físico.

O problema penitenciário continua a ser um cancro em todo o Brasil. Já que tivemos a prova de que o assunto, condicionado como foi às circunstâncias de Neves, teve uma solução vitoriosa, por que não continuar nesse caminho que nos colocou ao lado dos países mais progressistas da terra? Não se esqueça nunca que, durante uma epidemia de peste bubônica, foi dada ordem aos presidiários para que se afastassem em toda liberdade. E terminada a mesma, um a um soubiram todos voltar ao caminho da redenção civilizada que lhes apontava o presídio modelo.

3 ago., 1952

O GRANDE AQUILINO

(De São Paulo) – Pilotado por esse moderno acrobata da cultura que é Jaime Adour da Câmara, realizou Aquilino Ribeiro a sua prometida visita a São Paulo. Visita curta que deu apenas para cheirar do alto de um avião as indústrias do Conde Chiquinho e os arranha-céus da cidade. Houve, porém, quem salvasse as insu-

ficiências desse contato tão longamente reclamado. Foi Pola Rezende, a escultora Pola, a esposa amantíssima do ex-banqueiro Nelson, que, se não é o Rockefeller da gaita, sabe ser o Rockefeller das recepções. A noite que passamos, cerca de cem convidados de todas as cores e climas, na casa modernista da Avenida 9 de Julho marcou uma data na cordialidade intelectual paulistana. O vigoroso Aquilino, que é um livro aberto a todos os entusiasmos que se possam ter por Portugal, centralizou a festa, que teve para animá-la um "show" admirável de Dinah e Luís Coelho.

Não faltou o clássico discurso, que foi feito por Jaime Adour da Câmara, parlamentar disponível e o único sujeito de quem invejo o dom da palavra falada.

Aquilino visitou os cafezais românticos de Cid de Castro Prado, em Campinas, conheceu a nossa Via Apia que é nos dias cristalinos a estrada da conversão de Anchieta ao Brasil alinhado e grandioso. Conviveu rapidamente com intelectuais e homens da sociedade. Prometeu voltar. Esta escrevendo um livro sobre o Brasil, que será sem dúvida mais uma das joias da sua língua bárbara e do seu pensamento atlético. Esperemos por Aquilino, levantando um hurra a Portugal.

8 ago., 1952

PROSA E POESIA

(De São Paulo) - Jorge de Lima pensa que é poeta e como poeta já apresentou dez vezes a sua candidatura à Academia Brasileira de Letras. Os carecas de louça dessa horrorosa instituição sempre o repeliram. Mas vamos aos fatos - Jorge de Lima não é poeta coisa nenhuma, ou melhor, será um grande bissexto do tipo de Nava e Prudentinho. Compare-se a obra poética de Jorge de Lima à de um Carlos Drummond, à de um Murilo Mendes ou à de um Vinicius de Moraes. Não falemos dos paulistas Cassiano Ricardo, Tavares de Miranda e Domingos Carvalho da Silva. Jorge de Lima há de contritamente, cristicamente, confessar que perde para todos eles.

O que digo, afirmo e grito é que Jorge de Lima é um grande prosador, uma espécie de Aquilino do Nordeste que soube

magistralmente continuar as pesquisas de 22, junto com Guimarães Rosa e Clarice Lispector.

O admirável é que Jorge de Lima salvou a dignidade cultural do Nordeste em matéria de língua. Pois, quando surgiram os búfalos do romance social de 30 (os Srs. José Lins do Rego, Graciliano Ramos e Armando Fontes, amadrinhados pela autoridade luso-parlamentar do sr. José Américo), foi o nordestino Jorge de Lima que continuou a linha alta da Semana de Arte Moderna dando ao Brasil dois presentes magníficos que são o Anjo e Calunga.

Não li ainda a quilométrica *Invenção de Orfeu*, mas já sei que não pode valer muito pela notícia que dela dá meu querido amigo Murilo Mendes, o mais equivocado dos súditos do sr. Getúlio Vargas. Basta pensar que ele continua como bom cristão à espera milenária da Parusia.

Mas quem pode vir entre hosanas, banda de música e incensos em vez de Cristo, é o sr. Ademar de Barros.

10 ago., 1952

VOMITADA EM PARIS

(De São Paulo) – Sou chamado a depor num caso que realmente me revolta. É divulgar-se por aí que a senhora Dinah Silveira de Queiroz possa ter qualquer expressão em literatura, seja a brasileira, a francesa ou a do Congo Belga. Essa senhora, depois de escrever muita besteira, afagada pela inconsciência crítica de meus amigos cariocas, inventou de se lançar, onde? Em Paris. Como tem posses, primeiro comprou um editor, depois abriu um leilão para a crítica. Com a fome que existe na Europa, acredito que até bons críticos sejam negociáveis por lá. Quanto ao noticiário dos jornais e revistas literárias, todo mundo sabe que se trata de matéria paga. E quando se acorda é com essa mulher que tem uma cabeça de pinto e uma cultura de camundongo, "lançada em Paris com grande êxito". Mas de que Paris se trata? Da Paris de De Cobra? Então está certo. Posso falar de cabeça alta, pois que no longínquo ano de 1916, fui representado por Suzanne Després e Lugné Poe, no Teatro Municipal de São Paulo, numa peça escrita diretamente em francês por mim e por Guilherme de Almeida.

Suzanne Després não era negociável, mas, quem poderia negar uma ponta de boa vontade da grande artista para com o país que a recebia, lançando dois estreantes bisonhos e mal seguros?

Com a sra. Dinah Silveira de Queiroz tem que ser adotada aquela velha piada: – Não li e não gostei. É uma horrorosazinha que não sabe nem o que diz, quanto mais o que pensa. Todos os “búfalos do Nordeste” são melhores que ela, até o “búfalo de jardim” que é o sr. Luís Jardim.

Numa literatura que se está levantando como a brasileira, não há lugar algum para a mediocridade bisbilhoteira da sra. Dinah. Ela que teve um pai tão douto e digno, devia honrar com menos escândalo bobo a sua memória. Sua irmã Helena Silveira ficou com toda a inteligência da família. Esta sim, é uma escritora de verdade, além de ser elegantemente discreta.

Veja-se a que chegamos. A sra. Dinah tem editor, críticos, apaniguados! Tudo em Paris! E Lautréamont morreu anônimo num hotel, deixando inéditos os “Chants de Maldoror”. Kafka também não teve editor.

Vamos acabar com palhacadas? Paris é alguma coisa de muito sério. É Camus. É Sartre. E até Maurice Sachs.

26 ago., 1952

O FILHO DO POETA

(De São Paulo) – A cidade chorou. Aquele menino que era um ponto vivo nas reuniões de aniversário, onde se encontram as famílias dos escritores e dos artistas de São Paulo foi durante duas semanas a preocupação de todos nós. Tinha sete anos de idade, era sadio, inteligente, bonito e perfeito. E acordara uma manhã com as mãos crispadas no ventre, chorando. Diagnosticou-se apendicite. Mas levado à sala de operações verificou-se ser muito mais grave. Estava atacado de volvó. A luta entre a ciência e a morte acabou implacável com a vitória desta. E Gilberto que já pertencia à nossa roda, que conosco conversava e era um amigo a mais, partiu para sempre conduzido pela vasta e sólida roda de amizade que envolve seus pais, Dona Inês e o poeta Domingos Carvalho da Silva.

O que tornava trágico o acontecimento é que Domingos, anos atrás, quando ainda se morria de pneumonia, perdeu um outro filho, mais jovem que esse. Dos três varões do casal, resta apenas um. Eduardo Sérgio, cuja seriedade se tornou impressionante depois do luto.

Gilberto era o companheiro do pai no carro que este possui. Um pequeno mecânico na atenção que dava às peças, às panes, aos desarranjos e aos consertos.

Domingos mostrou-se de uma virilidade admirável na tragédia. Cresceu em torno dele a admiração de seus amigos.

Desde o Congresso de Poesia de 48 tenho tido turmas com Domingos que sempre no entanto considerei um de nossos grandes poetas. Minhas reservas à sua obra vêm da facilidade com que ele poeteia. É quase um repentista. E eu queria ver a sua raríssima sensibilidade disciplinada por uma luta mais forte com o efeito.

Uma demorada doença me privou de acompanhá-lo de perto nessas horas terríveis. Não vi Gilberto morto. Guardo dele intacta a lembrança do garoto esplêndido que conheci.

31 ago., 1952

UM ESCRITOR POLÍTICO

Tendo o parlamentar Aureliano Leite escrito um livro sobre a revolução do general Isidoro em São Paulo (de que não entendeu níquel), livro esse intitulado "Dias de Pavor", houve quem apelidasse o volume de "Isidoro Dias de Pavor". É assim satiricamente encarada a nossa modesta literatura política, que realmente é fraca e intermitente. É um exemplo à tenacidade com que o presidente Getúlio Vargas desfiou e continua a desfiar em sucessivos volumes, a história das transformações institucionais do Brasil. Do lado oposto, é o liberal paulista Paulo Duarte, quem tem contribuído para dizer do mesmo período conturbado e revolucionário.

O crítico Antonio Cândido, intimando-me a escrever as minhas memórias, dizia-me da falta que nos fazem os documentos pessoais, os testemunhos e as observações sobre os acontecimentos contemporâneos. Essa lacuna, em parte é preenchida pelo volume "Homens e Multidões", saído da pena do sr. Lourival Fontes.

Quando se fala no sr. Lourival Fontes, há muita gente que grita: É um fascista danado! Evidentemente, quem diz isso não leu o livro de impressões contemporâneas a que me refiro e que foi editado por José Olympio.

Conheço Lourival Fontes há muitos anos e quem a ele me encaminhou foi Aníbal Machado, no momento em que o atual secretário da Presidência da República, dirigia a revista "Hierarquia". E talvez fosse um complexo de hierarquia que tivesse orientado o escritor político de hoje para os entusiasmos totalitários que teve, num certo momento em que o fascismo tomava cor de um fenômeno revolucionário.

Lourival Fontes nunca negou as suas atitudes e propensões e por isso, nada mais justo do que se retificar esse cartaz de fascista com que procuram abafar a sua visão crítica das coisas e dos homens.

O sr. Jorge Amado, recém-chegado do Kremlin, pois a sua viagem à Europa não passou duma continua estada no Kremlin, intitulou o seu último livro que é de literatura política "O mundo da Paz". Ai o grande menino revolucionário de "Jubiabá", apareceu de asas cortadas, aquelas possantes asas que o levaram a uma autêntica consagração em Paris, quando teve o seu glorioso romance baiano editado pela "Nouvelle Revue Française", "O Mundo da Paz", contrariando a vocação libertária de Jorge Amado, é uma subserviente e intolerável repetição de bobagens forçadas com que nos presenteiam todos os homens comprometidos com o comunismo de Moscou.

Assisti há meses em casa de pessoa amiga, a um destampatório idiota de certa senhora da alta sociedade paulista que se convertera ao comunismo por se ter casado com um sociólogo que não sabendo escrever com qualidade escreve em quantidade, e que faz também literatura política e histórica mas, da pior espécie.

Quando recentemente tomei conhecimento de "O Mundo da Paz", do sr. Jorge Amado, me pareceu estar vendo coisas já lidas em outro volume. Não era. Era o realejo daquela velhota insana que depois de meio século de farras sociais, agora se divertia com as virtudes ascéticas das "democracias populares" que visitara. É que tudo que cheira à palavra de ordem do Partido Comunista, traz o tom languescente de religião adotada e repetida e de intolerável catecismo de propaganda mediocre e interessada. Ora, justamente o sr. Lourival Fontes deixou aos comunistas todo esse

clima de DIP, para nos apresentar em "Homens e Multidões", um panorama honrado e magnífico do mundo moderno.

"Homens e Multidões" é um livro necessário à biblioteca dos que realmente se interessam pelas transformações políticas e sociais da atualidade. Sem sombra de demagogia, antes com uma imparcialidade que muito o enobrece, o sr. Lourival Fontes enfrenta todos os problemas de alto interesse do nosso tempo, como sejam os conflitos da China pré-vermelha, o agudo problema racial dos Estados Unidos, a Iugoslávia de Tito. São notáveis os seus estudos sobre a Albânia e a Polônia e particularmente aquele que dedica às transformações históricas da Hungria.

A vantagem que temos em possuir esse livro, em meio do deserto dos nossos estudos políticos internacionais, é que ele denota um perfeito e detalhado conhecimento dos problemas que focaliza e é escrito com particular sabor literário.

Já que estamos em época de literatura pessoal e documental, não se esqueça o autor de "Homens e Multidões" que ele pode e deve escrever também as suas memórias. Será o meio dele produzir sobre o ambiente nacional, um magnífico quadro histórico e crítico o mesmo que nos deu da política internacional do pós-guerra.

11 out., 1952

A ILUMINAÇÃO

(De São Paulo) — Conseguí atravessar duros e áridos períodos de minha vida, conservando algumas obras-primas da pintura revolucionária deste século que adquiri nos meus bons tempos de Paris, quando um grande Picasso se comprava por dez contos. Hoje, uma pequena mancha do mestre vale duzentos mil cruzeiros.

Conservo no living do apartamento onde moro, além de um guache negro do criador do Cubismo, um grande Chirico da série "Praças da Itália", um outro com os seus clássicos cavalinhos, a obra-prima de Tarsila, intitulada "O Sono", um grande Léger do cubismo heróico "L'homme à la pipe", uma aquarela de

Segall da sua primeira exposição brasileira e duas telas figurativas, uma do mestre Di Cavalcanti e outra de Oswald de Andrade Filho. Pois agora, coloquei em uma das paredes deste modesto museu uma tela de Cícero Dias, desta sua última fase, cuja verticalidade não tem sido compreendida. E a sala que contém tantas jóias, iluminou-se subitamente, como se de pura luz fosse feito aquele rabisco abstrato encarnado de um genuíno e invencível primitivismo.

Cícero, que hoje expõe no Rio, deve ser considerado e reconsiderado, pelos que querem que o Brasil se coloque à frente da arte moderna.

30 nov., 1952

UM POETA EM PARIS

(De São Paulo) – A equipe do Presidente Vargas possui alguns homens de valor. Entre eles, coloca-se Cassiano Ricardo que considero, na fase atual de sua produção o maior poeta vivo do Brasil. Sou um pouco radical nas minhas afirmações, mas não tenho errado muito.

Agora Cassiano vai dirigir o escritório de propaganda do Brasil em Paris. Acho isso mais que acertado pois, além da vantagem de suas excelsas qualidades intelectuais, ele possui um vasto tirocínio administrativo e burocrático.

Acredito que Cassiano possa melhor do que ninguém estreitar as nossas relações com a França e através de Paris, com a Europa.

O Brasil precisa de propaganda inteligente. A nossa diplomacia muitas vezes não prima pelo conhecimento do terreno que deve fertilizar. E assim um agente que compreenda e realize a sua missão não só no setor das trocas comerciais mas, sobretudo, no difícil mundo da expansão da cultura e das realizações da inteligência, vale às vezes por uma equipe de chapéus de forma e de casacos bordados que servem mais de enfeite de salão que de liame sério entre povos e nações.

5 dez., 1952

VOTO A DESCOBERTO

(De Copacabana) – A senhora Cecília Meirelles é uma espécie de Morro de Santo Antônio, que atravanca o livre tráfego da poesia. Com sua celebritez madura, continua a fazer o mesmo verso arrumadinho, neutro e bem cantado, com fitinhas, ou melhor, com fitilhos e bordados. Sem dizer nada, sem transmitir nada. Mesmo sem sentir nada. À consagrada poetisa devia dirigir-se aquela apóstrofe nietzschiana do grande Ungaretti, feita a um jovem pintor que pretendia conseguir carreira sem arriscar o dedinho do pé esquerdo. – Você precisa de um acontecimento em sua vida, de uma catástrofe! Você quer um conselho? Mate o seu pai! Depois venha fazer arte!

É essa a razão pela qual divergi dos meus companheiros de júri, os escritores Jamil Almansur Haddad e Edgard Cavalheiro, quando pensaram em dar à autora do *Aeronauta*, o prêmio da Câmara Brasileira do Livro, o que deve ser decidido na data de hoje.

A princípio, cuidou-se de dar o incentivo, a homenagem e a gaita a um jovem. Estávamos pensando em Alcides Pinto, o maior de Pernambuco, mas os meus companheiros divergiram. Alinhei diante deles a magnífica poesia de Osvaldino Marques, Mário da Silva Brito, Rui Nogueira, Marcos Konder Reis e de alguns outros. Nenhum acordo. Voltou-se então a decidir que se devia agraciar uma mulher. Foi quando deixei com essa idéia meus companheiros em São Paulo. Não poderia nunca admitir porém que o prêmio fosse concedido a Dona Cecília Meirelles. Pelas razões já expostas.

Voto em Adalgisa Nery. Com ou sem eles.

O seu livro intitulado *As Fronteiras da Quarta Dimensão* é um livro estruturado, forte e passional. Um fato que sai da modorra da nossa poesia. Um livro da era apocalíptica e afirmativa que vivemos.

10 dez., 1952

ADVERTÊNCIA E ESTOCOLMO

(De Copacabana) – O Brasil sem dúvida tem o direito de pleitear o prêmio Nobel. No campo da sociologia, o sr. Gilberto Freyre, por exemplo, pelo valor de suas obras como pela sua repercussão no Exterior, já se alinhou entre os pretendentes à grande bolada. Na

literatura temos Cassiano Ricardo e Carlos Drummond de Andrade pela elevação de suas virtudes poéticas para chamar a atenção da Academia de Estocolmo. Se quiserem um homem de esquerda, aí está o sr. Aníbal Machado, um filósofo, o sr. Euríalo Cannabrava, um romancista o sr. Gustavo Corcão. Toda essa equipe de grandes pode e deve disputar para o Brasil o cobiçado prêmio.

No entanto, uma turma pretende levar agora a candidatura do sr. Jorge de Lima à presença do júri sueco. Nada mais inocente. Com o seu último livro que um brincalhão chamou de "Invenção de Morfeu", o sr. Jorge de Lima passou a ser o que em linguagem farmacológica se chama de Papoula Negra, a que faz dormir a distância. Como aquele sujeito que dizia se parecer com Balzac porque tomava muito café, a "Invenção" também lembra pelo tamanho "Os Lusíadas".

O que nos preocupa no entanto, neste jocoso caso, é que, se for tomada em consideração a candidatura do autor de "Calunga" e de "Nega Fulô", mesmo derrotado, ele nunca mais deixará em paz os homens de Estocolmo. Com aquela sua amabilidade de postulante, ele estará todos os anos na soleira do conclave. Que se alertem os homens de Estocolmo para evitar a chateação meliflua de que são vítimas aqui os membros da Academia Brasileira de Letras.

12 dez., 1952

DE TEATRO

(De São Paulo) – Se houvesse uma continuidade, criadora de tradição, vinda do "Pif-Paf" de Abílio Pereira de Almeida até "O Espelho" de Pola Rezende, agora apresentado no palco do Clubinho dos Artistas, eu diria que estava criado o teatro paulista. Mas Abílio engordou das miseráveis glórias de T.B.C. e tornou-se logo insuportável como astro, diretor e autor. Quem sabe se a esposa de Nelson Rezende, aqui tão conhecida, leva avante esse cometimento, seguida pelos que aparecem com vocação e talento.

Pola Rezende, com sua equilibrada peça, é sem dúvida melhor que o venerável Padre Anchieta e que o sempre noviço Nelson Rodrigues.

Aliás, o tema escolhido para a sua estréia foi o do "Álbum de Família" para menores. Moderou aquela teratologia militante

do autor de "Vestido de Noiva" e pôs assim num caso reles de decadência do Patriarcado, uma ponta de sátira social.

Infelizmente, Ruggero Jacobbi, de quem tanto se esperava, juntou uma coleção de canastrões no palco e os dirigiu muito mal.

Pola nada tem com a cena de exceção – aquela que Flávio de Carvalho e eu tentamos no "Teatro de Experiência", fechado logo pela polícia.

Ela reenceta com probabilidades de se agüentar perante um público melhor informado, aquela que foi a iniciativa inicial e que teve como patronos a saudosa Eugênia e Álvaro Moreyra – o "Teatro de Brinquedo".

14 dez., 1952

UM EDITOR

(Da Gávea) – No banquete que se realizou o ano passado em São Paulo, como homenagem ao editor José Olympio, eu também quis falar, mas não foi possível tal a turma de oradores que tumultuou o fim da festa. Meu *speech* era simples e pequeno. Eu queria saudar meu velho amigo, não como escritor ou editado da casa, mas como seu primeiro freguês.

É que, saindo do Ginásio São Bento, passei a freqüentar, com a paixão dos livros, a Casa Garraux, que era a grande livraria da cidade de São Paulo, instalada na rua 15 de Novembro. Ali, quem me atendia era um menino moreno e de olhos vivos, que usava ainda calças curtas. Conhecia já ele, no entanto, as edições amarelas de Nietzsche traduzidas por Henry Albert como os clássicos gregos e latinos.

Essa criança cresceu e está hoje um velho importantíssimo, editor de classe e possante animador das letras brasileiras. Não é outro senão José Olympio que, no seu cinqücentenário, fugiu porque, sem dúvida, não tinha recinto capaz de conter a massa de amigos que o queria festejar.

Daqui lhe renovo o meu abraço.

Oswald de Andrade

18 dez., 1952

O FILÓSOFO BRAVO

(Da Gávea) – Soube com prazer que Euríalo Cannabrava recusou o pedaço que lhe coube no Prêmio Horácio Lafer, destinado a enaltecer e estimular trabalhos de filosofia.

E sou, como muita gente, da opinião de que o ministro Horácio Lafer, instituidor da homenagem, devia chamar no pio o professor Miguel Reali que organizou a comissão julgadora de tal prêmio. É que o critério seguido por ela foi absurdo. Executando a ameaça da justiça salomônica, cortou ela em três pedaços a criança, oferecendo uma perninha a cada um dos que julgou os grandes contendores. Ora, além de Cannabrava, o outro é o sr. Caio Prado Júnior que prima pela ignorância dos objetos de que trata. O seu livro "Dialetica do Conhecimento" é uma salada russa, em que acaba chamando de dogmáticos aos filósofos da incerteza, que são os mestres da logística e da matemática moderna, enquanto aos carrascos do "crê ou morre" que tronam em todos os Kremlins honra como mestres da dialética. A esse burro, querem equiparar o valor de execução que é Cannabrava. Evidentemente quem decidiu do julgamento e portanto, do prêmio, foi o berreiro do sr. Roland Corbisier, que não tendo cabeça tem voz. Age como alto-falante e vence sempre.

20 dez., 1952

A SEARA DE CAIM

(Da Cinelândia) – Num ensaio em que estudei meu tio Inglês de Souza, autor d'"O Missionário", hoje publicado em livro, achei que faltava ao mesmo, condensação. Seria esse o máximo defeito a indicar no recente romance histórico ou romance-reportagem em que a sra. Rosalina Coelho Lisboa estudou a numerosa e protética série de revoluções brasileiras. A minha opinião é de que Rosalina deveria ter começado pelo episódio do Forte de Copacabana em 1922. Assim, esse romance-reportagem (prefiro chamá-lo desse modo, pois que, romance histórico me lembra logo o dinossauro Afonso de Escragnolle

Taunay) perderia em narrativa mas ganharia em relevo. Rosalina porém quis mostrar como são profundas as raízes da inquietação brasileira e nisso tem toda a razão, pois, se há uma coisa que me preocupa continuamente é o número de revoluções de que fui contemporâneo, eu que conto pouco mais de seis décadas de idade.

O Brasil tem sido o país das revoluções, coincidindo, é verdade, essa série de traumas com a maior transformação histórico-social que o mundo conhece.

É muito digno e muito útil que um escritor venha emparelhar com entusiasmo e passionalidade essa série de acontecimentos públicos que por serem recentes não deixam de estar quase esquecidos. N"*"A Seara de Caim"* o episódio do Forte de Copacabana toma invulgar força e dramaticidade, bem como todo o fim do livro que é a morte e o descobrimento do cadáver de Siqueira Campos, herói incontestado desse pedaço sangrento da História do Brasil.

É também muito curiosa a ponta de sátira com que Rosalina trata o Presidente Epitácio. Não gostei, porém, da sua benevolência para com o reacionário Calógeras.

Eu que conheci o médico Gascue e Prestes, num curto exílio em Montevidéu, fiquei particularmente tocado pela evocação literária e emocional desses episódios.

21 dez., 1952

AMADORES DE PERNAMBUCO

(Da Cinelândia) – O fato do grupo do teatro do Recife, dirigido por Waldemar de Oliveira, se apresentar com uma obra-prima de Lorca tomou minha curiosidade. Fui ao *Regina*, esse incrível teatro cheio de escadas e esconderijos que devia ser queimado em vez de funcionar.

A casa de Bernarda Alba teve uma primorosa interpretação por parte das moças e senhoras de Pernambuco. É admirável que, sem a ostentação carcamana do T.B.C. de São Paulo, onde só esplende uma grande e verdadeiramente artista que é Cacilda Becker, pois Sérgio Cardoso é do Rio e Ziembinski da Polônia,

esse modesto ajuntamento de vocações nacionais tenha conseguido a consciência da jóia de Lorca, mantendo o drama num crescendo de emoção e de verdade, até o final magnífico.

Os rapazes e as moças do Recife estão habilitados a dar lições de teatro ao Brasil, sendo mesmo lamentável que, para erguer o seu cartaz procurem se apoiar na respeitável opinião do generalato e em alguns ditos de governadores mais ou menos cretinos e de críticos ignorados e ignaros. Não precisam disso.

20 jan., 1953

MATURIDADE POLÍTICA

(De São Paulo) – Neste velho território do acaíco e carrancudo P.R.P. tive uma das maiores surpresas de minha vida. Num almoço oferecido pelo governador Lucas Nogueira Garcez, vi sentado em face do candidato oficial à Prefeitura de São Paulo, sr. Francisco Antonio Cardoso, um dos melhores amigos do chefe do governo paulista, o sr. Leo Ribeiro de Moraes, ostentando na lapela o emblema quase subversivo do quase subversivo sr. Jânio Quadros. Trata-se de uma moedinha de 10 centavos cercada do seguinte dístico: “Um tostão contra um milhão”.

É preciso divulgar esta notável conquista de se poder fazer oposição aberta sem vexame nem chanfalho. Ao contrário, o almoço decorreu na maior cordialidade não se dando por achados os antagonistas políticos presentes.

O zabumba eleitoral também continua lá fora com todas as garantias. Percorreu a cidade e foi até o Palácio dos Campos Elíssios, um cortejo tremendo contra a carestia da vida. Conduzindo cartazes e disticos, e dizem que encabeçado pelo sr. André Nuna que, apesar de ser um amável tubarão, é o candidato dos comunistas. Tudo em ordem, tudo pacificamente em ordem mesmo quando as vaias estrugem.

Não há dúvida de que São Paulo tirou a sua carta de alforria civil.

24 mar., 1953

FRONTEIRAS E LIMITES

(De São Paulo) – O jornalista Darwin Brandão, reproduzindo em “Manchete”, coisa que desprevenidamente lhe disse, esqueceu de citar entre o que considero as quatro obras-primas do romance brasileiro atual, “Os Ratos” de Dyonelio Machado. Com esta jóia do Sul, equiparam-se “Jubiabá” de Jorge Amado, “Marafa” de Marques Rebelo e “São Bernardo” de Graciliano Ramos. São todos anteriores ao aparecimento de “Lições de Abismo” de Gustavo Corção. Para mim, este ressuscita nesse romance magistral, o próprio Machado de Assis.

E o caso Corção vem confirmar o que já disse – temos romances mas não temos romancistas. Homens que escrevem maravilhas são muitas vezes no convívio verdadeiros desalmados intelectuais. Geralmente inconscientes e mesmo incultos. A essa fatalidade que pesa sobre a nossa literatura, não escapa o próprio Gustavo Corção que acaba de publicar um triste livro de polêmica ideológica, confirmando-se num pequeno catolicismo de Laranjeiras e Centro Dom Vidal. Para o grande Corção, só existe uma revelação – a do Sinai, repetida em Jerusalém e mais paragens judaicas. Não existiu ou existe o mesmo fenômeno em Elêusis, em Meca, em Al Amarna, em Benares ou nas mesmas modestas do Além espírita e nas macumbas da cidade santa de São Sebastião do Rio de Janeiro.

Pessoalmente, o autor de “Lições de Abismo” é um primor de homem. Mas ele se esquece de que toda revelação é subjetiva e nunca objetiva.

25 mar., 1953

BEM VESTIR

(De São Paulo) – No século passado procurou-se até engravar o preto ignorando-se que o próprio pigmento é uma defesa contra os raios solares.

Esse preconceito do “bem vestir” quer dizer, do vestir branco, do vestir polar nos trópicos é oriundo de um sentimento de inferioridade cristão e ocidental que devíamos repelir com toda a

energia. Bem vestir aqui nesta canícula irracional seria andar de short e maiô. Não se trataria de nenhuma originalidade e sim, de defesa da própria saúde.

Quando entramos em qualquer repartição da capital da República num verão escorchante como este, encontramos todo mundo, até os graves chefões de seção sem paletó, de mangas de camisa arregaçadas e o nó frouxo da gravata.

Por que não eliminar logo a gravata e substituir a camisa por um suave calção? às moças devia-se dar permissão de andar de biquíne.

A burrice chega ao ponto de se não permitir usar um traje esportivo ou mesmo tirar o paletó para tomar um drinque num bar ou comer um rápido almoço.

O ideal do vestir nos tropicos tem que ser o fraque. Isso deve ter origem nas "Ordenações".

Minha comadre Gilda de Mello e Souza fez uma excelente tese sobre a moda no século 19. Infelizmente parou nos limites dessa centúria e onde o Santo Padre ordena aos frades e freiras que saiam de seus cubiculos de pano para não contrastar muito com a cobra com que se veste a artista Luz Del Fuego.

26 mar., 1953

ECCE HOMO

(De São Paulo) – O único homem capaz de enfrentar o sr. Ademar de Barros, na legalidade das urnas, foi encontrado. É ele o prefeito Jânio Quadros. E sem caixinha, sem corrupção, sem cafagestismo. Sem a nuvem de eleptômanos profissionais tipo Paulo Lauro, e sem os cretinos enfeitados como o sr. Asdrúbal da Cunha. Desta vez o ex-líder Ademar não perdeu só os grandes eleitorados de São Paulo e de Santos. Perdeu também a mesa da Assembléia. Com todo o dinheiro que facilmente acumulou nos anos folgados de governo, ficou de cabeça inchada.

Só um bom ponto vigora neste momento para o ex-interventor longinquamente inventado pelo sr. Getúlio Vargas. É ele ter inventado o seu sucessor – o professor Lucas Nogueira Garcez, que presidiu às eleições paulistas como um magistrado, aceitan-

do publicamente a sua derrota e atribuindo ao seu próprio governo falhas que não cometeu.

Pode-se dar parabéns ao Brasil. Como o governador Garcez, o sr. Jânio Quadros é um homem probo e bem-intencionado. Se no empurrão das manifestações estouvadas com que os seus fãs eleitorais o cercam, não partirem as suas frágeis costelas, o sr. Jânio Quadros tem no bolso a chave do Palácio dos Campos Elíssios e quem sabe se no futuro, a do Catete? Quem viver verá.

7 abr., 1953

DOM CAMILO

(De São Paulo) – Enquanto a literatura brasileira, com exceção da poesia (de certa poesia) e de uma ou outra rara obra-prima em prosa, chafurda bem fundo, a literatura italiana do romance se firma e se coloca entre as maiores da Europa.

Depois de uma série de jóias entre as quais o romance-reportagem de Malaparte que é uma novidade e dessa extraordinária escavação histórico-dramática e psicológica que é "O Cristo ficou em Éboli" do pintor Carlo Levy – divulgado em tempo pelo "Temps Modernes" de Sartre – vem agora de passar todas as medidas uma pequena novela que se coloca ao lado de "Dom Quixote" de Cervantes. Trata-se de "Dom Camilo e seu pequeno mundo" de um desconhecido, Giovanni Guareschi.

O extraordinário de "Dom Camilo" não é só o esplêndido corpo a corpo entre um padre rústico e um mais rústico ainda chefe bolchevista, numa aldeia das cercanias de Pádua. Mas o que leva o livro às alturas de um profundo estudo sociológico é a demarcação do que eu chamo, no meu "Tratado de Antropofagia" de "sentimento órfico" e que não passa do sentimento religioso que os católicos denominam de religião natural.

Os comunistas brigam a soco para batizar os filhos e têm no vigário campônio, o esteio de sua própria existência.

Com "Dom Camilo e seu pequeno mundo", a Itália revolvida e espezinhada pela guerra se levanta intelectualmente, como nos tempos do Renascimento.

24 abr., 1953

E EU COM A LIGHT?

(De São Paulo) – Um besta lá de Santos não entendeu níquel do que eu quis dizer quando chamei num dos meus “Telefonemas”, o Sr. Jânio Quadros de “quase subversivo”. Esse consumado reacionário não sabe que num mundo destes, subversivo é elogio.

As minhas desilusões políticas são velhas e justificadas, por isso não tomei parte na campanha municipal paulista em que estava eleito, desde que se apresentou, o Sr. Jânio Quadros. Não trabalhei nem por este nem pelo sr. Francisco Antonio Cardoso que os adversários chamavam de Chico Pomada ou Chico Sabonete. Os partidários da chapa oficial xingavam por sua vez o prefeito eleito, de Jânio Suado. Pelo que se vê que no momento o suor vale muito mais do que o cosmético. Felizmente!

Outra coisa que o velho foca de Santos não percebeu é que as últimas eleições não atingiram nem o governador Lucas Nogueira Garcez nem o presidente Vargas. Atingiram e isso em cheio, o sr. Ademar de Barros que está uivando como um cão danado.

Conheço uma negrinha que quando lhe atribuem qualquer maroteira que não fez, ergue os ombros e exclama – E eu com a Light? Adoto no caso, as palavras e o gesto da pequenina copeira.

30 abr. 1953

A REVOLUÇÃO BRANCA

(De São Paulo) – Minha musa morreu na fila da carne!

Foi o que me respondeu o Prefeito Jânio Quadros quando lhe perguntei se era verdade que ia ser reconduzido com honras e homenagens ao Club de Poesia, donde o eliminara, dois anos passados, o trêfego oportunismo do Sr. Domingos Carvalho da Silva. Entraria, ladeado pelos intelectuais do seu gabinete, jornalistas e poetas, Afrânio de Oliveira, Germinal Feijó e Afrânio Zucoloto. Mas Jânio Quadros prefere administrar e fazer espernar nas calejadas mãos jurídicas do Sr. Marrey Júnior, seu Secretário da Justiça, o moleque Paulo Lauro que teima em se declarar apenas ventanista. Ladrão no duro é Jean Genet, prefa-

ciado por Sartre, num livro de setecentas páginas, onde o chama simplesmente de anjo. Paulo Lauro seria então mudado de cor diante dos juízes, um transparente mas, modesto querubim.

Na Prefeitura, eu assistira numa ante-sala o desfile famélico de algumas dúzias de flagelados urbanos que iam pedir ao governador da cidade arranjo, hospitalização e auxílio.

O Prefeito Jânio está alarmado com a crise de desemprego que se alastrá em São Paulo agravada pela falta de energia elétrica.

Disse-me que mandou abrir urgentemente as avenidas radiais a fim de desafogar o estrangulado trânsito de São Paulo. Mas não acha isso suficiente e pretende que o ponto alto da sua administração seja o presente régio do metrô, tantas vezes negado à capital por prefeitos de grande cartaz e inépcia maior.

Mostrou-se satisfeito com a atuação do sr. Cicillo Matarazzo à frente do IV Centenário.

Ía me dizer muito mais coisas quando varou a sala a resplendente deputada ademarista Tereza Delta, autêntica paraíba de São Bernardo do Campo.

8 mai., 1953

DA ESCLEROSE

(De São Paulo) – Um cientista moço, médico que se dedica a males da idade, explicou-me, outra noite, o segredo da longevidade de Bernard Shaw. Disse-me ele que o escritor irlandês ignorava o que o fazia durar tão rijo e satisfeito. Não era com certeza, o sucesso financeiro ou o mundano e literário. Outros de maior glória têm estourado mais jovens. O segredo de Shaw era ele ser vegetariano.

Contou-me o clínico que foram feitas experiências em frangos obtendo-se por meio de uma alimentação rica em gorduras uma esclerose precoce que faria rebentar o galináceo se ele não fosse colocado num regime absolutamente oposto. Restituído à alimentação vegetal, nota-se nele uma regressão da moléstia. Isso quer dizer e aí vai uma grande notícia – que a esclerose é reversível. Basta que se eliminem as gorduras para que, depois de um regime estritamente vegetariano e frugívoro se constate através do

exame de fundo de olho que as artérias deixaram de se endurecer e cessaram as hemorragias em chama de vela.

Se eu passo adiante alguma besteira, ela não é minha e sim, do jovem cientista de São Paulo.

Fato é que estas coisas do coração e das artérias não são mais tão alarmantes como eram antigamente.

O ano passado o dr. Emílio Mattar me tirou do caixão salvando-me de uma terrível asma cardíaca. O porrete é a dieta – o grande recurso da medicina moderna.

9 mai., 1953

FRANCÊS DO APÓS-GUERRA

(De São Paulo) – O meu amigo Cid de Castro Prado que priva intimamente com as línguas mais ferinas do país – Agripino Grieco, Aprígio dos Anjos e outros – contou-me uma do parlamentar mineiro Aureliano Leite. Diz ele que o ilustre deputado escreveu um artigo sobre almanaque e empregou em francês a expressão “l'an passé” em vez de pôr “l'année dernière”. Afirma o maledicente que isso é francês da nova sede do Automóvel Clube, pois que o velho clube paulista tinha para os coronéis que formavam o seu estado-maior, um curso completo de francês tirado na mocidade no célebre “Pavillon d'Armenonville”.

Evidentemente o sr. Aureliano Leite, apesar de encanecido é já dos tempos das *garçonières*.

10 mai., 1953

O CRIME ATRASADO

(De São Paulo) – Evidentemente tudo depende do clima. Como São Paulo meteorológico dá os resfriados e a atividade que ergueu no solo jesuítico milhares de fábricas e arranha-céus – também no campo intelectual é a atmosfera que incita e orienta

a vida de uma região, de uma cidade. Aparecem os casos, surgem os índices. E pode-se medir a força de uma tensão, o valor de um rumo. Sem Machiavel, Calvino e Vespuíco não creio que se tivessem dado o Renascimento e a Reforma com a intensidade intelectual que tiveram esses movimentos na criação do mundo moderno. Nesse ponto e em outros, divirjo do Marxismo. De fato, não são os homens que fazem a História. Mas, sem os homens a História não se faz. Surgem os fatores econômicos, sociais, etc., os líderes porém, tornam-se essenciais. Sem Lenine, Trotsky, Stalin e agora Malenkov, teria exatamente a Rússia tomando o caminho que *tomou*?

Calvino incutiu a idéia de eleição, produzindo com o estímulo duma velha descoberta agostiniana, o clima de desigualdade necessário à civilização industrial, ao mesmo tempo bandida e fecunda. Sem as cartas de Américo Vespuíco, conheceria o Ocidente o outro homem? O homem nu, sem revelação teísta e sem preconceitos? Machiavel foi quem decepou de um golpe a Medusa das idéias medievais.

O Brasil continua desigual. Jean Cocteau me disse que numa procissão ou num outro ajuntamento poder-se-ia identificar um homem do século 13, outro do século 18 e um contemporâneo.

A desigualdade da culturização no Brasil produz coisas engraçadas se às vezes não se tornassem trágicas. Há gente que vive entre nós na era da pedra lascada, outros que se regalam nas delícias da primeira cristandade e da primeira fé, há os ateus do século "das luzes" e os místicos atuais.

Agora, surge no noticiário dos crimes, um fato que flutua num caldo de cultura mórbida e romântica, muito particular a certa fase e a certos meios do século 19, inteiramente ultrapassados. Hoje, quando há desvios, eles são conhecidos da ciência e surgem cristalinos e não dissimulados ou mascarados de pseudônimos, numa literatice boba e sensacionalista. Quando há doenças, elas aparecem rudes e sinceras como num Gide ou num Jean Genet. Já foi sobretudo, enterrada a época das missas negras de Huysmans, antes da sua conversão católica. Já se foram os distúrbios e as anomalias besuntadas de falsa cultura que fizeram a celebridade dos tóxicos e das inversões. É verdade de que isso tudo prospera, isto é, atinge camadas sedentas de novidade espiritual. Há uma espécie de proletarização do estranho e do normal.

E justamente em Minas, na Minas tradicional e religiosa que deu a seriedade do Aleijadinho e dos Inconfidentes, surgem em torno de um crime escabroso, homens que se chamam entre si "Perfume da Madrugada", "Dorian Grey", "Mme. Sata" e "Suspiro da Noite". Evidentemente, esses rapazes ignoram que estamos, mesmo no Brasil, na época da Siderurgia.

22 mai., 1953

ESPIGÃO DA SAMAMBAIA

(De São Paulo) – Não é minha intenção diminuir a figura de meu velho amigo José Olympio, e se o quisesse, não conseguiria. Além, do mais, ele faz de mim um privilegiado, suporta risonhamente o bacalhau de minha obra de autor sem acústica. Compreende o Brasil e me comprehende.

Deve-se a José Olympio das melhores coleções de autores nacionais. Seus grandes editados chamam-se Gilberto Freyre, Octávio Tarquínio de Sousa, Rachel de Queiroz. Mas há qualquera coisa como que um complexo de infância, que faz com que ele não se tenha tornado o divulgador de São Paulo.

Agora foi reeditado um bom romance do café e da crise de 29, que em nada, a não ser no tamanho, é inferior aos livros de meu amigo José Lins do Rego – este, a menina dos olhos de José Olympio.

O volume em questão intitula-se "Espigão da Samambaia" e tem como autor o sr. Leão Machado. Este, como outro curioso romance saído há anos da pena do sr. Cesar Castanho – "Um Pingo no Mapa", escaparam completamente à área cultural da Editora José Olympio. Bem sei que nenhum desses autores procurou o editor paulista. Mas por quê? É possível que haja nos escritores daqui um retraimento que os afaste do grande editor do Nordeste. Esperam sempre ser barrados.

No entanto, o romance do sr. Cesar Castanho possui uma das mais belas cenas de ficção que conheço, mesmo na literatura universal.

O "Espigão da Samambaia" que agora se reedita e se vende, é um cromo fazendeiro entrelaçado sobre a derrocada da econo-

mia cafeeira. Um dos raros documentos dessa época trágica. Tem psicologia, paisagem e estudo social. Não era para figurar numa estante José Olympio?

24 mai., 1953

CIRURGIA POLÍTICA

(De São Paulo) ~ Não estivesse o Governador Lucas Garcez escudado numa limpidez de caráter e numa tradição de conduta insofismável e seu gesto fazendo estourar o gostoso Ademar, não seria tão rápido e feliz. Não houve argumentos para que o velho P.S.P. pudesse resistir à intervenção urgente que exigia essa grossa e intérmina capadoçagem. E o sr. Garcez passou numa semana, da primeira fila de um partido suspeito para a liderança política de um Estado. São Paulo volta à forma que tanto elevou na consideração de seus irmãos do Norte e do Sul. Coloca-se outra vez na linha dos Prudente de Moraes e de outros varões que honraram a política bandeirante.

Nunca se assistiu a debandada tamanha! Apenas aí no Rio o sr. Carvalho Sobrinho teve a hombridade e a coragem de defender o crapulão que maculou por tanto tempo o governo de São Paulo. Soube ser amigo e partidário leal. Na corrente oposta, ganhou um bom ponto o deputado D'Agostino, esse caramelo de mediocridade que dessa vez pelo menos, se definiu.

O P.S.P. dizia-me um amigo que por muitos anos viveu na ilegalidade, é como um bairro onde morei que tinha as ruas cheias de lama e de escória mas ostentava nas placas os nomes mais ilustres do Brasil. Para encurtar, os moradores diziam: Rua Barão, Rua Visconde, Rua Marquês. E fosse alguém atravessar aquilo numa escura noite de chuva!

São Paulo retomou o seu lugar probo entre a gente proba do Brasil, jogando de pernas para o ar entre outros, o Sete-Dedos Municipal – Paulo Lauro – e seus cupinchas.

Nunca se viu um político transformar uma confessada derrota eleitoral, num triunfo tão imediato. O professor Lucas Garcez não entende só de hidráulica. É também um grande cirurgião!

9 jun., 1953

O TIRA LETRADO

(De São Paulo) – Esse "Crime do Parque" praticado em Belo Horizonte há muitos anos, e que agora revive na coluna dos jornais e na polícia com a acusação de homicídio feita a um poeta-diplomata que, como homem "avancado" teria que ter uma vida diferente e superior aos outros mortais, tem trazido coisas do arco-da-velha. É assim que as figuras envolvidas no caso falam melodramaticamente e até os secretos elevam o nível de seus conhecimentos para dizer preciosas besteiras.

Li num retalho de jornal, que um tira enfrentando culturalmente o indigitado criminoso, ter-lhe-ia dirigido esta espantosa pergunta: – O senhor é êmulo de Oscar Wilde?

Primeiramente, saberá esse cavalheiro o que quer dizer êmulo? E saberá ele, perdido na faina ingloria de agarrar meliantes pela gola e prender menores subversivos numa cidade do interior do Brasil, quem foi Oscar Wilde?

Fato é, que o suposto criminoso que deveria ser punido, pelo menos pelo crime de acreditar nas anormalidades douradas do romantismo, que o nosso século ultrapassou, nada respondeu.

O caminho a seguir é levantar a candidatura desse guarda erudito e transcendente à Academia Mineira de Letras.

14 jun., 1953

DUAS JOVENS PAULISTAS

(De São Paulo) – Regressou de Paris a pintora Marina Caram que foi a revelação de dois anos atrás, quando expôs óleos e desenhos no Museu de Arte de São Paulo.

Marina trouxe uma preciosa bagagem de obras que vão ser objeto de uma segunda exposição. É uma sensibilidade trágica a serviço de um técnica rigorosa. Volta apta para se colocar entre os grandes artistas de amanhã.

Enquanto volta Marina, prepara-se outra figura feminina de relevo nos meios intelectuais, para partir em busca também de Paris. É ela a poetisa Dulce Carneiro, a musa de Atibaia, que há alguns anos vem demonstrando uma extraordinária vocação para as letras.

Não deve Dulce, a sua viagem a nenhum feito literário. Foi agraciada pela vitória que conquistou numa competição de desenhos para modelos de vestidos.

Que do contato com Paris, tragam elas o que São Paulo, não pode lhes dar.

19 jun., 1953

A DAMA VERDE

(De São Paulo) – O túmulo desdentado do sr. Plínio Salgado deitou falação na festa do Martins. Primeiro, é preciso contar o que foi a festa do Martins. O jovem editor José de Barros Martins resolveu festejar os seus editados. Coisa rara num país que não lê e não escreve. Mas, Martins é teimoso e talvez toda a sua energia, capaz de milagres, promane da senhora admirável que preside ao seu destino – Edith.

Fato é, que Edith e Zé de Barros abriram os salões do Automóvel Clube para reunir na caçarola – Jorge Amado, Lúcia Miguel Pereira, da U.D.N., o socialista Antonio Cândido, o garcezista Leão Machado e um velho turco de farelinho e de ensaio à prestação. Foi uma linda festa a que o governador compareceu com D. Carmelita.

No meio da oratória, levantou-se uma senhora e disse todos os desafetos que pôde à política presente, alardeando os seus pendores pelos futebolers, particularmente pelos antigos.

"Oh! bigodudos futebolers!"

O saudosismo integralista procura continuamente envenenar qualquer ambiente sadio onde lhe permitam a entrada. Não perde vaza mas perde tempo.

Que uma senhora faça contos fracassados, não é raro entre nós mas, que se meta a ressuscitar mortos conservados em álcool, merece protestos. Fica aqui o meu.

20 jun., 1953

O DESTINO DAS ELITES

(De São Paulo) –

“Cai, cai balão;
Cai, cai balão
Na Rua do Sabão”

O balão caiu, mas foi aqui, na Rua Florêncio de Abreu, nos fundos de uma velha casa que era depósito de seda, facilmente inflamáveis. Por cima do depósito havia um baile de pretos. O melhor das nossas “élites” reunia-se fagueiramente para festejar o casamenteiro Santo Antônio. E o fogo pegou. Pela madrugada, foram removidos para o necrotério do Araçá, sessenta corpos de bailarinos, fora o de um bombeiro e de um investigador da polícia. A gafieira chamava-se “Elite 28 de Setembro”.

Da escravidão para cá, tem havido uma contínua filtração de elementos puristas que querem ser não uma elite mas, uma “élite”, pois mudada a prosódia, o negócio assume proporções diferentes.

Como entre os negros, entre os imigrados para a nossa terra produz-se o mesmo dinamismo efervescente destinado a criar uma aristocracia contra os pobretões que não conseguiram se alçar ao ponto de bala de reclame, da crônica real e da televisão.

Infelizmente, os balões fatídicos de Manuel Bandeira não caem na Rua do Sabonete. Essa só tem casas isoladas e novas e perfeitos serviços de polícia e de extinção de fogo. Só caem na Rua do Sabão, isto é, nos bailes das lavadeiras que durante 365 dias se matam no bate-roupa para poder, numa noite única do ano, figurar funambulescamente no “carnet” agiográfico do santo dos namorados entre chamas e estrondos.

21 jun., 1953

HOSPITAL DAS CLÍNICAS

(De São Paulo) – O negócio deu-se deste modo: o dr. Emílio Mattar, meu médico, passou a vara ao dr. Fauze Adde – todos moços, risonhos, lembrando os fenícios fortes de que descendem. A vara era um afiado bisturi. E o dr. Fauze, apesar de ter uma mão de anjo, fez do meu peito uma rosa sanguínea e dolorosa.

Durante algumas semanas frequentei, para curativos da operação de antraz, o Hospital das Clínicas. E vi o que é um assombro de assistência democrática e de organização viva. Quantas vezes, na minha peregrinação nos corredores amplos e claros, acompanhei uma cadeira de rodas conduzindo uma mulata velha, no seu uniforme asseado de doente, e levada por uma dolico-loira, no seu traje de enfermeira, vinda das migrações polares.

Nas enfermarias espaçosas, com poucos doentes, todos bem cuidados e assistidos pela melhor equipe médica de São Paulo, gratuitamente, a saúde luta contra o mal. Um mulato moço me conta duma cama: – Bala na perna. Confrito em Minas!

Uma criança brinca descuidada no pavilhão infantil. – Câncer... Há as que resistem.

E toda uma humanidade mista se enfileira esperançosa diante das salas ordenadas, atendendo a chamada para a consulta, para o curativo. Eu sou um dos mil doentes de São Paulo que se recuperam. Saio com alta.

Em baixo, no térreo que abre para jardins e avenidas, é o espetáculo das ambulâncias que chegam e que partem. Vi e senti uma das melhores organizações médicas da América. Vou agradecer ao meu amigo dr. Enéas de Carvalho, o diretor, o tratamento que tive.

Lá fora, entre a gente que entra e que sai, vejo um homem apoiado a um garoto quase maltrapilho. Golfadas de soluços lhe brotam do peito. Caminham sós no nevoeiro azul. Procuram a avenida exterior. Quem será? Quem de muito querido terão deixado ali?

22 ago., 1953

GENTE DO SUL

(De São Paulo) – Estou com uma porção de compromissos atrasados para com esta minha coluna do “Correio da Manhã”. A doença e a luta.

Primeiro, tenho que passar uma descompostura em minha jovem amiga Vera Mojilka que não me escreve mais. Não é por isso. É porque ela admira uma porção de gente errada. Vera pertence à grande equipe da revista “Crucial” de Porto Alegre, liderada por esse esplêndido Paulo Haecker Filho. Ela me escreveu a melhor carta que já recebi a propósito de “Serafim Ponte Grande”. Mas parou.

Há uma geração de novíssimos no Brasil que nada tem que ver com os Loandas e os Moambas dos suplementos. Oliveira Bastos anuncia-se um crítico. Um crítico enfim! Há o poeta Carlos de Oliveira que me fala de Luci Teixeira e no poeta Goulart. E Flávio de Aquino. Há aqui mesmo em São Paulo, meninos que pesquisam – Décio Pignatari, Augusto e Haroldo Campos, Ruy Nogueira, Paulo César da Silva e outros.

Felizmente, estamos nos afastando daquele berreiro incivil e cretino dado como show pela revista "Orfeu".

25 ago., 1953

UM SALÃO

(De São Paulo) – Depois de mais de duas décadas, surge em São Paulo um salão literário. É o salão de Carmen Dolores, senhora do escritor Mário Donato.

O autor vitorioso de "Presença de Anita" está ficando até com cara e modos de escritor francês. Recebe às quintas-feiras. O que São Paulo possui de selecionado em literatura enche o seu apartamento da Rua General Jardim. Ali nos encontramos com representantes de três gerações – a de 22 que ainda resiste e diz versos, a do poeta Tavares de Miranda e a dos franguinhos de Orfeu.

Como programa, o salão de Carmen Dolores também inclui os escritores e poetas estrangeiros de passagem por São Paulo. Assim, Nicolas Guillen foi hóspede do casal num coquetel.

– Enfim, ha onde a gente se encontrar! dizia-me satisfeito o poeta Braga, não o Rubem mas, o Edgard.

E há mesmo. Com cuidados e atenções de uma excelente anfitriã.

O fato mais sério deste primeiro mês do salão da Rua General Jardim foi a forma atingida por um novo poeta que perdeu a juventude na grande advocacia mas, que agora se recupera com a Juventude dos melhores poemas da época. Trata-se de Luiz Lopes Coelho. Guardem esse nome! Houve também o aparecimento encabulado de três poetisas magras e nervosas que traziam a seu favor, o ilustre endosso de Osmar Pimentel, crítico a vida inteira!

30 ago., 1953

DE HISTÓRIA

(De São Paulo) – É incrível eu não ter comentado aqui o aparecimento do belíssimo livro de Otávio Tarquínio de Souza sobre o Imperador D. Pedro I.

Mas, deixei passar para fazer coisa mais longa e ficou isso para as calendás.

Antigamente, a História do Brasil era tratada pelo método Taunay que fazia a mesma coisa que seu bisavô com a arte – estragava à vontade.

Felizmente uma obra como essa, de Otávio Tarquínio, cobra de sociologia a pesquisa das figuras e dos fatos. A vida de Pedro I é um monumento. A Otávio Tarquínio deve-se esse bom caminho de tirar da obra histórica além da anedota, o comentário sábio e o estudo erudito.

À Lucia Miguel Pereira, grande colaboradora da vida e da obra de Otávio, é transmissível o meu abraço.

Numa viagem de ônibus que fiz a Petrópolis em companhia do ilustre crítico pernambucano Olívio Montenegro, para almoçar com o casal perfeito, comentamos a importância de ambos no quadro da nossa magra pesquisa. Que o exemplo fortifique!

1º set., 1953

O “ESTADO”

(De São Paulo) – Inauguraram-se afinal, as novas instalações d’O Estado de S. Paulo. É um formoso edifício moderno na confluência das ruas Major Quedinho e Consolação.

Na fachada, abre-se um magnífico painel de Di Cavalcanti. Esse fabuloso Di que com certeza é a mais curiosa e mais forte figura intelectual e artística de sua época.

O novo “Estado” foi posto de pé pela tenacidade, pela bravura e pela capacidade jornalística de Júlio de Mesquita Filho que tanto honra a memória de seu pai. Jornalista *doublé* de sociólogo e historiador, Julinho é uma grande figura de lutador. Nunca esmoreceu nas suas pesadas lutas pela liberdade. Hoje, tem a seu lado dois filhos já homens, que praticamente fazem o jornal. São

duas simpatias, ambos inteligentes e cultos, Júlio de Mesquita Neto e Ruy Mesquita.

São Paulo compareceu em peso à inauguração do prédio, tendo discursado brilhantemente o udenista Pereira Lima.

4 set. 1953

A CONFERÊNCIA

(De São Paulo) – Os jornais todos noticiaram. As estações de rádio também.

Nas últimas comemorações do condestável Caxias, aqui realizadas, inventaram uma conferência na Faculdade de Direito. O conferencista, ilustre desconhecido, parece que tinha um nome irlandês, creio que O'Hara. Nada de estranho na Babilônia paulista.

A sala encheu-se. E o orador falou um bom quarto de hora relembrando não os feitos de Caxias mas os de Osório. Confusão de assunto.

Isso porém, não seria tão grave, se no meio da discursa, um assistente não houvesse pedido um aparte. Levantou-se para declarar que aquele trabalho que estava sendo lido aliás, sobre a personalidade de Osório e não de Caxias era um simples plágio. Tinha nas mãos um folheto que se pôs a ler. Era a continuação da conferência, já impressa e editada.

Estabeleceu-se tumulto. Ouviram-se protestos. E resguardado por um bom samaritano que tomou a palavra, o conferencista escafedeu-se.

Acontece cada uma nesta jurídica terra dos Andradas!

5 set., 1953

DA POLÍTICA

(De São Paulo) – Houve um berreiro na nova constituição do ministério da República. Acusou-se o governador Garcez de indiferença pelos cargos. Agora, no entanto, afirma-se que o Ministério

da Saúde será dado ao professor Francisco Antonio Cardoso, homem de confiança de Garcez. Outro homem de confiança de Garcez é sem dúvida o professor Vicente Rao que ora ocupa a pasta do Exterior. Ninguém pode representar melhor aí os interesses paulistas do que esse culto mestre do Direito Patriarcal que é sem favor, um dos homens mais inteligentes que conheço.

São Paulo, por obra e graça do professor Lucas Nogueira Garcez, está perfeitamente representado e defendido no novo ministério.

6 set., 1953

DOIS POETAS

(De São Paulo) – O título desta pequena crônica devia ser "Dois poetas rationalistas", pois, é com razão e pela razão que eles agem e fulguram em nossas letras.

São Mário da Silva Brito e Sérgio Milliet. A ambos é a função crítica que dá relevo e função. No entanto, eu admiro muito os poemas de Sérgio Milliet, não só os da "Valsa Latejante" como os que ele agora reuniu em livro. Quanto mais poeta do que crítico acho Sérgio, sou muito mais partidário do crítico do que do poeta em Mário da Silva Brito. Seus versos de "Biografia" são muito bem-feitos, talvez sejam mesmo bem-feitos demais. Ao lado porém, do seu livro "O Modernismo" que ainda se acha inédito mas que conheço, o poeta diminui.

Mário se tornou uma das maiores figuras da nossa crítica.

8 set., 1953

HENRY MUGNIER

(De São Paulo) – Em fevereiro de 1922, no nosso Teatro Municipal, deu-se um acontecimento que tomou nome de Semana de Arte Moderna e que parece ter influído na evolução da nossa literatura.

Exibiram-se ali, ao lado de Graça Aranha e Paulo Prado, alguns moços que eram Mário de Andrade, Guilherme de

Almeida, Sérgio Milliet, Ronald de Carvalho, etc., etc. Foram todos vaiados. Mas, ninguém mais do que um que só falava francês. Era o poeta e dramaturgo suíço Henry Mugnier que agora de novo nos visita.

Sérgio Milliet traduziu um dos seus últimos poemas. Eis-lo:

“Deixa correr entre teus dedos
essa jovem e vivaz ardência
e não feches as tuas pálpebras
à luz deste verão que é teu.

Essa festa é da juventude,
uma oferenda de pureza
que hoje, da terra para o azul,
ascende assim na embriaguez,
sobe do mundo e tudo inunda,
campos, aldeias e colinas,
coroamento desta vida
para tua alma e tua fronte.

Aceita só viver,
se percebes toda a volúpia
das canções que um dia cantaste,
das páginas que um dia leste,
aceita o doce reconforto.

Tempo virá, tempo de outono,
para matar a jovem ardência
que os dedos não podem reter.

13 set., 1953

JEAN PAUL

(De São Paulo) – Foi minha grande amiga Dinah, esposa do poeta Luiz Lopes Coelho, quem me trouxe a última novidade das livrarias de Paris, esse romance intitulado “Jean Paul”, que se deve à pena de um novo, Marcel Guersant.

Trata-se de um assombro de análise da adolescência, qualquer coisa de profundo e meticuloso no terreno mórbido dos desvios da primeira idade. Curioso é ver como um livro que expõe com uma clareza cegante os frutos doentes duma educação tradicional errada, conclua justamente pela mesma solução que criou o problema.

A reviravolta mística de Jean Paul pode ser muito exata mas a posição do escritor se compromete e partidariza no caminho pascaliano adotado. Não fosse isso e estaríamos diante duma autêntica obra-prima. É verdade que Guersant tem atrás de si um *background* que vem de Balzac a Proust.

Eu que não mais suporto a leitura de qualquer romance, pequeno que seja, devorei esse que vai a mais de quinhentas páginas.

Jean Paul é a realidade desgraçada de um garoto a quem jogam nos roteiros da incomprensão e do recalque.

26 set., 1953

LAMPIÃO

(De Copacabana) – Lorca chegou ao Brasil. E não foi pela mão de nenhum conhecido teatrólogo ou poeta. Foi pela mão de uma estreante no gênero. Rachel de Queiroz deixou o romance para fazer teatro. E nos deu imediatamente uma obra-prima.

“Lampião” que acabo de ler não pode ser colocado na gaveta fácil do neo-realismo, onde agora se classificam com displicência as obras excelentes que nos está dando o romance italiano ou uma ou outra peça de teatro. “Lampião” traz em si uma super-realidade e um drama que o colocam acima da trivial reprodução de personagens e de fatos. É uma obra enxuta e inexorável como uma tragédia grega. Rachel afrontou sem medo o problema histórico de Lampião e trouxe efeitos incalculáveis. Acredito que seja esse o melhor presente, oferecido à literatura brasileira, que está de parabéns.

27 set., 1953

AO MINISTRO DA EDUCAÇÃO

(De São Paulo) – Sendo v. excia. sr. Antonio Balbino, um crânio, como se diz em gíria apoloética, cabe perfeitamente a mim, velho admirador da inteligência, reclamar providências que de outro ministro talvez viessem a ser tardas ou inócuas. V. excia., no alto palanque em que se encontra, não está sabendo o que se passa entre a arraia miúda que o cerca e com certeza ignora que há alguns anos já, funciona o que também em gíria se chama de uma “marmelada” para impedir a realização correta de um concurso na Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo.

Conluiou-se a Congregação dessa Faculdade a fim de anular ou invalidar a inscrição de três candidatos a esse concurso, admitindo que somente possa nele figurar um concorrente, portanto, sem perigo de perder a cátedra. Acontece que o beneficiado é um homem digno que não precisa de tal favoritismo. É ele o professor João Cruz Costa, que exerce a cadeira como substituto e que com certeza enfrentaria vantajosamente não três, mas uma dúzia de candidatos.

O Conselho Universitário daqui mandou que se fizesse o concurso com os quatro inscritos legitimamente, entre os quais eu figuro. Mas, a Congregação recorreu e depende a solução de v. excia.

Trata-se, como se afirma, de mais uma da “bucha” de licenciados que deseja absorver para si todos os cargos universitários. Sem mais.

Oswald de Andrade

11 out., 1953

FALTA DE REMÉDIOS

(De São Paulo) – O sr. Adão de Freitas, que é um exemplo de ascensão por mérito, está hoje à frente da Cexim. As credenciais do sr. Adão de Freitas são as do trabalho, da honestidade e do esforço. Funcionário cem por cento do Banco do Brasil, ele galgou degrau por degrau a posição em que se encontra. Há

esperanças, pois, dele atender a justas reclamações. Venho encontrar em São Paulo a desolação da falta de remédios essenciais à saúde da população. Em farmácia alguma nem em drogaria, se encontram terramicina e outros preciosos antibióticos. Agora anuncia-se o fim da insulina.

Enquanto isso, voam pelas avenidas das capitais os carros luxuosos de importação recente deste ano de 53. Disse-me um médico que uma ou duas licenças de importação de automóveis sacrificadas em benefício da importação de remédios, salvariam milhares de vidas.

Ao sr. Adão de Freitas que está concedendo licenças prévias, dirijo o meu apelo, pois, com certeza não está informado do que se passa, isto é, da real carência de medicamentos essenciais no Rio e em São Paulo.

14 out., 1953

RAUL BRIQUET

(De São Paulo) – Vai um pouco tarde esta nota, pois Raul Briquet faleceu há um mês e não tive tempo de comentar o seu passamento.

Mas, a memória do grande professor da Faculdade de Medicina não conta por meses ou por anos. Raul Briquet foi um homem culto, diligente, prestativo e simpático. Seus pendores pela literatura eram sérios. Com carinho, cultivou as boas letras, sendo uma honrosa exceção em nosso meio docente. O teatro o preocupava, tendo mesmo traduzido peças estrangeiras de valor.

Mas, a sua especialização – a ginecologia – fez dele um deus tutelar em meio da larga clientela a que atendia. Foram também preciosos os seus serviços prestados ao povo nas maternidades e no Hospital das Clínicas.

Com Raul Briquet desaparece uma figura de grande paulista.

15 out., 1953

O HOMEM DE NEVES

(De São Paulo) – Pode ser brilhante a ascensão do sr. José Maria Alkimim no alto setor financeiro do país. Depois de uma firme administração à testa da Secretaria das Finanças do Estado de Minas Gerais, ele acaba de ser guindado ao posto de Diretor da Carteira de Redesccontos do Banco do Brasil.

Mas o que marca na vida e na atuação do Sr. Alkimim é sem dúvida a façanha de ter criado no interior do Brasil, a penitenciária sem grades, a penitenciária de Neves, ao lado de Belo Horizonte. Lembro-me que o começo da carreira jornalística do sr. Samuel Wainer foi assinalado por uma reportagem de "Diretrizes" sobre Neves.

Mas julgo que jogaram por terra toda a obra humanitária e jurídica do célebre recolhimento de Minas. Ao que me consta, um passado governo daquele Estado entregou a um beleguim a direção do "presídio livre" que o próprio sr. Alkimim dirigia, tendo para isso abandonado o posto de Secretário da Justiça. O sr. Getúlio Vargas, consta, teria tido a simpática idéia de confiar ao idealizador e construtor de Neves a elaboração de um código penitenciário. Por que não se levou adiante isso?

Em todos os países do mundo civilizado o problema é cruciante. Ainda agora o depoimento de Marcel Guersant, autor do romance "Jean Paul", vem juntar-se ao do escritor-ladrão Jean Genet para acusar a sociedade vigente de liquidar física e moralmente o detento, culpado ou não.

Mas o problema no Brasil em vez de progredir afundou como tantas coisas boas.

27 out., 1953

DE PINTURA

(De São Paulo) – Esse amor de rapaz que é o velho Simão Leal, um dos pilares da culturalização do país, porque é responsável o Ministério da Educação, acaba de ter uma boa idéia – mostrar ao público o que foi a nossa melhor pintura, anterior ao Modernismo.

Para isso, anda ele reunindo, com a intenção de expor, as telas de Eliseu Visconti.

Muito pouca gente sabe o que se passou no Brasil antes da revolução estética e literária de 22. Antes do aparecimento de Anita Malfatti e Di Cavalcanti, alguns mastodontes do academismo dominavam a cena. Eram sobretudo os Bernardelli, sem falar no melhorzinho que era Batista da Costa.

No meio deles destacava-se no entanto, um artista tranqüilo e recatado. Era o impressionista Eliseu Visconti.

Hoje, revendo as telas já reunidas no edifício do Ministério da Educação, fica-se satisfeito de constatar que houve um artista ao par no começo do século.

É sem dúvida, um cometimento cultural de importância, essa mostra de arte a que vamos assistir.

28 out., 1953

CASSANDRA

(De São Paulo) – O velho tirou uma baforada e continuou:

– Você assistirá. Será a maior catástrofe da terra. A própria terra ficará em perigo de desaparecer pois, a guerra é cega e a guerra atômica será cega e surda. Mas, o pior é que o negócio começará por aqui. É no Brasil que deflagrará o estopim. Você assiste às marchas e contramarchas do malandro Ademar para o Norte do país, onde se acha Luís Carlos Prestes. Os dois chamados “chefes populares” se unirão como já se uniram uma vez mais, agora será para a mazorca! Depois um devorará o outro. Mas, antes disso, conte com uma revolução de caráter continental. Pois, não há povo do sul desse hemisfério que não esteja revirando as entradas, sem ter o que comer. Há uma extravasão de desgraça e de amargura não só pelo Brasil mas, pela chamada América Latina. Começado o barulho, ele pode ter uma extensão incalculável. E imagine onde nós coitados iremos parar!

1º nov., 1953

O ENCARCERADO

(De São Paulo) – O trecho autobiográfico de Graciliano Ramos, intitulado "Memórias do Cárcere" que acaba de ser publicado, traz um interesse monumental tanto histórico quanto humano. Não sei quem salvou o livro, se foi a família ou o editor José Olympio. Mas, Graciliano em vida absteve-se de publicá-lo por imposição político-partidária.

Minha indignação ante esse fato, subiu a ponto de eu brigar com o escritor meu amigo e ter mesmo ensaiado uma crônica ou entrevista contra ele que um amigo comum evitou ser publicada.

Agora, comprehende-se a perfeição disciplinar do grande autor de "São Bernardo". Quem passou o que ele passou só pode ter a atitude que ele teve. O ressentimento e a integração numa nova esperança.

Aliás, Graciliano já era um encarcerado. Fechado em si, poucas palavras tinha para seus melhores amigos. Fizeram com ele todas as abjeções e todas as injustiças e daí resultou esse grande depoimento cristalino, que são as memórias desse tempo.

11 nov., 1953

PRESTAÇÃO DE CONTAS

(De São Paulo) – O deputado Carmelo d'Agostinho saiu da modorra técnica em que dormitava para pregar umas boas lambadas no dorso balofo desse que, afinal, encontrou o seu verdadeiro nome, o sr. Animal de Barros, como agora chamam por aqui o chefe populista.

O que impressiona é que o parlamentar paulista não utilizou frases sonoras nem xingos arrasantes. Exibiu fatos, notas, comprovantes.

A fortuna que o ex-governador de S. Paulo amealhou nas suas garras possantes parece que é maior que a do Tesouro Nacional.

O sr. d'Agostinho focalizou muito bem as diretivas que deve tomar a campanha contra esse demagogo tolo e inculto que só o caos ocasionado pelas transformações do mundo podia trazer à

tona no confuso cenário político, do Brasil. O que é preciso é lutar contra esse famoso e cínico *slogan*, com que querem inocentar o criminoso: "roubou mas fez".

Toda a tremenda crise que caiu sobre a administração impoluta do professor Lucas Nogueira Garcez vem das cabeceiras, origina-se do furto público que foram os anos do governo passado.

O Brasil não pode consentir que esse ladrão de galinhas de ouro queira ser candidato à presidência da República. De maneira alguma!

29 nov., 1953

INDIANISMO

(De São Paulo) – Chega-me às mãos o folheto desse grande indianista que é Nunes Pereira e que até hoje não nos deu a obra sólida que dele exigimos. Trata-se de uma conferência sobre esse extraordinário alemão que, com o nome de Kurt Nimuendaju pal-milhou o Brasil dos índios e das feras. A obra do grande etnólogo encontra-se no Pará à espera de editor. Pergunto daqui, que fazem d. Heloísa Alberto Torres e meu amigo Rodrigo de Mello Franco de Andrade que não tomam providências para não se perder essa maravilha colhida no dia-a-dia do sertão?

Nunes Pereira merece também um pito, pois, da sua atividade andeja na selva não tira o proveito que nos deve dar. Precisa escrever mais e publicar mais.

1º dez., 1953

EXPORTAÇÃO DE COBRAS

(De São Paulo) – Deus nem sempre é brasileiro mas, às vezes é mesmo. Agora acertou o passo com os nossos interesses.

Vem de Miami, nos Estados Unidos, a notícia. Muita gente pensa que Miami é só a inventora paradisíaca do bikini que por

sinal, consta ter o prefeito Antonio Feliciano posto no índice, exigindo que os banhistas usem agora calções compridos nas praias de Santos.

Miami tem também uma universidade. E nessa universidade acaba, ao que parece, de ser descoberto o remédio para a paralisia infantil. E que remédio é esse? Veneno de cobra. Segundo o princípio homeopático do "similia similibus curantur", é com o veneno de cobra que se cura a mordida da própria cobra. Ora, como a mordida desses bichos paralisa, depois de uma série de ingentes estudos, parece ter-se achado o específico do mal terrificante.

Podemos agora exportar mais um produto – cobra. Evidentemente aí fica um pretexto para se criar logo o Instituto da Cobra, onde se colocarão à vontade, grandes e pequenos afilhados do poder.

A não ser que o Presidente Vargas queira nomear para o cargo o meu amigo Agripino Grieco.

15 dez., 1953

NÃO PODE SER

(De São Paulo) – Anuncia-se que está ameaçada de colapso a nossa maior organização hospitalar que é esse Hospital das Clínicas que acode sem ver a cara, com suas chagas ou doenças, qualquer paciente vindo do extremo Norte ou do Sul.

E um crime espantoso esse de fazer parar a máquina de graças que constitui essa fabulosa instituição paulista. E desta vez não é por falta de verba e sim por falta de remédio.

O prof. Eneas de Aguiar, que superintende aquele estabelecimento, acaba de dar uma entrevista pungente na qual declara o seguinte: "Para exemplificar melhor, os senhores podem avaliar a nossa situação pela falta de ciclopropano para anestesia. Toda a alta cirurgia foi suspensa. Temos doentes graves para serem operados. Casos de câncer principalmente, porque os medicamentos essenciais não existem em São Paulo".

Não é portanto, somente a grave falta de antibióticos que já aqui denunciamos. Trata-se de elementos de anestesia, sem

os quais, os remédios e cirurgiões acham-se impossibilitados de trabalhar.

Uma providência imediata se impõe. Ou o Brasil se declara uma terra de incapazes.

16 dez., 1953

A OBRA DE KURT

(De São Paulo) – O deputado Carvalho Sobrinho está disposto a cooperar para que não se percam os preciosos originais do grande etnólogo Kurt Nimuendaju, há tempos falecido na selva, onde viveu e confraternizou com o índio, originais que se acham no Pará.

Já que os poderes constituídos para isso, os museus e serviços de proteção, etc., etc., não tomam conhecimento de coisas de enorme importância como essa de salvar uma obra autêntica da nossa cultura, é legítimo que o Congresso se movimente nesse sentido. Lá está liderando a minoria, o autor de um dos grandes trabalhos sobre o índio brasileiro que é Afonso Arinos.

Passo daqui este recado ao andejo Nunes Pereira que ninguém consegue ver 12 horas no mesmo lugar. Ele poderá melhor do que ninguém informar o que há sobre o trabalho inédito desse apóstolo civil da nossa gente aborigêne.

O Congresso atual que se tomou de uma brava vitalidade em todos os terrenos tem que meter também o bedelho no campo traído ou esquecido da nossa cultura.

17 dez., 1953

POPULARIDADE

(De São Paulo) – A palavra recuperação entrou na pauta. É recuperação econômica, recuperação moral, recuperação legislativa, cultural, etc., etc.

Pois, um dos pioneiros da recuperação no Brasil é esse modesto e ilustre professor Lucas Nogueira Garcez que governa S. Paulo. Caiu sobre ele a tempestade acumulada nas cabeceiras pelo ademarismo – o Estado ficou de tanga, tais as enormes providências econômico-financeiras tomadas a favor dos cofres particulares do chefe populista.

Agora, promoveu-se no estádio do Pacaembu uma homenagem ao governador Lucas Garcez. E que se viu? Um dilúvio de pessoas e um turbilhão de entusiasmos. O povo paulista mostrou que comprehende e aplaude o chefe honrado do seu executivo. Um assistente dizia:

– Parece um banquete do Ademar!

18 dez., 1953

A FILHA DA VERDUREIRA

(De São Paulo) – Um político ilustre que é também um grande advogado conta-me a seguinte anedota:

– Tive certa vez um caso curioso em meu escritório. Um rapaz de herança milionária tinha se casado com a filha de uma verdureira do mercado. Os pais desolados me procuraram para desfazer o enlace. Pagavam o que fosse preciso. Depois de muita luta, consegui que, a troco de dinheiro, a própria menina pedisse a anulação do casamento. Desfeitas as núpcias, o pai que era avarento, não quis saber de cumprir o ajuste. Não pagava nada. O moço procurou-me desolado. Aconselhei-o. Você diga em casa que vai casar outra vez com a filha da verdureira. O pai espichou a gaita imediatamente. E ficaram todos satisfeitos.

Agora, na política existe também uma filha da verdureira. É o Ademar. Qualquer coisa que aconteça que nos desagrada, gritamos logo:

– Vamos para o Ademar! E todo mundo se acomoda e cala.

– Como terminará isso? Indaguei.

– Sei lá! Acho que acabamos casando de novo com a filha da verdureira!

31 jan., 1954

UM GATO

(De São Paulo) – A estréia de Marcos Rey no romance foi muito bem recebida. Ele fez uma história direta, sem pretensões nem ornamentos. "Um Gato no Triângulo" não deixa de beirar o conto policial.

Suas figuras são bem desenhadas e fortes e a ação atrai o leitor.

Trata-se de um drama paulista, do confuso *bas-fond* que se forma sob o peso milionário dos arranha-céus.

É um drama de ciúme pacientemente construído e que um dia estala como um raio. Há maconha, vício, decadência e conflito nas páginas bem escritas dessa novela atual.

Marcos Rey pode continuar animado o seu caminho aberto sem escândalo e sem proteção.

2 fev., 1954

UBI BENE

(De São Paulo) – Mais do que a presença de autoridades, delegações e visitantes de luxo, mais do que a parada militar, o que impressionou profundamente nas comemorações do IV Centenário, foi o desfile noturno organizado pelas associações de classe e colônias co-habitantes da cidade.

Foi um presente régio que São Paulo ofereceu a si mesmo, desenrolando-se em carros, caminhões e a pé através do vale histórico do Anhangabaú.

Ali via-se tudo o que a capital possui de mais autêntico e ativo tanto associações de padeiros e sapateiros como clubes de patinadores, equipes de natação e futebol, índios de cara larga e bronzeada trazidos do Xingu, bandas de música reabilitadas esplendendo de sons e de garbo.

As moças e crianças patinadoras rodando em grande estilo pelo asfalto, provocando entusiasmo e ovações.

As colônias que fazem a grandeza de São Paulo exibiram-se esplendorosamente em seus trajes característicos, com suas músicas, danças e canções. Ucranianos, romanos, austríacos, japone-

ses. Enfim, tudo o que o dístico latino afirma: "Ubi bene ibi patria". Onde está o bem está a pátria.

Operários que levam nos músculos a grandeza de São Paulo, mocas que anunciam a perpetuidade da raça esplêndida e forte, crianças, velhos, tudo se apresentou num espetáculo inesquecível e único.

3 fev., 1954

SÃO PAULO

(De São Paulo) – Mais do que o Padre Anchieta ou Nóbrega, foram as duas guerras mundiais que fizeram a São Paulo de hoje. Quando a gente penetra à tarde numa confeitoria da Rua Barão de Itapetininga, vê uma Sociedade das Nações de mulheres gordas e pintadas, falantes e seguras de si, tomando chá e despejando todos os matizes das línguas balcânicas e germânicas. Foi o despejo produzido pela fuga às invasões da técnica militar que preferiu nos trópicos o clima inconstante mas ameno de Piratininga, para chupitar tranqüilo um resto de vida capitalista, que as transformações sociais trataram de expulsar do planeta.

Aqui há um clima que lembra os namoros de Adam Smith com a riqueza das nações. Falar em três por cento no Triângulo é falar língua de branco. Foi-se o tempo em que o sr. Getúlio Vargas mandava pôr na cadeia os usurários. E mandava mesmo!

Os longínquos jesuítas do século XVI, cujo erro foi obedecer ao ukase de Clemente XIV que os dissolveu se tivessem fundado uma religião autônoma compreenderiam a sombra gananciosa dos arranha-céus, onde se movimentam agentes e clientes de 1.300 bancos e casas bancárias. Como compreenderam os ritos malabares e as macumbas primitivas.

4 fev., 1954

O PATRIARCA E O BACHAREL

(De São Paulo) – As fumaças de sociologia do escritor e jornalista Luiz Martins engrossaram, tornaram-se nuvens e agora fecundam certos ângulos da nossa vida política. Não concordo em tudo com as opiniões do autor d'“O Patriarca e o Bacharel”. Divirjo mesmo muito. No caso Rui Barbosa, continuo com o modernismo.

Mas, o importante no assunto é que Luiz Martins mostrou muito mais aprofundamento no seu modo de conhecer e estudar as coisas do Brasil do que se esperava.

Sua contribuição é pois excelente. Deixa a poesia e a crônica fútil e dedique-se a esse setor onde militam os melhores espíritos do Brasil. Nota-se neste volume que Luiz Martins fez uma coisa que muito pouca gente faz para escrever – ler e estudar. Raros literatos brasileiros procuram basear suas afirmações em fatos. O livro de Luiz Martins foge a essa comum superficialidade.

5 fev., 1954

O ROMANCE BRASILEIRO

(De São Paulo) – Olívio Montenegro, foi viver na província, cercado de quietude e tradição, não deixa de ser um dos mais alertados e vigilantes críticos de nossa época.

Dá-nos ele agora mais uma edição de seus estudos, sobre o romance brasileiro, onde fulgem excelentes páginas sobre Mário de Andrade, José Lins, Jorge Amado, Raul Pompéia e outros autores principais de nosso tempo.

As suas observações sobre Rachel de Queiroz e Inglês de Souza depassam a expectativa.

Olívio Montenegro é minuciosamente arguto. Eu que sou sobrinho do romancista paraense d'“O Missionário”, e que o estudei imparcialmente, não tinha percebido certos aspectos nobilitantes de sua obra capital. Olívio coloca assim e com razão, Inglês de Souza numa alta posição. Agora, quando vão ser reeditados os seus contos amazônicos, estabeleceu-se uma onda favorável ao

ficionista do Norte. E para ela muito contribui a crítica poderosa do escritor pernambucano, Gilberto Freyre, com a autoridade de seu nome, prefacia o "Romance Brasileiro".

6 fev., 1954

CAVALCANTI

(De São Paulo) – Alberto Cavalcanti, nosso ilustre cineasta, pôs em livro observações, críticas e um pouco de história da nossa sétima arte. Sétima ou nona?

Pode-se afirmar que o cinema brasileiro começou com Cavalcanti. Na Inglaterra sua atuação foi notável. Entre outros, Robert Hamer viu-se lançado por ele como diretor.

Participador de movimentos, orientador e chefe de fila o nosso patrício teve uma forte atuação nos ambientes cultivados do cinema.

Aqui, recebido com todas as honras, sua luta tornou-se logo árdua e ingrata. Encontrou pela frente uma duzia de "imbeciles" que pulando do teatro para o cinema, criaram-lhe todas as dificuldades e torturas.

Anunciou-se que lhe seria dada a direção do cinema nacional oficial, mas isso ficou no tinteiro.

Agora, esse volume vem acentuar a importância de Cavalcanti não só como produtor, mas como diretor e mestre do documentarismo.

7 fev., 1954

PRESTÍGIO DOS ANJOS

(De São Paulo) – É o nome que tomou entre nós esse que no século e na igreja foi batizado por Aprígio. Irmão do nosso maior poeta do passado, ele também rima, mas costuma fazer de seus sonetos, varapaus com que espanca os tolos e os malvados.

Pode-se afirmar que Augusto dos Anjos foi o único poeta que resistiu ao desprestígio formal do soneto. Sua expressão como suas idéias ultrapassaram a derrocada dos poemas de forma fixa.

Aprígio é chamado genericamente de Prestígio dos Anjos. E como há anjos maus e anjos bons, ele se põe a serviço ora de uns ora de outros. Sabe ser o exemplar e amantíssimo pai de família e amigo que não falha, mas também desencadeia tempestades de enxofre sobre a cabeça dos vaidosos, dos chatos e dos cínicos.

Aprígio é hóspede de São Paulo. Veio ver de perto o IV Centenário da cidade.

9 fev., 1954

TAPA NA CARA Nº 1

(De São Paulo) – Vai encerrar-se a II Bienal de Artes Plásticas, esse monumento que deu maioridade a São Paulo no concurso de altos cometimentos da civilização de nosso século. São Paulo é agora alguma coisa que conta na eficiência das transformações do mundo. Deve-se muito a Cicillo Matarazzo a realização dessa esplêndida mostra que reuniu durante dois meses nos edifícios construídos por Niemeyer em Ibirapuera, a atividade plástica de trinta e seis nações.

Cicillo possui, além do avisado conhecimento da arte contemporânea, o talento braçal dos Matarazzo. Trata-se de um realizador, no alto sentido da palavra.

Soube que a minguada turma de passadistas que integra a congregação da nossa vetusta Escola de Belas-Artes, também compareceu à Bienal. Lá foi em melancólica fila constatar a definitiva vitória da plástica contemporânea. Foi, sacudiu o rabo triste diante de Picasso e de Léger, fez um muchocho prolongado e declarou: – Isso é moda, passa!

Da Semana de Arte Moderna de 22 para cá, felizmente o mundo caminhou. E com ele o Brasil e São Paulo.

A nossa cidade que viu a manifestação revolucionária da Semana de 22, agora pode assistir à consagração do que anunciamos naquela época.

Mais do que em ninguém, em Di Cavalcanti, um clássico do modernismo, o prêmio da Bienal realça o valor da contribuição brasileira.

16 fev., 1954

TAPA NA CARA Nº 2

(De São Paulo) – Fixei com atenção a senhora gorda e velhusca, de bigodes, que se atarantava pelos salões da Bienal. E a vi exclamar para a roda que a seguia:

– Esta arte é elevada demais para mim. Não entendo!

A ironia morreu na atenção exclamativa da população que percorria os pavilhões, estaca diante dos futuristas italianos ou da simplicidade de Mondrian. Evidentemente o choque é natural para os que pensaram sempre que pintar é reproduzir o modelo. Fotograficamente. Não se trata porém disso. Disso, a propria fotografia se encarrega.

É preciso compreender que vivemos um seculo que nega o positivismo limitado do século passado. Ha hoje, uma compreensão do homem total que liquida todo o pequeno materialismo em que nos educamos. O real é muito mais vasto do que a sua apariência. O homem é um ser que transborda para o ilimitado. O homem é um ser transcendente, um animal ontológico. Daí, por exemplo, a inelutável vitoria do sentimento religioso sob as formas tradicionais ou novas do orfismo. Daí a triunfal reivindicação da arte que quebra os limites do visual e reinicia a plástica criadora do mundo renovado.

17 fev., 1954

TAPA NA CARA Nº 3

(De São Paulo) – Se a mediocridade se encarnasse, dava direitinho o deputado Aureliano Leite. Vi-o bufando contra o prefeito Jânio Quadros vítima da incompreensão partidária de um

grupo de reacionários chefiados pelo vereador Montoro e pelo padre Arruda Câmara. Estava radiante com a suposta queda do prefeito:

– Onde está o ídolo? Espatifou-se como Ícaro!

O parlamentar mineiro de São Paulo recorre como sempre a uma coleção de imagens vulgares.

– Caiu como um aeroplano envolto em chamas!

De repente investiu contra a literatura:

– Fazer política é muito melhor.

– Principalmente para quem não pode fazer literatura, exclamou um indiscreto:

Veio então a vez da Bienal:

– Aquilo é um absurdo! Se puserem os quadros de cabeça para baixo é a mesma coisa!

S. Excia. precisaria ser informado de que é isso mesmo. O que importa na pintura moderna são os valores plásticos e não a boca parecida ou o olhar.

Saiu intempestivo. E lá nos pavilhões cultos do Ibirapuera, continuaram os cavalos de Marino Marini, as rendas de Mondrian, o mundo espetacular, de Paul Klee, a sala de Picasso que transformou o mundo, a santidade arcaica das estátuas de Moore.

18 fev., 1954

UMA ANTOLOGIA

(De São Paulo) – Carlos Burlamaqui Kopke começou muito mal a sua carreira de crítico. Escrevendo um livro sobre os “caminhos poéticos” dum alarve que tinha como único título um prêmio da nossa fanada Academia Brasileira de Letras. Esse pégaso sem asas, novo turco do sonetão, ocupou páginas e páginas do jovem Kopke, que trazia uma tradição intelectual de família.

Mas o livro se perdeu entre milhares de obras inúteis, editadas pelo carinho dos elogiados.

Agora, porém, Carlos Kopke se reabilitou. Deu uma notável coletânea de obras poéticas do modernismo. Com um prefácio de primeira ordem. A Antologia que acaba de publicar, pelos cuida-

dos de nosso Clube de Poesia, é um excelente repositório do que há de melhor na nossa produção dos últimos anos.

O prefácio acrescenta muito, com a honestidade e o talento de suas observações.

20 fev., 1954

O DEMAIS

(De São Paulo) – Aproximei-me do largo da igreja de Santo Amaro, essa igreja simples que é encimada por quatro velhas estátuas que deviam ser tombadas, tal a expressão que exprimem. Estátuas anônimas de santos anônimos.

Aproximei-me de uma fila de táxis e perguntei ao primeiro chofer:

– Onde está o Demais?

– No cemitério. Levamos ele para lá o mês passado!

O Demais. Esse apelido evoca para mim qualquer coisa de santo. Tratava-se de um velho chofer de praça em Santo Amaro.

Muitos anos atrás, um perseguido político que se escondia numa casa desocupada, fez chamar um taxi. O carro chegou guiado por um velho cafuso.

– Você pode me levar?

– Às ordens.

– Mas quero lhe dizer que estou fugindo da polícia.

– Não tem importância, pode subir.

– Bem, esta certo. Só que eu não sei para onde ir. Sou comunista. Querem me prender!

– Não tem importância. Suba!

– Mas para onde o senhor vai me levar?

– Para minha casa. Eu trabalho de noite. O senhor dorme em minha casa. Eu durmo de dia...

Foi assim que Demais salvou numa hora dura, um homem que militava nas fileiras de um partido ilegal.

Soube no ano passado que ele estava vivo e trabalhando ainda. Procurei duas vezes inutilmente.

Agora ele partiu sem me dar um abraço de despedida.

24 fev., 1954

MEDITAÇÃO Nº 1

(Do Hospital Santa Edwiges – São Paulo) – A medicina moderna tem um roteiro. A primeira providência que toma quando se apossa do doente é dividi-lo em fatias de laboratório. A análise toma conta daquele ser combalido e indefeso. É a fase dos exames. Todos os sucos do corpo passam a ser recolhidos e tratados a fim de se distinguir o que denunciam de anormal. O sangue é levado para estudo.

A radiografia começa a exercer o seu magistério. A maca rolante penetra no quarto alvo. A enfermeira conduz o paciente. Embaixo, é uma ginástica sem fim. Passar da maca para a mesa dura e inflexível. A escuridão desce para que o raio rápido se aposse dos segredos fisiológicos. Chapas e chapas.

De novo, a enfermeira bonita reconduz a maca. Elevador. Quarto.

A técnica de nosso tempo armou a medicina de cem recursos novos. Mas o primeiro passo é analisar.

Assim, o doente, longe das concepções avoengas que reclamavam logo para ele o conforto espiritual e antes de qualquer recurso científico, o cobriam do manto milagreiro da prece e dos ex-votos – desce hoje para a neutralidade objetiva de uma coisa. Uma coisa que se parte, se biparte e se divide para se poder penetrar no âmago do mal e levá-lo em algarismos às decisões do clínico.

Só a polícia política precedeu à meticulosidade da radiografia clínica. Ali, o paciente também era tomado de frente, de costas, de pernas para o ar. No laboratório de hoje, ele gira mecanicamente. Fica de pé sem querer, afunda no negrume dos abismos fotográficos.

15 abr., 1954

MEDITAÇÃO Nº 2

(Do Hospital Santa Edwiges – São Paulo) – Idinha, com sua gordurinha de santa, penetrou de manso no quarto. Trazia qualquer coisa oculta na mão. Abraçou o doente e descobriu uma corrente com uma pequena medalha de Nossa Senhora

Aparecida. Ele sorriu e não recusou o pescoço. Depois disso, mais duas medalhas vieram enriquecer a corrente, no peito cavo. Uma delas do milagroso Santo Antonio trazida com um pouco de terra fecunda em glórias, de seu túmulo paduano. Quem a trazia era Pola, a escultora, a mulher desse incrível Nelson de Rezende que, aos sessenta anos, depois de um infarto, ainda compra rebanhos de zebu e movimenta latifúndios de café, além de tocar seus negócios capitalistas, sem perder a inteligência mordaz e o sorriso que o aproxima de seu primo, o grande plástico Flávio de Carvalho.

No silêncio abandonado do quarto, tudo cresce. Dir-se-ia que a paisagem lá de fora e seu horizonte infino penetram coisas. O contraste negro do telefone com a alvura dos móveis e dos lençóis marca a comunicação com o exterior.

Nesse momento, vem aos lábios do doente a surpresa de umas palavras de prece. Uma reflexologia atavica canta em seus ouvidos as esperanças que lhe incutiram na infância. O contato com o sobrenatural se restabelece. Passam-se horas assim.

De nada valeu o frio positivismo do século passado contra o sentimento órfico que mora na alma do homem. Esse sentimento pode tomar este ou aquele aspecto. Esta ou aquela forma. Nada disso prova a favor de qualquer confissão religiosa. O sentimento existe e sempre existiu. Eléusis vale Jerusalém ou Wittenberg.

16 abr. 1954

MEDITAÇÃO Nº 3

(Do Hospital Santa Edwiges - São Paulo) - A quebra do ritmo da vida, por uma doença, muda os aspectos habituais. O demorado silêncio do quarto, a inatividade, a enfermagem, o ambiente hospitalar abrem as comportas do ser combatido a todas as cargas emocionais da infância.

E evidentemente uma recuperação que se procura. E a idade de ouro de cada um volta pela memória a afagar o homem que se prepara para a volta triunfal da saúde.

Como o clima é de vago desespero, ocorre muitas vezes que o primeiro plano é ocupado pela reflexologia de salvação que lhe

incutiram nas horas infantis diante dos oratórios, das lamparinas das celebrações dos templos.

Romano Guardini, esse católico alemão excepcional, já disse que a liturgia é mais importante do que a ética. E é no compasso litúrgico das novenas da infância que a alma mergulha [falha no texto] o sem compromisso confessional algum. Compreende-se um ateu que reza. Sem conversão. A reflexologia tem a força do instinto, pois a ele se substitui.

E todas as esperanças denodadas que as promessas maternas contraíram, despejando-se sobre a alma sedenta de apoio. A um namoro inevitável com as miragens messiânicas.

Vem a contrapartida. O exame lúcido da situação que pode ocasionar um desenlace. E o mudo e sofrido desespero de quem vê a própria impotência em deter isso que os gregos chamam de "ananké", ou seja, a fria necessidade. Como será? Os filhos? A mulher? A situação.

Tudo se escora na ânsia de salvar, na esperança inútil de salvar.

18 abr., 1954

MEDITAÇÃO Nº 4

(Do Hospital Santa Edwiges – São Paulo) – Mas tudo é devoração, nada mais que devoração. Há dois conceitos de vida, opostos, polares, nítidos. Ou vive-se da crença em qualquer coisa que pode ou deve salvar, aqui e fora daqui, ou aceita-se a irreversibilidade do acontecer, com sua dura carantonha. Há uma concepção salvacionista e messiânica. Nela se estribam todas as religiões. De seu fundo sobem as grandes realidades místicas de que precisamos – o mito, o rito, a igreja. A religião que eu chamo de sentimento órfico – velho como o mundo – alimenta e suporta essas verdades transcendentais, ao mesmo tempo cotidiano e simples.

O homem evidentemente traz em si a repulsa ao efêmero, ao transitório, ao infalível. No entanto, é uma inflexível devoração que nos cerca de todo lado. E chega-se a uma concepção, antropofágica da vida. Dela sai uma única conduta – o estoicismo.

Da concepção salvacionista saem as transigências aterrorizadas, a mentira, o embuste, a falsificação.

Mas de pé diante do irreversível, o homem deve se deixar devorar sem medo. Não é outra a função da vida.

23 abr., 1954

MEDITAÇÃO Nº 5

(Do Hospital Santa Edwiges – São Paulo) – O dr. Trivella, diretor, com seu porte alto e risonho de esportista, está de pé no quarto e fala de uma operação realizada com êxito nos Estados Unidos, em que se ligaram ureteres ao intestino liberando a bexiga inutilizada por câncer, das suas funções normais. Conversa de medico é isso – o mais bonito que dela se depreende é que, no quarto vizinho, uma senhora tirou meio metro de intestino salvando-se de volvô.

A criança de dois anos vagamente azulada, que andava no colo da mãe pelos corredores, penetrava nos quartos, fazia "ciao" com a mãozinha, desapareceu. Minha mulher, Antonieta, está de mau com a medicina, com o Hospital, com os cirurgiões. A criança sofria do que se chama de "mau azul", uma confusão do sangue arterial com o sangue venoso, ocasionada por disposição congênita. Foram tentar, pela manhã, separar os dois sistemas, coisa que se tem feito com êxito. Mas eram imponderáveis as veias, incapazes de ser pincadas. Fecharam de novo a criança e ela morreu.

A figura palida, ascética, de Irmã Vitorina, uma italiana do Norte, penetra no aposento. Vem ver o doente. Por todas as suas palavras pelo seu próprio ser se derrama cordura. Fosse assim sempre o cristianismo!

– Que Deus lhe dê ânimo. Deus da ânimo! Acredite.

Eu sei disso. Freud e Pavlov já o sabiam.

– Vou rezar pelo senhor!

Saiu a freira. E ficou essa velha idéia em mim de que há duas constantes no homem – a antropofagia, a devorativa, a guerreira e o seu oposto, isso que chamei de alteridade, isto é sentir o outro em si. Aquilo que fazia com que o nosso primitivo recebesse entre lágrimas o peregrino perdido, pensando em suas dores e aflições.

24 abr., 1954

O CORVO VERDE

(De São Paulo) – Há pessoas que não crescem senão na estatura. Conservam-se ou crianças ou adolescentes. Por um fenômeno de retardamento mental, sofrem elas uma paralisação curiosa das faculdades adultas.

É esse o caso do velhote Plínio Salgado que depois das tremendas derrotas sofridas na sua inútil faina de querer importar o fascismo para cá, ainda volta à tona com um fôlego de gato.

Agora inventou o chefe dos camisas-verdes uma novidade que traz o tom da mais familiar literatura infantil. Inventou as “águias brancas”.

Evidentemente como brinquedo é um prazer ver esse literato fracassado procurar ainda interessar o público com suas carochinhas dignas do Gibi. Mas o pior é que o corvo Salgado se toma a sério. E atrás dele muita ingenuidade provinciana se encosta.

Logo de saída o fascista nacional mente. Diz que as “águias brancas” não são os “camisas-verdes”. Mas não são...

29 abr., 1954

ADEMAR ROMANO

(De São Paulo) – Informam-me que o sr. Ademar de Barros pretende introduzir uma inovação indumentária, se subir às escadarias do Palácio do Catete. Já fez para isso diversos ensaios. Por exemplo, no verão, mesmo em S. Paulo, o chefe pessepista dá audiência de cuecas. Diz ele que isso é um sinal de simplicidade e democracia. Evidentemente trata-se de um sinal de má educação. E só.

No Rio, dizem, pretende ele despir aquele suspensório sujo que utiliza para sustentar as calças e tirar tudo. Ficar nu? Não! Isso seria demais!

Mas, na cabeça dura do sr. Ademar de Barros introduziu-se desde o colégio, que romano significava gente que usa toga. Diz

ele então que fará um governo romano. Nada da grandeza da antiga Roma o comove. Para ele ser romano é andar de toga. Somente isso. Ignora que Roma foi República, Reino, Império. Que legislou para o mundo e construiu o Ocidente.

Mas nada disso importa. O que importa é a toga. E como será difícil encontrar toga nas lojas, decidirá sem dúvida o sr. Ademar adotar no Catete as cuecas com que já dá audiências.

28 mai., 1954

CAFÉ COM MISTURA

(De São Paulo) – Ao contrário do cafezinho paulista, chupado aos goles na azáfama dos bares da cidade, o gordo café com mistura nos vem do Norte e de Minas. É um conjunto de iguarias matinais que acompanha o primeiro almoço.

No cardápio político acabamos de ser presenteados com um farto e ótimo café com mistura.

O homem que assume agora a presidência da República é o que possa haver de melhor como recheio, iguaria e conteúdo.

Quem não conhece Café Filho, sua intangível fé democrática, seu ideal popular, sua velha luta pelas autonomias nacionais?

Raramente a história nos faz desses presentes que são verdadeiros regalos. Esta todo mundo certo de que Café Filho, que graças a uma série de surpresas, toma o poder no Brasil, vai fazer um governo da virada.

Eu que nas ruas de São Paulo, corri com ele, acossado pela polícia reacionária, por querer fazer um comício, tenho o conhecimento pessoal de sua bravura.

Café Filho resume todas as esperanças da democracia e lealdade política. Por rápida que seja a sua passagem pelo Catete, esperamos de suas mãos, mais do que as promessas com que nos enchem programas e propagandas – uma forte e sábia administração.

31 ago., 1954

FIRMEZA

(De São Paulo) – O que o Brasil exige do Presidente Café Filho é simplesmente firmeza. Ele tem que resistir às águas revoltas da política que se desencadearam com a espetacular mudança da situação.

Café Filho é um vaqueiro do Norte e não o intimidam com certeza os arreganhos da corte, as intrigas palacianas e diz-que-diz-que dos interessados.

Poucas vezes uma situação perigosa como essa se apresentou às mãos de um homem público e ele precisa ter pulso de ferro para conter o caos. Os problemas de Café Filho são terríveis, pois ele sucede a uma situação de fato que parecia estabilizar-se pela história do Brasil afora.

Os que conhecem Café Filho, sua prova conduta, sua coragem e sua independência, fazem-lhe confiança. Mas os primeiros tempos serão duros e ele terá que sossegar as ambições agitadas e dar rumo à uma política nova.

Todas as esperanças do Brasil voltam-se para esse moço do Nordeste que tanto promete.

Não falha ele ao grande destino que pode ter entregando o país a um futuro menos torvo do que o que encobriu todos esses anos de ditadura e confusão.

10 set., 1954

O CAOS

(De São Paulo) – A subversão chegou ao extremo. Foi isso o resultado do amortecimento duma porção de energias vivas no sudário da ditadura.

Não se estabiliza um país na negação. Pode ser que benefícios e bens tenham resultado desses anos de inércia e paralisia. Mas o fruto aí está – o país acorda estremunhado, sem forças para achar o caminho, hesitante entre as formas do passado e as promessas do futuro.

Mil vezes tivéssemos guiado nosso destino pelos caminhos da evolução natural de qualquer povo. Teríamos dado passos

mais acertados e justos na direção de nossos destinos políticos e sociais.

Ditadura é sempre letargia. Alegam os amigos dos governos fortes que somos crianças demais para ter nosso porvir nas mãos. Puro erro! É tropeçando e caindo e se recuperando que a gente aprende a caminhar.

O Brasil perdeu largos anos numa experiência que se não foi de todo desastrosa, custou muito caro.

Através do governo Café Filho, retomemos o caminho das conquistas normais e da revolução sadia e progressista.

14 set., 1954

A ESCRITORA HELENA

(De São Paulo) – Helena Silveira é uma das mulheres mais inteligentes do Brasil. Evidentemente o seu talento se desmancha no desfiar da crônica social a que se obrigou para um matutino paulista. Tudo o que ela poderia concentrar em contos e romances daria ao Brasil uma obra notável. Acontece, porém, que na militância cotidiana do jornal Helena perde grande parte de sua força e de sua paixão.

Agora publica ela um volume de contos intitulado "Mulheres, freqüentemente". Freqüentemente o que se encontra são cronistas frivolas e vaidosas. Helena coloca-se bem na distância desse gênero de dilettantes.

Alguns dos contos em que ela narra a vida da gente de São Paulo são de uma doce persuasão e refletem admiravelmente os nossos costumes e tipos.

Poupe-se Helena quanto puder a fim de conseguir melhor servir à literatura. Ela é, sem dúvida, um valor feminino de primeira ordem e como tal, deve pensar em tarefas mais profundas.

15 set., 1954

A ESTRALADA

(De São Paulo) – Evidentemente pouca gente supunha que as coisas atingissem esse auge e que tudo se escancarasse, pondo a nu o que o estilo folhetim chama de “porões dos Bórgia”.

As novidades pululam, trazendo à tona e fazendo descer para o olvido, personalidades, fatos, circunstâncias. Ficou a certeza de que o país atravessou uma crise duríssima de crescimento.

A mocidade porém tem em si forças e vitaminas. O país se recompõe e busca o futuro. As virtudes difíceis – a ponderação, a reflexão, o equilíbrio – são raras de se encontrarem num momento como esse. Razão porque todos precisamos baixar à realidade e trabalhar com afinco para a construção dum Brasil renovado.

Ouçamos a primeira oração do novo chefe do governo como um apelo que toca todos os corações. Evidentemente, precisamos cooperar. E cooperar com um homem como Café Filho é um dever fácil.

18 set., 1954

LOURIVAL

(De São Paulo) – Se houve poder discreto durante esses largos anos de abuso do mando, foi esse exercido pelo intelectual Lourival Fontes, como chefe da Casa Civil da Presidência da República. Não ouvi até hoje uma queixa sequer, ou uma reclamação contra a atuação moderada e vigilante desse grande nortista que sem ser político, fez a melhor obra política dos últimos decênios.

Lourival Fontes tem agora tempo para continuar sua obra crítica tão bem iniciada nesse livro admirável que se chama “Homens e Multidões”.

Todos os que tiveram contato com o Catete, trouxeram sempre de lá uma grande impressão – da elegância de gestos desse homem poderoso que nunca abusou de seu cargo nem se envai-deceu com a sua posição. Lourival Fontes só deixou amigos não tendo, no entanto, transigido nunca com as ambições que ululavam em seu redor.

25 set., 1954

O “TENENTISMO”

(De São Paulo) – Isso de se dizer que o “tenentismo” acabaria no “tenente”. Gregório Fortunato seria uma ótima piada se não trouxessem em si muito de trágica verdade.

Era de ver o entusiasmo que se apossou do Brasil quando, em 1930, os moços do Exército quiseram encabeçar a renovação política do país. Tudo era clima favorável para o idealismo que brotava das fardas jovens dominando o velho sono letárgico do Brasil perrepista. Esperava-se tudo, menos que esse movimento morresse sem deixar fruto. Tudo tendia se não à revolução pelo menos à renovação e à renovação profunda. Mas atuava um grande amortecedor – o sr. Getúlio Vargas.

Durante anos, a obra política do governo chamado revolucionário esbarrou na contemporização e no acordo. De modo que, o “tenentismo” foi uma esperança suspirada em torno de uma possível ressurreição.

Ao clima novo trazido pelo “tenentismo”, substituiu-se lenta e tenazmente a acomodação. E o “tenentismo” ficou apenas um sonho frustrado.

Agora felizmente, é do seio jovem das Forças Armadas que aparece a renovação. Devemos dar aos militares todo o nosso apoio a fim de que o Brasil entre nos caminhos novos, abertos pela política do século.

26 set., 1954

O ETERNO CLICHÉ

(De São Paulo) – Fosse quem fosse o sucessor do sr. Getúlio Vargas, estaria submetido ao torniquete do “capital colonizador”. Esse é o ponto de vista sempiterno e imutável dos “puros” do Partido Comunista.

Se há figura simpática é essa de Café Filho que assumiu a Presidência da República por motivos inteiramente inesperados.

Não haveria, no entanto, de faltar o cantochão imbecil dos comunistas denunciando-o, antes dele fazer qualquer gesto, como escravo do capital americano.

Se não fosse uma conhecida imbecilidade essa de não distinguir as possibilidades de um homem livre no governo, dos compromissos que positivamente transtornariam a gestão de um vendido, evidentemente, todo mundo conhece a cabeça dura do P.C.B., e todo mundo sabe também quem é Café Filho.

Ao contrário, agora o sr. Getúlio Vargas que foi sempre tratado por eles como um carrasco, conseguiu as glórias de beatificação.

1º out., 1954

MEMÓRIAS

(De São Paulo) – A mania das "memórias" pegou. Aliás, o crítico Antonio Cândido, grande autoridade, declara que uma literatura não existe sem o complemento humano de "memórias", dados pessoais, cartas, biografias, etc.

A "Editora José Olympio" acaba de lançar o primeiro volume das minhas "memórias", com o título geral de "Um Homem sem Profissão".

E agora uma grande notícia – Di Cavalcanti também vai publicar as dele. Se há uma vida recheada de episódios curiosos, aventuras e casos, é a desse homem polimorfo que, sendo um dos maiores pintores da nossa época, também sabe escrever, é professor e é poeta.

A vida de Di Cavalcanti reveste-se de uma importância excepcional pois, ele participou ativamente deste último meio século. A sua história é a história cultural destes últimos 50 anos.

Di viveu inquietamente tanto na Europa como no Brasil e sem dúvida a sinceridade que ele põe em tudo o que realiza, fará das suas "memórias" um livro notável.

2 out., 1954

A INTELIGÊNCIA NO CATETE

(De São Paulo) – Pode-se marcar uma nova era. As portas do Palácio Presidencial do Catete foram abertas à inteligência nacional. Sabe-se vagamente que no tempo do Império, o governo chamou para as suas fileiras alguns homens de inteligência e de cultura. E mais do que os outros, eles deram conta do recado que lhes foi proposto. Foram os Nabuco, os Alencar, etc. Na República, o que prevaleceu foi geralmente o raso coronelato. Agora, porém, com a surpresa do governo Café Filho há uma mutação do comércio. O novo presidente, intelectual também, abriu as portas do Palácio do Catete para os homens que escrevem e que pensam.

Foi uma festa notável essa em que se viram rodeando o presidente os homens de pena e os homens de livro. O presidente Café Filho deve levar avante o seu gesto. Por que não aproveitar também a inteligência para altos cargos e representações do país? Que nos dizem se tivéssemos como embaixador em Paris um Rubem Braga e um Aníbal Machado em Londres?

Ja que pela primeira vez, um governo deu atenção aos homens que escrevem, que examine também as suas possibilidades de servir.

23 out., 1954

NOTAS

Abramo, Radá (1934) – Jovem estreante na literatura, nos anos de 1950, posteriormente dedicou-se ao jornalismo e à crítica de arte.

Abreu, Benedito Luís Rodrigues de (1897-1927) – Poeta crepuscular, estreou com livro de versos *Noturnos*. Aproximou-se de Amadeu Amaral. Trabalhou com Gelasio Pimenta, na revista *A Cigarra*. Escreveu *A Sala dos Passos Perdidos* (1924), *Casa Destelhada* (1927) etc.

Acordo de Postdam – A conferência de Postdam, de 17 de julho a 2 de agosto de 45, depois da derrota da Alemanha, reuniu Truman, Churchill e Stálín, decidiu a divisão do território alemão. Os “Três Grandes” decidiram criar um organismo, encarregado de elaborar os tratados de paz, composto pela URSS, EUA, Grã-Bretanha, França e China. Finalmente, a ONU, organização Internacional foi criada pela Carta de São Francisco, em 24 de outubro de 1945.

Aliança Nacional Libertadora (ANL) – Organização política de âmbito nacional, fundada em 12 de março de 1935, como frente ampla contra o fascismo. Foi fechada em 11 de julho de 1935, pelo governo Vargas, atuando na clandestinidade até a Revolta Comunista de novembro de 1935. Os principais órgãos da ANL eram os jornais, *A Nação*, *A Pátria* e *A Manhã* (RJ) e *A Platéia* (SP). O movimento inspirou a criação de diversas organizações, como o Clube de Cultura Moderna, a Liga de Defesa da Cultura Popular e a União Feminina do Brasil. Luís Carlos Prestes foi o Presidente de Honra da Organização. Como consequência do manifesto de 5 de julho de 1935, assinado por ele conclamando o povo à deposição de Vargas, a ANL foi fechada. Depois do fechamento, alguns dos seus membros criaram no Rio de Janeiro a Frente Popular pela Liberdade e a Frente Parlamentar pelas Liberdades Populares.

Almeida, Abílio Pereira de (SP 1906-1971) – Escritor paulista, advogado, ator, diretor, dramaturgo. Diplomado em direito. Diretor da Sociedade

Brasileira de Comédia, diretor-presidente do Teatro Experimental de São Paulo. Estréia como amador em 1936, com a fantasia de Altredo Mesquita, *Noite de São Paulo*, desse grupo originou o Grupo de Teatro Experimental, o GTE. Escreveu várias peças, entre as quais *o Pif-Paf*, em 1942. Dirigiu *O Caiçara*, 1950. Recebeu o prêmio do Departamento da Cultura com a peça *Moinho Novo*, em 1950. Foi um dos fundadores do Teatro Brasileiro de Comédia o qual se profissionalizou em 1949. Foi um dos autores mais encenados pelo TBC. Entre os vários textos encenados pelo TBC contam-se *Patol Velho* (1951), *A Dama de Copas* (1958), *Santa Marta Fábril* (1957), *Moral em Concordata* (1956) etc.

Almeida, José Américo de (PB 1887-1980) – Projeto-se na literatura com *A bagaceira*. Foi secretário geral do Estado de João Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, governador da Paraíba em 1928. Em 1930, a Aliança Liberal lança a candidatura de Getúlio Vargas e João Pessoa. Conspirou na revolução de Outubro de 1930, foi o chefe civil do movimento no Norte. Nomeado por Vargas para o Ministério da Viação e Obras Públicas veio para o Rio de Janeiro, após a vitória da Revolução. Participou do Gabinete Negro de Vargas, da Legião de Outubro e do Clube 3 de Outubro, em defesa das ideias revolucionárias. Fundador do Partido Progressista da Paraíba (PP), em 1933. Participou como membro nato na Assembleia Nacional Constituinte em 1933. Defendeu a candidatura de Vargas à presidência. Foi candidato à presidência da república em 1937, com o apoio da imprensa de oposição do *Correio da Manhã* e do *Diário Carioca* do D.F. e dos socialistas do Partido Socialista Brasileiro. Concorreu com Armando Sales e Plínio Salgado. Na iminência do golpe continuista de Getúlio, José Américo redigiu uma nota, divulgada no *Correio da Manhã*. Durante a ditadura permaneceu no cargo do TCI (Tribunal de Contas da União). Retornou à atividade política em 1945, participando do I Congresso Brasileiro de Escritores, de São Paulo. Concedeu entrevista a Carlos Lacerda, a qual foi publicada no *Correio da Manhã* (21.2.1945), denunciando a ditadura e uma segunda entrevista para O *Globo* mencionando a candidatura de Eduardo Gómez. Foi fundador da UDN e articulador da candidatura de Eduardo Gómez. Fundador do Partido Libertador da Paraíba, concorreu ao pleito do governo estadual da Paraíba, eleito em 1951. Foi ministro da Viação e Obras Públicas de Vargas, em 1953. Foi favorável à proposta de uma licença de Vargas, em agosto de 1954.

Almeida, José Valentim Fialho de (Vila de Frades 1857-1911) – Escritor português, formado em Medicina. Como crítico de artes e de costumes publicou *Pasquinadas* (1890); *Vida Trômica* (1892) e *Os Gatos* (1889-1893). Foi um grande contista, publicou *Contos* (1881), *A Cidade do Vício* (1882), *Lisboa Galante* (1890), *Pais das Uvas* (1893). Em sua prosa faz uso abusivo de estrangeirismo e neologismos.

Almeida Júnior, Luís (RJ 1894-1970) – Estudou com Francisco Hilário na Casa da Moeda, no Rio de Janeiro. Foi aluno livre da Escola Nacional de Belas-Artes, em 1915 sob orientação de Batista da Costa. Foi autor de pintu-

ras de temas históricos e religiosos. Executou obras para a Igreja de Santo Inácio e para residências particulares. Em 1942 na SNBA, recebeu medalha de ouro em desenho e pintura.

Alves, Moussia Pinto (Sebastopol 1910 – São Paulo 198...) Pintora brasileira de origem russa. Pintora de temas brasileiros, carnaval, favelas. Expõe em 1946 no Instituto dos Arquitetos de São Paulo, em 1948 na Gallery Passeioigt de Nova York e em coletivas em 1951 e 1953 na Bienal Internacional de São Paulo. Em 1952, no Salão Nacional de Arte Moderna do Rio de Janeiro.

Amado, Jorge (BA 1912) – A relação de Oswald de Andrade com Jorge Amado, seu companheiro de militância, é de amizade e de admiração, por sua obra de estreante, no decênio de 30, com o romance de caráter social, principalmente *Jubiahá*, até as postulações em agosto de 45 da candidatura de Jorge Amado para deputado estadual por São Paulo pelo PCB e o rompimento com o Partido.

Amaral, Tarsila do (1890-1973) – Estuda com Pedro Alexandrino. Nos anos 20 viaja para a Europa, entra em contato com Elpons, André Lhote, Fernand Léger e Albert Gleizes. Através da amiga Anita Malfatti vem a conhecer Oswald de Andrade e Mário de Andrade, formando com Menotti del Picchia o grupo inicial modernista. Em 1923, está em Paris, com Oswald e através de Blaise Cendrars, freqüenta os meios vanguardistas parisienses, passando pelo aprendizado com Léger e Gleizes, por um breve período. Casa-se em 26 com Oswald de Andrade. *O Abaporu* (O Antropófago) presente de aniversário para Oswald, dá nome à Antropofagia de Oswald de Andrade e assinala o contágio das obras da artista e do poeta. Expõe em Paris, Londres e Nova York. Participa da 1ª Bienal de São Paulo.

Américo, Pedro (PB 1843 - Itália 1905) – Aos onze anos participa da expedição científica do naturalista francês Louis Jacques Brunet, desenha a fauna e a flora. Em 1856 entra para a Academia Imperial de Belas-Artes. Obtém de D. Pedro II uma bolsa de estudos no estrangeiro, vai para Paris estudar na Escola de Belas-Artes, no Instituto de Física Ganot e na Sorbonne. Fez estudos científicos e literários, além da formação nas artes plásticas. Obtém prêmio de Primeira Classe na Escola de Belas-Artes e o título de Doutor em Ciências Naturais na Sorbonne. Volta ao Brasil em 1864, é professor da Cadeira de Desenho da Academia Imperial de Belas-Artes. 1870-77 são os anos produtivos, inaugura a "Batalha do Avaí" em Florença, na presença de D. Pedro II. Em 1887 pinta *O Grito do Ipiranga* em Florença. Participa da Exposição Internacional de Chicago, inaugurada por D. Pedro II. Foi artista de grande popularidade em sua época.

Andrade Filho, Oswald de (SP 1914-1972) – Fez sua formação em Paris. Trabalhou sob a orientação de Cândido Portinari, Lasar Segall, Tarsila do Amaral e Anita Malfatti. Durante algum tempo exerceu crítica de arte na imprensa paulista. 1940, menção honrosa – Salão Nacional de Belas-Artes.

Aranha, Osvaldo (RS 1894-1960) – Em 1941 Osvaldo Aranha reafirmou a política externa brasileira de neutralidade pacifista e de cooperação na defesa do hemisfério. Se os EUA entrassem na guerra receberiam o apoio do Brasil. O ataque a Pearl Harbour em dezembro de 1941 levou o governo brasileiro a solidarizar-se com os EUA. O afundamento do “Buarque” por um submarino e de outros navios brasileiros levou Vargas a reconhecer o estado de beligerância, em 21 de agosto de 1942. Durante a inauguração a 1º de janeiro de 1943, da Sociedade Amigos da América, Osvaldo Aranha foi homenageado junto com Afrânio de Melo Franco, líder antigovernista. Por sua posição americanista e por seu prestígio como Ministro das Relações Exteriores foi convidado para a vice-presidência da Sociedade Amigos da América. A posse de Osvaldo Aranha deu-se em sessão aberta, devido ao fechamento do escritório da sociedade pela polícia. Aranha renunciou à chancelaria. Apesar de participar da fundação da UDN não foi signatário da ata da fundação. Declarou sempre jamais ter pertencido à UDN. Foi indicado para chefiar a delegação brasileira a I Sessão Especial da Assembleia Geral da ONU, da qual foi eleito presidente. Eleito presidente da II Sessão da Assembléia Geral da ONU. Em 1947 o Brasil defendeu na ONU a revisão da posição frente à Espanha franquista. Em fins de 1947 ao atestar-se da delegação brasileira na ONU seu nome foi registrado para o Prêmio Nobel da Paz. A partir desse ano, Osvaldo Aranha é possível candidato à presidência pela UDN no pleito de 1950. Osvaldo Aranha apoia o brigadeiro Eduardo Gomes. Vargas foi, porém, eleito na legenda do PTB.

Aires, Lula Cardoso (Pe 1910-1987) Artista plástico natural do Recife, aluno livre da Escola Nacional de Belas-Artes até 1930. Além da obra pictórica, fez cenários para teatro, colaborou para jornais e revistas, cariocas e paulistas. Pesquisador da arte popular regional. Em 1933, realizou um mural para o Museu do Açúcar, no Recife. Em 1934, participou da exposição do Congresso Afro-Brasileiro, que Gilberto Freyre organizou no Recife. Entre 1937 e 1944 foi para o interior. Autor de painéis com inspiração na vida e no fabulário popular nordestino. Participou de exposições individuais e coletivas, no Brasil e no Salão de Maio de Paris.

Barata, Agildo (RJ 1915-1968) – Militar revolucionário. Integrou-se às articulações tenentistas, junto com Juraci Magalhães no regimento liderado por Juarez Távora. Transferido para a Paraíba, em 1930, participou da revolução de outubro. Fez oposição ao Governo Provisório de Getúlio Vargas. Participou das articulações da Revolução Constitucionalista de 1932, foi preso no Rio e exilado. Em 1935, foi militante destacado da Aliança Nacional Libertadora e o líder do levante no quartel da Praia Vermelha, no Rio. Nos anos 50 chefiou uma cisão do Partido Comunista.

Barbosa, Francisco de Assis (SP 1914) – Jornalista, historiador, crítico, biógrafo e ensaísta. Membro da Academia Brasileira de Letras (1971). Assessor de Documentação da Presidência J. Kubitschek, procurador do Estado da Guanabara (1960-1965), vice-presidente da Fundação Padre Anchieta (1975).

Chefe do Centro de Estudos Históricos da Fundação Casa de Rui Barbosa (1977 em diante); membro do Conselho Federal de Cultura 1975, diretor da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Escreveu para o Suplemento *Diretrizes*, para o *Correio da Manhã e a Última Hora*. Em 1951, recebeu o prêmio "Silvio Romero" da Academia Brasileira de Letras, com o livro *Romance, conto e novela no Brasil (1938-1949)*. Publicou *A Vida de Lima Barreto* (biogr.), em 1952.

Barros, Ministro João Alberto Lins de (PE 1897 - RJ 1955) – Foi interventor federal em São Paulo em novembro de 1930, durante o Governo Provisório. Hostilizado pelas forças paulistas tradicionais, pressionado por Miguel Costa e pela influência da Legião Revolucionária em São Paulo, pediu demissão em 24 de julho de 1931. Foi Chefe de Polícia do Distrito Federal em 1945. Fundador do jornal *A Nação* destinado a apoiar o governo Vargas. Em entrevista no *Correio da Manhã* divulgou o fim da incomunicabilidade de Prestes, em 1945. Em 25 de outubro assumiu a prefeitura do Distrito Federal, cabendo a Benjamim Vargas, a chefia da polícia. Pouco depois os chefes das três armas decidiram depor o Presidente, na madrugada do dia 30. Afastado da chefia de polícia, João Alberto ingressou no PSD e apoiou o governo Dutra. Eleito vereador no Distrito Federal na legenda do PTB em 1947. Em 1945 ficou à disposição da secretaria da Presidência da República. Com o início do segundo governo constitucional de Getúlio Vargas, em janeiro de 1951, voltou a ocupar cargos técnicos na administração federal e a realizar missões no exterior.

Barros, Ademar Pereira de (SP 1901-1969) – Escolhido por Vargas para interventor do Estado de São Paulo. Demitiu todos os prefeitos do Estado nomeando nomes de sua confiança, sem ligações com o PRP. Reprimiu a oposição liberal ao seu governo provocando a intervenção federal no jornal *O Estado de S. Paulo*, de 1940 a 1945. Em 1941, Coriolano Goes liderou campanha contra a administração de Ademar de Barros. Em consequência, Vargas nomeou Fernando Costa na interventoria de São Paulo, mas não permitiu o prosseguimento do inquérito. Com vistas às eleições de 1945, ingressou na União Democrática Nacional. Para concorrer ao governo do Estado criou o Partido Republicano Progressista (PRP), o qual elegeu João Café Filho deputado pelo Rio Grande do Norte. Apoiou a candidatura de Eduardo Gomes. Em 1946, o Partido Republicano Progressista fundiu-se a partidos menores, no Partido Social Progressista. Candidato às eleições de 1947 para o governo paulista, apoiado pelo PTB. Aproximou-se do PCB, prometendo defender a Constituição e a legalidade dos partidos. Eleito em 1947 com o decisivo apoio do PCB. Aliou-se ao PSP, para garantir a posse no governo de 1947 a 1951, nomeando Gonzaga Novelli Júnior para a Secretaria da Educação. A facção da Ação Popular chefiada por Paulo Nogueira Filho rompeu com a UDN e ingressou no PSP, levando prefeitos e vereadores. Destituiu todos os prefeitos nomeados pelo interventor José Carlos de Macedo Soares. Rompendo com a UDN e o PSD os quais formaram com o PRP e o grupo borghista, a oposição ao governo. Manteve-se neutro sobre a

cassação dos comunistas, o que acirrou a oposição de esquerda. Apoiou Novelli Jr. para se reconciliar com o PSD na eleição para vice-governador. O PSD lançou Carlos Cirilo Junior, com o apoio do PTB e do PCB. A UDN lançou Plínio Barreto. Em março de 1948 a campanha oposicionista ao governo é acirrada pela acusação de corrupção no governo, a partir do rompimento com Novelli Jr. e da reconciliação do PSD paulista, com o apoio da UDN, PTB, PR e PRP. Deputados assinaram Manifesto a favor da intervenção no Estado. Para neutralizar a oposição, Ademar de Barros faz concessões ao PCB, votando contra a cassação dos mandatos. Dutra posicionou-se contra a intervenção. E Ademar recuperou sua força política a partir de 1948, superando a campanha intervencionista. A cassação do PCB e a crise do PTB abriram espaço para a política ademarista clientelista, que se reaproximou do PSD e do PTB. Nas eleições de 1950 apoiou a candidatura Vargas, atacando Dutra e o PSD. João Goulart Filho foi eleito vice-presidente com Vargas no pleito de 1950 e no governo paulista Ademar indicou Lucas Nogueira Garcez, a aliança PSP-PTB foi vitoriosa no pleito.

Barroso, Antonio Girão (CF 1919-1981) Poeta, contista, crítico, jornalista, advogado. Membro da Academia Cearense de Letras, Grupo Clá, e outras agremiações. Criou revistas e jornais literários. Pseudônimo: Antônio Santos. Escreveu entre outras obras: *Alguns Poemas* (1938), *Os Hóspedes* (1946); *Novos Poemas* (1950) etc.

Belsen e Buchenwald – Campos de concentração alemães. O campo de Buchenwald aberto em 1937 continuou deportados de outros campos durante a 2ª Guerra e acusou altíssima taxa de mortalidade. Em abril de 1945, as forças americanas libertaram os prisioneiros deste campo, que, animados pelo avanço Aliado, já tinham iniciado a luta contra seus guardas.

Bardiaeff, Nikolai Aleksandrovich (Kiev 1874 - Paris 1948) – Filósofo e teólogo russo. Foi expulso da União Soviética em 1922, estabeleceu-se em Paris, onde fundou, em 1924, uma academia de estudos filosóficos e religiosos, que exerceu grande influência sobre intelectuais cristãos. Invocou doutrinas de Jacob Boehme, Schopenhauer, Kant, Nietzsche, Dostoevski e Chestov. Acreditava no cristianismo social contra o fatalismo da guerra. Negava a noção do processo histórico cíclico e o evolucionismo para afirmar o progresso do homem no encontro com o divino.

Besant, Annie (1807-1933) – Teósofa inglesa, autora de livros sobre teosofia e cristianismo. Aderiu ao socialismo e à sociedade fabiana até 1889. Presidente da Sociedade Teosófica Mundial 1907. Considerava Krishnamurti o Messias esperado.

Beveridge, William Henry, barão (1879-1963) – Criador do Sistema de Seguro Social Britânico no pos-guerra. O relatório Beveridge em 1942 contribuiu para a vitória do Partido Trabalhista em 1945, e para a implementação da legislação social.

Bittencourt, Edmundo (RS 1866 - RJ 1943) Diretor e fundador do *Correio da Manhã*, jornal de orientação liberal em 15 de junho de 1901. A relação entre o proprietário e a redação é descrita em *Recordações do Escrivão Esaías Caminha* (1909), na qual Lima Barreto fez uma análise do jornal nos primeiros anos.

Bittencourt, Paulo – Diretor do *Correio da Manhã* que sucedeu a Edmundo Bittencourt. Apoiou a candidatura Eduardo Gomes.

Bittencourt, Pedro Calmon Muniz de (BA 1901 - RJ 1985) – Deputado Federal pela Bahia (1935-37). Em 1935 discursou das escadarias da Câmara à favor dos estudantes. Durante a ditadura Vargas voltou-se para questões culturais. Em 1945, foi eleito presidente da Academia Brasileira de Letras. Em 1947, votou contra a cassação dos deputados do PCB.

Blum, León (1872-1850) – Escritor e político socialista francês. Foi chefe da Secção Francesa da Internacional Operária, SFIO. Deputado por Narbonne de 1929 a 1940, presidiu o primeiro governo de Front Populaire. Preso em 1940, foi destinado para a Alemanha. Libertado em 1945, foi chefe do governo de 16/12/1946 a 16/1/1947, no pós-guerra.

Bolchevismo – O nome bolchevista faz parte da denominação oficial do Partido Comunista Russo de 1912 a 1952. O termo bolchevismo foi adotado por Lenin em 1909. Bolchevista era um membro da facção do Partido Operário Social Democrata Russo, cujas características eram: a adesão ao marxismo ortodoxo contra o revisionismo; o centralismo democrático e táticas revolucionárias. A partir de 1917, os bolchevistas tomam o poder e sua atividade domina a vida política soviética.

Bopp, Raul (RS 1898 - RJ 1984) Ingressou na diplomacia depois da revolução de 30. Integrou o grupo Verde-Amarelo do Modernismo com Menotti del Picchia, Plínio Salgado e Cassiano Ricardo, mas passou-se depois para a Antropofagia, com Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral. O poema *Cobra Norato* (SP, 1931) é obra fundadora do movimento antropofágico. Em *Urucungo* (SP, 1933) cultivou a poesia negra.

Borghi, Hugo (SP 1910) – Em 1937, dirigia a Companhia Brasileira de Óleos e Caroço de Algodão. Fundou o Banco Continental de São Paulo. Beneficiou-se da conjuntura da guerra para os negócios do algodão, comprando na baixa e vendendo na alta. Obteve grandes lucros em 1945. Borghi foi chamado a dar apoio econômico ao regime, no declínio da ditadura. Comprou as rádios Cruzeiro do Sul do Rio e de São Paulo e por sugestão do ministro da Fazenda Souza Costa, transformou-as em instrumento de propaganda e defesa do governo. Arrendando outras emissoras, formou uma cadeia nacional de estações coligadas. Integrou o Movimento Queremista em 1945 para defender a convocação de uma Assembléia Constituinte com Vargas no poder. Borghi colocou as rádios a serviço do

movimento e participou de comícios. O queremismo levantou a oposição de Vargas a qual culminou na deposição do presidente, no golpe militar de 29 de outubro de 1945. Apoiou a candidatura de Dutra e foi o autor do *slogan* "Ele disse – Vote no PTB", nos cartazes nos quais aparecia a sombra do vulto de Vargas. Foi o divulgador do termo "marmiteiros", atribuindo a Eduardo Gomes, o qual caracterizou o Brigadeiro Eduardo Gomes como figura política impopular. Participou do encerramento da campanha de Dutra, no Rio de Janeiro, quando leu manifesto de Vargas de apoio a Dutra. Foi eleito deputado pelo PTB por São Paulo, nas eleições de dezembro. Borghi foi obrigado a responder a um inquérito instaurado por José Linhares, sucessor de Vargas na Presidência da República. O inquérito concluiu por sua culpabilidade. Enviado ao Ministério da Justiça, o inquérito não teve andamento. Em 1946, foi eleito presidente do PTB em São Paulo. Com vista às eleições de 1950, lançou sua candidatura pelo Partido Trabalhista Nacional, derrotado por Lucas N. Garcez, em 3 de outubro de 1950.

Braga, Edgar (AL 1897 - SP 1985) - Poeta, diplomado em Medicina. Escreveu, entre outros livros, *Odes* (1951), *Albergue do Vento* (1952) etc. Mais tarde aderiu ao movimento concretista.

Braga, Rubem (ES 1913 - RJ 1990) - Jornalista e cronista carioca. Ingressou no *Diário da Tarde*. Estreia com o livro de crônicas, *O Conde e o Passarinho* (Rio, 1936). Em 1944, acompanhou como jornalista a Força Expedicionária à Itália, escreveu crônica da guerra, *Com a FEB na Itália* (Rio, 1945). No governo Jânio Quadros foi embaixador no Marrocos. Escreveu, entre outros, *Um pé de milho* (1948) etc.

Briquet, Raul Carlos (SP 1887-1953) - Médico paulista - professor de obstetrícia da USP. Professor fundador da cadeira de Psicologia Social da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, membro da Academia Paulista de Letras e do Pen Clube do Brasil. Autor de vários livros.

Brito, Mário da Silva (SP 1916) - Poeta, jornalista, historiador. A obra poética se situa entre a geração de 45 e a vanguarda. Publicou, entre outros títulos, *Tres Romances da Idade Urbana* (1940) poesia *Biografia* (1952) poesia, *Historia do Modernismo Brasileiro: Antecedentes da Semana de Arte Moderna* (1958) ensaio etc.

Brito, Milton Caires de (BA 1915) - Participou da Juventude Comunista na Bahia, integrando a frente juvenil contra o fascismo, em 1935. Participou do primeiro e do 2º Congresso Nacional dos Estudantes. Em 1942 transfere-se para São Paulo para trabalhar pela reorganização do PCB. Colaborou na revista *Continental*, porta-voz da CNOP. Tornou-se membro da Liga de Defesa Nacional e foi dirigente da Executiva do PCB, em 1943 e diretor do jornal *Hoje* editado em São Paulo. Eleito deputado federal por São Paulo, pelo PCB, apresentou o "Programa Mínimo de União Nacional" na

Assembléia Nacional Constituinte. Em 1946, fez parte do grupo de parlamentares que levou ao conhecimento do presidente Dutra a violação da sede do PCB e das imunidades dos deputados comunistas. Em 1947 foi eleito deputado estadual por São Paulo pelo PCB.

Browder, Earl – Líder do Partido Comunista Americano, que preconizava uma linha “americana” American Road to Socialism, para o partido. De acordo com as resoluções de Stálin, no fechamento da III Internacional, em 1943, resolve dissolver o ACP, em 20 de janeiro de 1944, transformando-o na Communist Political Association (CPA), para viabilizar a política reformista de aproximação com os partidos liberais na América na luta antifascista, em apoio à política de Roosevelt de cooperação com a União Soviética. Na reconstituição do partido por Foster, apoiada pela Política Externa Soviética, Browder foi expulso no outono de 1945.

Bukharin, Nikolay Ivanovich (1888-1938) – Bolchevique, grande teórico marxista e economista, membro do Comintern. Depois da morte de Lenin, Bukharin tornou-se membro do politburo, aliado de Stálin. Em 1928, foi afastado do politburo por Stálin, e expulso do partido, acusado de “trotskismo”, devido às suas idéias, explicadas no livro *Notas de um economista* (1928), no qual opunha-se ao plano econômico estalinista. Foi executado no expurgo de 1938.

Calógeras, João Pandiá (RJ 1870 - 1934) – Político e historiador brasileiro. Foi ministro da Agricultura e da Fazenda no governo Wenceslau Brás e ministro de Guerra no governo Epitácio Pessoa. Afastou-se da vida política em 1923. Como ministro de Guerra trouxe para o Brasil a missão militar francesa. Publicou, *Formação Histórica do Brasil e a Política Exterior do Império* (1930).

Camargo, Joracy Schafflor (RJ 1898 - RJ 1973) – Jornalista e dramaturgo, autor de *Deus lhe Pague* (1932). Participou da renovação do teatro com o Teatro de Brinquedo (1927). Escreveu várias peças, entre as quais, *Bagaço* (1946), *O Sábio* (1944) etc.

Camargo Guarnieri, Mozart (SP 1907-1993) – Músico paulista muito ligado a Mário de Andrade. Compôs obras de caráter nacionalista, como: *Choros para Grande Orquestra*, empregando instrumentos da música popular, cavaquinho, cuíca etc. Compõe canções para piano sobre poemas de Mário de Andrade, Guilherme de Almeida, Manuel Bandeira. Autor de ópera, *Pedro Malazarte*.

Campofiorito, Hilda Helena Eisenlohr (RJ 1901) – Em 1923 ingressou na Escola Nacional de Belas-Artes do Rio de Janeiro, onde conheceu Quirino Campofiorito. Pintora de temática social, focaliza grupos humanos, como Portinari, Di Cavalcanti ou Sigaud. Em 1945, ganha Prêmio Viagem ao País – Divisão de Arte Moderna.

Campofiorito, Quirino (PA 1902) Artista plástico. Cursou a Escola Nacional de Belas-Artes. Em 1929, ganhou o Prémio Viagem ao Estrangeiro no Salão Nacional de Belas-Artes. Estudou em Paris e em Roma. Tomou contato com o modernismo dos anos 30 em Paris. Em 1938, foi professor na Escola Nacional de Belas-Artes, crítico de arte e desenhista publicitário da Metro Goldwin Mayer. Expôe no Brasil e no exterior, no Salão de Outono de Paris de 33 e no MAM, em São Paulo, em 1956.

Campos, Antonio de Siqueira (SP 1898-1930) – Militar, participou da coluna Prestes. Seria um dos líderes da Revolução de 1930, mas morreu antes num desastre de avião.

Campos, Milton (MG 1900-1972) – Jornalista e político. Ainda estudante de Direito ligou-se a grupos políticos antoligárquicos e aos jovens poetas e escritores do modernismo mineiro. Foi diretor de *O Jornal* em Belo Horizonte e colaborador de *O Estado de Minas* e de *o Diário de Minas*, colaborou em *A Revista*. Em 1930, por ocasião do lançamento de *Alguma Poesia* de C.D. Andrade pronunciou discurso em defesa do modernismo e de Antropofagia de Oswald de Andrade. Participou da Aliança Liberal, apoiou a Revolução de Outubro, e integrou a Legião Mineira, defensora dos ideais revolucionários. Foi eleito deputado para a Assembleia Constituinte pelo Partido Progressista em 1934, até o golpe de 1937. Fundador da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB). Fez oposição ao Estado Novo e participou das atividades da Sociedade Amigos da América. Foi signatário do "Manifesto dos Mineiros", em 1943. Foi fundador da UDN. Eleito deputado federal pela UDN em 1945. Eleito governador de Minas pela UDN em 1947. Presidiu a sessão inaugural do II Congresso de Escritores em 1947. Foi articulador do acordo interpartidário durante o governo Dutra. Posicionou-se contra a cassação dos comunistas em 1948. Foi escolhido Presidente de Honra do IX Congresso da União Nacional dos Estudantes (UNE) em 1948. Foi o criador das Centrais Elétricas de Minas Gerais (Cemig), da Secretaria da Saúde e Assistência. Partidário de uma candidatura de "união nacional" em 1950, no pleito no qual foi eleito Getúlio Vargas. Foi derrotado por Juscelino Kubitschek, no pleito de 1955, como candidato a vice-presidente, na chapa de Juarez Távora. Foi eleito presidente nacional da UDN em Minas Gerais em 1955, até 1957 quando foi substituído por Juraci Magalhães.

Campos, Silvio de (SP 1884-1962) – Advogado e político, filiado ao Partido Republicano Paulista. Destacou-se por sua oposição ao Governo Provisório chefiado por Getúlio Vargas. Em 1932, assinou pelo PRP o manifesto da Frente Única Paulista. Foi fundador do MMDC. Exilado em Lisboa voltou em 1933, para reorganizar o PRP. Ao lado de Artur Bernardes, Sampaio Corrêa, Otávio Mangabeira, Virgílio Mello Franco e outros procurou demonstrar o repúdio da oposição a suspensão das imunidades parlamentares, depois do movimento deflagrado pela Aliança Nacional Libertadora (ANL). Na sucessão presidencial de 1937 procurou o apoio do PRP para a candidatura de Armando Sales, marcando a cisão do PRP paulista. A partir do Estado Novo

afastou-se da política, com a democratização em 1945, filiou-se ao Partido Social Democrático e foi eleito deputado por São Paulo à Constituinte. Exerceu o mandato até 1951.

Camus, Albert (1913-1960) – Escritor francês identificado pela crítica com o movimento existencialista do pós-guerra. Escreveu as seguintes obras, *L'Étranger* (1942); *Calígula* (1944); *Le Malentendeu* (1944); *La Peste* (1947); *L'Homme révolté* (1951); *La Chute* (1956). Camus é um romancista ensaísta. Rompido com os existencialistas, permaneceu um “profeta para tempos medíocres”.

Cardoso Fº, Joaquim Lúcio (MG 1913 - RJ 1968) – Escritor de formação de católica. Estréia com *Maleita* (Rio 1933). *A Luz no Subsolo* (Rio 1936), exprime introspecção. A *Crônica da Casa Assassina* (Rio, 1959) é o seu romance mais bem-sucedido.

Carpeaux, Otto Maria (Viena 1900 - RJ 1978) – Naturalizou-se brasileiro em 1942. Jornalista, ensaísta, crítico e historiador da literatura. Autor da *História da Literatura Universal* 9 vols. (1959-1965). Veio para o Brasil em 1939, sua carreira jornalística tem início no *Correio da Manhã*. Foi diretor da biblioteca da Fundação Getúlio Vargas entre 1944 e 1948. Publicou, *A cinza do purgatório* (1942); *Origens e fins* (1943). *Pequena Bibliografia Crítica da Literatura Brasileira* (1949); *José Lins do Rego* (1952); *Perguntas e Respostas* (1953); *Retratos e Leitura* (1953) etc.

Carvalho, Flávio de Rezende (RJ 1899 - SP 1973) – Escritor, pintor, cenógrafo, engenheiro. Recebeu prêmios nacionais e internacionais. Escreveu, entre outras obras, *A Cidade do Homem Nu* (1930), *Experiência nº 2* (1934), *Os Ossos do Mundo* (1936) etc., além de *Álbum de 32 Desenhos*. Colaborou em diversos periódicos. Participou do “Teatro de Experiência”.

Castilhismo – Tendência política do Rio Grande do Sul inspirada nas idéias de Júlio de Castilhos (RS 1860-1903) – Político republicano brasileiro de orientação positivista, governou entre 1893-1895 durante os anos marcados pela Revolução Federalista Gaúcha, transmitiu o cargo a Borges de Medeiros em 1897.

Castro, Aluísio de (RJ 1881-1959) – Formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, foi também poeta, colaborou em jornais e revistas nacionais e estrangeiras, como *Formulário do Brasil Médico*, *Anais Paulistas de Medicina e Cirurgia*, *Encéphale. Revue Internationale du Cinéma Éducateur* etc. Ex-presidente da Academia Brasileira de Letras e ex-membro da Comissão de Cooperação Intelectual da Sociedade da Liga das Nações, 1922-1930.

Cavalcanti, Alberto (RJ 1897 - Paris 1982) – Depois de estudar Direito e Arquitetura na Suíça, transferiu-se para Paris no início da década de 1920, incorporando-se à vanguarda. Foi como cenógrafo que fez seu primeiros exercícios de cinema, em “A Desumana” (1923), “O falecido Mathias Pascal” (1924),

e outros. Em 1926, passa à direção com "O trem sem olhos". Volta ao Brasil depois de uma carreira no exterior, em 1949, para uma série de conferências no Museu de Arte de São Paulo. Foi convidado para produtor geral da Companhia Cinematográfica Vera Cruz, recém-fundada. Completou duas produções da Companhia, "Caicara" (1950) e "Terra e sempre Terra" (1951). Fora da Vera Cruz fez três filmes no Brasil "Simão, o caolho" (1952), "O Conto do Mar" (1954) e "Mulher de Verdade" (1954). Participou do projeto do futuro Instituto Nacional do Cinema. Autor do filme "O senhor Puntila e seu criado Matti", produção austríaca. Publicou no Brasil o livro, *Filme e Realidade* (1952). Alguns de seus estudos sobre a evolução do cinema estão consubstanciados no filme antologia do mesmo título, "Film and Reality" (1942).

Centro Dom Vital – Associação civil para o apostolado, subordinado à Igreja Católica, fundado em maio de 1922, no Rio de Janeiro, por Jackson de Figueiredo, com a colaboração do arcebispo coadjutor Sebastião Leme da Silveira Cintra. Até a fundação da PUC, em 1941, foi considerado o principal centro intelectual do catolicismo brasileiro.

Check, Chan Kai – Chefe da Revolução Chinesa Nacionalista, junta-se à Revolução em 1911. Em 1925, torna-se membro do Comitê Executivo do Kuomintang. Rompe com a missão soviética de Borodin (1927). Faz de Nanchang sua capital e luta contra os comunistas, obrigando-os a uma penosa retirada, a Grande Marcha (1934-35). Durante a Segunda Guerra forma com os Aliados contra o Eixo. Depois da guerra, teve de retirar-se para Formosa (1945).

Chestov, Leon (1866-1938) – Pseudônimo de Chvartsman (Leo Isaakovitch) escritor e filósofo russo de origem judaica. Dedicou-se aos problemas de filosofia da moral. Publicou, entre outros, *A ideia do bem em Tolstoi e Nietzsche* (1900), e *Dostoevsky e Nietzsche* (1903), *A noite de Gethsemani, as revelações da morte*, nas quais se manifesta sua capacidade de especulação.

Cirilo Júnior, Carlos (1886-1965) – Participa da Revolução Constitucionalista de 32. Filiado ao Partido Social Democrático em 1945, deputado por São Paulo à Assembleia Nacional Constituinte. Em 1946, foi delegado brasileiro à Conferência de Paz em Paris. Ainda nesse ano, é candidato ao governo do Estado pelo PSD, concorreu com Mário Tavares e Gabriel Monteiro da Silva, derrotados pela vitória de Ademar de Barros pelo Partido Social Progressista (PSP). Em 1949, é presidente da Câmara dos Deputados. Substituiu Nereu Ramos na presidência do PSD. Liderou a ala do PSD que optou pela aliança com a UDN, apoiando a candidatura udenista do Brigadeiro, no pleito de 1950.

CNOP – Comissão Nacional de Organização Provisória, chefiada por Maurício Grabois e Amálio Vasconcelos, grupo formado por militantes do Partido Comunista do Brasil (PCB), na ilegalidade. Buscou e obteve o apoio de Carlos Prestes na prisão e o reconhecimento da Internacional Comunista,

como o único grupo idôneo para reorganizar o Partido a nível nacional. O "grupo baiano" adere à direção da CNOP no decorrer de 1942, constituindo assim o núcleo hegemônico do futuro PCB.

Cocteau, Jean (1889-1963) – Poeta francês, classicista, divulgador do "ballet russe", cubista com Picasso e poeta modernista com Apollinaire e Max Jacob. Escreveu bailados para Satie e os "Seis". Foi discípulo de Gide e mestre da Radiguet. Católico com Maritain e blasfemador com Maurice Sachs, adicto ao ópio e à pederastia, foi membro da Academia Francesa. Publicou várias obras, entre as quais, *La Danse de Sophocle* (1912); *Le Potomak* (1919); *Le Cap de Bonne Espérance* (1919), *Le Bœuf sur le Toi* (1920); *Escales* (1921); *Vocabulaire* (1922) e outros.

Coelho Neto, Henrique Maximiniano (MA 1864 - RJ 1934) – Poeta, romancista, conferencista, jornalista, dramaturgo. Foi professor de literatura em Campinas e no Colégio Pedro II, deputado, professor e diretor da Escola Dramática Municipal. Viajou por vários países. Pseudônimos: Anselmo Ribas, Caliban Puck, Charles Rouget, Demonac, N., Blanco Canabarro, Ariel, Henri Lesongeur, Coelho Nova. Sua vasta obra compreende romances, contos, crônicas, teatro, poesia, memórias, antologias e livros didáticos. Foi eleito Príncipe dos Prosadores Brasileiros em concurso público. Escreveu várias obras, entre as quais, *A Capital Federal* (1893), romance, *O rei negro* (1914) romance, *A Conquista* 1899, *O Mistério* 1920 etc.

Coelho, Luís Lopes (SP 1911-1975) – Contista, poeta, cronista. Diplomado em Direito, advogado. Escreveu vários livros, entre os quais, *A morte no envelope* (1957), contos, e outros.

Os Comediantes – Grupo fundado em 1943, que foi um dos principais focos da renovação do teatro brasileiro, a partir da montagem histórica de *O vestido de noiva*, de Nelson Rodrigues, por Ziembinski, encenador e ator polonês que veio para o Brasil e teve profunda influência no novo teatro brasileiro.

Comintern – Konintern ou a III Internacional Comunista, fundada em março de 1919 por Lenin, com objetivos revolucionários marxistas, tornou-se um instrumento da política externa soviética, com o passar do tempo. Dissolvida por Stálin em junho de 1943, com vistas a uma aproximação com as democracias ocidentais, a fim de intensificar a luta contra a Alemanha.

Condé, João Ferreira da Silva Limeira Pepeu (PE 1912) – Fundador do Museu de Arte Popular de Caruaru. Escreveu a série de "Os Arquivos Implacáveis" para a revista *O Cruzeiro*, do Rio de Janeiro. Publicou o *Jornal de Letras* com José e Elísio Condé.

Conferência de Teerã – Em dezembro de 1943, reúne Roosevelt, Churchill e Stálin, é a primeira da série de encontros entre os "três grandes". A confe-

rência permite acordos estratégicos importantes, nos quais se coloca pela primeira vez em questão o princípio do desmembramento da Alemanha, após a vitória dos Aliados, na Segunda Guerra Mundial.

Corbisier, Roland Cavalcanti de Albuquerque (SP 1914) – Jornalista, foi redator e colaborador no jornal *O Estado de S. Paulo*. Filiou-se à Sociedade Paulista de Escritores, à Associação Brasileira de Escritores e à Associação Paulista de Imprensa. Entre 1919 e 1950, fez estudos e conferências sobre temas filosóficos, sociológicos e literários, participou da fundação do Instituto Brasileiro de Filosofia. Colaborou na imprensa carioca, em *Letras e Artes*, suplemento literário de *A Manhã*. Em 1952, participou do *Grupo Itatiaia*, o qual se organizou no Instituto Brasileiro de Economia, Sociologia e Política (Ibesp), que passou a editar a revista *Cadernos do nosso Tempo*, em 1953. Em 1955, o Ibesp transformou-se no Instituto Superior de Estudos Brasileiros (Iseb), órgão do MEC, voltado para a pesquisa, ensino e divulgação dos problemas nacionais. Autor de vários livros, entre os quais, *Responsabilidade das Elites* (1952) etc.

Corção, Gustavo (RJ 1896-1978) – Romancista, jornalista e professor. Diplomado em engenharia. Membro do Conselho Federal de Cultura. Escritor católico, amigo pessoal de Alceu Amoroso Lima. Colaborou em *A Ordem*, órgão do Centro D. Vital. Em 1944, estreou com o livro *A Descoberta do Outro*. Em 1951, publica *Tres Alqueres e uma Vaca*, em que se revela discípulo de Chesterton. Em 1950, publica o romance *As Fronteiras da Técnica*, em 1951 ensaios e conferências, e *Dez Anos* (1956), livro de crônicas.

Coronel de Basile – Diretor do Original Ballet Russe, herdeiro da tradição do ballet russo que vinha de Diaghilev. Esteve duas vezes no Brasil com a sua companhia nos anos 40.

Correia, Alexandre – Erudito e professor de Direito Romano da Faculdade de Direito de São Paulo de orientação católica tomista. Traduziu a *Suma Teológica* de São Tomás de Aquino.

Correia, André Trifino (RJ 1904-1976) – Militar da coluna Prestes. Poucos dias após o encontro secreto entre Prestes e Getúlio Vargas, ocorrido em Porto Alegre, no dia 28 de fevereiro de 1930, Trifino participou de uma segunda reunião com Prestes e outros revolucionários. Ingressou na Aliança Nacional Libertadora, foi eleito para o diretório provisório do movimento em 1935. Durante o comício da ANL de desagravo a Prestes, atacado pelos integralistas (28.5.1935), Trifino hasteou a bandeira brasileira que acompanhava a coluna Prestes e cobriu o corpo de Siqueira Campos, e declarou: "Ele é e será cada vez mais o Cavaleiro da Esperança do povo brasileiro". Durante o levante comunista, foi preso em Belo Horizonte. Foi libertado com a Anistia de 1945. Eleger-se suplente de deputado pelo Rio Grande do Sul à Assembleia Constituinte pelo PCB; em 1946 substituiu Abílio Fernandes na Assembleia.

Correia, Viriato (MA 1884 - RJ 1967) – Redator nos seguintes jornais do Rio de Janeiro: *União*, *Gazeta de Notícias*, *Correio da Manhã*, *Fafazinho*, *Folha do Dia*, *A Rua*, *A Noite*, *A Manhã* e como colaborador em *A Notícia*, *Jornal do Brasil*, *Caretinha*, *Ilustração Brasileira*, *Cosmos*, *Noite Ilustrada*, *Para Todos*, *O Malho*, *Tico-Tico*, *Leitura para Todos*. Em São Paulo, *O Estado de S. Paulo* e *Tribuna de Santos*. Publicou crônicas históricas, contos, o romance *Balaíada* (1927) e copiosa literatura infantil.

Costa, Batista da (RJ 1865-1926) – Ingressou na Academia Imperial de Belas-Artes em 1888. Freqüentou, em Paris, a Academia Julien em 1896. Realizou exposição individual no Rio de Janeiro em 1898. Em 1906, foi professor da Escola Nacional de Belas-Artes. Exerceu influência nos paisagistas contemporâneos, pintou paisagens de Petrópolis e da Baixada Fluminense, bem como dos campos de São Paulo. Participou da Retrospectiva da Pintura no Brasil, em 1948, no Rio, e da Bienal de São Paulo, em 1953.

Costa Neto, Benedito (RJ 1895) – Jornalista e político. Tomou parte na campanha política de Rui Barbosa, candidato à Presidência da República, no pleito realizado em 13 de abril de 1919, que deu a vitória a Epitácio Pessoa. Participou da Revolução de 32. Em 1936, foi membro do Conselho da OAB, seção de São Paulo. Em 1937, membro da Comissão Coordenadora do PRP. Em 1941, foi nomeado Procurador Geral do Estado no governo Fernando Costa. No pleito de 1945, após a deposição de Vargas, foi eleito por São Paulo à Assembléia Nacional Constituinte na legenda do PSD, foi líder do partido na Constituinte. Participou com Gustavo Capanema e Raul Pilles da Comissão Constitucional. Foi ministro da Justiça (1946-47) de Dutra. Formalizou, em janeiro de 1947, a denúncia contra o Partido Comunista do Brasil (PCB), enviando ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE) os documentos que justificavam a acusação de duplicidade dos estatutos. Costa Neto enviou mensagem à Câmara dos Deputados propondo uma nova lei que definisse os crimes contra a segurança interna e externa do país e a ordem política e social sob a argumentação de insuficiência de Constituição de 1946 sobre a matéria. O projeto seria aprovado somente na legislação subsequente (1951-55). Incansável adversário de Ademar de Barros.

Costa, Fernando de Souza (SP 1886-1946) – Enquanto membro do PRP apoiou a implantação do Estado Novo (10/11/1937) por Vargas, foi nomeado ministro da Agricultura. Criou o Instituto Nacional do Mate. Foi nomeado interventor federal em São Paulo em junho de 1941. Abriu inquérito para apurar as irregularidades da gestão de Ademar de Barros. Manteve Prestes Maia na prefeitura da capital. Extinguiu o Instituto do Café. A nomeação do ex-chefe de polícia de Washington Luís, Coriolano de Araújo Góis Filho, para a Secretaria da Segurança, efetuada por Fernando Costa, suscitou manifestações de protesto contra o governo. Aderiu à candidatura de Eurico Gaspar Dutra à sucessão presidencial em começos de 1945, e participou da criação do PSD de São Paulo, destinado a promover Dutra. Em julho de 1945 foi

escolhido para o diretório nacional do PSP, ao lado de Benedito Valadares, Ernani Amaral Peixoto e outros. Exonerou-se do cargo para candidatar-se ao governo do Estado de São Paulo.

Costa, João Cruz (SP 1904-1978) – Intelectual paulista, membro da Sociedade Paulista de Escritores e do Instituto Histórico Geográfico de São Paulo. Professor de Filosofia da FFCL da Universidade de São Paulo. Publicou, entre outras obras, *A filosofia no Brasil* (1945), ensaios, *Notas e apresentação dos diálogos de Platão* (1945), *Contribuições à história das idéias no Brasil* (1956) etc.

Costa, José Geraldo Manoel Germano Correia Vieira Machado da (RJ 1897-19...) – Romancista moderno de temática urbana. Apesar da estreia na literatura nos anos 20-30, não fez parte do grupo modernista. Oswald assinala a publicação de *A quadragesima porta* (Porto Alegre – Globo – 1944), como o livro mais importante do momento.

Costa, Milton da (RJ 1915-1988) – Estudou na Escola de Belas-Artes. Participou do Grupo Bernardelli. Expose em 1933. Prêmio Viagem ao Exterior na Divisão Moderna do Salão Nacional, em 1941. Apesar da incursão pelo abstracionismo, conserva a figura em sua obra. Foi apontado pela crítica como o valor mais destacado da pintura moderna brasileira, na geração que se segue a Portinari.

Costa e Silva, Paulo Sérgio Milliet Duarte da – Filho de Sérgio Milliet. Autor de *Poemas em Prosa*, 1948; *Poema da Eterna Caminhada*, SP, 5º Caderno do Clube de Poesia. Poesias em *Autores Contemporâneos*, org. Dulce Sales Cunha Cupolo, SP, 1951 e na *Coletânea de Poetas Paulistas*, org. Eneas de Moraes.

Costa, Waldemar da (RJ 1904-1982) – Estudou na Escola de Belas-Artes de Lisboa. Viveu em Paris de 1928 a 1931. Expose individualmente no Rio de Janeiro, em 1931. Integrou o movimento Família Artística Paulista e foi professor do Liceu de Artes e Ofícios.

Dantas, Pedro (RJ 1904-1977) – Jornalista e poeta. Pseudônimo de Prudente de Moraes, neto. Diplomado em Direito pela Universidade do Brasil, em 1926, dedicou-se ao jornalismo e à literatura. Foi um dos fundadores da revista *Estética*, ao lado de Sérgio Buarque de Holanda. Colaborou para vários jornais. Publicou, *Notícias sobre o Romance Brasileiro*, em 1939, ensaio e memória.

Diaghilev, Serge (1872-1929) – Diretor da celebre companhia do balé russo. Em 1908, monta em Paris a ópera *Boris Godounov* de Mussorgsky, e a partir de 1905 inicia a primeira temporada do balé russo. Atuou como inovador da arte contemporânea, integrando os trabalhos de coreógrafos, bailarinos, cenógrafos e músicos modernos no espetáculo do balé.

Dias, Cícero (PE 1908) – Pintor brasileiro. Em 1938, freqüenta Picasso, Paul Eluard e os surrealistas em Paris. Foi amigo pessoal de Picasso. Participou do Salão de Maio, em 1938, em Paris. Em 1942, expõe em Londres e Portugal. Participa do Salão de Arte Moderna de Lisboa. Volta a expor em Paris na galeria Denise René, em 1946 e 1947. Participa da Bienal de Veneza, em 1950 e do Salão de Maio, em Paris, em 1951. Sua pintura evoluiu do figurativismo inicial para o abstracionismo.

Di Cavalcanti (RJ 1897-1976). Emiliano Augusto Cavalcanti de Albuquerque e Melo. Foi ilustrador da revista *Fon-Fon*, em 1914. Em 1917, freqüentou o ateliê do pintor impressionista Georg Fischer Elpons, em São Paulo, e colaborou no jornal *O Estado de S. Paulo*, assinou ilustrações para livros de Oscar Wilde. Em 1922, participa da Semana de Arte Moderna. Vai a Paris, em 1923. Sua obra pictórica e gráfica é diversificada, apresenta-se como desenhista, gravador, caricaturista, *designer*, muralista e pintor.

Dimitrov, Georges (1882-1949) – Político búlgaro, membro do Partido Comunista, acusado pelos nazistas de ter participado do incêndio do Reichstag, em 1933. Libertado após um processo escandaloso, tornou-se secretário geral do Comintern. Presidente do Conselho depois da liberação de seu país, deixa o poder em 1949.

DNC – Departamento Nacional do Café, criado em 10 de fevereiro de 1933 em substituição ao Conselho Nacional do Café, considerado excessivamente comprometido com os interesses locais dos Estados produtores. O DNC constituiu uma autarquia federal vinculada ao Ministério da Fazenda, órgão executor da política cafeeira em todo o país. O DNC foi extinto em 15 de março de 1946, já no governo do general Eurico Dutra.

Duarte, Paulo Alfeu Junqueira Monteiro (SP 1899-1984) Jornalista e escritor paulista. Em 1919, ingressou no *O Estado de S. Paulo*. Durante a campanha de Rui Barbosa, participou ativamente na defesa do voto secreto e contra as oligarquias. Em 1924, apóia a revolta tenentista de Isidoro Dias Lopes. Em 1926, participou da fundação do Partido Democrático de São Paulo (PD). Trabalhou no *Diário Nacional*, jornal do PD. Em 1929, articula a Aliança Liberal em São Paulo. Com a deposição de Washington Luiz, em 24 de outubro de 1930, apóia o interventor João Alberto de Lins de Barros, nomeado Chefe de Polícia. Com a radicalização das divergências do PD com Vargas, demitiu-se do cargo. Em 1931, apóia a Frente Única Paulista, formada pelo PRP e o PD. Na revolução de 1932 é preso e exilado. Em 1933, Armando Sales é interventor em São Paulo, Paulo Duarte colaborador de *O Estado de S. Paulo*, sob direção de Júlio Mesquita Filho. Durante a gestão de Fábio Prado na prefeitura, trabalha no Departamento de Cultura. Durante o Estado Novo fez oposição ao regime e é preso. Torna-se correspondente de *O Estado de S. Paulo* no exílio. Chefiou o Departamento de Antropologia do Museu do Homem em Paris. Com o Estado Novo volta ao Brasil, torna-se redator-chefe de *O Estado de S. Paulo*. É professor de Filosofia da

Universidade de São Paulo. Fundador da revista *Anthembi* (1950-60). Foi presidente da Sociedade Paulista de Escritores, diretor da *Rerista do I Histórico e Geográfico de São Paulo*. Foi fundador do Departamento de Cultura. Escreveu, entre outras obras: *Prisão, exílio, luta* (1946); *Departamento de Cultura, vida e morte de Mário de Andrade* (1946); *Palmares pelo Aveso* (1947) crônicas; *Mário de Andrade por ele mesmo* (1971), *Memórias* (1974) etc.

Duclos, Georges – Chefe do Partido Comunista Francês, que denunciou em carta aberta a política de Browder de fechamento do Partido Comunista Americano, como contraria as resoluções dos partidos membros da Internacional Comunista.

Dulcina e Odilon – Dulcina de Moraes (RJ 1911 –) – Atriz brasileira. Fundou a Cia. Dulcina-Odilon, com seu marido Odilon Azevedo. Depois de trabalhar com o repertório convencional, o casal de atores procurou se integrar no movimento de renovação do nosso teatro, apresentando, de 1944 a 1947, por exemplo, montagens de *César e Cleópatra* e *Santa Joana*, de B. Shaw, *Bodas de Sangue*, de G. Lorca, *Anfítrio* 38, de Jean Giraudoux. Fizeram sucesso *Chiúva*, de Somerset Maugham e *O Sorriso de Gioconda*, de Aldous Huxley.

Durkheim, Émile (1858-1917) – Um dos primeiros cientistas sociais a desenvolver na sociologia uma metodologia rigorosa, a qual combinava a pesquisa empírica com a teoria. Considerando o fundador da escola francesa de sociologia. Em *A divisão do trabalho social* (1893) e em *O suicídio* (1897) examina o efeito provocado pela tecnologia nas estruturas éticas e sociais e o papel das forças sociais na determinação do comportamento individual. Em *As regras do método sociológico* (1895) formula o seu método sociológico. *As formas elementares da vida religiosa* (1912) estuda o sistema totêmico na Austrália e discute as bases sociais da religião.

O Enforcado de Porto Calvo – O Calabar – Domingos Fernandes, em Pernambuco combateu os holandeses de 1630 a 1632. Em 1633, sob pressão sofrida por humilhação, passou-se para o inimigo. Em 1653, caiu em poder de Matias de Albuquerque, em Porto Calvo, e foi enforcado por traição.

Escorol, Lauro – Diplomata brasileiro, nascido em 1917, tendo ingressado na carreira diplomática em 1943. Em 1945, foi um dos signatários do Manifesto da Resistência Democrática, publicado em *A Ordem* (jul. dez. 1945). Autor de obras sobre Maquiavel e João Cabral de Melo Neto.

Esípírito de Yalta – Conferência de 1945, a qual reuniu F. D. Roosevelt, W. Churchill e Stalin, os “três grandes” sobre a composição da Assembléia Geral da futura Organização das Nações Unidas e do Conselho de Segurança. Entre outras resoluções, o acordo concedia à França uma zona de ocupação na Alemanha e a divisão da Prússia Oriental entre a Polônia e a União Soviética.

Etchegoyen, Alcides Gonçalves (RS 1901-1956) – Liderou a Coluna Relâmpago, em 1926, contra a posse de Washington Luiz. Participou da Revolução de 1930 no comando revolucionário. Assumiu o comando do destacamento gaúcho que partiu para o Rio de Janeiro em outubro de 1930. Oficial de gabinete do ministro de Guerra, Eurico Gaspar Dutra, de 1936 a 1939. Chefe do Estado-Maior da 2ª Divisão da Cavalaria, em São Paulo, até 1942. Nomeado chefe de polícia do Distrito Federal em substituição a Filinto Müller, em julho de 1942, permanecendo no cargo até agosto de 1943. Atuou na repressão contra a Sociedade Amigos da América.

Faria, Otavio de (RJ 1908-1980) – Escritor e ensaísta de formação católica. Estréia com *Dois Poetas* (Rio, 1935), um estudo sobre Vinícius de Moraes e Augusto Frederico Schmidt. Autor de obra cíclica – *Tragédia Burguesa*, iniciada em 1937, em vários volumes.

Feijó, Germinal (SP 1917) – Foi um dos fundadores da União Nacional dos Estudantes, em 1937. Como representante do Centro Acadêmico XI de Agosto da Faculdade de Direito de São Paulo, do qual foi presidente, participou do V Congresso da UNE, em setembro de 1942. Em 1943, foi um dos signatários do *Manifesto à Nação*, redigido pelas lideranças estudantis contra o Estado Novo. Oswald refere-se às lutas estudantis, as quais se constituíram numa espécie de frente única legal contra o regime, enfrentando a repressão policial nas ruas em passeatas e comícios, tais como a passeata de 10 de dezembro de 1943, a qual terminou em repressão armada, com vítimas, na praça do Patriarca.

Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda (Alagoas 1910 - RJ 1989) – Foi secretário da *Revista do Brasil* (1939-43). Colaborou no *Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa*, em 1941. Em 1947, publicou a seção "O Conto da Semana", no *Diário de Notícias*. Autor do *Novo Dicionário Aurélio*, RJ 1975.

Ferro, Antonio – Poeta e prosador português, ligado aos modernistas do Brasil, onde esteve e fez conferências nos anos 20. Autor de *Peregrino*, *Ópio* (prosa), *Cilícios da Alma* (poesia) e *Missal de Trovas* (poesia com Augusto Cunha).

Fiúza, Yeddo (RS 1894-1975) Candidato dos comunistas às eleições de 1945, nas quais concorreu com Getúlio Vargas e Eduardo Gomes.

Florence, Dalmo (SP 1927) – Escritor paulista, formado pela Faculdade de Direito de São Paulo. Funcionário do Departamento de Saúde do Estado. Estréia com *Poemas* (1949), Casa do Poeta, *Do Dia Incerto de Adriálio Pimenta que envolveu muita gente* (romance).

Fontes, Amando (SP 1899 - RJ 1967) – Romancista, estréia com o livro *Os Corumbas* (1933), consagrado pela crítica e conquista o prêmio Felipe de Oliveira. *A Rua do Siriri* (1937) é o romance seguinte, *Deputado Santos Lima* não foi concluído. Fontes se inclui nos chamados "romancistas do Nordeste".

Foot, Michael – Líder trabalhista, membro do Parlamento inglês

Foster, William – Membro do Partido Comunista Americano, adversário político de Earl Browder, a favor da organização do Partido, sob a hegemonia da Internacional Comunista.

Fournier, Severo – (1908-1946) – Militar. Participou da Revolução de 32. Durante a ditadura Vargas, foi simpatizante da Ação Integralista Brasileira (AIB), fundada por Plínio Salgado. Participou do levante na tentativa de ocupação da Rádio Mayrink Veiga. Severo Fournier foi escolhido pelo líder integralista Belmiro Valverde para preparação militar dos quadros da AIB, com a missão de comandar o assalto ao Palácio Guanabara, no levante marcado para 11 de maio de 1938. Preso na Fortaleza de Lages, foi libertado pela Anistia, em abril de 1945, faleceu de tuberculose em 1946.

Franco, Afonso Arinos de Melo (MG 1808 - Barcelona 1916) – Formado em Direito pela Universidade de São Paulo. A partir de 1896 viaja para o exterior e passa então a repartir-se entre o sertão e as grandes cidades. Escritor regionalista, publica *Pelo Sertão* (Rio, 1898), coletânea de contos. Entre outras obras: *Os jagunços* (SP, 1898) romance, *Notas do Dia* (SP, 1900) artigos de jornal; *O Contratador de Diamantes*, drama (Rio, 1917) etc.

Franco, Virgílio de Melo (MG 1897 - RJ 1948) – Jornalista e político. Apoiou a candidatura de Artur Bernardes, foi diretor de *O Dia* (1921). Colaborou em *O Jornal*. Eleito deputado estadual por Minas Gerais em 1922-23 a 1927. Colaborou no *Diário Carioca* em oposição ao governo, aproximando-se dos "tenentes". Conspirou contra Washington Luiz e foi um dos líderes da articulação do movimento armado da Revolução de Outubro, em fins de 1929, como o "tenente civil". Autor de *Outubro, 1930*, sobre a revolução, escreveu para o jornal, *Diário Carioca*.

Freyre, Gilberto (PE 1900-1987) – Formou-se em Ciências Sociais pela Universidade de Columbia, onde defendeu a tese "Social Life in Brazil in the middle of the 19th Century". Viaja pelo exterior e volta ao Brasil em 1923. Organiza o I Congresso Brasileiro do Regionalismo, em fevereiro de 1926. O chamado "Manifesto de 1926" (Recife, 1952) divulga os princípios do regionalismo e do americanismo. Estreia com *Casa Grande e Senzala* (1933), organiza o I Congresso de Estudos Afro-Brasileiros. Fundador do Movimento Regionalista do Recife, o qual divulga o modernismo. Foi deputado e constituinte em 1946. Entre outras obras, publica *Sobrados e Mocambos* (1936), *Região e Tradição* (1941), *Problemas Brasileiros de Antropologia* (1943), *Sociologia* (1945) etc.

Garcez, Lucas Nogueira (SP 1913-1982) – Foi governador de São Paulo em (1951-55). Participou da Revolução de 32. Foi professor e vice-diretor da Escola Politécnica da USP, diretor do Instituto de Engenharia de São Paulo. Foi nomeado secretário de Viação e Obras Públicas do governo Ademar de Barros (1947-

51). A candidatura de Lucas Nogueira Garcez ao governo paulista foi o resultado de um acordo celebrado entre Ademar de Barros, líder nacional do Partido Social Progressista e o ex-presidente Getúlio Vargas, líder do Partido Trabalhista, PTB. Pelo acordo, Ademar de Barros retirava sua candidatura à Presidência da República e se comprometia a apoiar Vargas nas eleições de 1950, podendo indicar o candidato à vice-Presidência. Lucas derrotou Borghi, que concorreu na legenda do Partido Trabalhista Nacional e Francisco Prestes Maia, candidato da União Democrática Nacional. Eleito, Lucas Garcez entrou em desentendimento com Ademar de Barros e afastou-se do líder do PSP, embora coubesse ao partido a maioria dos cargos administrativos. Articulou uma coligação que reuniu a quase totalidade dos partidos políticos, excluindo apenas o Partido Socialista Brasileiro e a União Democrática Nacional, cuja "ala moça" se filiou à coligação de apoio ao governo. A fase crítica dos atritos com Ademar de Barros manifestou-se durante a campanha para as eleições municipais de 1951, quando o ex-governador se colocou radicalmente contra o PTB e pressionou Garcez para que rompesse o acordo interpartidário. O conflito foi reavivado por ocasião das eleições para a prefeitura da capital, em março de 1953. O governador apoiou Francisco Antonio Cardoso, cujo vice era Fernando Nobre Filho, do PTB. Quando das eleições de 1954 para o governo do Estado, Lucas Garcez já havia rompido com Ademar de Barros e deixado o PSP, lançando a candidatura de Francisco Prestes Maia. Em janeiro de 1951, Lucas Garcez transmitiu o governo de São Paulo a Jânio Quadros, afastando-se da vida política.

De Gaulle, Charles (1890-1970) – General e estadista. Em junho de 1940, torna-se subsecretário da Defesa Nacional e lança de Londres o apelo para a resistência dos franceses contra o nazismo. Foi chefe dos Franceses Livres (1940), presidente do Comitê Francês de Libertação da Algeria, depois, presidente do Governo Provisório e mais tarde presidente da 4º República Francesa (1944). Foi a alma da resistência francesa. Demitiu-se da Presidência em 20 de janeiro de 1946. Fundador da Reunião do Povo Francês (RPF), em 1947, da qual foi presidente.

Gestalt – Psicologia da percepção da forma. Integrou em movimento mais amplo, centrado no conceito de Gestalt–Qualität, introduzido em 1890 por Ehrenfeld, e pelas escolas do Graz e Leipzig, com Krüger. S. J. Piaget destaca a importância dos conceitos de equilíbrio e estrutura. Köhler propõe uma teoria dos valores, generalizando o conceito de expressão ao próprio domínio dos objetos físicos. Fiel à tradição fenomenológica, destaca a percepção como processo que funciona como paradigma das demais.

Goes Filho, Coriolano de Araújo – Ex-chefe de polícia do Rio de Janeiro no governo de Washington Luiz. Ocupou o cargo da Secretaria da Segurança Pública de São Paulo em 1949, sob a intervenção de Fernando Costa.

Gomes, Eduardo (RJ 1896-1981) – A candidatura de Eduardo Gomes à Presidência da República, a partir de dezembro de 1944, já era um fato consumado. O *Globo* publica, por fim, a declaração de José Américo de

Almeida em começo de 1945, lançando oficialmente a candidatura do "Brigadeiro". O candidato, apoiado pela recém-criada União Democrática Nacional, foi derrotado nas urnas pelo general Eurico Gaspar Dutra, candidato de Vargas e do recente Partido Trabalhista Brasileiro, nas eleições de 2 de dezembro de 1945. O Brigadeiro é candidato pela segunda vez com o apoio da UDN à Presidência no pleito de 1950, na sucessão de Dutra, concorrendo com Getúlio Vargas. O PRP de Plínio Salgado apoia o Brigadeiro. O PSD apoia Cristiano Machado. O PTB e o PSP apoiam Vargas, em nome do "trabalhismo" e de legislação social. O PSB apresentou a candidatura de João Mangabeira. Eduardo Gomes foi derrotado nas urnas nas eleições de 3 de outubro de 1950 por Getúlio Vargas. Convidado por Vargas, rejeitou o cargo de ministro da Aeronáutica. Participou do movimento militar a favor da deposição de Vargas, foi signatário da nota que exigia a renúncia de Vargas.

Gonçalves, Ricardo (SP 1883-1916) – Foi reporter do *Correio Paulistano*. Ingressou na Faculdade de Direito em 1905, formando-se em 1912. Viu em 1907-08 para a Itália. Fez parte do círculo de Monteiro Lobato. Escreveu para o Comércio de São Paulo, foi vereador em 1916. Autor de poemas. Foi amigo de Oswald de Andrade quando este estreava nas letras e no jornalismo.

Gorki, Maxim – Pseudônimo de Alexei Maximovich Pechkov (1868-1936) – Um dos grandes escritores do naturalismo russo, trouxe para a literatura a descrição dos ambientes proletários. Gorki tomou parte ativa na revolução de 1905, escreveu o grande romance da revolução *A Mão* (1907), aderiu ao marxismo, o qual influenciou a sua obra. *Infância* (1913), *As minhas Universidades* (1923), *A vida de Klim Samgin* (1927-1936) etc.

Gray, Dorian – Personagem central do romance *O retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde (1856 – 1900), baseado na circunstância fantástica de um retrato que recebe todos os estigmas do vício do modelo, que permanece jovem e de aparência imaculada.

Gresham, Sir Thomas (1519-1579) – Grande financeiro da rainha Elisabeth I, criador da bolsa de Londres, formulou a lei econômica, segundo a qual, quando, no mesmo país, circulam duas moedas, uma considerada boa e a outra ruim; a moeda ruim expulsa a moeda boa.

Guillén, Nicolas (Camaguey 1902-198...) – Poeta cubano, o maior representante do movimento poético afro-cubano, publicou *Orbita de la poesía afro-cubana* – antologia (1927 – 1938), organizada por Ramón Guirao. Escreveu vários livros com temas negros em linguagem dialetal e popular, entre os quais, *Elegia a Jacques Roumain en el Haití* (1945), e *Elegia a Jesús Hernández* (1951).

Gurvitch, Georges (1894-1966) – Sociólogo francês de origem russa, professor da Sorbonne. Considerado o principal crítico e o mais importante suces-

sor de Durkheim. Desenvolveu uma sociologia caracterizada pelos conceitos de pluralismo e descontinuismo. Escreveu *A vocação atual da sociologia* (1950) e *Os conceitos de classes sociais* (1954).

Heredia, José Maria de (1842-1905) – Poeta francês de origem cubana, autor de *Troféus*, livro de sonetos parnasianos.

Hölderlin, Friedrich (1770-1843) – Poeta alemão, que enlouqueceu. O poeta fixou suas meditações filosóficas no livro *A Lei da Liberdade*. Hölderlin era republicano e tinha na Grécia seu modelo de liberdade. *o Hypérion* é o relato da luta pela liberdade. O seu pensamento político revela a influência das idéias de Rousseau. Em 1788, conhece Hegel e Schelling. A obra de Hölderlin foi descoberta por Nietzsche.

Ivo, Ledo (AL 1924) – Poeta, jornalista, cronista, ensaísta, romancista, contista, natural de Maceió. Participou do I Congresso de Poesia (1941). Fez parte do conselho da revista *Orfeu*, da fase polêmica do modernismo. Um dos principais poetas da chamada "Geração de 45". Obras, entre outras, *Ode e Elegia* (Rio, 1945); *Acontecimento do Soneto* (Barcelona, 1948); *Ode ao Crepúsculo* (Rio, 1948); *Cântico* (Rio, 1949) etc. Entre os romances, *O Caminho sem Aventura* (SP, 1948) etc.

Jacobi, Ruggero (Veneza 1920 - Roma 1981) – Escritor e encenador italiano, um dos que orientaram o Teatro Brasileiro de Comédia (TBC). Dirigiu vários espetáculos importantes, exerceu no Brasil grande influência e, de volta à Itália, passou a divulgar nossa literatura. Autor do livro *A expressão dramática*, INL, Rio de Janeiro, 1956.

Jardim, Luís Inácio de Miranda (PE 1901-) – Escreveu em jornais do Rio de Janeiro. Estreou no romance com *As Confissões do meu tio Gonzaga*, em 1949. Recebeu o prêmio Humberto de Campos com o livro de contos *Maria Perigosa*, 1938.

Jaspers, Karl (1883-1969) – Doutor em medicina, professor de psicologia e de filosofia na Universidade de Heidelberg, afastado de suas funções durante o regime nazista foi reintegrado em 1945. Professor da U. de Bâle a partir de 1948 até a aposentadoria. Autor de uma *História Universal da Filosofia*. A produção de Jaspers é abundante e se estende por vários domínios, dos estudos consagrados à Max Weber, Nietzsche, Descartes, Schelling e obras destinadas ao grande público como os escritos sobre Leonardo da Vinci, Kant, Goethe, Kierkegaard, Marx, Freud etc., até os textos "autobiográficos". A filosofia da existência de Jaspers estabeleceu o princípio da "situação limite", particular, a qual prescreve o âmbito de toda escolha individual.

Joly, Aurasil Brandão – Amigo de Oswald de Andrade, muito ligado aos meios intelectuais.

Kardiner, Abram (N.York 1891-) – Psiquiatra e psicanalista, fez um estagio com Freud de 1921 a 1922. Orienta-se para a pesquisa. A questao que se coloca para Kardiner como para toda a antropologia americana da época é determinar a ligacao que existe entre a psicologia individual e a cultura, como em *O individuo e sua Sociedade* (1939). Kardiner concebe o conceito de "personalidade de base", a qual é o que há de comum entre os individuos que compõem uma sociedade determinada. Organizacao familiar, proibições sexuais, disciplinas alimentares etc. são "instituições primárias", as quais determinam a personalidade de base. Esta influencia as "instituições secundárias", que são o folclore e a metodologia. Em *As fronteiras psicológicas da sociedade* (1945) tenta uma analise biografica e a interpretacao de Rorschach nas ilhas das Índias Nierlandesas. Estudou a personalidade de base do negro americano, na *A marca da opressão* (1951).

Kierkegaard, Søren (1813-1855) - Detendeu a tese em filosofia *O Conceito de Ironia em Sócrates* (1841) contra o hegelianismo. Rompe o noivado e parte para Berlim, onde faz o curso de Schelling. Começa a escrever sua obra, a qual procura romper os limites entre literatura, filosofia e teologia, a partir de 1843 a 1846. Publicou no jornal *O Instante*, a partir de 1855, artigos contra a Igreja. O autor escreve sob pseudônimo, Climacus etc. *No Diário de um sedutor* examina a ironia romântica. *O Conceito de angústia* desenvolve uma reflexão psicologica sobre o dogma do pecado original (1844). *Nos Estagios sobre o caminho da vida* (1845), estuda diversos autores, reunidos por Hilarius e Relieur, sob o pseudônimo de Quidam. "figura demoniaca de tendência religiosa", volta-se para a questão do perdão. *O Post-Scriptum definitivo e não científico as migalhas filosóficas* (1846), tornou-se o texto clássico da filosofia existencial, devido ao humor contra a especulação hegeliana.

Kopke, Carlos Burlamaqui (RJ 1916-1980) – Crítico e ensaista. Membro da Sociedade de Estudos Filosóficos, da União Brasileira de Escritores, do Clube de Poesia. Autor de *Os Caminhos Poéticos de Jamil Almansur Haddad* (1941); *Faceis Descobertas* (1944); *Fronteiras Estranhas* (1945); *Temas para Homens Efêmeros* (1948), ensaios críticos.

Labor Party – Partido Trabalhista inglês que se distingue pela representação classista independente da 2ª ou da 3ª Internacional. O partido atuava como ala esquerda do Partido Liberal até 1922, quando é oficialmente reconhecido como um partido de oposição.

Lacerda, Carlos Frederico Werneck de (RJ 1914-1977) – Contista, jornalista, político. Diplomado em direito, deputado federal, governador do Estado da Guanabara, fundador do jornal *A Tribuna da Imprensa*. Pseudônimos: Júlio Tavares, João da Silva, Marcos e Nicolau Montesuma. Autor de *O Rio* (teatro) 1937-43; *Uma Luz Pequenina* (1948) contos; *A Missão da Imprensa* (1950) etc. Inimigo político de Getúlio Vargas, desencadeou a campanha política pela deposição do presidente. Foi líder ativo da União Democrática

Nacional. Notabilizou-se pelo episódio político do assassinato de Rua Toneleros, no qual foi baleado na perna. Na ocasião incriminou Gregório Bezerra, segurança pessoal de Getúlio, como mandante.

Lafer, Horácio (SP 1900 - Paris 1965) – Ainda acadêmico de direito foi um dos dirigentes da Liga Nacionalista, entre 1918 e 1920, a qual difundia no meio universitário os ideais cívicos pregados por Rui Barbosa e Olavo Bilac, principalmente, o voto secreto e o serviço militar obrigatório. Foi um dos fundadores do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo (Ciesp), em 1928. Por ocasião da campanha sucessória de 1930, apoiou o candidato situacionista Júlio Prestes. Em 1931, a Ciesp converteu-se na Federação das Indústrias de São Paulo, a Fiesp, na qual ocupou o cargo de segundo secretário. Em 1933, foi criada a Confederação Industrial do Brasil (CIB), a qual deu origem à Confederação Nacional da Indústria, em 1938, da qual Lafer foi o primeiro secretário. Foi deputado classista da Constituinte de 1934, por São Paulo. Foi deputado federal por São Paulo na legenda do Partido Constitucionalista (1935-37). No início do Estado Novo, Lafer retornou aos seus negócios particulares. Getúlio Vargas ofereceu à família Klabin o virtual monopólio da atividade de produção de papel. Ainda durante o Estado Novo, Horácio Lafer integrou a delegação brasileira à III Reunião de Consulta dos Ministros das Relações Exteriores das Repúblicas Americanas, no Rio de Janeiro, em 1942. Com a desagregação do Estado Novo passou a integrar o Partido Social Democrático. Foi líder da maioria durante o governo Dutra (1946-1951). Com a publicação de *O crédito e o sistema bancário no Brasil* (1948) propunha a reorganização do sistema bancário, com a criação de um Banco Central. Foi nomeado ministro da Fazenda do governo Vargas, em 1951. Elaborou o Plano Lafer, em 1951, de planificação econômica. Em 1953, foi substituído por Osvaldo Aranha no Ministério, assumindo uma cadeira na Câmara em 1954, votando a favor do impedimento de Café Filho.

Landru, Henri Desiré – Criminoso apelidado "Barba Azul", célebre por assassinar sucessivamente suas numerosas amantes.

Laski, Harold Joseph (1893-1950) – Escritor e pensador político britânico, membro da Fabian Society e depois do Partido Trabalhista, teve grande influência sobre o pensamento socialista britânico.

Leite, Aureliano (MG 1886 - SP 1976) – Ficcionista, ensaísta e historiador, publicou inúmeros artigos, vários livros, entre os quais, *História da Civilização Paulista em Breve Resumo* (1946), *Infuência de uma Família Paulista ao Século XVI nos Destinos do Brasil*, *História da Civilização Paulista* (1954) etc. Político paulista, foi deputado da Constituinte em 1946, e deputado federal por São Paulo (1946-51 e 1954). Foi um dos fundadores do Partido Democrático (PD) de São Paulo. Participou da Revolução de 30. Deflagrada a revolução, reuniu-se a Júlio de Mesquita Filho, Paulo Duarte, Elias Machado, Carlos Morais Andrade, Prudente de Morais Neto e outros, com o objetivo de empreender um golpe que estendesse a ação revolucionária a São Paulo. Esteve preso em 1940

por causa da denúncia feita pelo *Correio Paulistano*, acusado de tramar a queda de Vargas. Acusado de envolvimento na conspiração, o jornal o *Estado de S. Paulo* esteve sob intervenção de abril de 1940 a dezembro de 1945. Participou da Sociedade de Amigos da América. Após a queda do Estado Novo, elegeu-se deputado por São Paulo à Constituinte, pela legenda da União Democrática Nacional. Foi articulador da candidatura de Antônio de Almeida Prado para concorrer de Ademar de Barros para governador. Foi incansável adversário de Ademar de Barros, pediu a renúncia do governador em 1948. Manifestou-se contrário à cassação do mandato dos parlamentares comunistas. Em 1950, apoiou a candidatura udenista de Prestes Maia para governador de São Paulo. Foi membro da Academia Paulista de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, da Ordem dos Advogados.

Léger, Fernand (1881-1955) – Pintor francês. Foi para Paris em 1900 e instalou-se na La Ruche, em 1908. Conheceu Picasso e Braque em 1910. Em 1911, expôs "Nus na Floresta" no salão dos independentes, foi um dos fundadores do Salão da Secção de Ouro juntamente com Delaunay, Gleizes, Jacques Villon, e outros. Lutou na Guerra de 1914. A fase dinâmica de seu trabalho começa em 1917, utiliza como tema os objetos da civilização industrial. Ele pinta *Discos* (1918), e *A Cidade* (1919). A partir de 1920, a figura humana passa a dominar suas telas. Até 1929, sua obra monumental povoada por heróis proletários *Mecânica* (1920) e *O Jantar* (1921) pertencem a esse período.

Lenin (1870-1924) – Pseudônimo de Vladimir Ilitch Ulyanov. Fundador do Partido Bolchevique e estrategista da Revolução de Outubro. Foi o fundador da 3ª Internacional Comunista e líder do governo soviético até adoecer, em 1922. Escreveu, entre outros títulos, *O que fazer*, *A doença infantil do esquerdismo*, e outros.

Levi, Mário (Suíça 1913) Artista plástico, naturalizou-se brasileiro, reside em São Paulo. Expôs em 1941 no Salão Nacional de Belas-Artes, no Rio de Janeiro, e, em 1942, no Salão do Sindicato dos Artistas Plásticos em São Paulo. Em 1944, participou da Exposição de Arte Moderna de Belo Horizonte.

Lima, Hermes (BA 1902-1978) – Livre-docente de Direito Constitucional da Faculdade de Direito de São Paulo. Como jornalista, trabalhou no *Correio Paulistano*, na *Folha da Manhã* e na *Folha da Noite*. Participou da missão encarregada de avistar-se com Goés Monteiro, comandante das forças legalistas, depois da derrota da Revolução Constitucionalista de 32, em nome da intelectualidade paulista. No Rio de Janeiro, ocupou a cadeira de Introdução à Ciência do Direito na Universidade do Rio de Janeiro e trabalhou no *Diário de Notícias*. Foi diretor da Faculdade de Direito do Distrito Federal. Participou da Aliança Nacional Libertadora e colaborou no *A Manhã*. Com o fechamento da ALN foi preso e demitido da Faculdade de Direito. Foi colaborador do *Correio da Manhã* durante o Estado Novo. Participou do 1º Congresso de Escritores de 45. Foi readmitido na Faculdade de Direito.

Fundador da União Democrática Nacional fez parte do grupo que fundou em 1945 a Esquerda Democrática, cujo manifesto defendia o socialismo com liberdade e, em 1947, adotou o nome de Partido Socialista Brasileiro (PSB). Apoiou a candidatura Eduardo Gomes. Eleito deputado à Constituinte pela Esquerda Democrática em chapa comum com a UDN, participou da Constituinte na subcomissão de ordem econômica. Bateu-se pela legalidade do PCB em 1947-48. Em 1950, lutou pela paz contra a guerra fria.

Negrão de Lima, Francisco (RJ 1981) – Prefeito do Estado do Rio no governo Kubitschek. Filiado à Aliança Liberal conspirou, na Revolução de 30, a favor da liderança de Getúlio Vargas. Apoiou o Estado Novo e o regime ditatorial. Ocupou o Ministério da Justiça e cargos diplomáticos. Filiou-se ao Partido Social Democrático, em 1945. Foi ministro das Relações Exteriores nomeado por Dutra. Apoiou a candidatura Vargas no pleito de 1950, nomeado ministro da Justiça.

Lima, Pedro Mota (Alagoas 1898 - Tchecoslováquia 1966) – Jornalista, revolucionário. Participou do movimento tenentista de 1922, foi secretário geral de *O Imparcial*. Na década de 20, fundou os jornais *A Esquerda* (1927) vinculado ao PCB e *A Batalha* (1925), no qual procurou aproximar o tenentismo do movimento operário dentro da Aliança Liberal. Foi fundador de *A Manhã* (1935) órgão da Aliança Nacional Libertadora. Trabalhou no jornal *O Globo* no qual organizava o suplemento semanal "O Expedicionário", destinado aos membros da FEB, Força Expedicionária Brasileira, em luta na Itália. Em 1945, foi delegado do Distrito Federal no 1º Congresso Brasileiro de Escritores. Foi diretor da *Tribuna Popular*, órgão do PCB em 1945, durante a legalidade, fechada em 1947. Em 1948, foi redator de *A Imprensa Popular*, órgão do PCB até 1958. Escreveu romances, *Zamor* (1940); *Idade da Pedra* (1950).

Lins, Álvaro de Barros (PE 1912 - RJ 1970) – Jornalista e professor, estréia com a *História Literária de Eça de Queirós* (1939). Foi crítico do *Correio da Manhã*, publicando o rodapé, "Jornal de Crítica" (1941-1963). Em 1951, ocupa cadeira de Literatura do Colégio Pedro II. Entre 1952 e 54, a convite do Itamarati, foi professor de Estudos Brasileiros da Faculdade de Letras de Lisboa. Embaixador em Lisboa entre 1956 e 1959.

Lisboa, Rosalina Coelho (RJ 1900-1975) – Poeta e romancista. Exerceu várias missões diplomáticas. Foi membro do Instituto de Cultura Hispânica. Escreveu, entre outros, o romance *A Seara de Caim* (1952).

Litvinov, Maksim Maksimovitch (1876-1951) – Político e diplomata soviético de origem judaica. Sua ascendência judaica e orientação antinazista obrigaram-no a abandonar o comissariado das Relações Exteriores, às vésperas do pacto Ribbentrop-Molotov. Depois da invasão do território soviético pelas tropas alemãs, foi nomeado embaixador nos EUA, até 1943. Retirou-se da vida política em 1946.

Lorca, Federico García (1899-1936) – É o mais famoso dos poetas espanhóis contemporâneos. Publicou várias obras, entre as quais, *Libro de Poemas* (1921), *Canciones* (1937), *Romanceiro Gitano* (1928) etc. Escreveu para o teatro, *Mariana Pineda* (1928), *La Zapatera Prodigiosa* (1930). O seu livro *Romanceiro Gitano* teve grande repercussão. O poeta foi assassinado nos primeiros anos da contra-revolução na Espanha e tornou-se o símbolo da resistência e da poesia revolucionária.

Macedo Soares, José Carlos de (SP 1883-1968) – Participou da Campanha Civilista. Na revolta de 5 de julho de 1924, na qualidade de presidente da Associação Comercial foi mediador das negociações entre as forças rebeldes de Isidoro Dias Lopes e as forças federais, no sentido de suspender o bombardeio da cidade. Exilado por três anos, de volta ao Brasil tomou parte na campanha da Aliança Liberal, ligando-se a Getúlio Vargas. Com a vitória da Revolução de 30, participou dos entendimentos sobre a formação do secretariado revolucionário em São Paulo. Nomeado João Alberto interventor em São Paulo, demitiu-se da pasta do Interior. Desempenhou missões diplomáticas no exterior. Participou da formação da Chapa Única por São Paulo Unido, desempenhando um papel mediador entre os políticos paulistas e o chefe do Governo Provisório. Durante o governo de Vargas foi indicado para a pasta das Relações Exteriores, recebeu a designação de "Chanceler da Paz" por sua atuação na assinatura do Protocolo de Paz do Chaco. Participou da repressão ao levante comunista de 1939. Vinculado à Bucha, sociedade secreta que se desenvolveu na Faculdade de Direito de São Paulo, ofereceu cobertura legal às atividades da entidade. Exonerou-se da pasta do Exterior em 1937, com vista às articulações em torno da sucessão presidencial. Foi indicado por Vargas para a pasta da Justiça, soltando presos políticos envolvidos no levante comunista. A "macedada" desencadeou violenta campanha contra o comunismo. Com a descoberta do "plano Cohen" ficou decidida a decretação do estado de guerra, o qual preparava o golpe de novembro. Macedo Soares pede demissão da pasta da Justiça. Foi presidente da Academia Brasileira de Letras (1942-43), e presidente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Com a democratização, foi a favor da candidatura Dutra. Deposto Vargas, foi designado interventor em São Paulo, durante o governo de José Linhares, a pedido de Dutra. Em 1947, foram realizadas eleições para governadores, com a vitória de Ademar de Barros. Macedo Soares deixou a interventoria do Estado em março de 1948. Foi nomeado para ministro das Relações Exteriores, em 1955, por Nereu Ramos, e mantido no cargo por Juscelino Kubitschek em 1956.

Magno, Pascoal Carlos (1906-1980) – Bacharel em direito, diplomata, dramaturgo e poeta. Fundador da Casa do Estudante do Brasil e do Teatro do Estudante do Brasil. Cronista teatral do *Correio da Manhã*. Autor do romance *Sol sobre as Palmeiras* (1944), *Amanhã será Diferente* (peça) 1945, *Seremos sempre Crianças* (1947) peça etc.

Maia, Francisco Prestes – Prefeito da capital paulista em 1938, durante a interventoria federal de Ademar de Barros, construiu o estádio do Pacaembu

e urbanizou a cidade retificando o Tietê. Permaneceu no cargo até outubro de 1945, afastando-se da vida pública. Volta em 1950 como candidato da UDN às eleições para o governo paulista, no pleito no qual saiu vitorioso Lucas Garcez. Nas eleições de 1954, voltou a concorrer com o apoio da UDN ao governo paulista, no qual foi eleito Jânio Quadros.

Malenkov, Georgi Maksimilianovitch (1902) – Político soviético. Secretário particular de Stálin (1932). Membro do Comitê Central do Partido Comunista (1935). Participou do Comitê de Defesa Nacional (1941-1945). Vice-presidente do Conselho dos Comissários do Povo (1946). Sucedeu a Stálin como chefe do governo (março 1953), substituído por Bulgarin, em 1955.

Malfatti, Anita (SP 1896-1964) – A exposição da jovem pintora Anita Malfatti em dezembro de 1917 provoca a polêmica de Oswald de Andrade contra a crítica de Monteiro Lobato, no *Jornal do Comércio* (11/1/1918). Em torno da celeuma provocada pela exposição da artista, o primeiro grupo modernista vai se aglutinando, Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Guilherme de Almeida, Di Cavalcanti, Menotti del Picchia, em defesa da arte moderna, apesar da incompREENSÃO a respeito da pintura expressionista. Participa da Semana de 22.

Malaparte, Kurt Suckert, dito Curzio (Prato 1898 - Roma 1957) – Escritor italiano, aderiu ao fascismo. À vida urbana opôs a "Itália Bárbara" das populações rurais. Descreveu os horrores da 2ª Guerra em *Kaputt* (1944); *La Pelle* (1949). Dirigiu o filme *O Cristo Proibido* (1950).

Malraux, André (Paris 1901-1976) – Escritor francês. Escreveu *A Tentação do Ocidente*, *Os Conquistadores*, *A Condição Humana* (1933), *A luta com o Anjo* (1943). Recebeu o prêmio Goncourt. Participante ativo da Resistência francesa no tempo da ocupação alemã, durante a Segunda Guerra Mundial. Mais tarde foi ministro da Cultura de De Gaulle.

Mangabeira, Otávio (BA 1886 - Rio 1960) – Participou da fundação da União Democrática Brasileira, em 1937. Fez oposição ao governo de Vargas, denunciando o golpe iminente. Aproximou-se da Ação Integralista Brasileira no movimento de resistência do Estado Novo. Foi preso e exilado em 1938. Voltou ao país em abril de 1945. Ligou-se à União Democrática Nacional e participou da campanha de Eduardo Gomes, esteve presente no comício do Pacaembu, em São Paulo. Foi eleito presidente da UDN. Foi eleito deputado à Assembléia Nacional Constituinte na legenda da UDN. Fez oposição a Vargas, em 1946, e foi contrário à cassação do registro do Partido Comunista do Brasil (PCB). Foi favorável à aproximação da UDN com o governo Dutra. Foi eleito governador da Bahia (1947-52), estimulando uma política de "união nacional". Foi um dos mentores do acordo interpartidário do governo Dutra, assinado em 1948. Em fins de 1949 seu nome foi cogitado para a sucessão, prevalecendo a candidatura de Eduardo Gomes. Fez oposição a Vargas, participando da campanha oposicionista que culminou nos fatos de

1954, com a deposição e suicídio de Vargas. Desligou-se da UDN, ligando-se ao Partido Libertador. Eleito deputado federal pela Bahia no pleito de 1954 na legenda da Coligação Baiana.

Maquis – Denominação dos grupos clandestinos de resistência francesa aos invasores, durante a Segunda Guerra Mundial, que lutavam em terreno coberto por matagal.

Marcondes, Alexandre (SP 1892-1974) – Fundador e diretor do *São Paulo Jornal*. Reeleito deputado federal em 1930 favorável a Júlio Prestes. Signatário do Manifesto do PRP contra o governo Vargas, na formação da Frente Única Paulista. Depois do Estado Novo, foi convidado por Getúlio Vargas para a vice-presidência do Departamento Administrativo do Estado de São Paulo, em 1938. Acumulou as pastas do Trabalho e da Justiça entre 1942 e 1945. Criou o imposto sindical, em 1942. No mesmo ano foi criado o Senai (Serviço Nacional de Aprendizagem) subordinado a Confederação Nacional da Indústria. Durante o processo de reorganização partidária, a partir de 1945, Marcondes Filho, apoiado por Vargas, passou a dedicar-se à organização do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), fundado em 15 de maio de 1945, cuja convenção nacional foi realizada ainda nesse ano. Marcondes e Getúlio foram escolhidos vice-presidente e presidente de honra do partido, presidido por Paulo Baeta Neves. Eleito senador por São Paulo à Assembleia Nacional Constituinte na legenda do PTB. Sempre fiel a Vargas seu nome foi cogitado para o governo de São Paulo no pleito de 1954. Em 1955, foi nomeado para o Ministério da Justiça do governo Café Filho, demitiu-se em abril, sendo substituído por Eduardo Prado Kelly, da UDN.

Maritain, Jacques (Paris 1882 - Toulouse 1973) Filósofo francês neotomista, combateu o bergsonismo, o qual considerava a mais audaciosa tentativa de nihilismo intelectual. Mais tarde foi um dos líderes da liberalização do catolicismo. Foi embaixador da França no Vaticano, de 1945 à 1948.

Martins, Amélia de Rezende (SP 1877-1948) – Autora de obras didáticas, conferencista, ensaista, professora, autora de livro sobre seu pai, o barão Geraldo de Rezende.

Martins, Luiz Caetano (RJ 1907 - SP 1981) – Poeta, romancista, cronista, ensaista, memorialista, crítico de arte, jornalista, técnico educacional. Membro da Academia Paulista de Letras, do Instituto Histórico Geográfico de São Paulo, Pen Clube de São Paulo, prêmios Jabuti (1980), medalha Mário de Andrade (1979). Pseudônimos: Martim Luz e L.M. Escreveu várias obras, entre as quais *Sinos* (1928) poesia; *Lapa* (1936) romance; *Cantigas da Rua Escura* (1950) poesia etc.

Marques, Oswaldino (MA 1916-) – Poeta, ensaísta, tradutor, teatrólogo, jornalista. Fundou o “cenáculo” Graça Aranha que foi um ponto de convergência das ideias modernistas de 22. Foi um dos fundadores da União Nacional

dos Estudantes (UNE), funcionário do Ministério da Educação. Recebeu vários prêmios, entre os quais, o Nacional de Crítica. Escreveu várias obras, entre as quais, *Poemas quase Dissolutos* (1946), *Sinto que sou uma cidade* (1947), *Ciméria* (1951) teatro, *Um Homem na Cerração* (1951) teatro; *Cravo bem temperado* (1952) poesia etc.

Marrey Júnior, José Adriano (1885-1965) – Foi um dos fundadores do Partido Democrático (PD), de São Paulo, criado em 1926 sob a liderança de Antonio de Almeida Prado, opondo-se à hegemonia do PRP, nos níveis estadual e federal. Foi um dos líderes mais destacados do PD na campanha da Aliança Liberal, tendo articulado em 1930, a visita de Getúlio Vargas a São Paulo. Marrey Jr. formava a corrente “populista à esquerda” dentro do PD. Em 1932, na Frente Única Paulista (FUP) foi signatário do Manifesto de Fevereiro. Durante o Estado Novo, é membro do Conselho Administrativo do Estado de São Paulo. Entre 1943 e 1945, sob interventoria de Fernando Costa, ocupou cargo de Secretário da Justiça e Negócios Interiores. Em setembro de 1945, foi fundador do Partido Popular Sindicalista (PPS) do qual foi presidente. Em 1946, o partido funde-se com o partido Republicano Progressista e o Partido Agrário Nacional, união da qual resultou o Partido Social Progressista (PSP) dirigido por Ademar de Barros.

Mauss, Marcel (1872-1950) – Sociólogo e antropólogo. A sua crítica da teoria e do método da etnologia influenciou autores como Claude Levi-Strauss. No estudo das sociedades iletradas, procurou preservar sua especificidade, sustentando a relação entre a psicologia e a antropologia. Escreveu, *Ensaio sobre a natureza e a função do sacrifício* (1899) e *Ensaio sobre o dom* (1925). Mauss escreveu sobre magia, sobre os rituais de luto e outros tópicos.

Mazzaroppi – Artista do cinema brasileiro, que fazia o tipo do caipira nas comédias.

Meireles, Cecília (RJ 1901-1964) – Poetisa, folclorista, professora. Estreou com *Espectros* (1919). Depois de 22, aproximou-se do grupo de *Festa*. A obra poética é pessoal, o lirismo também se nutre de inspiração popular e de fontes tradicionais. Obra de caráter espiritualista e universal. O livro *Viagem* (1939) foi premiado pela Academia Brasileira de Letras após a grande polêmica sobre a arte moderna. Publicou entre outros títulos, *Espectros* (1919), *Nunca Mais...* e *Poema dos Poemas* (1923), *Baladas para El Rei* (1924), *Viagem* (1939), *Vaga Música* (1942), *Mar Absoluto* (1945), *Retrato Natural* (1949), *Amor em Leonoreta* (1952), *Doze Noturnos de Holanda* (1952), *O Aeronauta* (1952), *Romanceiro da Inconfidência* (1953) etc.

Mendes, Fradique – Personagem de *A correspondência de Fradique Mendes*, de José Maria Eça de Queirós, tipo do dândi, cético e crítico, que é ao mesmo tempo observador brilhante da sociedade da época.

Mendes, Murilo Monteiro (MG 1901 - Lisboa 1975) - Colaborou nas revistas *Terra Roxa* e *Antroposagia* de São Paulo. Estreou com *Poemas* (1930), obteve prêmio *Graca Aranha*. *Historia do Brasil* (Rio, 1932) explora o poema piada. Em *Tempo e Eternidade*, em colaboração com Jorge de Lima, fez poesia confessional. A *Poesia em Píncio* exprime contradições religiosas. Outras obras: *O Visionário* (Rio, 1941), *As Metamorfoses* (Rio, 1944), *Mundo Enigma* (P. Alegre, 1945), *Poesia Liberdade* (Rio, 1947) e outras.

Menezes, Amílcar Dutra de - Oficial do Exército que exerceu no Estado Novo o cargo de diretor do Departamento Nacional de Imprensa e Propaganda, órgão encarregado da censura.

Menezes, Emílio de (PR 1866 - RJ 1918) Poeta, conferencista, jornalista, Boêmio, ficou famoso pela veia satírica e ferina. Eleito para a Academia Brasileira de Letras não tomou posse. Poeta lírico e satírico. Patrono de *O Pirralho*, revista dirigida por Oswald de Andrade entre (1912-1917). Pseudônimos: Neofito, Gaston D'Argy, Gabriel de Anuncio (1893), Cyrano e &ia. Emílio Pronto da Silva, Zangão. Escreveu entre outras obras, *Marcha fúnebre* (1893), *Poemas de Morte* (1901), *Mortalhas - os deuses em ceroulas* (1924) etc.

Mesquita Filho, Júlio (SP 1892-1969) - Contemporâneo de Oswald de Andrade na Faculdade de Direito São Francisco, jornalista. Ainda estudante participou da Liga Nacionalista em 1910. Bacharel em 1917. Passou a trabalhar no jornal *O Estado de S. Paulo*, de propriedade de seu pai. Em 1926, apoiou a criação do Partido Democrático, liderado por Antônio Prado. Em 1927, assume a direção do jornal com a morte do pai. Em 1929, com vistas à sucessão de Washington Luiz, apoiou o acordo entre o PD e o PRP para a candidatura de Júlio Prestes. Como o acordo não foi alcançado, passou a apoiar a candidatura oposicionista de Getúlio Vargas lançada pela Aliança Liberal e participou ativamente da campanha. Com a vitória da revolução de outubro apoiou o interventor João Alberto Lins de Barros. Em 1931, o PD publicou manifesto rompendo com João Alberto. Júlio Mesquita Filho concentrou seus esforços na criação da Liga de Defesa Paulista. Apoiou a revolução paulista de 32, na Frente Única Paulista. Foi preso e exilado. Em 1933, Armando Salles é nomeado interventor e Júlio Mesquita Filho retorna ao Brasil. Em 1934, obteve do interventor a aprovação de seu projeto que deu origem à Universidade de São Paulo. Apos 1936, adota posição de crítica ao governo de Vargas. Com o Estado Novo foi preso, exilado e finalmente confinado no Brasil até outubro de 1945. Vinculou-se à UDN. *O Estado de S. Paulo* é devolvido à família Mesquita mediante reembolso. A partir de 1946, desenvolve campanha para a revogação da Carta de 37. Em 1950, o jornal apoia a candidatura de Eduardo Gómes às eleições. Fez campanha no *Estado* contra o jornal governista *Última Hora*. Apoiou o governo Café Filho em 1954, e o golpe militar de 1964.

Mignone, Francisco - Compositor brasileiro (1897-1986) - Formado pelo Conservatório Dramático e Musical de São Paulo. Viaja para Milão em 1920,

regressando em 1929. Ingressa no movimento musical nacionalista. Compõe, entre outros, os bailados, *Maracatu do Chico Rei* (1933), *O Espantalho* (1941) inspirado em Portinari, *Yara* (1942), com cenários e figurinos de Portinari. Compõe obras de canto e piano sobre poemas de Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Oneida Alvarenga, Guilherme de Almeida e outros.

Miranda, Murilo – Diretor da *Revista Acadêmica*. Foi amizade literária de Oswald de Andrade, durante sua permanência no Rio de Janeiro, em 1939-40.

Mistral, Gabriela (1889-1957) – Poetisa chilena. Pseudônimo de Lucila Godoy. Publicou *Desolación* (1922), *Tala* (1938), os seus sonetos são dos mais notáveis da língua espanhola.

Molotov (Kirov 1890-Moscou 1986) – Viatcheslav Mikhailovich Skriabin, político soviético bolchevique, membro do Politburo, em 1926, presidente do Comintern (1930-34), Comissário do Povo das Relações Exteriores, (1939-49 e de 1953-56), e primeiro vice-presidente do Conselho de 1941 a 1946. Adversário de Krutchev, suas posições doutrinárias foram condenadas pelo XXII Congresso do Partido Comunista da URSS.

Mondrian, Pieter Cornelis – Chamado Piet (Holanda 1872 – Nova York 1944) – Pintor holandês. Foi paisagista dos arredores de Amsterdã no início da carreira, interessou-se pelas questões espirituais, tornou-se membro da Sociedade Filosófica. Em 1908, seu trabalho sofre uma transformação com o contato com o divisionismo do pintor Toorop. Pinta a série *Dunas e Torres de Westkapelle* (1908-1911). Em Paris, sofre a influência do cubismo, pintando a série de *Árvores*. Do cubismo chega à abstração de linhas e cores. Durante a Guerra, permanece na Holanda, desenvolvendo a abstração, em 1915. Nesse ano, conhece o pintor e poeta Theo van Doesburg, e a revista *De Stijl*, cujo primeiro número aparece em 1917. Mondrian escreve ensaios teóricos, *Realidade Natural e Realidade Abstrata*, um dos documentos da arte abstrata. Volta a Paris em 1919, continuando sua exploração do Neoplástico, das relações entre os temas verticais e horizontais. Algumas composições são variações do tema, como a série de pinturas entre 1929 e 1932. Em 1925, a Bauhaus publica seu livro, *Neue Gestaltung*, que foi publicado em Paris 1920, sob o título, *O Neoplastismo*. Escreveu artigos e ensaios para várias revistas. Em 1938, muda-se para Londres, e em 1940 para Nova York.

Monteiro, Gal. Pedro Aurélio de Goes (AL 1889 - RJ 1956) – Chefe do Estado-Maior da Revolução de 30, depois da recusa de Prestes. A ofensiva preparada em Itararé foi suspensa por Goes Monteiro, devido à notícia da deposição de Washington Luis por uma junta governativa provisória. A junta aceitava a posse de Vargas na Presidência da República. Criador da Legião de Outubro, visando dar unidade aos princípios da Revolução e do Clube 3 de Outubro, reduto dos "tenentes históricos"; contrário à constitucionalização do

país Comandante em São Paulo, em 1932. Candidato à Presidência da República, articulada pelo Clube 3 de Outubro, porém malograda pelo avanço de Vargas. Afinal eleito pela Constituinte. Viajou para os EUA em missão militar em 1939. Discute a posição estratégica brasileira com George Marshall. Góes Monteiro opõe-se, em 1942 ao rompimento com os países do Eixo, na III Reunião de Consulta presidida por Oswald Aranha. O conflito entre os militares e a diplomacia externa brasileira acentuou-se com o movimento da UNE a favor da entrada do Brasil na Guerra, na passeata de 4 de julho, apoiada por Oswald Aranha. Filinto Müller chefe de polícia do Distrito Federal pede demissão depois da passeata proibida pela Polícia Federal, mas realizada com êxito. Chefiou o movimento militar que depôs Getúlio Vargas.

Moraes, Vinícius de (RJ 1913-1980) – O poeta estreia na literatura nos anos 30. Oswald apelida-o carinhosamente de "Pequeno Pólega" ou de "Carlito", sublinhando o humor "chapliniano" da sua poesia moderna, apesar de utilizar as formas fixas, como o soneto. O crítico Oswald de Andrade distingue o soneto cultivado por Vinícius, do formalismo programático dos jovens poetas paulistas da geração de 40, apresentando-o como uma espécie de reabilitação do parnasianismo anacrônico.

Morand, Paul (1888) – Escritor e diplomata francês. Secretário da embaixada em Roma e em Madri, foi chefe das Obras Francesas no exterior. Nomeado embaixador na Romênia pelo governo de Vichy, demitiu-se em 1944.

Mourão, Noêmia (SP 1912-1992) – Em 1932, estuda com Di Cavalcanti, liga-se ao grupo de Flávio de Carvalho, Carlos Prado, Antônio Gomide e Di Cavalcanti. Em 1934, já casada vai para a Europa, e em Paris conhece Picasso, Cocteau, Unamuno, Saint Exupéry, Thot, Téger, Camus, Breton, Colette, Zara, Le Corbusier. Em Paris, faz programa da Rádio Diffusion Française para o Brasil, com Cícero Dias, Tavares Bastos, Marcelino de Carvalho, e dão notícias de artes, literatura e da luta contra o nazismo. Retorna ao Brasil em 1940. Estuda escultura com Brecheret, estuda desenho industrial, projeta cenários e figurinos para o Teatro Brasileiro de Comédia e, em 1954, desenha os cenários e figurinos do baile, *Fantasia Brasileira*, na comemoração do IV Centenário da Fundação de São Paulo.

Múcio Leão (PE 1898 - RJ 1969) – Redator do *Correio da Manhã* e do *Jornal do Brasil* (1923), substituiu João Ribeiro na coluna de crítica do *Jornal do Brasil* (1934). Fundador do jornal *A Manhã*, com Cassiano Ricardo e Ribeiro Couto, no qual criou o suplemento literário "Autores e Livros" (1941 a 1950). Exerceu cargos públicos e foi professor de jornalismo da Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil. Publicou entre outros, *Obras de João Ribeiro*, Crítica, Ed. Academia Brasileira de Letras, 1952.

Müller, Filinto Strubing (MT 1900 - Paris 1973) Chefe da polícia do Distrito Federal, nomeado em 1933. Durante a ditadura Vargas foi mantido em seu cargo. Viajou para a Alemanha, onde se encontrou com o chefe da Gestapo,

Heinrich Himmler. Acusado pelo tenente Severo Fournier de torturas contra os presos envolvidos no golpe de 1938. Afastou-se do seu cargo em 1942, por ocasião das lutas em torno da entrada do Brasil na guerra. Foi designado oficial de gabinete do ministro da Guerra, general Dutra, função que exerceu até 1943, quando foi nomeado presidente do Conselho Nacional do Trabalho.

Mut – Movimento Unificado dos Trabalhadores – Organização sindical de âmbito nacional, criada em abril de 1945, sem o reconhecimento do Ministério do Trabalho, com o objetivo de fortalecer a unidade sindical dos trabalhadores. Foi substituído pela Confederação dos Trabalhadores do Brasil (CTB), formada em setembro de 1946. O MUT representou uma projeção do PCB no plano sindical.

Nava, Pedro (MG 1903 - RJ 1984) – Poeta, memorialista, diplomado em medicina, professor. Foi membro de *A Revista* e do grupo *Verde* do modernismo de Minas. Autor do famoso poema "O defunto" e de vários trabalhos médicos. A partir de 1972, começou a publicação dos seus famosos livros de memória: *Baú de Ossos* (1972); *Balão Catiivo* (1973); *Chão de Ferro* (1976); *Beira Mar* (1979); *Galo-das-Trevas* (1981); *O círio perfeito* (1893) etc.

Neme, Mário (SP 1918-1973) – Escritor paulista. Fez parte do grupo que fundou a revista *Planalto*. Em 1941 publicou o livro de contos *Donana Sofredora*. Em 1942, participou da fundação da Sociedade Brasileira de Escritores, seção de São Paulo, como secretário. Foi um dos organizadores do I Congresso Brasileiro de Escritores, em São Paulo, em janeiro de 1945. Em 1946, foi eleito secretário perpétuo, cargo ao qual renunciou em dezembro de 1948. Em 1945, realizou um inquérito literário, sob a epígrafe, *Plataforma da Nova Geração*, no *O Estado de S. Paulo*, editado pela Globo.

Nei, Francisco de Paula (CE 1858 - RJ 1897) – Pseudônimo Paula Neiva (*in A Conquista e Fogo Fátilo*). Jornalista e boêmio carioca, participou da campanha abolicionista. Em 1889, lançou, juntamente com Coelho Neto, o jornal *O Meio*. Dirigiu *O Álbum* (1893-94). Escreveu para os jornais, *Gazeta de Notícias* e outros. Publicou sonetos na imprensa, entre os quais, "Adoração", "A trança", "Ao piano", "A abolição", e outros.

Nery, Adalgisa (RJ 1905-1980) – Poetisa e cronista estreou na *Revista Acadêmica*, escreveu contos e crônicas, publicados em *O Jornal*, *Dom Casmurro* e *O Cruzeiro*. Colaborou para o jornal *Última Hora*. Deputada pelo Partido Socialista Brasileiro pelo Estado da Guanabara, em 1960. Escreveu vários livros, entre os quais, *Eu em Ti* (1937) poesia, *Og* (1940), *Ar do Deserto* (1943) poesia, *Cantos de Angústia* (1948) poesia, *As Fronteiras da Quarta Geração* (1951) poesia, *A Imaginária* (1959) romance etc.

Nietzsche, Friedrich (1844-1900) – Foi nomeado em 1869, professor de filologia clássica na Universidade de Bâle, onde conheceu Burckhardt. Aposentado em 1879 por motivo de saúde. Foi amigo pessoal de Wagner, a quem dedicou

O nascimento da tragedia (1872). Grande leitor de Schopenhauer, cuja filosofia influenciou sua obra. Depois de 1888, publica seus cinco últimos livros e adoece em 1889. No livro escrito em 1873, *Verdade e mentira*, no sentido extramoral discute a origem do instinto de verdade relacionado a origem da linguagem. Publica de 1873 a 1876 quatro libelos, reunidos sob o título de *Considerações Inaturais*, os quais constituem um apelo à regeneração da cultura contemporânea. *Humano, Demasiado humano* (1878) foi dedicado a Voltaire. *Aurora* é publicado em 1881. Estes livros são constituídos por aforismos, os quais são de no máximo uma linha, e por fragmentos de algumas páginas, os quais correspondem a busca de um estilo de acordo com a tradição dos moralistas franceses, como Montaigne, etc. A *Gata Ciencia* (1882), concebido como uma segunda parte de *Aurora*, descreve o erro e o delírio como condições da existência cognoscente. O tema do eterno retorno aparece em toda sua amplitude em *Assim falava Zarathustra* (1883-1885), a obra mais celebre de Nietzsche. *Para além do bem e do mal* (1886) e a *Genealogia da moral* (1887) completam o pensamento do autor sobre o sentido da história. O tema do super-homem é o mais conhecido da obra de Nietzsche, anunculado no *Zarathustra* e no *Para além do bem e do mal* e o mais sujeito a interpretações abusivas, a partir de sua obra póstuma reunida em *A vontade do poder*.

Nogueira Martins, Rui (SP 1908) – Poeta, ensaísta, economista diplomado em direito, redator e secretário do *Estado de São Paulo* (1928-38), secretário da *Revista da Academia Paulista de Letras*, colaborou em jornais e revistas. Foi vereador. Fundador da Associação Paulista de Imprensa (1933-36). Publicou *Tirro de Cris*, em 1952, poesias de influência nilceana. Foi membro da Sociedade Paulista de Escritores e do Instituto dos Advogados do Brasil.

Novelli Júnior, Luís Gonzaga (SP 1907-19...) – Romancista, biógrafo, conferencista. Diplomado em Medicina (1931). Professor, político. Autor do romance *Santa Clara* (1944), *A Estrada que não era de Damasco*, e outros. Em 1945 filiou-se ao Partido Social Democrático. Deputado estadual por São Paulo na legenda do PSD, na Assembleia Nacional Constituinte, exerceu o mandato até 1947. Exonerou-se para assumir a Secretaria da Educação e Saúde de São Paulo, no governo Ademar de Barros. Exonerou-se do cargo e retornou à Câmara Federal em 1947, em protesto à substituição dos prefeitos nomeados pela administração anterior, de José Carlos de Macedo Soares, pelo governador Ademar de Barros. Em julho de 1947, candidatou-se a vice-governador apoiado por Ademar de Barros e pelo PSP. Deixou a Câmara e foi empossado vice-governador em 1948.

Paiva, Ataulfo de (RJ 1867-1955) – Orador, diplomado em direito, desembargador, ministro do Supremo Tribunal Federal, membro da Academia Brasileira de Letras.

Milliet da Costa e Silva, Sérgio (SP 1898-1966) – Estudou na Suíça, trabalhou como arquivista na Liga das Nações. Foi um dos animadores da Semana de 22. Foi gerente do *Diário Nacional*, colaborador de *O Tempo* e

secretário da redação de *O Estado de S. Paulo*. Fundador da Sociedade de Etnografia e Folclore, secretário do Partido Democrático. Colaborador do jornal *A Platéia*. Com Afonso Schmidt, Oswald de Andrade e outros, lança a revista *Cultura*, em 1935. Presidente da Sociedade Paulista de Escritores. Em 1943, foi diretor da Biblioteca Pública Municipal. Colaborador de *O Estado de S. Paulo*, *A Manhã* e das revistas *Claxon*, *Revista do Brasil*, *Terra Roxa*, *Observador Econômico*. Presidiu o Congresso de Poesia e o 2º Congresso Paulista de Escritores. Verteu para o francês obra de Oswald de Andrade. Em 1949, condecorado com a Cruz de Cavalheiro da Legião de Honra, viaja para a França a convite do governo. Publicou: *Oh! Valsa Latejante*, poemas, SP, 1944. *Diário Crítico* 2º vol., SP, Brasiliense, 1945; *Poemas*, Globo, 1946.

Partido de Representação Popular (PRP) – Partido político de âmbito nacional, fundado em 26 setembro de 1945 por Plínio Salgado. Nas eleições de 2 de dezembro de 1945, o PRP apoiou a candidatura Dutra à Presidência da República, na expectativa de indicação para a pasta da Educação. Por ocasião do fechamento do PCB, o PRP foi mantido devido às alianças com outros partidos. Nas eleições de 1950, o partido apoiou a candidatura do Brigadeiro Eduardo Gomes, em aliança com a UDN, proposta por José Eduardo Prado Kelly. Na sucessão presidencial de agosto de 1954, o PRP lança a candidatura de Plínio Salgado.

Pedrosa, Mário (PB 1900 - RJ 1981) – Jornalista, passou a colaborar para o *Correio da Manhã*, em 1943, escreveu artigos sobre Alexander Calder. Em abril de 1945, participou da criação da União Socialista Popular (USP), integrado por trotskistas da LCI, dissidentes do PCB e por socialistas independentes, com a finalidade de formar um grande partido socialista. Foi um dos fundadores da Vanguarda Socialista, do qual foi diretor. A USP levou seus militantes a se candidatarem pela legenda da recente (UDN) União Democrática Nacional, apoiando Eduardo Gomes. A criação do PSB, em agosto de 1947, levou alguns trotskistas a aderir ao partido, entre os quais, Mário Pedrosa. A Vanguarda Socialista foi levada para o Partido Socialista Brasileiro (PSB) dirigido por Hermes Lima. Em 1945, criou a seção de artes plásticas do *Correio da Manhã*. Afastou-se do *Correio da Manhã* para trabalhar na *Tribuna da Imprensa*. Fez concurso para a Faculdade de Arquitetura, tornado-se Livre-Docente em 1952. Em 1953, foi encarregado de organizar o programa da II Bienal de São Paulo. Em 1954, retornou ao Brasil, reassumindo suas atividades de professor e de jornalista. Escreveu várias obras, entre as quais *Artes, necessidade vital* (1949), *Dimensões da Arte* (1951), *Forma e Personalidade* (1951), *Panorama da Pintura Moderna* (1951) etc.

Peixoto, Júlio Afrânio (BA 1876 - RJ 1947) – Romancista e ensaísta. Estréia com poemas em prosa à maneira simbolista, com *Rosa Mística* (1900). Como romancista publicou *Fruta do Mato* (1920), *Uma Mulher como as Outras* (1928) etc. Como crítico combateu o Modernismo.

Pereira, Lúcia Vera Miguel (MG 1903-1959) – Colaborou no *Boletim de Ariel*. Exerceu atividade crítica na *Gazeta de Notícias* (1934-39). Colaborou ainda em *O Jornal*, *A Lanterna Verde*, *Revista do Brasil*, *Correio da Manhã* e outros no Rio, e em *O Estado de São Paulo*. Romancista, ensaista e historiadora, publicou *Machado de Assis*, 1936, *A vida de Gonçalves Dias* (1943); *História da Literatura Brasileira* – prosa de ficção (de 1870 a 1920), 1950.

Pessoa, Epitácio Lindolfo da Silva (PB 1865 - RJ 1942) – Foi presidente da República em 1919, nomeou um civil para a pasta da Guerra, Pandiá Calógeras e Raul Soares de Moura, político mineiro, para a pasta da Marinha. Em 1920, decretou a intervenção na Bahia, estabelecendo polêmica com o líder da oposição no Estado, Rui Barbosa. Governou com a oposição de São Paulo, do Rio Grande do Sul e do Estado do Rio, entre 1920 e 1921. Com a vitória de Artur Bernardes nas eleições de março de 1922, empossado em 9 de junho, intensificaram-se as conspirações militares contra o governo. No dia 5 de julho eclodiu a revolta do Forte de Copacabana, no Rio, episódio que iniciou o ciclo de insurreições tenentistas da década de 20. O comandante do Forte foi preso e Epitácio Pessoa cercou o forte. Disposto a resistir, 27 homens abandonaram o forte e enfrentaram as forças legalistas. Debelada a revolta, Epitácio obteve do Congresso a decretação do Estado de Sítio no Distrito Federal e no Rio de Janeiro. O *Correio da Manhã*, jornal oposicionista, foi fechado e seu proprietário, Edmundo Bittencourt, foi detido, durante o Estado de Sítio. Epitácio Pessoa foi criticado por não ter evitado o levante, preferindo esmagá-lo. Epitácio transmitiu a Presidência a seu sucessor Artur Bernardes, em 15 de novembro de 1922. Epitácio Pessoa apoiou a Revolução de 30, mas preferiu que o movimento mantivesse um cunho civil, dirigido por Vargas. Participou como presidente da Comissão Permanente de Codificação ao Direito Internacional Público, em 1932.

Picasso, Pablo (Málaga 1881-Paris 1973) – Pintor, escultor, desenhista, gravador, cenógrafo, de origem espanhola. Viajou para Paris em 1900. A “fase azul” (1901 – 1904) acusa a influência das cenas de Montmartre de Toulouse-Lautrec, desta fase são bem conhecidos, entre outros, as obras *A Vida* (1903), *Célestine* (1903), *As Duas Irmãs* (1904). Instalado no “Bateau-Lavoir” em Montmartre seu atelier foi um ponto de encontro de artistas e escritores da época. Os poetas Apollinaire, Max Jacob, André Salmon, Pierre Reverdy, os pintores, André Derain, Van Dongen, e Juan Gris freqüentavam o atelier. A “fase rosa” (1905 – 1906) apresenta cenas de circo, *A Família do Arlequim* (1905), *Acrobatas com Cachorro* (1905), etc. As *Demoiselles D'Avignon*, em 1907, representam uma revolução na pintura moderna, influenciada pela arte negra. Juntamente com Braque, lidera o movimento de renovação na arte, o cubismo. Em 1911, termina a fase analítica do cubismo e inaugura a fase sintética, o *Arlequim*, de 1915, exprime o caminho percorrido até então.

Pimentel, Osmar (RJ 1912-19...) – Ensaísta, crítico literário, jornalista, membro da Academia Paulista de Letras. Escreveu vários livros, entre os quais *Apontamentos de leitura* (1959), coletânea de estudos.

Pinheiro, Oswaldo (SP 1890 - França 1923) – Estudou com Carlos de Servi em São Paulo. Foi pensionista do governo de São Paulo, em 1911, na Academia Julien. Pintor de paisagens e de figuras humanas, tem obra no acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo.

Pinto, Edgard Roquete (RJ 1884-1954) Formado em medicina, foi antropólogo e pioneiro da radiodifusão e do cinema educativo. Diretor do Museu Nacional e diretor do Instituto Nacional do Cinema Educativo. Publicou trabalhos científicos e literários, entre os quais “Ensaios de Antropologia Brasileira” e “Rondônia”.

Pinto, Edmundo Barreto (1900-1972) – Lançou a candidatura José Américo de Almeida à Presidência da República, no pleito previsto para janeiro de 1938. Fundador do Partido Trabalhista Brasileiro, PTB, em 1945. Deputado da Assembléa Nacional Constituinte pelo Distrito Federal legenda PTB. Lutou pela restauração da Carta em 1934. Em 1946, pediu pela primeira vez o cancelamento do registro do Partido Comunista do Brasil (PCB), baseado nas declarações de Carlos Prestes aos jornais sobre o apoio à União Soviética em caso de guerra com o Brasil. Barreto Pinto alegou que o PCB era uma organização internacional, dirigida de Moscou, incompatível com a democracia. Em 1947, Justiça Eleitoral cancela o registro do PCB.

Pinto, Heráclito da Fontoura Sobral (MG 1893-1991) – Advogado. Ingressou no Centro Dom Vital em 1928 e escreveu para a revista *A Ordem*. Embora o Centro Dom Vital apoiasse a Revolução de Outubro, Sobral Pinto publicou artigos de crítica ao governo provisório de Vargas, em *A Ordem*. Aderiu à liga eleitoral católica em 1933. Em 1936, foi encarregado pela seção carioca da Ordem dos Advogados do Brasil de defender Luís Carlos Prestes e Harry Berger. Colaborou no *Jornal do Comércio* até 1942. Até a decretação da Anistia, Sobral Pinto empenhou-se em obter condições dignas de prisão para Prestes e Berger, a quem as torturas acabaram por enlouquecer. Em 1945, assinou manifesto da Resistência Democrática contra a ditadura Vargas. Foi criador da Liga de Defesa da Legalidade, em 1955, com vistas a garantir a posse de Juscelino Kubitschek e de João Goulart. Apoiou o movimento de 31 de março de 1961. Passou a fazer oposição ao regime. Eleito presidente do Centro Dom Vital, em 1967. A partir do AI-5, Sobral Pinto assumiu a defesa de vários acusados de crimes políticos. Voltou a defender Prestes em 1978.

Pitt – William Pitt, conde de Chattam (1708-1778) – Estadista *whig*, nacionalista, preocupado em formar o império colonial para a Inglaterra. No seu segundo ministério (1766-68) apoiou os colonos americanos contra a lei do selo e procurou sustar as medidas que levariam a guerra da independência norte-americana.

William Pitt (1759 – 1806) – O “segundo Pitt” deputado *whig* independente, destacou-se na defesa de reformas econômicas preconizadas por Burke e na oposição à guerra na América. Como ministro respaldou os esforços

pela abolição da escravidão. Favorável à Revolução Francesa, mas em 1793 rompeu com a França temendo a penetração das ideias revolucionárias na Inglaterra. Foi a seguir um dos mais encarniçados adversários de Napoleão.

Ponar, Pedro Ventura Filipe de Araújo (PA 1913 - SP 1976) – Ingressou no Partido Comunista do Brasil (PCB) em 1935. Participou como estudante da Frente Única Paraense (FUP) contra o governo federal. Foi Dirigente da Aliança Nacional Libertadora no Pará, ao lado de João Amazonas. Com a eclosão do levante militar promovido pela ANL e liderado pelo PCB, foi preso em 1936. Com o Estado Novo passou para a clandestinidade, compondo com João Amazonas a direção regional do PCB, no Pará. Participou da CNOP em 1942, e transferiu-se para São Paulo. Com a anistia, foi candidato a deputado pelo Pará pelo PCB, em 1945. Foi diretor da *Tribuna Popular*, de 1945 a 1947. Eleger-se deputado federal por São Paulo, na legenda do PCB, em 1947. Foi responsável pela supervisão de 25 jornais do PCB em todo o país. Na ilegalidade do PCB, disputou cargo executivo do Comitê Central, sendo derrotado e progressivamente afastado do Partido, em 1951 e 1952, transferido para o Rio Grande do Sul. Em 1952-53, reabilitado, participou do comitê especial organizado em São Paulo para dirigir as greves contra a carestia. Foi enviado à União Soviética e de volta ao Brasil fixou-se em São Paulo. Por ocasião da luta interna do Partido, a partir de 1956, posicionou-se contra o grupo liderado pela "Voz Operária", o qual defendia o debate amplo e aberto sobre a democratização do Partido. Foi expulso do Partido em 1961 contra as teses do V Congresso do PCB, em 1960, contra a Frente Unida, contra o imperialismo.

Portinari, Cândido Torquato (SP 1903 - RJ 1962) – Formou-se na Escola de Belas-Artes, aluno de Lucílio de Albuquerque, Rodolfo Amoedo, Batista da Costa. Em 1922, estreia no Salão Nacional de Belas-Artes. Arrebata prêmio ao estrangeiro em 1925. Volta de Paris em 1930. Em 1935, expõe Café na Exposição Internacional do Instituto Carnegie. Responsável por monumentos públicos, em 1936, executa os monumentos rodoviários da Estrada Rio-São Paulo; o afresco do Ministério da Educação e Saúde, 1945; o mural da igreja da Pampulha, de Belo Horizonte; "Via Sacra", e muitas outras obras, como a da sala da Biblioteca do Congresso em Washington, etc. Participa da Bienal de Veneza, em 1950. Grande muralista, suas obras acusam afinidades com os pintores mexicanos de murais. Foi militante do PCB e, na década de 40, candidatou-se a senador.

Prestes, Luís Carlos (RS 1898) – Secretário geral do PCB, Partido Comunista do Brasil, depois Partido Comunista Brasileiro, a partir de 1948. Participou das articulações da revolta militar de 5 de julho de 1922, contra Artur Bernardes, mas não participou do levante do Forte de Copacabana. Durante a revolução de 1924 manteve-se afastado do Exército. Participou dos preparativos para a revolução no Rio Grande do Sul, vinculando sua revolta à de São Paulo. Assumiu o comando da Coluna constituída pelo Regimento da Cavalaria, do

Batalhão Ferroviário e civis, a qual decidiu ir ao encontro de Isidoro. Em abril de 1925, a Coluna juntou-se à divisão de São Paulo. A união da Brigada de Prestes com a Brigada paulista constituiu-se na Coluna Prestes – Miguel Costa. Em 23 de março de 1927, encerrou-se a marcha da Coluna que percorreu 13 Estados para disseminar os princípios revoltosos do manifesto “Motivos e Ideais da Revolução”. Durante o exílio na Bolívia, Prestes foi procurado por Astrogildo Pereira, secretário geral do PCB, que publicou a entrevista no jornal *A Esquerda*, em 1928. O aniversário de Prestes foi comemorado pelos jornais da oposição, como o “Dia do Cavaleiro da Esperança”, expressão criada por Siqueira Campos, ou pelo jornal *A Esquerda*. A partir de 1928 começa a ler obras marxistas. Aproximou-se de Ghioldi, na Argentina. A delegação brasileira à I Conferência Latino-Americana dos Partidos Comunistas propôs a Prestes uma aliança entre os tenentes e o PCB, recusada por Prestes. Prestes não se filiou ao movimento da Aliança Liberal, apesar do encontro com Getúlio em 1929, no Rio Grande do Sul.

Em manifesto de abril de 1930, Prestes caracteriza a revolução que se prepara como luta entre as oligarquias dominantes, publicado no jornal paulista *Diário Nacional*, de maio de 1930. Preso em Buenos Aires mudou-se para Montevidéu de onde combateu o governo revolucionário de Vargas. Prestes é aceito no PCB pela intervenção do Comintern, em 1934. Volta ao Brasil para preparar a revolução, de acordo com a orientação do Comintern. Em 1935, fundava-se a Aliança Nacional Libertadora, de frente ampla contra o fascismo. Prestes foi aclamado Presidente de Honra, pois estava clandestino. Com a radicalização da ANL com o manifesto de Prestes conclamando à revolução e à deposição de Vargas, o governo criou a Lei de Segurança Nacional, e a ALN foi fechada. A Revolta Comunista de 1935 foi sufocada, depois de sua eclosão em Natal, no Recife e no Rio de Janeiro, a 27 de novembro.

O movimento armado serviu de pretexto para os preparativos para o golpe de 1937 e a instalação do Estado Novo. Prestes é preso em 1936 e só é libertado com a Anistia, em 1945.

PSP – Partido Social Progressista – Partido de âmbito nacional criado em 1948 para suceder ao Partido Republicano Democrático. Foi extinto em 1958, quando seus membros fundaram o Partido Rural Trabalhista (PRT).

Queirós, Dinah Silveira de (SP 1917 - RJ 1982) – Romancista, novelista, contista, teatróloga, crítica literária, jornalista, autora de literatura infantil, radialista. Membro da Academia Brasileira de Letras. Prêmio Antônio Alcântara Machado da Academia Paulista de Letras, em 1940, e outros. Casada com diplomata, exerceu a difusão da cultura brasileira em diversos países. Escreveu, entre outros, o romance *Floradas na Serra* (1939), *Margarida la Rocque* (A Ilha dos Demônios) (1949), *A Muralha* (1954) romance etc.

Quintana, Mario de Miranda (RS 1906-1994) – Poeta, contista, cronista, jornalista e tradutor. Estreou com *Rua dos Cata-Ventos* (PA 1940) coletânea de sonetos neo-simbolistas. *Canções* (1946), poemas em prosa *Sapato Florido* (1948), *Espelho Mágico* (1948) e outros.

Ramos, Artur (Alagoas 1903-1951) – Professor de Etnologia da Universidade do Brasil. Estreou com a tese de Doutorado "Primitivo e Loucura" na Faculdade de Medicina da Bahia. Publicou, entre outros trabalhos científicos, *O Negro Brasileiro. O folclore negro. As culturas negras do novo mundo*, e os dois volumes da *Introdução à Antropologia Brasileira*.

Ramos, Graciliano (AL 1892 - RJ 1953) – Durante a ditadura Vargas em 1936, é preso e enviado ao Rio. Libertado no ano seguinte, trabalha como revisor em jornais. Nomeado Inspetor Federal do Ensino, em 1939. Entra para o Partido Comunista do Brasil (PCB), em 1945. Em 1952, faz longa viagem a Tchecoslováquia e Russia, onde seus livros são traduzidos. *Memórias do Cárcere* é publicado logo após a sua morte. O seu regionalismo é de caráter social e universal. Romance e memória às vezes se confundem. A prosa é coloquial, seca e direta. Publicou várias obras, entre as quais *Caetés* (1933), *São Bernardo* (1934), *Angústia* (1936), *Vidas Secas* (1938), *História de Alexandre* (1944), *Dois Dedos* (1945), *Insônia* (1949), *História Incompleta* (1946); *Memória do Cárcere* (1953), *Viagem* (1954).

Ramos, Péricles Eugênio da Silva (SP 1919-1992) – Poeta, crítico e ensaista paulista, subdiretor do *Correio Paulistano*. Foi-diretor da Divisão de Divulgação do DEIP, diretor e fundador da *Revista Brasileira de Poesia*. Em 1947, com *Lamentação Floral* conquistou o prêmio "Fabio Prado" da Sociedade Paulista de Escritores. Um dos redatores do Suplemento de Literatura e Arte do *jornal de São Paulo*. Em 1949, medalha de Prata da "Arts, Sciences et Letres" no Ministério de Educação da França. Publicou poemas nas coletâneas, *Coletânea de Poetas Paulistas* organizada por Eneas de Moura, 1948, *Panorama da Nova Poesia*, organizada por Fernando Ferreira de Loanda, Ed. Orfeu, 1947-49.

Rangel, José Godofredo de Moura (MG 1884-1951) – Pertenceu ao grupo do "Minarete", cenáculo presidido por Monteiro Lobato, em São Paulo, quando estudante. Já formado, fez carreira de juiz e professor no interior de Minas, onde escreveu e traduziu. Correspondeu-se com Lobato durante 10 anos, dessa correspondência só se conhecem as cartas de Lobato, reunidas na *Barca de Gleyre*. Escritor da vida cotidiana do interior em *Vida Octosa* (SP, 1920). Escreveu, entre outros, os contos de *Os Humildes* (SP, 1944).

Rao, Vicente Paulo Francisco (SP 1892-1978) – Diplomado em direito, em 1912, participou da criação do Partido Democrático, em 1926, colaborou no *Diário Nacional* orgão oficial do PD. Defendeu a candidatura de Vargas à Presidência da República em 1930, contra a candidatura de Júlio Prestes de Albuquerque, apoiada pelo presidente Washington Luís e pelo Partido Republicano Paulista. O PD articulou a deposição de Washington Luís em São Paulo, com a adesão dos "tenentes". Foi chefe de polícia durante o governo provisório que depôs Washington Luís. Rao demitiu todos os antigos titulares das principais delegacias do Estado, nomeando, para ocupar as

vagas, Aureliano Leite, Paulo Duarte, Paulo Nogueira Filho e Carlos Morais de Andrade, todos fundadores do PD. No dia 3 de novembro, a junta governativa entregou o poder a Getúlio Vargas, que nomeou João Alberto para interventor federal em São Paulo. Por discordar da nomeação, o secretariado demitiu-se, resolução apoiada por Vicente Rao. Em fins de novembro acentuaram-se as divergências entre João Alberto e o secretariado, destacando-se Vicente Rao na discordância. O governo de 40 dias foi encerrado em 3 de dezembro de 1930. Foi eleito para o diretório central do PD em 1931. Foi um dos autores do manifesto do PD de março de 31 a favor da convocação de uma Constituinte. Em 1932, integrou delegação do PD que se dirigiu a Vargas exigindo para São Paulo um "interventor civil e paulista". Em 1932, o PD rompeu com o Governo Provisório em manifesto, redigido por Francisco Morato, assinado por Vicente Rao e outros. Foi signatário do manifesto de criação da Frente Única Paulista. Depois do malogro da Revolução Constitucionalista, exilou-se na França. Participou da formação do Partido Constitucionalista de São Paulo, em 1934. Foi nomeado para a pasta da Justiça e Negócios Interiores do novo Ministério do governo Vargas. Participou da fundação da Universidade de São Paulo. Foi o responsável pela elaboração da Lei de Segurança Nacional de abril de 1935. Foi o responsável pelo fechamento da Aliança Nacional Libertadora (ANL), em julho de 1935, alegando provas da ligação da entidade com a III Internacional. Em 1936, Rao criou a Comissão Nacional da Repressão ao Comunismo. Por ordem de Rao foram detidos os membros do Grupo Parlamentar Pró-Liberdades Populares. Defendeu a decretação do Estado de Guerra por 90 dias, em 1936. Exonerou-se do Ministério da Justiça em 1937. Com o Estado Novo sofreu perseguições políticas. Voltou à vida pública durante o segundo governo Vargas na pasta das Relações Exteriores, em 1953. Com a morte de Vargas, em 1954, deixou o Ministério.

Rasputin, Gregory Efemovitch – Monge russo, que exerceu profunda influência mística sobre os imperadores. Foi assassinado em 1916.

Rego, Costa (Alagoas 1889-1954) – Jornalista do *Correio da Manhã*, ocupou cargos políticos em sua terra natal.

Reis, Marcos Konder (SC 1922) – Poeta, romancista, contista, cronista. Diplomado em engenharia. Integrante da chamada Geração 45. Escreveu entre outras obras, *Introito* (1944) poesia, *Tempo e Milagre* (1944) poesia, *Davi* (1946) poesia, *Apocalipse* (1947) poesia, *Menino de Luto* (1947) poesia, *O templo da estrela* (1948) poesia, *A Herança* (1951) poesia, *Lauro Muller* (1953) biografia etc.

Revista Acadêmica – Direção de Murilo Mendes, Rio de Janeiro. O título da revista literária explica-se pela origem estudantil da publicação, como revista dos acadêmicos da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. Oswald publica um *Diálogo das Vozes Segalianas* no nº 64, julho de 1944, sobre a obra gráfica do artista.

Ribeiro, Aquilino (Beira Alta 1885) – O livro de estreia foi *Jardim das Tormentas* (1913), publicado em Paris. Os romances, *A Via Siniosa* (1918), *Lápides Partidas* (1945), *Cinco Reis de Gente* (1948), *Uma luz ao longe* (1949) e a novela, *Domingo de Lázaro* (1957), rememoram passagens da infância e da mocidade do autor. Ensaísta, tradutor, crítico e biógrafo, publicou entre outras obras, *Aldeia* (1946), *O Arcanjo Negro* (1947), *A Casa Grande de Romarigães* (1953) etc.

Fernandes, João Batista Ribeiro de Andrade (SE 1800 – RJ 1934) – Jornalista, colaborou nos principais jornais do país. Ocupou cargo público na Biblioteca Nacional e em 1887 uma cadeira no Colégio Pedro II. Membro da Academia Brasileira de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico. Foi um dos promotores da reforma ortográfica em 1907. Escreveu para o *Jornal do Brasil*, de 1925 até 1934. Ai escreveu, crônicas, ensaios, crítica. Erudito, deixou obra vasta em vários domínios, poeta, crônista, moralista, historiador, filósofo, dicionarista e gramático. Escreveu, entre outras obras, a *Gramática Portuguesa*, *História do Brasil*, *Páginas de Crítica* além do *Dicionário Gramatical* (1889), *Versos* (1890), *Estudos Filosóficos* (1902), *Compêndio e História Literária Brasileira* (1909) etc.

Ribeiro, Joaquim (RJ 1907-1964) – Ensaísta, romancista, poeta, contista, dramaturgo, jornalista, folclorista, diplomado em Direito, professor universitário, crítico literário, compositor, roteirista, radialista, técnico em educação. Membro da Academia Brasileira de Filosofia, menção honrosa da Academia Brasileira de Letras. Autor de *Folclore Brasileiro* (1944), *Folclore dos Bandeirantes* (1946), e outras obras.

Ricardo, Cassiano (SP 1895-1974) – Participou do movimento modernista, Verde-Amarelo e Anta. Dirigiu várias revistas literárias, entre outras, *A Manhã*. Pertenceu ao Conselho Federal de Cultura, à Academia Paulista de Letras e à Academia Brasileira de Letras. Publicou, entre outras obras, *Dentro da Noite* (1915), *A flauta de pau* (1917), *Jardim das hesperides* (1920), *A mentirosa de olhos verdes* (1924), *Vamos caçar papagaios* (1926), *Borboes de verde e amarelo* (1926), *Martim Cére* (1928) etc. Durante a ditadura Vargas apoiou a política cultural do regime.

Rilke, Rainer Maria (1875-1926) – O poeta, descendente da minoria alemã de Praga, expatriou-se cedo, percorrendo vários países. No *Livro das Imagens* já apareceram os temas permanentes da poesia rilkeana: a Morte, como sentido ideal da vida terrestre; e os Anjos, como arquétipos espirituais do homem. Durante a vida toda, do *Livro das Horas* até as *Elegias de Duino*, o poeta foi anticristão. Os *Poemas Novos* mostram a influência da escultura de Rodin. Nas obras herméticas, *Elegias de Duino* e *Sonetos a Orfeu* o poeta se aproxima de um existencialismo ontológico, antecipando conceitos de Heidegger.

Rivera Jr., Odorico Bueno de (MG 1911-1982) – Poeta, locutor, laboratorista, prêmio Academia Mineira de Letras (1949). Participou com destaque no

1º Congresso Paulista de Poesia (1948). Estréia *Mundo Submerso* (Rio 1944) de acordo com Domingos Carvalho da Silva, primeiro grande livro da nova geração, exprime os ideais do neomodernismo. *Luz do Pântano* (1948).

Rodrigues, Flávio – Presidente da União dos Lavradores de Algodão do Estado de São Paulo.

Rodrigues, Nelson (PE 1912 - RJ 1980) – Jornalista, dramaturgo. A peça de estréia é *A Mulher sem Pecado*, na qual já se verifica a vinculação entre teatro e crônica jornalística, drama e folhetim, enredo e "fait divers", presente na dramaturgia subsequente do autor. *Vestido de Noiva*, cuja estréia foi no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, em 1943, sob direção de Ziembinski e com o grupo Os Comediantes é um marco na evolução da dramaturgia brasileira, o interesse do drama é deslocado da trama para a maneira de apresentá-la. *Álbum de Família*, de 1945, foi censurada. A obsessão com o drama familiar, como o incesto, o filicídio, o parricídio, etc. tornam-se presentes na dramaturgia de Nelson Rodrigues, a partir de *Senhora dos Afogados* (1947), em *Dorotéia* (1949). Além do chamado "filão místico" e das "peças psicológicas", há no teatro do autor as chamadas "tragédias cariocas", como *A Falecida* (1954) etc. Foi cronista de futebol e do cotidiano carioca e folhetinista, sob o pseudônimo de Suzana Flag.

Rolland, Romain (1866-1944) – Escritor francês, autor do romance, *Jean-Christophe*, de caráter pacifista. Durante a 1ª Guerra Mundial escreve seu melhor romance, *Colas Breugnon*, contra a violência. Fundador da revista *Europe*, em 1922. Interessou-se pela Rússia Soviética, da perspectiva do seu idealismo humanitário. No contexto da mobilização a favor da entrada do Brasil na guerra contra o Eixo, e na luta contra o regime de Vargas, Oswald de Andrade ataca os fascistas detratores do humanismo de Romain Rolland.

Rosenberg, Alfred – Expositor da teoria racista do nazismo, no livro, *Mito do Século XX* (1930).

Sachs, Maurice Ettinghansen (1906-1945) – Escritor francês. Foi preso durante a ocupação nazista na França num campo de trabalho forçado. Autor de *O Sabá. Recordações de uma mocidade tempestuosa* (1946), *Quadros e costumes deste tempo* (1954). Fez parte dos círculos aventureiros e vanguardistas de Paris.

Salgado, Plínio (SP 1895-1975) – Tomou parte no movimento modernista, Verde-Amarelo e Anta. Fundador da Ação Integralista Brasileira (1932). Fundou e dirigiu diversos jornais. Membro da Academia Paulista de Letras. Publicou, entre outras obras, *Tabor* (1919); *A anta e o curupira* (1926), *O Estrangeiro* (1926) romance; *Literatura e Política* (1927) ensaios; *O curupira e o carão* (1927) em colaboração com Cassiano Ricardo e Menotti del Picchia; *O Esperado* (1931) romance, etc. Adversário literário e político de Oswald de Andrade.

Sarmiento, Domingo Faustino (1811-1888) – Presidente da República Argentina lutou contra Quiroga. Em 1852, liga-se a Urquiza, chefe do exército libertador. Presidente da República entre 1868-74, pôs fim à guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai, em 1870. Autor do livro *Facundo – Civilização e Barbárie*.

Sartre, Jean Paul (1905-1980) – A filosofia de Sartre é inseparável de uma vida e de uma obra, que se estendeu por vários domínios, a filosofia, o romance, o teatro, a biografia, autobiografia, jornalismo, rádio, interferência da militância política, etc. Dos seus sete escritos filosóficos, três se destacaram como obras maiores, *O Imaginário* (1940), *O ser e o nada* (1943), *Crítica da Razão Dialética* (1960). A filosofia fez parte do conjunto de sua vasta obra de escritor. Sartre descobriu a fenomenologia de Husserl, em 1931. *A Nauséa*, obra filosófica e romance, consiste na tentativa de reescrever Proust, de *À Procura do Tempo Perdido*, utilizando o método fenômenológico e através da leitura de Kafka. Colaborador de *Nouvelle Revue Française*, *O Imaginário* retoma a questão de imaginação orientando-se para uma perspectiva estética. Através do método da "redução fenomenológica", Sartre estuda a função irrealizante da consciência imaginadora, a qual postula seu objeto como ausente, em oposição à consciência perceptiva a qual propõe-na como presente e real. A função imaginativa e a consciência total na medida em que realiza sua liberdade. A leitura de Heidegger e a guerra marcam a filosofia de Sartre nos anos 40, fazem-no refletir sobre a historicidade e a autenticidade como exigências próprias da consciência. A ontologia de *O ser e o nada* procede de uma abordagem totalizante, a qual reencontra o problema da liberdade, nos diferentes níveis, nos quais se descobriu a realidade humana. A liberdade é vivida como angústia: existir e projetar-se para o futuro, destacando-se da imanência do ser e postulando valores, os quais só possuem como origem o para si. A existência precede a essência é a fórmula que resume o existencialismo sartiano para o público do pos-guerra e o distingue dos existencialismos cristãos (Kierkegaard, Jaspers, Gabriel Marcel).

Satie, Alfred Erik Leslie (1866-1925) – Compositor francês. Até 1916, suas obras são de certo modo afins com o cubismo pelo uso da "bricolage", logo mais, a proximidade com as manifestações dadaistas se evidencia na concepção paródica do concerto como antiespetáculo, juntamente com Cocteau foi patrono do "Grupo dos Seis" (1920, composto por Milhaud, Poulenc, Honneger, Auric, Germaine Tailleferre e Louis Durey). Ao seu redor, Sauguet e outros jovens criaram a "Escola de Arcueil" (1923). A obra consagrada de Satie é o oratório *Sócrates* (1920), sobre texto de Platão, traduzido por Victor Cousin.

Schik, Anna Stella (SP 1925) – Oswald refere-se à escola pianística formada em São Paulo, por Guiomar Novaes, Antonieta Rudge, Souza Lima, Madalena Tagliaferro, Lúcia Branco, da qual a jovem Anna Stella Schik é continuadora. O seu repertório inclui além dos clássicos e Debussy, os modernistas brasileiros e Erik Satie.

Segall, Lasar (1891-1957) – Pintor paulista de origem lituana. Por volta de 1911-12 participou do movimento expressionista na Holanda. Em 1913, veio ao Brasil e expôs em São Paulo e Campinas. Em 1919, participa a Sezession Gruppe de Dresden; publica o primeiro álbum de gravura, *Recordações de Vilna*. Em 1918, trabalha a xilogravura, desenho e pintura. Expôs na Alemanha em 1921 e 1923. Nesse ano está em São Paulo, naturaliza-se brasileiro. Em 1924, expõe em São Paulo. Nos anos seguintes, expõe no Rio e em São Paulo e faz viagens ao exterior. Em 1932-35, foi fundador da Sociedade Paulista Pró-Arte Moderna. Em 1944, edita o álbum "mangue", uma litografia e 3 xilos, com textos de Jorge de Lima, Mário de Andrade e Manuel Bandeira. Autor de grandes telas com temas como o Program, Navio de Imigrantes, Campo de Concentração, Os Condenados. Em 1951, fazia uma exposição retrospectiva no Museu de Arte Moderna de São Paulo. Participou das Bienais de São Paulo na década de 50 e do Salão Nacional de Arte Moderna do Rio de Janeiro.

Silva, Domingos Carvalho da (Portugal 1915) – Poeta da "Geração de 45". Autor de *Praia Oculta*, *Girassol de Outono*, *a Fênix Renascida*, e outros livros. Um dos mais bem dotados poetas de sua geração. Autor de "Há uma Nova Poesia no Brasil", em Revista Brasileira de Poesia nº 3, SP, agosto 1948.

Silva, Gabriel Monteiro da (MG 1900 - SP 1946) – Diretor do Instituto do Café e do Departamento das Municipalidades. Assumiu a presidência de *O Estado de S. Paulo* sob a intervenção durante o Estado Novo. Chefe do Gabinete Civil da Presidência da República do governo Dutra, em 1946.

Silva, Paulo César da (SP 1912) – Poeta, teatrólogo, crítico, tradutor. Publicou *Senhora do Mar*, 1952, livro de poesia. Colaborou em diversos periódicos.

Silveira, Tasso da (RR 1895 - RJ 1968) – Poeta, ensaísta, jornalista e professor. Fez parte da revista *Festa*, de origem simbolista, ao lado de Cecília Meireles e Murilo Mendes. O grupo assinalava uma tendência espiritualista e se posicionava contra o nativismo e primitivismo do modernismo paulista. Publicou, entre outros, os seguintes livros: *Fio D'água* (1918), *A Alma Heróica dos Homens* (1924), *Alegorias do Homem Novo* (1926), *Canto do Cristo do Corcovado* (1933), *Contemplação do Eterno* (1952) etc.

Simonsen, Roberto Cochrane (RJ 1889-1948) – Líder empresarial. Adepto do taylorismo, racionalizou os métodos de gestão da empresa familiar Companhia Construtora de Santos, em 1912. Organizou a câmara de trabalho em Santos, muito antes da Justiça do Trabalho. Integrou a missão comercial brasileira à Inglaterra, em 1919, sob a chefia de João Pandiá Calógeras, ministro da Guerra, do governo de Epitácio Pessoa. Durante o governo de Washington Luiz representou os banqueiros ingleses financiadores do Instituto Paulista de Defesa do Café. Criador da Ciesp (Centro das Indústrias do Estado de São Paulo). Defendeu tarifas protecionistas para a indústria. O Ciesp apoiou a candidatura de Júlio Prestes, em oposição à Aliança Liberal. Combateu na Revolução

Constitucionalista de 32. Em 1932, criou o IORT (Instituto de Organização Racional do Trabalho) Presidente do Instituto de Engenharia de São Paulo e fundador da Escola Livre de Sociologia e Política. Com base na lei de sindicalização, foi eleito deputado à Constituinte em 1933. Em 1935, foi acusado pelo jornal *A Manhã* de pressionar Vargas para reprimir a ANL. Foi presidente do CIB (Confederação Nacional da Indústria). Presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), em 1937. Com o Estado Novo perdeu a cadeira de deputado, mas não se opôs à Constituição de 1937. Em 1938, foi reeleito presidente da Fiesp. Em 1942, nomeado para o Conselho Consultivo da Coordenação de Mobilização Econômica (CME), para organizar a economia de guerra. Em 1943, participou do I Congresso Brasileiro de Economia no Rio de Janeiro. Membro do Conselho Nacional de Política Industrial (CNPIC) orgão ligado ao Ministério do Trabalho. Preparou relatório, concluído em 1944, sobre os princípios da industrialização no país, no qual propunha a planificação da economia brasileira. O economista Eugenio Gudin rejeitou as propostas de Simonse na Comissão de Planejamento do Conselho de Segurança Nacional. Em 1945, apresentou sua réplica a Gudin, com a publicação de *O Planejamento da Economia Brasileira*, no qual retificava as teses da escola liberal, com a redemocratização passou para o PSD e foi eleito senador por São Paulo em 1947, derrotando Cândido Portinari, candidato do PCB. Na reunião da Quitandinha, em 1947, defendeu a aplicação na América Latina de um plano semelhante ao Plano Marshall. Nesse ano pronunciou-se a favor da cassação dos mandatos dos deputados comunistas.

Souza Costa, Ministro Artur de (RS 1893 - RJ 1957) – Foi ministro da Fazenda durante o Estado Novo (1937-45). Oswald refere-se às negociações entre governo e produtores de algodão para o financiamento do produto. Além de subsidiar a agricultura, a política econômica deu grande ênfase ao crescimento da indústria nacional, com a abertura de linhas especiais de crédito. O Conselho Técnico de Economia e Finanças foi responsável pela criação de empresas e órgãos estatais, o Conselho Nacional do Petróleo (1938), o Conselho Nacional de Águas e Energia Elétrica (1939), a Companhia Siderúrgica Nacional (1940), a Companhia do Vale do Rio Doce (1942), a Companhia Nacional de Alcalís (1943), a Fábrica Nacional de Motores (1943) e a Companhia Hidroelétrica do São Francisco (1945).

Souza, Cláudio Justiniano de (SP 1876 - RJ 1954) – Diplomado em medicina, fez carreira jornalística. Membro da Academia Paulista de Letras. Dedicou-se ao teatro, fundador do Pen Clube do Brasil. Presidente da Academia Brasileira de Letras. Escreveu *Flores de Sombra* (1916), e outras comedias, além de ficção, registro de origens e ensaios, *Pirandello e seu Teatro* (1946), ensaio etc.

Souza, Otávio Tarquínio de (RJ 1889-1959) – Ensaísta, biógrafo e historiador. Colaborou em periódicos, como *O País*, *A Noite*, *O Estado de S. Paulo*. Publicou diversas biografias e estudos cujo conjunto veio a formar a *História dos fundadores do Império do Brasil*, em 10 volumes.

Souza, Washington Luiz Pereira de (RJ 1869-SP 1957) – Paulista de Macaé, foi prefeito de São Paulo (1914-19); presidente do Estado de São Paulo (1920-24); senador por São Paulo (1925-26); presidente da República (1926-30). Filiado ao Partido Republicano Federal, elegeu-se deputado pelo PRP, em 1904. Secretário da Justiça em 1906, solicitou a “missão francesa” para o aprimoramento técnico dos militares em São Paulo. Como prefeito contratou especialistas franceses para a urbanização de São Paulo. Adotou medidas repressivas contra as greves de 1917. Como candidato à presidência do Estado, defendeu o café e a indústria. Autor da afirmação de que o movimento operário é assunto que interessa mais à ordem pública de que à ordem social, conceito que repetiu na campanha para a Presidência da República. Apoiou Artur Bernardes nas eleições de 1922 para a Presidência da República. Durante o governo do Estado foi fiel ao seu lema “Governar é abrir estradas”. Fundou o Museu Histórico Republicano de Itu. Inaugurou os primeiros organismos da justiça trabalhista em São Paulo. Apoiou Carlos de Campos nas eleições de 1924. Combateu os revoltosos de 1924 em São Paulo. Candidato à Presidência da República em 1926, pelo PRP, como candidato único. Como presidente nomeou Getúlio Vargas para o Ministério da Fazenda. No seu governo o PCB foi legalizado. A “Lei Celerada” foi promulgada e o PCB colocado na ilegalidade, em 1927. Em São Paulo o Partido Democrático fortaleceu a oposição ao governo federal. Para a sucessão presidencial, apoiou Júlio Prestes de Albuquerque, contra os interesses da oposição de Minas e do Rio Grande do Sul, as quais lançavam as bases da Aliança Liberal. Com a vitória de Júlio Prestes, setores da oposição começam articulações para o golpe de Estado, o qual depôs Washington Luís em outubro de 1930. Foi exilado e permaneceu no exterior até 1947, retirado da vida pública, dedicando-se a estudos históricos.

Stálin, Joseph Vissarionovich Dzhugashvili (1879-1953) – Dirigente soviético. Foi militante bolchevique em 1902. Indicado por Lenin como membro do Comitê Central do Partido Bolchevique, em 1912. Editor do *Pravda*. Nomeado Comissário das Nacionalidades na Revolução de Outubro. Foi secretário geral do Comitê Central do Partido de 1922 até a morte. Membro do Poliburo e de muitos outros comitês, o que deu-lhe a base do poder ditatorial no decorrer do tempo. Expulsou Trotski e mandou assassiná-lo no exílio. Criador da “política do socialismo num só país”. Em 1928, empreendeu a industrialização da União Soviética, através dos planos quinquenais. A partir de 1934, os grandes expurgos políticos liquidaram os veteranos bolcheviques e os adversários do regime. Durante a guerra assinou pacto de não-agressão com a Alemanha (23/8/1939), anexando territórios. Nomeado presidente do Conselho de Comissários do Povo (6/5/1941), concentrou então todo poder. Após o ataque alemão (22/6/1941) é nomeado Comandante Supremo do Exército. Após a capitulação alemã, em maio de 1945, participou dos encontros entre os aliados, figurando entre os “Três Grandes”, com Churchill e Roosevelt em Teerã (1943) e Yalta (1945). Dissolveu o Komintern (1943). Na Conferência de Teerã (1943), obteve a confirmação da fronteira alemã fixada em 1940 e a divisão da Alemanha. Declarou guerra ao Japão

(8.8.1945). Reorganizou a Internacional Comunista sob o nome de Kominform (1947). Em 1949, explode a bomba atómica soviética. Morre em março de 1953, em meio a perseguição aos judeus, desencadeada pelo "Doctors Plot".

Strenger, Irineu (SP 1922-) Jurista e escritor paulista, membro da Sociedade Paulista de Escritores, autor de *Sociologia das Gerações*, ed. Martins, 1951, em colaboração com Paulo Cretella Sobrinho. Catedrático da Faculdade de Direito da USP.

Tavares, Mário – Membro do PSD. Candidato ao governo do Estado de São Paulo, em 1945.

Teixeira, Anísio Spinola (BA 1900 - RJ 1971) – Educador, exerceu diversos cargos de responsabilidade. Secretário da Educação da Bahia (1947-51). Diretor do Inep, MEC. Escreveu vários livros, entre os quais *A Revolução de nossos Tempos* (1949) (disc.); *Educação para a Democracia* (1936) etc. Organizador da Universidade do Distrito Federal, em 1954, e, mais tarde, com Darcy Ribeiro, da de Brasília em 1958.

Teles, Gofredo (RJ 1888 - SP 1980) – Poeta, advogado, político, presidente do Departamento Administrativo do Estado de São Paulo, em 1938. Membro da Academia Paulista de Letras.

Valadares, Benedito (MG 1892 - RJ 1973) – Aderiu à Aliança Liberal, confirmado na prefeitura de Paraíba de Minas (MG). Nomeado para a intendência estadual por Vargas, em 1933, escolheu para a chefia do seu Gabinete Civil, o major médico da Força Pública, Juscelino Kubitschek. Em julho de 1934, promulgada a nova Constituição, Vargas é eleito indiretamente presidente até janeiro de 1938. Valadares foi eleito governador do Estado pela maioria do PP. Foi o mentor da candidatura de José Américo de Almeida, como candidato "oficial" às eleições de 1938. Participou das articulações do golpe militar de 1937, que instituiu o Estado Novo. Valadares foi confirmado no cargo de governador de Minas por Vargas. Em 1945, foi incumbido por Getúlio de lançar a candidatura Dutra à sucessão presidencial. O governador mineiro viajou a São Paulo com o prefeito de Belo Horizonte, Juscelino Kubitschek, com o objetivo de colher assinaturas para o manifesto em favor de Dutra. Em reunião nos Campos Elísios, foi lançada a candidatura Dutra em São Paulo.

Plekhanov, Georgy Valentinovich (1856-1918) – Teórico marxista, fundador do Partido Social Democrata russo, do qual foi teórico influente. Com a cisão deste partido em 1903, filiou-se aos mencheviques, opositores dos bolchevistas, liderados por Lenin. Autor do livro *A arte e a vida social* (1912).

Valéry, Paul (1871-1945) – Poeta e prosador francês. Autor de *La Jeune Parque* (1917); *Odes* (1920); *Le cimetière marin* (1920), e de outros livros de poesia. Publicou, sob o título de *Variete*, 4 volumes de prosa. Assim como

Mallarmé, Valéry é um poeta de evasão, como forma de consciência "existencialista", de que toda a vida está destinada à morte. A vida é condição da consciência e, portanto, da poesia, contaminada pelas impurezas da constituição biológica e social. Daí a tendência a basear a poesia nas manifestações pré-conscientes. O hermetismo da poesia decorre de que a forma poética é a própria filosofia de Valéry.

Vanzolini, Paulo Emílio (SP 1923) – Formado em medicina pela USP, especialista em herpetologia, foi diretor do Museu de Zoologia. É poeta e músico de sucesso. Autor de *Lira* (1952) etc.

Vidigal, Gastão (SP 1889-1950) – Industrial paulista. Apoiou a ditadura Vargas. Em 1945, filiou-se ao Partido Social Democrático, integrou o diretório do partido até 1945. Junto com Silvio de Campos, foi o articulador da candidatura Dutra em São Paulo. Foi ministro da Fazenda, aproximando-se de Eugenio Gudin. Desativou o Departamento Nacional do Café, em 1948. Demitiu-se do Ministério, em 1946, para disputar a candidatura ao governo de São Paulo na convenção do PSD. Na convenção estadual do PSD, em 1947, Gastão Vidigal, Carlos Cirilo Júnior e Gabriel Monteiro foram derrotados por Mário Tavares, que disputou as eleições, derrotado por Ademar de Barros.

Vidigal, Geraldo de Camargo (SP 1921) Poeta. Fundador da *Revista Brasileira de Poesia*. Foi primeiro secretário do Congresso Paulista de Poesia, em 1948, membro da Sociedade Paulista de Escritores. Em 1945, publicou *Predestinação* com prefácio de Mário de Andrade. Editou poemas na *Coletânea de Poetas Paulistas*, org. Eneas de Moura, Ed. Minerva, 1951.

Villa-Lobos, Heitor (RJ 1887-1959) – Participa da Semana de Arte Moderna de 22, com obras de cunho impressionista, à Debussy. Por volta de 1924, sua música apresenta uma temática nacional, que se exprime na tentativa de fazer da arte erudita expressão nacional, com base na absorção da música popular e do folclore. O compositor entra em contato com a vanguarda francesa, quando viaja para Paris, (1927-30), e freqüenta, Strawinsky, Varese, Prokofiev, Milhaud, De Falla, Honneger, René Dumesnil, Florent Schmit e outros. Sua produção compreende a música dramática, bailados, música de câmara, serestas, etc., reunindo as vertentes do "primitivismo" brasileiro e o "futurismo" da música erudita vanguardista européia. Em 1942, é diretor do Conservatório Nacional do Centro Orfeônico e, em 1945, membro da Academia Brasileira de Música. Sua extensa obra inclui a música coral sinfônica, *Invocação em Defesa da Pátria* (1943), Canto cívico-religioso, com texto de Manuel Bandeira e do compositor, obra de caráter programático.

Visconti, Eliseu D'Angelo (Itália 1866 - RJ 1944) – Cursou o Liceu Imperial de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro. Em 1855, formou-se pela Imperial Academia de Belas-Artes, onde teve como mestres José Maria de Medeiros no desenho, Henrique Bernandelli e Rodolfo Amoedo, na pintura. Obteve o

prêmio Viagem a Europa pela Escola Nacional de Belas-Artes, em 1892. Frequentou em Paris a Escola de Belas-Artes e a Escola de Artes Decorativas de Grasset. Volta ao Rio em 1903. Em 1906, Oliveira Passos convida-o para realizarem concorrência para a decoração do Teatro Municipal do Rio. Em 1907, é professor da Escola Nacional de Belas Artes. Realiza várias viagens à França. Incursionou pelo pre-rafaelismo, e entre 1905 e 1914 dedicou-se ao pontilhismo. Em 1945, o Salão Paulista de Belas-Artes realiza uma exposição de Visconti em homenagem póstuma.

Vivacqua, Atílio (ES 1894 - RJ 1961) - Fazendeiro de café. Foi um dos fundadores do Partido Social Democrata no Espírito Santo. Eleito senador pelo PSD de seu Estado para a Assembleia Nacional Constituinte, subcomissão do poder judiciário. Em 1946, desliga-se do PSD filiando-se ao Partido Republicano de que foi fundador, defendeu a economia do café no seu Estado. Em 1947, votou contra a cassação dos mandatos dos parlamentares comunistas. Como presidente da Comissão da Constituição e Justiça do Senado (1947-51), foi um dos principais defensores do enquadramento da Justiça do Trabalho como órgão do Poder Judiciário. Em 1948, deu parecer contrário a proposta de intervenção federal em São Paulo, durante o governo Ademar de Barros (1947-51). Participou da criação do Instituto Brasileiro do Café. Criador da Lei Vivacqua sobre Seguro Agrário.

Volpi, Alfredo (Luca, Itália 1896 - SP 1988) - Residiu em São Paulo. Em 1935, pertenceu ao Grupo Santa Helena, no ateliê de Rebolo Gonzales. No final dos anos 40, pinta as famosas "fachadas". Realiza exposição individual em 1944 na Galeria Ita, em São Paulo. Participa, em 1951 do 1º Salão Paulista de Arte Moderna de São Paulo e da 1ª Bienal Internacional de São Paulo.

Von Rommel, Erwin (1891-1945) - Marechal alemão, que combateu na África.

Wallace, Henry (1888-1965) - Vice-presidente dos Estados Unidos (1941-45), mentor da filosofia do "homem comum" do New Deal. Conduziu a política econômica do país nos anos 30, porém rompeu com o Partido Democrático em 1940, a respeito da política externa. Foi o mensageiro da política de boa vizinhança de Roosevelt para a América Latina. Durante a administração Truman, criticou a política de guerra-fria contra a União Soviética e demitiu-se do governo.

Wanderlei, Alírio Meira - Romancista e crítico, publicou *Crônicas de um acaso*, 1945, RJ, Cia de Leitura.

O Zé Fidélis - (Carlos Câmara) (CE 1881-1939) - Poeta, teatrologista, jornalista, deputado estadual, membro da Academia Cearense de Letras. Escreveu várias peças, entre as quais, *A bailarina*, *Alma de Artista*, *O Zé Fidélis* etc. Suas obras estão resumidas em volume, em *O teatro cearense* (1922) etc.

BIBLIOGRAFIA

- ADORNO, Francesco – *Sócrates*. Lisboa, Edições 70, Biblioteca básica da filosofia, s/d.
- ADORNO, T.W. – *Prismas*. La critica de la cultura y la sociedad. Barcelona, Ariel, 1962
- ADORNO, T.W. – *Notas de literatura*. Barcelona, Ariel, 1962
- ADORNO, T.W. – *Intervenciones*. Nueve modelos de critica. Venezuela, Monte Avila Editores, 1969
- ADORNO, T.W. – *La industria cultural*. Argentina, Ed. Galerna, 1967
- ALEM, Silvio Frank – *Os trabalhadores e a "redemocratização"*. (Estudo sobre o Estado, Partidos e a participação dos trabalhadores assalariados urbanos na conjuntura de guerra e do pós-guerra imediato) 1942-1948. Dissertação de Mestrado. Dep. de História, IFCH-Unicamp, mimeo, xerox, Campinas, 1981
- ALEM, Silvio Frank – *Contribuição à história da esquerda brasileira: o Partido Socialista Brasileiro. (1945-1964)*. Tese de Doutorado. Dep. de História da FFLCH-USP, mimeo-xerox, São Paulo, 1988
- ALENCAR, José de – "Ao correr da pena" in *Obra Completa*. Rio de Janeiro, Aguillar, 1960, v.4
- ANDRADE, Mário de – "Advertência" in *Os filhos da Candinha*. São Paulo, Martins, 1963, p.0-10
- ANDRADE, Mário de – *Táxi e crônicas no Diário Nacional*. Estabelecimento de texto, Introdução e Notas de Telê Ancona Lopez. São Paulo, Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, Livraria Duas Cidades, 1976
- ANDRADE, Nonê – *Uma retrospectiva*. Catálogo de exposição. MAC-USP, São Paulo, 1990
- ANDRADE, Oswald de – *Obra Completa* 11 vols. Rio de Janeiro, INL-MEC, Civilização Brasileira, 1971
- ANDRADE, Oswald de – *Obras Completas*. São Paulo, Secretaria do Estado da Cultura, Ed. Globo, 1990
- ANTELO, Raul – *Literatura em revista*. São Paulo, Ed. Ática, Ensaios 105, 1984

- ANTONIO CANDIDO - "A vida ao res-do-chão" in ANDRADE, Carlos Drummond de e outros - *Para gostar de ler - crônicas* São Paulo, Ática, 1979. pp.4-13
- ANTONIO CANDIDO - *Literatura e sociedade* São Paulo, Cia. Editora Nacional, 7^a ed., 1985
- ANTONIO CANDIDO - *Vários escritos* São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1970
- ANTONIO CANDIDO - *Terezinha, etc.* Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, Col. Literatura e Teoria Literária vol. 38, 1980
- APOLLINAIRE,G - *Los pintores cubistas*. Buenos Aires, Ed. Nueva Vision, 1967
- APOLLINAIRE,G - *Oeuvres poétiques* Paris, nrf. Bibliothèque de la Pleiade, s/d.
- ARISTOTE - *Rhétorique*. Paris, Les Belles Lettres, 1989
- ARISTOTLE, HORACE, LONGINUS - *Classical literary criticism* London, Penguin Classics, 1965
- ARRIGUICI jr., Davi - "Fragmentos sobre a crônica" in *Boletim Bibliográfico da Biblioteca Mário de Andrade* São Paulo, v. 40 n. 1-4 jan.-dez., 1989, pp.43-53
- ASSIS, Machado de - *Bons Dias!* Introdução e notas de John Gledson, São Paulo, Editora da Unicamp, Hucitec, 1990
- AVEY, Albert - *Handbook in the history of philosophy: 3500 BC to the present* USA, Barnes & Noble College outline series, 1954
- BAKHTINE, M. - *l'Oeuvre de François Rabelais et la culture populaire au Moyen Age et sous la Renaissance*. Paris, Gallimard, 1970
- BASKHTINE, M. - *Problèmes de la poétique de Dostoevski*. Paris, L'Age D'Homme, 1970
- BANDEIRA, Moniz - *Presença dos Estados Unidos no Brasil* (Dois séculos de história). Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 2a ed., 1978
- BARBOSA, Rita de Cassia - *O cotidiano e as máscaras a crônica de Carlos Drummond de Andrade* Tese de Doutorado em Literatura Brasileira, DLCV-FFLCH-USP, datilo-xerox, 1984
- BARTHES, R. - "El discurso de la historia" in *Estructuralismo y literatura*. Buenos Aires, Ed. Nueva Visión, 1970
- BARTHES, R. - *Elementos de semiótica* Madrid, Communications serie B, Alberto Corezon Editor, 1970
- BASBAUM, Leônico - *História sincera da República. De 1930 a 1960*. São Paulo, Edaglit, Temas Brasileiros 3. Edições LB, 1962
- BASBAUM, Leônico - *Uma vida em seis tempos (memórias) uma visão da história política brasileira dos últimos quarenta anos*. São Paulo, Ed. Alfa-Omega, 1976
- BAUDELAIRE, Charles - *Critique d'art* Paris, Librairie Armand Colin, Bibliothèque de Cluny II, 1965
- BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita - *A UDN e o udenismo. Ambigüidades do liberalismo brasileiro (1945-1965)*. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, Col. Estudos Brasileiros, vol. 51, 1981
- BENJAMIN, Walter - *Angelus Novus*. Saggi e frammenti. Torino, Einaudi, 1962

- BENJAMIN, Walter – "O narrador" in *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo, Brasiliense, 1985
- BERGMAN, P. – "Modernolatria" et "Simultaneitá". U. Upsala, 1962
- BORNHEIM, Gerd – *Sartre*. São Paulo, Ed. Perspectiva, Debates, 1984
- BRETON, Andre – *Manifestos do Surrealismo*. Rio de Janeiro, Morais Ed., 1969
- BRITO, Mário da Silva – *História do modernismo brasileiro*: I – Antecedentes da Semana de Arte Moderna. São Paulo, Saraiva, 1958
- BUBER, Martin – *Caminos de la utopía*. Mexico, Fondo de Cultura Económica, Breviarios, 1987
- BUBER, Martin – *Do diálogo e do dialógico*. São Paulo, Ed. Perspectiva, Debates, 1982
- CAMUS, Albert – *El mito de Sísifo – El hombre rebelde*. Buenos Aires, Losada S.A., 1957
- CARONE, Edgard – *A Quarta República*. (1945-1964). São Paulo, DIFEL, Corpo e alma do Brasil, 1980
- CARONE, Edgard – *O Estado Novo* (1937-1945). São Paulo, DIFEL, Corpo e alma do Brasil, 1977
- CARONE, Edgard – *Oligarquias e classes sociais na Segunda República*. (1930-1937). São Paulo, EDIPE, s/d
- CARONE, Edgard – *O PCB*. São Paulo, DIFEL, Corpo e alma do Brasil, 1982
- CARPEAUX, Otto Maria – *História da literatura ocidental*. 9 vols., Rio de Janeiro, Edições O Cruzeiro, 1964
- CARPEAUX, Otto Maria – *Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira*. Rio de Janeiro, Ed. Letras e Artes, 1964
- CASSIRER, Ernst – *A filosofia do Iluminismo*. Campinas, Ed. da Unicamp, 1992
- CENDRARS, Blaise – *Hollywood la meca del cine*. Barcelona, Ediciones Parsifal, 1989
- CHAVES NETO, Elias – *Minha vida e as lutas de meu tempo*. São Paulo, Ed. Alfa-Omega, 1978
- CHIPP, R. – *Theories of modern art*. A source book by artists and critics. U. of California Press, Berkeley and Los Angeles, 1968
- CLASTRES, Helene – *La terre sans mal*. Le prophétisme tupi-guarani. Paris, du Seuil, 1975
- CLAUDÍN, Fernando – *A crise do movimento comunista*. 2 vols., São Paulo, Global Editora, Col. Luta de Classes, 1986
- DAHMS, H. G. – *A Segunda Guerra Mundial*. 2 vols., Editorial Bruguera, 1968
- DEL PICCHIA, Menotti – *O gedeão do modernismo*. Edição preparada por Yoshie Sakyama Barreirinhas, Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 1983
- DERRIDA, Jacques – *Margens da filosofia*. Campinas, Papirus Ed., 1991
- DESANTI, Dominique – *Los socialistas utópicos*. Barcelona, Editorial Anagrama, 1973
- DIAS, Everardo – *História das lutas sociais no Brasil*. São Paulo, Ed. EDA-GLIT, Temas Brasileiros, 1962
- A dictionary of modern painting*. London, Carlton Lake and Robert Maillard editors. Methuen and Co. Ltd, 1964

- DULLES, John W. F. – *Anarquistas e comunistas no Brasil (1900-1935)*. Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira, Brasil Século 20, 2a ed., 1977
- DULLES, John W. F. – *O comunismo no Brasil (1935-1945)* Repressão em meio ao cataclismo mundial. Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira, Col. Brasil Século 20, 1985
- EGO, Humberto – *Obra aberta* São Paulo, Ed. Perspectiva, 1968
- FALCON, Francisco José Calazans – *Iluminismo* São Paulo, Ed. Atica, Col. Princípios, 1989
- FELS, F. – *L'art vivant de 1900 à nos jours* Geneve, Pierre Cailler Ed., 1952
- FONSECA, Maria Augusta – *Oswald de Andrade* Biografia. São Paulo, Secretaria do Estado da Cultura, Art Editora, 1990
- FORTES, Luiz R. Salinas – *O iluminismo e os reis filósofos* São Paulo, Brasiliense, Col. Tudo é História 22, 1991
- FOULQUE, Paul – *L'Existentialisme* Paris, PUF, Que sais-je?, 1984
- FRANCASTEL, Pierre – *Du cubisme à l'art abstrait* Les cahiers inédits de Robert Delaunay. Paris, SEVPEN, 1954
- FRYE, Northop – *Anatomia da crítica*. São Paulo, Cultrix, 1973
- GAMBINI, Roberto – *O duplo jogo de Vargas* São Paulo, Ed. Símbolo, Col. Ensaio e Memória 4, 1977
- GENETTE, Gerard – *Introduction à l'architexte* Paris, du Seuil, Col. Poétique, 1979
- GOFF, Jacques Le – *Histoire et mémoire* Paris, Gallimard, folio histoire, 1988
- GOTLIB, Nada Batella – org. "A crônica: uma bibliografia comentada" in *Boletim Bibliográfico da Biblioteca Mario de Andrade* v. 10 no 1, São Paulo, jan.-dez., 1985, p.181-220
- GUERIN, Michel – *Nietzsche Socrate heróique* Paris, Grasset, Theoriciens, 1975
- HANSEN, João Adolfo – *A sátria e o engenho* Gregório de Matos e a Bahia do século XVII. São Paulo, Secretaria de Estado da Cultura, Companhia das Letras, 1989
- HAUSER, A. – *Historia social de la literatura y del arte*. Madrid, Ed. Guadarrama, 1964
- HESIODO – *Os trabalhos e os dias* Tradução, introdução e comentários de Mary de Camargo Neves Later, São Paulo, Ed. Iluminuras, Biblioteca Pôlen, 1990
- Historia e ideal* Ensaio sobre Caio Prado Júnior, org. Maria Angela D'Incau, São Paulo, Ed. UNESP, Secretaria de Estado da Cultura, Ed. Brasiliense, 1989
- HOBBSAWN, Eric – org. *Historia do marxismo* 12 vols., Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, Col. Pensamento Crítico vol. 58, 2a ed., 1985
- JOÃO DO RIO – *O momento literário* Rio de Janeiro, Garnier, s/d
- JOLLES, André – *Formes simples*. Paris, du Seuil, 1972
- KIERKEGAARD, Soren A. – *O conceito de angústia* Editorial Presença, s/d
- KIERKEGAARD, Soren A. – *O conceito de ironia* constantemente referido a Sócrates. Petrópolis, Ed. Vozes, Pensamento Humano, 1991
- LAFFETÁ, João Luiz – 1930. *a crítica e o modernismo*. São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1974

- LANSON, Gustave – *Histoire de la littérature française*. Paris, Libr. Hachette, s/d
- LARBAUD, Valéry – *Les poésies de A.O. Barnabooth*. Paris, Gallimard, 1966
- LÉGER, Fernand – *Paris*, Gonthier-Seghers, Collection Propos et Présence, 1959
- LISTA, G. – "Marinetti et Tzara" in *Lettres Nouvelles*, mai-juin 1972
- LONER, Beatriz Ana – *O PCB e a Linha do "Manifesto de Agosto": um estudo*. Dissertação de Mestrado. Dep. de História, Unicamp, datilo-xerox, Campinas, junho 1985
- LOPEZ, Therezinha A. Porto Ancona – *Mário de Andrade cronista na imprensa*. Tese de Livre-Docência em Literatura Brasileira, Dep. de Letras Clássicas e Vernáculas, FFLCH-USP, datilo-xerox, São Paulo, 1991
- LOPEZ, Therezinha A. Porto Ancona – *Mário de Andrade: ramais e caminho*. São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1972
- MALTA, Octavio – *Os "tenentes" na revoção brasileira*. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, Edição ilustrada, Documentos da História Contemporânea vol. 47, 1969
- MARINETTI, F. T. – *Teoria e invenzione futurista*. Verona, Mondadori, 1968
- MARX, Karl e ENGELS, F. – *Escritos sobre el arte*. Barcelona, Ediciones Península, Historia, Ciencia, Sociedad, 39, 1969
- MITCHEL, B. – *Les manifestes littéraires de la belle époque*. Paris, Seghers, 1966
- MEYER, Marlyse – "Folhetim para almanaque, ou Rocambole, a Ilíada do realejo" in *Almanaque* no14, São Paulo, Brasiliense, 1982, p. 7-22
- MEYER, Marlyse – "Voláteis e versáteis, de variedades e folhetins se faz a crônica" in *Boletim Bibliográfico da Biblioteca Mário de Andrade*. v. 46 no1/4, São Paulo, jan.-dez. 1985, p. 17-41
- MONTAIGNE, M. – *Essais*. Paris, La Pléiade, s/d
- MORUS, T. – *Utopia*. Rio de Janeiro, Ediouro, s/d
- MOTA, Carlos Guilherme – *Ideologia da cultura brasileira (1933-1974)*. São Paulo, Ed. Ática, Ensaios 30, 1980
- NADEAU, Maurice – *Histoire du Surréalisme*. Paris, du Seuil, 1945
- Nietzsche. Vários, São Paulo, Abril Cultural, Os Pensadores, 1978
- NIETZSCHE, F. – *Além do bem e do mal*. Prelúdios a uma filosofia do futuro. São Paulo, Companhia das Letras, 1992
- NIETZSCHE, F. – *La naissance de la tragédie*. Paris, Gallimard nrf, Idées, 1945
- NUNES, Benedito – *Oswald Canibal*. São Paulo, Ed. Perspectiva, Col. Elos, 1979
- OLESEN, Soren Gosvig – *La philosophie dans le texte*. Ed. Trans-Europe Press, 1982
- PACHECO, Eliezer – *O Partido Comunista Brasileiro (1922-1964)*. São Paulo, Ed. Alfa-Omega, 1984
- PASSOS, John dos – 1919. Rio de Janeiro, Rocco, 1989
- Pequeno dicionário da literatura brasileira. Biográfico, crítico e bibliográfico. Org. José Paulo Paes e Massaud Moisés. São Paulo, Ed. Cultrix, 1979
- PEREIRA, Astrojildo – *Ensaios históricos e políticos*. São Paulo, Ed. Alfa-Omega, 1979

- PÉRET, Benjamin – *Le grand jeu*. Paris, Gallimard, 1969
- PLATAO – *Dialogos*. Eutifron. Apologia de Socrates. Críton. Fédon. São Paulo, Hemus Ed., s/d
- PLATON – *Le banquet*, *Phedre*. Paris, GFF. Flammarion, 1964
- QUINTILIEN – *Institution Oratoire*. Paris, Les Belles Lettres, 1978
- RABELAIS, François – *Gargantua*. Paris, Gallimard, folio, 1969
- RABELAIS, François – *Gargantua*. Rio de Janeiro, Ediouro, Clássicos de Bolso, 1966
- RABELAIS, François – *Pantagruel*. Lisboa, Ed. Vega, Col. Outras Obras, s/d
- SANOUILLET, M. – *Dada à Paris*. Paris, J.J. Pauvert, 1965
- Sartre. Vários. São Paulo, Abril Cultural, Os Pensadores, 1984
- SARTRE, Jean Paul – *L'etre et le néant*. Essai d'ontologie phenomenologique. Paris, Gallimard, TEL, 1943
- SARTRE, Jean-Paul – *La nausée*. Paris, Gallimard, folio, 1938
- SEGATTO, Jose Antonio – *Breve história do PCB*. Belo Horizonte, Ed. Oficina de Livros, Col. Nossa Terra, 1989
- SEVCENKO, Nicolau – *Orfeu extático na metrópole*. São Paulo, Sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo, Companhia das Letras, 1992
- SHIRER, William L. – *Ascensão e queda do III Reich*. 4 vols., Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 1967
- SPINDEL, Arnaldo – *O Partido Comunista na gênese do populismo*. Análise da conjuntura de redemocratização no apos-guerra. São Paulo, Edições Símbolo, Col. Ensaio e Memória 27, 1980
- SPRIANO, Paolo – “O movimento comunista entre a guerra e o pos-guerra: 1938-1947” in *História do marxismo* vol X. O marxismo na época da III Internacional: de Gramsci à crise do stalinismo. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, Col. Pensamento Crítico vol. 69, 2a ed., 1991, p.129-212
- SPITZER, L. – *Études de style*. Paris, Gallimard, 1970
- SPITZER, L. – *Linguística e história literária*. Madrid, Gredos, 1955
- STERNE, L. – *Tristam Shandy*. London, Oxford U. Press, The World's Classics, 1966
- TAVARES, Jose Nilo org – *Novembro de 1935. Meio século depois*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1985
- TESAURO, F. – *Tratado dos ridiculos*. Campinas, CEDAF-Referências, Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio, 1992
- THIBAUDET, Albert – *História da literatura francesa*. São Paulo, Livr. Martins Editora, s/d
- TZARA, T. – *Sept manifestes Dada*. Paris, Diorama, s/d
- TYNJANOV, J. – “Destruction, parodie” in *Change* nº 2, Paris, du Seuil
- TYNJANOV, J. – “Il vocabolario di Lenin polemista” in *Avanguardia y Tradizione*, Dedalo, 1968
- VALADES, Edmundo – *El libro de la imagination*. Mexico, Fondo de Cultura Económica, Col. Popular, 1987
- VERNANT, Jean-Pierre e VIDAL-NAQUET, Pierre – *Mito e tragédia na Grécia antiga*. 2 vols., São Paulo, Ed. Brasiliense, 1991
- VINHAS, Moises – *O Partidão*. A luta por um partido de massas. 1922-1974. São Paulo, Ed. Hucitec, 1982

- VOLTAIRE – *Dicionário filosófico*. Ediouro, Col. Universidade de Bolso, s/d
- WEFFORT, Francisco Corrêa – *O populismo na política brasileira*. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, Estudos Brasileiros 25, 1980
- WEILL, G. – *El diario*. Mexico, Fondo de Cultura Económica, 1941
- CXLV.WISNIK, José Miguel – *O coro dos contrários. A música em torno da Semana de 22*. São Paulo, Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, Livr. Duas Cidades, 1977

ÍNDICE

A

- Abramo, Radá, 284
Abreu, Benedito Luiz Rodrigues de, 251
Abreu, Casimiro de, 335
Acordo de Postdam, 423
Aguiar, Indalécio de, 276
Aliança Nacional Libertadora, 144, 208
Almeida, Abílio Pereira de, 299, 370
Almeida, José Américo de, 66, 204, 363
Almeida, José Valentim Fialho de, 188, 298, 351, 355
Almeida Júnior, Luíz, 89
Alves Sobrinho, José Rodrigues, 192, 193
Alves, Moussia Pinto, 183
Amádo, Jorge, 66, 77, 93, 94, 105, 144, 165, 172, 190, 276, 213, 334, 353, 363, 366, 375, 385, 405
Amaral, Tarsila do, 73, 89, 190, 231, 327, 328, 329, 367
Américo, Pedro, 89, 221
Andrade Filho, Oswald de, 73, 119, 189, 368
Aranha, Osvaldo, 111, 211, 254
Anjos, Augusto dos, 407
Ayres, Lula Cardoso, 181, 183

B

- Barbosa, Francisco de Assis, 215, 268
Barros, Ministro João Alberto Lins de, 65, 68, 86, 98, 322
Barros, Ademar Pereira de, 206, 243, 252, 268, 284, 363, 415
Barroso, Antonio Girão, 143

- Belsen e Buchenwald, 125, 132, 135, 136
Bardiaeff, Nikolai Aleksandrovich, 246
Bergson, Henri, 133, 212
Besant, Annie, 85
Beveridge, William Henry Baron, 148
Bilac, Olavo Brás Martins dos Guimarães, 62, 90, 134, 257, 317, 349
Bittencourt, Edmundo, 121, 239, 328, 329
Bittencourt, Pedro Calmon Muniz de, 121
Blailowski, 183
Blake, William, 293
Blum, León, 148
Bolchevismo, 173, 203, 208, 310
Bolívar, Simon, 266
Bopp, Raul, 258
Borghi, Hugo, 148, 163, 202, 203, 205, 243
Borowski, 162
Braga, Edgar, 83, 315, 334, 335, 388
Braga, Rubem, 72, 267, 308, 388, 422
Brandão, Amorim, 212
Briquet, Raul Carlos, 77, 115, 395
Brito, Mário da Silva, 313, 334, 343, 369, 391
Brito, Milton Cayres de, 172
Browder, Earl, 137, 143, 166, 173, 208, 211, 225, 310
Bruno, Giordano, 128

C

- Calógeras, João Pandiá, 373
Calvino, Jean, 381
Camargo, Joracy Schafflor, 299
Camargo Guarnieri, Mozart, 103, 208
Camões, Luiz Vaz de, 335
Campofiorito, Hilda Helena Eisenlohr, 119
Campofiorito, Quirino, 252, 260
Campos, Antonio de Siqueira, 98, 373
Campos, Augusto de, 388
Campos, Haroldo de, 388
Campos, Milton, 224, 304
Campos, Silvio de, 194
Camus, Albert, 201, 304, 305, 324, 333, 336, 364
Cardoso Fº, Joaquim Lúcio, 280
Carpeaux, Otto Maria, 195
Carvalho, Flávio de, 73, 371, 412
Carvalho, Sebastião José de, 121
Castilhismo, 275
Castilho, Antonio Feliciano de, 400

- Castro, Aluisio de, 199
Cavalcanti, Alberto, 406
Centro Dom Vital, 117
Check, Chan Kai, 275
Chestov, Leon, 246
Cirilo Júnior, Carlos, 192, 193, 245
CNOP, 123, 146, 165, 172, 207, 208
Cocteau, Jean, 195, 250, 298, 321, 350, 381
Coelho Neto, Henrique Maximiniano, 323, 339, 347, 349
Coelho, Luiz Lopes, 362, 388, 392
Comediantes, Os, 49, 50, 91, 119, 302
Comintern, 137, 148, 173, 275
Condé, João Ferreira da Silva Limeira Pepeu, 280, 281, 308, 322
Conferência de Teerã, 147
Corbisier, Roland Cavalcanti de Albuquerque, 372
Corcão, Gustavo, 350, 370, 375
Coronel de Basil, 91, 184, 185
Correia, Alexandre, 217
Correia, André Trifino, 172
Correia, Viriato, 199
Costa, Batista da, 89, 397
Costa Neto, Benedito, 206, 207, 210, 313
Costa, Fernando de Souza, 115, 118, 121, 175, 206, 207
Costa, João Cruz, 71, 394
Costa, José Geraldo Manoel Germano Correia Vieira Machado da, 63, 74, 93, 140, 208, 224, 233, 313, 314
Costa e Silva, Paulo Sérgio Milliet Duarte da, 67, 68, 71, 105, 107, 190, 208, 214, 238, 250, 251, 252, 253, 256, 257, 270, 285, 292, 328, 391
Costa, Waldemar da, 119
Croce, Benedetto, 128, 140
Cruz e Souza, João da, 355

D

- Dantas, Pedro, 258
Diaghilev, Serge, 184
Dias, Cícero, 89, 368
Di Cavalcanti, Emiliano Augusto de Albuquerque e Melo, 89, 92, 190, 223, 260, 328, 368, 389, 397, 408, 421
Dimitrov, Georges, 221, 305
DNC, 118
Duarte, Paulo Alfeu Junqueira Monteiro, 252, 278, 361, 365
Ducatillon, 192, 296
Duclos, Georges, 137
Dulcina e Odilon, 91
Durkheim, Emile, 246

E

- Eliot, Thomas Stearns, 353
O Enforcado de Porto Calvo, 155
Escorol, Lauro, 167
Espírito de Yalta, 121
Etchegoien, Alcides Gonçalves, 233

F

- Fanck-Brentens, 207
Faria, Otavio de, 237, 280, 287
Feijó, Germinal, 64, 107, 378
Fernandes, João Batista Ribeiro de Andrade, 93, 350
Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda, 237
Ferro, Antonio, 178
Fiúza, Yeddo, 124
Florence, Dalmo, 284
Fontes, Armando, 363
Foot, Michael, 161
Foster, 137, 147, 166
Fournier, Severo, 207, 275
France, Anatole, 88, 171
Franco, Afonso Arinos de Melo, 209, 218, 401
Franco, Virgílio, 203
Freyre, Gilberto, 74, 179, 181, 196, 200, 201, 209, 210, 212, 241, 251, 262, 272, 287, 364, 365, 369, 382, 406

G

- Garcez, Lucas Nogueira, 361, 374, 376, 378, 390, 399, 402
De Gaulle, Charles, 256, 267
Genet, Jean, 378, 381, 396
Gestalt, 142
Gide, André, 106, 381
Göring, 126, 305
Góis Filho, Coriolano de Araújo, 202
Gomes, Eduardo, 125, 144, 151, 207
Gonçalves, Ricardo, 276
Gordinho, Cintra, 197
Gorki, Maxim, 130, 134
Gray, Dorian, 142
Gresham, Sir Thomas, 146
Guante, 132
Guersant, Marcel, 392, 396

- Guillén, Nicolas, 388
Guimarães, Alphonsus Henriques da Costa, 355
Gurvitch, 245

H

- Heidegger, 245
Hölderlin, 294, 323, 345
Horácio, 294
Huysmans, 381

I

- Ivo, Ledo, 278, 315

J

- Jacobbi, Ruggero, 371
Jardim, Luiz Inácio de Miranda, 259, 364
Jaspers, Karl, 218, 236, 246
Joly, Aurasil, 284

K

- Kaiser, 311
Kardiner, Abram, 246
Kauffman, 183
Khan, Gengis, 173, 261
Kierkegaard, Søren, 212, 218, 236, 313
Kopke, Carlos Burlamaqui, 251, 258, 270, 409

L

- Labor Party, 148
Lacerda, Carlos Frederico Werneck de, 268
Lafer, Horácio, 73, 248, 268, 335, 338, 372
Landru, Henri Desiré, 173
Laski, Harold Joseph, 165
Lebret, 296
Leite, Aureliano, 365, 380, 408
Léger, Fernand, 108, 350, 367, 407
Lenin, Vladimir Ilich, 130, 132, 165, 190, 208, 267, 381

- Levy, Mário, 119
Lima, Jorge de, 362, 370
Lima, Hermes, 86, 155, 210, 231
Lima, Negrão de, 184
Lima, Pedro Mota, 171
Lins, Álvaro de Barros, 177, 179, 181, 218, 248, 251, 259, 270
Lisboa, Rosalina Coelho, 238, 372
Litvinov, Maksim Maksimovitch, 148, 173, 260
Lopez, Francisco Solano, 266
Lorca, Federico García, 49, 299, 373, 374, 393

M

- Macedo Soares, José Carlos de, 175, 194, 197, 199, 205
Magno, Pascoal Carlos, 268, 271
Maia, Prestes, 153, 156, 163, 165, 183, 203, 204, 205, 206, 207, 213, 217
Malenkov, Georgi Maksimilianovitch, 381
Malfatti, Anita, 89, 92, 107, 190, 276, 328, 397
Malaparte, Kurt Suckert, dito Curzio, 333, 377
Malraux, André, 94, 105, 267
Mangabeira, Otávio, 155, 172, 304
Manheim, Karl, 199
Maquis, 258
Marcondes, Alexandre, 193, 197, 243
Marcondes, Filho, 163, 338
Maritain, Jacques, 173, 188, 296
Martins, Amélia de Rezende, 284
Martins, Luiz Caetano, 73, 74, 106, 358, 405
Martins Pena, Luiz Carlos, 134, 299
Marques, Oswaldino, 369
Marrey Júnior, José Adriano, 204, 378
Mauss, Marcel, 246
Mazzaroppi, 348
Meireles, Cecília, 96, 369
Mendes, Fradique, 183
Mendes, Murilo Monteiro, 50, 107, 251, 355, 362
Menezes, Amilcar Dutra de, 122, 124, 129, 141, 144, 145, 148, 149, 150, 154, 156, 163, 175, 184, 198, 199, 243, 274, 296, 300, 342
Menezes, Emílio de, 170, 230, 347, 348, 349, 350
Mesquita Filho, Júlio, 203, 389
Mignone, Francisco, 102, 184, 185, 323
Miller, Henry, 297, 333
Miranda, Murilo, 73, 74
Mistral, Gabriela, 127, 167
Molotov, 161, 191
Mondrian, Pieter Cornelis, 408, 409

- Montaigne, Michel de, 131, 256
Monteiro, Gal. Pedro Aurélio de Goes, 211
Morais, Prudente de, 383
Moraes, Vinícius de, 90, 166, 251, 362
Morand, Paul, 54, 182
Morgan, 199, 222, 290
Múcio Leão, 199
Mugnier, Henri, 392
Müller, Filinto, 148, 199, 243
MUT, 172, 207

N

- Nava, Pedro, 230, 233, 258, 362
Neme, Mário, 214, 222, 223, 258, 299
Nei, Francisco de Paula, 349
Nery, Adalgisa, 369
Nibelungen, 199, 205
Nietzsche, Frédéric, 62, 112, 133, 218, 236, 371
Martins, Nogueira Rui, 369, 388
Novelli Júnior, Luiz Gonzaga, 247, 280

O

- Oliveira, Antonio Mariano Alberto de, 350
Oliveira, Rui Barbosa de, 51, 94, 111, 129, 230, 278, 286, 316, 355, 405

P

- Paiva, Ataulfo, 199
Palice, Serge Juste Milliet de la, 257
Pan, 62, 142
Partido de Representação Popular, 125
Pedrosa, Mário, 358
Peixoto, Júlio Afrânio, 178
Pereira, Lúcia Vera Miguel, 237, 333, 358, 385, 389
Pessoa, Epitácio Lindolfo da Silva, 373
Pessoa, Fernando Antonio Nogueira, 301, 354, 335
Picasso, Pablo, 91, 102, 190, 238, 345, 350, 367, 407, 409
Del Picchia, Paulo Menotti, 82, 177, 181, 182, 214, 230, 251, 254, 330, 345, 358
Pignatari, Décio, 388
Pimentel, Osmar, 388
Pinheiro, Oswaldo, 89
Pinto, Edgard Roquete, 212

- Pinto, Edmundo Barreto, 148, 184, 185, 211, 358
Pinto, Sobral, 168, 169, 177, 230
Pitt, 306
Platão, 184, 294
Plekhanov, Georgy Valentinovich, 212
Plotino, 294
Pomar, Pedro Ventura Filipe de Araújo, 174, 207, 242
Portinari, Cândido Torquato, 89, 90, 92, 183, 184, 185, 208, 223, 238, 328
Prestes, Luís Carlos, 96, 124, 137, 141, 144, 145, 146, 148, 149, 152, 155, 169, 174, 203, 207, 226, 245, 257, 275, 397
PSP, 383

Q

- Queiroz, Dinah Silveira de, 362, 363
Queiroz, José Maria Eça de, 187, 354
Quintana, Mario de Miranda, 258

R

- Ramos, Artur, 211
Ramos, Graciliano, 66, 165, 200, 224, 297, 363, 375, 398
Ramos, Péricles Eugênio da Silva, 251, 270
Rangel, José Godofredo de Moura, 241, 276
Rao, Vicente Paulo Francisco, 197, 275, 391
Rasputin, Gregory Efemovitch, 311
Rego, Costa, 217
Reis, Marcos Konder, 369
Revista Acadêmica, 74
Ribeiro, Aquilino, 350, 355, 361, 362
Ribeiro, Francisco Luís, 183
Ribeiro, Joaquim, 194, 212
Ribeiro, Samuel, 83, 149, 164, 193, 194, 197, 203
Ricardo, Cassiano, 116, 214, 230, 251, 258, 330, 335, 362, 368, 370
Rilke, Rainer Maria, 292, 294, 323, 353
Ristori, 276
Rivera Jr., Odorico Bueno de, 257, 258
Riquet, 296
Rodrigues, Flávio, 80
Rodrigues, Nelson, 49, 91, 302, 359, 370
Rolland, Romain, 57, 58, 74
Rosemberg, Alfred, 124

S

- Sachs, Maurice Ettinghansen, 364
Salgado, Plínio, 59, 117, 187, 188, 190, 202, 211, 230, 242, 243, 312, 313, 339, 385, 415
Samosata, Luciano de, 136
Sarmiento, Domingo Faustino, 266
Sartre, Jean Paul, 201, 212, 303, 304, 324, 325, 333, 352, 364, 377, 379
Satie, Alfred Erik Leslie, 51, 102, 108, 109, 350
Schik, Anna Stella, 50, 51, 103, 105, 108, 109
Segall, Lasar, 73, 74, 75, 89, 233, 238, 368
Silva, Domingos Carvalho da, 251, 253, 270, 313, 315, 335, 336, 362, 364, 365, 378
Silva, Gabriel Monteiro da, 192, 193, 194
Silva, Paulo César da, 388
Silveira, Tasso da, 355, 356
Simonsen, Roberto Cochrane, 73, 193, 197, 199, 200, 252, 270, 271
Souza Costa, Ministro Artur de, 47, 80, 148, 163
Souza, Cláudio Justiniano de, 199, 200, 295, 313
Souza, Otávio Tarquínio de, 237, 382, 389
Souza, Washington Luiz Pereira de, 72, 93, 198, 205, 230, 231, 244, 292, 293, 328, 348
Stalin, Joseph Vissarionovich Dzhugashvili, 52, 80, 85, 117, 137, 144, 147, 161, 166, 173, 180, 207, 225, 261, 267, 275, 312, 317, 353, 381
Strenger, Irineu, 257

T

- Tacito, 126, 132
Taine, Hippolyte, 132
Tarsó, Paulo de, 142
Tavares, Mário, 202, 205
Teixeira, Anísio, 304, 360
Teles, Godofredo, 193, 210
Trovão, Lopes, 202

V

- Valadares, Benedito, 124, 209, 224
Valéry, Paul, 354
Vanzolini, Paulo Emílio, 73, 107
Vargas, Pedro, 212
Veríssimo, Erico, 66, 189, 194, 200, 280, 281
Vespúcio, Américo, 381
Vidigal, Gastão, 192, 203

- Vidigal, Geraldo de Camargo, 251, 252, 315
Villa-Lobos, Heitor, 50, 51, 102, 108, 190, 196, 212, 223, 328, 350
Visconti, Eliseu D'Angelo, 397
Vivacqua, Atílio, 278
Volpi, Alfredo, 90, 252
Von Rommel, Erwin, 117

W

- Wallace, Henry, 149, 191, 268, 287
Wanderlei, Alírio Meira, 237
Wilde, Oscar, 345, 384
Wilkie, Wendell, 246

Z

- O Zé Fidélis, 348



3 9001 03634 1769

so dos agentes sociais — sindicalistas, escritores, artistas, estudantes, intelectuais em geral. A viabilidade da paz duradoura logo após o término da Segunda Guerra e a virtual convivência da Revolução Soviética com a democracia penetravam fundo na consciência das massas. Além de discutir a política getulista, os rumos do comunismo e da democracia liberal, *Telefonema* revela ainda a dimensão utópica do pensamento do escritor. De fato, as crônicas são contemporâneas à escrita filosófica de Oswald, à redação da tese *A Crise da Filosofia Messiânica* e de *A Marcha das Utopias*. Depois da trilogia *Marco Zero*, aliás, elas são a única produção literária do escritor na década de cinqüenta, quando abandona a literatura pela filosofia.

Completa-se assim a faceta de jornalista-cronista de Oswald de Andrade, num livro que comprova o imenso poder fecundante de suas idéias.

TELEFONEMA

A política no Brasil dos tempos de Getúlio, os rumos do comunismo e da democracia liberal no pós-guerra, os escritores em voga e a vida literária — tudo era assunto para as crônicas que Oswald de Andrade publicou no jornal carioca *Correio da Manhã*, de 1945 a 1954, sob o título geral de *Telefônema*. O painel traçado é bastante amplo e complexo, pretendendo dar conta da circunstância cultural e política para um público menos familiarizado com as coisas de São Paulo, onde vivia o escritor. São mais de 500 crônicas, pela primeira vez reunidas em livro, organizado e prefaciado pela professora Vera Chalmers. Elas formam uma espécie de diário confessional, porém aberto às interferências do cotidiano — um exemplo vivo do jornalismo praticado na época e mais uma prova do imenso poder fecundante das idéias do autor.

ISBN 85-250-1224-6



9 788525 012241